

MEMÓRIAS DO POVO

JOÃO PEDRO TEIXEIRA E AS LIGAS
CAMPONESAS NA PARAÍBA

Deixemos o Povo Falar...

Organizadores:

ANTÔNIA M. VAN HAM (IR. TONNY)
ALDER JÚLIO CALADO
ARIVALDO J. SEZYSHTA
GABRIELE GIACOMELLI
GLÁUCIA M. DE LUNA IENO

Idéia
João Pessoa
2006

Todos os direitos e responsabilidades reservados.

Diagramação
Magno Nicolau

Revisão
Os organizadores

M533 Memórias do povo: João Pedro Teixeira e as ligas camponesas
- deixemos o povo falar / Antônia Maria Van Ham, Alder
Júlio Ferreira Calado, Arivaldo J. Sezyshita, Gabriele
Giacomelli e Gláucia Maria de Luna Ieno (Orgs.).- João
Pessoa: Idéia, 2006.
390 p.

1. Reforma agrária 2. Liga camponesa 3. Cambão
4. História oral 5. Educação popular

CDU: 333.3181

ideia

EDITORA LTDA.
(83) 3222-5986
www.ideiaeditora.com.br
ideiaeditora@uol.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

Todos os direitos e responsabilidades reservados.

Diagramação
Magno Nicolau

Revisão
Os organizadores

M533 Memórias do povo: João Pedro Teixeira e as ligas camponesas
- deixemos o povo falar / Antônia Maria Van Ham, Alder
Júlio Ferreira Calado, Arivaldo J. Sezyshta, Gabriele
Giacomelli e Gláucia Maria de Luna Ieno (Orgs.). – João
Pessoa: Idéia, 2006.
390 p.

1. Reforma agrária 2. Liga camponesa 3. Cambão
4. História oral 5. Educação popular

CDU: 333.3181



EDITORA LTDA.

(83) 3222-5986

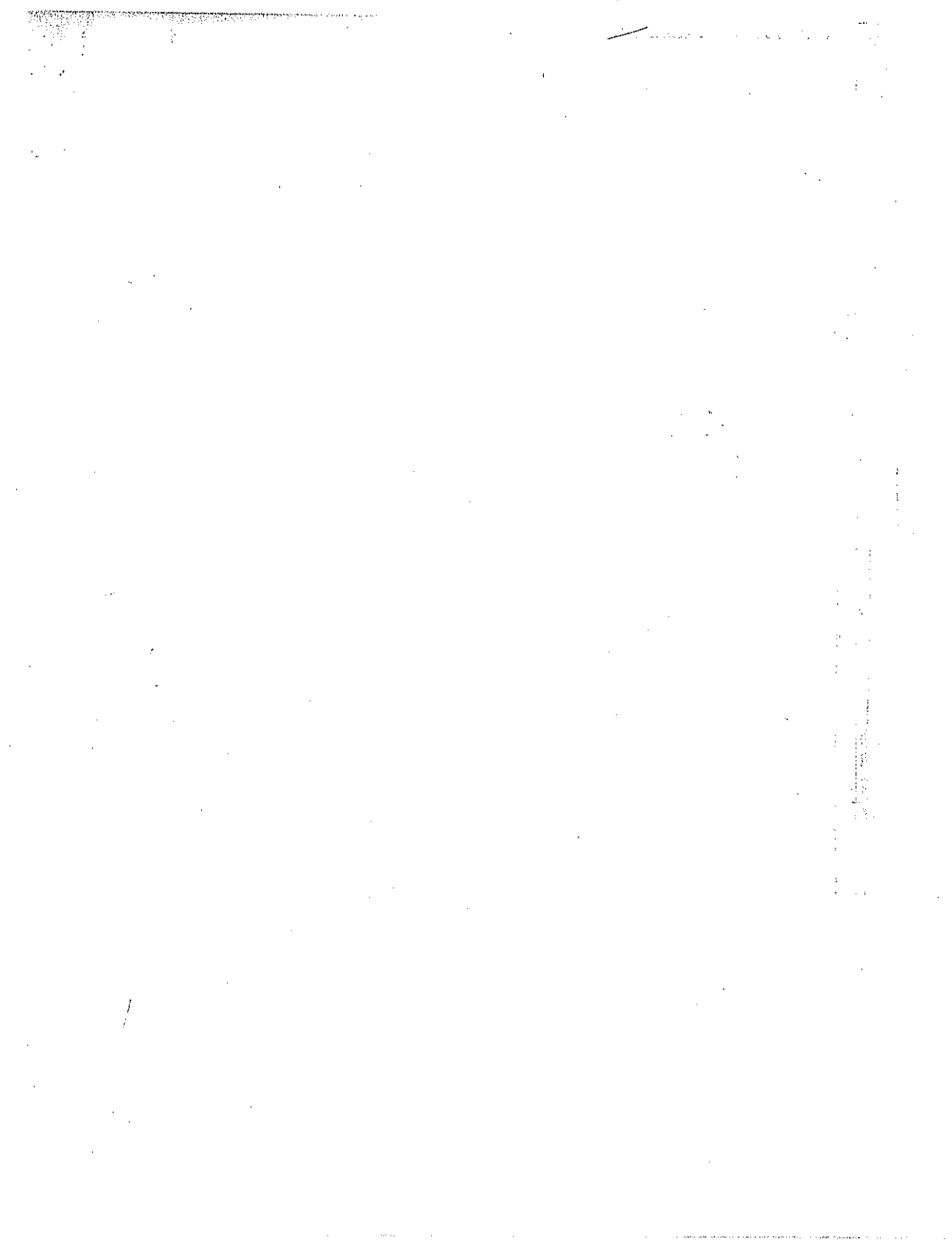
www.ideiaeditora.com.br

ideiaeditora@uol.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

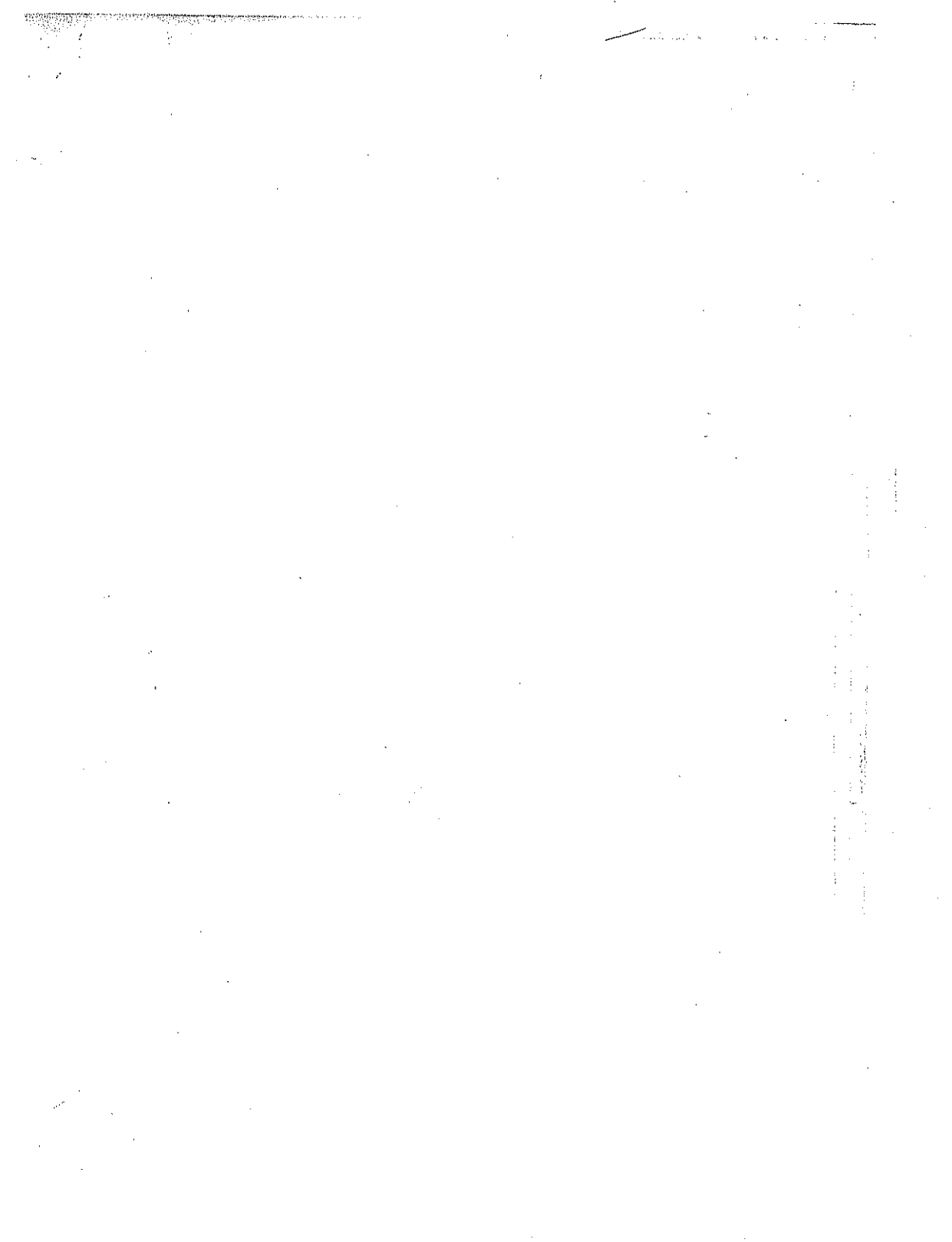
A Associação Centro Rural de Formação - ACRF e o Centro Memorial João Pedro Teixeira, têm o prazer e a honra de compartilhar a edição deste precioso livro de memórias. Não há formação que eduque sem Memória, sem raízes. Não haveria, então, como fundamentar uma qualquer formação rural esquecendo ou ignorando a linda história de resistência à opressão e de amor para com a terra das Ligas Camponesas e do campesinato paraibano.

Associação Centro Rural de Formação - ACRF
Assentamento Dona Helena, Cruz do Espírito Santo / PB
Centro Memorial João Pedro Teixeira
Barra de Antas, Sapé / PB



A todo o povo do campo,
às milhares de famílias expulsas das terras,
que depois do Golpe, em 1964,
ficaram sem destino, sem direitos,
abandonados, ao deus-dará.
E de modo especial a toda(o)s aquela(e)s,
que de alguma forma guardaram a esperança
e retomaram a Luta
por uma vida melhor para filhos,
netos e todo o povo brasileiro,
mantendo aceso o fogo de monturo,
fazendo aparecer os primeiros sinais
de uma REFORMA AGRÁRIA
que há de vir
como João Pedro e Companheira(o)s
previam e anunciavam!

Muitos agradecimentos a toda(o)s
que de alguma forma colaboram:
Diversas pessoas
da Pastoral dos Migrantes,
da Pastoral dos Negros,
e jovens da Consulta Popular,
que ajudaram na transcrição das entrevistas.
Padre Hermínio Canova e
Professor Genaro Ieno,
que leram o material, dando sugestões
e ajudando na correção.
Pessoas diversas que nos animaram,
dando idéias e /ou indicando pessoas
para serem entrevistadas.



SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Prefácio | 11 |
| I - PARTE | |
| J. P. T. E AS LIGAS CAMPONESAS NA PARAÍBA: | |
| Deixemos o povo falar... | |
| 1- Apresentação | 15 |
| 2- Introdução | 17 |
| 3- Contexto sócio-histórico | 19 |
| 4- Biografia de João Pedro Teixeira | 21 |
| 4.1 Sobre os pais de JPT | 26 |
| 4.2 O Trabalho na pedreira | 27 |
| 4.3 Namoro e casamento com Elisabeth | 27 |
| 4.4 Temporada em Massangana | 28 |
| 4.5 Temporada em Recife | 29 |
| 4.6 Volta a Sapé | 29 |
| 4.7 Palavras de João Pedro Teixeira | 29 |
| 4.8 A morte de João Pedro Teixeira | 30 |
| 4.9 Situação da família após o assassinato e o Golpe de 1964. | 34 |
| 5- Outras Figuras de destaque: | |
| - Pedro Inácio de Araújo = Pedro Fazendeiro (Sapé) | 39 |
| - João Alfredo Dias = Nego Fuba (Sapé) | 40 |
| - Alfredo Pereira do Nascimento (Miriri - Sapé) | 41 |
| - Ivan Figueireido (Sapé) | 42 |
| - Elisabeth Altina Teixeira | 45 |
| - Elias Pereira (Alhandra) | 45 |
| - Francisco Julião (Recife) | 47 |
| - Antônio Amâncio (Mucatu - Alhandra) | 48 |
| - Antônio Augusto (Massangana - Cruz do Esp. Santo) | 48 |
| - Francisco Augusto (Maraú - Sapé) | 49 |
| - José Hermínio Dionísio (Miriri, Sapé) | 49 |
| - Severino Henrique (Sapé) | 50 |
| - Antônio Dantas (Santa Rita) | 50 |
| - Severino Lupicínio (Massangana, Cruz do Esp. Santo) | 50 |
| - Severino Barbosa (Sapé) | 51 |
| - Paulo Gino (Massangana, Cruz do Espírito Santo) | 51 |
| 6- As Ligas Camponesas na Paraíba | 53 |
| 6.1. Período anterior à Fundação | 53 |

| | |
|---|-----|
| 6.2 A Fundação | 54 |
| 6.3 As Ligas em alguns municípios | 55 |
| 6.3.1 Sapé: Cidade | 55 |
| 6.3.1.1 Fazenda Marau | 57 |
| 6.3.1.2 Sítio Antas do Sono | 58 |
| 6.3.1.3 Áreas da Usina Sta. Helena | 58 |
| - Fazenda Cuité | 58 |
| - Fazenda Sto Antônio | 60 |
| - Fazenda Boa Vista | 60 |
| 6.3.1.4 Fazenda Miriri | 61 |
| 6.3.1.5 Fazenda São Salvador | 64 |
| 6.3.2 Cruz de Espírito Santo | 64 |
| 6.3.2.1 Fazenda Massangana | 64 |
| - Povoado João Raimundo | 65 |
| 6.3.2.2 Fazenda e Engenho Santana | 66 |
| 6.3.3 Mari | 67 |
| 6.3.3.1 Cidade | 67 |
| 6.3.3.2 Fazenda Gendiroba | 69 |
| 6.3.4 Alhandra | 70 |
| 6.3.4.1 Cidade | 70 |
| 6.3.4.2 Fazenda Mucatu | 71 |
| 6.3.4.3 Fazenda Subaúma | 72 |
| 6.3.5 São Miguel de Taipú | 73 |
| 6.3.5.1 Fazenda Tapoá e Lagoa Preta | 73 |
| 6.3.6 Santa Rita | 74 |
| 6.4 As LC antes da morte de João Pedro Teixeira | 74 |
| 6.5 As LC após a morte de João Pedro Teixeira | 80 |
| 6.6 A Reação dos latifundiários | 88 |
| 6.7 A situação nas áreas das LCs, durante e após o Golpe Militar | 95 |
| 7- Influência das Ligas da Paraíba | 105 |
| 8- As Ligas e a Igreja Católica | 109 |
| 9- Relações com Outros Países | 111 |

II PARTE

| | |
|---|-----|
| Apresentação do(a)s Entrevistados | 115 |
|---|-----|

ÍNTegra DAS ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

| | |
|--|-----|
| (Retiradas repetições e assuntos fora do tema) | 121 |
|--|-----|

PREFÁCIO

Quem sabe falar melhor sobre uma experiência do que aqueles e aquelas que a viveram? Não basta viver as experiências humanas, é preciso contá-las para que o impacto humano que elas contêm possa emergir. Além disso, lembrar o que foi vivido é uma forma de voltar atrás para seguir adiante, é uma forma de buscar sentido para os desafios do presente e para o que se espera do futuro.

Por isso é que se diz que pessoas e grupos humanos sem memória se tornam pessoas e grupos desenraizados de si mesmos. Perdem o sentido da vida, ou da luta pela vida, porque, ao não conseguirem conectar o que já viveram com o que estão vivendo no presente, não conseguem construir um horizonte que referencie a própria existência. Vivem soltos no ar, ao sabor dos ventos, sem saber para onde estão ou serão levados. Acabam perdendo a capacidade de desejarem alguma coisa que dê sentido à vida.

Por isso tudo é que este livro foi organizado: para que pessoas que viveram as experiências das Ligas Camponesas na Paraíba pudessem contá-las; para que pudessem revelar e referenciar uma figura humana extraordinária como João Pedro Teixeira, não como um mito, mas como um testemunho da força política que a generosidade humana é capaz de produzir.

Este livro, ao dar a palavra aos que produziram a história das Ligas Camponesas na Paraíba, toca profundamente nossas emoções, porque, para além de nossas racionalidades, fala diretamente aos nossos desejos e às nossas esperanças de que, mesmo nas condições mais precárias, seres humanos se organizam para lutar por formas fraternas de vida e se confrontar com os egoísmos e as maldades humanas. Como hoje, os camponeses lutaram contra os latifundiários e usineiros para que a terra pudesse se tornar fecunda, pois fecundidade é dar a vida, é criar uma outra vida. E este livro lembra: fecundidade é, também, dar a palavra.

1 APRESENTAÇÃO

As Ligas Camponesas constituem um dos mais representativos movimentos sociais do campo, na trajetória histórica da sociedade brasileira. São protagonistas de um denso legado de luta pelo sindicalismo rural e pela Reforma Agrária, dimensão mais visível de sua luta por Cidadania. E isto se dá justamente num contexto em que, enquanto seus colegas da cidade, a despeito das enormes limitações, haviam conquistado direitos trabalhistas relevantes, estes continuavam sendo negados aos trabalhadores e trabalhadoras do campo, para quem, não apenas a terra era mantida cativa pelo latifúndio, como também as relações de trabalho continuavam sub-humanas, sendo-lhes negado até o direito à sindicalização.

Contra tal situação levantaram-se milhares de trabalhadores rurais, organizados nas famosas Ligas Camponesas, cujo período de mobilização mais intensa se deu de meados dos anos 50 até o Golpe de Estado de 1º de abril de 1964.

Sobre as Ligas Camponesas muito já se escreveu, sobretudo do ponto de vista acadêmico e focalizando as experiências de lutas em Pernambuco. Em relação, porém, às lutas específicas das Ligas Camponesas da Paraíba e o papel de suas principais lideranças, a exemplo de João Pedro Teixeira, é relativamente escassa a bibliografia, embora seja reconhecido que foi no estado da Paraíba que houve mais mobilizações e mais associados.

O propósito da edição deste livro é de dupla natureza. Primeiro, contribuir para ampliar o conhecimento sobre as Ligas Camponesas da Paraíba e sobre o relevante papel desempenhado por João Pedro Teixeira e outras lideranças paraibanas. Em segundo lugar – que reputamos ainda mais importante – socializar a visão de pessoas do povo, contemporâneas das Ligas e de João Pedro Teixeira, a respeito das lutas daquele período.

A idéia surgiu no início de 2001, por ocasião de uma reunião de alguns Movimentos Populares, empenhados nos preparativos das comemorações, em 2 de abril de 2002, dos 40 anos do martírio de João Pedro Teixeira. Dentre as atividades comemorativas, então organizadas, fez parte a edição de um pequeno livro – *João Pedro Teixeira: vivo na memória e nas lutas dos pobres* – João Pessoa: Idéia, 2002. Livro elaborado com base em depoimentos extraídos de várias

das mais de trinta entrevistas feitas até então, e transcritas pelos membros da Equipe organizadora e de outros colaboradores e colaboradoras.

Num segundo momento, a partir de 2004, com novas entrevistas e depoimentos, membros daquela primeira equipe e outras pessoas que se integraram, resolveram retomar e ampliar o trabalho.*

É desse processo de gestação em mutirão que resulta o trabalho ora vindo a público. Compõe-se de duas partes. Na parte inicial, após uma breve introdução sócio-histórica do período protagonizado pelas Ligas Camponesas, é oferecida à leitora, ao leitor galerias temáticas das entrevistas e depoimentos, estruturadas com base em subtítulos temáticos, extraídos dos mesmos. Em seguida, vem publicada a íntegra das 46 entrevistas realizadas, visando assegurar e tornar pública a voz de figuras do povo que viveram, testemunharam ou conheceram as histórias das Ligas e de João Pedro Teixeira. Eis o propósito dos organizadores deste livro intitulado *MEMÓRIAS DO POVO: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas na Paraíba - deixemos o povo falar...*

Este livro enfim, não procura definir "a verdade", que é o que os vencedores sempre acreditam ter ou tentam impor aos outros, e sim oferecer, à contemplação de quem é curioso e cuidadoso da História, as verdades acreditadas por aquelas e aqueles que os supostos vencedores acharam ter silenciado, e que a própria sociedade acabou um pouco esquecendo, ou nunca teve como conhecer. "Verdades" que questionam e resistem, assim, irônica e mansamente, à própria idéia de que na História haja, em absoluto, alguém vencedor. Se há vitória, gostamos de acreditar, é quando e se todos ganham em humanidade, a partir da troca das interpretações dos fatos e do desmascaramento do que e de quem semeiou dor, sofrimento e morte; e se e quando esta desumanidade diminui dentro e fora de nós. Acreditamos que a leitura em pática deste livro possa ajudar para aprimorar a nossa caminhada para sermos mais humanos: pela indignação, pela admiração, pelo carinho, pelo silêncio, por não mais nos sentirmos estranhos a histórias que se tornam agora, aqui, de forma radical, parte da nossa história. A mesma e única, História de todos e de todas.

João Pessoa, 2006
Equipe Organizadora

* As fitas gravadas estão à disposição para pesquisadores interessada(o)s, na sede do "MEMORIAL JOÃO PEDRO TEIXEIRA", em Sapé-PB.

2 INTRODUÇÃO

O movimento das Ligas Camponesas, na Paraíba, aqui surgiu. Sapé tornou-se o quartel general do movimento. A situação em parte da Região da Várzea, a condição de maior conglomerado industrial do estado, a existência de latifúndios, a monocultura da cana de açúcar faziam com que Sapé apresentasse vantagens para sediar o movimento que visava, nos seus planos, a libertação dos trabalhadores rurais. O povo unido e gritando na praça pública, assustava a burguesia e os grandes proprietários da terra... Ninguém, em sã consciência, poderia pôr em dúvida a existência de sementes de justiça das demandas. Pelejavam por uma causa justa. Intentava-se corrigir uma situação de miséria (Monsenhor Odilon Pedrosa, do livro "Caminhos Andados, Terras, Mares e Céus).

Que Ligas são estas? Era uma das grandes interrogações ao ouvir usar a expressão LIGAS CAMPONESAS, durante certo tempo depois de chegar ao Brasil, em março de 1971. Mesmo tendo ouvido falar sobre o Golpe Militar de 1964 e do Regime imposto ao povo brasileiro, ainda em pleno vigor, ninguém, no Curso de Língua Portuguesa e Introdução à Realidade do país, que frequentei na Bélgica, tinha esclarecido nada sobre Ligas entre camponeses. No entanto, a situação do Coronelismo e do Latifúndio tinha sido abordada.

Não demorei a topar com a crueldade deste tal Latifúndio, durante um estágio de mais de meio ano, numa Pequena Comunidade Inserida, de três religiosas brasileiras, no interior de Rio Grande do Norte, em São José de Mipibu. Nesse estágio, visitava alguns sítios com uma delas. Nunca me esquecerei dos contatos com aquela gente, numa casa de farinha, onde se pagava pelo uso da casa, 30% da farinha feita; ainda sem uso de energia elétrica. E eles, rindo com o meu espanto, ao ouvi-los contarem sobre esta exploração e o modo como eram tratados pelos patrões. E nada de luta por justiça e o direito de sobreviverem de maneira mais humana: - "Quem é doido? - Melhor é sofrer calado!"

Olhos grandes, com olhares famintos e risos de bocas abertas, mostrando dentes desgastados, gravaram-se, naqueles instantes, na minha mente para sempre. A chegada de repente do patrão e a reação que percebia no ambiente, só tornaram mais forte ainda, tudo aquilo, cá dentro e mexia: - "Meu Deus, o que é que tem que ser feito?". Palavras que continuaram ocupando a minha mente.

Fui indo, acompanhando o que chegava no caminho, e refletia. Após uns dois anos, com algumas pessoas amigas, companheiros na

caminhada, a Pastoral Rural foi surgindo: trabalhadores do campo se re-animando, pastorando mutuamente e se re-encorajando. E nós da equipe, também, nos formando, escutando: – "Não é estranha esta luta por reformas; já vem das Ligas Camponesas em outra hora, com João Pedro Teixeira na liderança. Aqui, também, nós nos associamos. Meu Deus que luta, mas deu errado, daquela vez... nós aprendemos...! Há de ser melhor agora, para nós sairmos de uma vez deste sufocô, como João Pedro falava: "Vai ser duro, mas a Reforma Agrária um dia vamos conquistar!" (palavras de Antônio Amâncio, de Mucatu-Alhandra-PB).

De fato, já no mês de abril de 1976, a primeira desapropriação de mais de dez mil ha., na Paraíba, se tornara fato, em Mucatu e redondeza, nos municípios de Conde, Alhandra e Pitimbu. Desde então a luta vem se espalhando, não por acaso, também com velhas lideranças locais, do tempo das Ligas Camponesas.

Em Sapé, centro das Ligas Camponesas, na Paraíba, onde tudo começara oficialmente com sua fundação, no início de 1958, por João Pedro Teixeira e os companheiros já em formação desde 1954, a retomada da luta ia demorar. Lá a perseguição foi tanta e continuou por longos tempos, de modo que nem tão cedo os camponeses se atreveriam... Só a partir de 1982, quando fui morar em Sapé com mais duas pessoas, num processo bem lento, de muita escuta e reflexão, foi possível reanimar pequenos grupos de luta salarial e sindical. E em 1996, começaram as sucessivas desapropriações, nesse município e arredores.

Foi neste meio vivencial que senti uma grande vontade de descobrir sempre mais sobre as Ligas Camponesas, o que serviria para o Caminho a traçar agora. Existiam diversos livros, mas neles não se falava como concretamente era a Caminhada daquele tempo, na Paraíba. Só mesmo as (os) próprias(os) participantes das Ligas, escondidas(os) no meio do povo, mas, aparecendo de novo, nas chamadas "Áreas de Conflito" dos anos setenta e oitenta, esclareceram os detalhes daquelas lutas, no dia a dia.

A comemoração dos 40 anos do assassinato de João Pedro Teixeira (02/04/1962 - 02/04/2002), como já foi dito, era a hora de reescrever a História das Ligas Camponesas, contada por aquelas(es) que ainda tínhamos em nosso meio. Pois, vamos deixá-los falar, como também, as dezenas de testemunhas que foram entrevistadas de novo e outras pela primeira vez.

Consciente de que ainda há muita gente que possa nos contar tanta história importante, dá vontade de não parar nunca mais, pois...,
quando o povo conta sua história..!
Então, deixemos o povo falar!
Irmã Tonny (Ant.M.van Ham)

3 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

"Em 1930, em quaisquer propriedades existentes na região da mata, os moradores criavam toda espécie de animais. Na década de 1930, os usineiros vieram com o avanço no preço do açúcar. Avançaram recentemente na cultura da cana... Então, os proprietários viram os moradores criando éguas, sendo que a maior produção era de burros. Os proprietários de terra proibiram a criação dessa espécie de animais, alegando que estragavam muito o pasto.

As origens [se deram] porque os camponeses organizaram-se em grupos. Motivo: a partir do início da década de 1950, os camponeses começaram a sentir as agressões sofridas junto com seus familiares por latifundiários. Viram também como eram explorados em suas culturas, sobre o modo, o procedimento muito comentado, que dentre esses latifundiários tinha perversos que libertaram seus rebanhos para destruir a agricultura dos que plantavam em suas terras, quando as viam de prosperidade...

Para tirar um morador da terra, o proprietário mandava os capangas desacatá-los, e até desrespeitavam as famílias, de um modo geral. A polícia era legítimo escudo dos proprietários. Então, na maioria dos casos, aos proprietários não interessavam escolas nas suas propriedades, porque diziam que aquele procedimento servia apenas para preparar homens para procurar justiça e cobrar direitos inexistentes.

Antes que chegassem até à Justiça para reclamar que se abrigavam em casebres ou barracos com teto feito com camadas de capim ou palha de cana, em que, no silêncio da noite, [os proprietários] mandavam atear fogo. Após a incineração não ficariam indícios para a abertura de inquéritos, pois "provavelmente" o incêndio foi casual.

Os proprietários de terras queriam um empregado para administrar propriedades. Eles usavam muito isso. Procuravam chefes de polícia ou secretários de segurança pública e solicitavam dessas autoridades um empregado bom, daqueles que eram capazes de pegar pobres trabalhadores e rasgarem vivos e comerem cru. Então, quaisquer dessas autoridades os atendiam, mandando que eles fossem ao presídio e lá podiam levar o preferido, à sua escolha e na fazenda ele era tido como o monstro do terror, servindo a si, pra fazer retroagir os chefes de famílias em defesas da honra de suas

filhas, causando tristes assassinatos, porque iam grupos armados e a ordem era levar as filhas moças que estivessem na casa para tomarem banhos com os senhorios em banheiros secretos longínquos, em região deserta.

No início do ano de 1958, foram fundadas as Ligas Camponezas, na cidade de Sapé, à qual foram filiados 227 camponeses, sendo o evento da fundação realizado no Grupo Escolar Gentil Lins, na presença das seguintes autoridades: Jacob Frantz, deputado estadual, delegado de polícia atuante na cidade, Tenente Coronel Antônio Ferreira Vaz e o vigário, Monsenhor Odilon Pedrosa, pároco da Matriz local".

(José Hermínio Dionísio)

"João Pedro Teixeira não era sozinho, na Liga de Sapé. Tinha gente que lutava com ele. Tinha Francisco Julião, tinha Gregório Bezerra. Tinha sempre mais membros e mais membros, dentro da sede. Tinha Pedro Fazendeiro, tinha João Alfredo, que tinha o apelido de Negro Fuba... Eram homens fortes na luta...

Vinham através de João Pedro Teixeira. Por João Pedro eles foram conhecendo a luta, e foram entrando e foram aceitando a luta. João Pedro era um homem socialista...

Ele via a fome do povo. Ele já sabia que o povo era sofrido, como ele era sofrido. Então, ele sabia que se unisse, se organizasse... Ele dizia "Povo unido não mais será vencido". Outra coisa: ele militava. Dentro de Sapé, ele enchia isso cheio de gente, de gente atrás dele. Era festa, fogos, ciranda... Era alegria".

(Severino Guilhermino de Souza)

4 BIOGRAFIA DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

*"...ele veio mostrando muito exemplo;
exemplo para os direitos dos pobres, né..."*
(Manoel Bento)

"O chefe natural das Ligas era João Pedro Teixeira, em mangas de camisa e chinelas nos pés, o líder mais autêntico, homem da classe, passado por sindicatos da categoria, no Rio e Recife. Sentia na carne o problema que quase desesperava os irmãos".

(Monsenhor Odilon Pedrosa)

"Porque a personalidade de João Pedro não só para a classe trabalhadora, para a luta, mas também como esposo, como pai, era uma pessoa, (...) mas eu não sei nem sequer explicar melhor aquela personalidade. Ele nunca deixava assim de chegar, me abraçar: - 'Minha filha, eu estou aqui, estou com os meus filhinhos, do seu lado, apesar de tanta violência, mas estamos aqui, presentes, minha filha, e vamos dormir em paz!'. Era uma pessoa assim, de muito carinho, de muito amor para com a mulher, para com os filhos. Dizia que a satisfação dele era que os filhos estudassem, se formassem, fossem umas pessoas formadas neste país, neste Brasil. Era uma pessoa muito coerente, muito amoroso à família ... 'Sei, minha filha, que vão tirar a minha vida; a luta continua, a luta dos trabalhadores continua. Minha filha, continua a minha luta? Você dá continuidade à minha luta?' (...) Eu nunca tive respostas para dar ao João Pedro; nesses momentos, eu baixava a cabeça, as lágrimas caíam dos olhos, ficava assim..."

(Elizabeth Altino Teixeira)

"Ele era presidente do sindicato de Sapé. Quando ele entrou, aí, ele foi muito perseguido (...) ele veio mostrando muito exemplo; exemplo para os direitos dos pobres, né. Aí começou a ser perseguido pelo doutor Agnaldo (Veloso Borges). (...) E ele morava num lugar desfavorável; ele trabalhava, aí no sítio dele em Antas do Sono. (...) Ele era boa gente; dava bom conselho; de modo de seguir na luta, que assim um dia melhora".

(Manoel Bento)

"Eu aprendi com o João Pedro... a luta pela terra, uma Reforma Agrária justa e digna para que os trabalhadores do campo tivessem condições de sobrevivência, não sobrevivessem como os escravos (...) sem ter direito à saúde, sem ter direito à educação, sem ter direito à alimentação como um escravo do patrão (...) e João Pedro conversava muito comigo e explicava muito, então eu entendi e aprendi que deveria lutar, lutar, lutar pela terra porque todo o produto de alimentação vem da terra, e as terras presas na mão do latifundiário e sem os trabalhadores terem direito. (...) Pra comer aquilo que comprava na mercearia lá dos patrões e não ter direito de plantar..., eu aprendi muito com João Pedro, eu aprendi com ele e então quando tiraram a vida dele, eu digo: -'Eu tô na luta para uma Reforma Agrária justa e digna para o que der e vier!' (...) Aquela força de João Pedro, eu sentia em mim, pra enfrentar a luta, não é? E enfrentei com muita garra, não me arrependi, não me arrependi, muitas vezes me ofereceram coisas pra..., né? - Dinheiro, pra mim sobreviver, não! Eu quero é terra, para os sem terra!".

(Elizabeth Altino Teixeira)

*"...Ele não queria nada de briga.
O negócio dele era paz e amor..."*

"Ele era uma bandeira de frente, era um homem desassombrado. Que não levava ninguém pra 'lugar fundo', como se diz. O problema dele era libertar o trabalhador do campo, que a gente tinha direito à terra. Depois dele, tivemos direito ao décimo terceiro mês [salário]. Depois, tivemos direito a férias, a indenização, ser a lavoura vendida [indenizada]. Eles [proprietários rurais] não tinham mais o direito de botar o gado na lavoura, não tinham mais direito a arrancar [a lavoura]. Tudo isso foi depois das Ligas Camponesas. (...) Ele não queria nada de briga. O negócio dele era paz e amor. Agora, incomodava ..., queria deixar tudo em pratos limpos, quer dizer, nem ser contra o trabalhador, nem ser contra o latifundiário. O negócio dele era a união. Vencer na união. Até que mataram ele, na covardia. Ele não queria fazer susto em ninguém. O negócio dele era paz, era amor, era trabalho. (...) Se comunicar bem com as pessoas. Tratar bem. Ele não era pessoa de querer assustar, de querer ser lá em cima. Falava manso. (...) Não gostava de gritar com ninguém".

(Antônio Francisco de Andrade - Galego)

"Uma ótima pessoa, um ótimo amigo, um homem muito sincero, um cara bom, um homem bom. Agora, o João Pedro era firme".

(Ivan Figueiredo)

"...me levou pra João Pessoa, pra eu me consultar com o médico. Era uma pessoa muito boa, uma pessoa importante. Dava atenção pra todo mundo. Fazia benefício, fazia favor pro povo. A gente falava com ele, qualquer coisa, ele fazia benefício".

(Manoel H. Dantas)

"...João Pedro Teixeira nasceu para a Luta. Era um homem de valor. Ele não era negro, mas era moreno escuro. O homem era um Lapidador, que pegava uma pedra e fazia daquela pedra a caricatura do camarada. João Pedro fazia (...) não é difícil que tenha alguém (em Antas), que ele tenha esculpido... Ele era um escultor ... O sogro dele não gostava dele (...) porque notava que ele era muito inteligente e que não gostava dos usineiros. (...) Ele tinha um neto, que ele não queria nem ver. Que parecia muito com ele (JPT). João Pedro Teixeira era moderado (comparando com a forma de agir de Nego Fuba). Ele queria vencer com o homem do campo, mas depois de ter, mais ou menos, preparado aquele povo pra poder lutar com ele e não precipitadamente. (...) quando eu vim tomar conhecimento da Luta mesmo, já fazia tempo, que ele tinha se tornado um Líder, lá na Região, tinha se tornado um Líder. Na maneira de ele se expressar, eu conheci como um homem matuto, um homem do campo, mas com firmeza nas suas atitudes, homem de caráter; e a maneira de ele agir e a intenção. Nunca teve a intenção dúbria, sempre foi de maneira concreta e firme"

(Elias Pereira)

"No conhecimento de muitos - nós que tínhamos conhecimento - depois que eu cresci, tomando conhecimento, quer dizer, João Pedro Teixeira não era uma pessoa má, era uma pessoa que procurava fazer o bem às pessoas, mostrando que existia lei, pelo Governo, que cabe o direito de ser respeitado, e que eles não respeitavam a lei que eles, os usineiros mesmos, assinavam... Ele [João Pedro] era uma pessoa que conhecia as leis que eram feitas pelos homens. (...) era uma pessoa evangélica, era uma pessoa de boa qualidade, uma pessoa de boa natureza".

(Maria da Penha Lima de Souza)

"...Simplesmente ele tinha aquela idéia fixa na cabeça de defender os camponeses. Ele tinha um dom de liderança.."

"[João Pedro Teixeira] como pessoa era um cidadão educado, educadíssimo. Eu sei que ele não era um homem letrado porque eu cheguei até pegar na ficha do título de eleitor dele e vi a assinatura... Nesse percurso ele foi assassinado. Então, João Pedro Teixeira, era um cidadão de bem, era um bom pai de família, era um homem que não tratava mal a ninguém, era um homem pacato. Simplesmente ele tinha aquela idéia fixa na cabeça de defender os camponeses. Ele tinha um dom de liderança... [Ele] fazia discurso. Os camponeses tinham uma fé tamanha em João Pedro Teixeira, assim, eu comparo assim como uma religião, como os adeptos de uma religião têm no seu pastor. É mesmo assim. É uma fé que eles tinham em João Pedro Teixeira. Eles tinham uma confiança em João Pedro Teixeira... Cheguei a ver ele falar numa reunião das Ligas Camponesas, que era pública, fazia um palanque, ele subia. Ele falava que todos deviam se unir para acabar com o cambão, que o sofrimento dos camponeses era muito grande na terra, [pois] o camponês não tinha direito, só tinha direito de trabalhar de sol a sol... João Pedro era contra aquele sistema, aquela opressão de forçar o trabalhador a trabalhar. João Pedro pregava isso e pregava a união. Pregava muito a união".

(Expedito Maurício da Costa).

"...Os trabalhador do campo..., eram os homens queridos dele, do nosso irmão João Pedro..."

"Sei que João Pedro Teixeira era um cidadão bom, pelo menos era um homem do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Um homem que é do sindicato dos trabalhadores rurais é a favor do homem do campo, ele era do campo, a favor do trabalhador do campo. Isso aí eu sei. Eu só nunca vi ele, mas sabia de certeza como ele era um homem trabalhador do campo. Os trabalhadores do campo eram os homens queridos dele, do nosso irmão João Pedro. Então, o homem do campo deve acompanhar um cidadão que tenha poder aqui na terra, um homem que trabalhe pelo povo do campo. Um fazendeiro não tem nada pra dá a ninguém".

(Sebastião Severino Monteiro)

"João Pedro também era um homem que não deixava um trabalhador no sufoco. Se morresse trabalhador ali, ele tava de lado do trabalhador. Por isso que eu digo: 'Neste tempo, o dirigente da Liga era morto, que nem aconteceu com João Pedro, Pedro Fazendeiro e Nego Fubá, que eram uns homens que estavam de frente à luta dos trabalhadores. Não eram os homens que enfrentavam, ameaçavam para depois botar o trabalhador só e ele só sentado no birô, não. Eles iam na frente do trabalhador. Se morresse, quem morria primeiro era ele, não o trabalhador".

(Vicente Guilhermino)

"João Pedro Teixeira era muito amigo meu. Agora, ele foi... ele lutava pelo povo. Saía pelo mundo, chegava à meia noite... sofrendo. O senhor de engenho botava o gado dele na lavoura [dos trabalhadores]... ele pegava uma faquinha, botava nos quartos e se desembaraçava sozinho, e ia mais aquele camarada lá, conversava, fazia tudo... Pensaram que ele era comunista...".

(...)

"Chegava um cara lá e dizia: seu João, hoje eu não posso. A minha família está doente, e eu hoje não posso pagar o sindicato. E não tinha nada para comer. Ele fazia a feira do cara, partia a feira que ele fazia, muita vez, partia com aquele indivíduo ... Aqui não tinha gente que não gostasse de João Pedro Teixeira. Todo mundo gostava dele: de homem, mulher a menino. A pobreza. Agora, só quem não gostava dele eram os ricos, porque diziam que ele era comunista".

(...)

"O que eu posso dizer de João Pedro Teixeira é que era amigo de todos. Não era homem de corrupção, não era homem de brigar. Fazia lá parte dos pobres, do povo Eu sei contar de João Pedro Teixeira que era muito bom, não era de mentira. Na verdade, não era homem de mentira, era homem da verdade A gente conversava. Eu era trabalhador dele (no roçado em Barra de Antas); trabalhava com ele. Eu, rapazinho, já casado, já formado, já tinha família. Aí, trabalhava mais ele, e conversava muito mais ele. (...) Conversava coisa mesmo do trabalho. Ele não era homem de tomar coisa que era dos outros. Era homem de verdade. Ele não gostava de mentira, ele não gostava de nada disso".

(Antônio Pedro Eugênio)

"...João Pedro, pelo menos, era uma pessoa que trabalhava com muita dificuldade. A pessoa, naquela época, sem condição financeira, sem nada, e mais esse mundo de capitalista perturbando a pessoa... Era muito ruim. (...) naquela época, era difícil, muito difícil, muito mesmo".

(Ivan Figueiredo)

"Ele era um homem bom. Boa conversa. Conversava com todo o mundo, conversa bem calma, não conversa com estupidez, em nada. Dava conselhos. Quem não quisesse ir, ele também não obrigava... Achava ele certo, porque era um homem que não incomodava ninguém. Quem quisesse entrar naquela lei dele, ia bem. Quem não quisesse, ele não obrigava".

(Epitácio Nicolau da Costa)

"Ele gostava muito dos pobres, dava muito valor aos pobres trabalhadores. Ele não era contra os trabalhadores, ele dava muito valor, ele sofria muito pelos trabalhadores. É por isso que... mataram ele por causa disso: que ele era a favor dos trabalhadores, no tempo das Ligas Camponesas".

(Ana Justino de Oliveira)

4.1 SOBRE OS PAIS DE JOÃO PEDRO

"João Pedro Teixeira nasceu em 04 de março de 1918, no então Distrito de Pilõesinhos, município de Guarabira, filho do agricultor de igual nome (João Pedro Teixeira) e de Maria Francisca da Conceição do Nascimento. (...) A revolta de João Pedro contra a forma de trabalhar dos camponeses surgiu de ensinamentos do seu pai, que se envolveu em um conflito na propriedade, da qual era arrendatário. O proprietário quis se apossar de uma parte das terras. O genitor do futuro líder das Ligas Camponesas não aceitou. (...) Aconteceu no mês de junho de 1924 nas festas juninas. (...) Uma noite, quando se preparava para ir a uma delas, dona Francisca pediu-lhe que não fosse, devido aos boatos que circulavam, de que o proprietário do sítio queria "pega-lo". Não deu importância às ameaças e, mesmo contra a vontade da esposa, foi ao forró, onde dois elementos o encararam. Houve um desentendimento e João Pedro pai atirou em um deles. Desde então, ninguém teve notícias dele." *(Tirado do livro: PARAÍBA: Nomes do Século. Série História 9 - JOÃO PEDRO TEIXEIRA)*

"O pai de João Pedro, que era João Pedro Teixeira, ele como pai de João Pedro, ele trabalhava...

A mãe de João Pedro foi morar em Sapé, e eu conheci a Maria Francisca da Conceição, [apelido Dona Lia] e ela até me deu uma ajuda, quando eu tive a primeira menina, ela comprou uma roupas, lençóis e me deu. Ela, quando fui morar em Recife, ela foi muitas vezes lá, me visitar e levava sempre uma ajuda pra gente".

(*Elisabeth Altino Teixeira*)

4.2 TRABALHO NA PEDREIRA

"...ele era artista, pegava uma pedra enorme e deixava feito..[com] a sua cara..."

"Eu conhecia João Pedro Teixeira, ele novo, desde quando chegou aqui solteirinho, antes de se casar. [A gente] já era amigo de trabalho. Eu trabalhava na pedreira, ele também trabalhava. Vendia aquele negócio de paralelo [paralelepípedo]. Eu trabalhava de servente de pedreiro. Botava água para o povo, e ele trabalhava no martelo dele. Tomava conta dessas pedreiras, aqui no rio. Nesse tempo, havia muitas pedreiras por aí".

(*Antônio Pedro Eugênio*)

"...ele era artista; pegava uma pedra enorme e deixava feito, como é que se diz..., a sua cara e... era um sujeito formidável, agora bem intencionado, era decidido nas suas ações, honestíssimo".

(*Elias Pereira*)

4.3 NAMORO E CASAMENTO COM ELISABETH

"...o velho não queria que eles se casassem, porque ele era um cara pobre, que era preto..".

"Ele trabalhando na Pedreira, fazia a feira lá e eu ajudava o empregado lá, na Mercearia do meu pai; conheci João Pedro lá, e nós começamos o namoro, né, e chegou o momento de ele pedir a meu pai um casamento a meu pai. Meu pai não aceitou; disse que não ia casar com um negro e pobre, um assalariado, de jeito nenhum.

E ele ficou fazendo compra lá, e a gente se gostando um do outro, até que chegou o momento (...) da gente concordar de eu fugir com ele e eu fugi com João Pedro de noite, da casa do meu pai".

(Elisabeth Altino Teixeira)

"...Fugiu com Elisabeth. É que a família... o velho [Manuel Justino, pai de Elisabeth] não queria o casamento".

(Antônio Pedro Eugênio)

"Eu digo por que o pai dela (Elisabeth) não queria o casamento, porque ele (João Pedro) era um moreno. Ele era moreno né, e a família da gente era família de gente de olho azul, a família do meu pai. Aí o pai dela não queria porque ele era moreno, era negro, então aí não houve a possibilidade assim deles namorar, ele foi embora".

(Neves Justino)

"Ele carregou Elisabeth, porque o velho não queria que eles se casassem, porque ele era um cara pobre, trabalhador de pedreira. Ele [Manoel Justino] era um proprietário forte, era um proprietário rico, e não queria que a filha se casasse com João Pedro Teixeira, que era preto. Ele era um cara moreno, bem pretinho, e ele não queria que eles se casassem: era um negro, um trabalhador alugado...".

(Antônio Pedro Eugênio)

4.4 TEMPORADA EM MASSANGANA

"O vigia da casa do meu pai estava dormindo e ele (JPT) chegou num carro do tio dele que era Gerente em Massangana e ele me pegou e levou. E lá, nós moramos em Cruz do Espírito Santo, em Massangana, mas meu pai nunca aceitou o casamento meu com João Pedro; nunca aceitou e chegou um momento de eu ficar lá e meu pai mandar um convite (...) eu fui e quando cheguei, papai disse que deixasse tudo lá e que ficasse, que não voltava mais. Eu disse a papai: "Papai eu vou voltar, não vou deixar meu marido, eu vou voltar". Voltei e continuei com João Pedro".

(Elisabeth Altino Teixeira)

4.5 TEMPORADA EM RECIFE

"E de lá (Massangana) eu fui para Recife; João Pedro foi pra lá, alugou uma casa e me levou e nós ficamos morando lá em Recife".

(Elisabeth Altino Teixeira)

"Aí, quando a situação ficou muito difícil, meu irmão que viajava com produtos do campo pra Recife, pra lá pro mercado de Recife, tomando conhecimento que minha situação estava muito difícil, que João Pedro estava parado, já com um bocado de filho, né, passando necessidade...."

(Elisabeth Altino Teixeira)

4.6 VOLTA A SAPÉ

"...aí convidou pra vir pra o campo, para morar numa casa, aí, num sítio de meu pai. Um sítio que meu pai tinha comprado em Barra de Antas. Aí, eu falei com João Pedro e ele disse: "Vamos". Quando chegamos lá, ele (pai) mandou primeiramente fazer um plantio pra nós. Ficamos aí, no sítio, e aí João Pedro foi tomando conhecimento da sobrevivência do homem do campo, como viviam naqueles Engenhos Antas, Melancia, Sapocaia, Marauá; aqueles Engenhos que ficavam vizinhos. (...) A gente chegou em 54, em Sapé. (...) Entrava em contato com aquele povo, conversava, fazia reunião em nossa casa. Reunia com os amigos; amigos do homem do campo, em nossa casa, até que fundou a Associação. (...) Tanto ele lutava no roçado, no campo, como lutava com o homem do campo, lá naqueles Engenhos, com todos os trabalhadores e fundou a Liga Camponesa".

(Elisabeth Altino Teixeira)

4.7 PALAVRAS DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

*"...Nós não viemos aqui
para derramar sangue de ninguém,
nem nós queremos nosso sangue derramado..."*

"Eu era e sou ainda um trabalhador como vocês são: sofrido, sofrido".

"João Pedro confiava e dizia assim: "Meninos, todos vocês, ainda, vão ser donos da área onde vocês moram. Vão ser donos. Olhem, virá um tempo em que vocês vão tratar essa Associação, que vai virar Instituto. Vocês irão pagar um direito. E ainda, vão aumentar mais os direitos de vocês."

"Eu estou aqui pregando pra vocês, mas eu vou ser morto. E essa luta vai continuar, mas vai ser abafada. Mas, ainda não é o fim, é somente o começo. Vai ficar como um fogo de monturo por baixo. E quando ele levantar mais tarde, aí não tem água que apague o fogo!"

"Ora, por que vocês estão parados aí? Por que vocês não se mexem? Por que não invadem terra? Vocês não estão invadindo, não, porque a terra não é de ninguém, a terra é de Deus."

"...E essa Liga não foi para o mal de ninguém. Foi para o bem. Então, desde que os proprietários queriam jogar o povo na rua, o povo tinha que procurar a sua defesa..."

(Severino Guilhermino de Souza)

"Eu prometi aos companheiros da Liga, eu vou até o fim nesta luta. Vou até o fim."

(Manoel H. Dantas)

"Eu tenho que lutar pelo estilo de Cuba. Pelo que eu vi em Cuba, eu tenho que lutar".

(Antônio Pedro Eugênio)

"Ele olhou pra mim e disse: 'Caboclo, eu sei que o Nêgo vai morrer - ele se referindo à pessoa dele - mas após a morte do Nego, vai haver um movimento muito grande na Paraíba'..."

(Expedito Maurício da Costa)

"Meus dias estão contados. Sei que vou morrer. Mas, conheço o valor do homem pela força do idealismo".

(José Hermínio Dionísio)

4.8 A MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

"...mas tinha alguns que eram de coragem e aí, ficaram resistindo..."

"Davam muitos tiros, em volta da nossa casa pra intimidar ele. Davam tiros de noite em volta da nossa casa, mas ele não se intimidava com nada de tiro com nada; o que queria era luta no campo, nos Engenhos, conversando com muitos na Associação, entregando as carteiras para o homem do campo, até que chegou o momento que João Pedro foi assassinado pelo inimigo. (...)A mãe

tomou conhecimento do assassinato dele e foi muita, muita tristeza na vida da mãe dele, na minha, dos meus filhos; muita tristeza".

(Elisabeth Altino Teixeira)

"A polícia mandava proprietário passar o trator sobre casa de moradores famintos, injustiçados, sem indícios de qualquer criminalidade. Os grupos de proprietários de terra, de todo modo, perseguiram os camponeses e, na maioria dos casos, era para matá-los. Quando os pistoleiros notavam que era insuficiente a aproximação para matar um camponês, mudavam de estratégia. Vestiam-se de traje de vaqueiro, usando chapéu, peitoral, perneira, gibão e sapatos de couro e circulavam as casas dos camponeses. E assim, diziam, estavam procurando animais sumidos, apartados do rebanho. Assim, o líder dos camponeses, residente no sítio Antas do Sono, no município de Sapé, João Pedro Teixeira ... Quando em reunião, dizia para os camponeses: "Meus dias estão contados. Sei que vou morrer. Mas, conheço o valor do homem pela força do idealismo". E assim vivendo um dia e mais um dia, até que, indo para a capital João Pessoa, comprar livros para suas crianças, que cursavam o primeiro grau... nesse dia, três pistoleiros, vestidos em trajes de vaqueiros, usando perneiras, gibão, peitoral e chapéu de couro, aproximaram-se da casa de João Pedro Teixeira, dizendo que estavam ali procurando um boi sumido, mas isso não estava acontecendo - ali era somente plantação. O que aconteceu foi o seguinte: João Pedro Teixeira, regressando da capital João Pessoa, na tarde do mesmo dia, pela BR 230, salta do ônibus na rodoviária. E aí o transporte segue com destino a Campina Grande, e João Pedro Teixeira segue conduzindo um pacote de livros, para seus filhos, pela estrada, via Sapé. Na mesma viagem, em uma distância inferior a três quilômetros, antes de chegar à sua residência, os vaqueiros pistoleiros cumpriram a ordem de matá-lo. Abridados sob matagais, desfecharam-lhe vários tiros de revólver, atingindo-o mortalmente com um tiro sobre o peito, que ali caiu morto o camponês".

(José Hermínio Dionísio)

"O dia 2 de abril, porque como mulher, quando tomei conhecimento do assassinato do meu esposo João Pedro Teixeira, com 11 filhos, não foi fácil ... No momento em que tomei conhecimento de que ele estava morto, em Sapé, ... cheguei lá, ele estava na pedra, (...) aquele poço de sangue... Foi quando eu peguei na mão de João Pedro, olhei os olhos dele cheios de terra, da terra que quando ele recebeu os tiros caiu e recebeu a terra nos olhos. Comecei a tirar

aquela terra dos olhos dele e disse: 'João Pedro, a partir de hoje, eu dou continuidade à sua luta, para o que der e vier. Estou aqui para o que der e vier! Não tenho medo também de que eu seja assassinada'. E aí eu continuei a luta de João Pedro para o que desse e viesse".

(Elizabeth Altino Teixeira)

"Eram três, cada um montado num cavalo, o fuzil redobrado embaixo da sela. Esses sabiam, que ele ia morrer naquele dia. Chegaram ali, beberam água na casa de uma prima minha, ali, Joana, Joana Benício. Ela viu quando os caras chegaram lá, procurando "um garrote preto", aí, por volta de 6 horas, já estava pardo. Naquela buraqueira, eles entraram, se esconderam lá dentro, pertinho da pista. E, quando ele (JPT) vinha passando, com os livros para os filhos – os filhos dele todos estudavam – aí atiraram nele. Essa prima minha, Joana, (...) ela viu, ela morava aí pertinho na barreira. Ela ainda ouviu ele dizer: "É verdade: lutaram, lutaram, até que acabaram comigo." O tal de Antônio Riqueta (...) veio de Sobrado, viu então aquele homem morto, parou uma coisinha, conheceu que era ele, conheceu que era João Pedro Teixeira, aí corre, vai para Sobrado, chega lá, vai dar parte".

(Antônio Pedro Eugênio)

"Aí, um dia ia (...) para João Pessoa; aí quando veio, no caminho, foi atirado... Açula, ficou caído; foi uma emboscada; foi um reboliço muito grande. Abalou os senhores do sindicato todinho; os trabalhadores vierem todinho, todinho... Depois ficaram amedrontados, mas tinha alguns que eram de coragem, e aí, ficaram resistindo. Aí, tinha um... agora, esqueci o nome dele, meu Deus... sumiu... Aí, tinha um primo meu, Chico Augusto, que entrou como fiscal".

(Manoel Bento)

"Nós encontramos em frente do Quartel da Polícia, na Praça Pedro Américo (...) Eu estava em João Pessoa e casualmente nos encontramos. Disseram: 'Olha quem está aqui, Elias'. Aí, eu falei com ele: 'Você está bem? Trabalhando bem por lá?' Disse [JPT]: 'Pois, a promessa é, que a coisa vai dar bem'. Aí, fiquemos falando sobre esse assunto e tal, este aspecto, esta coisa. Aí, ele disse: 'Rapaz eu vou viajar, agora'. Aí, foi embora para lá e eu fui para casa. Quando cheguei, aqui (em Alhandra), com poucos minutos, o aviso pelo rádio: 'Foi assassinado, agora mesmo, o Presidente da Liga Camponesa de

Sapé e tal e tal, João Pedro Teixeira'. Eu digo: – Mas isso é danado; eu estive com o homem, ainda, agora ... No dia do assassinato dele, eu estive com ele. Uma hora antes, me despedi dele, na praça Pedro Américo, mais ou menos às três da tarde e viajei pra Alhandra, ele viajou pra terra dele'...".

(Elias Pereira)

"...eu sei que o nego vai morrer..."

"Quinze dias antes do assassinato de João Pedro Teixeira, eu conversei com ele aqui em Sapé: 'Mas seu João, o senhor se arrisca muito!'... Ele olhou pra mim, ele tinha uma forma de tratar todo mundo por caboclo. Ele olhou pra mim e disse: 'Caboclo, eu sei que o nego vai morrer – ele se referindo à pessoa dele – mas após a morte do nego vai haver um movimento muito grande na Paraíba ... Eu cheguei a pegar no livro, após a morte dele, eu cheguei a pegar no livro chamado admissão, que ele trazia pra o filho dele, que ele comprou em João Pessoa, saltou lá em Café do Vento, e nesse tempo como o transporte era muito difícil, ele vinha caminhando de pé até a residência'..."

(Expedito Maurício da Costa)

"Ele vinha um dia de João Pessoa. Ele foi a João Pessoa para se encontrar com os advogados, para se comunicar com os advogados. Os advogados não queriam que, à tarde, ele viesse pra cá. Ele disse: 'Não, eu tenho que ir, porque assim a mulher fica preocupada comigo'. Então, o advogado falou pra ele: 'Olhe, era melhor ficar por aqui, e amanhã bem cedo, você seguia sua viagem, porque está um pouco tarde'. Ele disse: 'Não, mas tem carro, ainda, pra Sapé. Quando chego na Rodoviária [Café do Vento], lá salto e sigo a pé'. Quando chegou daquela Rodoviária pra cá, naquela curva primeira, aí foi onde assassinaram João Pedro Teixeira. Quem foi que tratou de assassinar, também não sei; o comandante foi Agnaldo Borges. Perfeitamente. Foi ele, Agnaldo Borges".

(Severino Guilhermino de Souza)

"A morte de João Pedro Teixeira foi assim. Ele tinha ido para João Pessoa comprar os livros dos meninos. Me lembro como se fosse hoje. Aí quando a gente soube, ali vizinho a Antas, que mataram João Pedro, aí a gente veio no outro dia. Eu e minha amiga, a gente

passou o dia aí com Elisabeth. [A gente] foi ao enterro dele. Todo o domingo, a gente fazia a carreata, a passeata, da casa de Elisabeth Teixeira, onde ela morava, em Barra de Antas, para a cruz de João Pedro Teixeira, lá onde ele foi morto, lá perto de João Leite. Toda vez em que a gente ia, a lista da bala estava lá. Abraão, o filho dele mais velho, gritava, subia na cruz e gritava: "Mataram meu pai, João Pedro Teixeira, um homem trabalhador, lutador pelos pobres. Foram contra ele por causa disso".

(Ana Justino de Oliveira)

"Como Joana percebeu os três [capangas assassinos de João Pedro Teixeira], (...) Aí, chegou o delegado, não me lembro o nome [dr. Makários], chegou na casa de Joana, e falou para Joana [ajudar na identificação]. Joana disse: "Se o senhor garante minha vida, seu Makário, eu conheço todos os quatro. Se o senhor garante a minha vida, eu vou andar mais o senhor." O carro dele era um jipe. (...) Então, ela saiu, andaram nas fazendas por todo o canto. Quando chegaram em Pilar, estavam dois... faltava um, que já tinha fugido. Aí, dr. Makários prendeu, prendeu eles. Depois, soltaram eles. Aí ela disse: "Um é aquele; o dois é aquele; o outro não está aqui, não".

(Antônio Pedro Eugênio)

4.9 SITUAÇÃO DA FAMÍLIA APÓS O ASSASSINADO E O GOLPE DE 1964

*"...foram divididos separadamente,
um para um canto, outro para outro..."*

"Depois do assassinato do João Pedro, a menina mais velha (Marluce) tomou conta da que ficou novinha, com três meses; ela tomou conta e eu enfrentei a luta. (...) 'Mamãe, a senhora não vai vencer, vai ser assassinada também. Assassinarão painho e vão assassinar a senhora também, e eu não quero ver a senhora dentro do caixão, eu não vou ver!'... 'Vão assassinar a senhora também!' (...) 'Minha filha, tenha paciência, não vão tirar a minha vida, eles fazem isso pra me intimidar, você não vê os tiros que eles dão?!' (...) - 'Mainha, vão tirar a sua vida, eu tenho certeza, pela cara que eu vi do latifundiário, da polícia, vão tirar a sua vida'. Aí ela suicidou-se. (...) no dia 30 de novembro, essa menina morreu, morreu aqui. (...) A minha vida foi muito difícil, ver meu marido assassinado, a minha filha suicidou-se. Antes dela, o tiro no menino...o Paulo, ele era um

menino muito impossível, muito inteligente.... Aí, com a morte do pai, ele disse – ele não dizia na minha frente, mas, quando eu saía pra Liga Camponesa – (...) ele dizia bem alto e os carros passando (...) na estrada de barro (...) quando ele via aí que ele dizia: – 'Mataram painho, mataram painho! Mas quando eu crescer eu mato quem matou painho! Mato quem matou painho!' ... Era criança, com 10 anos. Acontece que, quando era no dia 16 de junho – o João Pedro foi assassinado no dia 2 de abril – no dia 16 de junho, aí eu tava com os camponeses, reunida na mesa, aí a gente ouviu os disparos. Ouvi um disparo de tiro, que a gente foi chegar lá, o cara ia correndo com a espingarda na danada, e ele morto, caído como se tivesse morto, mas aconteceu que eu tirei ele pra Sapé ... Aí, o médico disse que ele não poderia mais estudar, ficou o menino...

Até hoje, eu não soube onde foi ficando nada, roupa dele, roupeiro de João Pedro, eu não tive direito a nada da minha casa com o Golpe Militar, só os filhos que estavam uns na casa de papai, outros lá, somente, mas nunca chegou uma pessoa pra dizer: "Olha, Elizabete, aquela mesa grande onde João Pedro reunia, aquela documentação dos sem terra, das Ligas Camponesas, aquele retrato de João Pedro..., nada. Nem retrato meu, nada. Até hoje, ninguém me deu, eu não tive direito a nada da minha casa, não. Esse aqui porque ele tirou, e a mãe dele levou, Dona Lia, que era Maria Francisca, morava em Sapé, levou (...) eu vim da anistia (...) Ela disse assim: 'A nada você teve direito. Pois, minha filha, tem esse retrato aqui. Eu vou mandar tirar, aí tirou. Os meninos não sabem de nada do que tinha dentro de casa'... ":

(Elizabeth Teixeira)

"...Quando ele morreu, deixou 9 [11] filhos. Uma morreu envenenada, uma filha de Elisabeth [Marluce]. Depois que mataram ele, uma morreu com desgosto: envenenou-se e morreu. Outro atiraram nele, ali, ninguém sabe quem foi... no menino, no Paulo. Atiraram no Paulo. (...) Eu ouvi [dizer] que atiraram, mas eu não sei quem foi. Eu também não vi, eu não estava aí. Quando eu vinha de Sobrado, encontrei Elisabeth, que vinha com ele mais um rapaz, com ele nas costas. Nesse tempo, era uma dificuldade de carro, aqui não tinha. E iam com ele para pegar transporte e ir para Sapé, para fazer curativo".

(Antônio Pedro Eugênio)

"O João Pedro Teixeira, na qualidade de genro, ele [o sogro] tinha como inimigo. É tanto que os filhos de João Pedro Teixeira, depois dele morto, dona Elizabeth não tinha uma residência fixa; e seus filhos, coitados, foram vividos separadamente, um para um canto, outro para outro. Às vezes, nem ela mesma sabia o paradeiro deles".

(Elias Pereira)

"Abandonados, sozinhos, lá na casa. Os filhos ficaram lá, sem presença de ninguém, e sem comida, nem nada. Ficaram lá isolados. Depois, foi que um rapaz foi lá; visitou e viu a situação e avisou a família e a família foi e distribuiu pra cada um tio.

Tomaram conta dos meninos e criou; tomou conta e criou; foram os padrinhos, então, que batizaram".

(Severina Gomes)

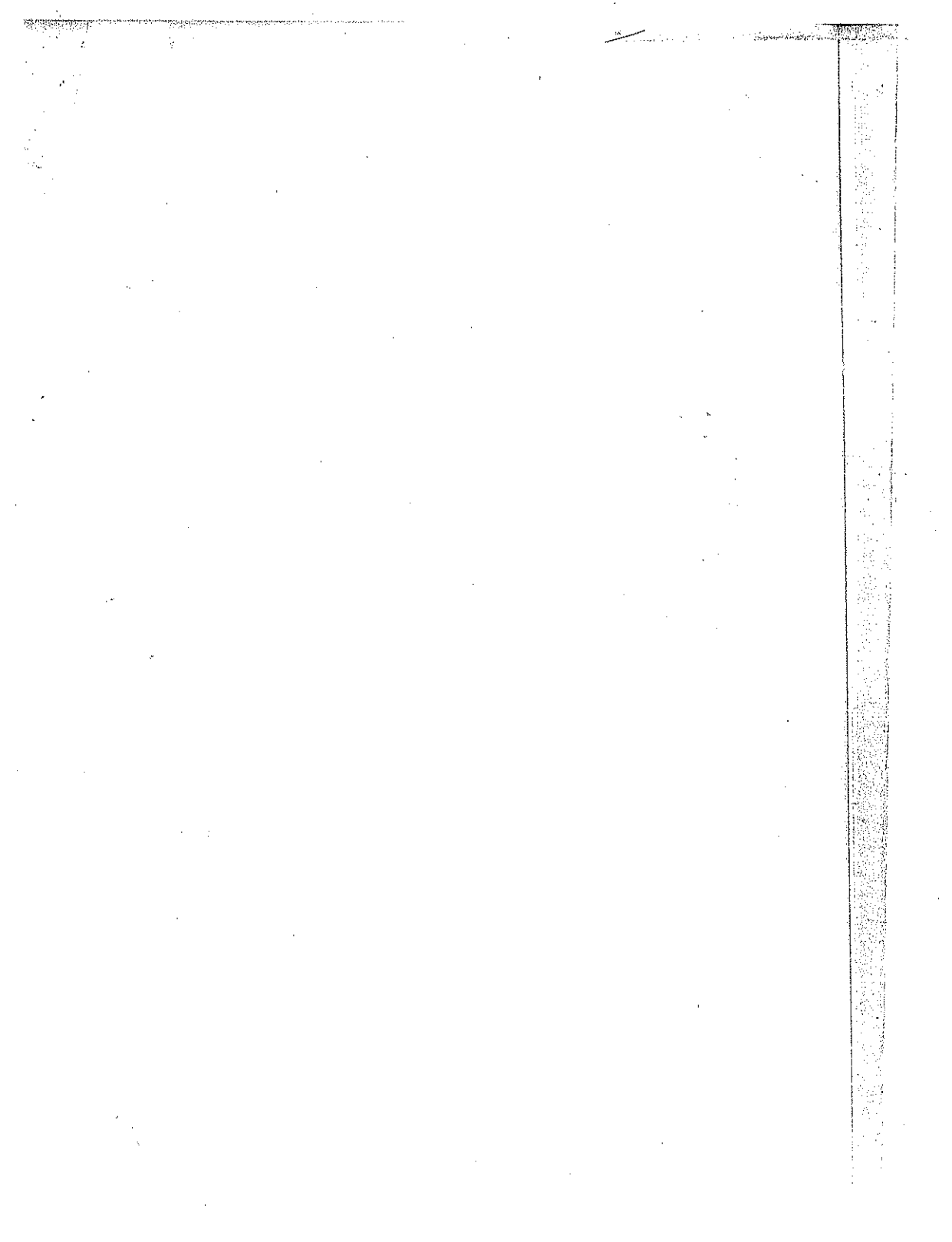
"Elizabeth Teixeira sofreu muito. A família não queria ela. O menino mais novo, que ela queria deixar com o pai [dela], para poder trabalhar e sustentar a família, o pai não quis, porque parecia com João Pedro Teixeira. Aí ela ficou sofrendo com os filhos. O avô ainda criou um".

(Ana Justino de Oliveira)

"Quando acontece o Golpe Militar que eu tive que ser presa, depois que saí da prisão, né; e fui liberada depois de seis meses; ele me liberado que ele disse que não tinha motivo pra dar continuidade na prisão. Aí, eu tive que fugir. Tive que fugir, que quando cheguei na casa do meu pai, meu pai disse: "Aqui você não pode ficar. A polícia vem já lhe prender. Você procure destino; está aqui um carro, um motorista; procure seu destino." Aí, eu fui até Recife, aonde eu morei, lá, que tinha este vizinho, né, que era Manoel Serafim, vizinho lá. Vizinho de João Pedro que era Comunista, muito amigo de João Pedro. Aí, quando cheguei lá, na casa do vizinho, o vizinho disse; "Aqui você, também não pode ficar. A Polícia sempre está aqui. E nisso ia, chegando o cunhado dele; era do Rio Grande do Norte, do interior de São Rafael, que levava produtos de mercado pra lá, no carro dele. Foi chegando, aí, e disse assim: "E essa mulher chorando?" Aí, ele foi chamou ele, conversaram com ele e ele veio, disse: "Tem coragem de trabalhar no pesado"? Eu disse: "Tem". Ele disse: "suba no carro, suba já com o menino". Eu subi... (...) com o menino, com Carlos Teixeira, subi no carro e vim com ele pra Rio

Grande do Norte. Quando cheguei em Rio Grande do Norte, uma senhora, velhinha, amiga dele, parente, falou com ela, ela aceitou e eu fiquei lá. Aí, eu fiquei e o dia seguinte veio ele mais seis amigos dele. Falaram para eu ficar como lavadeira da roupa deles. Aí, eu fiquei no rio Iguaçú, que ficava perto. Lavava roupa no rio e engomava em casa. Ela deu uma mesinha e um ferro e eu engomava, né. Aí, foi tempo que..., aí ele me dava o dinheiro; eu comprava o comer; ela me deu um fogão; eu cozinhava o comer pra mim e pra meu filho. Aí, foi o tempo que, lavando a roupa eu adoeci da pele. A pele pipocou toda do sol; o sol era muito quente. Aí, ela me levou ao médico. O médico, amigo dela, ele disse: "Você não pôde continuar no sol; tem que sair do sol. Aí, eu disse: "E agora meu Deus". Aí, eu saí do sol e fiquei e disse: "Ah meu Deus." Aí, falei para ele que não podia mais lavar a roupa e ele disse: "E agora, vai viver como"? Aí, eu via muitas crianças nas calçadas da rua; nas calçadinhas da rua, muitas crianças. E eu fui falar com as mães daquelas crianças; se elas me dessem assim o café da manhã, pra mim e pra meu filho, e me dava um prato de comida, que eu começava com a alfabetização daquelas crianças; se me dava uma mesa e cadeira e elas disseram que davam; uma cadeira, mesa e davam a comida".

(Elisabeth Altino Teixeira)



5 OUTRAS FIGURAS DE DESTAQUE

*"Achei que os camponeses
fizeram uma grande luta a favor
da comunidade dos trabalhadores.
Que, quem morreram, morreram na defesa
para fundar a classe trabalhadora.
Morreram lutando".
(Severino Francisco Xavier)*

PEDRO INÁCIO DE ARAUJO (PEDRO FAZENDEIRO)
*"...um tabuleirozinho de cocada para vender
aos cortadores de cana porque era proibido
entrar nos canaviais dos usineiros..."*

"Eu conheci também o membro das Ligas Camponesas conhecido por Pedro Fazendeiro. Dizia meu pai, que era admirador do movimento das Ligas, que no início, na criação das Ligas Camponesas aqui em Sapé, para poder o movimento chegar ao conhecimento nos canaviais dos usineiros, Pedro Fazendeiro se encarregava de levar um tabuleirozinho de cocada para vender aos cortadores de cana. Uns pagava, e aqueles que não pagava ele dizia: pode ficar fiado, depois se você tiver dinheiro você paga. Nesse ínterim, ele pregava o movimento das Ligas aos camponeses. Daí surgiu o movimento, porque era proibido entrar nos canaviais dos usineiros, por medo das Ligas Camponesas. O vendedor de cocada tinha acesso, não chamava a atenção de ninguém. Era interessante".
(Expedito Maurício da Costa)

"Era uma criatura tão boa. Ele (Elias) conta que estava preso juntos com Pedro Fazendeiro e Nego Fuba ... Eu gostava muito daquela criatura (Pedro Fazendeiro). Tão religiosa!"
(Nilza Pereira)

"Com Pedro Fazendeiro que me pareceu animado dos melhores propósitos, encontrei-me algumas manhãs, no Hospital Sá Andrade quando tratava de ferimentos, consequência de emboscada".
(Copiado do Livro de Monsenhor Odilon Pedrosa por Isabel Regina).

JOÃO ALFREDO DIAS (NEGO FUBA)
"...Ele falava em prol da Reforma Agrária,
em prol da defesa dos camponeses
e abolição do chamado cambão nas fazendas.."

"João Fuba era um profundo... Era admirado por todo mundo, Nego Fuba. João Alfredo, conhecido por Fuba. Ele era um moreno, como se diz, intelectual, na época. E era muito agitado e queria as coisas com muita rapidez".

(Elias Pereira)

"Nego Fuba. Era pequenino, mas era bem... (ri). Em Sapé eles (João Pedro Teixeira, Fuba e Pedro Fazendeiro) já tinham entrosamento com a gente".

(D. Nilza)

"Pedro Fazendeiro e Nego Fuba eram dos mais fortes de João Pedro Teixeira. Nego Fuba era jornalista, e Pedro Fazendeiro... [vendia panos]. No caso de Nego Fuba, ele não escondia nada, não. Ele dizia em praça pública; 'Olhem, vocês me chamam de comunista, e eu sou comunista mesmo. Eu sou comunista.'"

(Severino Guilhermino de Souza)

"Conheci também o João Alfredo Dias, popularmente conhecido por João Fuba. Esse apelido, como ele era sapateiro, foi botado nele pelos próprios companheiros da arte de sapateiro, pelo fato dele ser moreno e ter o cabelo encarapinhado... Apesar de não ser homem que tenha freqüentado as faculdades, [pois] ele não era um homem letrado, mesmo assim ele tinha a facilidade da eloquência. Falava muito, falava muito bem. Ele falava de tal modo que alguém pensava que ele era um homem formado. Mas não era. Ele falava em prol da Reforma Agrária, em prol da defesa dos camponeses e abolição do chamado cambão nas fazendas. Cambão era que todo membro do sexo masculino que fosse morador das fazendas, quando completasse 18 anos tinha por obrigação de trabalhar um dia de graça ao fazendeiro. Esse dia geralmente eles escolhiam a segunda-feira. Então esse dia que tu prestava de graça ao fazendeiro pelo fato de ser morador, [e isto] era cognominado de cambão... Quando da criação das Ligas Camponesas eu me lembro de uma palavra de

João Fuba dizendo: 'Olha, estou deixando aumentar mais o movimento das Ligas pra ver se eu consigo uma determinada arrecadação, que pagava uma pequena mensalidade mensal pela carteira da Liga, que conforme arrecadação eu vou contratar um dentista para extrair dente dos filhos, da esposa e dos próprios camponeses'.

(Expedito Maurício da Costa)

Eu casei no dia 18 de junho de 61 e ele logo viajou. Ficou seis meses lá, entre China e Cuba. (...) Acho que foi depois de 61; eu acho que ele viajou outra vez, aí, eu não me lembro do ano. Ele participava nos comícios; ele falava muito, (...) ele falava sempre assim: "Se me matar, me cortar em dez, vinte pedaço, cinqüenta, eu sou um Comunista. Ele dizia isso nos comícios. Ele era muito empolgado, ele falava com as mãos, assim (gesticula). A Elisabeth tem um filme: - Cabra marcada pra morrer -. Tem ele, todo de branco, de terno branco com a mão assim. Era um hábito".

(...)

Ele falava que tava ali pra defender os pobres, a Liga Camponesa. (...) João Pedro Teixeira morreu, mas a luta continuou. Aí, ele se candidatou pra vereador em 1963, foi um dos mais votados."

(...)

"Aí veio o Golpe Militar, dia 31, de uma quarta-feira pra quinta, me lembro como hoje, de madrugada. (...) O Dr. Alceu que trabalhava no SAMDU e tinha uma Fazenda, lá pra banda de Mamanguape, pegou ele (Nego Fubá), botou num carro e tirou ele de madrugada e levou pra Fazenda. Quando foi no sábado de madrugada, a polícia chegou lá, e prendeu ele, e trouxe pra Sapé. Quando ele estava lá dentro (na prisão), me disseram que ele estava em Sapé"

(Marina Dias)

ALFREDO PEREIRA DO NASCIMENTO

*"...Ele queria trabalhar...
já estava situado, já plantava...
Mas, o patrão não queria.."*

"Era por terra (a briga), porque ele [Alfredo] estava situado, e não queria sair da terra. Ele queria trabalhar que nem a gente aqui, queria terra para trabalhar... Mas, o patrão não queria dar a terra

para trabalhar. Aí, ele já estava situado, já plantava... Fizeram sítio, fizeram casa. Era da Liga, era um dos interessados. (...) Ele conversava muito sobre as Ligas, dizia que eram boas, estavam lutando pela terra. As Ligas eram uma lei boa... era terra pra trabalhar. E dizia que, se eles ganhassem, ia ser bom. Aí depois, houve isso, (o confronto de Mirirí, em que Alfredo morreu) e num instante acabou. Ele era um homem... antes de entrar nessa lei, ele era um homem conversador, era uma pessoa boa".

(Francisco Antônio da Silva)

"Eu estou esquecido do nome, e morreu também um menino (Alfredo) que era chefe das Ligas. Em cada lugar, tinha um que liderava as Ligas. Mataram ele, cabra bom, e mataram também".

(Ivan Figueiredo)

"[Capa de Aço] foi atirando na cabeça dele (Alfredo) lá embaixo, tinha uma junta de trabalhadores, trabalhando, aí ele se jogou prá lá, o Capa de Aço. Sei que o Capa de Aço não escapou, não. O Capa de Aço foi no caminho onde estavam uns trabalhadores, trabalhando aqui em embaixo, num lugar chamado "a grota de Maria Antônia", ali, num lugar que vai para Rio Tinto Foi um barulho mais feio do mundo O rádio deu logo, quando se deu esse caso [o assassinato de Alfredo]: 'Foi assassinado, na Fazenda Miriri....' Disse o dia... Morreram três. Morreu Alfredo Pereira do Nascimento, um tal de Capa de Aço e um tal de Leonel, que eram pistoleiros desse povo".

(Severino Paulo Luiz)

IVAN FIGUEIREDO

"Ele sempre era contra os usineiros. Sempre.

[Mas] veio a perseguição para ele,

e ele teve que ficar foragido..."

"Eu morava em Sapucaia e era um pequeno proprietário. Vinha sofrendo também, havia muito tempo, e vendo os outros sofrendo também. E aí me dediquei à luta dos trabalhadores. Eu nunca era pra ter entrado, mas a gente sente mesmo no coração que é pra entrar, pra defender os oprimidos. Daí começou a luta, e foi crescendo e terminou em diversas tragédias por aí afora, e nós suportando tudo ... Mas eu fui obrigado a ir embora daqui. Quando arrebentou aquela revolução (em 64), eu tive que ir embora, eu e muitos, e deixamos

tudo aí, abandonado, sem destino mesmo, até que normalizou. Mas o começo foi muito pesado, muito mesmo. Eu passei muito tempo dentro do mato, escondido. Confusão enorme mesmo ... Tive que fugir. Fui para o Rio. Por aqui não tinha condição. Corria para um canto, quando chegava, já os meus parentes: 'Saia daí, que aí...' . (...) os parentes davam uma certa cobertura. Lá a gente corria dali, ia embora para outro canto. Aqui mesmo em Sapucaia, andou gente até comprando ovos, comprando galinha, mas tudo pra ver se me encontrava naquela redondeza ali. Eu disse: 'Está ruim pra mim'. Passei, estava tão ruim aqui, que meu irmão me levou. Já pra Pau Ferro, de Mari para lá. Passaram uns dois dias, ou três, quatro, de lá eu saí para o Rio, pela estrada de Campina Grande. Saí por lá, pois aqui estava muito ruim. Daí eu fui para o Rio. Fui numa caminhonete. Meu irmão tinha uma caminhonete, ia vender no Rio, e aí eu fui como motorista. Quando eu cheguei no Rio, é que eu sosseguei mais o espírito, porque por aqui, estava ruim demais. Isso: quanto maior o lugar, melhor Foi depois do golpe".

(Ivan Figueiredo)

"É porque seu Ivan aqui é o seguinte. Ele toda vida foi oposição aqui. Ele sempre era contra os usineiros. Sempre foi, sempre foi. E, então, ele arrumou esse negócio da Liga. Ele foi candidato. Ele foi candidato em 63. [Foi muito bem votado], fez uma campanha muito boa. Não ganhou, mas fez medo a muita gente. E continuou na campanha e ficou sendo das Ligas Camponesas, e aqui, no meio dos lavradores, era um agricultor forte. Ele tinha a casa dele. Era pequeno produtor; trabalhava com a cana de açúcar, também, e o povo trabalhava com ele, e o acompanhou. Ele perdeu apenas por 300 votos. Não tinha dinheiro, [e era] contra a máfia".

(Antônio Domingos de Oliveira)

"Mediante a liderança de João Pedro Teixeira, de Ivan Figueiredo, João Alfredo Dias, Pedro Fazendeiro, essa gente foi instruído a não pagar o cambão. Chegar segunda-feira, se revoltar e não pagar. Então, daí começou o movimento das Ligas Camponesas que se estendeu de tal forma aqui em Sapé. Eu considero que aquela época, antes da revolução até agora, foi a maior passeata já vista aqui em Sapé, no ano de 63, quando Ivan Figueiredo foi candidato a prefeito da cidade de Sapé, apoiado pelo movimento das Ligas, contra o candidato da chamada UDN, que era dos fazendeiros, cujo nome, o candidato da oposição chamava-se doutor Cassiano Ribeiro Coutinho,

que nas eleições foi o vitorioso. Por quê? Porque a maioria dos camponeses infelizmente, ou felizmente que eu não sei dizer a razão porque, não sabiam assinar o nome. Foi no dia 11 de agosto de 1963 e Ivan perdeu a eleição por cento e vinte (?). Só votava aquele que soubesse ler, soubesse assinar o nome devidamente, porque se fizesse o nome mal feito o dito seria indeferido, por não saber muito ler".

(Expedito Maurício da Costa)

"Teve ações, sim. Por exemplo: se um morador queria morar na casa tal, em tal lugar, aí se juntavam de noite, o povo ia e fazia a casa, em tal canto. Quem, eu não sei, porque eu não participava dessas coisas... Mas, começavam à noite, e ao amanhecer do dia, já estava pronta a casa. Construíam a casa, aí depois o proprietário ia e botava abaixo. Agora, seu Ivan era o cabeça dessas coisas".

(Antônio Domingos de Oliveira)

"Eu vou começar logo sobre Ivan Figueiredo. Na época em que Ivan Figueiredo era chefe das Ligas Camponesas aqui, no município de Sapé... Ele começou nas Ligas, e muita gente acompanhava: os moradores, outras pessoas conhecidas acompanhavam as Ligas Camponesas. E, com o tempo, veio a perseguição para ele, e ele teve que ficar foragido. Ficou um bom tempo foragido. E depois, começou de novo, ele começou no trabalho dele, e foi à frente. Aí houve umas mortes em Mari... Houve outras [mortes] em Miriri... também que mataram... E aconteceu tudo isso na época de Ivan Figueiredo".

(Antônio Domingos de Oliveira)

"Ele (Ivan Figueiredo) passou não sei quanto tempo escondido, o povo querendo matar Ivan Figueiredo. Ele fugiu porque o cunhado dele era da Usina. O cunhado dele era Pedro Ramos. Era irmão bastardo de Renato Ribeiro. E através de Pedro Ramos sabia que a usina ia matar ele. Que a Fazenda era perto. A fazenda Sapucaia. Tirou ele de meia noite em traje de mulher dentro de um tambor, não sei de que danado foi para lá longe. Ivan sumiu, ele foi ser liberado depois que Batista Figueiredo (o presidente do Brasil) foi liberando aquele pessoal".

(Isabel Regina Reis)

ELISABETH ALTINA TEIXEIRA (viúva de JPT)

"...era uma pessoa companheira, gostava de aconselhar, não ofendia ninguém não..."

"A gente, quando chegava lá, fazia a carreatá [passeata], muita gente, que era do lado dela. Ia aquela procissão... muita gente... Ai, chegava lá, ela começava a fazer aquele comício. Ela e os filhos falavam, tudinho, tinham que falar, gritavam mesmo, sem medo. Elisabeth nunca teve medo de nada. Ela subia em cima da cruz... e falava a bem da morte do marido dela. Eu mesma ficava com os olhos cheios d'água. Eu e minha prima [a gente] ficava, assim, pensando: como é que uma mulher daquela com tanto menino ficava com esses meninos todos, para sustentar tudinho? E mais: os policiais querendo matar ela. Ela vivia... ela não tinha medo de morrer, não. Porque ela contou para a gente que estava dentro de casa, estava deitada, e bateram na porta: "Vem para a porta, Elisabeth, para tu morrer".

(Ana Justina de Oliveira)

"Ela (Elisabeth) era uma pessoa companheira; ela gostava de aconselhar e se dava com todo mundo. Não tinha ofendência com ninguém; não ofendia ninguém não".

(Severina Gomes)

"Elisabete [Teixeira]... depois quiseram matá-la. Andavam perseguindo ela, como os judeus andavam perseguindo Nosso Senhor, com mentira, com isso e aquilo, para ver se pegavam".

(Antonio Francisco de Andrade - Galego)

ELIAS PEREIRA

"E por isso agente fomos ficando mal vistos, odiados..."

"Lá em Sapé, (...) eu fui muito perseguido; fui preso várias vezes. Era, eu sair de casa, que a polícia estava ao meu encontro. Ai, uma pessoa me convidou a abrir uma farmácia, aqui, em Alhandra. (...) Quando minha casa foi invadida pelo Delegado, que era um capitão, Ascindino (...) com vários policiais, catando coisas dentro de casa: o que encontrava de retrato (...) de algum camponês, ou alguma carta, ou coisa semelhante. Foi quando ele disparou no quarto dela (a mulher de resguardo). Eu digo: "Olhe, o senhor está vendo

que a mulher está de resguardo; ela não está bem de saúde. Agora se com ela acontecer alguma coisa, eu responsabilizo o senhor. Não só o senhor como, talvez outras autoridades, que eu sei que o senhor está sendo mandado". Aí, ele olhou para mim, fitou, aí disse: - É, eu vou me retirar, porque eu estou vendo que o senhor está falando a verdade. Aí, retirou-se ... E eu comecei (a luta) em Sapé. Nesta época, Antonio Dantas sempre acompanhou a gente ... Com Dantas sempre tive entendimento. Me lembro que Dantas chegava com transporte para a gente viajar para Recife para visitar Julião. (...) Comecei a conhecer o João Pedro lá (em Sapé). João Pedro, Nego Fuba, que foi morto com Pedro Fazendeiro.... Eu via os trabalhos deles e fui assistindo reunião. E aí, fui infiltrando, fui infiltrando e fui me afastando dos partidos dos capitalistas e caminhei para este lado, e até hoje".

(Elias Pereira)

"É, a família dele era de Gurinhém. Só nós morava aqui; (...) a mãe de Elias adoeceu e morreu (...) quando veio o aviso, que vieram buscar, que ele ia, aí a polícia chegou. Chegou a polícia, o exército; que era pra (gesto de levar), e ele foi. E quando ele terminou de dar o depoimento, que voltou para Gurinhém, já tinha acontecido o sepultamento.... Foi um momento de muito sofrimento dele Elias sempre era de gostar muito do lado do povo; deste movimento; via o sofrimento do povo. (...) o sofrer dele já veio de muito antes; a gente, neste tempo estava morando em Sapé. (...) Lá tinha um juiz muito mau e poderoso (...) E tinha uns moradores antigos de uma propriedade. Este povo se achava muito injustiçado. E conversando com Elias, (...) foi daí, que começou. Elias começou a ter amizade com este povo... daí, quando o juiz soube que Elias já estava de amizade com este povo; mostrando os direitos, que ele tinha que seguir. (...) Era trabalhar e quando chegasse o fim do ano, o proprietário era quem tomava conta. Botava o gado. (...) E assim Elias começou (...) Eu acompanhava como esposa e companheira. Tinha que acompanhar ele, nas lutas. (...) e não só eu, os filhos também se entrosavam".

(...)

"Foi um momento de muito sofrimento. Me lembro que naquela época, (...) teve um momento muito difícil, que nós fomos obrigados a tirar os meninos do colégio; (...) Quando a gente melhorou um pouco, dissemos: "Agora, vai todo mundo estudar". (...) Fazia seis

anos que a situação da gente não dava; houve as Ligas Camponesas, a gente lutou muito; a gente gastou muito, também. E justamente, aquele momento difícil de sofrimento (...) tinha que ficar tudo dentro de casa (...) ele, nesta época lutando com os camponeses naquela luta; e sem ter uma pessoa que desse apoio. (...) tudo (os camponeses) recorriam (a ele)... Então, os proprietários ficavam mais irritados, com raiva; botavam pra fora. Quando eles tinham lavoura, eles pegavam os capangas, botavam para dentro; botavam tratores, tiravam, acabavam com tudo. Era justamente o que ele fazia; era o trabalho dele; ele ia ao encontro deles, dos trabalhadores, os camponeses. E, as vezes decidia, fazia acordo; as vezes os proprietários não queriam saber. E, por isso, a gente fomos ficando mal vistos, odiados. E até, justamente, na época de João Pedro Teixeira, que aconteceu o acidente triste. (...) o povo ficava criticando. Dizia: "Olhe, hoje foi ele; depois vai este daqui". Quer dizer que, estes Presidente das Ligas, daqui de Alhandra, ... ele vai ver. O que aconteceu com o amigo dele, depois acontece com ele. E era assim, muito tumulto. Muitas vezes, aqui, com meu menino doente... Muitas vezes, a casa estava cercada pelo exército, da polícia;... quando a gente se levantava a casa estava cercada. (...) o menino saía doente, com aquele problema dos rins, ele inchava muito; aquela inchação enorme...; e ele ficava preocupado, aperreado com aquilo. Quando vinham (...) levavam o Elias preso".

(Nilza Pereira)

FRANCISCO JULIÃO

"Um advogado em defesa dos colonos".

(José Hermínio Dionísio)

"Francisco Julião, eu ele muitas vezes, lá em nossa Sede, que nós tínhamos, lá em Alhandra, conversando com seu Elias os problemas da gente, como se resolvia. Ele falava para todo o mundo, aquele povão. Ele dizia que a gente tinha que se juntar e se unir bem forte, para a gente procurar os nossos direitos. E se a gente não se unisse, os latifundiários iam terminar de acabar com tudo e jogar tudo para fora, e matar até gente".

(Damião Cardoso Farias)

"...Tenho lembranças de... dos companheiros: do Pedro Fazendeiro, do Nego Fuba, do Manoel Sapateiro, do Barbeiro... João Severo... Eu conheci muitos, mas agora eu não recorro assim não,

do nome. Só esses mesmo, mas tinha muitos, eu conheci muitos, muitos mesmo".

(Elias Pereira)

ANTÔNIO AMÂNCIO

"...tinha uma liderança na região..."

"...Compadre Antonio Amâncio era um líder de sindicato, ele não foi massacrado porque não facilitou, mas a família dele, em casa, foi massacrada pela polícia.(...)"

"Na noite que vieram pegar compadre Antônio Amâncio dentro de casa ele ficou dentro de uma levada, a água passando por cima, e polícia e capanga queimando as filhas dele de piola de cigarro."

(Damião Cardoso)

"Antônio Amâncio e João Bacurau, eles não eram assim, não tinham participação da Diretoria, mas, tinha uma liderança na região. Tinha uma atenção do povo da região. E agente seguia muito os caminhos deles, né. As orientações deles, aqui em Mucatu, aqui no João Gomes."

(José Cardoso)

ANTÔNIO AUGUSTO

"...empatou, parou; parou o corte de lenha..."

"Ele sempre foi um dirigente pra mandar. Olha, de comunicar as coisas lá dentro foi ele, Antônio Augusto. Ele morava perto de Cober, do lado de Massangana. (...) Morava em Massangana. Ficaram muito mordido com ele, os donos. Estavam botando a mata a baixo, quando Dr Ramiro queria comprar a propriedade; pegaram de despenhorar a mata. Aí, Dr. Assis Lemos disse: "Vocês empatem pra ele não botar a mata a baixo". Aí, chegou Antônio Augusto que era o chefe (...) do lado da gente né. Ele comunicava muitas coisas né, e ele estava como chefe, lá. Aí, ele foi, empatou, parou; parou o corte de lenha. Aí, o Dr. Assis Lemos disse: "Querem é avoar vocês; não deixa ele botar a mata abaixo e nem tirar a lenha, aqui que já estava cortada. Aí foi, aí, pronto É, foi; a gente foi e segurou; segurou um bocado de tempo".

(Manoel H. Dantas)

FRANCISCO AUGUSTO

"...Chico chegou lá, e começou a luta com canavieiros de fora.."

"Chico Augusto, como era chamado, foi Fiscal e Tesoureiro das Ligas (Sapé) após a morte de João Pedro Teixeira e morador de Marauá, envolvido em episódio de violência em Antas do Sono. Depois do episódio de Antas do Sono mudou-se para São Miguel de Taipú (Tapoá)".

(Manoel Bento)

"Quando chegou lá, (São Miguel de Taipú)... Seu Vieira era o dono da terra ... Aí, o Chico chegou lá, e começou a luta com canavieiros de fora. Ia agitando um, agitando outro, e tudo mais para ninguém deixar o sindicato das Ligas; que o sindicato pertencia aos pobres. Aí, o seu Vieira ficou zangado e deu parte dele ao exército que veio, e levaram o Chico. Levaram ele para Recife. Lá, Chico Augusto ficou um bocado de tempo preso... Aí, depois, a família procurou, na polícia, saber se era vivo ou era morto; aí ficaram sabendo que ele estava meio "variado(?)" do juízo. ...veio para casa, mas... com o juízo já bem enfraquecido. ...Ficou (preso) uns quatro meses, em Recife. (...) Isso foi depois (de JPT morrer). Deve ter sido um tempo antes do golpe militar. Ele falava aos camponês de não deixar as Ligas, o seu Vieira ficou sabendo e revoltou-se. Ele, ainda vive "Avariado" (...) lá em Marauá, que a família toda dele é daí (Fomos informados em Marauá, que ele já morreu)".

(Manoel Bento)

JOSÉ HERMÍNIO DIONÍSIO

"...ele foi no Rio de Janeiro e conseguiu trazer o registro de uma Cooperativa que fundamos..."

"Ele prestou um relevante serviço para as Ligas; ele prestou um bom serviço, ali (em Alhandra). Ele tinha uma caligrafia boa. E ele foi no Rio de Janeiro e conseguiu trazer o registro de uma Cooperativa que fundamos aqui... Ele trabalhava no serviço de fiscalização (da Federação das Ligas),... para reparar um serviço (conflito), uma questão na propriedade, entre uma família e o dono da propriedade. Ele ia junto com quatro ou cinco companheiros, e ele era quem estava assumindo. Ele trabalhou bem, aqui com a gente, que ajudou bastante, mas depois se desentendeu entre associados".

(Elias Pereira)

SEVERINO HENRIQUE

"...Esse foi que mais me convenceu de entrar na Luta mesmo pra valer..."

"Ele era um Carpina; a profissão dele era trabalhar em negócio de madeira. Esse foi que mais me convenceu de entrar na Luta mesmo pra valer. (...) era conhecido por Severino do mel, porque ele tinha uma criação de abelha. É, era um grande homem. Era admirado por todos os elementos como os advogados do Movimento como Dr. João Santa Cruz e outros e outros. E médico como Dr. Malaquias e outros. Na casa de Severino não faltava gente. Só pra ouvi-lo. O danado, analfabeto, mas de uma coisa, que a gente ficava: esse homem não é analfabeto!!!, todos diziam: "Não acredito que esse homem seja analfabeto, não rapaz. Um homem que discute tudo!" Era, ele discutia tudo, mas ele era analfabeto mesmo. (...) diariamente a gente batia um papo com Severino ... Era um sujeito formidável; tinha bagagem como se diz ... E no campo tem muitos assim. (...) quase todo ruralista tem uma Bíblia em casa. E por ali, ele vai captando muita coisa ... Ele não sabe nada, mas devido à Bíblia ele se torna elemento de grande influência. (...) Ele tem táticas, porque se lembra da vida de Jesus, aquela coisa e tal".

(Elias Pereira)

ANTÔNIO DANTAS

"...via a necessidade que se tinha, aqui, de defender..."

"Dantas, ele e a esposa (Teresa) eram dois batalhadores, [em S. Rita]. (...) tinha encontro com Francisco Julião, que (...) veio muito aqui. (...) era aquela luta, (...) as Ligas Camponesas de Alhandra. (...) Dantas, que veio muito aqui. Incentivava ele. Se via a necessidade que se tinha, aqui, de defender. Que muita gente se preocupava".

(Nilza Perreira)

SEVERINO LUPICÍNIO

"...trabalhou com ele (JPT) na pedreira, em Recife..."

"...Severino era um amigo, trabalhou com ele (JPT) na pedreira, em Recife. Era compadre com compadre, disse: - João Pedro está aí, com um negócio de Liga Camponesa, e vamos entrar com ele, vamos acompanhar ele. Eu disse: - Vamos! Foi aí que tiramos a carteirinha. (...) Foi logo quando ele (JPT) entrou como presidente da Liga. (...)

Compadre Severino tinha conhecimento com ele, trabalhou mais ele".

(Manoel H. Dantas)

SEVERINO BARBOSA

"...Presidente da Liga na sua Fundação..."

"...Sabia explicar o movimento de todo o Brasil... Era um pequeno proprietário, na Fazenda São Salvador, em Sapé. Um cabra que sofreu muito também. Um homem bom, cabra direito".

(Ivan Figueiredo)

"Quase toda tarde eu tinha por obrigação de conversar com ele, [com o Severino Barbosa,] na casa dele. Ele gostava muito de uma espreguiçadeira, [já que] na época não existia cadeira de balanço... Apesar de não ser um homem formado, era de uma inteligência de admirar. Sabia explicar o movimento de todo o Brasil. Ele dava explicação sobre economia, sobre o movimento em prol da defesa dos camponeses, em prol de sindicato... Ele admirava a Liga Camponesa, que era em prol dos camponeses. Em 61 ele foi preso pelo exército juntamente com Ivan Figueiredo e João Pedro Teixeira. Foram presos no 15 RI aqui em João Pessoa e de lá do 15 recambiaram pra Recife. Por ocasião da renúncia de Jânio Quadros... A expectativa era que João Goulart assumisse. Como João Goulart era um homem muito propenso ao movimento das Ligas Camponesas, eles o tinham como comunista, porque o movimento das Ligas Camponesas era tachado como comunista. Era por isso [também] que na época a igreja católica tinha uma certa repugnância do movimento da Liga, porque tinha aquela aparência de simpatia pelo comunismo. Então, Severino Barbosa era um homem que pregava a Ligas Camponesas como um movimento em defesa dos camponeses, por essa razão ele chegou a ser preso em 61".

(Expedito Maurício da Costa)

PAULO GINO

"...andava juntos com a gente pra todo canto".

"Era, era líder da Liga Camponesa, em Massangana; andava juntos com a gente pra todo canto. E depois quando acabou as Ligas, foi que ele foi ser administrador de Abílio, quando Abílio comprou. E depois foi que se rascaram e se deu este problema. Depois desta

briga dele com Abílio, lá no sítio dele, se mudou-se. Ele foi pra o Dr. Arquimedes que lá ajeitou; Abílio, ainda pagou a ele; Paulo queria até botar Abílio na cadeia. Ele não botou por causa de Dr. Arquimedes que botou ele como presidente do Sindicato de (Cruz do) Espírito Santo. Era Juiz de João Pessoa. (...) O Paulo disse que o Abílio pagasse ele, e pagaram ... Quando foi no dia da eleição (1967), foi no dia da contagem dos votos, aí, se desmantelaram pra lá (morreram ambos nesse dia em uma discussão)".

(Manoel H. Dantas)

6 AS LIGAS CAMPONESAS NA PARAÍBA

6.1 PERÍODO ANTERIOR À FUNDAÇÃO

"...Então, que direito os trabalhadores tinham, antes das Ligas? Nenhum. Esse direito veio depois das Ligas..."

"Um dia ele (JPT) explicou pra gente: 'Eu era e sou ainda, um trabalhador como vocês são: sofrido, sofrido. Eu vivia numa pedreira, trabalhando pedra, quebrando pedra com aquele arim, puxando aquela pedra na marreta, o dia todinho, para ganhar uma micharia. E quando ganhava aquela micharia, não dava para nada. Aí eu me perguntei, não só eu, mas junto com os operários, e a gente se combinou. Formamos por conta de nós mesmos, pela luta nossa, formamos uma Liga Camponesa, em defesa de todos os trabalhadores do campo. E por isso, surgiu a Liga Camponesa em Sapé e em outras partes. Eu moro em Antas do Sono, e passei em Sapé, também, e aí fundei a Liga Camponesa de Sapé'".

(Severino Guilhermino de Souza)

"Naquele tempo que eu comecei com os conselhos de trabalho, ajudando e fazendo alguma reunião entre camponeses, foi nesta época, que João Pedro morava em Antas do Sono. Eu almocei lá com ele, uma buchada, que Elisabete preparou e convidou a gente. (...) Foi muita gente (...) Em Sapé, as reuniões eram avisadas, eram muito escondidas. A gente saía e ia ter aquele encontro, na casa de um companheiro. Só a gente era quem sabia. (...) A gente se deslocava e tinha aquela reunião. (...) A gente marcava um dia para visitar um camponês numa Zona Rural e convidava outros. E assim a gente ia fazendo o movimento até que ela cresceu. (...) Toda vez que tinha reunião, eles chamavam os das outras Zonas como de Alhandra e tal. Aí eu nunca faltava... Homem, João Pedro Teixeira, João Pedro Fazendeiro e Nego Fuba como eram conhecidos, que Fuba era João Alfredo... Este Povo era de uma cultura dotado por Deus, porque eles tinham elementos pra debater e instruir o povo. E foi por isso que, eles os perseguiram muito. (...) Eles organizavam da seguinte maneira: tinha reunião constantemente de cada setor, de cada

localidade, de cada fazenda. Eles tinham um caso diferente, um do outro e o povo agia também de um modo diferente".

(Elias Pereira)

"Negó Fubá, era João Alfredo e Pedro Fazendeiro, [Pedro Inácio de Araújo]. (...) Para mim eram umas pessoas boas. Eles davam todo detalhe pra gente, como era de fazer. Como era para conseguir a Lei".

(Manoel H. Dantas)

"Meu pai defendia as Ligas. Ele dizia que o Movimento das Ligas era um movimento totalmente em defesa do trabalhador, em defesa dos direitos sindicais, que o trabalhador na época não tinha direito a nada. Todas essas vantagens hoje, todos esses direitos em prol do camponês, o precursor eu considero que foi as Ligas Camponesas, porque antes não tinha direito a nada. Trabalhava 35 anos numa fazenda, e pelo simples fato de não poder trabalhar, o patrão mandava embora, desocupa a casa, desocupa a casa que eu quero aqui um homem que possa trabalhar, não é você que já está velho não. Dava umas 48h pra desocupar a casa. E tinha que sair, porque se não saísse, ia sofrer a pressão dos vigias da fazenda. Então, que direito os trabalhadores tinham, antes das Ligas? Nenhum. Esse direito veio depois das Ligas".

(Expedito Maurício da Costa)

"Foi uma vez para Belo Horizonte um ônibus cheio de gente daqui de Alhandra, umas 30 pessoas ou mais. Fomos junto e viemos, foi da vez que me encontrei com João Pedro Teixeira e Julião, a gente passou uns 4 dias lá em Belo Horizonte. Ele (JPT) defendia o trabalhador rural, eu conheci ele defendendo o trabalhador".

(Antônio Amâncio)

6.2 A FUNDAÇÃO

"...A idéia era que ia chegar um tempo que ia ficar liberto ia haver uma reviravolta que as terras de usineiros iam todas ser para outra cultura, pra o trabalho..."

"Tinha esperança que aquilo um dia ser resolvido e a pessoa ficar livre, trabalhando liberto. A libertação do povo todo... (silêncio prolongado...) pra trabalhar, e trabalhando para ele. Tratavam sobre

o trabalho, né. Como é que ia ficar; aderir para que tudo ia ficar liberto para o trabalho, que a idéia era que ia chegar um tempo de as terras dos usineiros tudinho ficar liberto pra, pra se trabalhar. Que ainda ia haver uma reviravolta que as terras de usineiros iam todas ser para outra cultura, pra o trabalho".

(Severino Francisco Xavier)

"Eu estava na abertura, na fundação das Ligas (...) naquele Grupo Gentil Lins ... Foi ali, lá atrás, num galpão ..., lá que foi a festa todinha ... Veio Santa Cruz (...) um advogado de muito nome. Veio Chico Julião, outras pessoas também. Assis Lemos e, se o espírito não me engana, parece que Zé Joffily ... Uma turma da pesada mesmo. De Sapé estava eu, Severino Barbosa, Nego Fuba, Pedro Fazendeiro, e mais gente ... Foi muito bonito, tinha muita gente ... E fizeram aquela "papeloma" toda. Eu nem prestava a atenção naquele negócio, e tal. ... O presidente foi Severino Barbosa. Agora, Severino até nem queria, mas todo o mundo achou certo que era ele, ele ficou e ficou João Pedro de vice. Mas Severino assumiu, mas disse: 'João Pedro, eu não quero me meter nisso não, tu fica. João Pedro foi quem ficou governando o negócio'..."

(Ivan Figueiredo)

"...Eu fui fundador da LC (de Alhandra). O ano foi em 58".

(Elias Pereira)

6.3 AS LIGAS EM ALGUNS MUNICÍPIOS:

"...Ai então caiu no conhecimento que aquele pessoal deveria ter um documento, uma carteira para assinar..."

6.3.1 SAPÉ: CIDADE

"... no dia de sábado, era entupido de gente..."

"Então o movimento das Ligas Camponesas aqui de Sapé eu considero aqui do Nordeste foi forte, na Paraíba, eu considero que em PE e PB o movimento foi mais forte aqui em Sapé".

(Expedito Maurício da Costa)

"Quando adoecia uma pessoa, ia lá na sede da Liga Camponesa e lá tinha o médico pra atender, tinha o dentista pra extrair o dente, um registro; se precisasse de tirar, eles também ajudavam a pessoa a tirar aquele registro, porque não tinha a facilidade que nós temos hoje (...) E o presidente na época era, João Pedro Teixeira. (...) e a

gente recebia essas assistências. Quando tinha necessidade era lá que a gente assistia e também participava assim... ele conversava com os trabalhadores, como se organizar, pra conseguir terra pra trabalhar, lutar por salário justo, que era uma das metas que a Liga Camponesa tinha, e ter direito a escola dos filhos dos trabalhadores que naquela época a escola também não era gratuita, era escola privada, quem podia era quem estudava, pagando pequeno salário, mas saía do bolso..., não tinha nem municipal nem estadual pra manter como temos hoje. E começaram a se organizar".

(Maria do Socorro de Paiva)

"E teve um tempo que veio muita gente de fora. Uma reunião marcada que eles estavam. E então nessa festa ele foi pedir a Monsenhor (Odilon Pedrosa). Monsenhor quantas vezes foi para o hospital ver o pessoal que chegava lá tudo ferido, outros mortos... Ele ia pra lá olhar. Quando chegava em casa, JPT já estava na calçada da casa paroquial pedindo a ele proteção, pedindo a ele que rezasse muito. Que ele não queria fazer uma coisa daquela, que eram os fazendeiros. E teve um tempo que o pessoal foram pra lá para destruir tudo. Prepararam para destruir uma reunião que tinha ido lá com muita gente. Nessa época Frei Damião estava. Aí João Pedro Teixeira foi lá e falou com ele, Monsenhor disse: - não se preocupe não que eu vou mandar uma pessoa. Aí Frei Damião tava... aí então, Monsenhor falou direitinho, contou a história toda para Frei Damião, que também chegou lá e fez um sermão abençoando todo mundo, que acabasse a violência, que isso não adiantava. Assim ele fez aquele sermão bonito e finalmente, nessa noite todo mundo ouviu frei Damião, não houve violência não".

(Isabel Regina Reis)

"Naquele tempo, a gente vinha na cidade de oito em oito dias. A Sede era aí, quase na frente da Prefeitura, hoje. De lá se amostra a casa que era das Ligas Camponesas. Então, a gente passava e entrava na sede; no dia de sábado, era entupido de gente. Todo sábado era aquele movimento ali. Aí o João Pedro com a esposa dele, o Seu João Joaquim, o Pedro Fazendeiro, o João Fubá. Ele dizia: "Meninos a gente temos um compromisso para segunda feira. Queremos que vocês com um grupo de gente, cinqüenta, sessenta, cem pessoas; 2ª feira, às seis horas da manhã ou sete, estejam aqui. Será uma coisa importante. A gente morava nos sítios e não ia carro apanhar ninguém, lá. Quando era 2ª feira, bem cedo, todo trabalhador com sua foice, sua enxada, o seu machado, com o que tivesse, na mão e nas costas, fazia caminho. Vinha de fila. do sítio pra dentro da cidade.

Chegava na porta da Sede, ficava acampado. Para perto, agente ia de pés; se fosse para distante era de carro; se arrumava um caminhão e levava a gente. Então, aí para Marau...; naquele dia passamos na Sede, aí, João Pedro vinha, quando deu fé disse: "É, meninos, nesse 2ª feira, nós temos uma campanha a fazer; nós temos um serviço a fazer em Marau. Lá tem um sítio de um homem que é Alberto, que era do Sindicato".

(Vicente Guilhermino)

"Aí, todo domingo tinha um comício lá, uma reunião. Todo domingo nós íamos pra Sapé; Sempre era nos domingos. A gente escutava lá, e conversava lá, todo mundo. Muita gente batia palma (Manoel mostra como batiam palma): 'Está certo! Aí, tinha camarada que dizia: 'Vamos morrer na terra... A gente está pronta pra morrer na terra, de modo de resolver este caso, aí; um dia resolver isso'. Até bem alto dizia isso e todo mundo gritava, né, batia palma, tudo isso".

(Manoel H. Dantas)

6.3.1.1 FAZENDA MARAU

"...botaram o gado, e nós fomos agir..."

"Em Marau ...: botaram o gado, e nós fomos agir. (...) (João Pedro falou)" Eu só vou sair daqui com o dinheiro (da indenização do trabalhador) no bolso." Aí a gente ficou também, se não, se ele ficasse sozinho lá, ele (o patrão) matava. Aí nós ficamos. Só saímos com ele. (...) por causa daqueles homens todos armados de revólver, de foice, de espingarda, de machado, de enxadeco, de toda qualidade de arma da agricultura. Aí, eles pensavam que iam matar tudo ali. E aí, foram a João Pessoa e trouxeram trinta e cinco soldados. Mas, os soldados não fizeram nada com a gente".

(Antônio Francisco de Andrade - Galego)

"O pessoal que foram do tempo da Liga Camponesa, não resta ninguém mais lá (em Marau)".

(Maria do Socorro de Paiva)

6.3.1.2 SÍTIO ANTAS DO SONO

"...não valorizavam, não queriam a Liga Camponesa."

"Aqui eram tanto contra as Ligas Camponesas, porque que cada pessoa era proprietário. Tinha seu pedacinho, aí, pronto nenhum aceitava. Achavam que iam tomar o deles, dos pequenos.(...)(Os) proprietários de mais posse, mais terra, de mais possibilidade de trabalho, tinha mais morador. Era Manoel Justino, Júlio Braz, José Cipriano(...). Por estes banda só tinha estes três. E os outros todos só tinha um pedacinho de terra. Quase todo mundo. Muito poucos que não tinha. Pai era um dos poucos que não tinham nada. (...) É verdade, aqui tem muitos pequenos proprietários. E quase em Sapé inteira, os camponeses não tinham terra. Trabalhavam na cana de açúcar e no abacaxi, também. Pois, não valorizavam, não queriam a Liga Camponesa, porque cada qual tinha seu terreninho. Meu pai não tinha terra, entende, ele dava um grande valor (as Ligas Camponeses)".

(Severina e Maria José Gomes)

"Quando foi um dia, que meu pai chamou pra ele (JPT) ir lá, queria ter uma conversa com ele. A conversa era sobre umas conversas que ele ia tomar uma propriedade que meu pai tinha comprado. (...)Aí quando ele chegou lá pai conversou e disse. (...) Aí, ele disse pra o meu pai: 'Seu Manoel, o senhor, o que tem, não dá nem pra os seus filhos e como a gente iria te fazer isso. Desapropriar um taco de terra com oito ou sete hectares? Não bote isso na cabeça não. Que a gente tamos nessa Reforma Agrária, isso aí, para querer terra desses barão aí, dos grandes'. João Pedro, pra mim, no meu ponto de vista, não era um mau cunhado, não. Era muito amigo, até demais. Eu brincava com ele que nem brincava com menino".

(Euclides Justino)

6.3.1.3 ÁREAS DA USINA SANTA HELENA: FAZENDA CUITÉ

"O povo temia repassar o assunto para os filhos. Mesmo que os pais conhecessem a história, não repassavam para os filhos, com temor, com medo, frustrados com o que tinha acontecido lá por fora... Existia injustiça, mas o povo [os trabalhadores] era dependente desse povo, [dos usineiros]... Não iam [atrás de João Pedro], porque se

fossem, perdiam a moradia, perdiam o direito de trabalhar, de morar na área... Os usineiros chegavam de noite, cortavam as terras, onde o povo havia plantado. Ficava todo o mundo com medo por causa disso".

(Maria da Penha Lima de Souza)

*"...quando eles começaram a devolver esse conhecimento
Aí, os usineiros se juntavam para matar..."*

"Antes dessa época, eles tinham oportunidade de trabalhar em terra livre, plantavam suas fruteiras... mas, quando eles começaram a devolver esse conhecimento, no tempo em que foi proibido de plantar o roçado do povo, aí os usineiros vinham de noite, cortavam as terras do povo, dos empregados. Aí, de dia, o pessoal e o sindicato se juntavam e iam plantar. Aí, os usineiros, teve um tempo, se juntavam para matar o dono da casa que fosse plantar, e o sindicato também. Aí plantaram tudo de cana, e o morador da casa não ficava plantando nenhum pedaço de... Isso foi coisa que eu ouvi, não foi coisa que eu ouvi dizer, não. Isso foi com o sr. Chico Moreno, que plantou um pedaço de lavoura, e [o usineiro] mandava cortar. E o sindicato vinha mais o dono da casa, e plantavam. Aí, ameaçaram o dono da casa, queriam matar ele, aí, ele desistiu e não plantou mais lavoura. Foi tudo [plantado] de cana".

(Maria da Guia)

"Meu padrinho (...) discutiu lá com o Dr. Aluísio na Usina (...) e deram uma pisa nele, e diziam que ele morreu dessa pisa... Foi que eu ouvi dizer que foi por mode ele atrasar um pagamento e, acho que foi o pagamento que ele reclamou (...) ele chateou-se".

(José Félix do Nascimento)

"Na época, meu tio Manoel Pinto era lavrador. Tinha um trabalhador com o mesmo nome dele (o padrinho de José Félix que havia discutido com Dr. Aloízio), então pegaram meu tio, prenderam, passou 24h preso, (amarado) e eles ameaçando ele, e ele dizendo que os documentos não era dele; que ele não tinha tirado a carteira. A não ser se fosse trabalhador dele, e ele não sabia que trabalhador tinha que tirar carteira (Da Liga Camponesa). (...) Então vieram buscar o trabalhador dele, após 24h..., levaram o trabalhador com o mesmo nome. Espancaram. ...Disseram que da pisa que ele levou ele não era homem para trabalho nenhum, mas... (O tio) ficou com

um problema nervoso e nunca mais ele ficou bom, porque de ver tanta coisa de (...) espancar trabalhador dele, só porque ele tinha tirado a carteira. Então, meu tio ficou com um problema nervoso, e morreu com muito tempo e nunca ficou bom do problema dos nervos que ficou, de ver que espancaram o trabalhador dele".

(Zeza, esposa de José Félix do Nascimento)

- FAZENDA STO. ANTÔNIO

"...a ordem que eles tinham era para rajar fogo..."

"Todo mundo [estava] amedrontado, todo o mundo assobrado, não é? Com a situação, com o que podia vir a acontecer, mais pela frente... Lembro que em 1964, nesse momento de agitação, a esposa de Sebastião, que estava no quinto filho. Ela esperando para ter esta filha, e ele [o marido] foi chamado, mandado, ordenado para ir combater em favor do administrador da fazenda Santo Antônio, por ordem dos Ribeiro. E a ordem que eles tinham era para, quem entrasse de estranho, rajar fogo, não é? Em perseguição a João Pedro Teixeira. Eles esperavam João Pedro Teixeira com os trabalhadores que, diziam, queriam "chocalhar" o administrador da fazenda Santo Antônio. Então, nesse momento, Sebastião teve que deixar a mulher sofrendo, no momento do parto, esperando para ganhar filho, e foi [mandado] para essa situação...".

(Maria da Penha Lima de Souza)

- FAZENDA BOA VISTA

"Eu tirei minha carteira em Mari, mas vim morar em Sapé, aí tinha que pagar em Sapé (continua explicando essa mudança)..., porque eu vim morar na Fazenda Boa Vista. Em Boa Vista que já era de Dr. Renato. Aí, eu morando lá, fiquei pagando um bocado de ano, ainda. Era todo mundo, era na escondido; logo quando entregava ficava de novo escondida. Quase todos de Boa Vista tinha (a carteira das Ligas), mas escondido. Era escondido do Administrador, nem Dr. Renato não sabia. Conversavam sobre a carteira, no trabalho um com outro. Tudo na escondida. Quando começou mesmo o quebra-quebra que veio, foram lá atrás dos 'cara' de chapéu; foram atrás da Liga; pegar as careiras e fizeram lá uma palhaçada medonha pro lado de lá, da parte da Liga. E daí acabou-se as Ligas".

(Severino Francisco Xavier)

6.3.1.4 FAZENDA MIRIRI

...o que eles queriam, não era dar roçado a ninguém, eles queriam era matar o povo e debandar o povo...

"Miriri era um lugar de riqueza, um lugar de muito fartura, um lugar de água, um lugar muito bom. O pessoal que pagava renda, pagava renda, os que pagavam diária, pagavam diária. ... A gente ia, trabalhava a semana e ainda deixava o cambão. E aqueles que pagavam foro, pagavam o arrendamento, só pagavam de ano em ano. Mas, era bom. O pessoal criava, o pessoal trabalhava, o patrão era uma boa pessoa, não era ruim, não. Miriri era um lugar que fornecia a feira em toda essa redondeza, daqui, de Sapé, de João Pessoa. Todo esse combustível era daqui, porque em Miriri se trabalhava de inverno a verão. Eu mesmo trabalhava em Miriri também; plantava milho, batata, feijão. A gente trabalhava arrendado... [Alfredo] estava situado, e não queria sair da terra. Ele queria trabalhar que nem a gente aqui, queria terra para trabalhar... Mas, o patrão não queria mais dar a terra para trabalhar. Aí, ele já estava situado, já plantava... Fizeram sítio, fizeram casa. Era muita gente, nesse tempo lá era muita gente... O que eu sei dizer é que no dia da morte de Alfredo, tinha uns homens que eram pistoleiros acampados, na fazenda do Engenho, onde era a fazenda do Dr. Pedro Ramos, em Miriri. E eles vieram mandados do patrão, a modo de acabar com a violência dos camponeses. Quando eles vieram, tinha uma turma de trabalhadores trabalhando perto da estrada central, (...) aí chegaram esses três homens - Capa de Aço, Mala Velha e tinha um outro, Zé Caetano... O Alfredo (...) já ia da venda pra casa. Tinha vindo comprar comestível, alguma coisa para comer. E a venda era na beira da estrada. Aí, quando ele chegou lá junto dos trabalhadores ...chegaram os homens montados a cavalo, todos armados de rifles, de revólver (...). Assim o pessoal conta, que eu não vi. Eu sei que botaram os dois abaixo, e outro que vinha montado no cavalo atirou em Alfredo, e Alfredo caiu. Aí pronto, Alfredo morreu logo. Aí, quando Alfredo morreu, o pessoal que estava no trabalho, eles vieram e mataram todos dois, de machado, de foice, de faca... "Capa de Aço" e "Mala Velha" (...) que eram os capangas que vieram para acabar com as Ligas Camponesas. Zé Caetano, que vinha dirigindo eles, que veio comandando, que era empregado e conhecia toda aquela região. Ele já veio obrigado, e quando viu o desastre da briga, correu logo.

Ainda correram atrás dele, mas não pegaram. Ele foi se embora. Os dois morreram, aí o pessoal se espalhou pelo mundo, porque mataram. ...quando pegou essa guerra, o povo ficou todo desabando pra aqui, pra acolá, tudo com medo. Aí, o Exército veio. Fizeram uma instrução... uma empreitada, no Miriri. Aí o pessoal correu todo, pensando que era para matar os trabalhadores. Depois que Luiz de Barros chegou lá, aí pronto, as Ligas Camponesas se acabaram, o povo se espalhou todo, deixando tudo que tinham, não tiveram direito a nada. Quem tinha dinheiro e podia se situar por ali, se situou perto de Miriri, em Inhaioá (Sapé). Tem muita gente de Miriri aí, em Inhaioá. Pega uma parte de Capim, mas a maior parte é de Sapé. Parece que foi (...) em 64 foi mais ou menos".

(Francisco Antônio da Silva)

"Essa história começou quando iam dar roçado ao povo, e fizeram aquela reunião do fazendeiro com os empregados, e terminou num desastre danado. Morreram, parece, três ou quatro. Mas, o que eles queriam, não era dar roçado a ninguém, eles queriam era matar o povo e debandar o povo, também. Os patrões convidaram pra dar roçado. (...) no fim, não era nada disso, era pra pau no espinhaço dos trabalhadores".

(Ivan Figueiredo)

"E quando começou, no dia 31 de março de 64, quando do Golpe, em que as Ligas caíram. Aí esse povo de Miriri passava aqui nos caminhos - que ninguém conhecia - todos banhados de sangue, levados por ordem da polícia para Sapé, para o presídio... ninguém conhecia o pessoal. A gente ficava aqui na estrada, quando passavam. Era todo conhecido o pessoal, mas ninguém conhecia. Eram banhados de sangue, era uma coisa horrível".

(Antônio Domingos de Oliveira)

"O Pedro Ramos conseguiu levar um jagunço, dizendo eles o tal ser um policial reformado, o que ali era conhecido como "Capa de Aço". Este entrou na fazenda Miriri, e ali o jagunço tinha o nome de "Capa de Aço", e foi exclusivamente com o propósito para matar camponeses. Como seu subordinado o acompanhava o Juvenal, "Capa de Aço" comissionado, e o Juvenal, ex-guarda noturno na

capital. Pedro Ramos o contratou, lhe pagando dez mil cruzeiros mensais, com despesa paga e a feira semanal pra família. Até que no primeiro combate com camponeses, morreram dois: Juvenal, um capanga de Pedro Ramos, e um camponês, o qual se chamava Alfredo Pereira do Nascimento, em 1962".

(José Hermínio Dionísio)

"Pedro Ramos com autoridade falou pra eles: 'Aqui gastei muito dinheiro, e agora vou plantar cana'. No mesmo terreno, mandou Pedro Fazendeiro arrancar o sítio de laranjeiras, bananeiras e uma boa produção de macaxeira, tudo em lugar fértil. Pedro Fazendeiro reagiu. E Pedro Ramos mandou plantar cana dentro do sítio, mandou derrubar um bueiro construído de madeira, que dava acesso à saída de Pedro Fazendeiro, para qualquer sentido

...No que diz respeito à indenização pra Pedro Fazendeiro, direito que lhe assistia, o direito de colher toda a lavoura em estado de aproveitamento. Dentre as lavouras, existia um mandiocal, o que fez Pedro Ramos, sem necessidade, mandar um fazendeiro de nome Aristeu Casado, usando um trator, abrir uma estrada por dentro do mandiocal, fazendo enorme destruição. Ora, senhor, o proprietário mandou derrubar o boeiro que dava acesso a Pedro Fazendeiro pra qualquer destino e mandou destruir uma parte de suas lavouras. E aí mandou a polícia de Sapé prender Pedro. E chegando à cidade, o coronel Luiz de Barros já o esperava, na sede das Ligas Camponesas, para torturá-lo, chegando a rebentar o maxilar e dois dentes".

(José Hermínio Dionísio)

"Quando houve o golpe, mataram um tal de "Capa de Aço", [pois dizia-se] que bala não entrava nele. Aí, então, cortaram esse homem de foice. Os camponeses o cortaram. Eu não vi. Me disseram, mas foi verdade. Cortaram em pedacinhos e juntaram tudo num saco. Cortaram mesmo, porque dizia que era "Capa de Aço", mas dessa vez agora, era da foice. Os camponeses não tinham aço para não ser cortado. Então, houve isso, sabe? Isso aí foi antes do golpe".

(Antônio Domingos de Oliveira)

6.3.1.5 - FAZENDA SÃO SALVADOR

*"...No outro dia
ele arrancou a maniva, plantou a cana
e a gente arrancamos a cana e plantamos a maniva..".*

"No terreno de um tio meu que plantava e o fazendeiro lá, quis tomar o terreno. Meu tio tinha a roça que arrancou pra fazer farinha; limpou o terreno e plantou; o fazendeiro Senhor de Engenho foi e arrancou e plantou de cana. A gente foi arrancamos a cana, plantamos a maniva. No outro dia ele arrancou a maniva, plantou a cana e a gente arrancamos a cana e plantamos a maniva. Eu sei que plantou-se e terminou meu tio ficando com o terreno, até na data que saímos de lá".

(Vicente Guilhermino)

6.3.2 CRUZ DE ESPÍRITO SANTO

6.3.2.1 FAZENDA MASSANGANA

"E assim vivia o povo. Quem pagava o foro era do foro, quem pagava cambão era do cambão. Cada um trabalhava como podia. Plantava tudo que você quisesse plantar. Só a várzea é que ela (D. Maria Augusta - Massangana) precisava para a plantação de cana ...; o gado pra lá (cercado), na vargem cana e o resto de todo mundo trabalhava, e assim vivia-se antigamente. (...) aqui era uma mata desde aí, da estrada até Boa Vista. (...) depois da Liga Camponesa, os atritos, os camponeses também ficaram um pouco agitados ... Por exemplo, aqui eu morava, mas se eu quisesse trabalhar ali, eu trabalhava e ela (a proprietária) não podia impedir; porque eles tomavam conta mesmo (...) chegavam aqui (...) fazia picada e ali construíam uma casa e tava lá com a família trabalhando ... Outros, colocavam animais dentro da cana, dela, botavam os animais pra pastar, estragava a cana dela todinha, e com aquilo tudo, ela foi... (...) ficando um pouco triste e tentou vender ... E ela só vendeu a fazenda, eu tenho certeza, por essa causa. (...) na época papai pagava foro, era um direito que pagava anualmente (a Dona Maria Augusta), (...) e quem não pagava foro, trabalhava, e dava três dias na fazenda, que chamava-se de cambão".

(Josefa Maria da Silva)

"Era Manoel Santana, que era da Liga, mesmo, decidido, aí Luiz de Barros pegou atrás dele, perseguiu ele. Ele mandou dizer a seu Luiz de Barros...do jeito que ele era homem ele era também. Aí, disse que Luiz de Barros perseguiu ele e disse: de Manoel Santana eu só quero tirar um braço dele e uma perna, não quero fazer nada com ele, mas pegar as pernas dele e cortar. Mas Manoel Santana disse: - já ficou dentro da mata uma vez, foi tirar lenha e já era conhecido ficou dentro da mata. Tinha que ficar. Aí, quando eu dei fé, ele chegou: - Rapaz estou por aqui escondido, os cabras estão me procurando mais que tudo. "- E porque tu não viaja?" "- Rapaz eu não posso nem viajar, por isso eu estou aqui escondido." Aí ele disse: "- Eu to com fome". Aí eu trouxe ele pra casa, pra minha casa lá em Massangana, dei um almoço, aí depois ele foi embora, eu não o vi mais. Acho que não mataram ele não, depois ele não apareceu mais".

(Manoel H. Dantas)

"Antônio Augusto que também era um líder, ele era um fiscal, ou era um tesoureiro da Liga Camponesa, que morava também nessa comunidade; Severino Custódio que também era do movimento e morava aqui, (...) Severino Lupicínio e Manoel Dantas ... E os outros não existem mais. Eles começaram a aconselhar papai pra se associar também na Liga, e papai se associou. Mais ou menos aí, em 58, que papai se associou. Aí, ele fazia parte do movimento, assistia as reuniões".

(Maria do Socorro de Paiva)

- POVOADO JOÃO RAIMUNDO (Parte de Massangana)

"O Dr. Assis Lemos foi para João Raimundo, (...) porque a Dona estava pra vender a propriedade, a (Fazenda).Massangana. Né..., a Dr. Ramiro. Dr. Ramiro comprou e quando estava já medindo os terrenos, de modo despejar os povo sem direito a nada; os moradores sem direito a nada. Eles venderam (...) para outro, e os moradores tudo esperando como é que era de modo de sair, e sem direito a nada. Outros compravam, aqueles lotes de terra e portanto, o camara-da ficava desagasalhado. E teve um rapaz (Antonio Augusto) que escreveu; fez uma folhinha direitinho, aí, ele entregou a Dr. Assis Lemos. E com isso Dr. Assis Lemos marcou um dia (com Dr. Ramiro: - Vá pra João Raimundo; espera por mim em João Raimundo. Dr. Ramiro foi quem tinha comprado a terra. Aí, quando chegou lá, Dr. Assis Lemos disse aos camponeses: - Não compre terra. Vocês,

quando eles vem conversar com vocês, diga que ninguém quer terra. Ninguém vai comprar terra, porque terra é pra trabalhar. E aí, começou e Dr. Ramiro..., ele pôde..., nem conversar, porque não deixaram ele conversar direito. Aí, ele pegou o carro e foi se embora. Foi se embora e ficou nisso, aí, já estava tudo medindo... O povo disse: - Não, vamos quebrar a máquina e... quebrar tudo, o que estava se usando, o pessoal que estava medindo; lá os terrenos. A gente vai lá, se encontrar com ele. Aí, veio logo; o Dr. Ramiro veio logo para Massangana, avisar aquele povo que estava medindo. Aí pronto, ficou naquilo, ficou naquilo. Ele comprou as terra e estava medindo e vendendo os lotes. E o pessoal ficava na mão; o pessoal que era os morador. ...Não acabaram de medir todo ainda não, pois ainda estavam medindo. (quando o povo chamou Assis Lemos) Por modô de eles comprarem por hectares, a propriedade. (Comprou pra revender por lotes) A dona era Dona Maria Augusta.. E depois que houve a reunião, e foi aí, revogou; o Dr. Ramiro desvaneceu...(Por causa da resistência do povo)".

(Manoel H. Dantas)

6.3.2.2 FAZENDA E ENGENHO SANTANA

*"...Tinha lugar que era mais caro, mas não podia.
Só se a pessoa "roubasse" de si mesma.."*

"Em 1940, quando a gente chegou aqui, isso aí era um sítio de bananeira, que pai plantou. Mas, depois foi proibido. Mas, foi ainda no tempo do Engenho Santana, que era de Zé Coelho. Aí veio uma proibição, de que não era mais para plantar bananeira, nem pé de coco, nem fazer casa de tijolo... Era um bocado de coisas que eles não queriam que se fizesse. Só sei que pai teve que terminar com o sítio de bananeira, que ele plantou por aqui. Só era para plantar essas coisas que... eles plantavam algodão, fava, feijão, milho... E o algodão, nós éramos obrigados a vender no Engenho. Se tirasse uma arroba [para vender fora]... Tinha lugar que era mais caro [=onde se podia vender por um preço melhor], mas não podia... Só se a pessoa "roubasse" de si mesma. E tinha gente que fazia isso: "roubava" dele mesmo, saía de madrugada com carga, para vender não sei onde, porque lá era mais caro. E aqui eles pagavam no preço que queriam... (...) Quando eu vendia dez ou quinze arrobas de algodão, se fosse vender em outro canto, acho que tinha bem vinte...E eles ali no pé da balança... Mas ninguém dizia nada. Viam e conheciam,

mas não falavam... Depois, veio mais uma história de um pasto do gado. Se a gente criasse uma vaca, a gente tinha que pagar [o pasto], no fim do ano, [em relação a] aquela vaca, aquele bezerro, os que tivesse... Eles contavam quantos tinha... Parece que eram dez mil réis, que se pagava por cabeça. Só não pagava pelo bezerro que estivesse mamando. Mas, se estivesse apartado, esse ia... Eu só sei que pai trabalhava muito, mas era para guardar para o [pagamento do] foro. Pagava-se o foro e pagava-se mais esse pasto do mesmo sítio em que a pessoa trabalhava. Depois é que houve outra reforma, que não sei como foi, que acabou com esse negócio de pasto. Também uma história do cambão (dia ou dias dados ao patrão)."

(...)

"Tinha um Antônio Pereira, que morava aqui, vizinho aqui ...convidava (...) (para as Ligas). Pai ia. Uma vez, foram. Pai cansou, no caminho. Eles o carregaram nas costas. Botaram num cavalo, porque pai tinha uma dor na perna. (...) Pai era como um animador. (...) Ele ficou muito triste, depois que houve aquele negócio (a morte de João Pedro)... Tinha Paulo Gino, que morava lá embaixo, no Engenho Santana. Esse até mataram, também. Esse Paulo Gino mataram, mas acho que não foi nem.. (durante as Ligas). Mataram depois. Mas, já em consequência dessas coisas. Que esse Paulo Gino era muito..(gesticulava sugerindo a forte liderança de Paulo). E ali, para o lado de Santana, perto do Engenho, tinha uma porção de gente mais animada ainda. E por aqui, tinha o finado Gilberto, seu Leonel. Vinha para aqui, conversava com pai (...) iam fazer aquelas caminhadas... ele foi para Lagoa Preta. Outra vez, ele foi aqui para o lado de Rio Tinto ou Mamanguape, Capim, para ali, por aquele mundo, por ali. Tinha Miriri. Uma vez, mataram um bando de gente, para os lados de Miriri. Não sei se foi depois dessa morte, ou se foi antes, que eles tinham ido para lá. Tinham chamado para ele ir, e diziam: "Bora". E eles se juntavam e iam".

(Luzia Gonçalves da Silva)

6.3.3 MARI

6.3.3.1 CIDADE...

"muitos outros camponeses que fizeram uma grande luta a favor da comunidade dos trabalhadores.."

"...O meu cunhado, que era Antônio João e o irmão dele também, que é Severino Belo, também, Antônio José dos Santos.

Eles, também, eram todos de Gendiroba e mudaram para Mari, quase tudo num tempo só. Tem um primo também por lá, que se chama João Pequeno. Ele mora em Mari. Mora na Rua São Sebastião, agora, o número da casa é que estou esquecido. Ele está vivo. Ele era próprio de Gendiroba, da Mata. É aí, que nasci e me criei, dentro da Faz. Mata (...) Tinha também os irmãos de João Pequeno. Tinha Oscar, tinha Oliveira. Achei que os camponeses fizeram uma grande luta a favor da comunidade dos trabalhadores. Que, quem morreram, morreram na defesa para fundar a classe trabalhadora. Morreram lutando.

Tinha um Xavier, que morava lá por um tal de Olho D'Água, que parece que morreu neste meio, mas já não pertencia a minha família não. É de outro Xavier..."

(Severino Francisco Xavier)

*"...A ordem era para esmagar,
...correu todo mundo..."*

"A gente fez lá uma reunião (em Mari), e eles não gostaram. De um dos vigias do dr. Renato (Ribeiro) tomaram o revólver dele, ... era um 45, era arma do exército. Aí, Assis (Lemos) tomou conta desse revólver e disse: "Esse aqui eu vou entregar ao Exército, eu me dou com o comandante lá, e vou entregar diretamente a ele." Aí começou o alvoroço... Houve essa reunião em Mari, e eles foram. Teve aí um grande da usina, que era dr. Gouveia, que era o chefe de lá, e veio com outra capangagem. Foram todos para lá, pra Mari, e lá na hora, chamaram o rapaz que tomava conta. Parece até que era um gaúcho, que era o chefe da Liga ali, em Mari. Foram pra lá pra entregar esse revólver. Aí, veio o Gouveia: "Eu quero o revólver, quero entregar lá." Disseram: "Está certo." Os rapazes foram e entregaram a ele o revólver. Nós não estávamos quando entregaram a ele o revólver. Quando entregaram o revólver, aí ele "pô", matou o menino lá, o chefe. Aí pronto, aí começou. Eles já estavam cercados sem saber. Aí, começou o olho de enxada pra cima: "pá", "pá", "pá", foi gente morta pra danar. O Gouveia também morreu. A briga foi logo muito feia, morreu um bocado de gente, espatifada a olho de enxada, de foíce, tudinho. Depois, foi que veio o pesado mesmo. Vieram os capangas, policiamento danado, os soldados. A ordem era para esmagar, até que findaram o negócio, correu todo mundo. Quem quis escapar, teve que sair fora, se não, não escapava".

(Ivan Figueiredo)

"O movimento que houve em Mari, em que morreram 6 de um lado e 5 de outro, onde morreu até um contabilista (Gouveia) da usina (São João)".

(Elizabeth Teixeira)

"Este Santo Amaro, o Zé Tamor (...) e o Gouveia da Usina São João, morreram lá em Mari. (...) O Dr. Daniel (da Usina Santa Helena) não morreu, não ...Mirocem defendeu ele, e tirou ele, senão ia morrer também ali. (...) esse pessoal de Mari... leva o nome de trabalhador, e eles foram pra lá, pra combater lá, e aconteceu".

(José Félix do Nascimento)

"Não pude sair pela pista. Fui por dentro e quando eu chego em Mari, eu já ia ligeiro, porque assim não mata ninguém. Quando eu vi foi em cima, e aí atirou e furou os quatro pneus. Eu não senti nada. Fui embora; fui até Sapé. Parei[em casa], olhei, nas quatro rodas, só a roda. Aí, perguntaram por Dr.Gouveia. Mataram tudo; é o que vai dar. Aí, o doutor foi pro São Vicente de Paula. A polícia foi para lá".

(Mirocem Francisco do Nascimento)

6.3.3.2 GENDIROBA

"Nesse tempo mesmo..., em 64, eu estava fazendo uma visita lá, com a minha mãe adotiva, e, estando na casa da família em Pirpirituba, na volta, quando a gente vem passando num setor de arroz, a gente viu uma situação de tremor: carro queimado, muitas coisas lá queimadas... Aí, quando voltamos, tinha acontecido essa situação de guerra, lá, das Ligas Camponesas... Os usineiros mandando os policiais... Não sei... só sei que tinha acontecido em Mari, num campo. Aí, ao passar, a gente viu carro queimado, muitas coisas lá queimadas. Aí soubemos que tinha sido justamente a Liga que, com esse combate, tinha queimado o carro, matado pessoas e tudo... e a gente ficou muito assombrado para continuar a viagem".

(Maria da Penha Lima de Souza)

6.3.4 ALHANDRA

6.3.4.1 CIDADE

"...A gente tem que escutar as pessoas. Ver, expor na mesa do trabalho, discutir e, então, eles votarem, diante da compreensão deles..."

"Eu trabalhei aqui na Liga de Alhandra, nunca houve tiroteio não, aqui sempre se resolveu as coisas por aqui mesmo... Já trouxe a coisa de Sapé. Já tinha uma certa idéia ... Não conhecia (ninguém), era novato. Eu tinha farmácia; era por intermédio da farmácia, que eu ia me tornando conhecido. Quando chegavam, porque era farmacêutico, situado em Alhandra. (...) Meus colegas, meus companheiros (de Sapé), tudo apontavam, quando chegavam: - Tem, agora, a Associação, lá (em Sapé). Ele (João Pedro) é o presidente. E assim foi crescendo, e se não tivesse acontecido o que houve, eu acho que, hoje, estaria aqui com um volume bem grande de associados. Aqui chegou a uma base de duzentos e pouco. (...) De todas as Fazendas aqui do município. Vinha de Garapu... O líder, daí, era Bacurau. (...) Ainda, é membro do Sindicato Rural. Mora aqui. Todos foram trabalhadores que prestaram muito serviço; serviço perigoso.... Teve o Antônio Bulandir. O nome é Antonio Severino... Ele foi o primeiro Presidente do Sindicato Rural, quando acabou o movimento da Liga, ele entrou no Sindicato. O Afrísio (...) de Mucatu (...) Teve estes Cardosos (...) São lutadores; dos primeiros lutadores. Lá (em Mucatu), tinha uma decida onde a gente se reuniu muitas vezes. Deitava algum na frente; observando os movimentos, e a gente ficava escondido, lá por trás, dentro do mato. Nunca fomos pegos.. (...) Em todo buraco marcava (reunião)e aí, se realizava.(...) Era uma base de cinqüenta grupos. (...) Cada grupo tinha o seu líder. (...) (Explicando a forma de trabalhar quando havia divergências) A gente tem que escutar as pessoas. Ver, expor na mesa do trabalho, discutir e, então, eles votarem, diante da compreensão deles. A Cooperativa (da Associação, registrada por José Herminio no Rio de Janeiro) era para facilitar a venda para os associados das Ligas. E levar para fora, os produtos que eles produziam. Facilitar a estrada, digamos para João Pessoa; pra chegar lá, já ter comprador; finalmente, facilitar as coisas. E adquirir um carro para transportar as mercadorias deles; dos associados: Só que naquele tempo não chegamos a concluir, porque quando a gente cuidamos em adquirir meios pra comprar

este carro e prosseguir esta Cooperativa, aí veio o despenhadeiro e muita coisa; despencou como se diz; aí, o Golpe Militar".

(Elias Pereira)

"Eles vieram, também fazer visitas. João Pedro, Antônio Dantas; Pedro Fazendeiro vinha muito (em Alhandra)".

(Nilza Pereira)

"Depois que eu me associei eu participei de um movimento (uma ação), e que nós pegamos um proprietário em Alhandra. Nós pegamos um proprietário, fizemos ele cavar a terra com as unhas, plantar maniva, que ele devorou a lavoura do trabalhador".

(Damião Cardoso)

6.3.4.2 FAZENDA MUCATU

"Tem Antônio Severino, que é conhecido por Antônio Amâncio, que o nome dele é Antônio Severino, de Mucatu, tem o mestre Dedi que mora aqui na rua Assunção. Em Cruz, ali tem Bacurau que hoje é membrô do Sindicato Rural, os filhos de Bacurau também foram do Movimento, tudo naquele tempo, eram garotos, e outros".

(Elias Pereira)

"Até que quando nós demos fé, de noite apareceu o desmantelo (Golpe Militar). Daí que nós nos deslocamos de casa, moramos ainda 17 dias dentro da Mata do Carrasco, fizemos uma barraca dentro da mata e moramos um bocado de dias ... Eu, o velho meu pai, Pedro Vieira, João Bacurau, compadre Augusto, meu tio vigário que era irmão de minha mãe, Antônio Laurentino, os filhos de Antonio Laurentino, a família Araújo, foi um montão de gente junto, num barracão grande. Nós fizemos essa barraca com distância, no mínimo, uns 2 quilômetros. (...) Dentro da mata, que lá não entrava ninguém não. As mulheres..., pra gente comer era o maior sacrifício do mundo, era de morrer de fome por que nem as mulheres podiam levar e nem a gente podia vir buscar toda hora. Quem tinha coragem vinha buscar um prato, como eu vinha buscar um prato pra meu pai e pra mim. Aí, tinha que dividir com todo mundo, porque todo mundo não tinha coragem de ir buscar e nem sabiam como se defender. E passamos fome demais".

(...)

"Compadre Antônio Amâncio era um líder de sindicato, ele não foi massacrado porque não facilitou, mas a família dele em casa foi massacrada pela polícia. Seu Elias de Alhandra, que era o presidente da Liga Camponesa do município de Alhandra, também foi muito perseguido, a gente teve muitas prisões, abandonou-se a casa, houve muitas mortes, no tempo da Liga Camponesa (...) A primeira vez que eu participei foi pra eu tirar a carteira e depois que eu me associei eu participei de um movimento, e que nós pegamos um proprietário em Alhandra. Nós pegamos um proprietário fizemos ele cavar a terra com as unhas, plantar maniva, que ele devorou a lavoura do trabalhador ... Na noite em que vieram pegar compadre Antônio Amâncio, dentro de casa, ele ficou dentro de uma levada, a água passando por cima, e polícia e capanga queimando as filhas dele de piola de cigarro, fizeram a filha dele tomar um litro d'água de madrugada e perguntando por Antonio Amâncio, e Antonio Amâncio atrás de casa dentro de uma levada num mês de maio".

(...)

"De Alhandra, a gente participou com Seu Elias. Seu Elias quando tinha qualquer coisa ele mandava chamar a gente no João Gomes de Mucatu e agente ia, aquela turma que era firme. Em Mucatu quem começou a se associar foi eu, pai, Antônio Amanso, João Bacurau, Zeca Camelo, era um grupo de uns dez a doze".

(...)

"Essa perseguição a gente percebeu que ela vinha, porque compadre Antônio Amâncio foi quem trouxe a notícia pra gente. Ele foi pra Alhandra, aí disse: olha gente, vocês, compadre Manoel Cardoso, Damião... vocês que tiveram carteira da Liga Camponesa, vocês fiquem atento, que aí vem um dismantelo; e a gente não facilite não por que a gente é pego mesmo. Aí nós ficamos, até que quando nós demos fé, de noite apareceu, o dismantelo..."

(Damião Cardoso Farias)

6.3.4.3 - FAZENDA SUBAÚMA

"Teve dois pistoleiros dentro de Subaúma, lá em Alfredo Ferreira, ele amedrontando os trabalhadores, os moradores. Ajuntou-se mais de cem trabalhadores, fomos lá, a gente ia pegar todos dois, mas nós só pegamos um, tomamos o rifle dele, ele implorou para nós não matar ele, lá. Um deu 1 conto de réis, outro deu 5 mil réis, e de lá de dentro da mata ele se sumiu, não foi nem pro Alfredo Ferreira,

e o rifle dele, nós tomamos. Fizeram isso porque eles queriam matar o povo. Dois pistoleiros pra matar trabalhador, por que os trabalhador acharam que não deviam mais ser escravo de pagar condições e Alfredo Ferreira revoltou-se e botou dois pistoleiros. O que não fosse era pra sair de Subaúma, era pra desocupar mesmo, ou desocupava ou morria ou pronto".

(Damião Cardoso Farias)

6.3.5 – SÃO MIGUEL DE TAIPU

"Em Oiteiro (de Henrique Vieira), em Lagoa Preta (São Miguel de Taipú) fizeram uma concentração para lá".

(Luzia Gonçalves da Silva)

"Eu fui na campanha, nesse dia. Nesse dia, eu fui mais ele (PJT), (...) Então, ele falou sobre uma questão de lavoura com um morador desse doutor... Aí, JPT falou para o homem, disse: "Olhe, eu dentro de sua propriedade, eu não entro. Mas, o Sindicato vai ser apregoado dentro de São Miguel [de Taipu]." Lá tinha uma reunião muito grande. Todo o mundo aceitou o Sindicato. Agora, Henrique Vieira pensou que iam entrar na propriedade dele. [João Pedro] disse: "Seu Henrique, não se preocupe que eu não entro em sua propriedade. Eu vou apregoar o sindicato".

(Antônio Pedro Eugênio)

6.3.5.1 – FAZENDA TAPOÁ – LAGOA PRETA

"A gente (da Liga de Massangana) fomos pra Lagoa Preta; fez um comício lá em Lagoa Preta, porque o homem não estava pagando. Só estava pagando uma besteira de um salário. Não pagava nada; pagava o que ele queria. Mas foi gente para Lagoa Preta, tudo armado de rifle. Até rifle levaram e arma de fogo. Pis..., pis..., naquele tempo tinha pistola. Era pistola, era espingarda, era foice; tinha quem levava um pedaço de pau. Instalou aquele Congoi (...) Dr. Assis Lemos falou lá pra o dono. Perguntou porque não pagava o salário, mais os direitos dos trabalhador – Nada, não sei porque, não sei porque. Falou lá com ele e ele, também se afrouxou; não fez zoada não. Aí, ele voltou pra trás com aquele pessoalção. Aí, quando chegemos na ponte de

Manoel Amaro, essa ponte do rio. Manoel Amaro era quem morava, tinha um comércio e morava na cabeça da ponte (Rio Paraíba, onde vai para Campina). Aí, fomos; fomos de pé. (...) Ele mandou esperar em 'Manoel Amaro'; o pessoal esperar ele quando vinha, o Dr. Assis Lemos. Dr. Assis Lemos peguemos em Tapoá. Aí quando voltemos pra trás, a polícia estava, e aí o Dr. Lemos conversou lá e de lá seguimos, cada um para suas casa. Ele foi se embora e cada um foi embora."

(Manoel H. Dantas)

6.3.6 - SANTA RITA

"Eu encontrei pessoas, lá na Praça Aristides Lobo da dependência de S. Rita. Eles ameaçados de expulsão e o advogado deles eu conhecia; descendo com eles, o mais velho disse: 'O advogado, sabe seu Elias, que hoje é o último dia que nós temos. Se ele não aparecer, nós vamos ser despejados'. Eu digo: 'E o advogado?' Eles: 'Ele viajou. Foi esta noite para Rio de Janeiro. Ele foi chamado por um parente dele'. Aí, disse: 'Éita, rapaz, agora o negócio agravou-se muito, aí. Mas em todo caso eu vou ver o seguinte. Eu vou ver se encontro uma pessoa, aí, parecido com ele, e que faça uma aventura; Vê se enrola o juiz de Sapé. Ele chegando, assim, na última hora. Quando chegar na companhia de vocês, tal e tal, aí: - Fulano de tal, o doutor e tal, está aqui, pra ver se bota a coisa para frente para vocês. Aí, foi uma felicidade. E a reunião não ficou? E eles não venceram, para ter outra reunião com noventa dias? Ai, eles ficaram muito contentes. E daí, de lá não saíram mais. Estão lá até hoje, lá no local deles, em S. Rita. Quer dizer, devido a esta prorrogação. Aí, quando venceu, se ganhou a questão e permanecem lá".

(Elias Pereira)

6.4 AS LIGAS ANTES DA MORTE DE JR. TEIXEIRA

"...era uma boniteza mesmo e com aquela firmeza..."

"Não há homem com paciência que nem João Pedro Teixeira. Eu acho que a Terra não criou, até aqui, para comparar com a

paciência de João Pedro Teixeira. Arrebanhava aquele rebanho que ele arrebanhava. Era uma boniteza mesmo, e com aquela firmeza. E tinha fé naquela luta; que ia para a frente. Nunca pensei de voltar como voltou. Mas, ele na pregação dele, fazia reunião de oito em oito dias com a gente, naquela sede. E com isso foi crescendo cada vez mais. Os trabalhadores foram crescendo, até quando chegou a agitação dos proprietários contra o trabalhador, João Pedro Teixeira. Hoje, eu me sinto feliz quando ouço falar..., mas a morte de João Pedro Teixeira foi triste, porque era um homem que queria o bem".

(Severino Guilhermino de Souza)

"Os fazendeiros botavam o gado na lavoura do povo, e chegavam os lavradores, à meia noite à casa de João Pedro, dizendo: "Seu João Pedro, o gado está comendo minha lavoura todinha." Ele se levantava da cama, botava a arma dele – era uma faquinha – botava a arma nos quartos, e ia lá acertar com aquele fazendeiro. Ia para a Federação. Chegava à Federação, fazia, às vezes, o senhor de engenho pagar a lavoura... a vida dele era essa, depois de deixar o trabalho na pedreira. Mas, não era pessoa má, não. Todo o mundo, de velho a criança, gostava dele, nesta região que eu conheço. Só quem não gostava dele, eram os ricos".

(...)

"Aí, ele juntava os trabalhadores. Os caras iam para a casa dele, para ele conversar as histórias da lavoura [devorada pelo gado dos senhores de engenho]. Aí, depois que ele foi para Cuba, aí pegaram a perseguir o homem... E depois que pegaram a perseguilo, que era um comunista... Persequindo, perseguindo, até que acabaram com ele. (...) Ele foi para Cuba depois da fundação do Sindicato. Ele já era Presidente do Sindicato. Ele foi preso pelo Exército. Ele tinha um roçado ali, pegaram da porteira aí, donde sai pra rua, era na beira do rio. Foi, passou um dia (ou foram três?) e depois, voltou. Depois, foi preso de novo, perseguido, dizendo que ele era comunista".

(Antônio Pedro Eugênio)

"A luta [das Ligas Camponesas] defendia o seguinte: Porque o camponês vivia nas terras, trabalhava de meia, digamos: o que ele colhesse, se ele colhesse 100 sacos de milho, 50 eram pra fazenda, 50 sacos seria da fazenda e esse restante não dava pra ele... pra ele

continuar vivendo dali, tirar a manutenção dele e da família, roupa, remédio e.. e mais alguma coisa".

(Elias Pereira)

"Direito trabalhista. Então, nessa época veio Assis Lemos, que ajudava, João Pedro Teixeira, e lá em casa numa noite teve uma reunião muito grande, muita gente, lá na casa da escola, Aí ele perguntou se eu queria participar pra preparar as carteiras profissional daquele pessoal e assinar em cada qual, assim como um escritório. Aí então ele deixou um monte de carteira, Assis Lemos, carteira profissional. O pessoal ia lá na minha casa, lá na casa da escola, preparava as carteiras, preenchia tudo com o documentos do pessoal. Não tinham documento, o documento que eles tinham, eram essas carteiras mesmo, pra nas Fazendas apresentar os direitos aos fazendeiros, os direitos do trabalhador; os direitos trabalhistas. Que é um direito que eles tinham. Que nesta época não existia estes direitos, né? Aí então, começou o pessoal a fazer as carteirinhas. E então o Pedro Fazendeiro, ele tinha conhecimento que existia uma escola; chamava-se: 'Radiofônica', na época do Governador Pedro Gondim. E então convidou de cada Fazenda da Zona Rural duas pessoas. Então de São Salvador foi eu e Beata, filha de João de Joça. Passamos três dias lá no São Bento, lá junto da Catedral. Três dias participando de instrução... Aí essa escola radiofônica, ela dava aula lá e cada um da gente recebeu um rádio para ensinar aquele pessoal trabalhador que não sabia assinar o nome. Aí então a gente levou o rádio para casa, depois dos três dias. Quando dava sete horas elas dava aula, na Tabajara. Elas dava aula e a gente, cada uma ganhou um livrinho, já cada uma estava preparada. Cada um aluno já tinha um caderno, o lápis. Aí ela primeiro dava aula de instrução como era e tal para eles irem entendendo. O dever ela vai dizendo e eu ia passando no quadro. Só era uma hora de aula passando no quadro. Depois que ela desligava de uma hora eu via que aquele dever que estava no quadro eu ia repassando para o povo. Os cadernos, os lápis. Eu sei que esta escola continuou três meses".

(Isabel Regina Reis)

"Chega um morador de Dr. José Marinho, de Maraú, e chega a dar queixa de um terreno onde ele morava, há 40 anos. Esse terreno era cercado em volta da casa, tinha quatro hectares. E o dr. José Máriz, sabendo que o morador tinha o documento da Liga Camponesa, aí ele vai e manda arrancar a cerca. Aí, o gado invadiu e acabou

com a lavoura dele todinha. Aí, João Pedro Teixeira disse: – “Meninos, o que é que nós vamos fazer, agora? Todos vocês, quem é que está disposto pra ir para a luta, amanhã?” Aí eles disseram: – “Nós.” Aí João Pedro: – “Nós, quem? Quero ver as mão levantadas, de todos.” Aí todo o mundo levantou as mãos. João Pedro: – “Amanhã bem cedo, às cinco horas da manhã, vocês estão dispostos a estar aqui?” – “Estamos.” João Pedro: – “Então, amanhã, às cinco horas, queremos todo o mundo aqui, na sede, para a gente ir à Fazenda Maraú.” Quando foi na segunda-feira... [trecho de difícil audição]... O finado meu sogro, eu e muita gente. Quando chegamos lá, entramos na fazenda, passamos pela casa do morador (...) Aí seguimos para a fazenda. Aí, fomos todos de pé. João Pedro Teixeira na frente. Quando chegamos de frente à casa, João Pedro Teixeira bateu palma (...) Aí, o doutor botou a cabeça do lado de fora. Aí, conheceu nós: – “Ah, é a primeira fazenda que vocês vêm invadir, é a de dr. José Marinho?” João Pedro: – “Não, não viemos invadir. Nós viemos fazer uma inteligência [diligência] aqui.” – “Qual foi a inteligência [diligência] que vocês vieram fazer aqui? João Pedro: – “Doutor, nós viemos levantar a cerca do morador que o Senhor derrubou. Quarenta anos que esse morador mora, pagando os direitos, trabalhando nesse terreno. Há tanto tempo, doutor, esse morador pagando os direitos, e o Senhor agora achou de arrancar a cerca. Por que? Nós queremos somente o arame, e aqui estamos para botar no lugar. Nós vamos fazer a cerca” Aí ele disse: “Nenhum deles. Agora mesmo, eu vou para Pernambuco, vou botar no rádio lá, no jornal.” Aí, João Pedro disse assim: – “Pode ir, pode ir para onde quiser. Mas, o arame nós vamos arrancar.” Aí, ele saiu por trás e foi embora. Aí, quando demos fé, foi o gerente que apareceu na porta, e já foi com revólver. [Trecho de difícil audição, em que Severino parece fazer gestos explicando os movimentos de João Pedro Teixeira e de outros companheiros, tomando precauções defensivas em relação a um eventual saque da arma pelo gerente] Aí João Pedro pega no braço dele e diz: – “Nós não viemos aqui para derramar sangue de ninguém, nem nós queremos nosso sangue derramado;” Imediatamente, chegou um carro de polícia. Quando chegou o carro de polícia, o pessoal teve medo. Aí as autoridades disseram: – “Nós não viemos prender ninguém. Nós viemos aqui garantir vocês trabalhadores, e também o administrador, para não haver nada. Aí, João Pedro disse: – “Nós não viemos fazer nada. Nós só queremos é direito, é direito que nós precisamos.” (...) Aí, almoçamos, e de uma hora, chega outro carro de polícia. E quando chega outro carro de polícia, eles pedem

calma: - "Calma, porque nós não viemos fazer nada com vocês. Viemos aqui somente para garantir vocês resolverem como fica entre o doutor e vocês." Aí, quando foi cinco horas da tarde, quando o sol ia se enterrando, aí João Pedro disse: - "Meninos, é o seguinte: nós viemos todos juntos, vocês vieram de carro, mas o carro não vem apanhar vocês. Eu vou ficar aqui." Aí eu disse: - "Não, para o senhor ficar, não. O senhor não vai ficar aqui sozinho, não." Ele disse: "Não, podem me deixar aqui, com alguns companheiros. Graças a Deus, não vai acontecer nada, não." E ele ficou até findar de negociar com o fazendeiro. Ele foi até meia noite. Aí veio advogado, veio tudo, e negociaram com ele".

(Severino Guilhermino de Souza)

"Essas pressões dos ricos. Teve corrido pelo exército, ... No dia em que foi preso, fomos presos eu, Severino Barbosa e João Pedro Teixeira. (...) Eles nos tocaram para um quartel em João Pessoa, (...) do Quinze, (15º Regimento de Infantaria em Cruz das Armas) com uns três dias mais ou menos, nos botaram pra Recife, para o Batalhão dos Guardas. O fato foi que a gente era do lado dos pequenos, somente. Ninguém tinha crime nenhum. O crime que tinha [foi que a gente] ficou do lado dos humildes. Então, por isso, teve que ser castigado todo o mundo. (...) deve ter sido uns 20 dias ... Quando nós estávamos presos, veio um documento pra nós assinarmos: era um documento em branco. A gente assinou sem ter nada escrito. Eles encheram a cela de homens, tudo com cassetete. O capitão disse: "Eu vou tomar medidas drásticas, está certo? Chegaram esses homens, ficaram assim todos no salão... Severino Barbosa disse: "E agora? Agora, não sei não, agora vocês aí é que resolvem. Das duas uma: ou nós vamos levar muito cacete e assinar. Então, vocês resolvam se querem assinar antes de levar, porque de qualquer maneira nós já estamos derrotados. Então, vamos assinar e vamos ver o que acontece. E foi, e assinou, todo o mundo. Ninguém sabe o que foi que eles fizeram. Boa coisa é que não foi. Até hoje ninguém sabe o que foi. Nós ainda demoramos lá... só ouvindo aquelas besteiras deles. Chamam pra ali, chamam para acolá, e faziam perguntas, essas coisas (...) não vou dizer porque agente não apanhou. Ainda andou pertinho. Se a gente não assina, o pau tinha quebrado em cima da gente. Daí eles nos soltaram. Aí ficou a perseguição (...) ficou pesado o negócio, tanto pra mim quanto pra João Pedro. A João Pedro, com pouco tempo, o assassinaram. E ficou um negócio meio desmantelado. Mas isso aí era tudo pressão desses

usineiros, esses grandes fazendeiros, que faziam essa pressão muito grande".

(Ivan Figueiredo)

"[Contam] que Dr. Renato mandou chamar ele (JPT) pra acabar com a Liga. Foi pra ele acabar com aquilo, né. O terreno aonde ele morava, era do sogro - Manoel Justino (de uma irmã dele, a mulher de Júlio Guabiraba, que tinha sido, ex-delegado). Eu não vi não, mas se diz que Dr. Renato o mandou chamar pra ele acabar com o negócio destas Ligas. Aí, ele disse: "Doutor, eu não acabo não. Não acabo, porque eu confio, eu..." Ele disse um ditado, quer ver? "Eu,... eu prometi os companheiros da Liga e eu vou até o fim, nesta luta. Vou até o fim". Aí, disse: "É, pra acabar com isso, o terreno, lá, eu mando passar o papel e o terreno é seu; o sítio, se desvanecer". E ele: "Não, eu prometi que ia até a morte, nessa luta". Aí ele disse: "Acaba com isso, que eu dou logo esse terreno pra você; passo agora o terreno pra você; a escritura, pra a terra ficar pra você". Não era um terreno graúdo; não era muito terra, não. Aí, ele não esmoreceu, não quis não, não aceitou não. Ele prometeu aos companheiros, que ia até a morte. (...)

(Manoel H. Dantas)

"Ele (JPT) era uma pessoa companheiro. Ele gostava muito de conversar e aconselhar o povo. Também orientava. O pessoal era tudo vexado. Só ia na conversa do patrão. E ele era quem abria a mente do povo, dos trabalhadores (...) pra eles se organizarem; trabalhar, procurar seus direitos; exigir os direitos do patrão. Foi isso que ele fazia".

(Severina Gomes)

"Ele foi para Cuba, mas não conversava. Ele só conversava assim: "Tem que lutar pelo estilo de Cuba, (...) o que eu vi em Cuba. (...)O que ele contou pra mim era: "Ah, meu filho, lá todo o mundo trabalha, lá não tem preguiçoso, lá todo o mundo, todo o mundo trabalha. (...) Ele não contava que lá é comunismo".

(Antônio Pedro Eugênio)

"Aí ele juntava os trabalhadores. Os caras iam para a casa dele, para ele conversar as histórias da lavoura [devorada pelo gado dos senhores de engenho]. Aí, depois que ele foi para Cuba, aí pegaram a perseguir o homem... E depois que pegaram a persegui-lo, que era

um comunista. (...) Ele foi para Cuba depois da fundação do Sindicato. Ele já era Presidente do Sindicato. Ele foi preso e perseguido, dizendo que ele era comunista. (...) A senhora sabe que, quando o homem era vivo, era uma coisa... Mas, a mulher entendeu, naquela época em que o marido morreu, de falar muitas coisas. Fazia um grupo de gente pelas fazendas... Saíam 2 mil pessoa, 3 mil pessoas, pelas fazendas, aí, para fazer campanha. E o povo se desgostou. Era o dr. Assis Lemos que andava por dentro das campanhas. O desmantele todinho foi quando mataram João Pedro... Ah, era, sim. João Pedro Teixeira era um homem que tudo dele era no direito, tudo era no certo. Com Dr. Assis Lemos e outros e outros, que aí andavam com Elisabeth por aí, fazendo campanha".

(Antônio Pedro Eugênio)

"Me lembro que ele (JPT) foi para Massangana, porque botaram um pra fora. Camarada chamado de Pedro Filipe, um tal de Pedro Filipe. O Zé de Almeida era administrador de Dona Maria Augusta. Ele fazia...; a propriedade estava por conta dele e ele fazia o que queria. O que ele mandar; que o negócio que ele fizesse, estava feito e ela não desmanchava. Aí, botou ele pra fora e João Pedro foi. Foi lá, falou com eles de modo de dá um acordo, mas eles não davam; queriam que ele saísse. Aí ele falava, que se quisessem que ele saísse que dessem uma coisinha a ele, de modo de ele comprar uma casinha, em outro canto. Aí, disse: - Não.- Aí disseram: - Ah, pois não bota, ele vai ficar. Ele fechou acordo de modo dele ficar na propriedade, porque eles não quiseram dar nada ao trabalhador. Aí, ele ficou. Ficou na casa, ficou. (...) Foi diante de Dona Maria Augusta e o administrador. E depois, quando mataram João Pedro, ela se trepou nas pontas dos pés, assim disse: - Vêêem João Pedro, em Massangaaana, vêêem João Pedro, agora vêem, em Massangaaana. Eu morava lá".

(Manoel H. Dantas)

6.5 AS LIGAS APÓS A MORTE DE JP. TEIXEIRA

...O que eu me lembro,
era que o povo vivia era tudo assombrado
com essa história de Liga Camponesa...

"Muita, muita tristeza; muito, muito mesmo. Mas os com-

panheiros ficavam muito comigo, ajudavam muito. Companheiro Assis Lemos, companheiro (João) Alfredo, lá de Sapé. Eram companheiros que ajudavam. Julião, ave Maria, Julião me ajudou demais. Julião foi quem me levou a Cuba. Foi quem levou meu filho e quem me levou em Cuba pra visitar, lá, depois que me filho estava lá. Fidel me fez o convite para se eu quisesse ficar lá, em Cuba, ficava. Apresentou um apartamento, um carro pra mim ficar lá; e dava todo, como é que se diz, dava todo apoio e tudo que eu precisasse. Ele dava pra mim e pra meus filhos se eu os levasse. Ele dava a educação, dava de tudo; a Assistência toda né. Eu disse a Fidel que não, que eu tinha um compromisso com a luta de João Pedro, na Paraíba, no Brasil, e voltava. Eu fui abraçada por ele, por Che Guevara, por todos os companheiros que estavam presentes na reunião e voltamos. Chegando aqui, no Brasil e depois que cheguei, não sei quantos meses depois, aí acontece o Golpe Militar".

(Elisabeth Altino Teixeira)

"Todo o domingo, a gente fazia a carreata, a passeata, da casa de Elisabeth Teixeira, onde ela morava, em Barra de Antas, para a cruz de João Pedro Teixeira, lá onde ele foi morto, lá perto de João Leite. Toda vez em que a gente ia, a lista da bala estava lá. Abraão, o filho dele mais velho, gritava, subia na cruz e gritava: "Mataram meu pai, João Pedro Teixeira, um homem trabalhador, lutador pelos pobres. Foram contra ele por causa disso." A gente ficava ali, todos no meio da pista. Naquele tempo, não passava carro ali, era difícil. Ficavam todos na pista, todo domingo. A gente ia para João Pessoa, não perdia um comício. Era eu... a gente estava com Elisabeth Teixeira... A gente ia tudinho. Ia Abraão, era o mais velho. Não perdia um. Falava que parecia... eu nem sei como era aquilo. Eu tinha a maior pena, quando eu via ele lá em cima, falando, em nome do pai dele: "Mataram João Pedro Teixeira, um pai de família. Deixou um bocado de meninos, todos pequenos." Parece que foram 11 meninos. Por quê? Porque ele pune pelos trabalhadores. Ele era um homem que não fazia mal nem com um pinto".

(Ana Justino de Oliveira)

"Acho que foi em 1962, que acordei com uma vizinha minha chamando, dizendo que viu o Exército na rua. Ela foi pros fundos da casa e falou pra mim: 'Marina te prepara, que o Exército está na rua e vem pra tua porta'. Eu me preparei, quando eu abri a porta fiz que não sabia, o maior nervoso; (...) eles vieram com uma ordem, se eu não abrisse a porta pra eles entrar, que eles iam invadir a casa. (...)

viraram a casa toda, acharam nada; chegaram era 7 horas da manhã e saíram mais de meio-dia. Nós sem comer, sem direito de comer. (...) Meu marido estava em casa, ainda não tinha saído pra trabalhar. (...) A gente, só ali, e de olho, com medo deles não botar alguma coisa; pra onde eles iam, eu ia atrás deles; aí, depois de virarem a casa toda, falou assim: 'Só se a gente procurar lá no telhado (...) e foram embora; outra vez voltaram, sei que isso foi três vezes.

(Marina Dias Virgínia)

"O pessoal tudo calado com medo de falar, porque nessa época era muita opressão, tanto o pessoal da usina quanto do pessoal da Liga Camponesa".

(Maria José Félix do Nascimento)

"O que eu me lembro, era que o povo vivia era tudo assombrado com essa história de Liga Camponesa. E chegava um bocado de gente da banda de Sapé, até policial vinha. E o povo, os morador se mandava no meio do mundo na carreira, assombrado, às vezes eles corriam ainda atrás, atirando, mas... Não sei se era pra pegar ou se não era".

(Dona Maria de Duda)

"Eu achava tudo errado. Errado porque se a gente fosse andar, fazer desordem à força, muita gente ia. Todo o mundo ia escondido, no domingo, no sábado, dia santo, vivia tudo escondido... e vinha aquela turma buscar".

(Epitácio Nicolau da Costa)

"[A turma das Ligas] Vinha buscar. Eu mesmo, em 62, estava com a perna quebrada, e vieram buscar três vezes em casa, e eu não fui. Eu disse: eu não vou. Estou com a perna quebrada, não posso ir. Ela [Elisabeth] foi... mandou um filho de Otacílio, lá, me buscar em casa. Eu disse: eu não posso, não. Ele disse: "ela [Elisabeth] disse que era bom que você fosse... (...) Aí eu cheguei lá, era uma turma de gente naquele pátio lá. Era gente demais, sabe? A polícia toda lá, e ela sentada, o filho dela [de Elisabeth] falando aquele programa pro povo, e tal... (...) "O filho dela [Abraão] falando lá. Ele disse se ganhar, ia ver as pessoas responsáveis pela morte do pai dele, o avô dele no espeto..." (...) "Quando eu saí, tinha um rapaz que veio atrás de mim. Aí ele disse: "Venha cá, volte, que eu mandei seu Epitácio ir embora, não mandei ele [o rapaz], não. Pode voltar." Aí o rapaz

voltou, e ficou até de noite. Mas, nesse intervalo, a polícia de Sapé veio, aí acabou com a Liga. Foi muita gente presa. Ele soltou o povo e acabou. Nesse dia, a Liga caiu, não valeu mais nada".

(Epitácio Nicolau da Costa)

"Depois, inventaram que o cabra que não fosse, apanhava na campanha. (...) Diziam que o cabra que não fosse, botasse o chocalho e levasse. E, justamente, pegaram, como pegaram um amigo meu, aí, e levaram. Eu cheguei aí nessa fazenda, e ele estava aí com o chocalho no pescoço, mandado por Dr. Assis Lemos. Não foi outra pessoa, não".

(Antônio Pedro Eugênio)

"Das Ligas? (tarefa de Elisabeth) Era, resolver o problema, qualquer confusão, no campo, eu ia falar com o gerente do campo, lá dos Engenhos ia falar. Na Liga Camponesa assinar as carteiras. Tirando as carteiras, assinando a carteirinha; que era eu que assumi a Presidência da Liga Camponesa, né, e falar também, lá nos campos. Quando eu fui até o Engenho Antas, que botaram oito moradores pra fora. Eu disse que não saíam, que eles foram lá na minha casa e disseram que não iam sair, porque não tinham condição de sair. Com os filhos, né, tudo numa situação difícil para sair de lá, e deixar lá a lavourinha que tinha por lá, em redor da casa e ele sair. Aí, eu fui lá e falei que não iam sair. Não iam sair e ele podia ter calma, que eles ia continuar lá, trabalhando no Engenho e no roçadinho deles. Aí, ele mandou a Polícia me prender. Aí, foi um Grupo de polícia me prender lá. Foi quando a menina se suicidou-se; foi um grupo de polícia, aí; bateram lá na porta, aí, disseram: "Polícia". Os carros da Polícia, foi até um Tenente no carro; tinha dois carros da Polícia. Aí, fizeram duas fila de policiais. Aí, ele me chama; aí, eu vou, né, de frente a minha casa, fizeram duas fileira de policiais; aí, quando eu dou um passo um tiro de um lado, outro do outro lado, outro de outro, outro de outro, outro de outro, até chegar lá. Quando eu cheguei lá o Tenente disse: "Entre aí, dentro do carro". Eu disse: "Tenente, tanto disparo foi este? É mais uma prova de covardia. Não mataram João Pedro de emboscada? Porque não me matam assim, com um horror de disparo que deram"? Ele disse: "Entre, aí"! Eu disse: "Não, eu vou buscar meus documentos". Aí, eu vim, voltei pra pegar meus documentos. Aí, minha filha estava na porta, Marluce Teixeira; aí, me abraçou e disse: "Mainha, vou me matar. Mataram painho, peguei na mão dele, me melei todinho do sangue; vão lhe

matar, também, mainha". Disse: "Vão não minha filha; estão fazendo isso para me fazer medo; não vão me matar". "Vão, Mainha, vão lhe matar". Aí, eu...: "Espera aí, que eu vou pegar meus documentos e eu vou presa, e minha filha fica aí, que eu volto". Aí, eu vim presa, quando cheguei aqui (em João Pessoa), Dr. Santa Cruz já estava para me defender. Aí, não fiquei presa não. Não fiquei presa, aí, volto; Dr. Santa Cruz me deu o carro dele e o motorista dele para me levar; que ele era meu advogado, foram me levar em casa, quando cheguei em casa a menina já estava passando mal. Que ela mandou a vizinha comprar o veneno, na Barra (de Antas), num armazém, lá, que vendia, que era pra matar, que era aplicado em bicho, aí ela tomou um copo com veneno e disse: "Mãeinha, olhe este copo aí; e eu estou morrendo mãeinha; eu vou morrer". Eu peguei ela, botei no braço, botei no carro que me levou e trouxe ela pra aqui. No mesmo carro. Voltei no carro. Falei com o motorista, ele disse: "Levo". Aí, trouxe (pra João Pessoa) e o médico que a examinou disse: "Ela está morrendo". E ela morreu. Já voltei com ela morta, lá para casa. Foi uma situação muito difícil, muito né. Aí, a menina mais velha morreu, Marluce Teixeira. Difícil, uma situação muito difícil pra mim. Eu era presidente da Liga, que quando mataram João Pedro, eu assumi a presidência da Liga".

(Elisabeth Altino Teixeira)

"Eu pouco fiz pela campanha. Eu fazia só mais pelo homem do campo. A luta pela minha campanha e para ser eleita, eu pouco falava; poucas reuniões, política. Eu seguia mesmo, era a luta pelo homem do campo. Era o que precisava da Liga Camponesa, que eu estava presente pra fazer, pra falar. Mas aí, me candidataram... Foi, mas não fui eleita não. Foram mesmo os... companheiros, os de lá mesmo, que queriam que eu fosse eleita, mas eu mesmo, eu lutava pela terra junto com o homem do campo, pelos direitos para que tivesse condições de sobreviver no campo; era essa a minha luta. Não era pela política, para ser eleita".

(Elisabeth Altino Teixeira)

"Quando era vivo, a coisa era muito boa, mas depois que mataram ele, chegou o medo no povo. (...) Porque veio muita opressão pro povo e o povo ficou muito medroso. Os proprietários oprimiam, chamando de... camponês. Chamava muito nome de comunista, daí, o pessoal ficava muito oculto com medo de levar este nome; dos camponeses, que queriam tomar as terras do povo. (...)O pessoal

não falavam na Liga, não falava em João Pedro, não falava nisso porque tinham medo. Falavam mais nada, só de boca fechada, sem comunicação com ninguém. O que sabiam, enterraram; fazia como nunca se ouviu nada. (...) fingiam como nunca aconteceu nada. Ficaram sem se comunicar; queriam conversar mais com ninguém".

(*Maria José Gomes*)

"Quando o homem era vivo, era uma coisa... Mas, a mulher entendeu, naquela época em que o marido morreu, de falar muitas coisas. Fazia um grupo de gente pelas fazendas... Saíam 2 mil pessoas, 3 mil pessoas, pelas fazendas, aí, para fazer campanha. E o povo se desgostou dela. Era o dr. Assis Lemos que andava por dentro das campanhas. (...) A polícia começou a perseguir o povo, começou a perseguir, e apanhou muita gente. Mataram gente. A polícia matou muita gente ... Depois que João Pedro morreu, trataram da revolução, não é? Elisabeth tratou a revolução. Fazia campanha aí de 5 mil pessoas, e o povo dizia que era para tomar a terra do povo [dos fazendeiros] aí. [Isso] seduziu [assustou] os senhores de engenho, seduziu, que iam lá com 5 mil pessoas. Daqui mesmo de Barra [de Antas], pegaram carro e mais carro, e iam para as fazendas; era um dismantelo. No tempo de João Pedro, que era um homem que não queria dismantelo. O dismantelo todinho foi quando mataram João Pedro ... João Pedro Teixeira era um homem que tudo dele era no direito, tudo era no certo. Não era homem que chegava para fazer corrupção. Com Dr. Assis Lemos e outros e outros, tudo rico que aí andavam com Elisabeth por aí, fazendo campanha. Depois, inventaram que o cabra que não fosse, apanhava na campanha. E quem não fosse Dr. Assis Lemos é quem dizia que o cabra que não fosse, botasse o chocalho e levasse. E, justamente, pegaram, como pegaram um amigo meu, aí, e levaram. Eu cheguei aí nessa fazenda, e ele estava aí com o chocalho no pescoço, mandado por dr. Assis Lemos. Não foi outra pessoa, não".

(*Antônio Pedro Eugênio*)

"Chocalho, que a mulher fincou, né, Elisabeth fincou e a opressão ficou em cima dela. Como era que aquilo ia valer? Então, os trabalhadores se reuniam e acompanhavam ela, e eles se viam oprimidos, então, também oprimiam os outros; então botavam o chocalho nos outros pra mostrar que também, eles tinham valor, se valorizavam. No povo do latifundiário. É, eles botavam o chocalho. (...) Era uma confusão muito grande (...) Entre os camponeses e

também com o outro lado... Diziam assim, que iam acorrentar os camponês, que iam todos acorrentados pra Cuba. Pra fazer medo ao povo."

(Severina Gomes)

Não era nem os patrões, era povo, os moradores deles, os que ficavam do lado dele. Camponês... iam tudo acorrentado pra Cuba. Ficavam nesta lei, nesta Reformã Agrária; fazer a Reforma Agrária mesmo, né. Ia chegar um tempo de ele vir, agarrar tudo e levarem tudo acorrentado pra Cuba. Não era nem os patrão, eram os moradores dos patrão".

(Maria José Gomes)

"Ficavam todos na pista, todo domingo. A gente ia para João Pessoa, não perdia um comício. Era eu... a gente estava com Elisabeth Teixeira... A gente ia tudinho. Ia Abraão, era o filho mais velho. Não perdia um. Falava que parecia... eu nem sei como era aquilo. Eu tinha a maior pena, quando eu via ele lá em cima, falando, em nome do pai dele: "Mataram João Pedro Teixeira, um pai de família. Deixou um bocado de meninos, todos pequenos. Por quê? Porque ele pune pelos trabalhadores. Ele era um homem que não fazia mal nem com um pinto".

(Ana Justino de Oliveira)

"Todo domingo a gente vinha para a casa de Elisabeth, que a gente era da parte dela. A gente gostava dessa carreata [passeata] que a gente fazia pelo mato, com zabumba, até lá. Todo domingo, todo domingo, meio dia em ponto, a gente saía".

(Ana Justino de Oliveira)

"A gente, quando chegava lá, fazia a carreata [passeata], muita gente, que era do lado dela. Ia aquele procissão... muita gente... Aí, chegava lá, ela começava a fazer aquele comício. Ela e os filhos falavam, tudinho, tinham que falar, gritavam mesmo, sem medo. Elisabeth nunca teve medo de nada. Ela subia em cima da cruz... e falava a bem da morte do marido dela. Eu mesma ficava com os olhos cheios d'água".

(Ana Justino de Oliveira)

"Eu tirei minha carteira (como sócio das Ligas), mas depois quando eu vi que a coisa arrouchou, aí não paguei mais. Deu negativo; mas meu nome ficou lá. Que quando Doutor Cassiano Ribeiro Coutinho foi para a sede das Ligas, intimou; pegou lá o livro e

reconheceu os nomes dos moradores todinho. Aí, intimou os trabalhadores, que eles eram do sindicato de Mamanguape. Tiraram lá a carteira das Ligas, que aqui (Sapé) era muito visto, e nenhum deles ficou na terra de Una, que era de Cassiano, que ele botou todos eles para fora; eu amparei um bocado deles, aqui. Dei chão de casa a um bocado deles; ...Olhe, nossa - minha saída do..., para não frequentar nas Ligas daí, de Sapé, era porque o meu patrão morava ali, no caminho para Sapé, nos Ambrósios; terra de Manoel Ambrósio".

(Manoel Bento)

CLIMA ENTRE OS PARTICIPANTES DAS LIGAS

"Eu penso que as Ligas até continuou mais forte ainda. Nós continuamos nas reuniões..."

"Eu penso que (as Ligas após JPT) até continuou mais forte ainda. Nós continuamos nas reuniões, e foi então que veio aquele desastre em Mari".

(Ivan Figueiredo)

"Apanhavam uns dos outros. Desunidos, porque uns queriam ir para um canto, que eram mais adiantados, e outros não queriam. E quem não queria ir, apanhava dos outros. Tinha que ir (...) aí botavam o chocalho, e o cara tinha que ir. Metiam o pau, e o cara ia mesmo. Era bruto. É por isso que, naquele tempo, [a Liga] não vingou, porque fizeram muita perversidade, fizeram muita coisa errada demais. Aí, não vingou".

(Francisco Antônio da Silva)

"O que eu sei contar é que havia muito cacete, não era? Muita violência, ninguém podia andar pelas estradas, que era chocalhado, se não quisesse ficar do lado deles... Era assim...: eu era o camponês, a senhora não era. Eu ia e lhe chocalhava. Para a senhora ficar do meu lado. (...) Olhe, se eu ia daqui pra ali, chegava ali, encontrava três caras ou quatro... Aí perguntavam: "Você está do meu lado?" Eu dizia: "Estou." Ali eu estava do lado dele, eu ia... não é?. Mas, se eu dissesse que não, ia, eu ia pro chocalho".

(Antônio Lacerda de Araújo)

"Das Ligas Camponesas, eu conto que sofreu muita gente... Um dia, eu trabalhava na Usina Santa Rita, e eu vinha pra casa de meu pai que morava aí, perto de Arlindo, na estrada mesmo (caminho entre Sapé e Cruz de Espírito Santo). Aí quando eu vinha, disseram: "Ei, você o que é?" Eu digo: "Sou companheiro". Porque eu vi, tava tudo, tudo armado. (...) eram os companheiros. Eu digo: "Eu vou"... "Cadê, cadê a carteira?" Eu digo: "Vou buscar a carteira" (...) "Tu vai, não vai? "Quando eu cheguei em casa (...) "Tu vai por aqui e volta pra usina. Volta pra usina e diz que não tem nem carteira." Aí, eu volto, num volto mais; atalhei o caminho por João Baltazar, ..., mas quando eu cheguei em baixo, encontrei o batalhão de novo. (...) Aí eu disse, mas não estou com a carteira. Aí ele disse: Mas vai tirar, né? Aí eu digo: Mas rapaz, a carteira eu tenho. (...) Aí eu tirei a carteira. Eu tirei, porque eles mandaram eu tirar. ...com medo, porque se não tirar... Porque ele disse que a Liga vai ser muito boa pra gente. Nós vamos ter sítio, vamos arrancar cana, vamos fazer sítio pra nós trabalhar e fazer a vida da gente. (...) De Massangana (...) vinha essa turma. (...) conheço, todos os nomes do pessoal".

(Severino Antônio Tertuliano do Nascimento)

"Diziam que era um negócio meio agitado: o povo brigava, saía encostando cana, metia o facão, pegava as outras pessoas que não queriam acompanhar. Diziam que botavam, à força, chocalho no pescoço. Tinha gente que corria, para não ser achocalhado. E outros gostavam. O meu pai mesmo gostava (Severino de Santana) (...) em Oiteiro (de Henrique Vieira), em Lagoa Preta (São Miguel de Taipú) fizeram uma concentração para lá".

(Luzia Gonçalves da Silva)

6.6 A REAÇÃO DOS LATIFUNDIÁRIOS

*"...Você vai trabalhar de vigia lá no portão.
A ordem era pra atirar.."*

"Eu cheguei em casa, papai disse: vai t'embora pra teu serviço na Santana (usina), Antônio. Aí eu tremi de medo. Vim por dentro, por Zé da Guia, passei uma ladeira muito grande, foi. Quando eu cheguei em Santa Rita, coitado, aí quando eu vi Dr. Fonseca, aí, ele disse: Antônio, você vai trabalhar de vigia lá no portão (...) na entrada da, da Usina Santana. Aí Dr. Fonseca me entregou o rifle, aí eu digo:

Não sei nem atirar com isso não, senhor. (...) Vigilante pra ninguém passar (o pessoal das Ligas), nem pra cá nem pra lá. (...) A ordem era pra atirar. (...) quando foi no amanhecer do dia, lá vinha meu tio Mané que já estava com a casa feita em Gajaú (Cajá) com a família dentro (...) lá vinha ele com toda carreira. Aí quando vi, disse: 'Meu Deus! O que é que eu faço com o meu tio Mané?' 'Invadiram minha casa, já botaram abaixo, em Gajaú, (...) a família está debaixo de um pé de pau'.

(Severino Antônio Tertuliano do Nascimento)

"Em 60, (...) fizeram eu ir trabalhar a força. Eu ia trabalhar ou levava uma pisa. ...Eu tinha matado um Tijuacu no mato, ... pra comer que não tinha nada em casa. Nem feijão, nem farinha, nem sal, nada. Eu mandei a minha mãe (...) tomar um litro de farinha emprestado. (...) Estava cozinhando (...) chegou o administrador e um vigia..., um tal de Valdemar e um tal de Zé Duarte, que era o vigia da usina, capanga da usina. Chegou cada um com um cacete, aí disse: - Tu não foi cortar cana, não? - Fui não, não tinha o que comer, matei um Tijuacu, (...) vou comer e vou. (...) Eu morando aqui (Usina Sta. Helena) e cortar cana na Ponte da Batalha de pés. Era longe (+ 10 km)... O meu Tijuacu está torrando e vou já. Disse: Não, aí saltou com o cacete e disse: " - Aqui, não é pra mim não, é pra gente teimoso. Ou vai cortar cana ou vai apanhar agora. Aí o administrador disse: - Eu, que sou eu, não comi ainda hoje, acordei às quatro horas da manhã para poder trabalhar. Ou vai ou vai apanhar. Eu digo: - Vou. Peguei o facão e meu cadastro. Aí peguemos o facão cego e chegemos quase dez horas, lá na Batalha. Cortemos de se acabar, só da viagem só para fazer o gosto deles pra não levar cacete. Nós foi e voltemos ... Nesse mesmo dia, foi que peguei meus troços e deixei minha mãe sozinha, lá com meus irmãos tudo de menor. Aí procurei Maraú, dr. Marinho (...) gente muito boa. Ele mandou ver minha mudança, no mesmo dia, sem me conhecer sem nada... Aqui eu pago um dia por quinze mil réis. Você lá passando fome com quarenta mil réis e com quinze aqui (...) você faz o que puder. ... Você trabalha um dia, o outro trabalha onde achar por mais. Eu digo; - Tá certo. Aí ele me deu um canto. Quando chegou me deu um meio saco de farinha, meio saco de feijão e uma pedra de açúcar, que dava uns dez quilos de açúcar bruto. O Engenho tinha parado, mas ele tinha muito açúcar ainda. (...) Arrumou serviço pra mim no barracão do homem. (...) Aprendi umas continhas e (...) matar um porco com um homem que eu vi, lá na praça, em frente do eiro do barracão... Fiquei

de lá pra cá, segurei o rojão negociando. Matando uns porquinhos. Aí, voltei pra usina de novo. O homem foi-se embora pro Rio, queria me levar, não tinha documento, não fui. Aí voltei pra trabalhar na usina de novo. Me sujeitei um bocado de tempo ... Em 63, me casei. De 63 pra cá não trabalhei em serviço pesado mais não. Meu serviço só era de empreiteiro (...) contratando trabalhador mesmo. (...) era uma turma de homem limpando cana ... Homem, menino, mulher. ...ele botava aquela turma de gente pra trabalhar e ganhava uma percentagenzinha ... Eu recebia ordem deles e não fazia. - Seu Artur é pro senhor arrumar uns dez homens pra encher carro a noite todinha, chovendo. (...) Para encher na mão, que não tinha enchedeira ... Dez caminhão de cana hoje de noite. (...) Arruma dez homens que dar para encher na noite. (...) o que não quiser ir corta a corda da rede e manda ir embora. (...) deixa cair com tudo ... Trinta, quarenta homens numa barraca só, num galpão ..., a ordem que eu tinha era pra passar a faca na corda da rede. (...) Eu digo: - Eu não vou cortar, porque se cortar a corda, ele ia achar ruim e queria matar-me também. Aí, eu era amigo de todo mundo. Trabalhava com toda qualidade de gente. Aí, eu nunca fiz isso. Quem não queria ir, não ia mesmo e no outro dia (...) "Porque não cortou a corda daqueles filho da puta?" Eu digo: "Não, mais eu vivo dos meus trabalhador, se os trabalhadores forem embora não tenho de que viver. (...) Carregava no burro (a cana cortada). Lá botava no braço e no burro. O burro tombava pra a estrada, assim o carro vinha pegava e ia enchendo. O carro não entrava. Enchia no braço. (...) 50 a 60 vagões, aqui ... Ia para São João (usina). A linha do trem emendava daqui pra São João, ali por dentro. Carregava também, ali por Sapé, por dentro. Ali pelo outro lado do rio tinha máquina (trem) da Coroa, que vinha buscar até ali, em Consolação. A divisa dele era aí, em Santa Luzia. De Santa Luzia pra cá era Santa Helena, pra lá era São João".

(Artur José de Carvalho e Josefa Davi de Melo)

"Naquele dia, que eu te falei que ele (Missias Cruz) machucou o pessoal (...) por causa de um incêndio que houve (na cana)... Foi uma faixa de umas doze horas (...) (Martins Medeiros) estava almoçando. Chegou o gerente da usina, e Missias na caminhonete Pick-up. (...) Aí, Dr. Luiz Carlos disse: - Oh! Martins, tu viu quem botou fogo nessa cana? ... Ele disse; - Doutor, o senhor tem um vigia, o senhor bote seu vigia pra olhar, que não sou vigia de ninguém não. Aí ele com a metralhadora, ele pegou um saco ali. E disse: - Missias abre esse saco aí e manda esse homem entrar para dentro. Um saco

de estopa. Aí o homem entrou para dentro do saco pra não morrer na hora, (...) amarraram a boca (do saco),... jogaram na caninhoneta e levavam para Engenho Novo. (...) E saíram juntando os outros, (...) perguntando quem tava no corte da cana na hora. 27 pessoas, cada uma levou uma pisa. (...) O incêndio num lugar que chama: o Buraco, (...) ali de Santa Luzia, que chama o Buraco de Jesus... (...) O incêndio foi ali. Dali, pegou fogo, veio queimando por Araújo por todo canto. Aí chegou o Missias ... para os trabalhador dizer quem foi que botou fogo no canavial. ... O gerente (Luis Carlos) disse assim: - Sabe já, já. Prende tudinho, que num instante se sabe. Aí prendeu todos os trabalhador que estavam e levaram para Engenho Novo, lá para Dona Helena [nome do atual assentamento]. Não tem um galpão grande? Levaram para aí, e aí, o pau falando ... Amarraram assim pelo mocotó, pendurado num pau (...) de pesar algodão. Penduraram aí, puxava: - Porque agora vão andar de avião? - Vocês sabem quem botou fogo na cana? Aí o cara: - Sei não, sei não. - Pois vão andar de avião. Balançavam o caminhão, que nem uma canoa e metia o cacete para lá e para. Aí, puxaram (...) na corda e eles subiam para descer do outro lado. E o pau falando no centro... Pendurado nos pés amarrado nas pontas das mãos. O Martins foi que respondeu... aí, ele foi pra dentro do saco e tome peia ... Martins com poucos dias morreu, em Várzea Nova. Agora, a Usina indenizou, depois. Indenizou tudinho".

(Artur José de Carvalho e Josefa Davi da Silva)

"Bartolomeu (Berto). Levou o homem preso..., morador do pai dele (de Catindu). Levou pra delegacia. Castigou o homem o velho. (...) Levou o homem preso com a perua pendurado no pescoço. (...) ele comprou (na venda da família, encostado em Adalberto Rosendo), aí não saldou nada. (...) Era num sábado. Aí foi lá. Disse: - Senhor Alexandrino, que era o pai de Bartolomeu, me dê um vale pra eu comprar comer pra meu filho, que está chorando com fome, e minha mulher também, não tem nada pra comer, e nem eu. Que eu não saldei nada, o que eu ganhei foi um vale. Aí, ele disse: - Eu não tenho vale pra dar hoje. Só segunda-feira quando trabalhar. Aí o cabra ia passar sábado e domingo com fome até segunda-feira, quando trabalhasse. Ele foi daqui pra casa (...) "- O que encontrar, uma perua, um pinto, um bode, eu pego mato e como. Então eu vou roubar. Eu não vou morrer de fome." Aí pegou duas peruas lá meio dia no sol quente tava nas moita, lá. Pegou as duas peruas, estava torrando uma. Disseram...: - teu morador pegou uma perua ali, e vai

comer. Ele disse: - Vai nada. Vai, num vai, aí, pegou um tal dum velho Pedro, que era vigia da Usina, que mora aqui. ... Aí, pegaram o homem, (...) amarraram a perua no pescoço, que nem um gancho, com a mão pra trás. A perua, uma estava morta, já torrando. Amarraram com a mão pra trás e a perua na frente ... Aí, ele, seu Pedro e (...) Manoel Gonzaga, vigias da Fazenda, (...) saíram machucando. Quando chegou na rua: - Aí você grita: - Sou ladrão de perua. Ele saiu gritando (...) todo ensangüentado... de pau. Na rua gritando: - Sou ladrão de perua. sou ladrão de perua... aí levaram para o delegado. Chegou lá, o delegado desarmou o Bartolomeu e desarmou o vigia de Dr. Renato (Ribeiro Coutinho). E desarmou o outro, Luiz Gonzaga. ... E prendeu todos três. E o resto prendeu também. E levaram o velho para o hospital, o velho todo machucado e fizeram o pai de Bartolomeu dar de comer a ele até ele ficar bom. Aí penderam os três, e de noite Dr. Renato mandou soltar o vigia. O velho Alexandrino de noite, falou com Dr. Renato. Ele mandou soltar Bartolomeu e o Gonzaga ficou lá preso bem uns dezessete dias, que quem soltou ele fui eu, que o delegado era muito amigo meu, se dava comigo aí, eu vi ele passando fome lá, já morrendo também. Falei com ele, ele soltou. (...) O Tenente João Batista disse assim: - (...) vocês não é justiça pra vocês fazer uma coisa dessa. Se o rapaz errou vocês tinha que comunicar a polícia e a justiça agia. (...) vocês estão errados. (...) Tá errado porque trouxe o homem algemado de lá. (...) amarrado de corda ... E está errado, porque você entrou dentro da delegacia como se você seja um general. Aí logo desarmou ele tomou o revolver, tomou o cacete, faca, espora ficou tudo preso, lá".

(Artur José de Carvalho e Josefa Davi de Melo)

*...eles fugiram por conta dessa
perseguição às Ligas Camponesas,
por serem inscritos com as carteiras...*

"A gente [morava] no Sítio Mata [que] faz parte da Fazenda Gendiroba, em Mari. Lá existia um pessoal que já morava lá, que tinha a carteira das Ligas Camponesas. E nós fomos umas das [famílias] que chegaram a morar na casa de um deles, que teve que fugir à noite, para Mamanguape; e outras mais, por exemplo, o Sr. Antônio Bontempo era muito conhecido lá. E eles fugiram por conta dessa perseguição às Ligas Camponesas, por serem inscritos com as cartéiras. Então, eles eram procurados, para serem tomadas as armas. Eles chegavam até a enterrar as armas debaixo da terra. Cavavam

um buraco e enterravam para não serem encontradas pelos empregados da fazenda, pelos vigias, e com a ordem de Renato Ribeiro. Por isso o pessoal se amedrontava e fugia à noite".

(Maria da Penha Lima de Souza)

"Passou duas redes aqui, a rede pingando sangue..."

"Eu conheci duas mortes feitas aqui, muito pertinho, numa casa de farinha, ali. Eu sei contar isso porque eu vi, escutei os tiros... Um foi passar pelo arame, a bala pegou mesmo, ele ficou engalhado em cima do arame. Um outro correu pro lado da vargem, em cima da ponte: quando foi passar, atiraram... Mataram os dois homens. Passou duas redes aqui, dois enterros de rede, a rede pingando sangue, pelo fundo da rede, uma coisa que nunca na minha vida eu tinha visto... Isso foi uma coisa que nunca mais ninguém se esqueceu disso, nunca mais, nunca mais. Mas porque Deus é tão justo, lá em cima tem um tribunal que lá só paga quem deve".

(Sebastião Severino Monteiro)

"Os proprietários de terra que também viviam da agricultura, sujeitaram os moradores a abandonar o sistema e suas atividades, e a virem para o eito da fazenda, trabalhando três dias ao custo que o proprietário quisesse pagar ... O proprietário da terra sujeitou o algodão. O modo de pesar era um peso de 20 kg, mas o peso mesmo mais correto era o de 25. E muitos deles eram de 28 e 30 kg. Os proprietários só pagariam por apenas 20 kg. E quando, por acaso, os moradores, para sanarem seus prejuízos, vendessem o algodão fora, a recompensa era levar um banho de cipó de boi, [de modo] que muitos não chegavam a ver o fim ... Com o terror da polícia em propriedades desses proprietários de terra acontecia de os moradores abandonarem suas casas, fugindo das agressões da polícia, na parte da noite, pois eles eram mais agressivos. Mulheres parindo no mato, às escuras, como vacas. E a polícia cumprindo ordem dos proprietários de terras, derrubando casas, impedindo as atividades dos que, arriscando a vida, reagiam, no trabalho de suas atividades Os proprietários, o que faziam? Quando queriam um capanga para matar qualquer uma pessoa de seu interesse, levavam o carro até as encostas dos muros do presídio e daí, só custava o presidiário pular o muro, seguir no carro, praticar a chacina e voltar para o mesmo setor, e dificilmente sabia-se quem havia praticado o crime".

(José Hermínio Dionísio)

"Dr. Renato Ribeiro Coutinho chegou e disse aí numa bodeguinha de um primo meu, aí, foi e falou para ele: "João, abandone essa lei, João." Ele [João Pedro Teixeira] tinha dado a feira ao povo, em Sapé. Pediram a ele, e ele deu. E foi comprar fiado, na bodega de um primo meu, que mora do outro lado lá do rio, onde tinha a bodega. Ele [Renato Ribeiro Coutinho] disse: "Você abandone essa lei, que eu lhe dou um milhão de reais [sic], você ganha aquela terra de seu sogro." João Pedro Teixeira disse: 'Não adianta eu hoje ganhar um milhão de reais seus, e ganhar esta terra do velho meu sogro. Amanhã, os meus filhos estão todos de barriga cheia, e ver os filhos dos meus companheiros morrendo de fome. Quando têm a escola, não têm o livro. Quando têm o livro, não têm a escola. Quando têm o sapato, não têm a roupa. Quando têm a roupa, não têm o sapato. Assim, eu tenho que lutar pelo estilo de Cuba. Pelo que eu vi em Cuba, eu tenho que lutar' "

(Antônio Pedro Eugênio)

"Os proprietários se incomodavam porque sabiam que iam perder com a liderança do povo, não é? Muitos perderam, muitos já morreram. Têm alguns vivos ainda, na mesma idéia. Nenhum homem desses hoje, ricos, tem esquecido disso, nenhum homem rico quer amizade a pobre, nenhum quer que a mesma desgraça que já existiu volte de novo".

(Antônio Amâncio)

"Um fazendeiro agia de um modo, outro agia de outra maneira. Outros consideravam as Ligas. Mandavam que eles se entendessem, o fazendeiro mandava que eles se entendessem no Sindicato. Depois fosse lá se entender com ele, pegar um acordo, não é? Outros não tinham consideração, iam lá com a finalidade de entrar em atrito, como houve vários casos de ameaças de morte, tiroteio".

(Elias Pereira)

"Chico Augusto (Francisco Augusto fiscal das Ligas em Sapé)... estava doente, lá em Marauá; aí, quando deu fé apareceu a polícia, atrás dele; e ele estava doente, estava com uma febre medonha. Mandaram ele sentar, e ele sentou-se. Aí mandaram ele de ir andar com eles, em Antas do Sono. Lá, no rio Gurinhém, que estava meioão (com muito água); ele disse; "Eu não posso que eu estou doente." Aí disseram "Não pode? Você pode estar na Liga Como você pode, então, ser fiscal da Liga Camponesa? Fiscal é para dar conta de

tudo. "Aí, ele também não quis mais teimar. Aí passou tudinho, no espinhaço dele, feito um burro. Carregou todos eles, na costas, atravessan-do o rio, de modo de eles não ficassem molhados; e ele se queimando de febre... Ele tinha que ir, e ia mesmo, né. E também, ele era um pouco - muito... atira-a-ado... ficou em casa, doente (...) com aquela febre danada; entrar dentro de um rio, com a água quase até a cintura; e para carregar àqueles soldados todinho para eles não se molharem... Aí ele foi se embora para Itapoá (Município de S. Miguel)".

(Manoel Bento)

6.7 A SITUAÇÃO NAS ÁREAS DAS LIGAS DURANTE E APÓS O GOLPE MILITAR

*"...os policiais foram lá e trouxeram gente presa.
Os proprietários jogaram os moradores fora.."*

"Quando veio o golpe... os policiais foram lá e trouxeram gente presa. E quando vinham, já no chicote, e passavam todos banhados de sangue. Não conhecia nem as pessoas, mas foi verdade...

Foram presos. Vinha preso esse pessoal. Depois passavam um ou dois dias, lá, e voltavam porque eram pobres, não tinham nada com isso aí, não é? Na história do Golpe, a revolução em Sapé foi uma tristeza. Sapé ficou uma tristeza. Para todo lado em que a gente andava, só era o que o povo falava. Essa revolução era triste, fazia medo... Esses eram os mandões: Luiz de Barros mandava os policiais chicotear o pessoal. Ele era quem mandava. Ele e o capitão Ferreira Vaz... Eles passaram uns três meses, uns noventa dias, nesse vai-vém, nessa correria, [e o povo] apanhando, apanhando muito. Foi tempo em que foram expulsos muitos moradores, foram embora da terra. Hoje moram na cidade, por conta disso. Nessa época, depois disso aí, os proprietários jogaram os moradores fora. A maioria não quis mais os moradores. Aí saíram todos e foram morar na cidade. Nova Brasília [um bairro de Sapé] é formada toda desse pessoal. Quase todos, três quartos daquele pessoal ali vêm da zona rural. Eu conheço a história. E agora tem mais. [Foram] milhares de pessoas, porque São Salvador tinha muitas casas, aqui tinha muitas casas. Fazenda Una tinha muitas casas. Eram muitas, na zona rural, e a maioria desse pessoal saiu, porque os proprietários, depois que abrandou a coisa, não quiseram mais os moradores... Aí ficou a zona

rural quase sem trabalhadores. Já agora, tem mais. Já estão chegando mais, porque tem esses assentamentos".

(Antônio Domingos de Oliveira)

"Essas ações, a gente tinha. Por exemplo, aqui a gente soltava às vezes um pó, o pessoal já sabia que ia ter reunião, porque estava acontecendo alguma coisa. Esse Luiz de Barros uma vez me pegou ali na rua e me chamou e disse: "Olha, quando for fazer reunião, tem que me comunicar." Eu disse: "Está certo, coronel, está certo." Comunicar a eles? Para eles irem lá e interromper, empatar, a gente não ia. Eles ficaram danados por isso. Eles ficaram sem saber onde era, nem coisa alguma. Ficavam todos perturbados. Mas, a gente não ia avisar o inimigo que ia se reunir, não. Eles, quando iam se reunir, não nos convidavam, nem diziam, nem nos queriam lá. Sei que a luta cada dia ficava mais difícil. Mas, deu tudo certo, no fim. Morreu um bocado de gente, mas ninguém desistiu da luta, não. Aí houve o Golpe (...) o pau vadiou mesmo, para acabar ... O Luiz (de Barros) não era gente boa ... Era um cabra meio ruim..., consegui estar com ele, quando era chamado àquele quartel, na cadeia. Ali (...) estava aquele mundo de soldados, aquela agressão medonha. (...) A perseguição ninguém podia interromper".

(Ivan Figueiredo)

*"...o povo sempre acreditava
que o sangue que tinha sido derramado,
ele não ia ficar enterrado, ele ia nascer de novo..".*

"Depois da revolta ..., essa revolução de 64, (...) ninguém tinha sossego aqui não (...) a polícia vinha pra obrigar os moradores daqui, desativar as casas que tinham sido construídas, sem permissão sem autoridade de ninguém ... Foi a época que todo mundo correu ... Uma noite de chuva, trovão, relampejando, (...) chegou Dona Severina Martins, que era a esposa do Seu Severino Lupicínio ... Todo mundo tinha medo das lâmpadas (lamparinas que) estavam acesas. (Ela) bateu na porta, aí então, Mamãe disse: "Quem é?" Ela disse: "Sou eu, comadre Juraci." (...) "A Senhora cale a boca (...) fale baixinho que a polícia está por aí para fazer o povo desativar as casas " ... (...) Seu Severino, (Lupicínio), Seu Manoel Dantas e Seu Manoel de Nozinho, já estavam no mundo também com medo pra não irem desativar as casas (...) Essa noite, foi um terror dentro de casa; (...) dormiram todos lá em casa".

(Josefa Maria da Silva)

"Foi na derrubada da Liga Camponesa, quando os ditadores chegaram; tinha o tenente... Luiz de Barros em Sapé e ele autorizava esse pessoal fazer isso tudo. E todo mundo tinha muito medo, porque ninguém queria ser contra ninguém. Aí, começaram também o pessoal que já estava organizado e já entendiam também dos direitos que eles tinham, aí eles também tinham coragem de falar a verdade. De dizer o que estava certo e o que estava errado. Foi daí, que começou a morrer trabalhadores (...) houve lá em Mari ... Foram onze mortes. (...) Papai foi participar também desses enterros. (...) Ele contou da multidão que houve ...os discursos que foram feitos ..., que o povo sempre acreditava que o sangue que tinha sido derramado, ele não ia ficar enterrado, ele ia nascer de novo".

(Maria do Socorro de Paiva)

"Meu padastro, Antônio Correia, ele trabalhava ...na usina Santa Helena, numa carroça carregando defunto de domingo pra segunda. Era o trabalho dele ... Então ele dizia à gente que a estrada do Bonfim era uma mata, era onde os urubus comiam os corpos que ele transferia de dentro da Usina, que eles matavam e faziam ele trazer dentro de ramos de mato e jogava. Então quando ele não agüentou mais fazer este serviço ele saiu, foi embora, comprou uma terra em Maraú e foi morar. ...Ele foi embora daqui, não levou direito de nada, só porque ele não se agüentava mais fazer este serviço. ...Ele já morreu com 86 anos, mas ele contava tudo ...; que os urubus comiam; cavava aqueles buracos e enterrava aqueles ossos. (...) Isto aqui agora é roçado e depois foi cana, mas em 1965 era mato, era aí onde eles devoravam os corpos, plantaram cana, devoraram a mata e plantaram cana. Os trabalhadores 'não viam os ossos', tinham medo, ninguém dizia nada a ninguém, porque o que o povo via antigamente, uma morte, via eles matando, podia ver mas eles não diziam porque eles tinham medo do patrão. Quando desaparecia, não chega em casa de ninguém, ia procurar o corpo de ninguém. Quando não chegava em casa de noite, ficava por isto mesmo, ninguém ia não, quando desaparecia, porque sabia que era a indústria (usina S. Helena) que fazia ... Quem apanhava, apanhava, ninguém dizia. Veja que nem meu cunhado, ele saiu correndo daqui à Rio Tinto, de pés, por dentro destas matas, pra não morrer. Hoje ele mora aí em Sapé, um homem doente".

(Hilda da Conceição de Melo)

"Muitas vezes fui presa, os policiais iam me prender, faziam fila, duas filas de policiais, o tenente ficava lá distante, me chamava pra caminhar na minha caminhada, tiro de um lado,... cada passo que eu dava era um tiro de um lado, outro de outro... Quando eu chegava lá, eu dizia cara a cara com o tenente: 'Tenente, esta é mais uma prova de covardia; não mataram João Pedro de emboscada, pelas costas? E por que vocês não matam-me frente a frente, aqui?' Atiram nos meus pés cobertos de terra, meus pés cobertos de terra, de tiros, isso é mais uma prova de covardia. - 'Entre dentro do carro!' Aí eu entrava dentro do carro, eles me traziam presa. Quando chegava aqui, tinha um advogado, Dr. Santa Cruz, e eu não ficava presa, era liberada e voltava e continuava a luta para o que desse e viesse. O Golpe Militar foi que fez o recuo da minha luta. Com o Golpe Militar eu fui presa, tirei prisão e não pude mais continuar a luta. Tive que fugir do meu Estado para um outro Estado, para o Rio Grande do Norte, com a identidade falsa de Marta Maria da Costa...

(Elizabeth Teixeira)

"Na eleição de 68, (...) Paulo de Gino apoiava José de Farias, pelo PMDB (...) e Abílio Dantas apoiava Zé Domingos, pela ARENA. Zé Domingos ganhou e Abílio Dantas foi comemorar a vitória lá em Espírito Santo. (...) sei que se encontraram os dois ali na casa que foi de Luciano (Cunha)... Na loja de Antônio Cunha.(...). Quando chegaram ali, (...) acho que alguém falou sobre a eleição. Eu sei que morreu Abílio Dantas, Paulo de Gino e Pedro Cunha. (...) Saiu baleado Dona Iolanda e Lucinha Cunha. (...) Ainda foi por conta das Ligas. Rixas. Ainda por causa da Liga Camponesa. Porque Paulo de Gino também era o mestre da Liga Camponesa e não abandonou, porque ficou na sede do Sindicato (como presidente)".

(Maria do Soc. de Paiva e Maria José Luiz)

...Esse homem apanhou tanto que até a época que morreu ficou sem o juízo dele...

"No Golpe Militar. Aí, ele (Elias) foi preso e ficou mais de trinta dias. Foi muito sério. Tinha muito sofrimento pra gente. Ele diz que lá foram muitos. Tinha esse senhor, o Pedro Fazendeiro. (...) sei que eles estavam num salão e ele estava noutro, no mesmo tempo. (...) era muito pau, muita sujeira dos proprietários, juntos com a polícia Eles já vinham fazendo o seguinte. Numa Fazenda, o escalador vem: "Vai ser preso fulano, fulano e fulano. Aqueles que não havia jeito

de fugir, eram pego tudo de uma vez e vinham algemados, apanhavam muito; apanhavam de fazer dor. Tinha pessoas que não fazia parte, mas dava algum toque (contribuição). Como teve um, que é um senhor, que disse: "Seu Elias, eu escutei pelo rádio que vão atacar, em Alhandra, e vão pegar todos, e principalmente os presidentes. Aí, ele avisou: "Elias, você sai". E saiu de quarto horas da manhã, caminhando. Aí, pegou um ônibus ... E tinha, aqui, um proprietário na Faz. Acais e ele tinha muita raiva, principalmente de Elias. Eles faziam fuxico, faziam do disse me disse do exército; dizia que Elias recebia armas de Cuba. Que tinha chegado carradas de armas e que era tudo escondido, lá, em casa. (...) nada (disso) se passava. E um dia aconteceu o seguinte. O exercito invadiu lá em casa e o chefe vinha conversar com Elias, lá pra dentro. E ele ficava assim, e Elias dizia: "Não, nós temos uma farmácia... (...) Chegava uma pessoa para despachar. Aí, me lembro, que certa vez, chegou, dois soldados de lado, olhando os remédios nas prateleiras. Encarei ele assim; fiquei fazendo que não tava entendendo aquilo. Mas eu vi, quando ele tirou um vidro de remédio; dois litros de remédio, assim, e queria colocar uma arma, por traz destas prateleiras. (...) Quando eles viram, que eu estava de olho, eu disse: "Olha, as armas que nós temos são foices. Neste tempo nós tínhamos um sítio de bananeira. Eu disse: "O senhor quer algum vidro de remédio? Quer algum remédio? Ele disse: "Não, eu tava somente olhando, este vidro de remédio para que servia". E eu disse: "Sim, eu sei que o senhor estava olhando. E isso aí, que o senhor estava colocando? Isso é uma arma! " É. Ele disse: "Não, foi por esquecimento. Que botei assim..." Digo: "Oh..." (...) Viu, se eu não tivesse dado conta, ele tinha nos prejudicado. E isso aconteceu várias vezes. Às vezes levava, mas Elias era muito vivo; sabia bem se defender. Aí, enquanto isso, o povo aqui do lugar, dizia: "Êta, Elias agora não volta mais. Ele agora vai e não volta mais". Aí, ele voltava. Ainda bem que voltava".

(Nilza Pereira)

"Foi uma coisa, uma coisa horrível, uma coisa horrorosa. Pegaram o pai de Antônio Otávio, meu Deus do céu, que morava perto da fazenda. Deram tanto nesse homem, inventaram que ele tinha um tambor de arma. Diziam que as armas todinhas dos camponeses, ele era quem tomava conta. Inventaram, levaram ele preso. Esse homem apanhou tanto que até a época que morreu ficou sem o juízo dele. Perdeu o juízo. Perdeu o juízo dele nessa época, que era um homem trabalhador, um homem forte. Aí inventaram que ele estava com as armas dos camponeses...

Depois das Ligas, depois da Revolução, foi uma negação. A gente não trabalhava mais, não deram roçado pra gente; eu morava na cozinha da escola fazia merenda sem receber dinheiro. Nessa época acabou a escola, o homem tirou a escola. Já tinha tirado a escola da fazenda, lá na cocheira dos cavalos pra lá, não tinha sala, mas ele botou lá na casa de farinha. Desocupou a casa de farinha e botou a escola para lá. Deixou lá isolada, tomou a sala da escola e fiquei morando só na cozinha. Sem trabalho. Meu marido trabalhava na Maguary (Fazenda). Os meninos com 10 anos começaram a trabalhar na Maguary para ajudar o pai. Minha vida ficou uma tristeza, Tonny. Não gosto nem de pensar. (chora). Sofri muito, sofri muito naquela época. Sem ter nada na vida, sendo odiada de fazendeiro, sendo odiada de patrão. Foi tangido todo mundo, depois disso foi 72 morador tangido de São Salvador para aqui, para morar nas ruas. Quem tinha dinheiro ainda comprou uma casinha, quem tinha um sítio ainda recebeu dinheiro para comprar uma casinha. E eu vim sem nada na vida. E vim num carro de boi, numa carroça de bói, que ainda consegui para fazer minha mudança, trazer minha mudança, aqui pra Sapé. Morar numa casa alugada, sem ter ganho, sem poder pagar".

Aí quando houve essa história da revolução das Ligas, aí então, botaram na cabeça do povo que essa escola era montada pelas Ligas Camponesas (trabalho de Alfabetização do CEPLAR – obtido em negociação das Ligas com os governos federal e estadual). Mas acho que não foi pelas Ligas Camponesas. Aí a polícia nesse tempo tinha Luiz de Barros, tinha Tenente Sá, aí mandaram recolher todos os rádios para a delegacia".

(Isabel Regina Reis)

"Naquela revolta ela (Maria Augusta de Massangana) vendeu. Foi em 64 que ela vendeu. Vendeu a um chamado Abílio. O Abílio que era estoporado e que era muito amigo de Dr. Pedro Gondim. Era até compadre do Governador. Ele estava com uma força que para botar um trabalhador para fora ele destelhava a casa quando comprou. A Liga terminou, aí, ficaram lá em cima, lá em cima de novo e faziam o que queriam. (...) o pobre sofreu..., muito..., foi... Aí, mandaram destelhar a casa.

O foro, o camarada pagava..., quem pagava cem mil reis, queria que fosse logo duzentos, trezentos, os sabidos. Era assim. Homem, destelharam a casa, lá de amigo meu, lá perto onde eu morava".

(Manoel H. Dantas)

"Realmente ele foi assassinado em 62, e em março de 64 arreventou o golpe militar, que todos os camponeses foram dispersos de suas casas, de suas residências, outros foram embora, abandonando seus familiares. Inclusive Ivan Figueiredo, foi embora para o interior do Rio de Janeiro e lá permaneceu até a anistia da clandestinidade".

(Expedito Maurício da Costa)

"Na época das Ligas, quando caíram no Golpe Militar... Foi em abril – mais ou menos no dia 27, chegou um carro de polícia, inclusive com o capitão Ferreira Vaz, que na época dominava Sapé, e quatro policiais chegaram à casa do meu pai: – "Eu vim aqui, porque a gente sabe que você tem uma arma, e tal e tal... e eu sei que levou pai preso, à noite. Ele foi, minha mãe acompanhou. E, três dias depois, minha mãe chegou em casa, e falou que meu pai estava lá, numa situação muito difícil. Tinha levado muito couro. E aquela foi uma situação muito difícil para mim. Juntou-se o medo – porque eu já era de maior – com essa tragédia, porque eu chamo isso uma tragédia: pegar [meu pai] de surpresa, assim, quase na data do meu aniversário. O aniversário foi essa tristeza. Meu pai foi preso, passou um bom tempo aqui no presídio de Sapé... Minha mãe ia sempre no presídio. Depois, ele pegou uma pedra lá e baixou na cabeça dele, aí rachou a cabeça... [Assim disseram:] uma estória sem lógica! Lá no presídio. No presídio, em Sapé. Aí disseram: "Pronto, ele enlouqueceu. Tem que levá-lo para a colônia. Nesse tempo, nem chamavam manicômio, chamava colônia, mesmo. Ele foi e passou um tempo. Eu sei que, para finalizar, ele passou três meses e uns dias entre a colônia e o presídio. E, quando ele voltou, nós passamos um ano tratando dele, para chegar um pouquinho do juízo. Um pouquinho".

(Antônio Domingos de Oliveira)

*...Passou três meses entre o presídio e o manicômio;
tinha levado muito couro...*

"Meu pai [Otávio Domingos de Oliveira], ele tinha guardado esse rifle de seu Ivan. Seu Ivan pegou o rifle e deu a ele, para ele endireitar com Né Barbosa que morava no Sítio Pedra Branca, onde ele endireitava armas de fogo, essas coisas, não é? Quando ele levou a arma para endireitar, foi o tempo que aconteceu esse problema. Seu Ivan disse: – "Seu Otávio, fique com esse rifle, lá. Não traga

para cá, não, porque está havendo isso, e o senhor fica [com ele] por lá." Também, acho que ele não maldou, que ia acontecer essa coisa, mas infelizmente aconteceu, e ele [meu pai] foi preso por conta disso... Foi depois do Golpe, no dia 27 de abril, mais ou menos, quando ele foi preso. Quando ele chegou, foi no mês de julho. Passou três meses entre o presídio e o manicômio. Quem o libertou foi o tenente de João Pessoa. Disse que o homem tinha enfraquecido. E ele não teve mais nenhum problema. Quer dizer: ele tirou o tempo dele. Mas, também, não teve mais nenhum chamado. Mas, apanhou muito, foi muito massacrado e perdeu a memória. E lá inventaram que ele pegou a pedra e lascou a cabeça dele. Não foi. Foi um cassetete, foi isso aí".

(Antônio Domingos de Oliveira)

"Travou-se uma luta da qual participou um advogado em defesa dos colonos, que se chamava Francisco Julião. Com a marcha do movimento, o Presidente João Goulart tomou uma decisão para derrubar o poderio do absolutismo dos latifundiários. Primeiro suspendeu o poder das armas federais e estaduais. A partir daí, a nenhum soldado seria permitido participar das lutas dos camponeses contra os latifundiários, porque a arma dos latifundiários eram as armas da polícia. Com essa medida cai a força dos latifundiários e até o poder judiciário, porque só funcionava em atendimento aos latifundiários, porque para notificar um morador, eles tinham que alegar os motivos. O morador não estava só! Através de audiências, o que o proprietário declarante, que queria o morador fora da sua propriedade. A lei obrigava indenizar o morador; que em todas as questões os moradores estavam acompanhados de advogados. Assim foi a luta e o movimento mais forte que levantou-se dentro do país, que superou a luta da abolição dos escravos, porque na criação da Lei Áurea não houve a participação do governo americano e no movimento dos camponeses, em um pequeno espaço de tempo, os Estados Unidos chamaram a comparecer à América do Norte todos os comandantes militares do Brasil, onde durante um mês, recebendo ordens e instruções e fazerem um movimento revolucionário para depor do governo. De imediato, dissolveram o seu poder entregar o país incurso no poder militar só assim foi o fim das Ligas Camponesas no Brasil".

(José Hermínio Dionísio)

"[Sobre como eram as condições de trabalho em Mucatu]
"Eram de pagar condições, era pra ir mesmo, na marra. Aquele que não fosse o vigia vinha pra porta cobrar, e se farrapasse de novo era pra se mudar do sítio, era desocupar a casa pra outro. ...A punição em 64 era essa. Mucatu, Andreza e o Abiaí; no Abiaí ainda era pior (...) Era Hercílio Lundigren. Hercílio Lundrigen quando o trabalhador mandava dizer que tava doente tinha que vir olhar se tava doente, se não tivesse doente ia pro pau, ia era morrer no pau. Edmundo a mesma coisa, seu Herculano era sempre o melhorzinho".

(Damião Cardoso)

7- INFLUÊNCIA DAS LIGAS NA PARAÍBA

"...mas hoje em dia, nós perdemos o medo deles, nós não têm medo deles, somos mais fortes, a gente agora confia..."

"Ainda tem um bocado de coisa por aí devido a João Pedro Teixeira, devido a ele".

(Antônio Amâncio)

"...A Liga Camponesa foi quem me ensinou a lutar. Por que trabalhador não tinha direito nenhum na vida, era tudo escondido..."

"Em Mucatu, em 75 pela luta pela terra de Mucatu, então, foram desapropriados na época 10.636 hectares de terra em Mucatu, foi desapropriado Mucatu, Andreza e Igarapé. Ao todo eram 10.636 hectares de terra e só foi entregue p/ o agricultor 5.300 e 5.336 foram entregues p/ João Santo da Usina Teresa plantador de bambu e isto foi conseguido na época pelo INCRA ... A Liga Camponesa foi quem me ensinou a lutar. Por que na Liga Camponesa, em 64, trabalhador não tinha direito nenhum na vida, era tudo escondido. Depois da Liga Camponesa, com muita morte de trabalhador, líderes de sindicato, e muitas prisões, foi que a gente começou a conhecer o pessoal da Pastoral da Terra, da CPT (iniciada em 1974 com o nome de Pastoral Rural), e a gente se uniu e esse pessoal. Com toda dignidade foi quem orientou a gente para um caminho melhor para a gente conhecer o nosso direito. Hoje nós temos o direito de falar ... Eu e o meu pai, se nós não tivéssemos acompanhado a Liga Camponesa, a gente tinha sido massacrado, e então a gente viu que a solução era acompanhar mesmo para nós sabermos o nosso direito onde estava, e a gente continuou".

(Damião Cardoso)

"Eu achei muito importante (...) a fé e a confiança que alguns trabalhadores tiveram no movimento. Que hoje a gente vê, que essa luta, essa organização a cada dia crescendo, as coisas ficando mais esclarecidas, as pessoas também tendo mais conhecimento, porque naquela época, muitas vezes o medo era por falta do entendimento ... Depois que a gente começou a se organizar mais e a se reunir,

assistir reunião, treinamentos, a gente começou a ver que o mundo é igual para todos ... A gente hoje tem a coragem de falar (...) e dizer não, as coisas não são assim".

(Maria do Socorro de Paiva)

"Só aparecia isso (de enterrar os corpos) no tempo das Ligas, era com essa revolta, depois que eles, que o povo descobriram como é, essa Reforma Agrária, com o medo do povo, já tava um povo prevenido, porque se fosse naquele tempo que todos nós tivesse prevenido, nós tinha vencido a batalha, muita gente, mas com muito medo. A gente pensava que os patrão era mais forte, mas hoje em dia nós perdemos o medo dele, nós não têm medo deles, somos mais fortes, a gente agora confia".

(Hilda da Conceição Melo)

"Hoje, lutar pelo direito à terra, da posse de pessoas que já sofreram tanto nas fazendas, nas propriedade de engenhos e usineiros, hoje é vergonha lutar por esse direito, que é um direito nosso? Eu até falei isso: ela tem de ter orgulho de uma tia que casou com João Pedro Teixeira, um cara que lutou".

(Eduardo da Costa)

"Rapazes, a gente ainda hoje tem um pedacinho de trabalho rural – que botaram o nome trabalho rural – que os trabalhadores não tinham, ainda tem um bocado de coisa por aí devido a João Pedro Teixeira, devido a ele, mestre Elias sabe disso".

(Antônio Amâncio)

"Aqui, ninguém era nem doido para dizer que tinha a carteira de agricultor, porque o homem aqui, sangrava na goela. Matava mesmo".

(Sebastião Severino Monteiro)

"As pessoas tinham o poder na mão. Quem era lesado, naquela época, de falar coisa contra os Ribeiro [Coutinho]? Quem vivesse naquela área mais próxima a eles!?"

(Maria da Penha Lima de Souza)

"[Os moradores] Só votavam no Partido dos usineiros, não podiam votar noutro Partido. Isso tudo com raiva, por conta desse acompanhamento das Ligas Camponesas. Fazia parte disso".

(Maria da Penha Lima de Souza)

*"...agradecemos ao conhecimento
que João Pedro trouxe,
pois hoje alguma coisa já temos de resultado.."*

"É como Da Guia aqui falou, conversando comigo, antes. Ela lembrou... Que meu bisavô – é Guia que fala –, contava a meu pai que ia ter a Lei dos moradores, que moravam na terra da usina, [para] terem o seu pedaço de terra para morar... e a gente dizia que era mentira, que não..."

O bisavô dizia isso para o pai de Guia. Ele deixava bem claro que alguém esclarecia a Lei, o direito, e que um dia ia ser respeitado. E, como de fato, hoje nós estamos vendo que alguma coisa já temos de resultado. Quantas famílias nós já temos? Centenas de famílias já na posse da terra do assentamento. Pois, agradecemos ao conhecimento que, de fato, João Pedro Teixeira trouxe, mesmo como fogo de monturo, queimando lá por baixo, o povo querendo cobrir – aqueles que tinham mais aproximação com os usineiros lá, mais longe, como eu já citei: Mari, Sapé, São Salvador... foi grande a lista – que vai chegando a essas pessoas, e elas vão repassando, como o bisavô de guia repassou".

(Maria da Penha Lima de Souza)

"As minhas experiências, do tempo da Liga Camponesa pra cá, foi quem me ensinou. A Liga Camponesa foi quem me ensinou a lutar. Por que na Liga Camponesa, em 64, trabalhador não tinha direito nenhum na vida, era tudo escondido. Depois da Liga Camponesa, com muita morte de trabalhador, líderes de sindicato, e muitas prisões, foi que a gente começou a conhecer o pessoal da Pastoral da Terra, da CPT, e a gente se uniu e esse pessoal com toda dignidade, foi quem orientou a gente para um caminho melhor para a gente conhecer o nosso direito. Hoje nós temos o direito de falar".

(Maria da Penha Lima de Souza)

"Na minha memória, João Pedro Teixeira está vivo, nesta luta pela terra, pela vitória da terra, pela Reforma Agrária, e da brava Reforma Agrária. Queremos Reforma Agrária, queremos a paz, não

guerraÉ de quando ele ficava assim, como que a Reforma Agrária tinha que ser radical, tinha que ser arrancado o latifúndio pela raiz, jogado pra cima e queimado".

(Severino Guilhermino de Souza)

"O pessoal tem muito medo de falar; ainda tem medo. Eu não sei por quê. Não sei se era por conta do tempo do Golpe Militar, que veio tentando acabar com tudo, parou toda a Liga, mataram as pessoas que participavam disso. Então, o pessoal tem muito medo de falar abertamente. É tanto que, uma vez, a gente conversando com uma pessoa, ela começou a dizer um monte de coisas, e, quando a gente citou que era uma pesquisa, que ia gravar, e que ia fazer uma pesquisa, a pessoa disse: "Eu não disse nada, eu não sei de mais nada..." Sabem de muita coisa, [mas] o medo predomina".

(Eduardo da Costa)

"Ele dizia pra mim (...) que a Reforma Agrária ia ser implantada em nosso país e que a situação do homem do campo ia melhorar. Para o homem do campo ter condições de criar seus filhos; dar alimentação. Com a Reforma Agrária ia ter condições de plantar no campo; ai melhorar a situação do homem do campo. Sabia certo que iam tirar a vida dele, mas que a Reforma Agrária ia ser implantada. E o que acontece, é que hoje eu lembro-me que 44 anos já fez, no dia 02 de abril, que foi tirado a vida de João Pedro e até hoje, a Reforma Agrária em nosso país, no Brasil, não foi implantada. Isso me deixa muito triste; triste de tantos momentos difíceis, que João Pedro passou, que eu passei na luta do campo e ver todos os companheiros que lutam, passam também por estes momentos difíceis e até hoje não temos àquele prazer de já ir no campo e ver a Reforma Agrária implantado em nosso campo, no Brasil. (...) Ele dizia que ia demorar a Reforma Agrária, mas que ia chegar. E eu acredito..., já estou com 81 anos, acredito que a Reforma Agrária vai chegar, em nosso país. Que o homem do campo vai ter o prazer de ter a terra e condições para produzir alimentação, que é produzido no campo".

(Elisabeth Altino Teixeira)

8 - AS LIGAS E A IGREJA CATÓLICA

"O terreno é aquele, que hoje é a Igreja, a capela em Nova Brasília. Aquilo ali foi uma cooperação entre os trabalhadores e outras pessoas. Foi aí, que conseguimos aquele dinheiro e compramos aquele terreno, que ali, ia ser o hospital. Mas com o desmantelar da política, então ficou [sob o controle de] os Felicianos, e os Felicianos, para arrumarem votos, então pegaram o terreno e deram à igreja. Foi bem dado, mas não era deles, aquilo era dos camponeses".

(Ivan Figueiredo)

"Transferido para Sapé, como Pároco, aqui cheguei para partilhar os problemas de todos, grandes e pequenos, e por isso mesmo, não fiquei desatento ao momento que vinha despertando.

A situação política do país, os ensaios do governo sindicalista, no Plano Federal, criava espaços para seu desenvolvimento. Trabalhadores rurais sofriam aperturas. Mal remunerados, moradia precária, sem terra para plantar. Sem instrumentos legais que os alentassem com a esperança de dias mais seguros e tranqüilos. Em tudo isso, o que faltava para a explosão ... Fê-lo João Pedro e o fogaréu logo se alastrou. (...) Mais uma vez João Pedro me procurou e conversamos longamente no alpendre da Casa Paroquial. Fizemos a política da boa vizinhança. Havia injustiça entre os homens do campo, nisto nós nos convínhamos. Também nos convínhamos na necessidade de corrigir-se tantos desmandos e desacertos. Divergíamos quanto aos meios a empregar-se para alcance dos objetivos. É que os métodos da ligas Camponesas, os métodos de ação, não se afinavam com os da doutrina social da Igreja e não era permitido a nós outros, o uso da violência. Devem andar, de parelhas, a caridade e a justiça. Tinha notícias de fogo nos canaviais, de donos de terra e até companheiros, de chocalho ao pescoço, pelas estradas, agressão física aqui e ali. Ainda assim, João Pedro me procurava para explicações. Não partiam dele tais iniciativas. Pessoas de fora é que insuflavam práticas deste teor... Poderia citar fatos. Num 1º de maio, dia do trabalho estavam os camponeses na sua sede à rua Orcine Fernandes. Queremos ouvir a palavra de Deus. Frei Damião estava de Missões na Paróquia. Procurei o santo missionário e pedi-lhe que falasse a eles. Antes, dei-lhe instrução adequada. E frei Damião foi fiel a mensagem. Na igreja entre outras coisas proclamou: "Justiça é

a causa porque vocês lutam e se sacrificam. Não é permitido o uso da violência. Não matem os irmãos. Cuba não pode servir de modelo. Em Jesus Cristo está a salvação. E lá na terra de Fidel Castro a igreja está confinada em recintos fechados, afastada do povo". A semente do Evangelho foi lançada no meio daquela gente que jamais esquecerá os ensinamentos da Igreja... A quantos daqueles homens vi ao passarem em frente á matriz, benzer-se respeitosamente. E todos eles eram militantes da Lígas. Outro fato: O agrônomo Assis Lemos, por sua vez, tinha sido espancado, para os lados de Itabaiana e agora quase todo recuperado da selvageria de que fora vítima, procurou-me para missa de ação de graças. Pastor de todo um rebanho, tinha obrigação de amar todas as ovelhas, partilhar de suas alegrias e tristezas, lançar no meio deles a palavra de Deus, a cuja luz seriam aclarados os caminhos da verdade, da justiça e do respeito aos irmãos".

(Monsenhor Odilon Pedrosa)

9- RELAÇÕES COM OUTROS PAÍSES

"Foi uma boa viagem (para Cuba), eu gostei muito. O povo aqui, os grandes acharam muito ruim ... E a recompensa que eu tive foi que, com poucos dias, eu fui preso. Foi o que eu arrumei da viagem. Quando eu cheguei, eu tinha botado os retratos de Fidel Castro na parede. Quando chegou o Exército, arrancaram tudinho. Eu tinha um retrato do governo do Egito, Nasser, estava na parede também, arrancaram também. Quer dizer, meus amigos eram todos inimigos deles (...) Fui a Cuba à convite do governo de lá, passei vinte e poucos dias. Fomos às usinas, cortamos cana. Ele tem sinceridade aqui não tem. O Fidel Castro fez viagem lá com a gente, passeio, apresentamos diversas coisas, fomos a uma granja onde tinha uma vacaria muito bonita, queijo à vontade. Até ele entrou num quarto, trouxe uns pedaços de queijos, deu a cada um de nós... Todas as noites tinha palestra, era muita gente. Eu fui a uma reunião, eu nunca vi tanta gente grande como lá. Era governo da Rússia, de diversos lugares comunistas, era só gente grande, de pequeno só tinha eu lá... Pra Cuba fui eu, Pedro Fazendeiro. João Fuba foi para China. Era para eu ter ido para China e para Rússia, mas não fui, porque tinha meus servicinhos aqui. Até hoje eu me arrependo de não ter ido. Em Cuba foi muito bem, era reunião toda a noite. Conversei com Che Guevara como estou conversando aqui com a senhora (Ir. Tonny). Eu tinha umas medalhas "O petróleo é nosso", dei uma a ele. Era um homem sério, muito trabalhador, destinado a resolver mesmo o problema, só que os grandes não deixavam, mas ele era bem intencionado, muito simples. E Fidel Castro, não sei como agüentou toda a noite, toda a noite. Não estou lembrado quanta gente foi a Cuba. Daqui do Nordeste, de quase todos os Estados, foi alguém".

(Ivan Figueiredo)

"Fidel Castro falando: - Vocês [os latifundiários] estão pensando que é no tempo do seu governo, que ele mandava lhe chamar e vocês não vinha, agora aqui comigo é diferente. Aí ele disse: - Passa ele no paredão pra ficar um tempo com os outros. Eles se apavoraram..., foram embora perderam terra, perderam gado, perderam tudo, aqueles que eram rico mesmo, fugiram para América do Norte, chegou lá se aliaram a América do Norte, botou a guerra

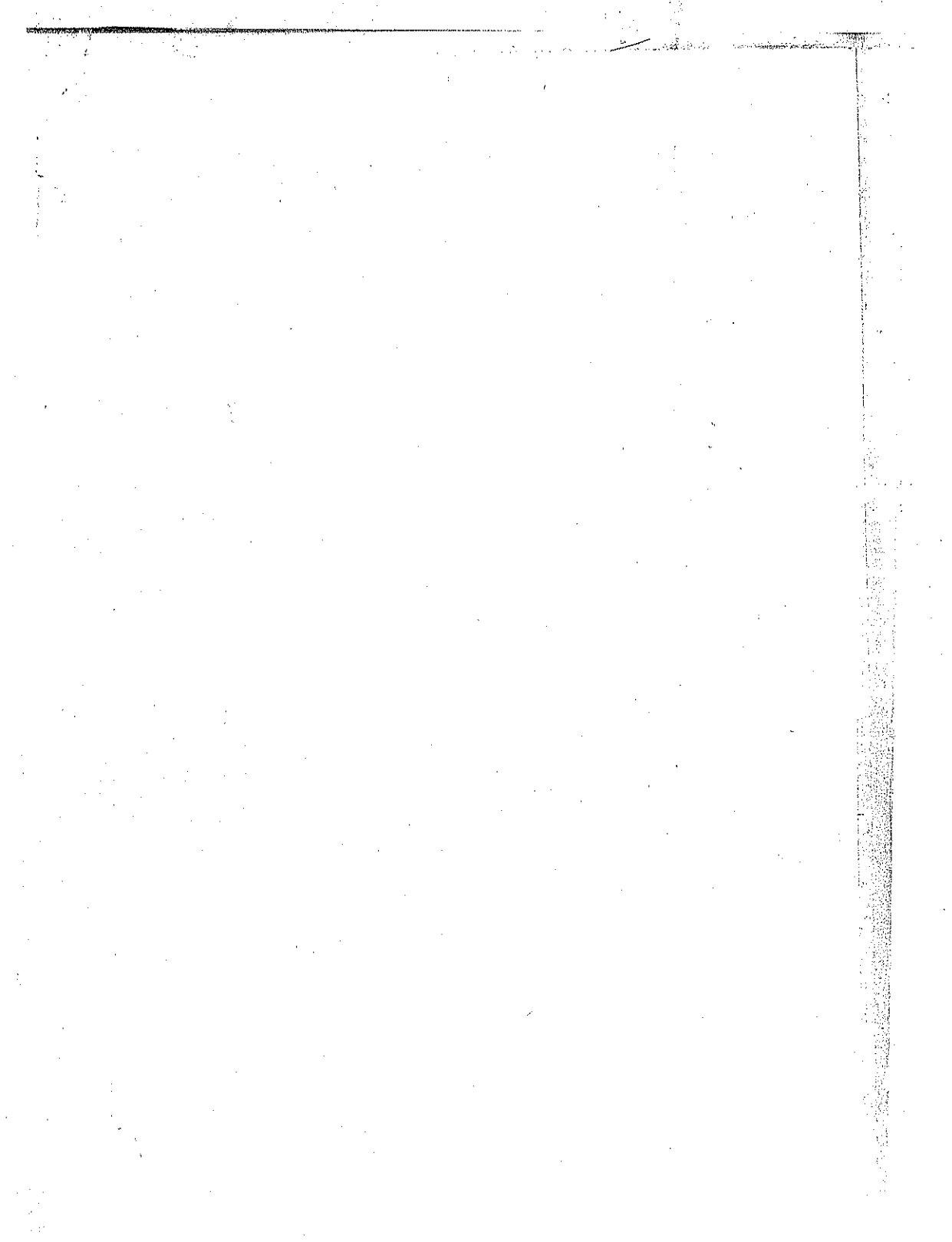
pra aqui, por modo de botar a guerra pra aqui, mas no fim não houve guerra nem nada, houve paz, pronto aí acabou-se. Se sabe que os ricos debandaram. Os que eram ricos mesmo debandaram, tiveram que aprovar a ordem dele, eu vi ele [Julião] contando isso, e ele ta certo".

(Manoel H. Dantas).

"Estava lá em Sapé, Dr. Chico Julião estava, num comício, mais ele o Dr. Assis Lemos. Aí, ele falou e disse, que Cuba era que nem Brasil. ...O Fidel Castro (...) chamou de novo para fazer a Reforma Agrária. Ele (o governo anterior) disse que não podia. (...) Já tinha ido a primeira vez, que disse que não podia. Agora foi de novo e (Fidel) disse: "É, eu vou fazer". (o governo anterior perguntou) "Quando é, que vai fazer?" "Nada, eu vou fazer". "Pois, marca o tempo para nós fazer". (...) ele marcou o tempo, de modo fazer a Reforma Agrária. (...) ele (Fidel) marcou o tempo, ele foi lá, e (o governo) disse que não podia. Foi de novo e não podia, aí, ele juntou (mobilizou o povo). Disse que cada um pai de família, que tinha dois filhos ou três, ou quatro, cada um dava uma roupa; aquela roupa e um fuzil. Aí, quando foi, ele marcou lá com o pessoal; se reuniu o exército dele; ia o pessoal com ele, marcou o dia, foi, invadiu e botou o Governo fora. Saiu. Quando saiu (o Governo) fora, ele ficou; 'tava governando, aí, mandou chamar um rico. O rico disse que não ia não. Aí, ele disse: "Pois vai chamar ele de novo". E assim chamou duas vezes e ele não foi. Aí, ao exército: "Vai chamar ele". Ele disse: "Eu vou, eu vou, agora só no meu carro". "Não, você vai aqui com a gente, o exército; só vai aqui com a gente". Ele contando, Chico Julião contando, em Sapé. "Eu só vou no meu carro". Aí, o Exército: "Não, você vai com a gente". Aí, ele disse que quando chegou lá, o Fidel disse: "Você pensa que está no seu Governo (o anterior), é? Não, a ordem aqui é minha". E disse: "Passa ele no Paredão para ele ficar de exemplo, prós outros. Aí passaram ele no Paredão; (...) Bala, bala; afuzilar, afuzilar. (...) Agora o rico, quando viu isso, desertou, deixou terra, deixou gado, só levou o dinheiro. Desertaram tudo; os rico mesmo. Aí, desertaram para os Estados Unidos. Quando chegaram lá de modo de se amparar, aí, os Estados Unidos cooperaram para eles ficar no lugar. O rico voltar pra trás pra ficar no que estava. Aí, ele botou. (a Reforma Agrária), formou, ainda uma revolução, mas não continuou (a reação dos ricos), não; aí ele Fidel) ficou. Ficou até hoje".

(Manoel H. Dantas)

II - PARTE



APRESENTAÇÃO DAS PESSOAS QUE NOS CONFIARAM SUAS LEMBRANÇAS

Nossos agradecimentos de coração a toda(o)s entrevistada(o)s que tornaram possível esta obra ser realizada, e portanto, à História ser guardada para sempre.

ANA JUSTINO DE OLIVEIRA - Povoado Barra de Antas - Sapé, a menos de 1 km da casa onde morava JPT com sua família. Ela tinha entrosamento com Elisabeth, principalmente, depois da morte de JPT.

ANGELITA JOSEFA DA CONCEIÇÃO - Nova Brasília - Sapé. Na época das LCs, moradora da Usina Maravilha, Goiana - PE, sobre o qual ela conta fatos.

ANTONIO AMÂNCIO e filha **JURACÍ** - Assentamento Mucatu - Alhandra. Líder das LCs. no local e redondeza e nos anos setenta durante a luta pela desapropriação, que realizou-se em abril de 1976.

ANTÔNIO FRANCISCO DE ANDRADE (GALEGO) - Nova Brasília - Sapé. Músico e cantador repentista nas LCs. Na época morador da Faz. São Salvador, onde existia um grupo forte das Ligas. Falecido.

ANTÔNIO DOMINGOS DE OLIVEIRA - Povoado Sapucaia - Sapé. O pai, Otávio Domingos de Oliveira, foi preso, em abril 64, e torturado tanto que passou meses na Colônia Juliano Moreira com problemas mentais. Morreu em 1969, ainda, em consequência das torturas.

ANTÔNIO LACERDA DE ARAÚJO - Gurinhém. Na época das LCs. morava em 'Nova Cuba' - Cajá -, onde, como jovem, presenciou os acontecimentos.

ANTÔNIO PEDRO EUGÊNIO - Barra de Antas - Sapé. Era compadre, amigo e companheiro de JPT. Trabalharam juntos na Pedreira e, a partir de 1954, no sítio de JPT. Fugiu depois da morte

de JPT. Voltando, após um ano, achou as LCs. muito mudadas. Falecido.

ARTUR JOSÉ DE CARVALHO e esposa **JOSEFA DAVI DE MELO** - Assentamento S. Helena II - Sapé, na época da LC, parte das terras da usina S. Helena. Artur conseguiu subir de 'bóia-fria' para a função de empreiteiro. O casal relata fatos cruéis, vivenciados na usina, antes, durante e depois das Ligas Camponêsas.

DAMIÃO CARDOSO - Mucatu - Alhandra. Na época, jovem membro da LC na região. Militante ativo, até hoje, na luta por terra em acampamentos, no Litoral Sul da Paraíba.

EDUARDO DA COSTA - Barra de Antas - Sapé. Ouvia dos avós fatos sobre as LCs, ali perto, onde morava JPT. Com outros da comunidade fundaram um "Memorial João Pedro Teixeira", numa casa alugada, até se conseguir a desapropriação da casa de JPT.

ELIAS QUIRINO PEREIRA - Centro - Alhandra. Fundador (1959) e ex-presidente da LC, em Alhandra e arredores, depois de ter sido coagido a sair de Sapé, onde atuava juntamente com JPT e companheiros.

ELIZABETH TEIXEIRA - Cruz das Armas - João Pessoa. É a viúva do grande Líder JPT, que deu continuidade a sua luta nas LCs, na Paraíba. Conhecida nacional e internacionalmente pela sua resistência e empenho na luta pela Reforma Agrária.

EPITÁCIO NICOLAU COSTA - Barra de Antas - Sapé. Contemporâneo e vizinho de JPT e possuidor da carteira da LC.

EUCLIDES JUSTINO - Antes do Sono - Sobrado. Na época, Distrito de Sapé. Era o irmão mais velho de Elizabeth Teixeira. Falecido.

EXPEDITO MAURÍCIO DA COSTA - Centro - Sapé. Jovem observador e admirador das LCs., sendo filho de membro ativo. Falou com JPT pouco antes do assassinato.

FRANCISCO ANTÔNIO DA SILVA e esposa **FÁTIMA ROSA DA SILVA** - Assentamento Dona Helena - em Cruz do Espírito Santo. Na época das LCs, moravam nas imediações de Miriri - Sapé, tendo testemunhado os acontecimentos dessa região.

HILDA MARIA DA CONCEIÇÃO DE MELO - Assentamento Rainha dos Anjos - Sapé. Na época das LCs, área da Usina Santa Helena, onde já morava, conhecendo as tamanhas crueldades.

ISABEL REGINA REIS - Bairro Nova Brasília - Sapé. Na época das LCs, moradora na fazenda São Salvador, Sapé. Era professora da alfabetização de adultos - projeto negociado pelas lideranças das Ligas com o Governo. Renato Ribeiro Coutinho apoderou-se de 300ha do pai de Isabel e até hoje, essa terra não voltou para a família, embora a questão na Justiça tenha sido ganha há anos.

IVAN FIGUEIREDO - Centro - Sapé. Na época das LCs, morava no Povoado Sapucaia, Sapé. Era um pequeno proprietário que apoiava a LC, da qual se tornou um dos líderes. Depois do Golpe ficou, durante anos, escondido no Rio de Janeiro. Falecido em 2004.

JOÃO JOSÉ DE SOUSA - Tapoá - São Miguel de Taipú. Na época conheceu João Pedro e Elizabeth Teixeira, em Sobrado, PB.

JOSÉ CARDOSO - Assentamento Mucatu - Alhandra. Na época, jovem membro da LC. E em 1974 entrou na luta pela desapropriação realizada em 1976. Continua apoiando a luta por terra na região.

JOSÉ FÉLIX DO NASCIMENTO E ESPOSA MARIA JOSÉ - Assentamento Rainha dos Anjos - Sapé. Área que era da Usina Santa Helena, Fazenda Cuité, Sapé, onde já moravam naquele tempo. Como muitas famílias dali, ligado à LC, em segredo, acompanhando silenciosamente os acontecimentos.

JOSÉ HERMÍNIO DIONÍSIO - Rua Nova - Sapé. Delegado da Federação das LC na Paraíba. Visitava áreas de atuação das LCs, como fiscal e animador. Foi para Rio de Janeiro, onde conseguiu a documentação para a criação de uma Cooperativa, em Alhandra.

JURACI BATISTA DE JESUS - Assentamento Massangana I - Cruz do Espírito Santo. O marido de dona Juraci tirou a carteira da LC para ter direito aos benefícios de saúde. Não era membro ativo, e, por isso um dos pouquíssimos moradores, que puderam ficar, depois do Golpe Militar (Falecida).

LURDINETE JUSTINO - Antas do Sono - Sobrado. Esposa de José Justino, irmão mais novo de Elizabeth Teixeira.

LUZIA GONÇALVES DA SILVA - Assentamento Santana II - Cruz do Espírito Santo. Filha de membro ativo da Liga Camponesa, na localidade e redondeza.

MANOEL BENTO - Assentamento Paulo Gomes - Capim. No tempo das LCs parte do Município Sapé, mas transferiu sua carteira da LC. de Sapé para Mamanguape, para correr menos perigo de perseguição como pequeno proprietário. Falecido.

MANOEL HENRIQUE DANTAS - Planalto - Santa Rita. Na época morador da Fazenda Massangana - Cruz de Espírito Santo e um dos líderes locais da LC.

MANOEL PEDRO DE ARAÚJO - Alto do Mateus - João Pessoa. Nascido e criado em Alagamar - Salgado de São Félix. Como sobrinho-neto de Pedro Fazendeiro escutava familiares e outros após as LCs.

MARIA DA PENHA DE SOUZA, MARIA DA GUIA E MANOEL - Assentamento Vida Nova - Cruz do Espírito Santo. Moravam sempre em fazendas da usina Sta. Helena, Sapé, presenciando, ali, as LCs.

MARIA DO SOCORRO DE PAIVA, JOSEFA MARIA DA SILVA (filhas da entrevistada D. Juraci), **JOSÉ VICENTE DA SILVA** e esposa **MARIA JOSÉ** (Maria de Duda) - Assentamento Massangana I - Cruz de Espírito Santo. São filho(a)s das poucas famílias, que puderam continuar como moradores, após o Golpe Militar devido a simpatia com a patroa.

MARINA DIAS VIRGÍNIO - Bonsucesso - Rio de Janeiro. Irmã e companheira de João Alfredo Dias (Nego Fuba), um dos primeiros líderes das LCs em Sapé. Marina veio para João Pessoa para participar do Seminário sobre as LC na Paraíba, em abril de 2006.

MIROCEM FRANCISCO DO NASCIMENTO - Centro - Sapé. Motorista do Jipe da usina S. Helena, durante a LC. Participou no grande conflito em Mari, salvando o gerente da usina, Dr. Daniel.

MONSENHOR ODILON PEDROSA - Pároco de Sapé, durante e depois da LC. Mantinha diálogo com trabalhadores, com fazendeiros e com a Igreja, sobre as situações no campo e as ações da LC. Falecido.

NEVES JUSTINO - Centro - Sapé. Prima de Elisabeth Teixeira e esposa de Antônio Vitor, que comprou a terra do pai de Elisabeth, (o sítio dela e de JPT). A audiência, em João Pessoa, no dia que JPT foi morto ao voltar para casa, foi sobre esta questão.

NILZA PERREIRA - Centro - Alhandra. Esposa e companheira de luta de Elias Quirino Pereira, fundador da LC, em Alhandra e redondeza.

PEDRO MIGUEL DA SILVA - Nova Brasília - Sapé. Na época da LC habitante de Cajá, fazia a feira em Sapé, ficando assim por dentro dos acontecimentos.

SEBASTIÃO SEVERINO MONTEIRO - Sítio Galhofa - Pilar. Conheceu os supostos matadores de JPT. Presenciou ações desses matadores, atuando em Pilar.

SEVERINA E MARIA JOSÉ GOMES - Sítio Antas do Sono - Sobrado. Filhas de trabalhador ambulante, amigo de JPT. Ainda moram perto do local, aonde JPT foi morto com três tiros que elas ouviram. Localidade formada por pequenos proprietários, e que eram contra a LC, com medo de perder seu pedacinho de terra.

SEVERINO ANTÔNIO TERTULIANO - Assent. Sta. Helena I - Sapé. No tempo da LC era trabalhador ambulante nas usinas da família Ribeiro Coutinho.

SEVERINO FRANCISCO XAVIER - Rangel - João Pessoa. No tempo da LC morador em Gendiroba - Mari. Casado com uma prima segunda da mãe de João Pedro Teixeira.

SEVERINO GUILHERMINO SOUZA - Nova Brasília - Sapé. Membro ativo da LC. Antigo morador da fazenda São Salvador - Sapé.

SEVERINO LUPICÍNIO - Planalto - Santa Rita. Conheceu e trabalhou com JPT, na Pedreira em Jaboatão dos Guararapes em Pernambuco. Iniciou a LC na fazenda Masssangana em Cruz de Espírito Santo, juntamente com Manoel Dantas, onde eram moradores até a repressão, após o Golpe Militar.

SEVERINO PAULO LUIZ - Conjunto Julia Paiva.- Cruz do Espírito Santo. Sobrinho de Alfredo Pereira de Nascimento, que era líder da LC em Mirirí, Sapé, onde foi morto durante as LCs.

VICENTE GUILHERMINO - Assentamento Padre Gino - Sapé. Membro ativo da LC, na fazenda São Salvador, Sapé, onde era morador, na época.

MARIA JOSÉ MAURÍCIO COSTA - Cruz das Armas - João Pessoa. Ela é filha legítima de João Pedro e Elisabeth Teixeira, mas aos 8 anos, os padrinhos a registraram com o sobrenome deles, porque não queriam uma filha adotada com o sobrenome Teixeira. Maria José revela com espontaneidade o que se lembra das conseqüências das LCs para a família inteira.

ÍTEGRA DAS ENTREVISTAS E DOS DEPOIMENTOS (retiradas as repetições e os assuntos fora do tema)

1

ENTREVISTA COM ANA JUSTINO DE OLIVEIRA,
EM BARRA DE ANTAS, SAPÉ - PB.
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, em 2002.

Tonny: Estou na casa de Dona Ana de 56 anos, e mora aqui em Barra de Antas, também, perto da casa onde morava Elisabeth com João Pedro Teixeira, que não é nem 1 Km... E ela foi muito amiga de Elisabeth. Então, ela vai contar o que ela se lembra daquele tempo.

Ana: A morte de João Pedro Teixeira foi assim. Ele tinha ido para João Pessoa comprar os livros dos meninos. Me lembro como se fosse hoje. Aí quando a gente, vizinho a Antas, soube que mataram João Pedro, a gente veio no outro dia. Eu e minha amiga, a gente passou o dia aí com Elisabeth. [A gente] foi ao enterro dele. Todo o domingo, a gente fazia a carreata, a passeata, da casa de Elisabeth Teixeira, onde ela morava, em Barra de Antas, para a cruz de João Pedro Teixeira, lá onde ele foi morto, lá perto de João Leite. Toda vez em que a gente ia, a lista da bala estava lá. Abraão, o filho dele mais velho, gritava, subia na cruz e gritava: "Mataram meu pai, João Pedro Teixeira, um homem trabalhador, lutador pelos pobres. Foram contra ele por causa disso." A gente ficava ali, todos no meio da pista. Naquele tempo, não passava carro ali, era difícil. Ficavam todos na pista, todo domingo. A gente ia para João Pessoa, não perdia um comício. Era eu... a gente estava com Elisabeth Teixeira... A gente ia tudinho. Ia Abraão, era o mais velho. Não perdia um. Falava que parecia... eu nem sei como era aquilo. Eu tinha a maior pena, quando eu via ele lá em cima, falando, em nome do pai dele: "Mataram João Pedro Teixeira, um pai de família. Deixou um bocado de meninos, todos pequenos." Por quê? Porque ele pune pelos trabalhadores. Ele era um homem que não fazia mal nem com um pinto." Eu estou com 56 anos, e eu acho que, nessa época, eu estava com 16 anos, mas eu

me lembro: parece que eu estou vendo ele. Olhe, eu estou arrependida porque não guardei o jornal dele, porque o jornal dele, quando dona Elisabeth recebeu, ela entregou à minha prima. [A foto dele com os livros assim... Do jeito que a gente viu ele, estava no jornal. Aí, quando eu vi a foto dele, aí foi que me lembrei. Olhei para ele e... minha Nossa Senhora, parece que não mudou, não. Parece que estou vendo ele, parece.

Tonny: A Sra. tem guardada alguma coisa?

Ana: Não tenho, não. Aqui, não. Quem ficou com ele foi minha prima Lourdes. Lourdes era quem sabia ler, e andava com ele [o jornal contendo a foto e matéria sobre João Pedro Teixeira]. Mas, agora, não tem mais nada... ela era jovem, também, nesse tempo. Eu sei que Elisabeth Teixeira sofreu muito. A família não queria ela. O menino que ela queria deixar com o pai [dela], para poder trabalhar e sustentar a família. O pai não quis, porque parecia com João Pedro Teixeira. Aí ela ficou sofrendo com os filhos. O avô ainda criou um... aí terminou se acabando tudo. E o que eu sei contar, é isso.

Tonny: Vem cá, a Sra., no dia em que João Pedro foi morto, no dia depois, a Sra. foi para a casa de Elisabeth, e ficou lá com ela, foi?

Ana: Foi. A gente foi para o enterro dele, quando soubemos da notícia. Eu morava aqui em Antas, perto daqui, perto de Eduardo, mas só vivia em Maraú, na casa de uma família amiga, sabe? Mas todo domingo a gente vinha para a casa de Elisabeth, que a gente era da parte dela. A gente gostava dessa carreata [passeata] que a gente fazia pelo mato, com zabumba, até lá. Todo domingo, todo domingo, meio dia em ponto, a gente saía...

Tonny: E fazia o quê, na casa de Elisabeth?

Ana: A gente, quando chegava lá, fazia a carreata [passeata], muita gente, que era do lado dela. Ia aquela procissão... muita gente... Aí, chegava lá, ela começava a fazer aquele comício. Ela e os filhos falavam, tudinho, tinham que falar, gritavam mesmo, sem medo. Elisabeth nunca teve medo de nada. Ela subia em cima da cruz... e falava a bem da morte do marido dela. Eu mesma ficava com os olhos cheios d'água. Eu e minha prima [a gente] ficava, assim, pensando: como é que uma mulher daquela com tanto menino ficava com esses meninos todos, para sustentar tudinho? E mais: os policiais querendo matar ela. Ela vivia... ela não tinha medo de morrer, não. Porque ela contou para a gente que estava dentro de casa, estava deitada, e bateram na porta: "Vem para a porta, Elisabeth, para tu morrer." E os meninos se agarravam com ela: "Não, mamãe, não, mãe, não saía, não..." E a mãe deles saía, cada passada que ela dava.

um tiro, mas não batia... E ela dizia: "Vocês mataram meu marido, mas não têm coragem de me matar." Aí ficou nessa luta: criando os filhos, os filhos crescendo, estudando, se espalharam. Foi tempo que ela foi se embora, para esse canto longe [sob o pseudônimo de Marta, numa cidadezinha do interior do Rio Grande do Norte], e mais nunca. Eu vim vê-la no dia daquele negócio aqui [a Romaria da Terra], foi quando eu a vi.

Tonny: A Sra. se lembra de João Pedro Teixeira, não se lembra?

Ana: Me lembro. Ele era muito... Ele gostava muito dos pobres, dava muito valor aos pobres trabalhadores. Ele não era contra os trabalhadores, ele dava muito valor, ele sofria muito pelos trabalhadores. É por isso que... mataram ele, que ele era a favor dos trabalhadores, no tempo das Ligas Camponesas.

Em frente da minha casa, muitos chegavam (...) estavam trabalhando, botavam o chocalho... Nem em casa eles tinha coragem de avisar.

Tonny: Me diga uma coisa: eu já ouvi falar que se usava o chocalho, depois de João Pedro. João Pedro também usava o chocalho?

Ana: Não. João Pedro, não.

Tonny: Então, vamos ver agora um pouco mais sobre João Pedro. Como João Pedro trabalhava? O que a Sra. se lembra dele?

Ana: Na área, a bem do trabalho dele, eu não me lembro, não. Sei que era do lado dos trabalhadores. É o que eu sei dizer. Mas que ele estava nesse negócio do chocalho, ele não estava, não. O negócio dele só era do lado dos trabalhadores... Os trabalhadores eram do lado de João Pedro. Mas, eu não conheci ele, não. Eu era muito nova. Agora, depois da morte dele, a gente começou a enfrentar com Elisabeth. Aí, em Marauá, tem muita gente dela. Daí, de Marauá, a gente vinha todo domingo. Não tinha um comício para a gente perder. A gente [também] ia de carro para João Pessoa, a gente chegava [voltava] de noite. Fazia comício em João Pessoa, do lado de Elisabeth Teixeira, ali no Ponto Cem Réis. Ainda me lembro como hoje, era ali no Ponto Cem Réis.

Tonny: E era comício de quê?

Ana: Era comício a bem da morte do marido dela. Só falava a bem da morte do marido dela. Ia muita gente dos trabalhadores... [inclusive] esse mesmo que foi para lá, botaram chocalho nele, ele desapareceu, e até hoje ele não apareceu. Por aqui mesmo, ainda apareceu o pai de Joana, o finado Pernambuco, prima de umas meninas que tinha aí, que eram amigas da gente, vizinhos meus.

Tonny: E esses ainda estão vivos?

Ana: Morreram. Só quem está, é Antônio Pedro Eugênio.

Tonny: Eu já conversei com ele.

Ana: O outro morreu, para as bandas de Serrinha. E o de Maraú sumiu. Nem a família deu notícia, mais nunca. Naquele tempo, era muito ruim.

Tonny: Em Maraú, conhece alguém que naquele tempo? ...

Ana: Conheço mais não. Só tem minha prima, que mora em João Pessoa.

Tonny: Vem cá. Nos domingos, iam para a cruz, onde mataram João Pedro. Então, você ia para a casa de Elisabeth, e de lá vocês saíam...

Ana: Saía aquela caminhada, todos batendo... batendo num negócio. Quando chegavam lá cruz, aí ficavam os meninos todos junto de Elisabeth, junto da cruz. Abraão, que era o mais velho, em cima da cruz, Isaque, a mocinha que morreu [Marluce], ficavam todos ali, perto. Ele [Abraão] em cima, falando, gritando: "Mataram João Pedro Teixeira, um homem trabalhador, lutador pelos pobres..." Aí a gente ficava olhando, assim. Ele falava bem firme. Com muita coragem. Não perdia um domingo. Era todo domingo assim. Saía da casa de Elisabete para a cruz de João Pedro Teixeira. Ela nunca deixava de fazer o comício dela, mais os filhos todinhos, todos eles.

Tonny: E os outros [filhos]?

Ana: Falavam não, os outros eram pequenos.

Tonny: E Marluce, que era mais velha ainda do que Abraão?

Ana: Dizia nada, não.

2

**ENTREVISTA COM ANGELITA JOSEFA DA CONCEIÇÃO,
BAIRRO NOVA BRASÍLIA, SAPÉ,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, NOVEMBRO DE 2002.**

Tonny: Eu estou aqui com Dona Angelita., que conheci em 1982, morando na Fazenda Açude do Mata, Sapé, onde ela morava com Seu Pedro e uma família bem grande. Hoje mora na Rua...

Angelita: Rua Boa Vista 72, no Bairro Nova Brasília.

Tonny: No tempo das Ligas, morava com Seu Pedro em Goiana. Então, ela agora, vai contar um pouco daquilo que percebeu a respeito das Ligas Camponesas.

Angelita: Como estava dizendo, o Pedro veio de Goiana para ver, aqui em Cruz Espírito Santo, porque ele tinha dois irmãos aqui. Dois irmãos que estavam no meio das Ligas. Quando ele chegou, em Espírito Santo ele voltou porque não pôde mais passar pra cá. Não passava ônibus nenhum e nem carro baixo, porque estava lá com as Ligas, eles e outros. Foi o tempo que Miguel Arraes foi ser governador de Pernambuco. Aí abriu o Sindicato Rural lá, pra todos os trabalhadores. Aí, ele foi trabalhar no negócio do Sindicato Rural. Na Paraíba era as Ligas, lá em Pernambuco era Sindicato Rural, mas era quase igual e ele era a favor. Quando ele saiu do poder, todos os que eram delegados de Miguel Arraes, do Partido dele, foram tudo expulso. Todos do Sindicato correram e se esconderam, porque se pegassem davam fim a eles. O que foi de polícia de Recife, do Exército, foi batendo dentro de Goiana atrás de sindicalista. Quem tinha carteira, era sócio, foi tudo rasgado, não ficou uma. E andavam de casa em casa procurando, porque pegasse uma carteira daquela, já viu, levava uma pisa e saía... Não tinha direito a nada, que não queriam dar os direitos. E por causa disso foi que houve tudo aquilo. E depois, foi que meu marido saiu de lá e viemos morar aqui. Também, já tinha passado as Ligas, já tinha se acabado.

Tonny: Sim, a senhora morava lá, numa usina, com é que era?

Angelita: A gente morava na Usina Maravilha, em Goiana. A vida lá era ruim, passava fome, porque não tinha [décimo?], o povo comia no barracão, direto. Naquele tempo não tinha quem fosse pelos pobres, né, hoje em dia tem. Mas naquele tempo era só os ricos, era no tempo que tinha os dois partidos. Era a ARENA que era o partido dos ricos né, que nem a senhora sabe, e o Partido do PMDB. Só tinha estes dois, né... Quem era do partido da usina só puxava pra usina, não puxava pros pobres, né. E a vida lá muita gente passava

fome também, porque quando fosse pra sair, saía e não ganhava nada. Não tinha direito a nada, né. Trabalhava, não tinha esse negócio de fichamento. Trabalhava clandestino, não trabalhava com carteira fichada. E tantos fazia, que tava cortando cana hoje, se adoecer, não podia ir, se passasse a manhã e não tivesse melhora, botavam pra fora; de meia noite o vigia chegava na porta. Que nem como um irmão meu, como ele não encheu um carro de noite, que estava chovendo e ele com muito dor de cabeça, que não podia ir. Pois, quando foi no outro dia de manhã bem cedo, de lá veio o vigia, pra ele arrumar uma casa pra sair, porque na casa ele não ficava; que eles não queriam e se demorasse, o vigia dava uma pisa. Pois é isso todinho como estava contando.

Tonny: Sim. E naquele tempo, na usina Maravilha não se escutava falar nas Ligas Camponesas não?

Angelita: Mas eles não queriam, irmã. As Ligas Camponesas, dentro de Pernambuco, não ia não. Só dentro da Paraíba. Não foi não. O que foi, foi o Sindicato Rural mesmo, como partido dos trabalhador. Mas, depois de Miguel Arraes ser expulso do palácio, acabou-se; tinha..., tinha os sindicatos, mas ficaram do lado dos ricos. Não era dos pobres; não havia quem ajudava os pobres não. Eles apanhavam de morrer. Quando Arraes tava no Palácio ele governou muito bem. Foi quando ele deu aquela força. Foi ele que deu o 13º mês; essa coisa do trabalhador trabalhar fichado; essa coisa de os pobres ter o direito de quando sair, ser indenizado e tudo isso ficou do tempo dele. Por isso eu dou valor a ele. Mas ele foi expulso e não ficou governando... Depois ele tornou a governar, mas foi diferente. Da primeira vez foi logo duro, né, por isso que não governou os quatro anos.

Tonny: Lá, não ouviam falar das Ligas, no Eng. Galileu, em Pernambuco?

Angelita: Não, desta aí, não ouvi falar não. Ouvia falar das Ligas Camponesas, mas foi daqui da Paraíba. Tinha o Sindicato Rural; e a greve da corte da cana pra todinho... Foi quando Miguel Arraes ganhou as eleições, que ficou do lado dos pobres e botou esta lei pra todas as usinas. Foi quinze dias de greve que ele botou com gosto de gás mesmo...

3

**ENTREVISTA COM O SR. ANTONIO AMÂNCIO,
ASSENTAMENTO MUCATU, ALHANDRA - PB¹**

Entrevistadora: Estamos em Alhandra, em João Gomes, e hoje vamos fazer uma entrevista com seu Antônio Amâncio, um dos companheiros e amigos de seu Elias Pereira, do município de Alhandra. Seu Antônio, como era aquela época em que João Pedro viveu por essa região?

Antônio Amâncio: Mas, homem, eu vi João Pedro somente uma vez.

Entrevistadora: Mas, o senhor conheceu o João Pedro, não é?

Antônio Amâncio: Conheci. Aí, ele teve aí, um dia. A gente ia pra Sapé, fomos pra Belo Horizonte

Entrevistadora: Ele foi também?

Antônio Amâncio: Quando voltamos, não vi ele mais, mataram ele.

Entrevistadora: Seu Antônio em que ocasião, como o senhor conheceu João Pedro?

Antônio Amâncio: Eu conheci foi nas Ligas camponesas, eu morando aqui conheci seu Elias, seu Elias chamou ele em Alhandra.

Entrevistadora: Quando se fala em João Pedro o que o Sr. mais se lembra?

Antônio Amâncio: Tem muita coisa pra me lembrar, agora, eu tou meio ruim da cabeça com essa doença [sofreu um acidente vascular cerebral]. Foi uma vez para Belo Horizonte um ônibus cheio de gente daqui de Alhandra, umas 30 pessoas ou mais. Fomos junto e viemos, foi da vez que me encontrei com João Pedro Teixeira e Julião, a gente passou uns 4 dias lá em Belo Horizonte.

Entrevistadora: No seu entender, o que ele mais defendia? Por que ele lutava e o que ele mais defendia, e acreditava?

Antônio Amâncio: Ele defendia o trabalhador rural, eu conheci ele defendendo o trabalhador.

Entrevistadora: Quem eram seus camaradas mais próximos, os amigos mais próximos de João Pedro?

Antônio Amâncio: Eu conheci era mais próximo dele era seu Elias, era, era... quem era o outro, meu Deus? Só me lembro somente esse.

¹ Entrevista introduzida por voz feminina, cujo nome não é mencionado. AJFC.

Entrevistadora: Como é que eles agiam para organizar os trabalhadores? Com quem vocês se reuniam e se organizavam? Se reunia todo domingo?

Antônio Amâncio: Era, a gente ia pra feira, tinha ônibus... a reunião, era a organização da cooperativa. Trabalhamos muito ali, fizemos até hoje... Acabou-se.

Entrevistadora: O senhor se lembra de fatos relativos à perseguição que eles e seus companheiros sofreram? Como aconteceram? O senhor se lembra de algum fato, de que o senhor era perseguido, de que João Pedro era perseguido?

Antônio Amâncio: Eu me lembro do lado de Renato Ribeiro, tinha mais gente que perseguia ele, até quando mataram. Conheci a mulher dele, Elizabeth Teixeira, o filho dele.

Entrevistadora: Seu Antônio, quem mais se incomodava com a luta de João Pedro e por quê? Quem mais se sentia incomodado naquele momento com a liderança de João Pedro junto com vocês?

Antônio Amâncio: Os proprietários se incomodavam porque sabiam que iam perder com a liderança do povo..

Entrevistadora: Quais os traços mais fortes que o Senhor guarda de João Pedro?

Antônio Amâncio: João Pedro fez muitas coisas. Estou esquecendo muito das coisas.

Entrevistadora: Muito bem, seu Antônio, o Senhor acha que a luta de João Pedro valeu a pena? Por quê?

Antônio Amâncio: Rapaz, ainda tem um bocado de coisa por aí devido a João Pedro Teixeira, devido a ele, mestre Elias sabe disso.

Entrevistadora: Quem é Antônio Amâncio? Fale um pouco do senhor, quem era Antônio Amâncio, naquela época, no que ele acreditava, do que ele gostava, qual a coragem dessa pessoa do Antônio Amâncio?

Antônio Amâncio: Rapaz, é um do povo, é um do povo que tenho aquela idéia... homem rico que defendia a gente acabou-se. Uns mataram, outros morreram. Mas eu já tou assim, não me lembro bem não, não é? Tem hora que eu me esqueço. Tinha um deputado que era muito amigo da gente, se dava com a gente assim! Era... E levou uma pisa do capitão Pedro Navarro, da Paraíba, quase matou o deputado Zé Cileno. Deram nas partes inferiores dele, fizeram o que quiseram. Ele foi embora pras bandas de São Paulo, até hoje não apareceu mais nunca, mas não morreu, não. Se morreu, não foi matado, não... Tinha muito homem lá, Cileno, tinha Amélia de Campina Grande, que quase mataram numa pisa, também. Amélia

era uma moça, penduraram ela trepada assim, juntaram as pernas dela, deram só na bunda dela, quase mataram. Aí pras bandas de João Pessoa, não sei pra onde. Amélia era uma moçona, defendia o povo, ainda me lembro dessas coisas. Mas eles apanhando eu num vi, não.

Entrevistadora: O Senhor sofreu assim algum tipo de pressão, seu Antônio, naquele período, perseguição?

Antônio Amâncio: Sofri com a Revolução. Eu me escondi quinze dias na casa de um compadre meu em Gramame. Aí, vim pra casa, aí veio aqui um coronel Zé Macário, de João Pessoa. E foram três daqui comigo... ou quatro, mais eu; eles me defenderam somente, diante do tal coronel, na Secretaria. Aí disse assim: "Esses três, seu Antônio, eu não vou defender mais nenhum, não, mas tudo era muita gente... assim tudo soldado... davam na cara do povo. Aí eu disse: "Coronel, esses três homens aí, vieram mais eu, então se tá me pedindo pra defender, né? O homem se deu comigo parecia assim que eu era filho dele, assim que eu vi ele quando fiquei sentado de frente, olhando. Ele chegou, num falou com ninguém; sentou-se, falei com ele, aí veio mais três homens lá, num sei de onde, ele por tudo chorando, que eu defendesse eles, aí eu disse: "Tá muito homem, já que vai ser três, mais três agora seis, e sorrindo, tá, defendido, aí viemos embora, aí vim pra casa. Quando cheguei em casa, aí o proprietário mandou me chamar, aí eu fui... Muito soldado pra mim, lá fora, aí eu fui, todo mundo se afasta logo, dizendo: "Tou aqui que Fulano mandou, o coronel... Eu disse: "Tá certo, doutor. Recebeu?" Disse: "Recebi." - "Pronto, vai pra casa". E ficaram os três perseguidos, porque o Macário deu uma notinha a mim, mas num deu aos outros, só deu a mim. Aí os três moravam aqui no João Gomes. Aí, quando que não, ele pegou a se rir: "Rapaz, o que nos vão fazer? Vão quebrar nós no pau? "Vai ser chamado amanhã." Aí, eu voltei pra João Pessoa, cheguei lá, disse a ele, aí o coronel pou... pou... pou... "O que é que você quer?... "Quero ver o que vocês vão fazer, eu quero ver pou... pou... pou... pega ele, vai lá, dá a ele lá... daí era calor... Foi assim, muitas coisas, rapaz, muitas coisas mesmo, tem coisas, mas agora eu já me esqueci.

**ENTREVISTA COM ANTÔNIO DOMINGOS DE OLIVEIRA,
EM SAPUCAIA, SAPÉ,
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, EM NOVEMBRO DE 2001.**

Tonny: Eu estou na casa de Antônio Domingos de Oliveira, em Sapucaia, Sapé. Antônio tem 57 anos. Você conhecia Ivan Figueiredo, que era daqui. Então, conte um pouco do que você sabe das Ligas Camponesas e de Ivan Figueiredo.

Antônio: (...) Ivan Figueiredo era chefe das Ligas Camponesas aqui, no município de Sapé... Ele começou nas Ligas, e muita gente acompanhava: os moradores, outras pessoas conhecidas acompanhavam a parte das Ligas Camponesas. E, com o tempo, veio a perseguição para ele, e ele teve que ficar foragido. Ficou um bom tempo foragido. E depois, começou de novo, ele começou no trabalho dele, e foi à frente. Aí houve umas mortes em Mari – isso eu não sei lhe contar como foi, porque não participava. Só estou dizendo aqui o que passou. Houve outras [mortes] em Miriri... também que mataram...E aconteceu tudo isso na época de Ivan Figueiredo. E no dia 31 de março de 64, quando do Golpe, em que as Ligas caíram, aí, esse povo de Miriri passava aqui nos caminhões (...) todos banhados de sangue, levados por ordem da polícia para Sapé, para o presídio... Ninguém conhecia o pessoal. A gente ficava aqui na estrada, quando passavam. Era todo conhecido o pessoal, mas ninguém conhecia, que eram banhados de sangue, era uma coisa horrível.

Tonny: Caminhão de gente banhada de sangue?

Antônio: Isso, na época das Ligas, quando caíram no Golpe Militar... Quando foi em abril,... mais ou menos no dia 27, chegou um carro de polícia, inclusive com o capitão Ferreira Vaz, que na época dominava Sapé, e quatro policiais chegaram à casa do meu pai: "Eu vim aqui, porque a gente sabe que você tem uma arma", e tal e tal... e eu sei que levou pai preso, à noite. Ele foi, minha mãe acompanhou. E, três dias depois, minha mãe chegou em casa, e falou que meu pai estava lá, numa situação muito difícil. Tinha levado muito couro. E aquela foi uma situação muito difícil para mim. Juntou-se o medo – porque eu já era de maior – com essa tragédia, porque eu chamo isso uma tragédia: pegar [meu pai] de surpresa, assim, quase na data do meu aniversário – eu estava até para preparar um aniversário para mim, e não consegui. O aniversário foi essa tristeza. Meu pai foi preso, passou um bom tempo aqui no presídio de Sapé... Minha mãe ia sempre no presídio. Aí, começou: ele lá,

minha mãe sempre vinha passar um dia em casa, e passava outro lá, e a gente ficou nessa luta. Depois, ele pegou uma pedra lá e baixou na cabeça dele, aí rachou a cabeça... Uma estória sem lógica!

Tonny: Isso lá no presídio?

Antônio: No presídio, em Sapé. Aí disseram: "Pronto, ele enlouqueceu. Tem que levá-lo para a colônia. (...). Ele foi e passou um tempo. Eu sei que, para finalizar, ele passou três meses e uns dias entre a colônia e o presídio. E, quando ele voltou, nós passamos um ano tratando dele, para chegar um pouquinho do juízo. Um pouquinho.

Tonny: Mas, ele tinha apanhado por quê?

Antônio: Porque ele tinha guardado esse rifle de seu Ivan.

Tonny: Conte essa história...

Antônio: Seu Ivan pegou o rifle e deu a ele, para ele endireitar, com Né Barbosa que morava no Sítio Pedra Branca, onde ele endireitava armas de fogo. Quando ele levou a arma para endireitar, foi tempo que aconteceu esse problema. Seu Ivan disse: - "Seu Otávio, fique com esse rifle, lá. Não traga para cá, não, porque está havendo isso, e o senhor fica [com ele] por lá." Também, acho que ele não maldou que ia acontecer essa coisa, mas infelizmente aconteceu, e ele foi preso por conta disso (...). E ele perdeu o juízo. O tempo todo nós lutamos. A gente era agricultores muito fortes. Como pobres, na agricultura, tinha tudo, nós tínhamos em abundância. Ele trabalhava com 2 hectares de terreno. Tinha de tudo, lá. Aí aconteceram esses problemas todos. E a gente que vivia bem, como agricultores não faltava nada, tinha de tudo, aí ele perdeu o juízo, quer dizer, ele que era o cabeça da casa. Aí, foi diminuindo a situação, a gente foi ficando mais fraco e tal... Naquela situação, nós passamos um tempo comprando cabeça de boi. Foi o remédio que ensinaram: suco de limão e comer cabeça de boi, para ver se normalizava, mas ele nunca ficou. (...) Passou três meses entre o presídio e o manicômio.

Tonny: Puxa vida! Aí o libertaram?

Antônio: Foi, o tenente de João Pessoa o libertou. Disse que o homem tinha enfraquecido. E ele não teve mais nenhum problema. Quer dizer, ele tirou o tempo dele. Mas, também, não teve mais nenhum chamado. Mas, apanhou muito, foi muito massacrado e perdeu a memória. E lá inventaram que ele pegou a pedra e lascou a cabeça dele. Não foi. Foi um cassetete, foi isso aí. E por isso, eu estou agora criando [rememorando] a história das Ligas Camponesas, falando sobre o meu pai, porque isso aí eu posso fazer, porque eu participei. Eu era de maior, tinha meus 19 anos, na época, e vou

fazer essa história, se Deus quiser. Complementar, porque eu era para ter preparado isso, há muito tempo, mas foi passando... Com o tempo é que a gente vai entendendo as coisas... Mas, agora eu vou terminar. (...) que estão indenizando esse pessoal. (...) estão sendo indenizadas pelo tempo... Então, se eu já estava pensando em fazer a história, agora eu vou continuar (...) [contando] direitinho como foi, porque eu sei contar a história de meu pai completa.

Tonny: Antônio, você sabe contar um pouquinho sobre como Ivan Figueiredo, que morava aqui, que tinha um sítio aqui, como ele vivia, como ele era no meio do povo, e como ele foi lá no meio da Liga, como líder?

Antônio: Ivan, aqui é o seguinte. Ele toda vida foi oposição aqui. Ele sempre era contra os usineiros. Sempre foi, sempre foi. E, então, ele arrumou esse negócio da Liga. Ele foi candidato. ele foi candidato em 63. Votou muito bem [foi muito bem votado]. Fez uma campanha muito boa. Não ganhou, mas fez medo a muita gente. E continuou na campanha e ficou sendo das ligas camponesas. E aqui, no meio dos lavradores, era um agricultor forte. Ele tinha a casa dele. Trabalhava com a cana de açúcar, também e o povo trabalhava com ele, e ele acompanhando. Ele perdeu apenas por 300 votos. Não tinha dinheiro, [era] contra a máfia...

Tonny: Ele era pequeno produtor?

Antônio: Era pequeno produtor.

Tonny: Aqui mesmo, Antônio, teve ações, no tempo das Ligas? Ações em defesa dos direitos? O povo se reunia?

Antônio: Teve ações, sim. Por exemplo: se um morador queria morar na casa tal, em tal lugar, aí se juntavam de noite, o povo ia e fazia a casa, em tal canto. Quem, eu não sei, porque eu não participava dessas coisas. Mas, começavam à noite, e ao amanhecer do dia, já estava pronta a casa. Construíam a casa, aí depois o proprietário ia e botava abaixo. Agora, seu Ivan era o cabeça dessas coisas.

Tonny: E o seu pai?

Antônio: Meu pai não participava. Meu pai só foi preso, por conta dessa arma que ele guardou. (...), Ele tinha carteira, participava, mas para participar, não participava. A gente era do trabalho, vivia trabalhando. Agora, seu Ivan daqui, a gente conhecia, fazia parte dele, para estar ao lado dele, mas andar nisso, não.

Tonny: Antônio, você contou que passavam aqui, carros cheios de gente, toda ensangüentada.

Antônio: Olhe, é o seguinte. Quando houve o golpe, mataram um tal de "Capa de Aço", [pois dizia-se] que bala não entrava nele.

Aí, então, cortaram esse homem de foice. Os camponeses o cortaram. Eu não vi, disseram, mas foi verdade. Cortaram em pedacinhos e juntaram tudo num saco. Cortaram mesmo, porque dizia que era "Capa de Aço", mas dessa vez era da foice. Os camponeses não tinham aço para não ser cortado. Então, houve isso, sabe? Isso aí, foi antes do golpe. Quando veio o golpe, foi através disso aí. Os policiais foram lá e trouxeram gente presa. E quando vinham, já no chicote, e passavam todos banhados de sangue. Não conhecia nem as pessoas, mas foi verdade...

Tonny: Foram presos?

Antônio: Foram. Vinha preso esse pessoal. Depois passavam um ou dois dias, lá, e voltavam porque eram pobres, não tinham nada com isso aí, não é? Na história do Golpe, a revolução em Sapé foi uma tristeza. Sapé ficou uma tristeza. Para todo lado em que a gente andava, só era o que o povo falava. Essa revolução era triste, fazia medo. Eu morava em Sapucaia, então, quando passavam os carros, eu estava tão intimidado com o que houve, que eu pensava - que toda vez que o carro passava aqui, era no terreiro de minha casa. Eu pensava assim: Meu Deus, deu a volta de novo, vem me buscar... Eles já tinham levado meu pai, eu era de maior... Mas, graças a Deus, eles não vieram... Perguntaram quantos anos eu tinha. Eu disse que tinha 18 anos, mas não fizeram nada, sabe, porque ele só foi preso por causa da arma que ele guardou, não foi porque ele participava.

Tonny: Você conheceu o coronel Luiz de Barros?

Antônio: Era... na época, ele era o coronel, com o capitão Ferreira Vaz...

Tonny: E eles faziam o quê?

Antônio: Ah, esses eram os mandões. Luiz de Barros mandava os policiais chicotear o pessoal. Ele era quem mandava. Ele e o capitão Ferreira Vaz.

Tonny: Ele andava por aqui?

Antônio: Andava.

Tonny: E quanto tempo?

Antônio: Olhe, passaram mais ou menos 3 meses. Quando pensava que não, eles passavam. Iam para Miriri, iam para Maman-guape, para Rio Tinto. Eles passavam aqui, sempre, sempre. Eles passaram uns 3 meses, uns 90 dias, nesse vai-vém, nessa correria, apanhando, apanhando muito. Foi tempo em que foram expulsos, muitos moradores da terra foram embora. Hoje moram na cidade, por conta disso. Nessa época, depois disso aí, os proprietários jogaram

os moradores fora; a maioria não quis mais os moradores. Aí saíram todos e foram morar na cidade. [O Bairro] Nova Brasília é formada toda desse pessoal. Quase todos, três quartos daquele pessoal ali, vêm da zona rural. Eu conheço a história. Milhares de pessoas, porque São Salvador tinha muitas casas, aqui tinha muitas casas, [Fazenda] Una tinha muitas casas. Eram muitas, na zona rural, e a maioria desse pessoal saiu, porque os proprietários, depois que abrandou a coisa, não quiseram mais os moradores... Aí ficou a zona rural quase sem trabalhadores. Já agora, tem mais. Já estão chegando mais, porque tem esses assentamento. O pessoal da [Fazenda] Sapucaia passou pra aqui, e hoje é um povoado. Quantas pessoas tem aqui, de Sapucaia, que moram em Sapé!? Tem muitas. De São Salvador, aliás, não tem mais nada, ali. [Antes], era casa, que era assim... Era de dez em dez braças [1 braça corresponde a 2,2 m.AJFC] De dez em dez braças, uma casa... Ali, em São Salvador, na beira da estrada, de um lado e do outro. Agora, não tem mais... E nas outras Fazendas, eram muitas casas. E hoje, o povo mora em Sapé, outros moram em Mamanguape.

Tonny: Antônio, seu pai já faleceu, não é?

Antônio: Já. Faleceu em 5 de fevereiro de 69, e a minha mãe faleceu no dia 26 de janeiro de 69. Foram quinze dias de diferença de um para o outro. Ele morreu com 66 anos. Ele já não trabalhava mais, depois de tudo que tem acontecido.

Tonny: E tinha outros que participavam, por aqui?

Antônio: As pessoas que participavam... Os moradores participavam, não de estarem indo para essas coisas, mas tiravam a carteira. Faziam parte só do Sindicato. (...) Só participavam das ações.
(...)

ENTREVISTA COM ANTÔNIO FRANCISCO DE ANDRADE
(GALEGO), BAIRRO NOVA BRASÍLIA, SAPÉ,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM 1983.
(FALECIDO)

Tonny: Como foi aquela estória do homem lá de Marauá?

Galego: É o seguinte lá em Marauá Dr. José Marinho era o dono de lá, do Engenho de Marauá. Então, tinha um barracão de um tal de Seu Manoel e ele dava vale aos morador pra comprar lá. Depois naquela época eles tinham terminado de comer aos pobres que tinha lá no barracão... aí o rapaz foi cobrar.- Dr. é o seguinte: - Eu queria que o senhor cooperasse comigo porque eu não tenho mais o que vender aos seus morador a mercadoria que eu tinha, eles já comeram. O senhor dizendo que pagava e até hoje não pagou e eu não tenho mais dinheiro para comprar. Quando eles chegam procurando outra mercadoria eu não tenho... Eu queria que o senhor me pagasse. E ele falou: - Que conversa de pagar é essa, rapaz? - Eu vou é botar o gado na sua lavoura. Aí, botou o gado dentro da lavoura do rapaz, e o rapaz ficou sem saber o que fizesse. Aí se juntou seu João Joaquim, que era delegado de Sindicato e João Pedro que era o Presidente. Aí chega o João Pedro falou pra ele: - Dr. como é que é? Vamos ajeitar aqui, o senhor paga a lavoura do rapaz, o senhor paga o de seu morador comer do barracão, que o rapaz quer sair, ninguém quer briga, quer a paz e tal. Aí chega, ele veio buscar um caminhão de polícia. Bate 35 soldados mais alguns trabalhador que tava lá, armado de foice, enxadeco, cassete, facão. Muitos com revolver, pistola, espingarda. Aí tinha uma moça lá, filha dele que tava lá na varanda, chegou né, e comecei assim: Naquele tempo eu era poeta de ciranda, gostava de brincar lá na Liga. Aí eu tirei: (cantando)

"Em Marauá chegou três caminhão de homem
Só não sei do nome para lhe explicar.
Mais companheiro, seu João Pedro com Seu João Joaquim
Pra pegar Doutor Zé Marinho para acalmar.
O gerente, seu Abílio quis estoporar
Mas a Liga Camponesa foi lhe agarrar.
Mas um tal de Chico Doido quis me degolar
Ele foi saltou de banda
E as moça, na varanda, pegaram a mijar."

Tonny: Sim, Antônio, o senhor foi junto lá para Marauá? Como foi que o senhor foi parar naqueles movimentos das Ligas?

Galego: Fui junto para Maráu. Eu gostava de ver, sabe? Daí, enfrentar essas coisas.

Tonny: Ajudou em mais outras coisas?

Galego: Ajudei, mas depois foi tanto do couro minha fia, que tinha cara, cabra que passava três dias dentro da roça. Com medo de apanhar; tirava a calça assim ...era pau pra morrer. Tinha um aleijadinho assim, aí ele (...) sim senhor ...sim senhor. eu passei foi três dias dentro da roça escondido. Passou três dias de fome dentro da roça, escondido. Perguntou quem era envolvido. Ivan..., também era envolvido nesse negócio. Tinha Zé Jofilly que era candidato a deputado federal. Dr. Assis Lemos, que era das Ligas também. Deputado do Estado que num ganhou. Aí, trouxeram um bocadô de tratores, pra aqui pra o povo. Eu acho que era pra cortar terra pra o povo trabalhar, entendeu? Era um negócio quase como uma Reforma Agrária que queriam fazer, né. Aí era quando vimos um troço daquele, aí falar e brincar..saia batendo bombo, chegava passeata... que tirei...Foi no dia sete de setembro (1963).

"No dia sete de setembro nessa terra
Eu vi tanque de guerra, pela rua passeando
Eu vi Zé Jofilly com Assis Lemos de lado
Seu Ivan tava encostado, falando no microfone"

Estes tanque de guerra era esses trator. Entendeu?

Tonny: Sim. E qual foi a primeira ação em que o senhor entrou?

Galego: Eu não lembro bem, que nesse tempo que começou esses negócio de Liga eu era jovem era criança ainda. Aí, andava mais um tio meu que ele tinha bombo também. Que eles chamavam pra fazer uma festinha. Todo negócio que eu via aí, tirava. Tirava assim de cabeça. Esse negócio de Maráu que eu vi, disse tudinho, aí.

Tonny: Tem mais outras coisas?

Galego: Tem coisas demais. Eu tou me lembrando de coisas guardadas. Aqueles usineiros dizia:

"Os usineiros do bairro de Pernambuco
De pensar já estão malucos
de ver as usinas parar"
O Julião que era da linha de frente
Dando grito a nossa gente
Deixava a poeira voar"

No tempo da Liga era pra (...) mesmo. Passou fugido um bocado de tempo pra ditadura ali.

Tonny: O senhor conhecia o Julião?

Galego: Conhecia. Vinha aqui pra Sapé com Assis Lemos.

Tonny: Conhece a história de Miriri? Como é que era aquilo?

Galego: Aquilo ali foi um tal de Capa de Aço. Eu também tirei um negócio que Pedro Ramos trouxe para matar o povo.

"Em Miriri chegou um carro correndo
Com quando eu olhei fui vendo um tal de Capa de Aço
Sujeito macho querendo mostrar seu valor
Mas do meio pro fim... deixaram ele em bagaço".

É que cortaram ele miudinho.

Tonny: O que o senhor sabe, do que aconteceu lá?

Galego: O que aconteceu foi que mataram muita gente, houve muito sangue, e essa coisa. Matar gente, o latifundiário trazia aquele povo, aqueles pistoleiros, para matar o povo, botar abaixo as lavouras, botar as casas abaixo,...

Tonny: Como é?

Mulher de Galego: As pobre mães de família com as trouxas na cabeça, na rua... Botaram muitas casas abaixo, de muitas pessoas. Os povo mesmo de São Salvador (Fazenda), a gente mesmo encontrou família que saiu de lá, 70 e poucas famílias saiu tudinho; está tudinho aqui na rua. Lugar pra morar não tem, a gente mesmo tinha um roçado minha fia, completo de jerimum caboclo, jerimum de leite, fava, feijão de toda qualidade, galinha, tudo. Aí quando um dia agente estava tudo trabalhando, chegou uns vinte capangas da usina tudo armado.

Galego: Tinha cinquenta e dois capangas. É o seguinte; Esse negócio de São Salvador chamava Gameleira lá; tinha 74 morador. Eles disseram que tinham vendido para botar os morador pra fora. Então, veio uma pesquisa pelo Sindicato, uma Perícia. Foi em 72 ou em 73. (Retirada fala longa sobre o a década de 70 referente ao despejo de 73 famílias).

Tonny: E no tempo das Ligas? Como é que era lá?

Galego: No tempo da Liga. Eles ficam arrodando o povo quando falava em Liga, falava em documento.

Mulher de Galego: A Liga lá foi pau (falando ao mesmo tempo).

Galego: Botaram um tal de Luiz de Barros, lá metia o pau no povo. Antes dele o povo era aquela brincadeira mesmo. Iam somente criando devagarzinho. - Um dia vá tirar sua carteira. Digo: - Deus me livre. E eles se ataxando, como se ataxa hoje em dia, chama o

povo de comunista, essas coisas. Ah aquela comunista ruim, vamos mete-lhe o pau. Se o cabra procurasse qualquer coisa em qualquer propriedade ai, era só soltar o gado dentro e ficava por isso mesmo. Se fosse dar parte ao delegado, podia ganhar era uma pisa. Os vigia podia pegar ele no caminho e chicota-lo.

Tonny: Mas o que eu tenho entendido é que o povo de lá era quase tudinho por dentro das Ligas. Não era não?

Mulher de Galego: Todo mundo, todo ele (ele entrando) - O povo era medroso, não sabia falar, não sabia procurar, nem coisa nenhuma.

Tonny: O senhor conhecia o João Pedro?

Galego: Conheci demais. Era um cabra forte batalhador, homem de coragem, homem de lei, homem que não se vendia por besteira.

Tonny: E como é que ele fazia?

Galego: Ele fazia, era animar o povo, dar autorização como é que fazia, tal, caminhar bem. Ele também era um homem bíblico. Era um crente, né, ele. Era desassombrado. Um testa de ferro mesmo, não era cabra que tivesse medo de besteira não. Andava assim de peito mesmo. Não se curvava não, quando os cabras vinha. Entrava em qualquer canto. Só não era pra briga. A pessoa procurar o Direito não é brigar. Briga é pra gente nervoso.

Tonny: Fora de Maraú o senhor foi junto com ele para outro canto?

Galego: Foi pra... A bem-de roçado também, porque ele entrava em roçado. Em São Salvador, fomos pra Jaguarema, ia pra todo canto assim. Jaguarema não deu nada não. Eles arrancaram uma rocinha. A gente plantemos de novo. Deixemos lá plantado. Em São Salvador nunca arranquemos uma soca de cana pra plantar algodão. A raiz de algodão pra botar roçado.. porque eles queriam prender não queria dar aquela manga para plantar algodão. Um cercado que tinha para o povo trabalhar chama manga, né. Aquela manga ele não queria dar mais o povo fizeram e opinaram e eles fizeram; o povo mesmo trabalhou. Que a gente queria o roçado, queria trabalhar, não queria massacrar ninguém, não queria; o problema era trabalhar.

Tonny: E aquela história de Roque?

Galego: De Aprígio Roque? A história de Aprígio Roque foi o seguinte: Ele era um morador, um trabalhador da Usina, e então, eles roubaram ele pra matar. Dentro do mato. Então, aquele, um tal de Neco Gago, foi procurar com a polícia; encontraram e viram um jippe. Eles cavaram até a estrada pra ele não passar, mas, ele ligou os dois cabos dentro de uma caminhonete, pulou e tomaram deles. Ele inchado de pau. Deram-lhe uma pisa de matar e quando acabou,

embrulharam numa lona e pra ir acabar de matar dentro das matas. O cabra todo inchado que nem um sapo, o homem quase morto. Ele procurou Direito, ia pro pau.

Tonny: O Roque também procurou Direito, foi?

Galego: Procurou. Procurou porque eles devem ter botado ele pra fora, né? E então, eles deram parte dele. Quer dizer da Usina, né. Aí eles pegaram ele dizendo por certo que ele ia desaparecer, mas desapareceram ele dentro da mata pra matar lá e enterrar. Acabar de matar, mas pegaram ele dentro de um Jipe, a polícia ainda pegou. Senão, ele tava morto hoje, né?

Tonny: Ele morreu, né?

Galego: Eu não sei se ele já morreu?

Tonny: Ele morreu meio ano depois, mesmo daquilo.

Galego: Foi. Chamava Aprígio Roque. Tiraram o retrato dele assim, naquele estado. Procurou Direito, era para morrer no pau.

Tonny: E lá em Mari. Aquelas histórias de Mari?

Galego: Lá pra Mari eu não fui não.

Tonny: E em Miriri, o senhor foi alguma vez?

Galego: Não senhora. Eu só vim mais pra rua a bem de brincar, quando tinha passeata que de vez em quando tinha passeata, (...) comício essas coisas. Eu era ocupado trabalhava a semana toda, não era?

Tonny: No tempo das Ligas, morava aonde? (dirigindo-se para a mulher de Galego)

Mulher de Galego: Naquele tempo eu era solteira ainda. Era. E quando veio terminar já tava casada, não tava meu filho?

Galego: Já.

Mulher de Galego: Agora era um sitinho que chamava Fomento.

Galego: Aqui em Sapé. Fomento do estado, repartição do governo. Hoje em dia chama Enappe.... (dúvidas) outra repartição, né?

Tonny: E a senhora, naquele tempo. O que foi que entendia daquele tempo?

Mulher de Galego: Não entendia muito, não, que eu era muito nova... Pois eu era garotona assim... Ele gostava de ir. Toda a vida foi animado pra esses negócios. Eu ía e quando terminou nós já tava mais velha, né. Agora eu me lembro bem que quando terminou eu morava na rua, já. A gente se mudou lá do sítio e já estava na rua. (...) Eu me lembro que quando vieram buscar João Fuba que morava bem pertinho da casa de minha mãe. (...) Esse povo, assim que vieram buscar eles e que deram fim, no caminho. Chamavam João Fuba mas o nome dele mesmo era João Alfredo. O apelido era João Fuba que botaram, né.. Esse moreno, que era um morenã, esse menino.

Foi puxado pela polícia, então levaram ele, chicotaram ele muito ele lá. Cercaram muitos dias a casa dele pra poder pegar. (...) Era vizinho da gente. Era moreno, um cara muito alegre. (...) Ele era legal demais, eu conheci ele desde criança (...) Ele era mais velho do que a gente. O povo tratava ele... ele era comunista. Foi depois dessa Liga. Que era o chefe da Liga. Ele não era o Chefe, mas ele acompanhava, né? (...) E ele era vereador da Liga. Esse negócio de política.

CONTINUAÇÃO DA ENTREVISTA, EM 2002.

Tonny: Estou de novo em Sapé. Hoje, é o dia 30 de novembro de 2002. Estou agora na casa de Antônio Francisco de Andrade, também chamado de "Galego". Inclusive, nos anos 80, foi feita com ele uma gravação. Foi mais ou menos em 83, por aí. Naquele tempo, o Sr. Cantou vários refrõesinhos. Conte mais alguma coisa.

Galego: É aquele negócio que eu ia falando do que eu vi lá, do gerente, do "seu" Abílio, das duas moças que eu vi lá, as pessoas que estavam conosco, Zé Marins... Em Marau: Como eu lhe falei. Botaram o gado, e nós fomos agir. Aí João Pedro falou para ele pagar. Ele falou: "Podem ir, que eu pago." Aí, João Pedro disse: "Não, Ele fica aí, e ninguém sabe quando paga. Eu só vou sair daqui com o dinheiro no bolso." Aí a gente ficou também, se não, se ele (JPT) ficasse sozinho lá, ele matava. Aí nós ficamos. Só saímos com ele. [E começa a entoar os seguintes versos]:

"Em Marau.
Chegou três caminhão de homens
E eu só não sei do nome
Para lhe explicar
Me acompanham seu João Pedro
Com seu João Joaquim
Pegador de Zé Marinho
Para acalmar.

O gerente de seu Abílio
Quis estoporar
Mas a Liga Camponesa
Foi lhe agarrar
E um tal de Chico Doido
Quis lhe degolar
Ele foi, saltou de banda
E as moças na varanda
Pegaram à mijar".

O gerente de seu Abílio botou a cabeça de fora para olhar, aí um cara meteu-lhe a foice. Como eu não sabia do nome dele, botei o nome de Chico Doido. Nem sabia os nomes dos homens dos três caminhões.

Tonny: Mas, por que as moças levaram tanto susto?

Galego: Com medo, por causa daqueles homens todos armados de revólver, de foice, de espingarda, de machado, de enxadeco, de toda qualidade de arma da agricultura. Aí, elas pensavam que iam matar tudo ali. E aí, foram a João Pessoa e trouxeram trinta e cinco soldados. Mas, os soldados não fizeram nada com a gente: "Ah, minha gente, tudo bem por aí?" Não fizeram nada com a gente. Aí, depois que terminou essa coisa lá, nós viemos embora.

Tonny: O senhor se lembra bem de João Pedro Teixeira?

Galego: Me lembro, demais.

Tonny: O que mais o impressionou nesse homem?

Galego: Que ele era uma bandeira de frente, era um homem desassombrado. Que não levava ninguém pra "lugar fundo", como se diz. O problema dele era libertar o trabalhador do campo, que a gente tinha direito à terra. Depois dele, tivemos direito ao décimo terceiro mês [=décimo terceiro salário]. Depois, tivemos direito a férias, a indenização, ser a lavoura vendida [=indenizada]. Eles [os grandes proprietários rurais] não tinham mais o direito de botar o gado na lavoura, não tinham mais direito a arrancar [a lavoura]. Tudo isso foi depois das Ligas Camponesas.

Tonny: Lembra-se de algumas frases dele?

Galego: Que ele falava? Ele não queria nada de briga. O negócio dele era paz e amor. Agora, incomodava... queria deixar tudo em pratos limpos, quer dizer, nem ser contra o trabalhador, nem ser contra o latifundiário. O negócio dele era a união. Vencer na união. Até que mataram ele, na covardia. Ele não queria fazer susto em ninguém. O negócio dele era paz, era amor, era trabalho. Se comunicar bem com as pessoas. Tratar bem. Ele não era pessoa de querer assustar, de querer ser lá em cima. Falava manso. Não gostava de gritar com ninguém. Outro dia, veio para Sapé um bocado de tratores, com... Ivan Figueiredo, que era das Ligas, também... Foi no dia sete de setembro, Em 63.

"No dia sete de setembro
Em nossa terra
Eu vi uns tanque de guerra

Pela rua passeando
Eu vi Zé Joffly
Com Assis Lemos de lado
Seu Ivan estava encostado
Falando no microfone".

Eu só falo porque vi. (...) . Então, a brincadeira da gente, em comício, tudo, nós fazíamos com bombo, com música. Aí, nós fomos lá pra João Pessoa, no palácio do governo, naquele tempo de Lott, Jânio e Janduí... Jânio Quadros, que era candidato também. Aí dizia: [Entoando com a melodia do frevo "Vassourinha"]:

"Lott, Jango e Janduí
E Jacó pra completar
Usineiro sai da frente
Que este povo vai passar .
Lott, Jango e Janduí
E Jacó pra completar
Usineiro, sai da frente
Que este povo vai passar."

Tonny: O Sr. também fez alguma cantoria para comemorar João Pedro, depois da covardia?

Galego: Não. Porque depois daquilo [referindo-se ao assassinato de João Pedro], se a gente fizesse isso, era para morrer, porque tinha um tal de Luiz de Barros (...). Qualquer coisa ele, mandado pelos fazendeiros, que tinham muita terra, ganhavam dinheiro, e mandavam matar a troco de nada, um trabalhador, um camponês...

Francisco Julião... ele foi candidato a deputado. Então, naquele tempo, os cabras foram prendê-lo... E ele tirou o bigode, se escondeu, ficou trabalhando de servente de pedreiro... Eram os usineiros de Pernambuco, andavam arrochando os cabras. Aí...

"Os usineiros
Num bairro de Pernambuco
De pensar já estão malucos
De ver as usinas parar
Mas, Julião, ele é leão de frente
Dando grito, arrocha a gente
Deixa a poeira voar..."

Cassiano [Ribeiro Coutinho] andava comprando votos. Ele tinha umá linha de comprar voto, de enganar o povo, chegar a uma casa [e dizer]: "Eu dou tanto, pra você votar em mim..." Aí, enganava com qualquer coisa. Ele inventava de comprar os votos do povo por novecentos... Diziam que se enganava as galinhas com milho, e os homens com dinheiro... Aí eu tirei:

"Cassiano andou comprando votos
A novecentos, os votos das mulheres
Mas, eu vi quando uma moça disse a ele
Você guarde seu dinheiro pra comprar de picolé..."

[Nota: Cassiano Ribeiro Coutinho, da Fazenda Una, Sapé]

Tonny: Olhe, ele foi candidato em 63... e Ivan Figueiredo era candidato também. E parece que Cassiano ganhou, comprando votos...

Galego: Eles ganharam porque de qualquer maneira eles ganhavam, porque tudo do lado deles... Eles faziam, naquele tempo, do jeito que queriam nas urnas. Tinha cabra com oito, dez anos de morto, e ele ainda botava os votos deles lá (...) Lá na Liga, no comício, era tudo misturado. Vinha Assis Lemos, vinha Dr. Djalma Maranhão, que era prefeito de Natal. Vinha José Joffily, esse povo todinho...

Tonny:: Quer dizer que a política era misturada com as Ligas?

Galego: Era tudo misturado, era. Era misturado, porque Ivan era com as Ligas. Era o secretário das Ligas. (...) Aí nós fazíamos comício de política, vamos dizer, e fazíamos com as Liga. Às vezes de tarde, era comício. Uma vez, fomos bater no Palácio do Governo:

"Lott, Jango e Janduí
E Jacó pra completar
Usineiro sai da frente
Que este povo vai passar
Lott, Jango e Janduí
E Jacó pra completar
Usineiro, sai da frente
Que este povo vai passar."

Tonny:: E tinha alguns versinhos sobre Ivan Figueiredo, na campanha?

Galego: Naquele tempo, nós fazíamos versos de todo jeito, que eu nem me lembro mais. (...) (Veja entrevista com Pedro Miguel).

**ENTREVISTA COM ANTÔNIO LACERDA DE ARAÚJO,
GURINHÊM, CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, EM 2002.**

Tonny: Olha, eu estou aqui com o Antônio Lacerda, já conversando sobre as Ligas Camponesas. Onde o senhor estava mesmo naquele tempos e o que conta sobre as Ligas Camponesas?

Antônio: O que eu sei contar é que havia muito cacete. Muita violência, ninguém podia andar pelas estradas, que era chocalhado, se não quisesse ficar do lado deles.... Era assim.

Tonny: O senhor tinha carteirinha?

Antônio: Tinha não, porque o patrão de lá não queria.

Tonny: Quem era o patrão?

Antônio: Adelmário Régis de Brito. É em Ladeira Grande, no Município de Gurinhêm.

Tonny: E essas Ligas..., ele era tão contra por quê?

Antônio: É. Não gostava dessa Liga, sabe? Gostava não.

Tonny: Ele entendia que era o quê?

Antônio: É, eles entendiam que era comunista, sabe? Comunista... e não queriam que ninguém da gente tirasse carteira, nada. Queria não.

Tonny: Mas lá, o senhor viu alguma coisa das Ligas?

Antônio: Homem, eu não vi muita coisa, porque nós não andávamos, porque eles não queriam que nós saíssemos pra canto nenhum. Quando eles iam na casa de meu pai, às vezes encontrava, meu pai morava na Cuba, em Cajá.

Tonny: Já tinha Cuba? [diversos Kilômetros de casebrinhas, beirando a BR. 230, perto da cidade Cajá]

Antônio: Já tinha Cuba. E nós encontrávamos aqueles cabras todos, com chocalho, outros querendo dar nele, porque não foi do lado deles, do lado dos camponeses.

Tonny: Como é? Quem era achocalhado?

Antônio: Era o pessoal que... vamos supor, eu era o camponês, a senhora não era. Eu ia e lhe chocalhava. Para a senhora ficar do meu lado.

Tonny: Quem, por exemplo, achocalhava?

Antônio: Bem, os outros. Olhe, se eu ia daqui pra ali, chegava ali, encontrava três caras ou quatro...

Tonny: Três caras das Ligas?

Antônio: Era. Aí perguntavam: "Você está do meu lado?" Eu dizia: "Estou." Ali eu estava do lado dele, eu não ia... não é? Mas, se eu dissesse que não, ia, eu ia pro chocalho.

**ENTREVISTA COM ANTÔNIO PEDRO EUGÊNIO
BARRA DE ANTAS, SAPÉ, CONCEDIDA À IRMÃ TONNY,
25/11/2001. (FALECIDO)**

Tonny: Eu estou aqui, na casa de Antônio Pedro Eugênio, que tem já 85 anos e era compadre de João Pedro Teixeira. A gente vai ter uma conversa espontânea, aqui, em que Antônio Pedro vai contar o que vem na cabeça.

Antônio Pedro: Eu queria [dizer] que João Pedro Teixeira era muito amigo meu. Agora, ele foi... ele lutava pelo povo. Saía pelo mundo, chegava à meia noite... sofrendo, O senhor de engenho botava o gado dele na lavoura [dos trabalhadores]... ele pegava uma faquinha, botava nos quartos e se desembaraçava sozinho, e ia mais aquele camarada lá, conversava, fazia tudo... Pensaram que ele era comunista... ele foi para Cuba, levaram ele a Cuba. e, quando ele chegou, começaram a persegui-lo, perseguir, perseguir... Então, sei que um dia, parece que foi no mês de abril, aí ele foi resolver o negócio da propriedade onde ele morava, aqui perto. aí, ele foi para João Pessoa, para resolver o problema da terra e comprar uns livros para os filhos. Agora, eu não sabia, mas o pessoal aí, o sogro dele, a família toda, aquele povo todo sabia que ele ia morrer naquele dia.

Tonny: Sabiam já? E como é que sabiam?

Antônio Pedro: Quando foi um dia, nesse próprio dia, ele foi para a cidade [de João Pessoa], e quando veio, eram já umas 6 horas para as 7 da noite. Aí os capangas já andavam procurando ele, os capangas de... esse que morreu, Dr. Agnaldo Veloso. Aí, na pista, os capangas atiraram nele, com bala de fuzil. Então, mataram o homem, sem necessidade. O que eu posso dizer de João Pedro Teixeira é que era amigo de todos. Não era homem de corrupção, não era homem de brigar. Fazia lá parte dos pobres, do povo. Então, tinha lá, depois de João Pedro, tinha lá uma revolução, lá vai, lá vai. Então, nessa revolução, tinha a Elisabete; lá vai, lá vai, pegando a fazer campanha com o povo. Então, nessa campanha, terminou apanhando muita gente. Morreu muita gente. Só não apanhei eu, porque eu desertei. Então, eu fui para Pernambuco, mas também não dizia (...). Só o que ela dizia aí, aí na cidade, pois ela veio aqui no ano passado, numa campanha que teve muita gente [Romaria da CPT]. Houve uma multidão de gente, aí o povo dizia: "Olhe, aí, isso é a mesma coisa

que nas Ligas Camponesas".* Eu sei que nas Ligas Camponesas, mataram muita gente. Muitos morreram, apanharam muitos, morreu muita gente, muitos amigos. Eu sei contar de João Pedro Teixeira, que João Pedro Teixeira era muito bom, não era de mentira. Na verdade, não era homem de mentira, era homem da verdade. Mas, mataram ele na traição. Lá onde colocaram uma cruzinha; tem uma cruzinha onde mataram ele. Elisabeth, perseguiram ela. Ela foi se embora daqui; foi para Cuba. Tinha um filho morando em Cuba. Hoje ele é formado de doutor, de professor. É o que eu sei contar.

Tonny Como era, seu Antônio, o Sr. encontrava João Pedro Teixeira?

Antônio Pedro: Encontrava! A gente conversava. Eu era trabalhador dele; trabalhava com ele. Eu, rapazinho, já casado, já formado, já tinha família. Aí, trabalhava mais ele, e conversava muito mais ele.

Tonny: Conversava o quê?

Antônio Pedro: Conversava coisa mesmo do trabalho. Ele não era homem de tomar coisa que era dos outros. Era homem de verdade. Ele não gostava de mentira, ele não gostava de nada disso. A corrupção de hoje é de cachaça, mas ele não bebia, não jogava, não farrava, não fazia nada disso; ele só vinha conversar coisa de trabalho, mesmo trabalhando. Trabalhando e assim conversando, um para o outro; pai de família, já, ele e eu também.

Tonny: Pelo que vejo, o Sr. gostava muito dele...

Antônio Pedro: Gostava demais. Primeiro, ele era, para assim dizer, era meu patrão, que eu trabalhava com ele; ele arrumava tudo para mim; tudo que eu precisava, ele arrumava. Eu respeitava ele, e ele me respeitava. Assim, eu trabalhava para ele, para João Pedro, dentro da terra do sogro dele, mas sendo que a lavoura era de João Pedro, pois o sogro deu essa terra para ele aí, trabalhar.

Tonny: Ele dava o suficiente para o Sr. se sustentar?

Antônio Pedro: Trabalhador não tem dinheiro, não é? [Mas] ele arranjava o dinheiro. Ele tinha uns bichinhos, tinha um gadinho, tinha gado. E era presidente, nesse tempo, do 'Sindicato'. O povo dizia que era a carteira da Liga, mas era o 'Sindicato'. É a mesma coisa, hoje.

Tonny: Ele ganhava alguma coisa, lá?

Antônio Pedro: Ganhava. Chegava um cara lá e dizia: seu

* Romaria da Terra, que naquele ano, partiu da capelinha, entre Sobrado e Café do Vento.

João, hoje eu não posso. A minha família está doente, e eu hoje não posso pagar o sindicato. E não tinha nada para comer. Ele fazia a feira do cara, partia a feira que ele fazia, muitas vezes, partia com aquele indivíduo. E chegava em casa, pegava a cestinha, assim, e ia comprar fiado na bodega. E todo mundo, aqui, vendia fiado a ele e gostava dele...

Tonny: É muito importante o que o Sr. está dizendo. É muito bonito!

Antônio Pedro: O que eu conto é isso. Mataram ele, e é o mesmo que ter matado eu, porque ele era mesmo que ser um pai meu. Ele era igual a um pai meu. [Todo o mundo] que chegasse lá e lhe pedisse, era atendido. Tanto eu trabalhava a ele, como eu arrumava comida para comer, e arrumava para a minha família, porque ele não tinha distância: "Seu João, hoje eu estou com as condições ruins." - "Vá lá na bodega e compre fiado." Quando eu comprava, naquele tempo, eram 10 mil réis. Mas, quando era no fim da semana, ele não descontava, não: "Compadre, deixe isso pra lá." Ele era assim. Aí ficou Elisabeth. Elisabeth, um tempo desses... A Sra. é o quê de Elisabeth?

Tonny: Eu sou Irmã Tonny. Eu sou uma freira. Eu, inclusive, morei sete anos em Sapé, de 82 até 89, e eu vinha aqui, também. Fazia reunião com os jovens, com a comunidade.

Antônio Pedro: João Pedro Teixeira... Aqui não tinha gente que não gostasse de João Pedro Teixeira. Todo mundo gostava dele, de homem, mulher a menino. A pobreza. Agora, só quem não gostava dele eram os ricos, porque diziam que ele era comunista. Que homem comunista? Ele era trabalhador, eu trabalhava para ele, trabalhava no roçado dele, vivia dentro da lei, e diziam que ele era comunista... Mataram ele, Dr. Agnaldo... Mataram ele à traição, mas nenhuma criatura que vive aqui, nessa redondeza... Ele morava em Sapé, casou com a filha de Manuel Justino, ali, que já morreu também - não tinha sequer uma só criatura que não gostasse dele. Todo mundo gostava dele aqui. Agora, os ricos, não... Esses ricos avarentos não queriam, não gostavam dele, não. Diziam que ele era comunista, porque tinha ido para Cuba. (...).

Tonny: O senhor conheceu João Pedro desde quando?

Antônio Pedro: Eu conheço João Pedro Teixeira há muitos anos. Eu não estou dizendo à senhora que eu era garoto e ele trabalhador de pedreira. Era trabalhador de Pedreira, e trabalhava ali... Então, casou-se...

Tonny: O senhor já conhecia João Pedro Teixeira, quando ele trabalhava na pedreira?

Antônio Pedro: Eu conhecia João Pedro Teixeira, ele novo, desde quando chegou aqui solteirinho, antes de se casar. [A gente] já era amigo de trabalho. Eu trabalhava na pedreira, ele também trabalhava.

Tonny: E como era o trabalho na pedreira?

Antônio Pedro: Vendia aquele negócio de paralelo [paralelepípedo]. Eu trabalhava de servente de pedreiro; botava água para o povo, e ele trabalhava no martelo dele. Tomava conta dessas Pedreiras, aqui no rio. Nesse tempo, havia muitas Pedreiras por aí. Trabalhou muita gente com ele. Era um homem da casa dele. Era um homem que não tinha pantinho.

Tonny: Já antes do casamento, já era um homem muito...

Antônio Pedro: Já antes de ser casado, era um homem trabalhador. Ele casou com a filha de Manoel Justino, não sei nem qual foi o tempo.

Tonny: Ele casou em 42.

Antônio Pedro: Quando ele morreu, deixou 9 [11] filhos. Uma morreu envenenada, uma filha de Elisabeth [Marluce]. Depois que mataram ele, uma morreu com desgosto; envenenou-se e morreu. Outro atiraram nele, ali, ninguém sabe quem foi...

Tonny: No menino, não é? No Paulo.

Antônio Pedro: Atiraram no Paulo.

Tonny: O senhor sabe contar como foi que aconteceu?

Antônio Pedro: Eu não sei, não. Eu ouvi [dizer] que atiraram, mas eu não sei quem foi. Eu também não vi, eu não estava aí. Quando eu vinha de Sobrado, encontrei Elisabeth, que vinha com ele mais um rapaz [filho Abraão], com ele nas costas. Nesse tempo, era uma dificuldade de carro, aqui não tinha. E iam com ele para pegar transporte e ir para Sapé, para fazer curativo.

Tonny: Elisabeth carregava o Paulo de dez anos!?

Antônio Pedro: Era. Levava no cangote, para fazer tratamento dele na rua... E depois, ficaram os filhos... Ficou Abraão, ficou Isaac...

Tonny: Venha cá, Antônio Pedro, o que o senhor conta, o que o se lembra de João Pedro, antes dele se casar? Ele já conversava mais assuntos do que outros rapazes da idade dele?

Antônio Pedro: Não. O trabalho dele só era um. Ele trabalhava, e no sábado, ele recebia aquele dinheirinho. Aí, pagava os trabalhadores, e com o que sobrava, fazia a feira (...) Não era homem de

má conduta, não. Era homem de verdade, e não de andar com mentira. Era homem da casa dele.

Tonny: Oh, Antônio Pedro, quando João Pedro casou, ele foi embora, fugiu com Elisabeth.

Antônio Pedro: Foi, fugiu com Elisabeth...

Tonny: Aí, ele ficou dois anos, no Engenho Massangana. Depois, foi para Recife, e, em 54, ele voltou para cá. O senhor se lembra disso?

Antônio Pedro: É que a família, o velho [Manoel Justino, pai de Elisabeth] não queria o casamento. Ele carregou Elisabeth, porque o velho não queria que eles se casassem, porque ele era um cara pobre, trabalhador de Pedreira. Ele [Manoel Justino] era um proprietário forte, era um proprietário rico, e não queria que a filha se casasse com João Pedro Teixeira, que era preto. Ele era um cara moreno, bem pretinho, e ele não queria que eles se casassem; era um negro, um trabalhador alugado...

Tonny: Ele dizia isso?

Antônio Pedro: O velho Manoel Justino dizia isso à filha, mas a filha entendeu de fugir com ele, e fugiu. E foi um bom pai de família... Era um homem que vivia para Deus. Ele era um homem que não ofendia a ninguém. Era um homem da verdade.

Tonny: E quando ele, depois de dez anos, veio de novo morar aqui?

Antônio Pedro: Numa casa daquela Fazenda, ali. Disseram que era dele. E, pelo limite, era dele, porque ele se casou com ela. Mas, disseram que o velho [Manoel Justino] depois vendeu para o Sr. Antônio Vitor. E, nessa história dessa terra, que disse que vendeu e não vendeu, eu sei que terminou, acabando com ele por isso. Ele foi para João Pessoa, por causa disso mesmo, por causa dessa terra, para passar os papéis para ele. Quando ele chegou lá, Antônio Vitor não estava; quando Antônio Vitor ia, ele não ia. Ele era dono de serviço, daí não ia. E no dia, em que foram matá-lo, os capangas andaram aí, para cima e para baixo. Eram três; cada um montado num cavalo; o fuzil redobrado embaixo da sela. Esses sabiam que ele ia morrer, naquele dia. Chegaram ali, beberam água na casa de uma prima minha, ali, Joana, Joana Benício. Ela viu quando os cara chegaram lá, procurando "um garrote preto", aí [por volta] de 7 horas, de 6 horas, mais ou menos - já estava pardo [o dia]. Aí, ele [João Pedro] vinha naquele carro [ônibus]. Naquela buraqueira, eles [os capangas] entraram, se esconderam lá dentro, pertinho da pista. E, quando ele vinha passando, com os livros para os filhos - os filhos

dele todos estudavam -, aí, atiraram nele. Essa prima minha, Joana, sei que já morreu. Aí ela viu, ela morava aí pertinho, na barreira. Ela ainda ouviu ele dizer: "É verdade: lutaram, lutaram, até que acabaram comigo." Mas, nisso aí, ele caiu, a bala tinha pegado nele, entrou no corpo, e não saiu fora. Atiraram da pista, pertinho, assim... Mas, já morreu tudo quem matou ele. Foram os capangas de Agnaldo Borges, que também já morreu. Acabou tudo.

Tonny - Antônio Vítor está vivo, ainda, não é?

Antônio Pedro: Antônio Vítor está vivo; era gente nova, mas ele não tem culpa nisso, não. Eles disseram que foi vendido a terra [a lavoura de João Pedro Teixeira] a ele, mas ele não tem culpa nisso, não. Antônio Vítor vivia ali em Alegre, uma fazenda. Ele era filho de José Leite, irmão de Maria Leite, que mora aí; ainda mora nessa fazenda aí, de Antônio, que mora em Sapé.

Os fazendeiros botavam o gado na lavoura do povo, e chegavam os lavradores, à meia noite, à casa de João Pedro, dizendo: "Seu João Pedro, o gado está comendo minha lavoura todinha." Ele se levantava da cama, botava a arma dele - era uma faquinha - botava a arma nos quartos, e ia lá acertar com aquele Fazendeiro. Ia para a Federação. Chegava à Federação, fazia, às vezes, o senhor de engenho pagar a lavoura... A vida dele era essa, depois de deixar o trabalho na Pedreira. Mas, não era pessoa má, não. Todo o mundo, de velho a criança, gostava dele, nesta Região que eu conheço. Só quem não gostava dele, eram os ricos.

Tonny: E depois de ele voltar [de Recife], ele andava por aqui, para conversar com o povo, não andava?

Antônio Pedro: Andava. Aqui, todo mundo gostava dele.

Tonny: O senhor participou de conversas, em que ele juntava grupos de trabalhadores, para conversar?

Antônio Pedro: Aí ele juntava os trabalhadores. Os cara iam para a casa dele, para ele conversar as histórias da lavoura [devorada pelo gado dos senhores de engenho]. Aí, depois que ele foi para Cuba, aí pegaram a perseguir o homem... E depois que pegaram a persegui-lo, que era um comunista... Perseguindo, perseguindo, até que acabaram com ele. (...) Ele foi para Cuba depois da fundação do Sindicato. Ele já era Presidente do Sindicato. Ele foi preso pelo Exército. Ele tinha um roçado ali, pegaram da porteira aí, donde sai pra rua, era na beira do rio. Foi, passou um dia, ou foram três, e depois, voltou. Depois, foi preso de novo, perseguido, dizendo que ele era comunista. (...) Agora, não era mau homem, não; não era má pessoa. Depois que ele morreu, aí o filho dele foi para Cuba: Isaac

estudou em Cuba. Parece que Elisabeth também foi [foi visitar o filho]. A senhora sabe que, quando o homem era vivo, era uma coisa... Mas, a mulher entendeu, naquela época em que o marido morreu, de falar muitas coisas. Fazia um grupo de gente pelas fazendas... Saíam duas mil pessoa, três mil pessoas, pelas fazendas, aí, para fazer campanha. E o povo se desgostou dela. Era o Dr. Assis Lemos que andava por dentro das campanhas.(...) A polícia começou a perseguir o povo, começou a perseguir, e apanhou muita gente. Mataram gente. A polícia matou muita gente.

Tonny: E quem apanhou?

Antônio Pedro: Eram muitos. A Polícia levava e prendia. Eram os que andavam com Elisabeth, era quem apanhava. Diziam que ela era comunista...

Tonny: Será que eu estou entendendo certo? Eu entendi que o senhor quer dizer que, no tempo de João Pedro Teixeira vivo, era uma coisa, e depois era outra coisa?

Antônio Pedro: Ah, era. Depois que João Pedro morreu, trataram da revolução, não é? Elisabeth tratou a revolução. Fazia campanha aí de 5 mil pessoas, e o povo dizia que era para tomar a terra do povo [dos fazendeiros] aí. [Isso] seduziu [assustou] os senhores de engenho, seduziu, que iam lá com 5 mil pessoas. Daqui mesmo de Barra [de Antas], pegaram carro e mais carro, e iam para as fazendas; era um dismantelo. No tempo de João Pedro, que era um homem que não queria dismantelo. O dismantelo todinho foi quando mataram João Pedro... Depois, em 64, é que a revolução destruiu muita gente. Hoje, ela [Elisabeth] vive aí, para as bandas de João Pessoa, e acabou-se.

Tonny: O Sr. quer dizer que gostavam mais de João Pedro Teixeira do que de Elisabeth?

Antônio Pedro: Ah, era, sim. João Pedro Teixeira era um homem que tudo dele era no direito, tudo era no certo. Não era homem que chegava para fazer corrupção. Com Dr. Assis Lemos e outros e outros, tudo rico que andavam com Elisabeth por aí, fazendo campanha. Depois, inventaram que o cabra que não fosse, apanhava na campanha. E quem não fosse Dr. Assis Lemos é quem dizia que o cabra que não fosse, botasse o chocalho e levasse. E, justamente, pegaram, como pegaram um amigo meu, aí, e levaram. Eu cheguei aí nessa fazenda, e ele estava aí com o chocalho no pescoço, mandado por Dr. Assis Lemos. Não foi outra pessoa, não. E foi desgostando o povo, foi desgostando, e no fim, terminou apanhando muita gente. Destruíram muita gente... a polícia, Luiz de Barros. A polícia aí de

Sobrado andava com esse povo. Eu não apanhei, não, porque eu fugi daqui. Saí, passei 1 ano em Pernambuco. Também não devia. Antes eu dizia "Não faça isso, não, rapaz; isso é carne humana que nem a gente." Mas, tinha deles que queriam pelo menos sangrar... mas, não é assim que o cabra podia fazer. Na época de João Pedro Teixeira, não havia isso, não.

Tonny: Não usavam aquele negócio do chocalho, não?

Antônio Pedro: Não, não, aquilo não. Ele foi preso pelo Exército, mas ele não era homem de corrupção, não. Não era homem de dizer: "Faça, faça, que eu mandei." Não, ele não. Que ouvi ele dizer - morreu já também, foi Dr. Renato Ribeiro Coutinho chegou e disse, aí numa bodeguinha de um primo meu, aí, foi e falou para ele: "João, abandone essa lei, João." Ele [João Pedro Teixeira] tinha dado a feira ao povo, em Sapé. Pediram a ele, e ele deu. E foi comprar fiado, na bodega de um primo meu, que mora do outro lado lá do rio, onde tinha a bodega. Ele [Renato Ribeiro Coutinho] disse: "Você abandone essa lei, que eu lhe dou um milhão de reais [sic], você ganha aquela terra de seu sogro." João Pedro Teixeira disse: "Não adianta eu hoje ganhar um milhão de reais seus, e ganhar esta terra do velho meu sogro. Amanhã, os meus filhos estão todos de barriga cheia, e ver os filhos dos meus companheiros morrendo de fome. Quando têm a escola, não têm o livro. Quando têm o livro, não têm a escola. Quando têm o sapato, não têm a roupa. Quando têm a roupa, não têm o sapato. Assim, eu tenho que lutar pelo estilo de Cuba. Pelo que eu vi em Cuba, eu tenho que lutar." Aí, ficaram perseguindo ele, perseguindo, até quando mataram ele.

Tonny: E Renato Ribeiro Coutinho dizia o quê?

Antônio Pedro: Nada. Ele só fazia dizer: "Abandone esta lei." - "Por que, Renato Ribeiro", eu falei para ele. Porque ele gostava de uma filha de uma irmã minha. Eu falei uma vez a ele, lá em Oitizeiro, que minha irmã mora em Oitizeiro [João Pessoa] e uma sobrinha minha. Aí eu digo: "Ô doutor, me diga uma coisa: esse tal de comunista, o que quer dizer isso?" Ele disse: "Eu não entendo essa coisa de comunista, não. Eu negocio com Cuba: eu levo daqui pra Cuba, e trago de lá pra cá." Renato Ribeiro disse isso pra mim. "Agora só tem uma coisa: por que você pergunta isso pra mim?" - "Porque o povo fala de comunista." - "Não tem esse comunista. O comunista é que eu negocio com Cuba. Eu levo pra Cuba e trago de lá pra cá. Agora, só tem uma coisa: é que lá tudo é de um jeito só. Lá não tem corrupção, não tem essas coisas." Renato Ribeiro que dizia a mim. O João Pedro Teixeira não conversava nada. Ele foi para Cuba, mas

não conversava. Ele só conversava assim: "Tem que lutar pelo estilo de Cuba. O que eu vi em Cuba.

Tonny: Quer dizer que Renato Ribeiro ia pra Cuba e falava sobre isso? O que ele contava?

Antônio Pedro: Ele contava que o comunista, que lá todo mundo trabalha. O que ele contou pra mim era: "Ah, meu filho, lá todo o mundo trabalha, lá não tem preguiçoso, lá todo o mundo, todo o mundo trabalha; não tem essa corrupção de hoje, porque hoje, poder pegar uma filha, o cara se apoderar dela, tomar a mulher do outro... Lá, não, não tem isso, não." Ele não contava que lá é comunismo, não, ele não contava.

Tonny: Seu Antônio, me diga uma coisa, o Sr. conversava mais vezes com Renato Ribeiro?

Antônio Pedro: Conversava, conversava com ele, quando ele chegava na casa do meu irmão, lá em Tambaú. Lá ele morava com uma sobrinha minha. Era amigado com uma sobrinha minha.

Tonny: E sobre João Pedro Teixeira, ele falava o quê?

Antônio Pedro: Sobre João Pedro Teixeira ele não falava nada. Quando ele falava comigo, não falava sobre isso.

Tonny: Como Joana percebeu os três [assassinos de João Pedro Teixeira],

Antônio Pedro: Joana já morreu. Aí chegou o delegado, não me lembro o nome [dr. Makários], chegou na casa de Joana, e falou para Joana ajudar na identificação. Joana disse: "Se o Sr. garante minha vida, seu Macário, eu conheço todos os quatro. Se o Sr. garante a minha vida, eu vou andar mais o Sr." O carro dele era um jipe. E, então, eu conheço." Então, ela saiu, andaram nas fazendas por todo o canto. Só faltava ir na fazenda de Agnaldo Borges. Quando chegaram a Pilar, estavam dois... faltava um, que já tinha fugido. Aí, dr. Makários prendeu, prendeu eles e levou. Depois, soltaram eles, foi naquele tempo de 64, com o Golpe. Eu sei que acabaram-se tudinho. Aí ela disse: "Um é aquele; o dois é aquele; o outro não está aqui, não."

Tonny: E Joana, não teve prejuízo, não?

Antônio Pedro: Não, nada. Não teve perturbação de nada. Ela foi somente olhar, e viu. Ela conhecia, que eles chegaram lá e beberam água três vezes, na casa dela. Até na derradeira viagem, foi à boquinha da noite, ainda pediram água e falaram para ela: "Por aqui não passou um garrote preto, não?" Ela disse: "Não." O "garrote preto" era João Pedro. Foi tempo que escureceu. Eles cortaram ramos, depois cobriram, e ficaram acolá, bem pertinho da rodagem. E,

quando ele passou, atiraram nele e mataram. Joana ouviu os tiros. Era pertinho, assim. Ela ouviu ainda dizer assim... que quando tom- bou, ele disse assim: "É, lutaram, lutaram, até que acabaram com ele". E ele caiu, caiu em cima dos livros. Aí só foi... Os cabras atiram e as balas foram tão perto, que não saíram fora. João Pedro tinha sido... Ele falou antes de cair. O primeiro tiro foi lá no peito esquerdo.

Tonny: Joana chegou perto?

Antônio Pedro: Joana morava lá na barreira, no sítio, mesmo na beira da rodagem.

Tonny: Ela chegou perto?

Antônio Pedro: Chegou nada. Ela não veio. Veio um cara numa camioneta, que mora numa banda, aí. Sai da camioneta, onde estava o morto, aí correu pra Sapé, deu parte, aí a polícia veio, viu que era ele e levaram.

Tonny: Chegou mais gente aí perto?

Antônio Pedro: Não, chegou não. A camioneta vinha de cá, da rodovia pra Sapé, pra casa dele, que ele morava aqui, em Sobrado. O tal de Antônio Riqueta, morreu. Também mataram ele. Veio de Sobrado, e quando veio, viu então aquele homem morto, parou uma coisinha, conheceu que era ele, conheceu que era João Pedro Teixeira, aí corre, vai para Sobrado, chega lá, vai dar parte; foram para Sobrado, e depois vieram buscar ele aí, mas já estava morto. Lá não foi ninguém. Só foi mesmo a Polícia para buscar ele. Aí levaram ele.

Tonny: E no outro dia, foi o enterro. O Sr. foi?

Antônio Pedro: Fui não.

Tonny: O Sr. não foi? Daqui não foi muita gente, não?

Antônio Pedro: Foi muita gente, foi muita gente. Ainda fizeram uma campanha pra ele, fizeram mesmo aqui. Fizeram uma campanha agora, há pouco. Faz uns quatro anos. Ou foi cinco? [Refere-se à Romaria da Terra, que foi feita por lá]. Elisabeth veio. Teve muita gente, mais de três mil pessoas, para fazer uma visita na cova dele. Pegaram lá da fazenda, da fazenda aí. Falou muita gente. Era uma multidão de gente, aquele comboio de gente para fazer a visita à cova dele. Fizeram a visita e voltaram.

Tonny: Ô Antônio, quando João Pedro morreu, qual foi a reação do povo?

Antônio Pedro: A reação do povo... acharam muito ruim, não é? Era uma reação muito grande, porque ele era um homem muito bom. Todos se revoltaram muito. Mas não podiam se revoltar, porque... reagir contra a Polícia? Foi Polícia mandada pelos ricos,

porque o Dr. Agnaldo Veloso Borges era o homem do poder. O quê o mandou matar. Então, ninguém pôde se revoltar com aquilo, não é?

Tonny: Mas, muita gente continuou com Elisabeth, não foi?

Antônio Pedro: Continuou, mas foi a coisa errada. Foi errado porque ela andou fazendo campanha, dizendo que fazia parte do marido, que fazia a campanha dele. Mas, deixe que o que aconteceu é que depois era o Dr. Assis Lemos, e aí mandaram achocalhar o povo, e o povo foi desgostando, desgostando, desgostando, então se terminou na revolução, apanhando muita gente, matando... Mataram gente e muita coisa termina...

Tonny: Eu concordo com o Sr. Essa história de chocalho eu não gosto de ouvir, não. Agora, antes do chocalho, mataram João Pedro. Mataram mais outros, também.

Antônio Pedro: Mataram muitos. Da usina mataram aquele Gouveia...

Tonny: Gouveia era administrador...

Antônio Pedro: Gouveia era contra o povo. Mataram numa campanha de Mari.

Tonny: Mas, isso já foi depois de João Pedro. Agora, antes de João Pedro, foi lá em Miriri, não foi? Era João Alfredo, era?

Antônio Pedro: Foi João Alfredo. Conheci aquele, desde menininho. Conheci demais. Ele era de Cuba. Ele foi para Cuba, também. Disseram que ele era comunista. Cortaram ele, cortaram em pedacinhos. Cortaram assim: pegaram das unhas e cortando de pedacinho em pedacinho. Porque, naquele tempo, eles não queriam que se fosse a Cuba. Porque disseram que o partido era comunista. Mas, comunista que eu estou vendo, é esse aqui, no Brasil todo. É tudo comunista, porque hoje o cara não pode dominar nem uma casa que possui, que o cabra vem tomar. É isso o que é comunista. Mas, o lugar que é da verdade, que Fidel Castro entrou, quando acertou em Cuba, é o que eu ouvia os mais velhos dizer. Entrou para dominar quatro anos. Hoje, é rei porque lá é ele mesmo. Já sabe, porque o lugar não é, já sabe que se matar, morre. João Pedro contava que lá [em Cuba], se matar, morre. Se bulir com a filha de qualquer cidadão, vai morar com ela, tem que morar com ela. Ou mora, ou morre. (...) Lá, a lei é essa: se matar, morre; se bulir com a filha de qualquer cidadão, tem que morar com ela, mesmo. E lá todo o mundo trabalha e todo o mundo come. A lei lá é esta: todo o mundo trabalha e todo o mundo come. Lei, tem lei, aqui não tem, não

Antônio Pedro: Eu fui, eu fui na campanha, nesse dia. Nesse

dia, eu fui mais ele na Federação. Então, ele falou sobre uma questão de lavoura com um morador desse doutor... desse que morreu. Aí, falou para o homem, disse: "Olhe, eu dentro de sua propriedade, eu não entro. Mas, o Sindicato vai ser apregoado dentro de São Miguel [do Taipu]." Dessa vez, eu fui com ele também, na fazenda. Ele não entrou, não.

Tonny: E como foi lá, em São Miguel?

Antônio Pedro: Lá tinha uma reunião muito grande. Todo o mundo aceitou o Sindicato. Todo o mundo aceitou. Agora, Henrique Vieira pensou que iam entrar na propriedade dele. -"Isso está vingando agora, que estão pegando essas propriedades, aí?" Tinha Maraú, Vieirinha, esse povo está tudo apossado com essas terras. Mas, só foi a palavra que ele [João Pedro] disse: "Seu Henrique, não se preocupe que eu não entro em sua propriedade. Eu vou apregoar o sindicato." Isso ele disse duas vezes. Nesse dia, eu estava também.

Tonny: Isso era para fundar as Ligas, em São Miguel?

Antônio Pedro: Em São Miguel. E ele foi e apregoou mesmo o Sindicato, lá.

Tonny: Agora, chegou aqui uma das filhas do Sr. Antônio Pedro Eugênio: Joana Maria Eugênio. Então, Joana, a Sra. está falando uma coisa bem importante. O que era?

Joana: Eu me lembro que, quando pai foi se embora, deixou a gente bem pequenininha, com oito anos. Ele deixou a gente tudinho e foi-se embora, no tempo da campanha. Ele não podia chegar aqui, o povo queria matar ele. Queriam fazer ele engolir um osso.

Tonny: A Sra. tinha oito anos, e agora tem quantos anos?

Joana: Quando ele foi-se embora, eu tinha oito anos. Eu sou de 53.

Tonny: Aí, seu pai tinha que sair para não ser morto. Você se lembra de quê?

Joana: Eu me lembro que ele deixou a gente novinha, deixou a gente morrendo de fome, que ele não podia chegar em casa, a gente era tudo com fome.

Tonny: E o quê mais?

Joana: Eu não me lembro de mais nada, não. Quem sabe são minhas irmãs mais velhas. Eu tinha um irmão que vivia mais ele, também. Foi andar mais pai.

Tonny: Eles foram para onde? E o Sr. [dirigindo-se a Antônio Pedro], quando saiu daqui, foi para onde?

Antônio Pedro: Eu fui para Pernambuco... E isso vingou, depois de Elisabeth. Depois que mataram João Pedro, foi que vingou essa

lei dessa tal Liga... [Depois] que Elisabeth andou com o povo, com Assis Lemos e algumas pessoas... andou fazendo essa corrupção, mas no tempo de João Pedro, não.

Tonny: Em 1964, viu, seu Antônio, teve o Golpe Militar. Não era só contra as Ligas, era contra todo o povo do Brasil, porque os grandões tinham medo que os pequenos iam ser mais fortes. Por isso que fizeram o Golpe Militar, e por isso que o Sr. teve que fugir. Não era nem por causa de João Pedro, nem por causa de Elisabeth. Era por causa dos grandes, que tinham medo que os pequenos seriam mais fortes, porque eles são muitos, os pequenos são muitos, e os grandes são poucos, em comparação com os pobres. Então, os grandes botaram os militares para acabar com tudo o que era luta. Aconteceu isso. Por isso o Sr. teve que fugir.

Antônio Pedro: Eu fugi. Nesse tempo, eu saí daqui, e fui chegar com muitos anos [depois].

Tonny: (dirigindo-se a Joana): Quando o pai saiu...

Joana: Quando pai saiu, deixou a gente tudo pequenininho. Mãe pedia para dar de comer à gente. Trabalhava de alugado a um e a outro, pedia, que ele foi-se embora, e queriam fazer ele engolir osso. Nós trabalhávamos mais mãe, limpávamos mato, no meio do mundo, para a gente comer.

Antônio Pedro: [A família] era prejudicada... Muita gente [também era]: a polícia todo o dia, todo o dia... eu ia trabalhar, e a polícia de cima, todo o dia, todo o dia... polícia de Sobrado, polícia de Luiz de Barros, com campanha e mais campanha de gente, eu só, não. Foi um bocado deles. A maioria fugiu, mas voltou. Eu voltei com muitos anos [depois].

Tonny: E o Sindicato, quando foi fundado, o Sr. estava?

Antônio Pedro: Naquele tempo, sindicato, agora eles diziam que não era sindicato, era carteira da Liga. Se lembra disso? O povo falava era: "carteira da Liga". Essa Liga não era como estão hoje, nessa corrupção. E nesta história, lá vai, lá vai e lá vai. Sindicato criou-se agora, há pouco.

Tonny: É que o povo chamava também de "O Sindicato das Ligas", mas tudo bem... O Sr. tinha a sua carteirinha?

Antônio Pedro: Eu tirei.

Tonny: O que é que aconteceu com a carteirinha?

Antônio Pedro: A carteirinha não apareceu... Esconderam e eu não sei que fim levou... Porque se o cara fosse pegado com uma

carteirinha daquela, o cara tinha que morrer de pau, porque era das Ligas Camponesas.

Tonny: Depois de voltar, o Sr. ainda viu por aqui alguma carteirinha?

Antônio Pedro Eugênio: Nenhuma. Acabou-se a carteirinha da Liga. Depois, formaram o sindicato e todo o mundo, e todo o mundo ficou no sindicato. Eu mesmo fui pro sindicato. Fiquei no sindicato e pronto. (...)

Tonny: Vem cá. E, quando o Sr. voltou, encontrou muitos companheiros que tinham fugido, e que voltaram?

Antônio Pedro: Muitos apanharam. Foram para a cadeia e apanharam que só. Nessa cadeia de Sapé, [foi] muita gente a apanhar. Daqui mesmo, os que andavam, os que viviam mais Elisabeth apanharam muito. Eu não apanhei porque corri; eu não apanhei porque fui-me embora, tinha para onde ir. Aí me levaram para... Aí veio o prefeito Antônio Teixeira, um prefeito que tinha em Santa Rita, Antônio Teixeira, me levou para a casa dele. Eu passei um ano na casa dele. Aí andei muito. Depois, voltei, e aí fui muito perseguido. Perseguiram, aí eu fui para Pernambuco. Mas, o resto [dos companheiros] apanharam muito. Tem nego que morreu de cacete. Apanharam porque eram comunistas, nessa região mesmo daqui...

Tonny: O Sr. se lembra quem morreu?

Antônio Pedro: Morreram, morreram todos...

Tonny: Mas, quem morreu de apanhar?

Antônio Pedro: Mataram Pedro Fazendeiro, mataram João Alfredo, naquele tempo, e mais alguns companheiros que mataram, aí.

Tonny: O Sr. sabe também o que foi que aconteceu lá em Mari?

Antônio Pedro: Em Mari, eu ouvi falar que aconteceu, mas quando eu fui lá, cheguei lá, só encontrei a polícia. Foi no tempo que mataram Gouveia.

ENTREVISTA COM ARTUR JOSÉ DE CARVALHO
E ESPOSA, JOSEFA DAVI DE MELO, ASSENTAMENTO
STA. HELENA II, SAPÉ - PB,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM 2002

Tonny: Continua aqui a entrevista com Artur e Zefinha. A gente estava falando sobre aquele caso lá de Mari. Daí, o assunto era o motorista.

Artur: Seu Mirocem. Ele trabalhava a favor de Dr. Renato [Ribeiro Coutinho] da Usina S. Helena. E na hora ele atirou em gente, nos camponês.

Tonny: Ele também atirou?

Artur: Atirou. Botaram fogo no Jipe dele, mas ele recebeu outro.

Zefinha: Comadre, ele estava contra os trabalhadores.

Tonny: Ele pegou outro Jipe?

Artur: Outro Jipe, a usina deu, Dr. Renato deu.

Zefinha: Dr. Renato junto com Dr. Gouveia. Naquele tempo a usina, as duas se comunicavam (São João e Santa Helena). Era misturado. Depois por modo de "renrrengue", não sei de que, se separaram. Renrrengue de família, se separaram. Foi nessa época...

Artur: Agora, Mirocem sabe contar a história todinha do princípio ao fim.

Tonny: E esse Mirocem vocês conheciam há muito tempo?

Artur: Não, eu conheci depois do barulho. Hoje ele é um grande amigo meu. Amigão da peste. (...)

Tonny: Ele conta essas histórias?

Artur: Não, do jeito que é hoje, conta; era outro quando estava na zoadá.

Tonny: Vocês tem mais coisas para contar, que foi importante naquele tempo?

Artur: Eu tenho comigo. Comigo, em 60, dia de Sta. Luzia fizeram eu ir trabalhar a força. Eu ia trabalhar ou levava uma pisa. Dia de Sta. Luzia (13/12/60). Eu tinha matado um Tijuaçu no mato, que eu tinha matado pra comer que não tinha nada, em casa; nem feijão, nem farinha, nem sal, nada. Eu mandei a minha mãe na casa de um senhor que era conhecido da gente tomar um litro de farinha emprestado. Pra quando chegar o fim da safra eu comprar na feira e pagar. Quando estava cozinhando no fogo, quando estava acabando de cozinhar, que aí, eu ia comer pra ir trabalhar, chegou o administrador e um vigia, um tal de Valdemar e um tal de Zé Duarte,

que era o vigia da usina, capanga da usina. Chegou cada um com um cacete, aí disse: – Tu não foi cortar cana, não? – Fui não, não tinha o que comer, matei um Tijuaçu, ta torrando, vou comer e vou cortar cana lá pra trás. Eu morando aqui e cortar cana na Ponte da Batalha de pés. Era longe (+ 10 km) e eu morava em Sta. Luzia encostado naquele pomar. Aí eu digo: – Eu vou, o meu Tijuaçu está torrando e vou, já. Disse: Não, aí saltou... com o cacete e disse: – Aqui não é pra mim não, é pra gente teimoso. Ou vai cortar cana ou vai apanhar agora. Aí o administrador disse: – Eu, que sou eu, não comi ainda hoje, acordei às quatro horas da manhã para poder trabalhar. Ou vai, ou vai apanhar. Eu digo: – Vou. Peguei o facão e meu cadastro. Aí peguemos o facão cego e chegemos quase dez horas, lá na Batalha. Cortemos de se acabar, só da viagem só para fazer o gosto deles pra não levar cacete. Nós foi e voltemos (...) Aí esse mesmo dia foi que peguei meus troços e deixei minha mãe sozinha, lá com meus irmãos tudo de menor. Aí procurei [na Fazenda] Maraú, Dr. Marinho, gente muito boa. Ele mandou ver minha mudança, no mesmo dia, sem me conhecer, sem nada. Aí eu contei a história a ele, lá. Mandou vir em dois burros a minha mudança. Foi em dois burros, com cangalha e ainda foi um desocupado.

Tonny: Levou os irmãos e a mãe.

Artur: Foi. Eu vim buscar e fui pra lá. Quando cheguei lá, arrumei um serviço com ele: Ele disse: – Quanto era a diária, lá na Usina? Eu disse: – Quarenta mil réis.

Tonny: Quarenta mil réis por dia, por semana?

Artur: É por dia. – Aqui eu pago um dia por quinze mil réis. Você lá, tá passando fome com quarenta mil réis e com quinze aqui? Eu disse: – Doutor, num é tanto a fome. É que eu não agüento que eu sou doente. O serviço lá é meio pesado e é (...) tem que fazer o que não pode. Ele disse: – Comigo você faz o que puder. Agora é quinze mil réis, o dia. Você trabalha um dia, o outro trabalha onde achar por mais. Eu digo: – Tá certo. Aí ele me deu um canto. Quando chegou me deu um meio saco de farinha, meio saco de feijão e uma pedra de açúcar, que dava uns dez quilos de açúcar bruto. O Engenho tinha parado, mas ele tinha muito açúcar, ainda. Aí, ele me deu pronto. Aí, não arrumou serviço pra mim no barracão do homem? Eu nem por quinze, nem por quarenta, por preço nenhum... Graças a Deus, porque eu, quando vi, eu... eu (...) aprendi umas continhas e aprendi matar um porco com um homem que eu vi lá, na praça em frente do terreiro do barracão... Fiquei de lá pra cá, segurei o rojão negociando, matando uns porquinhos, aí. Voltei pra usina de novo.

Voltei pra usina S. Helena. O homem foi se embora pro Rio, queria me levar; não tinha documento, não fui. Aí, voltei pra trabalhar na usina de novo. Aí me sujeitei um bocado de tempo de novo. Em 63 me casei. De 63 pra cá não trabalhei em serviço pesado mais não. Meu serviço só era de empreiteiro era de..., contratando trabalhador mesmo. Depois que me casei

Zefinha: Empreiteiro que diz aí, empreiteiro era uma turma de homem limpando cana, sabe. Aquela turma de trabalhador, homem, menino, mulher. Aí ele botava aquela turma de gente pra trabalhar e ganhava uma percentagemzinha. De cada um ele ganhava um ...

Artur: Mas eu recebia ordem deles, mas não fazia.

Tonny: Era um tipo de fiscal?

Artur: Era. Aí eu recebia ordem deles e não fazia: - Seu Artur, é pro senhor arrumar uns dez homens pra encher carros a noite todinha, chovendo.

Zefinha: Pra encher carro de cana, na mão.

Artur: Pra encher na mão, que não tinha enchedeira não. - Dez caminhão de cana hoje de noite. Arruma dez homens que dar pra encher na noite. Quem não quiser ir, corta a corda da rede e manda ir embora. Corta a corda, deixa cair com tudo, aí. - Tá certo. Chego lá: - Menino tem três carros pra encher, agora quem quiser ir vai, quem não quiser. Mas, eu vou dizer a ele pra não dizer, que não cumpri a ordem. A ordem que eu tinha era pra cortar as cordas. Mas não cortei corda nenhuma.

Tonny: Como é esse negócio de cortar as cordas?

Artur: Porque quando eles fossem dormir, e tivessem dormindo fora de hora, eu passava a faca no punho da rede. Deixava ele cair no chão.

Zefinha: Se num fosse e ficasse dormindo na rede, era pra cortar a corda da rede e ele caia dormindo.

Artur: Barraqueiro. Vivia em barraca, n'era?

Tonny: Dormia em barracas todos os homens juntos.

Artur: Trinta, quarenta homens numa barraca só, num galpão, né? Aí aqueles que fossem, bem; se não fossem a ordem que eu tinha era pra passar a faca na corda da rede. Cair no chão. Eu digo [comigo]: Eu não vou cortar, porque se cortar a corda ele ia achar ruim e queria mata-me, também. Aí, eu era amigo de todo mundo. Trabalhava com toda qualidade de gente. Aí, eu nunca fiz isso. Quem não queria ir, não ia mesmo e no outro dia (...): - Porque não cortou a corda daqueles filho da puta? Eu digo: - Não, eu vivo dos meus trabalhador, se os trabalhador for embora não tenho de que viver.

Tonny: Naquele tempo se carregava a cana todinha no braço?

Artur: No burro pra rodagem e no canavial nós enchia no braço.

Zefinha: Normal, carregava no burro. Lá, botava no braço e no burro. O burro tombava pra a estrada, assim o carro vinha, pegava e ia enchendo.

Artur: O carro não entrava. Enchia no braço.

Tonny: Eu já ouvi também, que tinha trens com muitos vagões.

Ambos: Era!

Artur: 50 a 60 vagões aqui.

Zefinha: Saia, deixando a cana nas linhas e era pra encher tudinho. Que quando chegava era para encher tudo.

Artur: Não era pra deixar nenhum vazio.

Tonny: Ia para São João?

Artur: Ia para São João e vinha pra aqui. A linha do trem emendava daqui pra São João, ali por dentro.

Zefinha: Carregava também, ali por Sapé, por dentro. Ali, pelo outro lado do rio tinha máquina da Coroa que vinha buscar até ali em Consolação.

Artur: A divisa dele era aí em Santa Luzia. De Santa Luzia pra cá era Santa Helena, pra lá era pra São João.

Zefinha: Pra São João vinha até ali em Consolação. Naquele dia que eu te falei, que ele machucou o pessoal. Que ele, por causa de um incêndio que houve, ele machucou diversas, muitas pessoas. Foi numa faixa de uns doze, não foi? Machucados, amarraram o pessoal.

Artur: O gerente....

Zefinha: Era Cruz, o Missias Cruz.

Artur: Ele botava um litro de cana, estava almoçando, aí chegou o gerente da usina, e Missias na caminhonete, na Pick-up. Aí, tinha um tal de Martins: - Martins, escute. Ele tava almoçando, Martins estava almoçando e aí, Dr. Luiz Carlos disse: - Oh, Martins, tu viu quem botou fogo nessa cana, Martins. Ele disse: - Doutor, o senhor tem um vigia, o senhor bote seu vigia pra olhar, que não sou vigia de ninguém, não. Aí, ele com a metralhadora, ele pegou um saco, ali e disse: - Missias abre esse saco aí, e manda esse homem entrar para dentro. Um saco de estopa. Aí o homem entrou para dentro do saco pra não morrer na hora, né. E amarraram a boca [do saco]. Martins Medeiros. Era o sobrenome dele. Aí entrou pra dentro do saco, amarraram a boca, jogaram na caminhoneta e levaram pra Engenho Novo. Aí, botaram ele lá e saíram juntando os outros. Perguntando quem tava no corte da cana na hora. 27 pessoas, cada um levou uma pisa. Agora a Usina indenizou, depois.

Tonny: Mas morreram essas...

Artur: Martins com poucos dias morreu depois em Várzea Nova.

Zefinha: Ele tava almoçando, botaram ele dentro de um saco e bateram muito nele dentro do saco. Inclusive Missias Cruz que ele mora em Várzea Nova.

Artur: E tem outro deles, também, que a senhora sabe quem é, que se dar muito com a senhora. O marido daquela Maria de Lourdes.

Zefinha: Não é Bastos Cruz?

Artur: Ele é Bartolomeu. Ela que é diretora, professora.

Tonny: Eita!

Artur: O marido dela.

Zefinha: Aquele, marido dela, chamam Berto. Levou o homem preso, daí. Morador do pai dele. Levou pra delegacia.

Artur: Castigou o homem, o velho.

Zefinha: E Berto levou o homem preso pendurado no pescoço.

Artur: Porque ele chegou na casa do pai de Berto, do finado Chabinho, era morador dele.

Zefinha: Não, isso aí, é da Perua. E eu estou contando a história do incêndio, com Missias. Ele juntou-se com Dr. Luiz Carlos que era o gerente e houve um incêndio num lugar que chamam, ali, o Buraco, um lugar ali de Santa Luzia, que chama o Buraco de Jesus; não tem? O incêndio foi ali. Dali pegou fogo, veio queimando por Araújo por todo canto. Aí chegou o Missias Cruz, que é sobrinho de Bartolomeu, o marido de Maria de Lourdes. Aí, ele era o contador, chegou mais o gerente. Aí, foram dar voz de prisão a todos os trabalhador que estava trabalhando, para os trabalhador dizer quem foi que botou fogo no canavial. Aí, eles não sabem, não sabem, aí, o gerente disse assim: - Sabe já-já. Prende todinho, que num instante se sabe. Aí, prendeu todos os trabalhador que estava, e levaram para Engenho Novo, lá para Dona Helena [nome do atual assentamento]. Não tem um galpão grande? Levaram para aí, e o pau falando, sempre aí. Amarraram eles pelo mocotó, pendurado num pau que tem de pesar algodão. Penduraram aí, puxava: - Porque, agora vão andar de avião. Vocês sabem quem botou fogo na cana? Aí, o cara: - Sei não, sei não. - Pois vão andar de avião.

Artur: Balançavam o caminhão que nem uma canoa e metia o cacete para lá e para cá.

Zefinha: Aí, puxavam assim na corda: rrrrt, e eles subiam para descer do outro lado. E o pau falando, no centro. Foi umas 27 pessoas.

Foi um montão de gente. Aí, andaram, amarrado na corda. Pendurado nos pés, amarrado nas pontas das mãos. Assim, o pau atravessado, aquele pau grandão de pesar algodão. Falava: – Você andou de avião fulano. Aí, empurrava de lá pra cá um empurrava e outro de lá pra cá.

O Martinho, foi que respondeu... respondeu aborrecido, sabe? Aí ele foi pra dentro do saco e tome peia, e ia pra lá e pra cá. E Missias pra lá e pra cá com o burro cercando ele. Missias o sobrinho de Berto Bartolomeu.

Tonny: É ruim demais ouvir isso?

Artur: Pera aí. Bartolomeu tinha um morador do pai dele. Aí trabalhou e o que ganhou não foi dinheiro, foi um valezinho, na venda da família, que vivia lá encostado de Adalberto Roseno, um velhinho que vive lá, no Conjunto que tem aqui. (...) Aí ele comprou, não saldou nada, era num sábado. Aí foi lá. Disse: – senhor Alexandrino – que era o pai de Bartolomeu – me dê um vale pra eu comprar comer pra meu filho, que está chorando com fome, e minha mulher também, não tem nada pra comer e nem eu. Que eu não saldei nada, o que eu ganhei foi um vale. Aí ele disse: – Eu não tenho vale pra dar hoje. Só segunda feira, quando trabalhar. Aí, o cabra ia passar o sábado e o domingo com fome e até segunda-feira, quando trabalhasse. Ele foi pra casa (...) – O que encontrar, uma perua, um pinto, um bode, eu pego mato e como. Então, eu vou roubar. Eu não vou morrer de fome. Aí, pegou duas peruas lá de meio dia, no sol quente, tava nas moita, lá. Pegou as duas peruas, estava torrando uma. Aí, disseram (...) – Pegou uma perua. Teu morador pegou uma perua ali e vai comer. Ele disse: – Vai nada. Vai, num vai, aí pegou um tal dum velho Pedro que era vigia da Usina, que mora aqui ... Um velhinho do cabelo branco como algodão (...) um velho moreno grosso. Vive sentado num tamborete no terreiro. Um tal de Pedro. Aí pegaram o homem, amarraram ele, amarraram a perua no pescoço que nem um gancho, com as mão pra trás. A perua, uma estava morta já torrando. Amarraram com as mão pra trás e a perua na frente. (...) Aí, saíram machucando quando chegou na rua: – Aí você grita: – Sou ladrão de perua.

Zefinha: Aí ele saiu gritando.

Artur: Ele saiu gritando daí, olhe, todo ensangüentado de pau. Na rua gritando: – Sou ladrão de perua.. sou ladrão de perua... aí levaram para o delegado. Chegou lá, o delegado desarmou o Bartolomeu e desarmou o vigia de Dr. Renato. E desarmou o outro, Luiz Gonzaga. Conhecido como Gonzaga. Aí desarmou todos três. E

preendeu todos três e o resto prendeu também. E levaram o velho para o hospital, o velho todo machucado e fizeram o pai de Bartolomeu dar de comer a ele até ele ficar bom. Aí, penderam os três, e de noite Dr. Renato (Ribeiro Coutinho) mandou soltar o vigia, o velho Alexandrino. De noite, falou com Dr. Renato, ele mandou soltar Bartolomeu e o Gonzaga ficou lá preso bem uns dezessete dias. Que quem soltou ele foi eu, que o delegado era muito amigo meu, se dava comigo. Eu vi ele passando fome lá, já morrendo também. Falei com ele, ele soltou.

Então, quando formou, formou uma tropa toda. Uma procissão atrás do homem amarrado na perua. Juntou uma procissão de gente, parecia Sexta-feira da Paixão (Repete toda a história). Vi com os olhos.

Tonny: A senhora falou em Sexta-feira Santa. Esse homem sendo tratado daquele jeito; sim, assim foi tratado Jesus.

Zefinha: Foi. Foi um dia com uma procissão com um montão de gente que ia acompanhando ele. Era igualmente a procissão de Sexta-feira da Paixão.

Artur: Era um porção de gente.

Zefinha: [Repete as frases]: - Olha o ladrão de perua (fala muito repetindo). Daí, pra Santa Luzia onde foi a morada de Maria de Lourdes, daí até Espírito Santo (5 a 6 Km), nesse sofrimento. Aí quem devia ficar preso era o Berto. E ficou ele, o Pedro que mora ali, em Boa Vista e o Gonzaga que mora no Conjunto.

Tonny: Gonzaga está vivo?

Zefinha: Está vivo. Bartolomeu está vivo. (Repete os fatos já contados por Artur sobre a prisão e soltura dos três).

Tonny: Isso aconteceu mais ou menos em que ano?

Zefinha: 64 também. 64 pra 65 por aí. Ainda hoje, eu vejo direitinho aquele homem. O sol quente, a gente tinha chegado da feira. Dia de Domingo. Me lembro o policial quem era. Era Zezinho soldado, era Severino soldado, era aquele moreno que era do outro lado do rio. Aquele morenção.

**ENTREVISTA COM DAMIÃO CARDOSO DE FARIAS,
ASSENTAMENTO MUCATU, ALHANDRA,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 27/11/2001.**

Tonny: Estou aqui com Damião Cardoso de Farias, que tem 59 anos e está acampado, em Tambaba, município do Conde. Mas, o senhor já participou em várias lutas, não foi Damião?

Damião: Participei em muitas lutas, a primeira foi a de Mucatu em 75.

Tonny: E antes de Mucatu, já participou em alguma luta, também?

Damião: Antes de Mucatu, participei da Luta das Ligas Camponesas.

Tonny: Então, Damião, hoje a gente está se encontrando pra conversar um pouco sobre sua experiência durante o tempo das Ligas Camponesas.

Damião: As minhas experiências do tempo da Liga Camponesa foi quem me ensinou. A Liga Camponesa foi quem me ensinou a lutar. Porque na Liga Camponesa, trabalhador não tinha direito nenhum na vida, era tudo escondido. Depois da Liga Camponesa, com muita morte de trabalhador, líderes de sindicato, e muitas prisões, foi que a gente começou a conhecer o pessoal da Pastoral Rural, da CPT, e a gente se uniu e esse pessoal com toda dignidade foi quem orientou a gente para um caminho melhor, para a gente conhecer o nosso direito. Hoje nós temos o direito de falar.

Tonny: Damião, o que se lembra, como entrou nesta luta, no tempo das Ligas Camponesas, e como entrou e quem estava mais dentro e o que vocês faziam?

Damião: Eu e meu pai, se nós não tivéssemos acompanhado a Liga Camponesa, a gente tinha sido massacrado, e então, a gente viu que a solução era acompanhar mesmo para nós sabermos o nosso direito onde estava, e a gente continuou. Compadre Antonio Amâncio era um líder de sindicato, ele não foi massacrado porque não facilitou, mas a família dele, em casa, foi massacrada pela polícia. Seu Elias, de Alhandra, que era o presidente da Liga Camponesa do município, também foi muito perseguido; a gente teve muitas prisões, abandonou-se a casa, houve muitas mortes, no tempo da Liga Camponesa.

Tonny: De lá mesmo, morreu alguém?

Damião: De lá de Mucatu não morreu ninguém; foi em áreas vizinhas como aqui, acima de Sapé, Mari, Pernambuco; aconteceram

muitas mortes, como a de Pedro Teixeira, Maria Margarida, todos são das lutas das Ligas Camponesas. Maria Margarida é nova, mas ela fazia o trabalho da Liga, não era?!

Tonny: Damião, você se lembra da primeira vez que participou?

Damião: Me lembro. Foi pra eu tirar a carteira e depois que eu me associei, eu participei de um movimento, em que nós pegamos um proprietário em Alhandra. Nós pegamos um proprietário, fizemos ele cavar a terra com as unhas, plantar maniva, que ele devorou a lavoura do trabalhador.

Tonny: Quem foi esse proprietário?

Damião: Foi João... Ele era de Nova Alhandra. Ele machucou a lavoura do trabalhador, e eu trouxe 80 homens e fomos pegar ele e fizemos ele plantar a lavoura, cavando a terra com as mãos. Eu mais o velho meu pai. A gente não apanhou, porque fomos muito ativos, dormimos no mato, noites e noites. Na noite que vieram pegar compadre Antônio Amâncio dentro de casa, ele ficou dentro de uma levada, a água passando por cima, e polícia e capanga queimando as filhas dele de piola de cigarro. Fizeram a filha dele tomar um litro d'água de madrugada e perguntando por Antônio Amâncio, e Antônio atrás de casa dentro de uma levada, num mês de maio. Quando eles saíram um pouco, Antônio Amancio tirou, de pés, de lá de Mucatu, aqui pra dentro de João Pessoa, pra casa de (o maior poeta que existe na Paraíba) Sebastião José. Sebastião José levou ele para o Grupamento de Engenharia, ele levou uma permissão dada pelo major, eu não sei, acho que era o major Clodoaldo e foi como ele se livrou do golpe que ele ia passar, que ele ia morrer, Antônio Amâncio.

Tonny: E você se lembra de outra ação que vocês fizeram?

Damião: Me lembro. Teve dois pistoleiros dentro de Subaúma lá, em Alfredo Ferreira; ele amedrontando os trabalhadores, os moradores. Ajuntou-se mais de cem trabalhadores, fomos lá; a gente ia pegar todos dois, mas só pegamos um, tomamos o rifle dele, ele implorou para nós não matar ele, lá. Um deu 1 conto de réis, outro deu 5 mil réis, e de lá, de dentro da mata, ele se sumiu, não foi nem pro Alfredo Ferreira e o rifle dele nós tomamos.

Tonny: Por que vocês fizeram isso?

Damião: Porque eles queriam matar o povo. Dois pistoleiros pra matar trabalhador, porque os trabalhadores acharam que não deviam mais ser escravo de pagar condições e Alfredo Ferreira revoltou-se e botou dois pistoleiros; que não fosse, era pra sair de Subaúma, era pra desocupar mesmo, ou desocupava ou morria e pronto.

Tonny: Também participou em atividades em Alhandra ou João Pessoa?

Damião: Em Alhandra, a gente participou com Seu Elias. Seu Elias quando tinha qualquer coisa ele mandava chamar a gente no João Gomes de Mucatu; e a gente ia; aquela turma que era firme. Em Mucatu, quem começou a se associar foi Antonio Amâncio, João Bacurau, Zeca Camelo, meu pai e eu; era um grupo de uns dez a doze.

Tonny: E o Manoel, o pai de Maria?

Damião: Sim, Seu Manoel Frade (risos). Era um herói, era um herói, grande homem.

Tonny: Conheceu também um homem que foi de Sapé para Alhandra e trabalhou lá, também, nas Ligas, o José Hermínio.

Damião: José Hermínio? Conheci. Ele orientava a gente para que a gente não esmorecesse, o caminho era aquele mesmo. Quando tinha um movimento, uma coisa, ele unia o povo e ele ia bem, bem tranqüilo, com o povo sempre caminhando.

Tonny: Ele era o quê? Por que Elias era o presidente e ele era o quê?

Damião: Ele era um da diretoria do campo.

Tonny: O João Pedro ia em Alhandra, também?

Damião: João Pedro Teixeira eu não tenho bem noção da feição dele, porque em 64 eu era novo. Eu acompanhei o velho meu pai porque, meu pai, pra onde ele ia, eu ia com ele.

Tonny: Então, o José Hermínio e o Elias, eles trabalhavam juntos?

Damião: Seu Elias era o presidente da Liga lá em Alhandra, e ele acompanhava seu Elias, as normas que seu Elias escalava, ele ia, ajuntava o povo e a gente seguia.

Tonny: E você participou de mais ações?

Damião: Não de dentro de Alhandra, do município de Alhandra eu participei essa de Alfredo Ferreira e a de João Afonso. Mucatu não teve; teve assim um alvoroço da polícia pra pegar e machucar.

Tonny: Essa perseguição, como percebeu essa perseguição depois que houve o Golpe Militar?

Damião: Essa perseguição a gente percebeu, porque compadre Antônio Amancio foi quem trouxe a notícia pra gente. Ele foi pra Alhandra, aí disse: "Olha gente, vocês, compadre Manoel Cardoso, Damião... vocês que tiveram carteira da Liga Camponesa, vocês fiquem atento, que aí vem um dismantelo; e a gente não facilite não

porque a gente é pego mesmo". Aí nós ficamos, até que quando nós demos fé, de noite, apareceu o desmantelo...

Tonny: E daí?

Damião: Daí, nós nos deslocamos de casa, moramos ainda 17 dias dentro da Mata do Carrasco; fizemos uma barraca dentro da mata e moramos um bocado de dias.

Tonny: Quem?

Damião: Eu, o velho meu pai, Pedro Vieira, João Bacurau, compadre Augusto, meu tio Vigário que era irmão de minha mãe, Antonio Laurentino, os filhos de Antonio Laurentino, a família Araújo, foi um montão de gente junto, num barracão grande.

Tonny: E a polícia não achava esse barracão?

Damião: Achava não; não achou, porque a gente saiu de dentro do setor. Nós fizemos essa barraca com distância no mínimo de uns dois quilômetros.

Tonny: Dentro da mata?

Damião: Dentro da mata, que lá não entrava ninguém não. As mulheres, pra gente comer, era o maior sacrifício do mundo, era de morrer de fome, porque nem as mulheres podiam levar e nem a gente podia vir buscar toda hora. Quem tinha coragem vinha buscar um prato, como eu vinha buscar um prato pra meu pai e pra mim, aí tinha que dividir com todo mundo, porque todo mundo não tinha coragem de ir buscar e nem sabiam como se defender. E passamos fome demais.

Tonny: E depois desses 17 dias?

Damião: Quando o compadre Antônio Amâncio conseguiu, no dia que saiu desse galpão, que foi pra casa de noite, foi no dia que a polícia chegou pra pegar ele. De madrugada, ele tava dentro d' água e a polícia queimou a filha dele, fez beber água a pulso em jejum, e ele lá vendo a hora de morrer. Quando a polícia abriu, ele caiu no mato, tirou pelo Conde, tirou pela Salsa, veio bater aqui em João Pessoa e esse Sebastião José foi quem levou ele no Grupamento de Engenharia. Ele era um poeta que apoiava muito o trabalho da Liga.

Tonny: E ele está vivo?

Damião: Sebastião José... minha amiga Tonny eu não tenho a certeza não, mas parece que ele tá, agora parece que ele não tá cantando mais não, que ele tá muito velho.

Tonny: Onde será que ele está?

Damião: Não sei onde é o bairro que ele morava, não. Aqui dentro de João Pessoa, era o melhor, era o professor dos poetas da

Paraíba. Sebastião José Alves Sobrinho, ele foi quem trouxe Antônio Amâncio para o Grupamento de Engenharia. Era novo, ele tinha na faixa de uns 35 anos, no máximo 40.

Tonny: Naquele tempo, como era a vida lá, em Mucatu e redondezas. A vida, eu digo assim em ligação com os patrões?

Damião: Era de pagar condições, era pra ir mesmo, na marra. Aquele que não fosse, o vigia vinha pra porta cobrar, e se farrapasse, era pra se mudar do sítio, era desocupar a casa pra outro. A punição em 64 era essa, Mucatu, Andreza e o Abiaí, no Abiaí ainda era pior. Era Hercílio Lundgren. Quando o trabalhador mandava dizer que tava doente, tinha que vir olhar se tava doente, se não tivesse doente ia pro pau, ia era morrer no pau. Edmundo era a mesma coisa, seu Herculano era sempre o melhorzinho. Bandeira Lundgren. Era Edmundo, Herculano e Hercílio Lundgren e seu Benito em Igaraçu.

Tonny: Eram irmãos?

Damião: Eram tudo irmãos.

Tonny: E vocês tinham direito a plantar?

Damião: A gente tinha direito a plantar. A gente plantava, só não plantava quem não podia, mas que a condição era certa. Tinha que pagar a condição e o dia de condição, e não tinha perdão.

Tonny: E eles não pagavam esse dia?

Damião: Não senhora, o dia... dava aquele dia e vinha embora só com a enxada nas costas. Ele dava um recibozinho, que a pessoa contribuiu, às vezes ia levar o dinheiro da diária e ele não queria. Era pra ir pagar o dia de condição.

Tonny: Teve um congresso em Belo Horizonte, ouviu falar nisso?

Damião: Ouvi. Eu acho que compadre Antônio Amâncio foi pra esse congresso. Antônio Amâncio e seu Elias foram para esse Congresso.

Tonny: Vocês lá em Alhandra, vocês conheciam a turma, lá do lado de Sapé? João Pedro ou o Negro Fubá...

Damião: Eu não conheci não, não tenho na memória as feições deles.

Tonny: Vocês nunca foram para Sapé, não?

Damião: Não, para o movimento de Sapé, no tempo da Liga Campnesa, não viemos, não.

**ENTREVISTA COM EDUARDO DA COSTA,
BARRA DE ANTAS, SAPÉ - PB,
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY EM 2002.**

Tonny: Agora, vamos escutar o Eduardo [um jovem], que sabe uma história que sua avó contou a ele. Então, vamos escutar.

Eduardo: Uma das coisas que eu perguntava a minha avó, e ela falou, quando eu era pequeno, ainda, eu acho, com uns sete anos. Ela comentava sobre a questão das Ligas. Que Antônio Pedro Eugênio, que inclusive já foi entrevistado, mandou um recado para ela, dizendo que [se não acompanhasse as Ligas] ia colocar o chocalho nela. Naquele tempo das Ligas, tinha essa história. Se ela não fosse [junto com o pessoal das Ligas]... E ela mandou um recado para ele, dizendo que, se a mãe dele e a mulher fossem, ela ia também... Eu não tive o conhecimento do tempo das Ligas, de tempos atrás. Eu não tenho muito conhecimento sobre as Ligas, mas vejo, assim, o que o povo colocava, não é? Muitos colocam que não era bom, outros dizem que era bom... Tinha essa história do chocalho... Antes, não com João Pedro, mas depois, com Elisabeth. Um tempo que foi diferente; com Elisabeth foi mais agressivo. Eu não sei como se deu esse processo, porque eu não participei.

Tonny: Pois é, Eduardo tem 22 anos, e é da CPT. Está nessa luta, aqui.

Eduardo: Estou há quatro anos, na luta. Iniciei aqui, [acampando pela luta por terra] em Antas, aí recebi o convite para ser da CPT.

Tonny: Eduardo, a gente está aqui pertinho da casa onde João Pedro morava com Elisabeth e os filhos todos deles. Não é nem 1 Km distante daqui, não é? Eu acredito que João Pedro andava muito por aqui, em Barra de Antas. Certamente, tem muita gente aqui que conhece, que se lembra dessa época de João Pedro?

Eduardo: Eu acho que tem, sim, várias pessoas que conhecem, mas é feito o que a gente viu: hoje, o pessoal tem muito medo de falar; ainda tem medo. Eu não sei porque. Não sei se é por conta do tempo do Golpe Militar, que veio tentando acabar com tudo, parou toda a Liga, mataram as pessoas que participavam disso. Então, o pessoal tem muito medo de falar abertamente. É tanto que, uma vez, a gente conversando com uma pessoa, ela começou a dizer um monte de coisas, e quando a gente citou que era uma pesquisa, que ia gravar, a pessoa disse: "Eu não disse nada, eu não sei de mais nada..." Sabem de muita coisa, [mas] o medo predomina. (...).

**ENTREVISTA COM ELIAS QUIRINO PEREIRA,
PRESIDENTE DAS LIGAS CAMPONESAS EM ALHANDRA.
CONCEDIDA A WILSON DE BRITO, EM 2001.**

Wilson: Nós estamos na casa do Sr. Elias Pereira, que foi presidente das Ligas, em Alhandra. Seu Elias, como era a situação na Paraíba, e no país?

Elias: Homem, a situação do país era semelhante à de hoje, sendo que naquela época, a gente sabia de onde partiu a coisa, e hoje ninguém sabe de onde está partindo, não é? Naquela época, era diferente. A gente, quando aparecia uma ocorrência... vinha à tona tudo o que era necessário para o desenrolamento daquilo. Hoje, é mais complicado. O povo daquela época, era um povo decidido (...).

Wilson: O Senhor foi das Ligas, não é? De Alhandra?

Elias: Fui, eu fui fundador da Liga Camponesa, rapaz. O ano foi 58.

Wilson: O senhor conheceu João Pedro Teixeira?

Elias: Muito, muito, muito. No dia do assassinato dele, eu estive com ele. Uma hora antes, me despedi dele, na praça Pedro Américo, mais ou menos às três horas da tarde e viajei pra Alhandra, ele viajou pra terra dele.

Wilson: Sobre João Pedro, das Ligas, o que mais vem na sua cabeça?

Elias: Um grande homem, um homem de boa conduta, um homem artista, ele era artista, pegava uma pedra enorme e deixava feito; como é que se diz... [esculpia] sua cara e... era um sujeito formidável, agora, bem intencionado, era decidido nas suas ações, honestíssimo. Só que naquela época, realmente ninguém compreendia, e aquele que compreendia fazia que não compreendia e se tornava inimizado, e era pra ser grato ao outro lado, ao lado dos fazendeiros, ao lado dos latifundiários, quando a luta não era isso. A luta era ensinar as coisas boas ao povo para que a nação progredisse, aqueles profissionais do campo tivessem acesso aos direitos que todos já tinham, não é? Menos eles. Hoje, tá a diferença. Não vou te dizer que tem um século que se passou, quase meio século e a situação dessa área está, como se diz, pior que naquela fase.

Wilson: Ô, seu Elias, eu gostaria de entender o João Pedro que defendia as Ligas, qual era a luta das Ligas?

Elias: A luta defendia o seguinte. Porque o camponês vivia

nas terras; trabalhava de meia, digamos, se ele colhesse 100 sacos de milho, 50 eram pra Fazenda, 50 sacos seria da Fazenda e esse restante não dava pra ele... Pra ele continuar vivendo dali, tirar a manutenção dele e da família, roupa, remédio e mais alguma coisa, como se diz; manter menino na escola, não é? Esse restante nem dava para isso aí. Então, começou a briga por essas indiferenças. Se não cobra desse sistema, o camarada dá toda semana 1 dia ou 2 de "condição", quer dizer, 2 dias de serviço por semana [de graça]. Outro cobraria 3 daqueles menores que precisavam do serviço e não tinham o dinheiro. Se cobrava diária por semana, mas também a propriedade era pequena, não podia acumular muitas famílias. Então, vivia nessa insatisfação. Deixava o povo numa situação de miséria, o comércio caindo, porque na proporção que o salário melhorava ou chegasse a melhorar, claro que o comércio faria melhores negócios, porque quem fazia movimento comercial é a maioria do povo e a maioria do povo, todos são... são operários e são camponeses. Se eles ganham pouco, então circula coisa pouca na indústria, a indústria fica prejudicada porque produz menos, o comércio vende menos (...).

Wilson: Muito bem. O senhor se lembra, dos companheiros, camaradas mais próximos de João Pedro, lá de Sapé ou até daqui, das Ligas? Mas, fale primeiro dos de Sapé, os mais ligados a João Pedro

Elias: Ah! Mas faz tanto tempo que eu não recorro, assim, de nome, não, mais tenho lembranças de... dos companheiros: do Pedro Fazendeiro, do Nego Fuba, do Manoel Sapateiro, do Barbeiro... João Severo... Eu conheci muitos, mas agora eu não recorro assim não. Só esses mesmo, mas tinha muitos, eu conheci muitos, muitos mesmo.

Wilson: Desses que o senhor.. falou, tem algum vivo ou todos já morreram?

Elias: Desses que eu falei eu não sei se tem algum vivo não, nunca mais fui por ali.

Wilson: Muito bem, e aqui de Alhandra, do seu tempo, da sua época das Ligas, quem a gente pode ainda entrevistar?

Elias: Tem poucos, tem muito poucos. Tem Antônio Severino, que é conhecido por Antônio Amâncio, que o nome dele é Antonio Severino, de Mucatu. Tem o mestre Dedi que mora aqui na Rua Assunção. Em Cruz, ali tem Bacurau, que hoje é membro do Sindicato Rural, os filhos de Bacurau também foram do Movimento, tudo naquele tempo, eram garotos, e outros..

Wilson: Ô Seu Elias, como eles agiam, como o senhor falou

primeiro, os ligados a João Pedro; como eles agiam, como é que eles organizavam os trabalhadores?

Elias: Eles organizavam da seguinte maneira. Tinha reunião constantemente de cada setor, de cada localidade, de cada fazenda. Eles tinham um caso diferente, um do outro e o povo agia também de um modo diferente. Um fazendeiro agia de um modo, outro agia de outra maneira. Outros consideravam as Ligas. Mandavam que eles se entendessem, o fazendeiro mandava que eles se entendessem, no Sindicato. Depois fosse lá, se entender com ele, pegar um acordo, não é? Outros não tinham consideração, iam lá com a finalidade de entrar em atrito, como houve vários casos de ameaças de morte, tiroteio. Essas coisas eram de acordo com a propriedade. Quando o dono da propriedade era um cidadão de... categoria... elemento prudente, educado, era feito sempre acordo, havia sempre muitos acordos, foram feitos. Mas, tinha outros que às vezes tinham até formatura, mas que pra ele, ali, o que valia era a prepotência, não é? A prepotência... e não se diria nada. Eu trabalhei aqui na Liga de Alhandra, nunca houve tiroteio não, aqui sempre se resolveu as coisas por aqui mesmo. Agora eu resolvi problemas de outras Ligas, por acaso. Eu cheguei certa vez em João Pessoa e encontrei muitos camponeses do Município de Santa Rita, de uma propriedade de nome Tambaba, e que estavam a ser postos no olho da rua, porque o advogado não se encontrava, tinha ido para o Rio de Janeiro e, de ultima hora, eles estavam sem documentos para que outro advogado tivesse acesso à sua defesa. E eu consegui... eu vendo aquela situação difícil, era o último dia da reunião, no fórum de Santa Rita, e eu consegui com um advogado levá-los para a audiência, e o advogado conseguiu até uma vitória por mais um adiamento para 90 dias, para decidir a questão, e eles levaram a vitória. E que estavam certos que eles iriam para fora da propriedade, iam ser jogados fora da propriedade, que sem advogado o que eles iam fazer?

Wilson: Seu Elias, o Senhor se lembra de fatos relativos à perseguição que os companheiros de João Pedro sofreram, como é que foi?

Elias: Aquilo dali, a perseguição vinha através dos usineiros; a ordem dos usineiros passava para o delegado; o delegado, então, agia da maneira que o fazendeiro exigia, não é? Então, era dessa maneira que João Pedro Teixeira era perseguido. Inclusive o próprio sogro que era ... pensando que era elemento influente junto aos fazendeiros, porque ele tinha um pedacinho de terra onde morava, é por isso não era agradável. O João Pedro Teixeira, na qualidade

de genro, ele tinha como inimigo. É tanto que os filhos de João Pedro Teixeira, depois dele morto, dona Elizabeth não tinha uma residência fixa; e seus filhos, coitados, foram vividos separadamente, um para um canto, outro para outro. Às vezes, nem ela mesma sabia o paradeiro deles.

Wilson: Quais os traços mais fortes que o senhor lembra de João Pedro Teixeira?

Elias: Na maneira de ele se expressar, eu o conheci como um homem matuto, um homem do campo, mas com firmeza nas suas atitudes, homem de caráter; e a maneira de ele agir e a intenção. Nunca teve a intenção dúbia, sempre foi de maneira concreta e firme.

Wilson: O senhor acha que a luta de João Pedro e das Ligas valeu? Porque?

Elias: Valeu. Porque, se não tivesse existido, aquela luta em favor dos desprotegidos, dos que viviam nas trevas, apesar de muito sacrifício e que não está resolvido ainda o problema, mas os esclarecimentos estão aí, só quem não aprendeu alguma coisa, é como aquele que vai pra escola e não aprende nunca.

Wilson: O senhor se lembra de alguma frase que ele falava nas Ligas?

Elias: A última vez que tive contato direto com João Pedro foi justamente no dia de sua morte. Até duas horas da tarde estávamos palestrando, e lembro-me que ele disse que se não tomar cuidado, eles saem sem nenhuma providência segura em favor desse povo. Futuramente, até a água, o sol, as estrelas, a lua que estariam tudo nas mãos dos capitalistas e só chegaria na casa dos pobres se fosse através do dinheiro.

Wilson: Quem foi seu Elias nas Ligas Camponesas de Alhandra?

Elias: Eu fui como sempre, um pequeno, mas ligado sempre à massa sofredora, porque eu via que a maioria do povo só tinha condições de comprar na mercearia através do crédito; o cabra vendia sem documento nenhum, vendia pela boa fé pra quando ele colhesse, ou recebesse dinheiro semanalmente, tirava uma conta e fazia outra. E não é possível que o comércio vá viver o resto da vida nessas condições, quer dizer: o povo não tem direito à liberdade?

Wilson: Ouvimos seu Elias de Alhandra, hoje com quantos anos seu Elias?

Elias: Eu estou com 80 anos. Eu já fiz a minha parte.

Wilson: Muito bem seu Elias a gente agradece sua participação.

**SEGUNDA ENTREVISTA COM ELIAS PEREIRA,
EX-PRESIDENTE DAS
LIGAS CAMPONESAS EM ALHANDRA.
CONCEBIDA A IR. TONNY, NO MÊS DE FEVEREIRO DE 2006.**

Tonny: Falei com a esposa de Seu Elias. Agora está, aqui na minha frente, o Seu Elias mesmo. Ele está se lembrando do tempo, que ainda morava em Sapé.

Elias: É. Aí foi ainda quando a gente morava em Sapé.

Tonny: E o que foi que aconteceu?

Elias: Lá em Sapé? Lá eu fui muito perseguido; fui preso várias vezes. É, era eu sair de casa, que a Polícia estava ao meu encontro. É aí, uma pessoa me convidou a abrir uma farmácia, aqui, em Alhandra.

Tonny: Sim, mas o senhor estava falando sobre sua esposa, que estava dois dias de...

Elias: Dois dias que ela estava de resguarda, em Sapé, quando minha casa foi invadida pelo Delegado, que era um capitão, Ascendino; só não me lembro do sobrenome dele. Capitão Ascendino com vários polícias..., como se diz..., fazendo... catando coisas dentro de casa; o que encontrava de retrato, desta coisa. Se tinha algum retrato de algum camponês ou alguma carta; coisa semelhante. Quando ele disparou, no quarto dela, eu disse: "Olhe, o senhor está vendo que a mulher está de resguarda; ela não está bem de saúde. Agora se com ela acontecer alguma coisa, eu responsabilizo o senhor. Não só o senhor, como talvez outras autoridades que eu sei que o senhor está sendo mandado. Ai, ele olhou para mim, fitou, aí disse: É, eu vou me retirar, porque eu estou vendo que o senhor está falando a verdade. Aí, retirou-se.

Tonny: Isso foi em que ano Seu Elias?

Elias: Ah, não me lembro. A senhora se lembra do ano em que ele foi morto?

Tonny: Isso foi em 62. Mas, sabe Seu Elias, agora estou curiosa como o senhor começou esta luta, porque agora eu estou entendendo que o senhor começou sua luta, em Sapé.

Elias: Foi, eu comecei em Sapé. Nesta época, o...

D. Nilza: Dantas sempre acompanhou a gente.

Elias: É, com Dantas sempre tive entendimento quando morava em João Pessoa, né. Não, antes disso. Antes disso, que eu me lembro que Dantas chegava com transporte para a gente viajar para Recife para visitar Julião.

D. Nilza: Que Dantas, também, vendia, tinha negócio. Vendia bolsas. Ele e Teresa, que Teresa era modista; era quem modelava. Era uma pessoa assim e acompanhava.

Tonny: Mas, então me diga uma coisa, quando o senhor começou a luta, já era com João Pedro?

Elias: Já era com João Pedro. Comecei a conhecer o João Pedro lá. João Pedro, Nego Fuba, que foi morto com Pedro Fazendeiro. E tudo isso; é, comecei a trabalhar lá. Que eu via os trabalhos deles e fui assistindo reunião. E aí, fui infiltrando e fui me afastando dos partidos dos capitalistas e caminhei para este lado, e até hoje (risos).

Tonny: É, até hoje, né? É Muito bonito. Mas então, o João Pedro foi morar lá, em Antas do Sono, em 54.

Elias: É, e naquele tempo que eu comecei com os conselhos de trabalhar, ajudando e fazendo alguma reunião entre camponês, foi nesta época que João Pedro morava em Antas do Sono. Eu almocei lá com ele. Eu fui a uma buchada, que eu me lembro que Elisabete preparou, e convidou a gente. Sim, foi muita gente.

Tonny: Sim, a primeira reunião que o senhor participou era aonde, lá em Sapé?

Elias: Lá, em Sapé, as reuniões eram avisadas..., era muito escondido. Eles avisavam a gente, se saía e ia ter aquele encontro, na casa de um companheiro, que ninguém sabia.

Tonny: Era cada vez em outro canto?

Elias: Era. E aqui, quando eu comecei, foi assim. A gente marcava um dia para visitar um camponês, numa Zona Rural e convidava outros. E assim a gente ia fazendo o movimento até que ela cresceu.

Tonny: Sim. E aqui, quem foi que começou primeiro, aqui?

Elias: Aqui foi eu. Já trouxe a coisa de Sapé. Já tinha uma certa idéia, né.

D. Nilza: É, mas ele teve esta idéia muito antes...

Elias: É, deixe eu ver se me lembro...

Tonny: Sim. Oh, Seu Elias, o senhor estava contando que o senhor ia aqui para os Sítios, mas o senhor não conhecia ninguém daqui...

Elias: Não, não conhecia não, era novato. Eu tinha farmácia; era por intermédio da farmácia. Eu ia me tornando conhecido, né. Quando chegavam, porque era farmacêutica, situado em Alhandra, e coisa e tal... E meus colegas também, meus companheiros tudo apontavam, quando chegavam. Tem, agora, a Associação, lá, e coisa. Ele é o presidente. Vocês não conhecem, ainda; aparecem e tal. E assim foi crescendo, foi crescendo, e se não tivesse acontecido o que houve, eu acho que, hoje, estaria aqui com um volume bem grande de associados.

Tonny: É... Aqui se chegou a quantos sócios?

Elias: Aqui chegou a uma base de duzentos e pouco.

Tonny: Duzentos e pouco. E era principalmente de que Sítios e Fazendas?

Elias: Fazenda... Todas as Fazendas, aqui, do município. Sim, vinha gente de todo canto. Vinha de Garapu (...) o líder, aí, era Bacural. (...) Ainda, é membro do Sindicato Rural. Mora aqui; nesta hora ele está no Sindicato. Ele esteve lá conosco, em Sapé (02-04-2002). (...)

Ele sabe demais. Ele sabe, que ele andava naquele tempo; está com a memória boa, medonha; grava muita coisa. Teve o Antônio Amâncio, que ainda é vivo; que ele está doente, mas ainda é vivo, em Mucatu. Teve o Antônio Firmino; teve o João Pedro; João Pedro, mas não é o João Pedro de lá, é outro (de Garapu). Todos foram trabalhadores que prestaram muito serviço; serviço perigoso. (...) Teve o Antônio Bulandir. O nome é Antonio Severino... não sei de que, mas ele sabe; eu sei que é conhecido por Antônio Bulandir. Ele foi o primeiro Presidente do Sindicato Rural, quando acabou o movimento da Liga, ele entrou no Sindicato. Era um bom companheiro, trabalhador; ajudou muito, muito mesmo. Teve um tal de..., é..., é. Ele sabe também. Tenho certeza que ele se lembra. Este morreu, agora há pouco. É, morreu muita gente já, morreu muita gente. Morreu o Afrísio (...) de Mucatu.

Tonny: Eu conversei em Mucatu com Zé Cardoso, Damião Cardoso. Eles eram bem jovenzinhos, mas participavam.

Elias: Participavam, sim; teve estes Cardosos (...). Sim, eram morenos; (...) São lutadores; foram dos que foram mesmo lutadores; foram dos primeiros lutadores. É até, onde se venceu a luta; o primeiro foi lá. (...). Lá, tinha uma decida onde a gente se reuniu muitas vezes, ali. Deitava algum na frente; observando os movimentos, e a gente ficava escondido, lá por traz, dentro do mato. (Dar risada).

Tonny: Faziam tudo bem inteligente e não caia na vista.

Elias: Isso aí, é. Nunca fomos pegados; nunca fomos pegados.

Tonny: E fazia reunião em todo buraco?

Elias: Em todo buraco; marcava e aí, se realizava.

Tonny: Vem cá. Tinha, assim, quantos grupos, espalhados nos Sítios; mais ou menos quantos grupos, aí, em Alhandra?

Elias: Era uma base de... (...) é cada grupo daquele, era considerado famílias e mais famílias, né. Eu acredito que era assim uma base de cinquenta grupos.

Tonny: Cinquenta? Puxa, e cada grupo tinha seu líder?

Elias: É, cada grupo tinha o seu líder, era.

Tonny: E tem, ainda, mais gente viva destes líderes?

Elias: Tem poucos. Agora, devido a Bacural se ver dentro de Sindicato, que o filho dele é o Presidente e ele é uma especie de tesoureiro. Aí, ele vive mais em contato com este povo.

Tonny: Hm. Vem cá Seu Elias, aqui andou, um ano mais ou menos, um senhor que era, também, de Sapé, da banda de Miriri pra aquele lado...

Elias: Ah, eu sei quem é. É bem José...

Tonny: Hermínio.

Elias: Hermínio! É, ele trabalhou comigo.

Tonny: E como é que era?

Elias: É, ele...; particularmente eu lhe digo; ele fez uma sebozeira,

aqui. Fez, fez. Nilza! Eh...! (ela foi fazer os afazeres dela). Agora, eu não boto em conta isso não. Ele, ainda, veio aqui. Ele esteve aqui, depois que eu tive lá. (na comemoração dos 40 anos de morte de JPT). Ele esteve aqui, esteve. Mas eu fiz de conta que eu não estava reconhecendo ele. Ele não levou uma máquina de tirar retrato, que as Ligas Camponesas tinha para facilitar o serviço! Ele carregou, carregou a máquina; foi embora e carregou a máquina (risos). Aí, a turma: "Bota ele na Polícia". Digo: "Não, boto não. Deixe ele; ele prestou um relevante serviço para as Ligas; ele prestou um bom serviço, ali; ele tinha uma caligrafia boa. E ele foi no Rio de Janeiro e conseguiu trazer o registro de uma Cooperativa que fundamos, aqui.

Tonny: Que Cooperativa?

Elias: A Cooperativa era para facilitar a venda para os associados das Ligas. E levar para fora, os produtos que eles produziam. Facilitar a estrada, digamos para João Pessoa; pra chegar lá, já ter comprador; finalmente, facilitar as coisas. E adquirir um carro para transportar as mercadorias deles; dos associados.

Tonny: Já naquele tempo?

Elias: Já, naquele tempo, tinha isso. Foi. Só que naquele tempo não chegamos a concluir, porque quando a gente cuidamos em adquirir meios pra comprar este carro e prosseguir esta Cooperativa, aí veio o despenhadeiro e muita coisa; despencou como se diz; aí, o Golpe Militar.

Tonny: E o José Hermínio, ele era da Federação das Ligas...

Elias: Ele trabalhava no serviço de (...) fiscalização. De ir, digamos assim, para reparar um serviço, que estava com uma questão na propriedade, entre uma família e o dono da propriedade. Aí, ele ia junto com quatro ou cinco companheiros, e ele era quem estava assumindo. Ele trabalhou bem, aqui com a gente, que ajudou bastante, mas depois se desentendeu entre associados. Ele queria uma coisa e queria que fosse aprovado. Digo: "Mas não é assim, Zé. A gente tem que escutar as pessoas. Ver, expor na mesa do trabalho, discutir e, então, eles votarem, diante da compreensão deles. Aí, por isso ele se aborreceu e deixou a gente. E na saída ele levou a máquina de tirar retratos".

Tonny: Ah, sim. E o seu Bacural é natural de Garapu?

Elias: Sim, Garapu. Ele é natural de Garapu; por ali confunde muitas coisas, muitas propriedades.

Tonny: Tem Palmeiral, tem João Gomes, Mucatu, Andreza...

Elias: Mucatu. Ele é de Mucatu. É, Bacural é de Mucatu.

Tonny: Amâncio, também, é de Mucatu.

D. Nilza: Tem também, o Bulandir...

Elias: É. O Bulandir; eu falei dele, já. Ele era daqui mesmo, aqui da

cidade. Ele morreu faz uns dois anos. É, morreu muita gente, já, das Ligas, muita gente.

Tonny: Agora, Elias, o senhor estava com João Pedro Teixeira, no dia que João Pedro foi morto. Como foi aquele dia?

Elias: Aquele dia foi o seguinte. Eu estava em João Pessoa e casualmente se encontramos. Nos encontramos em frente do Quartel da Polícia, na Praça Pedro Américo. Aí, os meninos disseram: "Olha quem está aqui, Elias". Aí, eu falei com ele: "Você está bem? Trabalhando bem por lá?" Disse: "Pois, a promessa é, que a coisa vai dar bem". Aí fiquemos falando sobre esse assunto e tal, este aspecto, esta coisa. Aí, ele disse: "Rapaz, eu vou viajar, agora". Aí, foi embora para lá eu fui para casa. Quando cheguei, aqui, com poucos minutos, o aviso pelo rádio: "Foi assassinado, agora mesmo, o Presidente da Liga Camponesa de Sapé e tal e tal, João Pedro Teixeira". Eu digo: Mas isso é danado; eu estive com o homem, ainda, agora.

Tonny: Mas o senhor, neste dia, não estava com ele em reunião?

Elias: Não; não; nos encontremos na rua, na praça Zé Américo.

Tonny: Mas eu soube que o senhor ia muitas vezes na reunião, com ele.

Elias: É, eu estive muitas vezes em Sapé. Eu defendi, sem ser da minha área, mas eu olhava isso não. Eu encontrei pessoas, lá na Praça Aristides Lobo da dependência de S. Rita. Eles ameaçados de expulsão e o advogado deles conhecia eu; descendo com eles, o mais velho disse: "O advogado sabe, seu Elias, que hoje é o último dia que nós temos. Se ele não aparecer, nós vamos ser despejados. Eu digo: "E o advogado?" Eles: "Ele viajou. Foi esta noite para Rio de Janeiro. Ele foi chamado por um parente dele." Aí, disse: "Eita, rapaz, agora o negócio agravou-se muito, aí. Mas em todo caso eu vou ver o seguinte. Eu vou ver se encontro uma pessoa, aí, parecido com ele, e que faça uma aventura; Vê se enrole o juiz de Sapé. Ele chegando, assim, na última hora. Quando chegar na companhia de vocês, tal e tal, aí: '- Fulano de tal, o doutor e tal, está aqui, e coisa.'; pra ver se bota a coisa para frente Para vocês." Aí, foi uma felicidade. E a reunião não ficou. E eles não venceram, para ter outra reunião com noventa dias. Aí, eles ficaram muito contentes. E daí, de lá não saíram mais. Estão lá até hoje, lá no local deles, em S. Rita. Quer dizer, devida a esta prorrogação, aí, quando venceu, aí se ganhou a questão e permanecem lá.

Tonny: Sim, e o senhor se encontrava muito com João Pedro e estes outros; Pedro Fazendeiro, Nego Fubá...

Elias: Toda vez que tinha reunião. Eles chamavam os dos outras Zonas, como se diz; de Alhandra e tal. Aí eu nunca faltava não, nunca faltei não.

Tonny: O que era, para você, o mais importante na pessoa de João Pedro Teixeira?

Elias: Homem, João Pedro Teixeira, João Pedro Fazendeiro e Nego Fubá como era conhecido, que era João Alfredo... Este Povo era de uma cultura dotada por Deus, porque eles tinham elementos pra debater e instruir o povo. E foi por isso que, eles os perseguiram muito. Que João Pedro Teixeira nasceu para a Luta. Era um homem de, era um Nego, como se diz, de valor. Ele não era negro, negro, mas era moreno escuro. O homem era o Lapidador, que pegava uma pedra e fazia daquela pedra a caricatura do camarada, né. É, João Pedro fazia, era. Pode perguntar a todos que conhecem, lá em Sapé, que ele era.

Tonny: E é? Será que tem, ainda, alguém que tem uma pedra desta?

Elias: É, com o retrato de alguém? Isso não sei; só se tiver em Sapé, que natural de Antas, né. Aí, não é difícil não, que tem alguém, que ele tem *escultado*, que ele era um escultor, né. E era por isso que o velho, o sogro dele não gostava dele. O velho não gostava dos usineiros. (dar uma risadinha). Tá vendo como são as coisas? Genro, aí, a senhora sabe da história. Ele não tinha um neto que ele não queria nem vê-lo? Que parecia muito com ele (JPT).

Tonny: Sim, mas vem cá, seu Elias. Da turma toda, quem era que incentivada mais.

Elias: Ah, Quem incentivada mais, aí, em Sapé era João Fubá. É, João Fubá era um, um... Profundo; não era um estudante de, de como se diz.... Admirado por todo mundo. Nego Fubá.

Tonny: Nego Fubá? Mais do que João Pedro Teixeira?

Elias: Não! Não, porque João Pedro Teixeira tinha outros detalhes. Assim, digamos, João Alfredo era... Ele era um moreno, como se diz, intelectual, na época, né. E era muito agitado e queria as coisas com muita rapidez; quando não era possível, porque como é que você vai pegar um camponês despreparado, e fazer certas coisas, confiando nele? Não dava. Já João Pedro Teixeira era moderado. Ele queria vencer com o homem de campo, mas depois de ter, mais ou menos, preparado aquele povo pra poder lutar com ele e não precipitadamente. Porque precipitadamente não ia para frente.

Tonny: Sim, olhe Elias, quando foi fundada as Ligas, em 58, já tinha diversos anos de estudo e de andadas. O senhor já participava...?

Elias: Já, não, quando eu vim tomar conhecimento da Luta mesmo, já, ele fazia tempo, que ele já tinha se tornado um líder, lá na Região; tinha se tornado um Líder.

Tonny: Já tinha se tornado um Líder. Começou em 54.

Elias: 54, é. Ele, depois apareceu ... Pedro Fazendeiro. E tinha outra pessoas lá, como tinha um tal de Severino Henrique. Ele era um Carpina; a profissão dele era trabalhar em negócio de madeira. Esse foi que mais me convenceu de entrar na luta mesmo pra valer.

Tonny: Era o Severino, lá de Salvador? (Faz. de Joca Meireles).

Elias: Não, aquele era outro. É, eu estive com ele uma certa vez. Mas Severino (Henrique) morava na rua mesmo. Severino ea conhecido por Severino do mel, porque ele tinha uma criação de abelha. É, era um grande homem, é. Era admirado por todos os elementos como os advogados do Movimento como Dr. João Santa Cruz e outros e outros. E médico como Dr. Malaquias e outros. Ta, na casa de Severino não faltava gente. Só pra ouvi-lo. O danado, analfabeto, mas de uma coisa, que a gente ficava: Esse homem não é analfabeto. Todos diziam: "Não acredito que esse homem seja analfabeto não rapaz. Um homem que discute tudo!" era, ele discutia tudo, mas ele era analfabeto mesmo.

Tonny: E convenceu o senhor de entrar na Luta.

Elias: Ah, foi. A gente se via..., era difícil não ter..., só quando tinha outro serviço ou a viagem, mas eu,... diariamente a gente batia um papo com Severino. Era, era.

Tonny: Ah sim. Mas ele está vivo mais não?

Elias: Está não. Morreu faz uns cinco ou seis anos. Ele morreu, morando em João Pessoa, lá em Cruz das Armas. Era um sujeito formidável; tinha bagagem como se diz. Era um homem formidável. Eu digo, coisa interessante um camarada analfabeto. É por isso que tem muita gente que não tem nada de educação, de leitura como se diz. É pobre de tudo, mas não é..., é de cultura, de espírito, é. E no campo tem muitos assim, tem muitos. Tem, tem, agora, sabe porque? Porque eles tem,... quase todo..., todo rulalista... tem uma Bíblia em casa. E por ali, ele vai captando muita coisa, vai. Ele tem..., tem...

Tonny: A mente aberta pra saber receber.. Não dos livros, mas...

Elias: É, dos livros ele não sabe nada, mas dívida à Bíblia ele se torna elemento de grande influência. De grandes influências; eles tem táticas, porque se lembram da vida de Jesus, aquela coisa e tal ele sabe de tudo, de tudo! A gente vê assim, ...ainda, essa semana passada chegou um camarada, que chegou aqui. Ele não era desconhecido, mas fazia tempo que a gente não se via. E ele sentou-se e começamos a conversar e terminou..., outro chegando e entrou-se na Bíblia. Mas menino, eu nunca tinha visto um camarada daquele, do campo... Eu disse: "O senhor leu algum livro?" Disse: "Não, eu leio não, seu Elias; eu leio a Bíblia, porque passei muitos anos, às vezes até com candeeiro, mas lia, durante a noite..."

Tonny: Sei... Agora, durante aqueles tempos, que o senhor estava querendo muito, criar assim os grupos da Liga; O que era a coisa mais importante para o senhor?

Elias: A coisa mais importante era que nós tivéssemos a vitória, quer dizer a vitória da Luta, porque uma vitória da Luta, o camponês ia sair daquele mundo de, ...dos conhecimentos que ele não sabia de nada. Que, então, depois disso, eles saberiam seguir os seus caminhos com os próprios pés, adquirindo os seus direitos, porque,... Até hoje,

aquela Luta não morreu. Morreu não, aquela Luta está viva. Está viva. E Aquilo... Tem, ainda muita gente atrasado, que é, como se diz, ...gente preguiçoso de adquirir, de procurar, de lutar pelo que é seu. Aqui mesmo acontece tanta coisa...

Tonny: Sim, mas já tinha conseguido muita coisa, naquele tempo...

Elias: Já, naquele tempo, e de lá pra cá, sempre, sempre, sempre, a Luta continua; sempre avançando. É isso, que os políticos atuais querem vencer a batalha, agora..., expulsando Lula do poder. Eles estão, eles estão, como se diz, com um afinco; como se diz, na embreagem; é pra soltar mesmo tudo que é de dinheiro para comprar o povo, mas eles só compram aqueles mais fáceis. Os que já tem alguma capacidade, não se passam para isso. Eu bato papa com este povo que vem da Zona Rural. Aqui e aculá, eu encontro um, ainda apegado a essa história de: "Não, não posso lutar contra seu fulano, seu cicrano..." "Já está com tantos anos e vocês ainda estão com isso?" Em vez de... eu digo, se Lula vencer, agora, ele que sempre dominaram, não vão subir mais nunca. É, se Deus quiser. Porque Lula venceu, pode dizer que venceu, nestes três anos e meses. E avalia se tiver mais quatro anos, em cima destes quatro? Ah...! E, porque agora eles estão com as espadas todas deles para o lado dele. E é por isso que eles estão marcando pra ver se o povo se iluda com esta história. Destas complicações que tem surgido. Olha, muita gente está conhecendo que todos eles tem, todos eles tem. Não é só o PT.

Tonny: É. E que os outros têm muito mais. E que os outros que tem muito mais, estão fazendo, estão usando tudo para acabar com o Governo e com Lula. Ainda, pensando assim um pouco no tempo das Ligas, o senhor tem ainda alguma coisa na mente, que é importante de ser dito no livro?

Elias: Eu procuro m lembra assim... Lembro de... Uma senhora de Gramame. Ela trabalhava como agente do Correio. Não sei se essa mulher ainda é viva. Faz muitos anos, né. Ela já era uma mulher, assim de uns quarenta anos. Ela prestou um bom serviço ao Movimento Camponês. Que ele morava numa terra, que o dono era um elemento poderoso e era da Política dos usineiros. Mas ela, por de baixo dos panos fez muito serviço, fez muita coisa. Conseguiu trazer pra o Movimento um bocado de gente; muita gente. Quer dizer, muita do modo de dizer, né, porque num lugar daquele, e ela cercada de elementos contra o Movimento, que tinha bastante, aí, ela não podia facilitar. Ela tinha que fazer as coisas muito cuidadosamente. Mas mesmo assim de vez em quando ela chegava com cinco, seis; afiliava.

Tonny: Ah é? Era de onde e como era o nome dela?

Elias: Era de..., de Gramame. (o nome) Não tenho lembrança não. Ela se sentia segura; dizia: "Seu Elias, eu tenho Fé em Deus de ver

o triunfo da Luta." Que, hoje eu tenho essa facilidade de assumir o lugar de gente do correio, ali, mas eu sei como era o meu sofrimento, antes, ...como era. "Eu era vigiada demais." Mas ela ficou trazendo. Ainda, fez parte de comício da gente. Ali, num lugar que é Cupissura. Nós fomos fazer um comício e ela foi. Falou bem, explicou bem; é.

Tonny: Cupissura. Quer dizer que lá, também, tinha um grupo forte?

Elias: Tinha um grupo. Não era forte não, mas estava..., foi criado já perto do..., da Luta terminar. Foi, foi em Caapora.

Tonny: Quer dizer que era mais do que Alhandra?

Elias: É. E era mais forte, o povo. Era um povo mais disposto. A gente via que eles tinham vontade de vencer, os de Caapora.

Tonny: Mais do que de Alhandra?

Elias: Mais ou menos isso. Mas veio a queda, né; veio a queda, aí....

Tonny: É... Se lembra, ainda, algum nome, lá de Caaporã?

Elias: Tem na lembrança. Tem lembrança de um que era da Zona de..., de Caapora, mas era na areia de Cupissura. Ele tinha um sitiozinho. O nome dele é..., vem o apelido dele, que ainda hoje é conhecido por este nome. O povo chama ele de Mestre Dedo. É, ele é carpinteiro. Quer dizer que hoje pró fórmula, porque..., está vivo, mas está sem condições de trabalhar.

Tonny: Ele mora em Cupissura?

Elias: Não, ele mora aqui, na rua. 'Bacural'. Pronto, este daqui é de Mucatu, não é?

Bacural: É, mas agora sou de Alhandra. Naquele tempo, a nossa Luta era de acabar com o dia de Cambão. Ninguém pagar mais o dia de Cambão ao proprietário para dar o foro de acordo com a possibilidade dele. E foi isso que nós lutemos e vencemos. Conseguimos. Foi a melhor coisa que conseguimos.

Elias: E conseguiram, depois, a divisão da terra.

Barural: A divisão da terra. Já foi pelo Sindicato. Não foi mais pela Liga Camponesa. Já foi pelo Sindicato. Sindicato, Federação, o INCRA, a Justiça, mas conseguimos. E Mucatu, Andreza, Garapu foram as primeiras propriedades desapropriadas.

Tonny: É, naquele tempo eu estava sempre andando lá.

Bacural: Mais Frei Anastácia e Frei Hermano, é...(risos).

Tonny: É. O senhor se lembrava?

Bacural: Lembro, lembro.(...) Eu nasci e me criei lá, em Mucatu. Morava em Cruz do Caboclo, (...) e Antonio Amâncio em 'João Gomes'. Eu, minha mulher, meus filhos nasceram aí e se criou-se.

Tonny: Mas como é seu nome certo?

Bacural: É João Severino Cavalcante, mas o conhecido é 'Bacural'. Se perguntar por meu nome, ninguém sabe.

Tonny: E o senhor andava mais com quem, naquele tempo?

Bacural: É, porque andava com muito gente; nunca andava sozinho, nem dois. Aí era muitos, e assim esqueço os nomes deles, esqueço.

Tonny: O senhor ia juntos com Antonio Amâncio ou ia com outra turma?

Bacural: A luta pela terra, os primeiros eram eu e Antonio Amâncio; na luta da terra. (...) Do tempo das Ligas me lembro mais não. Isso faz muito tempo. Foi lá nos anos sessenta e terminou em 64. Aconteceu muita coisa que a gente não sabe nem de..., de...; não se lembra mais como aconteceu.

Tonny: Hm-Hm. O senhor se lembra de José Hermínio?

Bacural: ...Só se era Zé Zumba, né?

Elias: Não, Zé Zumba foi um lutador grande. O nome dele é de José Ladislau.

Bacural: José Ladislau... Não, alguma vez, quando tinha alguma coisa a gente ia pra, pra Bopoca, pra Subauma; era de ajudar quem queria, é. As vezes era em Nova Alhandra, que naquele tempo era Sítio. Fazia campanha pra ir lá; ajeitava as coisas lá, com o proprietário, com um empregado e os moradores, e conversava.

Tonny: Mas, também, faziam mutirões, não fazia?

Bacural: As vezes, é. Eles não achavam bom não, mas aceitavam; tinham medo, porque chegava não era um só; iam vinte, trinta, quarenta... Ia, era, acabar com o senhor...

Tonny: O que era Julião para vocês?

Elias: Eu posso estar enganado, mas eu considereei aquele homem até a última. Vi ele como se diz com boa fé. Eu via muita coisa; o que ele escrevia.

Bacural: Ele era adiantado n'era, o Francisco Julião?!

Elias: Era! E, como se diz? Ele abandonou seu escritório de advocacia. Abandonou, fechou.

Tonny: E foi? Por causa da Luta?

Elias: Fooooi! (...) Quando ele morreu, na Argéria, mandou que o filho fizesse o possível para que aquela cinza fosse beneficiar o pé de cajazeira. Que ele a botasse no tronco da cajazeira; a cinza do corpo dele, no pé da cajazeira. Que era uma cajazeira que ele tinha no oitão da casa, onde sempre se reunia com os companheiros. Quanto a isso, este homem era bem intencionado. Agora pode ter outras coisas que eu não conheci.

Bacural: É, todos nós temos um defeito; tem de um jeito, tem de outro.

Elias: É, é, é, mas ele fez. Fizemos uma noite muito boa de palestra, aqui. Pública, palestra era pública. (...) da minha casa para partindo daqui, em vez de voltar pra Recife, que já era de madrugada. Já estava tão enfadado (...) Ele saiu de cinco horas de manhã. Ele saiu para Guarabira. Também pra fazer palestras.

(Neste momento Seu Bacural se despede para ir pra casa e nós também terminamos a conversa aqui.)

**ENTREVISTA COM ELISABETH TEIXEIRA, JOÃO PESSOA,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 02/04/2001.**

Tonny: Hoje é o dia 02 de abril 2001, é o dia em que faz 39 anos que mataram João Pedro Teixeira, o líder das Ligas Camponesas, de Sapé. A intenção é de ter uma conversa espontânea com ela, neste dia de aniversário da morte de João Pedro.

Elizabeth: Ando assim, nervosa (...). É um dia muito, muito triste para a minha pessoa, o dia 2 de abril, porque como mulher, quando tomei conhecimento do assassinato do meu esposo João Pedro Teixeira, com 11 filhos, não foi fácil porque a personalidade de João Pedro não só para a classe trabalhadora, para a luta, mas também como esposo, como pai, era uma pessoa, era uma personalidade, mas eu não sei nem sequer explicar melhor aquela personalidade. Ele nunca deixava de chegar, me abraçar: - "Minha filha, eu estou aqui, estou com os meus filhinhos, do seu lado, apesar de tanta violência, mas estamos aqui, presentes, minha filha, e vamos dormir em paz! Era uma pessoa de muito carinho, de muito amor para com a mulher, para com os filhos. Dizia que a satisfação dele era que os filhos estudassem, se formassem, fossem uma pessoa formada neste país, neste Brasil. Era uma pessoa muito coerente, muito amoroso com a família e isso trouxe para nós, para mim e para os meus filhos uma tristeza.

Jamais, neste Brasil, vamos esquecer quem era João Pedro Teixeira na luta, na vida, como pai, como esposo. Não podemos esquecer a personalidade de João Pedro. É tanto que no dia 2 de abril, eu me sinto triste; me sinto até sem palavras, fico assim.. (...).. Eu sinto assim, muita emoção na minha vida, uma vida muito... Não sei não, meu Deus, só Deus mesmo é que nos dá força, poder para vencer essas dificuldades que nos acontecem em nossa vida.

Tonny: É, é verdade, viu! Não é fácil perder o esposo e o pai dos meninos; é muito pesado. O que eu acho, que muita gente tem admirado, e eu, quando soube dessa história toda. A senhora se expressou: "E a luta continua, e eu vou assumir em nome de João Pedro". Com todo o sofrimento a senhora assumindo isso?!

Elizabeth: É o seguinte: João Pedro, ele abraçava-me e dizia: "Sei, minha filha, que vão tirar a minha vida; a luta continua, a luta dos trabalhadores continua. Minha filha, continua a minha luta? Você dá continuidade à minha luta?"

Eu nunca tive respostas para dar ao João Pedro; nesses

momentos, eu baixava a cabeça, as lágrimas caíam dos olhos, ficava assim... Não tinha resposta para dar a ele; dizer a ele que no momento que tirassem, a vida dele, eu assumiria. No momento em que tomei conhecimento de que ele estava morto, em Sapé, e cheguei até Sapé, cheguei lá, ele estava na pedra, lá, morto, em baixo da pedra, àquele poço de sangue. Foi quando eu peguei na mão de João Pedro, olhei os olhos dele, cheios de terra, da terra que quando ele recebeu os tiros, caiu e recebeu a terra nos olhos. Comecei a tirar aquela terra dos olhos dele e disse: "João Pedro, a partir de hoje, eu dou continuidade à sua luta, para o que der e vier. Estou aqui para o que der e vier! Não tenho medo, também, de que eu seja assassinada." E aí, eu continuei a luta de João Pedro para o que desse e viesse. E dizia mesmo aos latifundiários: "Não tenho medo da violência de vocês. Estou na luta para o que der e vier." Muitas vezes fui presa; os policiais iam me prender, faziam fila, duas filas de policiais, o tenente ficava lá distante, me chamava pra caminhar. Na minha caminhada, tiro de um lado, tiro do outro, tiro de um lado, cada passo que eu dava era um tiro de um lado, outro de outro. Quando eu cheguei lá, eu dizia cara a cara com o tenente: "Tenente, esta é mais uma prova de covardia; não mataram João Pedro de emboscada, pelas costas? E por que vocês não me matam frente a frente, aqui? Atiram nos meus pés cobertos de terra; meus pés cobertos de terra de tiros; isso é mais uma prova de covardia." - "Entre dentro do carro!" Aí eu entrava dentro do carro, eles me traziam presa. Quando chegava aqui, tinha um advogado, Dr. Santa Cruz, e eu não ficava presa, era liberada e voltava e continuava a luta para o que desse e viesse. O Golpe militar foi que fez o recuo da minha luta. Com o Golpe Militar eu fui presa, tirei prisão e não pude mais continuar a luta. Tive que fugir do meu Estado para um outro Estado, para o Rio Grande do Norte, com a identidade falsa de Marta Maria da Costa.

Tonny: Elizabeth, mas como foi que a senhora conseguiu assumir daquele jeito? A senhora, antes da morte de João Pedro, já tinha se entrosado com toda essa luta?

Elizabeth: Já! Eu lia o jornal e eu me entrosava, eu conversava com o João Pedro; às vezes tinha dia que eu ia para a sede da Liga, mas só assinar as carteirinhas, só assinar as carteirinhas dos que estavam se associando. Chegava: 'Como é o seu nome?' - 'Tal, tal, tal'. - 'Qual é a fazenda?' - 'Tal, tal, tal'. Eu anotava tudo, preparava a carteirinha e entregava."

Tonny: Assinou muitas carteirinhas?

Elizabeth: Assinei muitas, muitas carteirinhas mesmo, eu não

tenho nem assim, o número das que eu assinei. Agora, participar de ato público do movimento no campo, eu não tinha participação não. Só depois da morte dele, porque eu tinha muita luta em casa com os meus filhos, não é? Com os meninos; para eles irem pra escola, para cuidar das roupinhas deles, pra cuidar de comida, tudinho.

Tonny: Tantos meninos, não é?

Elisabeth: Era, e todo ano tinha um menininho novo (risos). E aí, a minha luta era com os filhinhos em casa, mas depois do assassinato do João Pedro, a menina mais velha tomou conta da que ficou novinha, com 3 meses, ela tomou conta e eu enfrentei a luta.

Tonny: A Marluce?

Elisabeth: A Marluce tomou conta da pequenininha, ela era uma menina muito esperta, muito trabalhadora, também era a mais velha. Tomou conta, até que chegou um momento de ela ver muita violência sobre a minha pessoa, assim de prisão, de tiros que ela disse: "Mamãe, a senhora não vai vencer, vai ser assassinada, também. Assassinaram painho e vão assassinar a senhora também, e eu não quero ver a senhora dentro do caixão, eu não vou ver!" Eu digo: "Minha filha, tenha calma!" "Não, mainha! Vão assassinar a senhora também!"

Tonny: Ela tinha que idade?

Elisabeth: Ela é de... ela nasceu em 44. Aí ela disse assim: "Mainha, eu não quero ver!" Eu digo: "Minha filha, tenha paciência, não vão tirar a minha vida, eles fazem isso pra me intimidar." "Mainha, vão tirar a sua vida, eu tenho certeza, pela cara que eu vi do latifundiário, da polícia, vão tirar a sua vida." Aí ela suicidou-se, em novembro. O pai foi morto, no dia 2 de abril de 62. Quando foi no dia 30 de novembro, essa menina morreu.

Tonny: Que dureza!

Elisabeth: Foi dureza, viu, foi dureza... E antes dela, o tiro no menino, no Paulo não é? No menino, ele era um menino assim muito impossível, muito inteligente, dizia pro pai: "Pai, eu vou estudar, eu vou ser advogado pra defender o senhor." Aí, com a morte do pai, ele disse; ele não dizia na minha frente, mas, quando eu saía pra Liga Camponesa, aí dizem que ele dizia bem alto, assim, e os carros passando pros engenhos, dizem que ele dizia: "Mataram painho, mataram painho! Mas quando eu crescer eu mato quem matou painho! Mato quem matou painho!"

Tonny: Ele ainda era criança.

Elisabeth: Era criança, com 10 anos. Acontece que, quando era, no dia 16 de junho, - o João Pedro foi assassinado no dia 2 de

abril -, no dia 16 de junho, aí, eu tava com os camponeses, reunida na mesa assim, aí, a gente ouviu os disparos. Ouvi um disparo de tiro, que a gente foi chegar lá, o cara ia correndo com a espingarda, (...) e ele morto; caído como se tivesse morto, mas eu tirei ele pra Sapé, e de Sapé, vim pra aqui [João Pessoa] com ele. O médico tirou um pedaço de cérebro dele deste tamanho. O tiro foi mesmo assim. Olha a bola de cérebro com a bala na cabecinha dele. Aí o médico disse que ele não poderia mais estudar, ficou o menino... Ele mora, aí, em Pernambuco. As meninas dele vieram, passaram um bocado de dias comigo. Ele tem três filhos, duas meninas, duas moças e um rapaz. Ele mora em Pernambuco, ainda. Casou-se, aposentou-se.

Tonny: Que dureza!

Elisabeth: Isso foi muito triste, muito triste, muita dureza que eu passei na minha vida, passei por muitos momentos difíceis. Às vezes, eu tô assim... Eu não gosto de ver batalhas; fico assim meio trêmula. A violência na televisão, também não ligo a televisão pra ver violência. Antes não podia, enfrentava o movimento, aquele de Mari, o movimento que houve em Mari, em que morreram 6 de um lado e 5 de outro, onde morreu até um contabilista da usina. Menina, as bala 'tzum, tzum, tzum' e eu me enfrentando, para o que desse e viesse, não é? Mas, não tinha medo e enfrentava sem um temor de medo, mas hoje eu to... (risos)."

Tonny: De onde vinha essa força tão grande na senhora, como é que funcionava isso?"

Elisabeth: Olhe, porque, assim com, eu aprendi com o João Pedro, né, a luta pela terra, uma reforma agrária justa e digna para que os trabalhadores do campo tivessem condições de sobrevivência. Que não sobrevivessem como os escravos, né, sem ter direito à saúde, sem ter direito à educação, sem ter direito à alimentação como um escravo do patrão. Então, esta luta de João Pedro, eu conversando com João Pedro, e João Pedro conversava muito comigo e explicava muito. Então, eu entendi e aprendi que deveria lutar; lutar pela terra porque todo o produto de alimentação vem da terra, e as terras presas na mão do latifundiário e sem os trabalhadores terem direito. Ter direito, só de trabalhar como escravo, não é? Pra comer aquilo que comprava na mercearia, lá dos patrões e não ter direito de plantar, não ter direito de uma vida. Eu aprendi muito com João Pedro, eu aprendi com ele. O nosso país é o que mais necessita de uma reforma agrária justa. Uma reforma agrária que dê terra para os sem terra; terra e condições para eles plantarem, pra eles sobreviver na terra. Não é só a terra, não, terra e condições."

Tonny: João Pedro continuou, junto com a senhora.

Elisabeth: Eu acho que continuou, eu acho que ele do meu lado continuou a luta, do meu lado. João Pedro continuou a luta. Aquela força de João Pedro, eu sentia em mim, pra enfrentar a luta. E enfrentei com muita garra, não me arrependi. Muitas vezes me ofereceram coisas pra... né? Dinheiro, pra mim sobreviver! – “Eu quero é terra, para os sem terra! Eu quero é terra...”

Com o golpe militar, eu não fui presa?! E aí, os meninos não foram retirados de dentro de casa? E o que tinha dentro de casa, até hoje eu não sei, não. Nem um móvel de dentro de casa, nem a bíblia de João Pedro, nem documentos, livros, jornais sobre a Reforma Agrária... Era um monte de jornal assim, tudinho, nem um documento, nada. Até hoje, eu não soube onde foi ficando nada; roupa dele, roupeiro de João Pedro, eu não tive direito a nada da minha casa com o golpe militar. Só os filhos que estavam uns na casa de papai, outros... lá, somente; mas nunca chegou uma pessoa pra dizer: “Olha, Elisabeth, aquela mesa grande onde João Pedro reunia, aquela documentação dos sem terra, das Ligas Camponesas, aquele retrato de João Pedro..., nada. Nem retrato meu, nada. Até hoje, ninguém me deu, eu não tive direito a nada da minha casa, não. Esse aqui (mostra o único retrato de João Pedro com ela e os onze filhos, 3 meses antes da morte dele) porque ele mandou tirar, e a mãe dele levou. Dona Lia, que era Maria Francisca, morava em Sapé. Levou e depois da anistia, que ela morreu, agora em 85, depois que eu vim da anistia, ela disse: “Minha filha!” Eu digo: “Dona Lia, o que tinha dentro da minha casa, eu não sei.” Ela disse: “Eu também não sei, mulher, nada, nada, nem roupa de João Pedro, nem documento de João Pedro, nada, nada nem retrato dos meninos, nada, nada”. Ela disse assim: “A nada você teve direito. Pois, minha filha, tem esse retrato, aqui. Eu vou tirar, aí tirou. Os meninos não sabem de nada do que tinha dentro de casa.

Tonny: Só este retrato a senhora tem.

Elisabeth: Só este retrato com João Pedro aí, e os onze filhos.

CONTINUAÇÃO EM 09/06/2006,

Tonny: Elisabeth Altina Teixeira está com vontade de falar mais um pouco sobre as coisas de João Pedro Teixeira. Então, vamos escutar mais um pouquinho. Pode falar Elisabeth.

Elisabeth: Eu estava, esta semana, me lembrando de João Pedro, porque quando ele saía ou chegava, ele me abraçava e dizia

que iam tirar a vida dele e se eu continuava a luta dele. (...). Ele dizia pra mim que iam tirar a vida dele, mas que a Reforma Agrária ia ser implantada em nosso país e que a situação do homem do campo ia melhorar. Para o homem do campo ter condições de criar seus filhos; dar alimentação. Com a Reforma Agrária ia ter condições de plantar no campo; ai melhorar a situação do homem do campo. Sabia que iam tirar a vida dele, mas que a Reforma Agrária ia ser implantada. E o que acontece, é que hoje eu lembro-me que 44 anos já fez, no dia 02 de abril, que foi tirado a vida de João Pedro e até hoje, a Reforma Agrária em nosso país, no Brasil, não foi implantada. Isso me deixa assim muito triste; triste de tantos momentos difíceis, que João Pedro passou, que eu passei na luta do campo e ver todos os companheiros que lutam, passam também por estes momentos difíceis, e até hoje não temos, assim, àquele prazer de já, ir no campo e ver a Reforma Agrária implantado no Brasil.

Tonny: A senhora estava dizendo, também, que João Pedro via que a Reforma Agrária ia demorar, mas que ia chegar, né?

Elisabeth: É, ele dizia que ia demorar a Reforma Agrária, mas que ia chegar. E eu acredito..., acredito que a Reforma Agrária vai chegar, em nosso país. Que o homem do campo vai ter o prazer de ter a terra e condições para produzir alimentação, que é produzido no campo.

Tonny: Pois é, Elisabeth, é isso mesmo. Alguma vez, a senhora conversou sobre de onde João Pedro veio, lá de Pilõezinho.

Elisabeth: O pai de João Pedro, que era João Pedro Teixeira, ele como pai de João Pedro. A mãe de João Pedro eu conheci; Maria Francisca da Conceição (apelido: Dona Lia) e ela até me deu uma ajuda, quando eu tive a primeira menina, ela comprou umas roupinhas, lençóis e me deu. Ela ficou sempre, quando fui morar em Recife, ela foi muitas vezes lá, me visitar e levava sempre uma ajuda pra gente. João Pedro conheci... O Gerente da Pedreira falou com meu pai; meu pai tinha uma Mercearia grande, lá, onde morava, no Sítio Antas e para que fornecesse a feira deles; pagar o pagamento de quinze em quinze dia. Aí, foi onde eu conheci João Pedro. Ele trabalhando na Pedreira, fazia a feira lá e eu ajudava o empregado lá, na Mercearia do meu pai; e nós começamos assim o namoro, né; e chegou o momento de ele pedir um casamento a meu pai. Meu pai não aceitou; disse que eu não ia casar com um negro e pobre, um assalariado, de jeito nenhum. E ele ficou fazendo compra lá, e a gente se gostando um do outro, até que chegou o momento da gente concordar de eu fugir com ele e eu fugi com João Pedro de noite da

casa do meu pai. O vigia da casa do meu pai estava dormindo e ele (JPT) chegou num carro de um tio dele que era Gerente em Massangana e ele me pegou e levou. E lá, nós moramos em Cruz do Espírito Santo, em Massangana, mas meu pai nunca aceitou o casamento meu com João Pedro; nunca aceitou e chegou um momento de eu ficar lá e meu pai mandar um convite (...) eu fui e quando cheguei, papai disse que deixasse tudo lá e que ficasse, que não voltava mais. Eu disse a papai: "Papai eu vou voltar, não vou deixar meu marido, eu vou voltar." E de lá eu fui para Recife; João Pedro foi pra lá, alugou uma casa e me levou e nós ficamos morando lá em Recife. (...) Aí, quando a situação ficou muito difícil, meu irmão que viajava com produtos do campo pra Recife, pra lá, pro mercado de Recife, tomando conhecimento que minha situação estava muito difícil, que João Pedro estava parado, já um bocado de filho, né, passando necessidade, aí convidou pra vir para o campo, para morar numa casa, aí, num sítio de meu pai. Um sítio que meu pai tinha comprado em Barra de Antas. Aí, eu falei com João Pedro e ele disse: "Vamos". A gente veio; ele mandou um caminhão nos pegar com toda bagagem e os meninos, e eu vim aí, pro sítio. Quando chegamos lá, ele (pai) mandou primeiramente fazer um plantio pra nós. Ficamos aí, no sítio, e aí João Pedro foi tomando conhecimento da sobrevivência do homem do campo; como viviam naqueles Engenhos Antas, Melancia, Sapocaia, Marauá; aqueles Engenhos que ficavam vizinhos, e até que João Pedro chegou...; a gente chegou em 54, e em 58 João Pedro fundou a Liga Camponesa, em Sapé.

Tonny: Mas antes já tinha contato com pessoas como Nego Fubá...

Elisabeth: Contato com muita gente. Com muita, muita gente; entrava em contato com aquele povo, conversava, fazia reunião em nossa casa. Reunia com os amigos; amigos do homem do campo, em nossa casa, até que fundou a Associação. Aí meu pai manda me chamar até lá; comprou um carro, encheu um baú de dinheiro e mandou me chamar para eu me separar dele; deixar todos os filhos com ele. Levar nenhum filho, separar-me dele, não querer tomar nem conhecimento dele. Eu disse a meu pai que não (...) eu não aceitava aquele assunto e continuei com João Pedro. Com João Pedro na luta; tanto ele lutava no roçado, no campo, como lutava com o homem do campo, lá naqueles Engenhos com todos os trabalhadores. E chegou aquele momento, em que foi assassinado. Davam muitos tiros, em volta da nossa casa pra intimidar ele. Davam tiros de noite, em volta da nossa casa, mas ele não se intimidava com nada de tiro;

o que queria era luta no campo, nos Engenhos, conversando com muitos na Associação, entregando as carteiras para o homem do campo, até que chegou o momento que João Pedro foi assassinado pelo inimigo.

A mãe tomou conhecimento do assassinato dele e foi muita, muita tristeza na vida da mãe dele, na minha, dos meus filhos; muita tristeza.

Tonny: Pois é...

Elisabeth: Muita, muita tristeza, muito mesmo. Mas, os companheiros ficavam muito comigo, ajudavam muito. Companheiro Assis Lemos, companheiro (João) Alfredo, lá de Sapé. Eram companheiros que ajudavam.

Tonny: É... E Julião?

Elisabeth: Julião, ave Maria, Julião me ajudou demais. Julião foi quem me levou a Cuba. Foi quem levou meu filho, Isaac, e quem me levou em Cuba pra visitar, depois que meu filho estava lá. Fidel Castro me fez um convite, e Julião foi comigo. Fui convidada para ver como Isaac estava lá, bem, estudando. Falar com ele. Foi quando Fidel me fez o convite para, se eu quisesse, ficar lá, em Cuba. Apresentou um apartamento, um carro pra mim ficar lá; e dava todo, como é que se diz, dava todo apoio e tudo que eu precisasse. Ele dava pra mim e pra meus filhos. Todos os meus filhos, se eu os levasse. Ele dava a educação, a assistência toda, né. Eu disse a Fidel que não, que eu tinha um compromisso com a luta de João Pedro, na Paraíba, no Brasil, e voltava. Eu fui abraçada por ele, por Che Guevara, por todos os companheiros que estavam presentes na reunião, e voltamos. Chegando aqui, no Brasil, e depois que cheguei, não sei quantos meses depois, aí, acontece o Golpe Militar. Quando acontece o Golpe Militar, que eu tive que ser presa, depois que saí da prisão, né; e fui liberada depois de seis meses; eles me liberaram, que ele disse que não tinha motivo pra dar continuidade na prisão. Aí, eu tive que fugir, que quando cheguei na casa do meu pai, meu pai disse: "Aqui você não pode ficar. A polícia vem já, lhe prender. Você procure destino; está aqui um carro, um motorista; procure seu destino." Aí, eu fui até Recife, onde eu tinha morado, lá, tinha este vizinho, que era Manoel Sarafim. Vizinho, que era comunista, muito amigo de João Pedro. Aí, quando cheguei lá, na casa, o vizinho disse; "Aqui você, também não pode ficar. A Polícia sempre está aqui. E nisso ia chegando o cunhado dele; era de Rio Grande do Norte, do interior de São Rafael, que levava produtos de mercado pra lá, no carro dele.

Tonny: Ah, foi um cunhado do vizinho, lá de Recife?

Elisabeth: Foi, cunhado dele; aí foi chegando, disse assim: "E essa mulher chorando?" Aí, ele foi, chamou, conversaram com ele e ele veio, disse: "Tem coragem de trabalhar no pesado"? Eu disse: "Tenho". Ele disse: "suba no carro, suba já com o menino". Eu subi...

Tonny: Com o menino?

Elisabeth: Com o menino, com Carlos Teixeira, subi no carro e vim com para o Rio Grande do Norte. Quando cheguei em Rio Grande do Norte, uma senhora, velhinha, amiga dele, parente, falou com ela, ela aceitou e eu fiquei lá. Fiquei lá, primeiro com ela lá. Aí, eu fiquei e o dia seguinte veio ele mais seis amigos dele. Falarão para eu ficar como lavadeira da roupa deles. Aí, eu fiquei [lavando roupa] no rio Iguaçu, que ficava perto. Lavava roupa no rio e engomava em casa. Ela deu uma mesinha e um ferro e eu engomava, né. Aí, ele me dava o dinheiro; eu comprava o comer; ela me deu um fogão; eu cozinhava o comer pra mim e pra meu filho. Aí, foi o tempo que, lavando a roupa eu adoeci da pele. A pele pipocou todo do sol; o sol era muito quente. Aí, ela me levou ao médico. O médico, amigo dela, ele disse: "Você não pode continuar no sol; tem que sair do sol. Aí, eu disse: "E agora meu Deus". Aí, eu saí do sol e fiquei e disse: "Ah, meu Deus." Aí, falei para ele que não podia mais lavar a roupa e ele disse: "E agora, vai viver como"? Aí, eu via muitas crianças nas calçadas da rua; nas calçadinhas da rua, muitas crianças. E eu fui falar com as mães daquelas crianças; se elas me dessem o café da manhã, pra mim e pra meu filho, e me dava um prato de comida, que eu começava com a alfabetização daquelas crianças; se me dava uma mesa e cadeira e elas davam; uma cadeira, mesa e a comida.

Tonny: Sim, na sua casa, em Barra de Antas, também ensinava, não era?

Elisabeth: Não. Não, só a meus filhos, em Barra de Antas.

Tonny: Encontrei alguém, que me disse que aprendeu com a senhora.

Elisabeth: Porque chegava gente com meus meninos, e eu ensinava. Era, mas não como professora; ensinava um filho de um vizinho, né, que queria; chegava lá, quando estava ensinando os meus meninos na mesa, na área, né, Quando chegava eu dizia: "Senta aí, meu filho. Era assim. Mas lá, em São Rafael, eu comecei mesmo a ensinar a alfabetização com as crianças; as mães me davam um prato de comida e depois resolveram para pagar em dinheiro; foi, pagaram e eu passei, durante os anos que vivi lá, foi como alfabetizadora daquelas crianças. Que depois que vim morar nesta

casa, em 1990, eu recebi duas cartas de dois que foram alfabetizados por mim, são advogados, lá, em Rio Grande do Norte. São advogados e daí, mandaram uma carta para mim. Eu estava trabalhando, ainda, no Centro dos Direitos Humanos. Aí, eu levei elas para dra. Ayala e Dr. Wanderley Caixe. E Dr. Wanderley ficou com as cartas. As cartas que eles mandaram, em solidariedade a minha pessoa, né. E a outra é uma irmã da Igreja; ela é da Igreja e foi alfabetizada por mim, lá em São Rafael. Os anos que passei lá, foi como alfabetizadora daquelas crianças que andavam naquelas ruas, que a escola ficava muito distante.

Os anos que passei, lá, foi morando com a velhinha, na casa dela, até quando veio a Anistia e fui resgatada, pelo cineasta Eduardo Coutinho e meu filho Abraão Teixeira.

Tonny: Porque o seu filho Carlos, que morava com você, foi procurar o Abraão, não foi?

Elisabeth: Foi. O Carlos, depois que cresceu, começou a trabalhar lá, aí, numas férias dele, ele veio. Até procurou o Abraão e deu todo o meu endereço. Foi na Anistia, e Abraão foi me resgatar de lá. Eduardo Coutinho procurou Abraão, né, para terminar o filme. Terminou o filme, as imagens, depois da Anistia. Aí, foi quando ele foi para Rio de Janeiro para fazer o filme: "**Cabra marcado para morrer**" (...)

Tonny: Oh, Elisabeth e quando a senhora assumiu, depois de João Pedro ser morto, a senhora assumiu as Ligas, junto com os outros companheiros, é claro. Aí, a senhora disse que quem apoiou muito foi Julião, Assis Lemos. E a senhora fazia o que dentro das Ligas?

Elisabeth: Era resolver os problemas, qualquer confusão, no campo; eu ia falar com o gerente do campo, lá dos Engenhos, ia falar. Na sede das Ligas Camponesas assinar as carteiras. Eu assumi a Presidência da Liga Camponesa, né, e falar também, lá nos campos. Quando eu fui até o Engenho Antas, que botaram oito moradores pra fora, eu disse que não saiam, que eles foram lá na minha casa; disse que não iam sair, porque não tinham condição de sair. Com os filhos, né, tudo numa situação difícil para sair de lá, e deixar lá a lavourinha que tinha por lá, em redor da casa e ele sair. Não iam sair e ele podia ter calma, que eles iam continuar lá, trabalhando no Engenho e no roçadinho deles. Aí, ele mandou a Polícia me prender. Aí, foi um Grupo de polícia me prender, lá. Foi quando a menina se suicidou; foi um grupo de polícia, aí; bateram lá na porta, aí, disseram: "Polícia". Os carros da Polícia; foi até um Tenente no carro; tinha dois carros da Polícia. Aí, fizeram duas fila de policiais. Aí, ele me

chama; eu vou, né, de frente à minha casa, fizeram duas fileira de policiais; aí, quando eu dou um passo um tiro de um lado, outro do outro lado, outro de outro, até chegar lá. Quando eu cheguei lá o Tenente disse: "Entre aí, dentro do carro". Eu disse: "Tenente, tanto disparo foi este? É mais uma prova de covardia. Não mataram João Pedro de emboscada? Porque não me matam assim, com um horror de disparo que deram"? Ele disse: "Entre, aí"! Eu disse: "Não, eu vou buscar meus documentos". Aí, eu vim, voltei pra pegar meus documentos. Aí, minha filha estava na porta, Marluce Teixeira; aí, me abraçou e disse: "Mãinha, vou me matar. Mataram painho...; peguei na mão dele, me melei todinho do sangue, vão lhe matar, também, mãinha". Disse: "Vão não minha filha; estão fazendo isso para me fazer medo; não vão me matar". "Vão, Mãeinha, vão lhe matar". Aí, eu...: "Espera aí, que eu vou pegar meus documentos e eu vou presa, e minha filha fica aí, que eu volto". Aí, eu vim presa, quando cheguei aqui, [em João Pessoa] Dr. Santa Cruz já estava para me defender. Aí, não fiquei presa não. Não fiquei presa, aí, volto. Dr. Santa Cruz me deu o carro dele e o motorista dele para me levar; que ele era meu advogado, foram me levar em casa. Quando cheguei em casa a menina já estava passando mal. Que ela mandou a vizinha comprar o veneno, em Barra (de Antas), num armazém, lá, que vendia, que era aplicado em bicho, aí ela tomou um copo com veneno e disse: "Mãinha, olhe este copo aí; e eu estou morrendo mãeinha; eu vou morrer". Eu peguei ela, botei no braço, botei no carro que me levou e trouxe ela pra aqui. No mesmo carro.

Tonny: No mesmo carro que a senhora foi, voltou.

Elisabeth: Voltei no carro. Falei com o motorista, ele disse: "Levo". Aí, trouxe (pra João Pessoa) e o médico que a examinou disse: "Ela está morrendo". E ela morreu.

Tonny: Que coisa.

Elisabeth: Já voltei com ela morta, lá para casa. Foi uma situação muito difícil, né, a menina mais velha morreu, Marluce Teixeira. Difícil, uma situação muito difícil pra mim. Eu era presidente da Liga.

Tonny: Quando ele morreu era presidente, aí, a senhora assumiu a presidência?

Elisabeth: Assumi a presidencia.

Tonny: Puxa vida.

Elisabeth: É, aí, foram momentos muito difíceis, na minha vida. Ainda, quando me lembro, ave Maria. Momentos muito difíceis.

Tonny: É..., mas aí, continuou o apoio dos companheiros.

Elisabeth: O apoio dos companheiros; a luta continuei, até que acontece o Golpe Militar; porque aí, tive que ser presa, né. E quando saí da prisão, fugi até vir a Anistia. Quando veio a Anistia, fui terminar a filmagem do filme: Cabra marcado... Vim morar aqui, nesta casa; foi comprado pelo cineasta, Eduardo Coutinho (...).

Tonny: Aí, já ficou a Marta cuidando de Marinêz, que era a nenezinha?

Elisabeth: Foi, a Marta cuidando dela e eu continuei a luta.

Tonny: É muita coisa, porque nem Abraão estava mais em casa, nem Isaac...

Elisabeth: Abraão estava estudando e Isaac estava em Cuba.

Tonny: Quando Marluce faleceu, Isaac já estava em Cuba?

Elisabeth: Já. Isaac estava em Cuba e Abraão estava aqui, (João Pessoa) estudando. (...) O Paulo já tinha recebido o tiro. (...) Na hora que o cara deu o tiro, eu estava reunida com homens do campo, na sala. Estava uma turma lá, dos companheiros do campo, lá, comigo conversando. Aí, que quando nós ouvimos o disparo, disse: "Oxente, um disparo", aí, saímos todinho. O cara ia saindo com a espingarda, aí, os companheiros pegaram ele e tomou a espingarda dele, né, e daí, disseram: "Agora, o que a gente faz com ele? Pois, a gente entregue ele a Polícia. A gente vamos entregar". Aí, entregou ele a Polícia. E o que foi que ele disse? Que foi o mesmo que mandou matar João Pedro, mandou dar um tiro na cabeça do menino.

Tonny: E quem foi esse homem?

Elisabeth: Este homem que deu o tiro no menino? Não era um homem, lá da terra de Agnaldo Veloso Borges; morador de Agnaldo Veloso Borges? Era. Eu não sei, já, até esqueci o nome dele. Foi ele, era morador, lá de Agnaldo Veloso Borges; era de Pilar, da Fazenda dele; veio e deu um tiro no menino, a mando dele.

Tonny: Sim... Oh, Elisabeth, isso tudo foi em 62. Em 63 começou a campanha pelas eleições. Aí, a senhora foi candidata, Assis Lemos foi candidato, Ivan Figueiredo foi, aí..., como é que se conseguia juntar com as lutas das Ligas Camponesas? Porque são duas coisas, né, a Política e a luta pelos direitos do homem do campo.

Elisabeth: Aí, como é que se diz; eu pouco fiz pela campanha. Eu fazia só mais pelo homem do campo. A luta pela minha campanha e para ser eleita, eu pouco falava; poucas reuniões, política. Eu seguia mesmo, era a luta pelo homem do campo. Era o que precisava da Liga Camponesa, que eu estava presente pra fazer, pra falar. Mas aí, me candidataram... Foi, mas não fui eleita não.

Tonny: E quem candidatou a senhora?

Elisabeth: Foram mesmo os... companheiros, os de lá mesmo, que queriam que eu fosse eleita, mas eu mesmo, eu lutava pela terra junto com o homem do campo, pelos direitos, para que tivesse condições de sobreviver no campo; era essa a minha luta. Não era pela política, para ser eleita...

Tonny: E nessa luta que tinha, a luta pelos direitos dos trabalhadores e a luta pelo poder? Pelo que eu sei, por exemplo, Assis Lemos foi de um Partido e Julião foi de outro, né? Isso, na luta, como é que ficava? Como isso se dava na luta, não atrapalhava, não?

Elisabeth: Parece que isso atrapalhava um pouco... Atrapalhava. Foi. Tinha a divergência política; tinha essa divergência.

**ENTREVISTA COM EPITÁCIO NICOLAU DA COSTA,
BARRA DE ANTAS, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM 2002.**

Tonny: Estou, agora, na casa do avô de Eduardo, que se chama Epitácio Nicolau da Costa. Já está com 84 anos e sabe muita coisa daquele tempo. Seu Epitácio, o que o senhor achava daquele tempo das Ligas?

Epitácio: Eu achava tudo errado. Errado porque se a gente fosse andar, fazer desordem à força, muita gente ia. Todo o mundo ia escondido, no domingo, no sábado, dia santo, vivia tudo escondido... e vinha aquela turma buscar...

Tonny: A turma das Ligas vinha buscar o povo?

Epitácio: Vinha buscar. Eu mesmo, em 62, estava com a perna quebrada, e vieram me buscar três vezes em casa, e eu não fui. Eu disse: eu não vou. Estou com a perna quebrada, não posso ir. Ela [Elisabeth] foi... mandou um filho de Otacílio, me buscar em casa. Eu disse: eu não posso. Ele disse: "Ela disse, que era bom que você fosse..."

Tonny: Ela quem?

Epitácio: Elisabeth. Aí eu cheguei lá, era uma turma de gente naquele pátio, lá. Era gente demais, sabe? A polícia toda lá, e ela sentada, o filho dela [de Elisabeth] falando aquele programa pro povo, e tal...

Tonny: Como é?

Epitácio: O filho dela [Abraão] falando, lá. Ele disse se ganhar, ia ver as pessoas responsáveis pela morte do pai dele, o avô dele, no espeto...

Voz de uma terceira pessoa: Ele disse que se ganhar a eleição, ia ver a cabeça de Manoel Justino e de Antônio Vítor num pau.

Epitácio: Quando eu saí, tinha um rapaz que veio atrás de mim. Aí ele disse: "Venha cá, volte, que eu não mandei seu Epitácio ir embora, não mandei ele, não. Pode voltar." Aí o rapaz voltou, e ficou até de noite. Mas, nesse intervalo, a polícia de Sapé veio, aí acabou com a Liga. Foi muita gente presa. Ele soltou o povo e acabou.

Tonny: Mas, o senhor, também se lembra de João Pedro Teixeira?

Epitácio: Me lembro, senhora.

Tonny: Quando ele estava vivo, como é que era?

Epitácio: Ele era um homem bom. Boa conversa. Conversava com todo o mundo, conversa bem calma, não conversa com estupidez, em nada. Dava conselhos. Quem não quisesse ir, ele também não obrigava...

Tonny: No tempo de João Pedro, o senhor achava mais certo?

Epitácio: Achava ele certo, porque era um homem que não incomodava ninguém. Quem quisesse entrar naquela lei dele, ia bem. Quem não quisesse, ele não obrigava. A mulher dele era danada para obrigar, a pulso.

Tonny: Quando ele estava vivo, o senhor foi lá? Como é que foi?

Epitácio: Ele...bem... conversava com a gente, dava bem atenção à gente, não tinha estupidez com ninguém. (...)

Tonny: Ele dizia o quê, assim?

Epitácio: Ele dizia: "Quem quiser vir, venha. Essa não é uma lei má, não. Essa é lei boa (...). Muitos entravam na lei dele. Mas era um homem bom, um bom cidadão. (...)"

**ENTREVISTA COM EUCLIDES JUSTINO,
IRMÃO MAIS VELHO DE ELIZABETH TEIXEIRA,
ANTAS DO SONO, SAPÉ,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 09/01/ 2003.
(FALECIDO)**

Tonny: O Euclides vai querer falar, um pouco, então Seu Euclides, o que gostaria de contar de mais importante, daqueles tempos antigos?

Euclides: Eu já era um rapaz, eu já tinha vinte e tantos anos, já quase trinta. Eu estava em Pernambuco, trabalhava lá no comércio aí, recebi a notícia, desagradável; o povo tinha matado João Pedro Teixeira. Nesse tal dia mesmo, eu estive aqui com meu pai; conversamos sobre a audiência minha, lá no Fórum. Eu fui até lá, depor. Eu tinha um processo. Aí eu fui embora daqui. Quatro horas, eu fui embora. Quando cheguei, em Goiana, umas sete horas da noite para oito, chegou um irmão meu num carro carregado de manga, ia pra Recife, José. Aí ele foi e deu essa notícia. "Mas rapaz foi nada". E ele disse: - "Foi". Aí tu vê as coisas como é. Mas mataram mesmo João Pedro, foi? Ele não estava marcado para morrer? É, ele estava marcado. Num era meu pai que marcava ele não. Era a turma aí. Ele era....

Tonny: Quem era essa turma?

Euclides: A turma era Dr. Agnaldo. Era o pivô de tudo. De tudo, quando ele soubesse que tinha quatro pessoas ou três da Liga Camponesa ele ia lá, e desmanchava e desmembrava tudo.

Tonny: Quem era essas quatro cinco pessoas?

Euclides: Bem, isso aí, ninguém contava, bem com medo porque eles tinham medo de Dr Agnaldo, e tinha medo mesmo. Porque com Dr Agnaldo, ou ia, ou o couro ficava. Aí teve um tiroteio, morreu até um compadre meu, Compadre Zé Vinício. Morreu um Senhor de Engenho, parece. Foi daqui de Maráu. Tudo era gente que se levantava contra Dr. Agnaldo e fazia parte desse jogo de matar os sem terra. João Pedro, pra mim, no meu ponto de vista, não era um mau cunhado, não. Era muito amigo, até demais. Eu brincava com ele que nem brincava com menino. Nós brincava... e também com meu pai. Meu pai era um homem sem... meio calmo. Quando foi um dia, que meu pai chamou pra ele ir lá, queria ter uma conversa com ele. A conversa era sobre umas conversas que ele ia tomar uma

propriedade que meu pai tinha comprado, e ele estava dentro. Aí, quando ele chegou lá, pai conversou e ele disse. Ele disse pra o meu pai: - Seu Manoel, o senhor, o que tem não dá nem pra os seus filhos e como a gente iria te fazer isso? Desapropriar um tacho de terra com oito ou sete hectares. Não bote isso na cabeça não. Que a gente tamos nessa Reforma Agrária, isso aí, para querer terra desses barão, aí, dos grandes; mas tostão de terra, duas patacas? Ninguém vai atrás disso, aí, não; dá pra satisfazer a ninguém, não. Conversava assim pra meu pai. Lá no terraço dele, não mandou a gente entrar, que a conversa era pouca. A gente apertou a mão dele, se despediu dele e viemos embora. Comigo, a gente se dava demais, brincava, caçoava. Nunca puxei esse assunto. Liga Camponesa, não.

Tonny: Vem cá, antes o senhor falou em Antônio Vítor. Antônio Vítor tinha o que com as coisas aqui?

Euclides: Antônio Vítor, meu pai falou para comprar este terreno, onde João Pedro morava. Aí, nessa altura... Eu sei que foi um... eu digo assim no modo de dizer, que eu não tenho testemunha legítima disso, aí. Ninguém conversou... mas foi um dos pivôs da morte de João Pedro Teixeira. Ele, Dr. Agnaldo. Antônio Vítor com Dr. Agnaldo se davam muito bem.

Tonny: E porque seu pai vendeu esta terra para Antônio Vítor (AV)?

Euclides: Meu pai vendeu esta terra para AV porque meu pai estava meio sacrificado. Ele estava liso, tinha vendido um gado e num deu. Ele tinha comprado isso aqui (terra vizinha aonde Euclides mora), essa propriedade aqui que é 52 hectares. Ele tinha comprado ficou devendo aí, vendeu a de lá.

Tonny: Mas, ele vendeu a terra em que morava Elizabeth, mais João Pedro com os filhos.

Euclides: Não, ele pensava em trazer pra aqui. Lá na propriedade, o terreno aqui, tinha espaço. Aqui cabia. Lá era oito hectares e aqui eram 52 hectares. Ele nunca teve má vontade de deixar eles abandonados, não.

Tonny: E depois era de AV?

Euclides: Ficou. AV botou João Pedro Teixeira para fora. Papai ainda foi lá conversou com ele: - Compadre AV, não faça isso com eles não, que eles não têm para onde ir, não. Deixe eu fazer o agasalho deles, quando eu fizer o agasalho dele, aí... Quando papai pedia uma coisa a ele, ia e fazia. Aí ficou... Quando foi uns dias aí, mataram ele. No dia que eu estive aí, eu tava na casa de meu pai e os dois pistoleiros, mandados por Dr. Agnaldo, estavam de frente a casa de

meu pai. Eu não vi não, mas, eles disseram. Eles disseram. Tinha um filho deles, chegou aí... (...) Tudo à cavalo, aí vieram na chã daí, ficaram por aí, sabia que ele (João Pedro) estava para João Pessoa e ia voltar. De três horas ele saltou do ônibus em Café do Vento e veio andando e o terminal dele foi isso aí.

Tonny: Esses homens à cavalo faziam o quê, na frente da casa do seu pai?

Euclides: Estavam pastorando ele, o João Pedro Teixeira.

Tonny: Logo na frente da casa de seu pai?

Euclides: Na frente da casa de meu pai. Se ele passasse, numa hora daquela, eles matava lá. Aí meu pai estava implicado. Era no terreno, na frente da casa dele. Aí vieram ...deu parecê que foi vontade de beber água, aí vieram (...) nem água beberam. Beberam na casa de uma mulher que tinha ali. E a mulher reconheceu todos dois. Essa mulher eu não sei dizer quem foi (...). Era uma raspadeira de mandioca. Vivia morando com meu pai ali.

Tonny: Eles tinham pedido água na casa de seu pai?

Euclides: Não. Não, eles não deram nem trela. Eles me viram lá parado na estrada. Viram que eu vinha de Sapé. Daí, foi quando eu fui me embora, e quando cheguei em Goiana, aí eu tava até ainda jantando aí, então, foi que chegou José num carro de manga, do pessoal da Barra (de Antas) ele estava carregando isso para Recife, aí foi que contou essa estória. Eu disse: - Rapaz não diz isso, não. - "Foi, mataram ele, ali no Riacho da Jurutí."

Tonny: E daí?

Euclides: Eu não fiz nada. Eu não podia fazer nada. Eu tomei parte que morreu. Mas, nada podia fazer. Continuei a viagem.

Tonny: E depois demorou de vir aqui?

Euclides: Não, eu vim logo. Eu sempre vinha. Todos mês eu passava aqui. Cheguei aqui e vi a viúva. Foi da vez que ela chutou no meio do mundo... e sei lá. Eu não sei nem contar o que foi que ela fez, ou que veio a fazer.

Tonny: E antes de ela ser viúva?

Euclides: A vida dela não era muito boa não. Ela era agitada demais. Ela era agitada, ele não. Ele não, ele não agitava não. Ele fazia as coisas tudo certinhas, tudo bonzinho, tudo direitinho, mas ela agitava. (...)

Tonny: Mas Seu Euclides, o senhor outro dia me contou que, então, o senhor morava lá em Pernambuco, né. Um dia o senhor chegou aqui, Elizabeth parece que estava presa, aí o senhor foi ver

os filhos dela, que estavam morando sozinho, na casa deles, lá. Como é que foi isso?

Euclides: Estavam morrendo de fome. Eu fui, não podia extravaiar eles, não. Eu digo; e agora como é que eu vou sair daqui? Não pode deixar aí, quem esta morrendo de fome. Uma criançada daquela, não. Eu fui daqui pra Pilar, fui lá, na casa do manda-chuva, que era Dr. Agnaldo.

Tonny: O senhor foi lá?

Euclides: Fui, fui. Cheguei lá, falei pra ele. Digo: – Doutor, é o seguinte: É que a família de João Pedro Teixeira, as crianças, estão lá, numa casa morrendo de fome. Faz pena. E eu quero me compadecer, que eu sou tio deles, eu quero dar um apoio a eles. E aqui, eu só posso levar se for com a ordem do senhor. Se não fosse com a ordem dele, o juiz não liberava, não.

Tonny: Ordem de quê?

Euclides: Para tirar os filhos de dentro da casa.

Tonny: Foi com ordem de Agnaldo Veloso?

Euclides: Foi. Ele pegou a minha ordem, fez uma intimação e mandou para o juiz. Aí ele foi e liberou.

Tonny: Meu Deus! Porque é que precisava licença de um latifundiário? E essa terra não tinha nada a ver com a terra dele.

Euclides: Não tinha nada a ver com a terra. Mas é como se diz, ele era o grandão, o pistolão. O que ele dissesse, ele tinha olho aqui; eu estava aqui pela contra-mão. Mas eu (...), peei... (gaguejando muito) mas hoje é por aqui essa mão, e pronto, e o cara tinha que assinar. Aí, o manda-chuva, era um capelão..

Tonny: E quem dizia que era Agnaldo Veloso, quem tinha que assinar?

Euclides: Fui para Sapé, fui lá no juiz, ele disse: – Só pode dar o despejo dos meninos de lá com Dr. Agnaldo Veloso Borges. Você vai lá (...), traz ...me diz.. quantas crianças. Você traz... Abraão já estava pro lado de João Pessoa. Isaac estava para o lado de Cuba. As meninas estava (...) as meninas ainda estava tudo aí. Eu fui cheguei lá, o juiz só foi, assinou. Carimbou. Aí cheguei lá, na casa, aí botei os meninos em cima [do carro dele]. Cheguei com um saco de pão, comeram. – Vamos embora. Cheguei na casa do meu pai. Deixei... uma .. foi uma ou foi duas? Cheguei na casa de Bibi (Severina), deixei uma. Fui, saí entregando. ...na casa de Nininha (Beatriz) deixei uma.. levei o Paulo comigo. Vamos embora, você é um sofredor, está todo costurado do tiro na cabeça. Ele sofreu demais. (...) Eu disse: Não, você vai lá pra casa, que você vai ver barriga cheia. Dei tanto

de comer a ele. Vá para escola! Foi pra escola. Aprendeu a assinar o nome. Lá vai. Bora, vamo trabalhar mais eu. Tinha caminhão ensinei ele a dirigir caminhão, trabalhou comigo uns tempos... Aí tirou a carteira...

Tonny: No tempo que ela tinha que desaparecer, os filhos e vocês todos, pensaram que ela não estava viva mais.

Euclides: Ninguém pensava que ela estava viva. Só sabia de Dr. Ferreira Vaz, que era o delegado de Sapé, que tinham destraviado ela. Pensava, agora ninguém dizia nada, né. Porque o poder dos homens era grande.

Tonny: Ô seu Euclides, o senhor se lembra alguma coisa especial de João Pedro Teixeira, como pessoa, como ele vivia, como ele lutava?

Euclides: Não, ele era muito bem-quisto. Ele era bem-quisto. Ele não tinha nada de ruim com ele, não. Só era de bom. Só tinha de bom. Tudo originalzinho, tudo certinho. Eu sei lá... sei lá como é aquilo. Eu tava no Recife, tava no Recife. Morava em Cavaleiro, eu gostava tanto dele, nessa época, eu negociava por Recife. Carregava, raspadura, amendoim, fazia minha moagem, né. Sabia que ele morava em Cavaleiro, agora não sabia onde era o local. Quando foi um dia, eu peguei o ônibus de Cavaleiro, saí. Quando cheguei em Cavaleiro, tinha um Cacimbão; viu e pedi parada. É por aqui, e lá vai, espiava prum canto, espiava pra outro, lá vai. Tinha uma mulher, assim, numa janela. E digo: - Me diga uma coisa, a senhora sabe me informar aqui, onde mora Elizabeth? Ela disse: - Sei. É de frente a essa casa aí, que está vendo, fechada. É aí. O senhor é irmão dela, né? - Sou. Está se conhecendo. Disse: - A situação aí, é pesada. Bati na porta e quando bati na porta, era aquela tuia de menino tudo deste tamanho. Espiei pra ela, assim. Digo: - Minha irmã, o que é isso, minha irmã? Ela disse: - É fome. - É triste, né? Você tão bem como você se viu, e hoje está numa situação desta. Que quando ela fugiu com João Pedro, meu pai, os pertences dela, um gado que ela tinha, meu pai mandou tudo para ela. Não quis nada. Entregou tudinho. Aí, eu sei que o gado dela, depois vendeu e foi se embora para o Recife. A perdição dela foi essa daí. Foram trabalhar lá para banda de Cabo, negócio de pedreira. Perderam o tempo todinho. Perderam dinheiro, o que tinha eles investiram na obra. Aí, cheguei, eu digo a situação aqui, é fome mesmo. Eu digo: Pegue um menino desse aí. Pegue um saco. Não tinha nem carvão para fazer um fogo. Nada. Aí ele pegou um saco. Cheguemos na carvoaria, compremos um saco de carvão. Fumós para a padaria, comprei um saco de pão.

Fumos para uma barraca que tinha assim, fiz uma feira. Eu sei que deixei tudo com a barriga cheia. – Minha irmã, você não dá para viver aqui, não. Justiça seja feita, você tem que ir embora. Ela calada tava, calada ficava. Cheguei aqui, contei a minha mãe, minha mãe disse: – É, meu filho, é duro. Meu pai não queria nem saber adonde ela tava. Meu pai era um homem que pra ele tudo estava bom... ele achava que ela não considerou ele, ela podia ter aceitado o casamento certo, tinha casado com ele tudo certo. Eu mesmo, ele disse a ela: – Olha, não vá pensar que vou fazer de bom gosto não, mas eu faço seu casamento, que nem farei de todas elas, aí. Agora, vamos casar, certo! – Não, que eu não vou casar, que eu não tenho nada com aquele nêgo. Mais era tudo chantagem dela. Aí, eu sei que eu deixei dinheiro para ela comer lá, uns dias. Aí eu cheguei e disse: – papai vamos trazer Elizabeth pra aqui, que lá ela está passando fome. Ta morrendo de fome, o senhor sabe disso? Ele disse: – meu filho aquilo que ninguém não vê, não sente na pele. Deixe ela pra lá mesmo. Eu digo, mas não é assim que a gente faz não, papai. A gente tem que ser humano, também. Fumos na casa da tia dela, que era tia e madrinha, aí nessa propriedade, aí ela dizia: – Vendo a propriedade. Tia dela, irmã da minha mãe. Aí, pai foi e comprou a terra. Comprou por cinqüenta contos. Dividiu as terras lá e botou ela num canto, e minha tia noutra. (...)

Tonny: É, mas ela não estava em Recife?

Euclides: (...) Nós fomos buscar no dia marcado, fumos lá, ela não veio. Aí eu fui lá de novo, aí conseguimos. Quem foi ver, foi a sogra dela, a mãe de João Pedro. Foi, aí trouxe. Quando cheguei em Sapé, três horas de tarde, aí fumos ver, levamos duas carroças, trouxemos os troços e os meninos.

Tonny: Aí foi morar no sítio que era da tia e que seu pai tinha comprado?

Euclides: Foi. (...)

Tonny: O senhor sabe que João Pedro lutava pelo bem dos pobres, né?

Euclides: É, ele lutava, pelo bem dos pobres e morreu nessa luta.

Tonny: O senhor presenciou alguma coisa de João Pedro, nessa luta? Viu alguma coisa, ouviu ele falar? Tem alguma coisa que o senhor gostaria de dizer sobre João Pedro e os companheiros, dentro dessa luta?

Euclides: Não. Não tenho nada pra dizer dele, nem dos companheiros. Tinha uns pareceres normais mesmo: – Vamos trabalhar. – Vamos em frente. É o que ele dizia, né. O dizer dele foi esse aí. Eu achava que ele estava certo. Não tinha dúvida, dúvida nenhuma.

**ENTREVISTA COM EXPEDITO MAURÍCIO DA COSTA,
CENTRO, SAPÉ, PB.
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, NO DIA 02/11/2001**

Expedito: Sou músico da PM, reformado como segundo tenente. Eu participei minha vida toda na banda de música. Cheguei até a dirigir a banda de música da PM. Ainda hoje, eu faço parte da banda de música Santa Cecília aqui, do município de Sapé.

Tonny: O que o senhor conta sobre aquela época de João Pedro Teixeira?

Expedito: Eu cheguei aqui em Sapé, em janeiro de 1957. Eu ia completar 17 anos. Então, a partir daí, meu pai, que era camponês e tinha a chamada carteira da Liga Camponesa, então, eu como adolescente observava meu pai conversando com os companheiros da Ligas Camponesas, e eu ficava atento àquelas conversas. Então, pôr isso eu sei contar alguma coisa e tenho até uma admiração pelo movimento da época. Através disso cheguei a conhecer o líder das Liga Camponesa de Sapé, João Pedro.

Tonny: Conta alguma coisa sobre ele.

Expedito: Quinze dias antes do assassinato de João Pedro, eu conversei com ele aqui em Sapé: - "Mas seu João, o senhor se arrisca muito, porque está envolvido num movimento desse?" Ele olhou pra mim, ele tinha uma forma de tratar todo mundo pôr caboclo. Ele olhou pra mim e disse: - "Caboclo, eu sei que o nego vai morrer, - ele se referindo à pessoa dele - mas após a morte do nego, vai haver um movimento muito grande na Paraíba". Realmente, ele foi assassinado em 62, e em março de 64 arreventou o golpe militar, e todos os camponeses foram dispersos de suas residências; outros foram embora, abandonando seus familiares; inclusive Ivan Figueiredo, foi embora para o interior do Rio de Janeiro e lá ficou até a anistia da clandestinidade. Então, o movimento das Ligas Camponesas, aqui de Sapé, eu considero, aqui do Nordeste foi o mais forte; na Paraíba, o movimento foi mais forte, em Sapé.

Eu conheci também o membro das Ligas Camponesas, do movimento, conhecido pôr Pedro Fazendeiro. Dizia meu pai, que era admirador do movimento das Ligas, que no início, na criação das Ligas Camponesas, aqui em Sapé, para poder o movimento chegar ao conhecimento nos canaviais dos usineiros, Pedro Fazendeiro se encarregava de levar um tabuleirozinho de cocada para vender aos cortadores de cana. Uns pagava, e aqueles que não

pagava ele dizia: – Pode ficar fiado, depois se você tiver dinheiro, você paga. Nesse ínterim, ele pregava o movimento das Ligas aos camponeses. Daí, surgiu o movimento, porque era proibido entrar nos canais dos usineiros, pôr medo das Ligas Camponesas. O vendedor de cocada tinha acesso, não chamava a atenção de ninguém. Era interessante.

Conheci também, o João Alfredo Dias, popularmente conhecido por João Fuba. Esse apelido, como ele era sapateiro, foi botado nele pelos próprios companheiros da arte de sapateiro, pelo fato dele ser moreno e ter o cabelo encarapinhado (...). Apesar de não ser homem que tinha freqüentado as faculdades, ele não era um homem letrado, mas mesmo assim ele tinha a facilidade da eloqüência. Falava muito, falava muito bem. Ele falava de tal modo que alguém pensava que ele era um homem formado. Mas não era.

Tonny: Ele falava o quê?

Exedito: Em prol da Reforma Agrária, em prol da defesa dos camponeses e abolição do chamado cambão nas fazendas. O que significava o cambão? Era que todo membro do sexo masculino, que fosse morador das fazendas, quando completasse 18 anos tinha pôr obrigação de trabalhar um dia por semana de graça ao fazendeiro. Esse dia, geralmente, eles escolhiam a segunda-feira. Então esse dia que tu prestava de graça ao fazendeiro pelo fato de ser morador, era cognominado de cambão.

Tonny: O senhor sabe o que os trabalhadores faziam para se defenderem?

Exedito: Mediante a liderança de João Pedro Teixeira, de Ivan Figueiredo, João Alfredo Dias, Pedro Fazendeiro, essa gente foi instruído a não pagar o cambão. Chegar segunda-feira, se revoltar e não pagar. Então, daí, começou o movimento e as Ligas Camponesas; se estendeu daqui, de tal forma, que em Sapé, que eu considero aquela época; antes da revolução até agora, a maior passeata já vista, aqui em Sapé, foi no ano de 63, quando Ivan Figueiredo foi candidato a prefeito da cidade de Sapé, apoiado pelo movimento das Ligas, contra o candidato da chamada UDN, que era dos fazendeiros, cujo nome, o candidato da oposição chamava-se doutor Cassiano Ribeiro Coutinho, que nas eleições foi o vitorioso. Pôr quê? Porque a maioria dos camponeses infelizmente, não sabiam assinar o nome. Não tinha aquela coisa de assinatura digital. Só votava aquele que soubesse ler, soubesse assinar o nome devidamente, porque se fizesse o nome mal feito o dito seria indeferido, pôr não saber muito ler. E por esta razão Ivan perdeu a eleição. Foi no dia 11 de agosto de 1963. Ivan perdeu a eleição pôr cento e vinte votos.

Tonny: O senhor conheceu o Severino Barbosa?

Expedito: Conheci, meu amigo. Quase toda tarde eu tinha pôr obrigação de conversar com ele, na casa dele, ele gostava muito de uma esprigadeira, na época não existia cadeira de balanço (...). Apesar de não ser um homem formado, era de uma inteligência de admirar. Sabia explicar o movimento de todo o Brasil. Ele dava explicação sobre economia, sobre o movimento em prol da defesa dos camponeses, em prol de sindicato (...). Ele admirava a Liga Camponesa, que era em prol dos camponeses. (...) Em 61 ele foi preso pelo exército juntamente com Ivan Figueiredo e João Pedro Teixeira. Foram presos, no 15 RI, em João Pessoa e de lá do 15, recambiaram pra Recife. Pôr ocasião da renúncia de Jânio Quadros. (...) A expectativa era que João Goulart assumisse. Como João Goulart era um homem muito propenso ao movimento das Ligas Camponesas, eles o tinham como comunista, porque o movimento das Ligas Camponesas era tachado como comunista. Era por isso que na época a igreja católica tinha uma certa repugnância do movimento da Liga, porque tinha aquela aparência de simpatia pelo comunismo. Então, Severino Barbosa era um homem que pregava as Ligas Camponesas como um movimento em defesa dos camponeses, pôr essa razão ele chegou a ser preso em 61.

Tonny: O que aconteceu?

Expedito: Foram presos; tempo depois, João Pedro Teixeira e Severino Barbosa foram postos em liberdade. (...)

Quando arrebentou o movimento de 64, João Pedro Teixeira já tinha sido morto, e Ivan Figueiredo morava na terra dele, no sítio Sapucaia. Esse terreno era de propriedade dele. Ele não hesitou em fugir para o mato. Então, ele fez papel até de macaco. Ainda hoje, eu brinco com ele que ele fazia papel de macaco. Ele passava o dia numa árvore, lá em cima. Ele disse que de lá avistava a estrada e via o exército, a polícia passando na estrada; nos carros, à procura de camponês para prender. Só não prendia ele, porque tava no meio de uma mata e uma vez que ele tava nos olhos dos paus, ninguém ia perceber que ele tava trepado. E de noite ele descia e dormia no chão, arriscado até a ser mordido pôr uma cobra, porque naquela mata, disse que até tinha uma cobra que fazia medo.

Tonny: Conte mais sobre João Pedro Teixeira.

Expedito: Como pessoa era um cidadão educado, educadíssimo. Eu sei que ele não era um homem letrado, porque eu cheguei até pegar na ficha do título de eleitor dele e vi a assinatura. Eu cheguei a pegar no livro, após a morte dele, eu cheguei a pegar no

livro chamado admissão, que ele trazia pra o filho dele, que ele comprou em João Pessoa; saltou lá em Café do Vento, e nesse tempo como o transporte era muito difícil, ele vinha caminhando de pé até a residência. Nesse percurso ele foi assassinado. Então, João Pedro Teixeira era um cidadão de bem, era um bom pai de família, era um homem que não tratava mal a ninguém, era um homem pacato. Simplesmente ele tinha aquela idéia fixa na cabeça, de defender os camponeses. Ele tinha um dom de liderança.

Tonny: Ele liderava como?

Expedito: Fazia discurso. Os camponeses tinham uma fé tamanha em João Pedro Teixeira, assim, eu comparo como uma religião; como os adeptos de uma religião têm no seu pastor. É mesmo assim. É uma fé que eles tinham em João Pedro Teixeira; uma confiança em João Pedro Teixeira.

Tonny: O senhor ouviu ele falar?

Expedito: Cheguei a ver ele falar numa reunião das Ligas Camponesas, que era pública; fazia um palanque, ele subia. Ele falava que todos deviam se unir para acabar com o cambão, que o sofrimento dos camponeses era muito grande, na terra. O camponês não tinha direito, só tinha direito de trabalhar de sol a sol... João Pedro era contra aquele sistema, aquela opressão de forçar o trabalhador a trabalhar. João Pedro pregava isso e pregava a união; pregava muito a união.

Agora, o mais eloqüente que eu vi em toda a minha época das Ligas Camponesas, foi o doutor Assis Lemos. Era um fenômeno. Daquele movimento das Ligas Camponesas eu o considero a estrela maior. Eu cheguei a ver em um discurso dele aos trabalhadores, um vocábulo que ele pronunciou. Eu vou repetir. Ele olhou para os camponeses, uma multidão diante do palanque, de três mil pra lá: Doutor Assis Lemos chamou um do meio da multidão, pegou uma varinha e mandou ele quebrar no meio, para os camponeses verem. O camponês fez força, na presença de toda aquela multidão, e quebrou. No mesmo instante Assis Lemos disse: pegue essas dez varinhas, junte e amarre com esse barbante, nas extremidades e no meio do fechinho de vara. Ele amarrou. E disse: agora quebre no meio. Quando ele fez força não quebrou. Aí disse: - assim são vocês; um sozinho, você é quebrado, mas vocês estando juntos, é difícil de quebrar. Isso foi uma pregação de Assis Lemos... Era a defesa dos camponeses. Eu considero que depois de João Pedro, o Dr. Assis Lemos era o homem mais odiado dos latifundiários.

Tonny: O que o senhor achou mais importante em João Pedro?

Expedito: Foi ele dedicar a vida toda dele; que chegou até a perder a vida, em defesa dos camponeses, o povo pobre. Era um defensor intransigente. Então, aquilo só podia ser um dom de Deus. Eu assisti ele dizer a Ivan Figueiredo, conversando com Ivan, ele disse: companheiro só Deus sabe como eu enfrento esse Movimento, porque minha família tá passando fome." Dizendo a Ivan. Ivan talvez não recorde, porque faz muitos anos, mas eu assisti.

Ivan Figueiredo: Eu me recordo, ele sempre me falava isso. A vida era muito difícil pra ele. Teve vez aqui, dele dizer: - Companheiro, eu queria ir a João Pessoa, mas não posso ir resolver nada, eu não tenho o dinheiro da passagem. Aí, eu dizia: - Não, João Pedro, coisinha pouca assim, a gente se arruma. Aí, arrumava aquele trocadinho e ele ia resolver os negócios. Assim era a vida dele, muito sacrificada e totalmente doada.

Tonny: Muito sacrificada e muito doada. O senhor conheceu João Pedro Teixeira em que oportunidade?

Expedito: No Movimento das Ligas, quando ele subia no palanque. Então meu pai chegava em casa, conversava com outros companheiros, que meu pai, já falecido, era membro das Ligas Camponesas, que ele tinha a carteira, e o comentário sempre era João Pedro Teixeira. Falava tanto em João Pedro Teixeira que aquilo me despertou a curiosidade em conhecer João Pedro Teixeira. Cheguei a conhecer João Pedro Teixeira. Meu pai defendia as Ligas. Ele dizia que o Movimento das Ligas era um movimento totalmente em defesa do trabalhador, em defesa dos direitos sindicais, que o trabalhador na época, não tinha direito a nada. Quanto à criação das Ligas Camponesas, eu me lembro de uma palavra de João Fuba (João Alfredo Dias), dizendo: - Olhá, estou deixando aumentar mais o movimento das Ligas pra ver se eu consigo uma determinada arrecadação; (que pagava uma pequena mensalidade mensal pela carteira da Liga) que conforme arrecadação eu vou contratar um dentista para extrair dente dos filhos, da esposa e dos próprios camponeses. Todas essas vantagens hoje, todos esses direitos em prol do camponês, o precursor eu considero que foi a Liga Camponesa, porque antes não tinha direito a nada. Trabalhava 35 anos numa fazenda, pelo simples fato de não poder trabalhar, o patrão mandava embora: - "Desocupa a casa, que eu quero aqui um homem que possa trabalhar, não é você que já está velho". Dava umas 48 horas pra desocupar a casa. E tinha que sair, porque se não saísse, ia sofrer a pressão dos vigias da fazenda. Então, que direito os trabalhadores tinham, antes das Ligas? Nenhum. Esse direito veio depois das Ligas. (...)

**ENTREVISTA COM FRANCISCO ANTÔNIO DA SILVA E SUA
ESPOSA, FÁTIMA ROSA DA SILVA, ASSENTAMENTO DONA
HELENA, CRUZ DO ESPÍRITO SANTO.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 2/12/2002.**

Tonny: Bem, agora eu estou na casa de Seu Francisco de quem o Severino Paulo falou. Seu Francisco, de onde o senhor é? E qual a sua idade?

Francisco: Eu tenho 63 anos. Meu nome é Francisco Antônio da Silva.

Tonny: E sua esposa?

Fátima: Fátima Rosa da Silva. Eu nasci e me criei em Jaguari de Marimbondo, mas morei onze anos em Miriri. Eu estava com 13 anos, quando saí de lá.

Tonny: E quando Alfredo foi morto, a senhora morava lá?

Fátima: Morava em Miriri, mas eu não conheci ele, não. Mas, quem o conheceu muito foi meu pai e minha mãe.

Tonny: Quando ele foi morto, a senhora escutou alguma coisa, por lá?

Fátima: Eu escutei que o povo tinha matado ele. Nesse tempo, era o seu Zé Caetano, que era empregado de lá.

Tonny: E sobre o que aconteceu por lá, o que o Sr. sabe dizer?

Francisco: O que eu sei dizer é, que no dia da morte de Alfredo, tinha uns homens que eram pistoleiros, acampados, na fazenda do Engenho, onde era a fazenda do Dr. Pedro Ramos, em Miriri. E eles vieram, mandados do patrão, a modo de acabar com a violência dos camponeses. Quando eles vieram, tinha uma turma de trabalhadores trabalhando perto da estrada central, que hoje em dia é a pista. Num lado perto da pista, num "caculo" [lugar de alta elevação], o pessoal estava trabalhando, aí chegaram esses três homens; Capa de Aço, Mala Velha e tinha um outro, Zé Caetano. Chegaram junto desses homens que estavam trabalhando; pararam de trabalhar. Aí, ele disse: "O que é que vocês querem?" Aí, os homens falaram: "A gente quer, o que você quiser." Aí, eles foram metendo fogo, metendo fogo, e os trabalhadores se reuniram e meteram fogo, também, e botaram abaixo do cavalo. Atiraram num, mataram, ele caiu. Lá se foi Mala Velha. Depois, pegaram "Capa de Aço", meteram fogo e mataram "Capa de Aço". Aí, atiraram em Alfredo, ele caiu, e mataram. Aí começou aquela guerra deles. Eu sei que no final, tinham matado "Mala Velha", "Capa de Aço", e dos camponeses só tinha morrido Alfredo.

Eu não era de Miriri. Era da fazenda de Abel Cunha. Mas era vizinho de Miriri. A gente estava trabalhando, de um lado, para Abel Cunha, e o tiroteio foi do outro lado. Nesse dia, eu não estava, mas o pessoal conversa assim. O Alfredo, quando vinha da venda, já ia da venda pra casa. Tinha vindo comprar comestível, alguma coisa para comer. E a venda era na beira da estrada. Aí, quando ele chegou, lá junto dos trabalhadores, que estavam trabalhando, chegaram os homens montados a cavalo, todos armados de rifles, de revólver (...) que vinha montado no cavalo, atirou em Alfredo, e Alfredo caiu. Aí pronto, Alfredo morreu logo. Aí, quando Alfredo morreu, o pessoal que estava no trabalho, eles vieram e mataram todos dois, de machado, de foice, de faca... "Capa de Aço" e "Mala Velha" (...) Tratavam assim: "Capa de Aço" e "Mala Velha", que eram os capangas que vieram para acabar com as Ligas Camponesas. Zé Caetano, que vinha dirigindo eles, que veio comandando, que era empregado e conhecia toda aquela região. Ele já veio obrigado, e quando viu o desastre da briga, correu logo. Ainda correram atrás dele, mas não pegaram. Ele foi se embora. Os dois morreram, aí o pessoal se espalhou pelo mundo, porque mataram.

Tonny: Mas, essa briga toda era porque?

Francisco: Era por terra, porque ele [Alfredo] estava situado, e não queria sair da terra. Ele queria trabalhar que nem a gente aqui, queria terra para trabalhar. Mas, o patrão não queria dar a terra para trabalhar. Aí, ele já estava situado, já plantava... Fizeram sítio, fizeram casa. Era muita gente, nesse tempo, lá, era muita gente. Era um lugar de riqueza. Miriri era um lugar que fornecia a feira em toda essa redondeza: daqui, de Sapé, de João Pessoa. Todo esse combustível era daqui, porque em Miriri se trabalhava de inverno a verão. Eu mesmo trabalhava em Miriri, também; plantava minho, batata, feijão. A gente trabalhava arrendado, não sabe? Depois, quando pegou essa guerra, que matou o povo todinho, o povo ficou todo desabano pra aqui, pra acolá, tudo com medo. Aí, o Exército veio. Fizeram uma instrução... uma empreitada, no Miriri. Aí o pessoal correu; todos, pensando que era para matar os trabalhadores, mas não era, era o trabalho do Exército mesmo. Aí, quando acalmou tudo, trouxeram um homem chamado Luiz de Barros. Depois que Luiz de Barros chegou lá, aí pronto, as Ligas Camponesas se acabaram, o povo se espalhou todo, deixando tudo que tinham, não tiveram direito a nada. Quem tinha dinheiro e podia se situar por ali, se situou perto de Miriri, em Inhaoá (Sapé). Tem muita gente de Miriri aí, em Inhaoá. Pega uma parte de Capim, mas a maior parte é de Sapé.

Tonny: Esse acontecimento com Alfredo, sabe em que ano foi?

Francisco: Do ano eu não me lembro, não. Luiz de Barros veio logo depois. Demorou não. Depois que houve essa luta do pessoal aí com pouquinho dias... ele foi para Miriri. Parece que foi nessa época mesmo, em 64, foi mais ou menos. Foi em 64 que naquele tempo tava chovendo, que o inverno pegou em 64, que choveu muito, até o mês de novembro... Foi em 64 ou 63, não tenho lembrança não, mas, deve ter sido nessa época, aí pronto, aí acabou-se. O dono passou um tempo, aí, vendeu pra usina. Agora é da usina Miriri. Doutor João "Urso" que era o pai desses Ribeiros, (...) o velho morreu aperreado por causa das Ligas Camponesas, diz o povo. Morreu de agonia. Aí, ficou para a família. A fazenda era grande demais e os filhos foram tomando conta. Mas, não se controlavam bem, não trabalhavam, aí venderam a usina. Hoje, ela é da Usina Miriri.

Tonny: Seu Francisco, o pai de Pedro Ramos e dos Ribeiro Coutinho morreu de aperreio?

Francisco: Morreu de aperreio, porque tinha terra e não podia governar, que o pessoal estava tomando conta.

Tonny: Onde o senhor morava, tinha também grupo que lutava por terra?

Francisco: Não, não tinha não, lá em Abel Cunha. Eu era solteiro, meu pai não tirava essa carteira não. Lá em Abel Cunha, ninguém fazia confusão com nada, porque lá em Abel Cunha... O pessoal corria de lá, tinha muitos que corria de lá pra casa de Abel Cunha, com medo de apanhar. E apanhava gente, mais ali, Abel Cunha valeu muita gente, ali de Miriri.

Tonny: Apanhavam de quem?

Francisco: Apanhavam uns dos outros. Desunidos, porque uns queriam ir para um canto, que eram mais adiantados, e outros não queriam. E quem não queria ir, apanhava dos outros. Tinha que ir.

Tonny: Ah, de chocalho, era?

Francisco: Era, botavam o chocalho, e o cara tinha que ir. Metiam o pau, e o cara ia mesmo. Era bruto. É por isso que, naquele tempo, [a Liga] não vingou, porque fizeram muita perversidade, fizeram muita coisa errada demais. Aí, não vingou.

Tonny: O senhor conheceu o João Pedro Teixeira?

Francisco: João Pedro eu não conheci, porque eu ainda era novo.

Tonny: Porque eu ouvi dizer que, no tempo de João Pedro, não havia aquele negócio do chocalho, não. Só depois dele.

Francisco: Parece que foi só depois dele. E pegavam e

chocalhavam e levavam. Uns com os outros, os moradores, mal unidos, porque não tinham união, os moradores, uns tinham e outros não tinham.

Tonny: Aí, os que queriam fugir, iam para a Fazenda de Abel Cunha?

Francisco: É, eles iam para Abel Cunha e eram livrados.

Tonny: O Alfredo era uma liderança das Ligas, não era?

Francisco: Era, era um dos interessados que avançavam, sabe?

Tonny: O senhor conhecia mais outra da liderança daquela área?

Francisco: Tinha Alfredo. Tinha outro que eu não sei o nome, mas eu morava perto da casa dele, mas eu não conhecia ele, não. Mas, de mais força, era ele e Pedro Fazendeiro. Tinha Alfredo, tinha outra pessoa que se chamava; eu não conhecia, mas o pessoal chamava ela por Maria do Rego Preto; era assim que o pessoal tratava ela. E o marido dela se chamava... eu esqueci, lembro não. Eles tinham umas filhas, tinham uma venda, tudo lá na beira da estrada.

Tonny: Foi nessa mesma venda, em que Alfredo comprou o açúcar?

Francisco: Foi lá nessa venda. Eram dos mais fortes, os que ajudavam o pessoal. Faziam um adjunto aqui, outro acolá.(...)

Tonny: Tinha também o cambão?

Francisco: Tinha o cambão, que era um dia de diária. A gente trabalhava a semana e ainda deixava o cambão. E aqueles que pagavam foro, pagavam o arrendamento, só pagavam de ano em ano. Mas, era bom. O pessoal criava, o pessoal trabalhava, o patrão era uma boa pessoa, não era ruim, não. Pedro Ramos, o doutor, o patrão, os filhos eram pessoas boas, não eram pessoas ruins. O dono, o filho também era bom, andava naquela brincadeira mais um pessoal que ele conhecia; os filhos dele tudo andava em lapinha, em baile; onde tinha baile, eles sempre gostavam de ir. Hoje em dia, são todos formados, são doutores, mas, eles andavam com a pobreza.

Tonny: Mas se era assim tudo tão bom, por que os trabalhadores tinham que lutar por mais direitos?

Francisco: É. Agora, eu não sei não como foi que começou esse negócio. No começo eu não sei não. Eu sei que lá todo mundo trabalhava, todo mundo morava e era bom, criava seu bichinho, era... Era um lugar bom. Carnaúba tinha muita água. O pessoal lá em Carnaúba plantava roça, plantava batata; lá tinha muita água, e com isso trabalhavam de inverno a verão.

Tonny: Lá em Carnaúba, que fica em Miriri, lá tinha muita gente de luta?

Francisco: Carnaúba tinha, também; agora era um lugar sempre mais calmo. Ainda mora gente. Saiu o pessoal tudo, mas ainda tem gente dos primeiros que moravam lá. (...)

Tonny: E onde ficou Dona Cecília [esposa de Alfredo]?

Francisco: A dona Cecília ficou lá, e depois foi morar... com Renato [o filho mais velho dela e de Alfredo], com uma filha, um bocado de meninos pequenos. Só sei que ela foi aqui, pros lados das Lagoas. Lá, Renato comprou um terreno, um sítio. Comprou um pra ele e outro pra ela, nas Lagoas, entre Mamanguape e Itapororoca, naquele meio, num lugar chamado "Zalagoa". Aí, Renato foi se embora para o Rio, e ela ficou lá com essa família.

Tonny: O senhor, alguma vez escutou Alfredo falar sobre as Ligas?

Francisco: Ele conversava muito sobre as Ligas, dizia que eram boas, estavam lutando pela terra. As Ligas eram uma lei boa... era terra pra trabalhar. E dizia que, se eles ganhassem, ia ser bom. (...) Eu era um rapaz novo ainda, mas eu conheci Alfredo.

Tonny: O que é que a senhora estava dizendo?

Fátima: Nesse dia, em que mataram esses homens [Referência ao confronto armado de Miriri], levaram a gente para Capim, para Capim de Mamanguape, com medo de revolta. Nós fomos embora para Capim, mãe levou a gente, e botou pra lá por causa das Ligas Camponesas; que diziam, que vinham matando todo o mundo, e vinha se acabando todo o mundo. Aí, mãe levou a gente pra Capim, para a casa de uma comadre dela.

Tonny: E as outras famílias, também fizeram assim?

Fátima: Muita gente desabou de casa, no mesmo dia. Desabaram e ainda passaram uns três dias pelo mundo, porque não tinham conhecido. Foi passando gente para achocalhar, para levar para as Ligas. Foi tempo em que morreram esses dois homens [referência a "Capa de Aço" e "Mala Velha"]. Aí acabou-se. O povo se aquietou, e não buliram mais, não.

Tonny: O pessoal falava sobre a maneira de Luiz de Barros agir, por lá?

Francisco: Sei não. Encerou aí. Acabou a força. Ficaram sem força, e daí se retiraram do terreno. Foram morar em Corvoada.

Tonny: De Miriri para Corvoada?

Francisco: De Miriri foram morar aqui, no Corvoada. Tem gente de Miriri que mora aí. Um pessoal chamado Aristides, todinho mora aí. Vicente Bernardino era um chefão também. Ele mora aí, em Corvoada.

Tonny: E sabe que Corvoada foi o primeiro lugar aqui, em Cruz do Espírito Santo, a ser desapropriado?

Francisco: Foi Corvoada? Pois esse pessoal de Miriri mora em Corvoada. Faziam parte das Ligas Camponesas. [Gritavam] "Viva as Ligas Camponesas! Viva as Ligas Camponesas!" Aí, o pessoal que não era das Ligas Camponesas, e que era do lado de Abel Cunha, tinha o maior medo de ir, quando tinha um bando de gente; uma pessoa só não ia, não, porque tinha medo.

Tonny: Quer dizer que o povo tinha mais medo das Ligas Camponesas do que do patrão, era?

Francisco: Era isso! Porque os camponeses queriam que todo o mundo fosse. Ninguém não era [das Ligas], porque onde a gente vivia era sossegado, o patrão não abusava de nós. Nós éramos nascidos e criados ali, aí ninguém se interessava em tirar essa carteira das Ligas Camponesas. E também, o patrão lá não queria, não: "Vão embora, pessoal, vocês não queiram essas Ligas, porque isso não presta. Isso vai ser ruim, isso vai ser ruim." E Abel Cunha foi um homem, foi um homem muito bom. Abel Cunha fez ruindade, também fez ruindade, matou muita gente no Capim. Esse povo do Capim, foi Abel Cunha quem matou, diz o pessoal, porque esse terreno do Capim era dele, e Manoel Bento foi e tomou conta, não passou para ele...

ENTREVISTA COM HILDA MARIA DA CONC. DE MELO,
ASSENTAMENTO RAINHA DOS ANJOS, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, NO FINAL DE 2002.

Tonny: Eu agora estou de novo na casa de D. Hilda, aqui na área da Usina Santa Helena. Tivemos uma conversa antontem e ficaram algumas coisas para se fazer. D. Hilda, a senhora conta mais um pouquinho como que foi esta história do seu padraсто ser obrigado a fazer serviços que ele não gostou de fazer; como é que foi?

Hilda: É, ele é meu padraсто, Antônio Correia; ele trabalhava aqui na usina Santa Helena, numa carroça, carregando defunto de domingo pra segunda. Era o trabalho dele, era fazer isso. Então, ele dizia à gente que a estrada do Bomfim era uma mata, era onde os urubus comiam os corpos que ele transferia de dentro da Usina, que eles matavam e faziam ele trazer dentro de ramos de mato e jogava. Então, quando ele não agüentou mais, fazer este serviço ele saiu, foi embora, comprou uma terra em Maraú e foi morar. Então ele já morreu com 86 anos, mas ele contava tudo o que acontecia depois daquilo que tava ali: que os urubus comiam; cavava aqueles buracos e enterrava aqueles ossos. Ele dizia isso muito à gente. Era assim uma estrada de Bomfim. Isto aqui, agora é roçado e depois foi cana, mas em 1965 era mato, era aí, onde eles devoravam os corpos, plantaram cana; devoraram a mata e plantaram cana. Os trabalhadores 'não viam' os ossos, tinham medo, ninguém dizia nada a ninguém. Porque o que o povo via antigamente, uma morte, via eles matando, podia ver, mas eles não diziam, porque eles tinham medo do patrão. Quando desaparecia, não chegava em casa, e ninguém ia procurar o corpo de ninguém.

Tonny: Não ia procurar corpos, mas não ia procurar pai ou esposo?

Hilda: Quando não chegava em casa de noite, ficava por isto mesmo; ninguém ia não, quando desaparecia, porque sabia que era a indústria que fazia; porque sabia que era a indústria, não ia nem atrás, não. Quem apanhava, apanhava, ninguém dizia. Veja que nem meu cunhado; ele saiu correndo daqui pra Rio Tinto, de pés, por dentro destas matas, pra não morrer. Hoje, ele mora aí, em Sapé, um homem doente.

Tonny: Quem é?

Hilda: Severino Alexandre. Eu sei, ele mora aí na..., logo aí, na chegada da rua, assim por trás, sei onde é a casa dele. Um homem

doente, devido o tempo dessa Liga Camponesa; ele tinha também, ficaram massacrando ele. É meu cunhado, ele..., a minha irmã morreu; ele casou com outra, mas a sorte dele ficou em nada. Tá aposentado, acho que ele tá com sessenta e seis anos já, que aposentou-se no ano passado e ...

Tonny: Essa coisa de enterrar os corpos, era no tempo das Liga?

Hilda: Era, só aparecia isso no tempo das Ligas, era com essa revolta, depois que eles, que o povo descobriram como é; essa Reforma Agrária. Com medo do povo, já tava um povo se prevenindo, porque se fosse naquele tempo, que todos nós tivesse prevenido, nós tinha vencido a batalha, né? Muita gente, mas com muito medo né; a gente pensava que os patrão era mais forte, mas hoje em dia, nós perdemos o medo dele; nós não têm medo deles, somos mais fortes né, a gente agora confia.

Tonny: O que é, que Antônio Correia contava?

Hilda: Ele contava assim, pra gente; dizia e falava nessa estrada: - É, minha filha, esta estrada do Bomfim, aquilo é um cemitério, era onde eu trabalhava, na Usina Santa Helena, e trazia os corpos do domingo pra segunda e despejava, ali dentro, porque eu era forçado, eu era o carreteiro dali. Ele era quem puxava os bois, né, na carroça. Era lá, que ele trazia os corpos.

Tonny: Ele pegava aonde, esses corpos?

Hilda: Na Usina. Eles matavam de noite e no outro dia de madrugada, ele tinha que buscar. Ele foi embora daqui, não levou direito de nada, só porque ele não se agüentava mais fazer este serviço.

Tonny: A senhora tem uma idéia de quantas vezes ele fez isso?

Hilda: Minha filha, não sei não, porque disse que era do sábado para o domingo que ele fazia isso. Era, e com isso desaparecia muita gente daqui.

Tonny: Como desaparecia?

Hilda: Passando pela Usina, tarde da noite, fazendo briga. Era; só acontecia isso mesmo.

Tonny: Você não se lembra do nome de quem fazia desaparecer?

Hilda: É o filho de Ja..., é, o povo desapareceu né, faz muitos anos, eu também era muito nova, e cada coisa que eu quisesse [saber], ele dizia. Perguntava; a gente chamava ele de papai. Papai como foi, como era o nome desses homens, né, A gente tem até medo de dizer; ele contava e a gente ficava até com medo, também né, Quando ele tava contando à gente, quando passava, muitas vezes a gente via até negócio, assim; de repente aquilo é um cemitério; você passa, mas aquilo é um cemitério.

**ENTREVISTA COM ISABEL REGINA,
BAIRRO NOVA BRASÍLIA, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 12/09/2005.**

Tonny: Hoje é 12 de setembro de 2005. Estou na casa de Isabel Regina. Então, ela vai nos contar o que ela acha de muito importante daquele tempo das Ligas. Pois é Isabel, pode conversar à vontade.

Isabel: Eu posso falar sobre o início. Quando começou, que a gente morava na fazenda São Salvador, e eu morava na escola, na época em que João Pedro Teixeira chegou em Sapé. E então, começou como Sindicato. Tinha médico, dentista.

Tonny: Lá em S. Salvador?

Isabel: Aqui na rua. Na Rua São Fernando. Perto, da frente a prefeitura. A sede mesmo era de frente à Prefeitura. Mas o pessoal do sítio pagava a carteirinha do Sindicato para ter direito a dentista, ter direito ao médico. O posto atendia; já foi transformado, onde um senhor vende inhame, lá na esquina da feira. Chamava-se o SAMDU, tinha todo o equipamento médico. Aí, o pessoal do sítio tinha se beneficiado, com as carteirinhas com esse direito. Aí, então, caiu no conhecimento que as pessoas trabalhadores ganhavam pouco, baixa renda, não havia uma carteira assinada, não havia um documento, nem um comprovante para as pessoas.

Tonny: Isso foi em que ano?

Isabel: Eu tenho cópia em casa, tirada que eu tirei tudo da história. As Ligas Camponesas começou em 60, não foi? Que foi a revolução das Ligas.

Tonny: Olha, que foi fundada oficialmente, foi no mês de janeiro de 58.

Isabel: Que foi fundada? Mas em poucos anos, aqui em Sapé, começou o pessoal se reunindo, lá no pátio da escola. Ainda, existe lá em São Salvador. Acabou-se as casas, mas a casa da escola, ainda existe. E então, meu marido era sócio. Tinha aquele pessoal; Seu João Bento, ele era quem batia ciranda. O pessoal lá de Viveiro, todo aquele pessoal da fazenda São Salvador, incluindo esse pessoal da zona rural. Miriri, esse pessoal já tinha outro encontro pra lá. De São Salvador mesmo, começou o pessoal, sempre se juntava. Ivan Figueiredo de Sapucaia e o pai de Antônio Otávio. Ele também ajudava, em Sapucaia; ele juntava o povo para se reunir em Sapucaia, e sempre a saída e o ponto final, era na escola, onde eu morava em São Salvador. E enquanto o pessoal se reunia, o Antônio, ele chamava

Dindo [e Galego], ele batia ciranda. Seu João Bento era o Cirandeiro; começava a cantar aquelas coisas bonitas, o pessoal se divertindo, e aí, daqui a pouco chegava Pedro Fazendeiro, ele morava também, num sítio, Pedro Fazendeiro.

Tonny: Pedro Fazendeiro morava em São Salvador?

Isabel: Não, ele morava perto, num sítio, ele não morava em São Salvador não. Pedro Fazendeiro, João Fuba; esse pessoal eram as pessoas que sempre organizavam o povo. Em São Salvador tinha Alcides Bento; esse já morreu. Tinha Luiz Bendito, esse já morreu também. Antônio Paulo, que foi vítima das ligas Camponesas, até que teve um problema nele, que ele morreu afogado, no açude de São Salvador, que chamava açude da Salgada. É um problema que ele sofreu muito, nas Ligas Camponesas; ficou prejudicado da cabeça. O pai, Antônio Otávio, o professor, ficou também, a mesma coisa. Aí, então, caiu no conhecimento, que aquele pessoal deveria ter um documento, uma carteira para assinar. Direito trabalhista. Então, nessa época veio Assis Lemos, que ajudava João Pedro Teixeira, e lá em casa numa noite, teve uma reunião muito grande, muita gente, lá na casa da escola. Aí, ele perguntou se eu queria participar pra preparar as carteiras profissional, daquele pessoal e assinar em cada qual. Assim como um escritório, né. Aí então, ele deixou um monte de carteira, Assis Lemos, carteira profissional. Aí o pessoal ia lá, na minha casa, lá na casa da escola, preparava as carteiras, preenchia tudo com o documento do pessoal. Num tinha documento; o documento que eles tinham, eram essas carteiras mesmo, pra, nas fazendas, apresentar os direitos aos fazendeiros, os direitos do trabalhador; os direitos trabalhistas. Que é um direito que eles tinham. Que nesta época, não existiam estes direitos, né? Aí então, começou o pessoal a fazer as carteirinhas; e então, o Pedro Fazendeiro tinha conhecimento que existia uma escola. Chamava-se "Radiofônica", na época do Governador Pedro Gondim. E então, convidou de cada fazenda da Zona Rural duas pessoas. Então de São Salvador foi eu e Beata, filha de João de Joça. Passamos três dias lá no São Bento, lá junto da Catedral [em João Pessoa]. Três dias participando de instrução, negócio como um... Que a diretora de lá era Dona Alice de Souza Rolim, e mais uma equipe que ela tinha lá de professor. A gente passou três dias em treinamento. Aí, essa escola radiofônica; ela dava aula lá e cada um da gente recebeu um rádio para ensinar aquele pessoal trabalhador, que não sabia assinar o nome. Aí, então, a gente levou o rádio para casa, depois dos três dias. Quando dava sete horas elas dava aula, na Tabajara.

Elas dava aula e a gente, cada uma ganhou um livrinho: já cada uma estava preparada. Cada um aluno já tinha um caderno e o lápis. Aí, ela primeiro dava aula de instrução, como era e tal para eles irem entendendo. Aí, o dever ela ia dizendo e eu ia passando no quadro. Só era uma hora de aula, passando no quadro. Aí, depois que ela desligava, depois de uma hora, eu via aquele dever, que estava no quadro e ia repassando para o povo. Cada um estava com o caderno e o lápis. Eu sei que esta escola continuou três meses. Aí, quando houve essa história da revolução das Ligas, aí então, botaram na cabeça do povo que essa escola era montada pelas Ligas Camponesas. Mas não foi pelas Ligas Camponesas. Aí, a polícia, nesse tempo tinha Luiz de Barros, tinha Tenente Sá. Aí, mandaram recolher todos os rádios para a delegacia.

Tonny: Vem cá, mas quem dizia que era das Ligas, essa escola?

Isabel: Os fazendeiros. Os fazendeiros, porque nenhum gostou desse direito que o pessoal tinha. Que ia ter esse direito, os trabalhadores, né. O pessoal pediu; fizeram um pedido a Pedro Gondim, o governador.

Tonny: João Pedro Teixeira?

Isabel: É. Com o conhecimento das Leis Trabalhistas, e então ele forneceu Escola Radiofônica. Lá, já tinha essa escola, em João Pessoa e em vários lugares. E então, dessa vez cedeu para esse pessoal que foram pedir; João Pedro, Pedro Fazendeiro. Para, através de escolherem pessoas nos sítios, na zona rural para participar também, desse curso radiofônico, para alfabetizar esse povo.

Tonny: Está vendo? Como é importante!

Isabel: Pois, é. Aí então, recolheram todos os rádios. Ficou na delegacia. Aí, levemos um telefonema para a pessoa de João Pedro. João Pedro e Pedro Fazendeiro foram para João Pessoa, para esclarecer. A equipe veio para a delegacia. Pedro Gondim mandou por escrito que a escola não era das Ligas Camponesas. Foi o governador quem fundou essa escola. Aí então, eles disseram que iam devolver os rádios e a escola ia continuar. Tiveram conhecimento que não era das Ligas Camponesas; então, os fazendeiros não aceitaram mais essas escolas. E acabou a escola. Nenhum fazendeiro mais aceitou essa escola.

Tonny: Meu Deus! E não pôde fazer na cidade?

Isabel: Não. Era na zona rural. Porque na cidade já tinha muitas escolas. Não existia assim, colégio como existe hoje. Que esse colégio não foi fundado tão de repente assim não. Existia o [colégio] Gentil Lins. O Gentil Lins tinha a diretora que era Dona

Glória. Sempre não existia esse negócio de segundo grau, essa coisa toda, não. Existia, a quarta série, primária. Tinha o livro de Admissão, que tinha seis livros. Que quem fizesse aqueles seis livros, já tinha feito Admissão, já tinha feito a escola toda. Que eu só estudei até a quinta série. Aí continuou, foi virando... Os proprietários se revoltando contra o pessoal. E houve muita coisa, lá mesmo onde eu morava, participava. Chegou o João Meireles, que ele toda vida foi um bom proprietário. Mas, quando ele botou o João Gomes como administrador, dessa época... Ele administrava na Una [Fazenda de Cassiano Ribeiro Coutinho] e sem ter o conhecimento. Assim, na Fazenda São Salvador dizia que o pessoal estava mais rico que o patrão. Porque o pessoal todo era rendeiro, eles plantavam de tudo; eles plantavam e vendiam. Era cana caiana, era verdura. Inclusive lá onde eu morava...

Tonny: Quem plantava?

Isabel: Os morador. Eles eram rendeiros, tinham seus sítios, pagavam os direitos deles, né? Eles plantavam cana, plantava verdura, toda semana saía dois, três carros de verdura, só dessa família Fernando, que botava lá os carros e pegavam para ir vender, lá em João Pessoa; verdura. Aí começou João Gomes o administrador, aí, foi tomando o terreno do pessoal. Tomando o terreno do pessoal, porque o pessoal estava ficando rico, mais rico do que o proprietário. E isso causou a história das Ligas Camponesas, eles tomando o terreno do povo. O povo pagava os direitos e ele deixando o povo apenas com o terreninho da casa e uma pouca coisinha para trabalhar.

Tonny: Isso foi Joca Meireles?

Isabel: Foi Joca Meireles, João Meireles. Então os morador, eles se revoltaram e foi uma revolta muito grande, sobre esse problema. Aí então, sobre esse problema veio..., causou... e começou [chegar] pessoas de fora; nessa época ia haver uma eleição. Eu lembro que o pessoal..., tinha Teixeira Lott, que eu não sei de onde era esse homem, que apareceu para se candidatar, em Brasília. Não..., nesse tempo não existia Brasília. Brasília foi no início de 64 por aí assim.

Tonny: É, foi nessa época. Foi em 60, parece.

Isabel: Aí, então, nessa época quem estava assumindo o governo era João Goulart, o Presidente. O presidente tinha viajado, e João Goulart que tava assumindo o lugar do governo, deu apoio a esse pessoal. Aí veio a pedido de Assis Lemos, de Ivan Figueiredo, que ele batalhou muito sobre esse problema dessas Ligas Camponesas. Aí, então, começou a haver assim..., confronto do pessoal. Morava lá e o pessoal fazia aquelas passeatas... Aí, como ele fez isso com o povo, o povo disse: - Agora vamos fazer um direito. O povo agora vai ter direito nos terrenos deles. Aí quando foi um dia...

Tonny: Quem dizia?

Isabel: O pessoal de João Pedro, né. Vamos recuperar os terrenos de vocês e vocês pagam os direitos de vocês. Tem direito a moradia. Vocês pagam o direito de vocês. Aí, antes de haver essa revolução de tanto massacre, juntou-se os trabalhadores, depois que tomaram o terreno do povo. João Gomes depois que tomou o terreno do povo, danou bananeiras. Plantou o que ele quis, no terreno do povo. Cana, (...) ficou tudo pra eles, lá. E então, juntou-se todos os moradores. Os moradores de Viveiro, também; aquele pessoal todinho, todos os moradores se juntaram na frente da escola. Ali, de frente à escola tinha um terreno, que era um cercado, que ele tinha duas fazendas. Tinha a fazenda de São Salvador e tinha outra fazenda que se chamava Olho de Boi, perto de Tramatá. A fazenda era muito grande e esse terreno e esse cercado tava desocupado. Então, os moradores se juntaram todos e disseram: - Agora a gente vai trabalhar. Levaram enxada, foice e continuou, todo mundo se juntou e foi aquela procissão, aquela caminhada bonita e eles chegaram do outro lado do arame e começaram o mutirão.

Tonny: Eram mais ou menos quantas pessoas?

Isabel: Era muita gente, Tonny, muita gente. Era muito mais de cem. Era muito morador, era muita gente... era muito grande, tinha uma parte que era extremada com Nossa Senhora de Lourdes, tinha Viveiro, tinha Cuieira, tinha muita gente, era muita gente.

Tonny: Cuieira e Viveiro pertencia a eles também?

Isabel: A eles também. Aí então, quando foi daqui a pouco, vem a polícia. Chegou na fazenda de João Meireles. A fazenda que João Gomes administrava, ali junto da lagoa, para lá. Aí chegou, junto da casa da Fazenda mesmo, chegou não sei quantos carros de polícia. Aí invadiram o terreno. Neste dia, levaram Luiz Bendito, levaram o seu Antônio Paulo, levaram o seu Alcides Bento. Levaram tudo, levaram, trouxeram e prenderam na delegacia. E este povo foi muito massacrado. Aí, perto da minha casa tinha um barracão. O senhor do barracão chamava-se João Figueiredo, ele morava aqui na rua, mas tinha um barracão, lá. Aí, chegou um pessoal. Depois que invadiram, que levaram o pessoal, tangeram o povo de lá. Cada um foi pra casa. Aí chegou a turma todinha do carro de polícia e chegou na frente do barracão e disse: - Olha, aqui não se fala, não é pra se dizer nada. Nem perguntar nem responder. De seis horas da tarde é pra estar fechado esse barracão. Ai de vocês se abrirem a boca pra dizer qualquer palavra sobre o que aconteceu hoje. Aí, Tonny, eu não sei porque é que eles fizeram isso; que depois desse

barracão vieram pra rua, lá de casa. Onde eu morava era uma rua de casa de um lado e outro, tudo morador até chegar aqui, nessa igreja de Meireles. Tudo era rua de casa dos morador, da rodagem e fora os que tinha por trás daqueles sítios. Aí, eles fizeram uma coisa assim de propósito, que até hoje eu fico pensando. Só eu não, todo mundo. Eles saíram jogando nota de dinheiro. O carro bem devagarzinho, jogando aquelas notas. Jogando assim, onde eles passavam na rodagem. E o vento levando aquelas notas, levando, levando, levando. O povo todo olhando ali. Ninguém, não sei... Eu fico pensando, eu e todo mundo, que experiência foi essa de jogar esse dinheiro? Eu não sei, as vezes a pessoa pensa assim, queira saber se alguma pessoa pegava esse dinheiro para eles pegar e massacrar este povo. Ninguém sabe qual foi a intenção desta peste, deste pessoal.

Tonny: Quem é, que fazia isso?

Isabel: A polícia, a polícia própria, em cima do carro e jogando as notas assim, olha. E o vento levando. Quando chegou com uma distância... Quem era que ia pegar para saber o que era? Sabia que era dinheiro, mas não sabia quanto. Aí então, com uma distância, eles pararam o carro, aí voltaram, a turma todinha de pé, apanhando nota por nota. Nota por nota, apanhando as notas todinhas. Aí, voltaram pegaram o carro e foram embora. Eu não sei, e o pessoal não sabe o que significou uma coisa daquela.

(uma pergunta com o gravador desligado)

Isabel: Não estava, não estava na fazenda, estava em João Pessoa. Quando ele (João Meireles) chegou no outro dia, que soube a notícia que o pessoal estava preso, ele reclamou muito com o administrador. Que ele foi um proprietário que nunca fez nada contra os morador e mandou a polícia liberar os três que estavam presos. Mas um já tinham pelado a cabeça dele, o Antônio Paulo, lascaram a cabeça de Antônio Paulo, bateram muito em Luiz Bendito, bateram muito em Alcides Bento. E o problema é que Antônio Paulo ficou doente da cabeça, até que um dia ele foi para o açude da Salgada, lá ele foi mergulhar, caiu, deu um negócio nele e acharam ele morto, dentro d'água, porque na tontura, o problema na cabeça dele. Aí Tonny, aí começou, aí começou a revolução. Aí, não foi só Sapé, foi Mari, foi Miriri. Muita gente morreu, muita gente foi à briga. E o povo contra. O pessoal de Sapucaia passava na minha casa e aí, chegou João Gomes querendo massacrar o povo, mais ainda, do que já tinha feito. Mas o João Meireles não deixou mais ele fazer isso com o povo. Aí, o pessoal chamava pra sair... disseram que iam chamar ele; ele proibiu, foi na minha casa. Até umas telhas que meu pai

tinha botado na minha casa, porque ele ia morar na rua e botou umas telhas, ele proibiu. Eu tinha que tirar aquelas telhas e jogar fora. Aí, eu disse a ele que não tirava. Se ele era o chefe, ele que organizava a turma dele e ele tirasse. Porque eu não tirava, que estava na minha casa. Aí então...

Tonny: Eu não sei... Tem aí, o João Gomes que é o administrador e o Joca Meireles. Então, o Joca Meireles não concordou com aquilo que o administrador dele tinha feito?

Isabel: Isso, mas já tinha feito. Aí, então começou a revolução. O pessoal se juntava, fazia aquelas passeata. Ele contra o povo. E o pessoal dizia: - A gente vai levar João Gomes. Os que foram massacrados, Luís Bendito: - "Vamos levar todos mundo, vamos formar uma passeata até lá, no sindicato. A gente vai levar João Gomes, nem que seja achocalhado, mas João Gomes vai. Aquele é um cuscuz de fumo, aquilo é tão ruim que chama-se um cuscuz de fumo. O que ele fez com a gente, um cristão não faz isso com um pai de família". Aí, teve um dia que ele foi se esconder e foi quando a passeata saiu com todo mundo caminhando. Quando passaram na casa dele, ele se escondeu; foram para Mogeiro.

Aí, começou o massacre. Foi um massacre. Quantas vezes João Pedro foi pedir conselho ao Monsenhor que era o vigário daqui, Monsenhor Odilon Pedrosa; porque [a Sede] ficava perto da casa paroquial. O pessoal começou prender. Prenderam Célia, era irmã de João Fuba, prenderam ela, estouraram a mão dela todinha de palmatória, de madeira. Prenderam João Fuba, prenderam Pedro Fazendeiro. Aí foi uma revolução grande, a família Ribeiro [Coutinho] botou a mão nesse meio, aí que foi confusão, morte, muita coisa. Aí, que foi uma tristeza naquela época, Tonny. Pedro Fazendeiro, na hora que soltou-se... Ele foi preso através dos fazendeiros. Inclusive falam que foi a Usina (...) Santa Helena (...) e de outros fazendeiros ali, que se juntaram, prenderam Pedro Fazendeiro e prenderam João Fuba. Agora, no meio desses fazendeiros, ninguém sabe quem foi o chefe, que fez isso. E essa mesma pessoa mandou liberar os dois. Aí, (...) Pedro Fazendeiro e João Fuba, antes dele pegar o ônibus, um carro veio pegou os dois jogou dentro do carro e até hoje sumiram com esses dois homens.

Tonny: Pegaram eles lá perto da rodoviária?

Isabel: Na rodoviária, quando eles já tinham sido liberados, (...) na rodoviária para vir prá Sapé, foram pegos; jogaram dentro de um carro, e até hoje, ninguém tem notícia desse povo. Sumiram com esse povo. Monsenhor Odilon Pedrosa fez a história toda de João

Pedro Teixeira. Fez toda a história. Eu tenho essa história copiada. Está todinha na história de Monsenhor. Olhe Tonny, começou a confusão com João Pedro Teixeira. Que a mulher de JPT é da família da mulher de Antônio Vítor. E Antônio Vítor nessa época, deu umas carreiras num pessoal ali, num sítio que tem ali, junto do posto. Acho que a terra era dele, que ele tomou também do povo, que era rico, que era a favor dos fazendeiros e contra os camponeses. Que eu lembro de uma ciranda, que João Bento, o tio desse menino aí, de Antônio (Galego), cantou na frente da escola. Todo mundo cantando, ele dizendo, contra Antônio Vítor, ele fazia assim:

Antônio Vítor tá virando cobra.
Fazendo manobra,
correndo atrás das mulher.
Na frente dele tem um a e tem um s,
Seu Zé Joffly é, quem conhece
O nome da cobra qual é.

Seu José Joffly que era um grande do Rio de Janeiro. Era um grande do Rio de Janeiro que protegia o lado deles. Porque o lado de João Pedro Teixeira tinha..., apareceu Francisco Julião, já veio coisa de Cuba. Apareceu coisa de Cuba, no meio. Esse pessoal que veio de fora. Político de fora. Não saiu dele, não foi criado de João Pedro Teixeira. Apareceu, Miguel Arraes, que morreu um tempo deste, que era de Recife. Apareceu..., é... meu Deus, o governador do Rio, Leonel Brizola. Aí veio gente de Cuba. Nessa época eu me lembro, Ivan Figueiredo, foi uma pessoa muito perseguido. Ele gostava muito de João Pedro Teixeira, da família de Elizabeth, dos filhos deles que sofreram muito nessa época. Sofreram muito, os filhos de Elizabeth. E Ivan Figueiredo, ele falou que levou o filho de Elizabeth para Cuba para se formar.

Tonny: Foi ele quem levou, foi?

Isabel: Foi. Mas escondido. Ele passou não sei quanto tempo escondido, o povo querendo matar Ivan Figueiredo. Ele fugiu porque o cunhado dele era da Usina. O cunhado dele era Pedro Ramos. Era irmão de Renato Ribeiro.

Tonny: Era cunhado dele?

Isabel: Era. Pedro Ramos era cunhado de Ivan Figueiredo. E através de Pedro Ramos, sabia que a usina ia matar ele. Que a Fazenda era perto; a Fazenda Sapucaia. Tirou ele de meia noite em traje de mulher, dentro de um tambor. Não sei o que danado foi para botar ele lá pra longe. Ivan sumiu, ele foi ser liberado depois que Batista Figueiredo (o presidente do Brasil) foi liberar aquele pessoal.

Tonny: A anistia, né?

Isabel: É. Aí houve uma eleição. Esse Teixeira Lott era bordado com umas espadas na roupa e que causou a revolução, que prejudicou o trabalho de João Pedro. (...) Mas a atenção dele não era contra o povo, era a favor dos trabalhadores. Através desse trabalho é que o povó hoje tem um direito, tem carteira assinada, e muitas coisas boas, tem através desse trabalho das Ligas Camponesas. Tem muitas coisas ruins, de pessoal que veio de fora trazer coisa ruim. Quer dizer assim, botar lenha na fogueira para ver a labareda subir mais, né?

Tonny: O que você está dizendo é que, o que João Pedro ensinou era uma coisa e o que veio de fora é outra coisa?

Isabel: Era, era outra coisa.

Tonny: Então, Isabel, conte um pouco sobre o que você se lembra de João Pedro Teixeira, o que ele fazia. Como você via este homem?

Isabel: A gente via João Pedro Teixeira, Tonny, como um cidadão de bem. Ele era uma pessoa que quando (...) perseguiam aquelas pessoas, ele procurava uma maneira de livrar. E o pessoal para ajudar, ele fazia aquela coisa, todo o trabalho para ajudar para não ver o fim de tudo. O povo se acabando, era trabalhador, era... (...) Foi muito sangue derramado naquela época. Até que pegaram JPT. (...) Então, eu lembro quando a história saiu, que estava um povo no sindicato, aí quando disseram: "Mataram JPT"; que ele tinha ido para João Pessoa comprar o livro pros filhos dele. Na rodagem de volta mataram JPT. Aí, foi que a coisa piorou mesmo para o lado do povo. Foi uma revolta muito grande, porque fizeram isso com JPT. Aí, começou mesmo a virar o mundo de perna para cima. Ninguém saía mais, ninguém falava mais; a gente chegava na rua, ali; assim que chegava ali, na feira, só via revolução. Ninguém conversava mais com ninguém, era aquela coisa... era perseguindo o povo. Menina foi uma coisa.

Tonny: Logo depois de JPT ser morto começou esta brutalidade, foi?

Isabel: Antes dele já começou, Tonny. Já começou, matando o povo. Eu lembro que quando chegou um tempo numa eleição, João Goulart veio aí. Assis Lemos trouxe João Goulart, aqui em Sapé. Tanto povo, foi aquela festa. JPT, tudo lutando. Antes dessas coisas todas, ele veio. Deu o maior apoio a Pedro Fazendeiro, deu o maior apoio aos trabalhadores. Ele veio, fez um comício, aí. Assis Lemos trouxe ele. Ivan Figueiredo mais Assis Lemos pediram a ele um

terreno. Um terreno, porque aquele SAMDU não era do povo, era alugado. Pra fazer um SAMDU para o povo. Pediu o terreno e ele doou. O terreno do SAMDU foi doado, o terreno para os trabalhadores. Aí pediram esse terreno, aqui da igreja. Aí, foi comprado, não foi doado. Foram os trabalhadores que compraram, os camponeses. Tudo comprado, que o padre celebrava a missa debaixo de um pé de caju. Aí, os camponeses se juntaram todo mundo; compraram esse terreno. Aí, no dia da posse desse terreno, aí fizeram uma festa, aí foi todo mundo fazer a igreja. A igreja foi feita em mutirão. E o SAMDU, quando formaram o SAMDU, aí Assis Lemos disse que no dia que funcionasse, que tivesse certeza que viesse esse SAMDU, a primeira pessoa que a mulher que tivesse um menino nessa época ele botava o nome de Assis Lemos. Uma mulher que morava perto da casa de Maria Batista foi a primeira pessoa que foi para o SAMDU. Ela teve um filho e botou o nome de Assis Lemos. ...esse menino morreu. Mas não foi no SAMDU novo, foi no outro SAMDU. Mas acontece quando o terreno do SAMDU veio pra cá, doaram o terreno que era para... montar o prédio, que foi no tempo das Ligas Camponesas. Aí, a Prefeitura e o Estado formaram, fizeram ali o SAMDU. Funcionava lá, mas era alugado, lá na feirinha, na esquina da Alcides Fernandes, onde hoje um homem mora lá, que vende inhame em frente. Mas eles precisavam de um terreno próprio que não tinha assistência pros trabalhadores, para o povo. Aí, foi quando Ivan Figueiredo pediu, mais Assis Lemos e João Pedro Teixeira, a João Goulart, um terreno. Ele deu aquele terreno. Ele olhou, mandou o povo olhar e deu o terreno pra fazer o SAMDU, ali, da saúde. A igreja [no Bairro Nova Brasília] é o terreno que os camponeses compraram pra fazer uma igreja que não tinha. O Monsenhor cedeu a Prefeitura para fazer aquele grupo, que até botaram... a matrona daquele grupo é Júlia Figueiredo. Porque a maioria daquele povo... eu vou lhe dar a história; xérox, vou lhe dar. (...) O primeiro médico que trabalhou ali, era o Dr. Vicente, era Dr. Alceu, já morreu. Jota Barros foi o primeiro enfermeiro que começou a trabalhar, ali. (...) Dr. Luiz foi o primeiro médico que trabalhou aí, e ainda trabalha. (...)

Agora o terreno da igreja é 60 por 65 (metros); Agora o SAMDU é aquela área que é formada, é murado. (...)

Aí eu assisti o filme de JPT, aí houve muita coisa. Eu vi o filme dela contando a história dela, e ela apresentando. (...)

Tonny: Isabel, conta como se organizava alguma ação no tempo de JPT?

Isabel: Olha Tonny, era no Sindicato. O pessoal se juntava tudo e planejava as coisas, no Sindicato. Célia era a secretária. Quando os trabalhadores iam pra lá, faziam aquela reunião. Lá, em casa era o ponto de partida, onde eles iam, né. Lá eles faziam festa, faziam ciranda, e vinha aquele pessoal de Miriri, JPT, o Pedro Fazendeiro. Mas sempre o pessoal vinha aqui, na frente da prefeitura. Nesse tempo a prefeitura era lá, no antigo fórum. Ali, era a sede do Sindicato, de frente à prefeitura. E ali eles faziam as festas dele. E teve um tempo que veio muita gente de fora. Uma reunião marcada que eles estavam. E então, nessa festa ele foi pedir a Monsenhor. Monsenhor, quantas vezes foi para o hospital ver o pessoal que chegava lá todo ferido, outros mortos. Ele ia pra lá olhar. Quando chegava em casa, JPT já estava na calçada da casa paroquial pedindo a ele proteção, pedindo a ele que rezasse muito, que ele não queria fazer uma coisa daquela; que eram os fazendeiros. E teve um tempo que o pessoal foi pra lá para destruir tudo. Prepararam para destruir uma reunião, que tinha ido lá com muita gente. Nessa época, Frei Damião estava. Aí João Pedro Teixeira foi lá e falou com ele. Monsenhor disse: – não se preocupe não, que eu vou mandar uma pessoa. Aí, Frei Damião tava, então, Monsenhor falou direitinho, contou a história toda para Frei Damião, que também chegou lá e fez um sermão abençoando todo mundo; que acabasse a violência, que isso não adiantava. Assim, ele fez aquele sermão bonito e finalmente, nessa noite todo mundo ouviu frei Damião, não houve violência não. Por parte de JPT não; aquele povo não ia fazer violência. O pessoal que vinha de fora, já comandado por essa turma que veio de longe como eu falei. Esse pessoal que veio de longe para botar fogo no estopim, como dizia Monsenhor, para ver a labareda subir cada vez mais. (...) O povo ficou tão nervoso, que quando aparecia uma coisa, assim o povo corria, não queria nem saber. Porque diziam: – Mataram um homem como JPT... Meu cunhado, também, fugiu para o Rio Grande onde andava Rui, irmão de Ivan Figueiredo. O irmão dele trabalhava na Usina Santa Helena. Ele disse: – Meu irmão, eu vou levar você de noite pra Rio Grande do Norte. Deixou a família em Sapucaia, depois com muito tempo foi que veio buscar a família e até hoje. Morreu pra lá, pra aquelas bandas do Rio Grande do Norte. Tinha família que estava lá; a irmã dele, que também saiu daqui perseguido, também, porque naquela época era moradora de Ivan Figueiredo e trabalhava... e o pessoal queriam acabar com Ivan Figueiredo, e Ivã já não estava em Sapucaia, tinha sumido. Menina, foi uma coisa, uma coisa horrível,

uma coisa horrorosa. Pegaram o pai de Antônio Otávio, meu Deus do céu, que morava perto da fazenda. Deram tanto nesse homem; inventaram que ele tinha um tambor de arma. Que as armas todinhas dos camponeses, ele era quem tomava conta. Mas ele não tinha arma. Inventaram, levaram ele preso. Esse homem apanhou tanto que, até a época que morreu ficou sem o juízo dele. Perdeu o juízo dele nessa época, que era um homem trabalhador, um homem forte (...) Foi muita gente massacrada. Olha Tonny, se for fazer a história dessas Ligas Camponesas, é muita coisa, não só em Sapé, como em Mari, Miriri, em um bocado de lugares. Porque isso aí, foi como uma epidemia.

Tonny: Em Mari, em quais lugares você sabe, que as Ligas tinha ações?

Isabel: Ave Maria, muita gente morreu. (...) Foi uma revolução muito grande. O povo não tinha..., era como a história do povo de antigamente, do antigo testamento; não existia a Bíblia, não existia ensinamento, aquele povo não tinha (...) instrução. A instrução deles: quer dizer: - Vão matar a família toda, então, vão brigar também. Se é pra matar um, vai matando um e matando outro.

Tonny: Depois de JPT?

Isabel: Depois de JPT. Aí foi que a revolução subiu, aumentou. Muita coisa para vingar a morte de JPT. Muita coisa apareceu dentro de Sapé. Não só em Sapé, Miriri também, houve uma grande revolução, morte em Miriri. A minha vizinha foi nascida e criada em Miriri. Mataram até um cara que o povo chamava Mão de Ferro, que era da polícia daqui. Era um grande, era o chefe que chefiava a polícia. Era o Mão de Ferro, morto em Miriri, pelos próprios trabalhadores, porque eles foram acabar com o povo de lá; quer dizer que o povo ia morrer todo mundo.. era camponeses, trabalhador contra polícia, aí começou. Morreram... Ela sabe contar essa história todinha, morreram umas três pessoas ou quatro, em Miriri. Morreu muita gente também, nessa revolução de Mari. Mas aí, não era do partido de JPT. Eram os fazendeiros, contra o povo. Quer dizer que o povo, também (...) ia se defender, naquela época. Naquela época, quem mandava em Sapé era Luiz de Barros e esse Tenente Sá. Era quem mais judiou. Era uma história tão cumprida essa história das Ligas Camponesas; era tão sofrida dentro de Sapé e nos sítios, na zona rural. (...)

Tonny: Você se lembra de alguma vez que os trabalhadores se organizaram e saíram lá da frente da escola de você, lá, em São Salvador? Como se organizaram e para onde iam?

Isabel: Não. Eles se organizavam na sede. No Sindicato. O

pessoal ia pra lá, se organizavam e então quando chegavam na fazenda, como principalmente Ivan Figueiredo juntava os moradores, já tinha se organizado; lá de cada lugar iam umas pessoas para organizar a reunião. Quando chegava nas fazendas, principalmente Ivan Figueiredo juntava o povo dele, e quando chegava em São Salvador juntava os de São Salvador e vinha a caminhada para Sapé. De Antas, aquele pessoal se juntava também, a mesma coisa, e vinha também para Sapé. O pessoal todo se juntava. Aquela caminhada e vinha para Sapé.

Tonny: Em quais fazendas e sítios, aqui em Sapé, tinha essa organização?

Isabel: Barra de Antas, essas Fazendas, Tonny, todas essas zonas rurais faziam parte. Esse pessoal todo ao redor de Sapé, não era só aqui na cidade, que fazia parte. Era Sapucaia, Miriri, Mari, era Antas do Sono, Barra de Anta, todo esse pessoal todo vinha. Em cada lugar desses tinha um setor de reunião desse povo. Cada reunião tinha um setor desse povo se reunir e depois se juntava todo mundo junto, ali de frente à Prefeitura, que é onde era o Sindicato. Aí houve essa história toda.

Tonny: Você participou do enterro de JPT?

Isabel: Não, eu não participei, não. Eu não participei, porque naquela época o povo tudo com medo. Todo mundo teve medo de a maioria da gente de morrer no caminho. Porque foi tudo ameaçado. Sentiram muito a morte de João Pedro Teixeira. E umas pessoas foram e outras pessoas não podiam ir com medo, de chegar em casa e achar o pistoleiro na porta ou matarem no caminho ou (...) A morte de JPT amedrontou muita gente, o homem vem inocente, vem de João Pessoa, com os livros dos filhos e ser morto no caminho sem esperar. Aí o povo ficaram tudo amedrontado. Uns participaram e outros não foram participar, com medo de morrer. A justiça naquela época, era os fazendeiros (...)

Tonny: Sim, Isabel, você se lembra da figura de Nego Fuba, ou...

Isabel: O Nego Fuba eu me lembro muito de João Fuba. (...) Ele era moreno, o cabelo um pouco enrolado. Não era preto, não era um cabelo ruivo. Pedro Fazendeiro era um homem alto, usava bigode, os cabelos bons, era bem...

Tonny: Mas o que você se lembra da fala deles?

Isabel: É, porque quem mais conversava lá, era os homens, lá.. pro sindicato. Eu tinha um monte de menino pequeno, não podia sair. Só de noite quando eles chegavam, iam fazer aquela festa toda,

ali na frente da casa. E sobre o trabalho que eu fiz lá, que eu conversei com eles.

Tonny: E você participou mais em Salvador?

Isabel: É, lá em Salvador. Na rua mesmo eu não participava. Porque eu não podia. Mas eu lembro muito. Me lembro muito do rosto de JPT. (...)

Tonny: Olhe Isabel, já que estamos conversando, você não quer dizer alguma coisa sobre aquela luta de anos e anos que você e a sua família tinha por causa que seu pai, parece que foi seu pai que perdeu a terra dele ...

Isabel: Ah, Tonny, é uma coisa... é a causa da herança de meu pai. Ali, tem 305 hectares de terra de meu pai. A terra melhor que tem em São Salvador, daquela parte toda era de meu pai, herança da família dele. Naquela época João Meireles comprou; tomou conta de São Salvador. Que quem comprou São Salvador foi o pai de João Meireles, o velho Domingos Meireles. Ele comprou aquelas terras; todas essas terras do município pertencia a família Ribeiro. O velho, Dr. João Úrsulo, que era o pai dos Ribeiros todos, ele morava na [Faz.] Una. A minha avó era muito amiga dele. Era parteira, foi parteira dos filhos dele. Minha avó.. Aí quando ele vendeu a terra à Domingos Meirelles, aí Domingos Meireles, trancou, cercou tudo, (incluindo) a terra do meu avô. Cercou com tudo. Tomou até o gado que ele tinha, ferrou tudo pra ele. Dizia que tinha comprado tudo. Aí, minha avó foi lá na Una e falou com ele e ele disse assim: - Não Rainha, eu não vendi sua terra. A sua terra é sua Rainha. Domingo Meireles está tomando todas as escrituras da terra do pessoal, enganando o pessoal e tomando a terra do povo. Mas guarde a sua escritura, não dê essa escritura, Rei, para ele não dar fim. Essa escritura você guarde Rainha. A terra é sua, não vendi sua terra, não. A terra é sua. E ela guardou essa escritura. Aí quando foi depois, meu pai resolveu: - "Vou conseguir meu terreno". Aí botou um advogado, que era do conhecimento das pessoas. Isso em 45. Venceu, ganhou o direito de posse. Aí foram matar ele na casa, na morada, no sítio. João Meireles botou uma turma de gente, que foi pra lá de noite, não mataram ele, porque estava fora de casa, da casinha que ele morava...

Tonny: Isso foi João Meirelles?

Isabel: Já foi João Meireles. Domingos Meireles morreu e já tinha transferido as terras para João Meireles. E ele dizia: - Rei, venda tua terra. Essa terra é tua, mas só te entrego se tu vender a Renato Ribeiro. E meu pai dizia assim: - Oxente, eu sou obrigado porque? A terra é minha, capitão. Eu sei que a terra é minha. Mas

eu não sou obrigado a vender a Renato Ribeiro, a seu pedido, não. É herança de minha família. Aí, de noite, já foi quando João Gomes estava administrando. Foi de noite com um carro de gente, com um monte de policial, muita gente foram para matar o meu pai.

Tonny: Mas, Isabel, você disse antes, que Joca Meireles era uma pessoa boa.

Isabel: Não, ele foi uma pessoa boa para os morador dele.

Tonny: Mas, como ele era uma pessoa...

Isabel: Mas para o meu pai?... Para os morador dele, ele cedia, era dinheiro emprestado, o povo era mesmo como dono daqueles terrenos todos. Era pros morador dele. Mas, pra o meu pai, não. Meu pai morava no terreno que era do meu pai. O velho Domingos Meireles, sempre conversava com meu pai. Mas depois que o velho morreu, [o filho] Joca Meireles ficou contra o meu pai. Não queria,... João Gomes mandou botar a casa de meu pai abaixo. Que ele fez duas vezes. (...) Olhe em '45 tangeram ele lá do terreno, da casa dele. Aí meu pai foi morar noutra terreno, depois ele voltou novamente. Fez a casa dele, dentro da mata, que ele só tinha mata. Na época de João Gomes, João Gomes chegou afoito, pegou uma turma de gente e foi matar meu pai.

Tonny: João Gomes chegou em que época.

Isabel: Na época da revolução das Ligas, tenho tudo anotado lá nos papel. Aí, meu pai, quebraram tudo, botaram a casa abaixo, meu pai foi em João Pessoa; foi lá, falou com um coronel. Botaram advogado, ele ganhou a posse do terreno dele. Jornal, eu tenho o jornal guardado. Aí, não entregaram a terra dele de jeito nenhum, prenderam ela no tribunal. Quando foi depois, meu pai apareceu com outro advogado, porque esse advogado que deu o terreno dele foi seu Osmar de Aquino, de Guarabira. Aí, prenderam no tribunal (...), eu tenho tudo anotado ali Tonny.

Tonny: Isabel, (...) já começou nos anos '40. Porque seu pai foi perseguido sobre isso, em '45. Isso faz sessenta anos. E ainda, isto está...

Isabel: Justamente, e quando foi em 75 deu entrada novamente... [E até hoje...]

**ENTREVISTA COM IVAN FIGUEIREDO CENTRO, SAPÉ.
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, 02/11/2001.
(FALECIDO)**

Tonny: O que o senhor acha importante daquela época? Como era a vida no campo e na cidade?

Ivan: A vida no campo, naquela época, era muito oprimida, era muito difícil, mas a gente sempre levava da maneira que era possível. A gente trabalhava. João Pedro, pelo menos, era uma pessoa que trabalhava com muita dificuldade. A pessoa, naquela época, sem condição financeira, sem nada, e mais esse mundo de capitalista perturbando a pessoa... Era muito ruim. Hoje não, (...) mas naquela época, era difícil, muito difícil, muito mesmo. Eu, naquela época, era um pequeno proprietário, um pequeno agricultor, mas a dificuldade era muita. Eu fazia aqueles empréstimos no banco, aquela coisa toda, mas tudo muito difícil, por falta de assinatura, de avalista, pois era muito difícil arrumar avalista, ele não queria avaliar pra todo mundo, e eu que já era um pouco mal visto, aí, era meio difícil. Mas, por intermédio de família, dessa coisa e tal, ele ia assinando e eu ia escapando.

Tonny: O senhor morava em Sapucaia, não era?

Ivan: Em Sapucaia, era. Dá uns seis quilômetros, aqui de Sapé.

Tonny: Como o Senhor foi entrando na luta com João Pedro?

Ivan: Eu era um pequeno proprietário. Vinha sofrendo também, havia muito tempo, e vendo os outros sofrendo, também. E aí, me dediquei à luta dos trabalhadores. Eu nunca era pra ter entrado, mas a gente sente mesmo no coração, que é pra entrar, pra defender os oprimidos. Daí, começou a luta, e foi crescendo e terminou em diversas tragédias por aí afora, e nós suportando tudo, não é?

Tonny: O que aconteceu com suas terras?

Ivan: As minhas terras, no momento, não aconteceu nada, mas eu fui obrigado a ir embora daqui. Quando arrebentou aquela revolução, eu tive que ir embora, eu e muitos, e deixamos tudo aí, abandonado, sem destino mesmo, até que normalizou. Mas o começo foi muito pesado, muito mesmo. Eu passei muito tempo dentro do mato, escondido, lá vai... Confusão enorme mesmo.

Tonny: Isso foi em que época?

Ivan: Na época daquele golpe que fizeram, em 64.

Tonny: Mas o que o senhor se lembra sobre o tempo de João Pedro, a fundação das Ligas? Como o senhor foi entrando na luta?

Ivan: As perseguições, muitas coisas. Eu até, caçando essa semana achei até uns retratos... Tem um bocado de coisas; tem passeata, tem um bocado de coisas.

Tonny: O senhor estava na fundação das Ligas? Como é que foi isso?

Ivan: Estava. A senhora conhece aquele Grupo Gentil Lins? Foi ali, lá atrás, num galpão que tem, lá que foi a festa todinha. Dáli, que veio aquele menino João Santa Cruz. Era um advogado de muito nome. Ele veio, Chico Julião, também, e mais outras pessoas também. Assis Lemos e, se o espírito não me engana, parece que Zé Joffily esteve aí, também. Uma turma da pesada mesmo.

Tonny: E daqui de Sapé, da redondeza, quem é que estava?

Ivan: Estava eu, Severino Barbosa, Nego Fuba, Pedro Fazendeiro, e mais gente. É porque eu me esqueço, mas estava uma turma grande. Foi muito bonito, tinha muita gente.

Tonny: E como é que foi?

Ivan: Eles fundaram lá, e fizeram aquela "papeloma" [cerimonial] toda. Eu nem prestava atenção naquele negócio, e tal. Ficou um presidente, outro vice, aquela coisa toda.

Tonny: Quem era o presidente?

Ivan: O presidente foi Severino Barbosa. Agora, Severino até nem queria, mas todo o mundo achou certo que era ele; ele ficou e ficou João Pedro de vice. Mas Severino assumiu, mas disse: "João Pedro, eu não quero me meter nisso não, tu fica. João Pedro foi quem ficou governando o negócio.

Tonny: O Severino Barbosa, ele era o que na verdade?

Ivan: Era um pequeno proprietário, também. Um cabra que sofreu muito também. Um homem bom, direito, cabra bom. Sofria muito dessas pressões dos ricos. Teve corrido pelo exército, foi preso também. No dia em que foi preso, fomos presos eu, Severino Barbosa e João Pedro Teixeira.

Tonny: Como é que foi isso?

Ivan: Daqui, eles tocaram nós para o Quartel em João Pessoa, do Quinze, e do Quinze com uns três dias mais ou menos, nos botaram pra Recife, para o Batalhão dos Guardas.

Tonny: E vocês foram presos por quê e como?

Ivan: O fato foi que a gente era do lado dos pequenos, somente. Ninguém tinha crime nenhum. O crime que tinha [foi, que a gente] ficou do lado dos humildes. Então, por isso, teve que ser castigado todo o mundo. Daí nós passamos lá uns dias presos, depois nos soltaram, né. Foi na época da renúncia de Jânio Quadros. Foi naquela renúncia, que prenderam nós (...).

Tonny: Quanto tempo ficou preso? E o que aconteceu lá dentro?

Ivan: Não estou bem lembrado, mas deve ter sido uns 20 dias pra lá.. Quando nós estávamos presos, veio um documento pra nós assinar. Era um documento em branco. Eles: "Assinar, assinar!" e a gente se perguntando. Em fim assinamos sem ter nada escrito. Era à força, né?. Eles encheram a cela de homens, tudo de cassetete. O capitão disse: "Eu vou tomar medidas drásticas, está certo? Chegaram esses homens, ficaram assim todos no salão... e os meninos falando né, Severino Barbosa disse: "E agora? Agora, não sei não, agora vocês aí, que resolvem. Das duas uma; nós vamos levar muito cacete e... assinar. Então, vocês resolvam se querem assinar antes de levar, porque de qualquer maneira nós já estamos derrotados. Então, combinamos: - Vamos assinar e ver o que depois acontece. Aí, assinou todo o mundo, né.

Tonny: E vocês tiveram alguma idéia o que fizeram, como usaram o papel?

Ivan: Ninguém sabe, o que foi que eles fizeram. Boa coisa não foi. Até hoje ninguém sabe o que foi. Pode ser que um dia, ainda apareça, né...

Tonny: E depois de ter assinado o papel em branco, vocês foram soltos?

Ivan: Nós ainda demoramos lá..., Só ouvindo aquelas besteiras deles. Chamam pra ali, chamam para acolá, e faziam perguntas, nadinha, só isso aí, somente.

Tonny: Apanharam?

Ivan: Não. Isso não vou dizer, porque a gente não apanhamos. Ainda andou pertinho. Se a gente não assinasse, o pau tinha quebrado em cima da gente. Daí, nos soltaram. Aí, ficou a perseguição, não é? Aí ficou pesado o negócio, tanto pra mim quanto pra João Pedro. João Pedro, com pouco tempo, o assassinaram. E ficou um negócio meio desmantelado. Mas isso aí, era tudo pressão desses usineiros, esses grandes fazendeiros, que faziam essa pressão muito grande.

Tonny: Sabe contar o que foi que aconteceu em Miriri?

Ivan: Um tal de "Capa de Aço"... Tinha outro que era da polícia, também, que estou esquecido do nome e morreu também, um menino que era chefe, lá em Miriri das Ligas. Em cada lugar, tinha um que liderava as Ligas. Mataram ele, cabra bom, e mataram também.

Tonny: Como é que foi essa história?

Ivan: Essa história começou quando iam dar um roçado ao povo; fizeram aquela reunião dos fazendeiros com os empregados, e

terminou num desastre danado. Morreram, parece, três ou quatro. Mas, o que eles queriam, não era dar roçado a ninguém, eles queriam era matar o povo e debandar o povo.

Tonny: Quer dizer que o líder, o chefe, foi junto com os trabalhadores fazer uma reunião com o patrão?

Ivan: Foi. Eles, os patrões, convidaram né pra ir, que iam dar roçado e tal, e no fim não era nada disso. Era pra quebrar o pau no espinhaço dos trabalhadores. Mas, o tiro saiu pela culatra. Terminou eles morrendo e a gente ficando... Eu não, estava não. Eu cheguei depois. Eu não estava, mas sabia o que ia acontecer, todinho. Sabia que o resultado era ruim, como de fato foi mesmo. (...)

Tonny: Conte alguma ação, que o senhor participou. Como se fazia ação?

Ivan: Pra as ações, a gente tinha..., por exemplo, aqui, a gente soltava as vezes um pó. Aí o pessoal já sabia que ia ter reunião, porque estava acontecendo alguma coisa. Esse Luiz de Barros, uma vez me pegou, ali, na rua e me chamou e disse: "Olha, quando for fazer reunião, tem que me comunicar." Eu disse: "Está certo, coronel, está certo." Ora, comunicar a eles? Para eles irem lá e interromper, empatar, a gente não ia. Eles ficaram danados por isso. Eles ficaram sem saber onde era, nem coisa alguma. Ficavam todos perturbados. Mas, a gente não ia avisar o inimigo que ia se reunir, não. Eles, quando iam se reunir, não nos convidavam, nem diziam, nem nos queriam, lá. Sei que a luta aí, cada dia ficava mais difícil. Mas, deu tudo certo, no fim. Morreu um bocado de gente, mas ninguém desistiu da luta, não.

Mas aí, houve o Golpe que eles deram. Aí, o pau vadiou mesmo para acabar mesmo. Mas, antes não, antes estava muita coisa pela frente.

Tonny: Qual a diferença entre o tempo antes de João Pedro morrer, e depois? A luta continuou do mesmo jeito ou mudou alguma coisa?

Ivan: Não, eu penso que até continuou mais forte, ainda. Nós continuamos nas reuniões, e foi então, que veio aquele desastre em Mari. A gente fez lá uma reunião, e eles não gostaram. De um dos vigias do Dr. Renato, tomaram o revólver dele, e o revólver era um 45, era arma do exército. Aí, Assis tomou conta desse revólver e disse: "Esse aqui eu vou entregar ao Exército, eu me dou com o comandante lá, e vou entregar diretamente a ele." Aí começou o alvoroço... Houve essa reunião em Mari; convidamos e eles foram. Teve aí um grande da usina, que era Dr. Gouveia, que era o chefe de lá, e veio com

outra capangagem. Foram todos para lá, pra Mari, e lá na hora, chamaram o rapaz que tomava conta. Parece até que era um gaúcho, que era o chefe ali, em Mari. Foram pra lá pra entregar esse revólver. Aí, veio o Gouveia: "Eu quero o revólver, quero entregar, lá." Disseram: "Está certo." Os rapazes foram e entregaram a ele o revólver. Nós não estávamos..., quando entregaram o revólver, aí ele "pô", matou o menino lá, o chefe com o revolver que o povó entregou. Aí pronto, aí começou. Eles já estavam cercados sem saber. Aí começou, o olho de enxada pra cima: "pá", "pá", "pá", foi gente morta pra danar. O Gouveia também morreu. A briga foi logo muito feia, morreu um bocado de gente, espatifada a olho de enxada, de foice, tudinho... Até aí, a gente foi, continuamos a luta, ninguém parou não. O pesado mesmo veio depois. Vieram os capangas, policiamento danado, os soldados... A ordem era para esmagar, até que findaram o negócio; correu todo mundo. Quem quis escapar, teve que sair fora, se não, não escapava, não. Muito perigoso... Mas, a gente esquece de muitas coisas.

Tonny: O senhor conheceu Luiz de Barros, pessoalmente?

Ivan: O Luiz de Barro não era gente boa, não. Era um cabra meio ruim, não sabe? Eu consegui estar com ele, quando era chamado àquele Quartel, na cadeia. Ali eu fui, estava aquele mundo de soldados, aquela agressão medonha. Não era boa pessoa não, cabra ruim, ruim mesmo. A gente se saiu bem, pra lá, pra cá. A perseguição ninguém podia interromper, não é? A gente escapou porque Deus é grande.

Tonny: Finalmente o senhor teve que fugir.

Ivan: Tive que fugir. Fui para o Rio. Por aqui, não tinha condição. Corria para um canto, quando chegava, já os meus parentes: "Saia daí, que aí." É, sempre os parente dão uma certa cobertura, não é? Aqui mesmo em Sapucaia, andou gente até fazendo [de conta] que estava comprando ovos, galinha, mas tudo pra ver se me encontrava, naquela redondeza, ali. Eu disse: "Está ruim pra mim." Passei, estava tão ruim aqui, que meu irmão me levou lá pra Pau Ferro, de Mari para lá. Passaram uns dois dias, ou três, quatro; de lá eu saí para o Rio, pela estrada de Campina Grande. Saí por lá, pois aqui estava muito ruim. Daí, eu fui para o Rio. Fui numa camionete. Meu irmão tinha uma camionete, ia vender no Rio, e aí, eu fui como motorista. Quando eu cheguei ao Rio, é que eu sosseguei mais o espírito, porque por aqui, estava ruim demais. Isso: quanto maior o lugar, melhor, não é?

Tonny: Quanto tempo o senhor ficou na mata?

Ivan Figueiredo: Não tenho bem lembrança não, mas demorei um bocado, para dar um espaçozinho pra eu sair daqui, porque estava ruim até de fugir, porque a procura era muito grande.

Tonny: Quem mais conseguiu fugir?

Ivan: Elizabeth fugiu, também. Aí, eu não tive mais contato. Houve outros companheiros que não eram da luta, mas não eram muito, fugiram todos. Muita gente fugiu, muita gente.

Tonny: Depois de voltar, o senhor reencontrou companheiros?

Ivan: Não reencontrei, porque uns estavam mortos, outros estavam todos amedrontados, todos com medo até de falar um com o outro. Foi ruim mesmo o negócio. Eu, com muito tempo depois, é que me encontrei com Elizabeth, aqui. Ela ficou ali, escondida num lugarzinho que tinha da mãe do marido dela; e aí mandou uma pessoa aqui, aí eu fui lá, aí conversamos; daí, ela foi embora pra Recife. Isso era ligeiro, ninguém podia demorar muito, não. Ela foi se embora. Eu não a vi mais. (...) E tem um companheiro que está em Araçagi. Um tal de Manoel Porfírio (...) Ele está nesse negócio de uma indenização que vão dar. Elizabeth também, vai receber. Botaram o meu nome lá também, estão fazendo os documentos, aquele menino de Guarabira, deputado Zé Nobre [Zenóbio Toscano].

Tonny: Quais são as frases de João Pedro, que se lembra?

Ivan: A Reforma Agrária era em primeiro lugar, a vida do trabalhador, como era e como deveria ser, ele fazia essa explanação toda, diante de nós todos. Outras coisas que ele sempre falava, esse negócio do cambão, que eram os dois ou três dias que os trabalhadores pagavam, ele condenava muito (...). Eu - olha a luta é danada - fui uma pessoa que terminou toda a minha família me encostando pra lá. (...). Mas hoje, os que estão vivos, estão se dando comigo. Às vezes, acho até que fui injusto com eles, porque na hora do pega-pega, os danados me ajudaram a fugir. (...)

Tonny: O que o senhor mais lembra de João Pedro?

Ivan Figueiredo: Uma ótima pessoa, um ótimo amigo, um homem muito sincero. Tem uns deles aí, que querem ser, mas não são, agora, o Pedro era firme (...).

Tonny: O que senhor sabe sobre o terreno das Ligas, em Nova Brasília?

Ivan Figueiredo: O terreno é aquele, que hoje é a igreja, em Nova Brasília. Aquilo ali, foi uma cooperação entre os trabalhadores e outras pessoas. Foi aí, que conseguimos aquele dinheiro e compramos aquele terreno, que ali ia ser o hospital. Mas com o desmantelar da política, então ficou [sob o controle de] os Felicianos

[prefeitura], e os Felicianos, para arrumarem votos, então pegaram o terreno e deram à igreja. Foi bem dado, mas não era deles, aquilo era dos camponeses. (...) Fizemos até uma passeata pra lá e tal, mas (...) Olhe, e o Sindicato ficou... Ela, Elisabeth, ficou lá, e eu ajudando ela, quando João Pedro morreu... Mas veio..., este Sindicato que tem; quando passou a ser o Sindicato Rural, quem estava na presidência, era eu, na época. Quando foi legalizado, que foi mudado de Ligas para Sindicato, aí, foi eu. (...) Eu já escondido, antes de fugir, eu recebi uma carta de Castelo Branco, que era o chefe deste negócio dos trabalhador, dizendo pra eu comparecer. Eu digo: - Eu vou muito... eu aqui escondido... Foi antes do golpe, mas olhe, em primeiro lugar a vida né, e depois é que veio o Sindicato...

Tonny: E sua viagem a Cuba, o que conta sobre isso?

Ivan Figueiredo: Foi uma boa viagem, eu gostei muito. O povo aqui, os grandes acharam muito ruim, não é? E a recompensa que eu tive foi que, com poucos dias, eu fui preso. Foi o que eu arrumei da viagem. Quando eu cheguei, eu tinha botado os retratos de Fidel Castro na parede. Quando chegou o Exército, arrancaram tudinho. Eu tinha um retrato do governo do Egito, Nasser, estava na parede, também, arrancaram também. Quer dizer, meus amigos eram todos inimigos deles (...) Fui a Cuba a convite do governo de lá, passei vinte e poucos dias. Fomos às usinas, cortamos cana. Ele tem sinceridade, que aqui não tem. O Fidel Castro fez viagem lá, com a gente, passeiou; apresentou diversas coisas, fomos a uma granja onde tinha uma vacaria muito bonita, queijo à vontade. Até ele entrou num quarto, trouxe uns pedaços de queijo, deu a cada um de nós... Todas as noites tinha palestra, era muita gente. Eu fui a uma reunião; eu nunca vi tanta gente grande como lá. Era governo da Rússia, de diversos lugares comunistas, era só gente grande, de pequeno só tinha eu, lá... Pedro Fazendeiro, também foi. João Fuba foi para China. Era para eu ter ido para China e para Rússia, mas não fui, porque tinha meus serviçinhos, aqui. Até hoje, eu me arrependo de não ter ido. Em Cuba foi muito bom, era reunião toda a noite. Conversei com Che Guevara como estou conversando aqui com a senhora, Ir. Tonny. Eu tinha umas medalhas: "O petróleo é nosso"; dei uma a ele. Era um homem sério, muito trabalhador, destinado a resolver mesmo o problema; só que os grandes não deixavam, mas ele era bem intencionado, muito simples. E Fidel Castro, não sei como agüentou toda a noite, toda a noite. Não estou lembrado quanta gente foi a Cuba. Daqui do Nordeste, de quase todos os Estados, foi alguém.

**ENTREVISTA COM JOÃO JOSÉ DE SOUSA,
FAZENDA TAPOÁ, SÃO MIGUEL DE TAIPU.
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, 14/12/2002**

Tonny: Hoje é sexta-feira, 14 de dezembro. Eu estou aqui em Tapuá, na casa de João José de Souza e sua esposa Alice Mariá da Conceição. Oh, seu João o senhor mora aqui, há quanto tempo?

João José: Há 71 anos.

Tonny: Então, sabe contar muita história, não sabe Seu João?

João José: Sei, mas eu já estou meio atrapalhado, eu vivo doente, meu juízo está fraco.

Tonny: O senhor ainda agora me contou que viu passar aqui, um meio mundo de gente, naquele tempo das Ligas. Conte pra gente o que o senhor se lembra daquilo..

João José: Eu me lembro que eu me escondi, eu corri. Risos. Depois passou de novo e eu fui.

Tonny: E daí?

João José: Foi pela pista desta vez. Fui pra São Miguel.

Tonny: Foi fazer o que lá?

João José: Fazer nada. Nós fizemos nada. Risos.

Tonny: Mas, qual era a intenção?

João José: A intenção era fazermos ruindade. Mas não fez porque não tinha o que fazer, em São Miguel. Ninguém ficou brabo, né? Não pode fazer qualquer questão, quando o cara não fica brabo. Não pode, né? Foi isso.

Tonny: Queriam ir para onde, lá em São Miguel?

João José: De lá voltamos. Sem fazer nada. Graças a Deus.

Tonny: Mas o senhor conheceu João Pedro Teixeira, não conheceu?

João José: Eu conheci. Vi ele, em Sobrado.

Tonny: O que o senhor se lembra dele?

João José: Porque nesse tempo o chefe das Ligas era ele. Era. E Elizabeth. Me lembro bem.

Tonny: O senhor escutou ele falar?

João José: Não senhora, eu vim da (...) Escutei não.

Tonny: O que foi que houve lá em Sobrado, que o senhor foi?

João José: Eu passei de passagem e vi ele.

Tonny: Mas foi só isso que o senhor participou na Liga? Conhece mais outros das Ligas?

João José: Não senhora. Até chocalhado, o povo ia. Se não

quisesse ir, ia até a força. Mas ia logo, né. Agora tá quieto. Pronto. Mas o tempo passado era..

Tonny: Mas a luta acabou-se?

João José: Dentro do (...) acabou-se né. Mas agora está quieto, né. O povo agora está nas posses deles. Veio o INCRA, e agora está melhor, né.

Tonny: A luta continua mas com outro jeito, né.

João José: Com outro jeito. Agora está melhor. Fiquei quieto. Dentro dessa casa aqui, eu fui chamado pela Usina São João. Fiquei quieto. Botaram pra fora da casa, da usina. Fui chamado do juiz de Pilar. Foi, e agora tamos aqui.

Tonny: O senhor tinha a carteirinha das Ligas?

João José: Tinha, mas, levou fim. Acabou-se. Não me importei mais.

Tonny: Mas porque o senhor foi chamado pela Usina e pelo Juiz?

João José: Pelo juiz, foi que mandaram me chamar, disseram que era, eu tinha botado o povo de Serra pra aqui. Aí eu disse: - Não senhor doutor esse povo está lá desde de trinta. Não estou precisando disso, não. Aí, eu disse: - E eu estou com o povo sem terra, não vou sair não. Pois embestou, aí fui no advogado de Sapé e ele... Foi eu e Pedro Sagu do sem terra ali, nós quatro, aí o juiz mandou o livro, assinemos, e a gente foi se embora, até hoje. E viemos pra cá. Tá tudo quieto, viu. Já tamos aqui dentro de casa e eu estou dentro.

**ENTREVISTA COM JOSÉ CARDOSO, DAMIÃO CARDOSO,
ANTÔNIO AMÂNCIO, SUA ESPÔSA E FILHA JURACÍ,
ASSENTAMENTO MUCATU, ALHANDRA.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 04/05/2005.**

Tonny: Estou aqui na casa de Antônio Amâncio, em João Gomes de Mucatu. Estão aqui, o Damião Cardoso, o José Cardoso, e estão também uma filha e a espôsa de Antônio Amâncio. Antônio Amâncio já fez uma gravação sobre as Ligas Camponesas. O José que ainda não foi entrevistado é o mais novo, que é irmão de Damião Cardoso. José falando assim nas Ligas, o que é que vem na sua mente?

José C. – O que vem na minha mente é que a Liga Camponesa começou mais ou menos em 58, foi fundada aqui em Alhandra. Então, nós não queria uma organização, além da Liga Camponesa (LC). E a gente achava que a LC era boa, e como era, porque era uma luta em defesa e apoio ao trabalhador, nós agricultor. Mas, não sei porque razão, acho que não era como hoje o Sindicato que tem garantia. A LC, acho que não tinha garantia. Então por isso, no meu entender, foi por isso que veio a, como se diz, a revolta dos poderosos contra a LC, e contra os camponeses.

Tonny: Mas, José como é que o senhor se lembra de como começou, aqui mesmo? Porque antes o Senhor, já dizia que o Antônio tinha a liderança.

José C. – Não, quando começou a LC, o presidente da Liga era Elias, em Alhandra. E Mucatu faz parte de Alhandra. E então seu Antônio Amâncio e João Bacurau, eles não eram assim, não tinham participação da Diretoria, mas, tinha uma liderança na região. Tinha uma atenção do povo da região. E a gente seguia muito os caminhos deles, né. As orientações deles, aqui em Mucatu, aqui no João Gomes.

Tonny: E o outro?

José C. – João Bacurau era de Cruz do Caboclo. Então, era os dois, era líder, no local. Era quem nos orientava. Orientava que a LC, que a gente devia ter participação na LC. E a LC era em defesa dos trabalhadores.

Tonny: O que o Senhor diz, Antônio?

Antônio Amâncio: A Liga era a mãe do Sindicato, porque ela gerou os Sindicatos, porque o governo queria acabar com as Ligas. Não era o governo. Eram eles todos, os grandão, eram interessados em acabar com as Ligas.

Tonny: Porque o senhor diz que os grandões eram interessados em acabar com as Ligas?

Antônio Amâncio: (...) Todos queriam acabar porque ficava melhor para eles. Eles queriam segurar para eles.

Tonny: Olhe, que aqui teve coisa, não foi? Depois.

Antônio Amâncio: (...) Eu vou dizer uma coisa, pegavam os camaradas. Não era não, Zé?

José C. Naquele tempo da Liga Camponesa, você não podia tropeçar que ia pra cadeia.

Antônio Amâncio: Seu Herculano, vou dizer uma coisa; ele era uma boa pessoa. Foi dos melhores.

Tonny: Herculano, dos Lundregen?

Antônio Amâncio: Herculano, é. Mas o resto, Ave Maria! Aquele em Garapu, Virgem Nossa Senhora!

Tonny: Pronto, muito bom. E o senhor foi organizando os trabalhadores para defender os direitos, já no tempo das Ligas. O senhor lembra algum pezinho de como é que era?

Antônio Amâncio: Não, não me lembro agora não.

Tonny: Então vou perguntar aqui para os dois. Porque o Antônio teve um problema de saúde e isso atrapalhou um pouco a memória dele. Ele não consegue contar todos os pedaços da história, não. Mas aqui os dois companheiros ajudam.

José C. - Olha Irmã Tonny, as LC, o conhecimento dos trabalhadores, nem um trabalhador sabia aonde os direitos estavam. Então veio o Sindicato. O Sindicato, aí foi quando o pobre começou a conhecer, governo, prefeito, deputado. Mas antes, ninguém tinha visto. A Liga Camponesa, no acocho da LC eu me escondi por detrás desta casa, da outra. Eu o vi (caí) dentro de uma levada, dessa vez levou empurrão, catabio e ... de madrugada para ver onde ele estava.

Tonny: Onde quem estava?

José C. - Antônio Amâncio, escondido, e eu estava dormindo mais pai, naquela ladeira do Buraco do Tatu, quando (...) com um pau. De lá, eu vi tudinho isso aqui. Mas a felicidade nossa foi ter vindo o conhecimento da LC.

Tonny: E como chegou até aqui.

José C. - Das LC. O conhecedor do trabalho das LC, primeiro foi seu Elías, de Alhandra. Então, o trabalhador teve esse conhecimento a gente orientou-se por ele e a gente tirou a carteira para ter o acompanhamento do presidente da LC.

Tonny: Me diga uma coisa, será que alguém daqui ainda, está guardando aquela carteirinha, das Ligas, em algum canto?

José C. - Eu acho que não.

Tonny: E vocês sabem em que ano foi que a Liga começou, aqui? As Ligas, em Sapé foram fundadas em 58. Depois foi se espalhando. E aqui chegou mais ou menos...

José C. e Damião: Em 59... 58 - 59.

Tonny: Vocês se lembram quando começou as carteirinhas?

José C.: Lembro, lembro.

Tonny: E quem era que fazia as carteirinhas?

José C.: Era Elias.

Tonny: E vocês faziam o que? (...)

Damião: (...) a gente formava grupos pra impedir que os fazendeiros explorasse muito os trabalhador, porque a exploração desse tempo era terrível e daí, a LC foi quem abriu todos os caminhos e a nossa mente. Foi por isso que Antônio Amâncio falou que era a mãe do Sindicato. Por isso que eu digo, que a LC foi quem abriu nosso caminho e nossa mente.

Antônio Amâncio: Juntava um grupo de trabalhadores com outro. João Otávio... Limpava roçado e o proprietário calado

Tonny: Proprietário calado? Porque calado?

Antônio Amâncio: Com medo. Com medo que eles iam pegar o pesado, acabar com tudo, nera?

José C.: Juntava um grupo de trabalhador, assim como hoje, se junta um grupo de trabalhador e vai para um acampamento, uma invasão. Naquele mesmo tempo, nós não ia pra invasão, mas, ia diretamente para a casa do fazendeiro pra que ele liberasse o trabalhador. Nós enfrentava pistoleiro armado de fusil, enfrentava proprietário. Não era isso Seu Antônio? Eles corriam com medo. Eles corriam com medo, porque eles viviam explorando o trabalhador e a gente não queria que eles fizessem aquilo. E a gente ia direto. Não era seu Antônio?. Ia direto. Ia na fazenda e dizia; - Olha você não teja explorando os trabalhador, não. E desde esse tempo, as braças, as contas que eles davam para os trabalhador, as quadras que davam para os trabalhador pra ele limpar, era de 13 por 12. Hoje e naquele tempo a LC foi quem cortou, cortou um quatro da braça. Não foi isso seu Antônio? Ficou, ele teve que ser dez por dez metros. Ficou dez braças por dez. Era 12 por 13. Quer dizer...

Tonny: Tinha que ser 10 por 10 e eles botavam 13 por 12.

José C.: Era 12 por 13 que dava conta e meia. E a Liga Camponesa fez isso: "O senhor vai ter que medir as contas agora, dez por dez e a braça cortada vinte centímetros".

Tonny: Que uma braça era 2,20 metros quadrados.

José C.: Exatamente, dois metros e vinte. Então a LC foi quem descobriu essa exploração deles.

Tonny: E faziam mais outras coisas, né?

José C.: Oh! Dizem os trabalhador. A gente pegou, foi para seu Alfredo que era o proprietário de Subaúma. A gente foi fazer o que lá, Seu Antônio que não me lembro bem, para o que foi?

A.A.: A gente foi pegar dois capangas, lá.

José C.: É, que era um perseguidor dos trabalhadores, dos camponeses. E a gente se juntou, um grupo de gente grande aqui, e fumos pegar ele e, o negócio era meio pesado aqui. Era para pegá-lo e dá-lhe uma pisa. Não é Seu Antônio? A gente pegar o pistoleiro lá e dá uma pisa para ele desaparecer. E até o proprietário, se conversasse muito, a gente prendia ele.

Tonny: Quem prendia quem?

José C.: A gente. Se o proprietário chegasse conversando bobagem a gente prendia ele. Não é não Seu Antônio? Prendia. Era assim, era no duro.

Tonny: Fazia o que com ele preso?

José C.: Dava uns castigos e dizia a ele: – Você faz assim, assim e você deixa de explorar o camponês ou seu negócio está mal. Acabemos com esta estória de pagar condição, que era com que exploravam a gente; era um dia de serviço toda segunda feira. Aí se juntou e...: – Não vai mais pagar condição. Acabou. O que ia pagar condição, a gente dizia: – Você não vai não, viu. Volta pra trás, que não vai pagar condição não. E por aí a gente foi; o grupo, quando ficou forte, a gente...

Tonny: Quantos tinha neste grupo?

José C.: A gente estava num grupo de oitenta, cem, duzentos homens.

Tonny: Aqui só?

José C.: É não, era da região.

Tonny: E..., isso então começou nos anos cinqüenta e foi até 1964, e cresceu muito.

José C.: Exatamente, cresceu muito e trouxe muita liberdade pra o agricultor.

Tonny: Aí, parou de vez...

José C.: Parou..., só que daí, os camponeses sofreram muito. Muito camponês morreu; mataram muitos camponeses.

Tonny: Quem é que morreu dos conhecidos de vocês?

José C.: Conhecido meu, eu não tenho bem lembrança não. Seu Antônio deve se lembrar de alguns que morreram nas LC.

Juraci (filha de A.A.): O pai de Arnaud.

José C.: Não. Foi não.

Juraci: Ele tinha alguma coisa para dizer (o Arnaud, marido dela, já havia saído da sala, e ela sabia que ele queria contar um fato acontecido com seu pai). Seu Alcides queimou mandou os capangas...

Tonny: Chegou aqui o marido de Juraci que ia trabalhar e foi embora. Agora a esposa dele Juraci, filha de seu Antônio Amâncio, que vai dizer uma coisa de ...que foi?

Juraci: No tempo ele morava em Abiá, o pai morava em Abiá (Fz. Abiá). Seu Alcides mandou que ele desocupasse a casa. Se a senhora visse a casa, era de palha. Mandou que ele saísse da casa. Como ele não saiu, ele com seis filhos, ele chegou mandou botar fogo. Ainda queimou as camas, queimou tudo. Aí, eles pegaram os troços de dentro da casa botaram em baixo de um pé de manga. Daí eu não sei. Quem sabe contar tudo é ele. Mas ele já foi, ele estava com pressa.

Tonny: Como é o nome dele? Eliézer de...

Juraci: Eliézer Barbosa.

Tonny: E o pai dele?

Juraci: João Barbosa. Mas também já morreu.

A.A.: Mais tinha muitos anos. Quando a gente não sabia deixava para lá. Porque o trabalhador era escravizado pelo proprietário.

Tonny: Tinha também isso, num era? Aí era difícil de lutar, não era?

A.A.: Ah! era, tinha muito disso. No Abiá, no Abiá mesmo... o povo lutava lá, contra o trabalhador. O ... botou tudinho para fora.

Tonny: Por causa que eles ficaram do lado dele, depois?

A.A.: Quando seu Herculano não estava. Quando ele estava em João Pessoa ele botava logo pra fora.

Tonny: Herculano era o dono de Abiá?

A.A.: De Mucatu. Não, era Alcides Lundgren; ele era o dono de Abiá. Quando seu Herculano dava uma ordem assim, ainda botava pra fora... Eu vou dizer uma coisa dos proprietários todinho, o melhor ainda era Herculano. Agora os irmãos dele era tudo perverso. Batia, matavam.

Tonny: Agora o senhor naqueles tempos das Ligas, o senhor foi para vários cantos, não foi? Foi pra João Pessoa, foi pra Recife, pra onde é que foi?

A.A.: Fui até Belo Horizonte (BH).

Tonny: Foi uma grande reunião, não foi? O que é que conta disso?

A.A.: Fui até BH.

Tonny: E o João Pedro Teixeira?

A.A.: João Pedro, eu vi ele mais de uma vez, em Sapé.

Tonny: O senhor foi em Sapé.

A.A.: Fui duas vezes. Era um periiiiigo. Um perigo

Tonny: Era um perigo ir em Sapé.

A.A.: Era arriscado ir e não voltar, homem.

Tonny: Como é?

A.A.: Ir e não voltar. Aqui perto tinha lugar. Subaúma, ali. Garapu. E muitos cantos, aí.

Tonny: Mas em Sapé era mais perigoso, ainda?

A.A.: Lá, era. Porque João Pedro era o presidente das Ligas.

Tonny: E de fato mataram ele, né? Daqui foi gente para o enterro dele/?

A. A.: Foi não. Se foi eu não me lembro não.

Tonny: Naquele tempo não tinha essa facilidade de comunicação, não era? E era um tempo perigoso. Pois é. Mas, quem é que conta um pedacinho de como se organizava uma ação. Você já contou um pouquinho, José.

José C.: Os líderes da comunidade, como seu Antônio e seu Bacurau, e vários outros iam na sede da LC. Havia o Presidente, conversavam lá, se reunia. Conversavam com o presidente e outros da Diretoria, aí eles vinham, aí eles voltavam, e chegavam nas comunidades, reunia o pessoal e falavam com o pessoal; - Oh, tal dia agente vai fazer isso e isso. Aí o povo já ficava reunido para essa ação.

Tonny: Conta uma como exemplo.

José C.: Uma foi a de Subaúma. Foi a que eu me lembro bem. A gente se reuniu e foi lá pegar os dois vigias, os capangas deles, que mandados por eles castigavam muito os camponeses. Só é dessa que eu me lembro. Também, na época eu era muito novo. Ainda me lembro. Só de essa ação. Eu me lembro que foram buscar os capangas de seu Alfredo. E depois teve outra organização, foram pegar João Afonso que era um propritário, ali de perto de Alhandra. Era outro proprietário ruim. Era outro proprietério ruim, que explorava os camponeses, que batia. E então, houve esta organização e o povo pegaram ele mesmo. E ainda bateram nele. Só é dessas duas que eu me lembro.

Tonny: José, antes no caminho, a gente vindo para cá, o senhor contava que era das Ligas, que vocês aprenderam de defender os direitos, e isso ajudou demais, depois. O que é que é?

José C.: Depois ficou, depois que a Liga foi derrubada, aí veio o Sindicato. Aí o Sindicato veio com mais segurança. Desse tempo da LC para o sindicato não existia o INCRA, não era Seu Antônio? Parece que não existia o INCRA, no tempo da LC. Nesse tempo, o nome do INCRA era IBRA, foi o primeiro nome que deram ao INCRA. Então, a partir daí, que o INCRA foi criado, a gente começou a entender que o INCRA um órgão que defendia o trabalhador, que apoiava o trabalhador e que existia o direito de desapropriação. E o INCRA foi criado para desapropriar terra para o povo.

Tonny: Mas, eu queria ainda perguntar uma coisa à filha de Antônio Amâncio. Certamente a senhora se lembra de algumas coisas daqueles tempos, que o seu pai precisava até fugir, se esconder certas horas. A senhora se lembra alguma coisa disso, Juraci? O que é que a senhora se lembra, que a família sofreu por causa desta luta?

Juraci: Eu lembro quando chegaram aqui, a polícia. Chegou seis; seis soldados. Aí, entraram né; não pediram nem licença, entrou logo. Aí ficaram procurando, em baixo da cama e em todo canto. Aí chegou, eu tava dormindo com a minha mãe, mais pro canto da cama. Ele foi, me descobriu assim, e disse; - Olhe levanta que eu quero ver se tu sois uma mulher. A minha tia estava dormindo em outra cama e ele foi pediu água a minha tia. A minha tia, quando veio com um copo de água ela disse: - Tome. Aí, ele disse: - Tome primeiro. Eu sei o que você botou nessa água? Minha tia teve que tomar a metade do copo de água pra poder ele...aí, ele mandou ela buscar novamente para ele saber que aquela água não estava envenenada, né. Aí, ele foi e tomou a água. Ele foi na casa do vizinho procurar, também. Chegou aí, a mulher estava de vestido vermelho ... ele foi perguntou; - Cadê seu esposo? Ela disse: - Eu não tenho esposo, não. Eu sou viúva. Ele disse; - Quem já viu viúva vestir vermelho. Ela disse; - Eu tou aliviando. Risos. - Ta aliviando o luto, né. Aí, pai estava escondido, lá em cima, onde chamava chá. Ele e o meu tio, velhinho que trabalhava para ele. Aí, e eles andando diretamente, aí. Era carro, mais carro. Carro mais carro. Carro subia e descia pra lá e pra cá. Meus irmãos com os filhos de Seu Antônio Bacurau que moravam ... escondidos num barreiro que tinha aí. Ninguém podia ver um carro, escutar uma zoadá de um Jipe, que já era a polícia.

José C.: Era.

Juraci: Todo mundo assombrado. Depois pai foi vê com Chico

Solarinho pra ir pra Mamanguape. Para a casa de seu Aluizio, que era genro de seu Manoel Frade. Eu sei depois, que acalmou bem. Eu ainda sei até de uma música que cantaram. Um côco que tiraram, uma ciranda. É; Seu Antônio Severino, o telegrama chegou. Ri.

Tonny: Sabe cantar?

Juraci: Seio.

Tonny: Então canta.

Juraci: Mas, sei pouco. É pouca música.

- O Seu Antônio Severino, (Amâncio)

Um telegrama chegou

Avisando aos camponeses,

Que o eito se acabou.

Os companheiros gritaram

Mêu Deus que grande beleza,

Vamos todos dar um viva,

A Liga Camponesa.

Ah! Isso era a ciranda, nera? O pessoal era muito animado. Aí quando morreu o Sr. João Pedro Teixeira, também, eu sei de um pedacinho pequenininho. Cantaram assim:

Morreu João Pedro Teixeira,

Era o nossô paraibano,

E ele morreu por nós,

E os filhos ficou chorando.

Quando ele morreu aí, né, Seu Bacurau é quem cantava essa ciranda, esses côcos. E eu lembro uns pedacinhos, que eu era pequena, eu tinha oito anos. Mas, eu ainda tenho uma lembrança. É. Eu me lembro, das vezes que a gente estava aqui num sossego, paz no mundo, né... Aí vinha um monte de polícia, atrás dele. Mãe chorava tanto, era um desespero da gente. Nove filhos rodeado com ela, e ele no mundo. As vezes sem a gente nem saber aonde. E a gente sabia mesmo, não.

Seu Antônio Severino,

O telegrama chegou - O telegrama veio de Brasília.

Avisando aos camponeses,

Que o eito se acabou

José C.: O eito era o dia que a gente pagava na fazenda, toda semana. Que a gente lutou para acabar, aí acabou-se, aí teve essa brincadeira, aí o cara foi e tirou essa ciranda, em louvor em ter se acabado com o eito.

Tonny: Mas que coisa linda, né! Muito bonito.

Juraci:

*Os companheiros gritaram
Meu Deus que grande beleza,
Vamos todos dar um viva,
A Liga Camponesa.*

Assim que começou a Liga, aí acabou o eito, né. (...) Meu padrinho morava aqui em cima, passava toda segunda-feira com a foice de duas caras na (...) – Quem é que não vai pagar o eito, hoje? Era cismado com pai. Por que pai não ia pagar o eito. Pai pagava o Foro. Que na época o foro era um pouquinho de dinheiro, né. Todos os meses tinha que ter aquele total de dinheiro a Seu Herculano. Mas ele não gostava, ele dizia que todo mundo fosse trabalhar, no contrato, para seu Herculano. Limpar mato, coqueiro essas coisas, pra ele.

Tonny: Mas, naquele dia que vieram procurar o seu pai até em baixo da cama, acharam ele?

Juraci: Acharam não, ele estava em Mamanguape. Não, na casa de Seu Aloízio [era em Mumbaba].

Tonny: Estava escondido lá?

Juraci: Era na casa de Seu Aloízio. Era genro de Manoel Frade.

Tonny: Manoel Frade era o pai de Maria Romão.

A. A.: Mas eu vou dizer uma coisa Tonny para contar a história todinha da Liga Camponesa três dias ou quatro dias não dá. (...) (Risos). Passa não sei quantos anos para contar da Liga.....É brincadeira não.

Tonny: O senhor conheceu um José Hermínio Dionísio? Ele era de Sapé. Ele trabalhava na Secretaria da Federação da Agricultura. E passou mais de um ano, em Alhandra, também, no ano 61, 62. Se lembra dele? Ele conta várias histórias, de Mumbaba.

A. A.: Não. Naquele tempo tinha um bocado de trabalhador contra um. Tinha um bocado de trabalhador contra um.

Tonny: O quê? Um contra o outro?

A.A.: Mais ou menos assim. Zé Cardoso, não queria passar. Muitos trabalhadores pra pegar pra dá uma pisa, porque era contra Seu Herculano.

Tonny: Porque muitos eram amigos de Seu Herculano, mesmo com toda exploração?

A.A.: Tinha isso, também. Cadê Compadre Damião? Cadê ele? Um dia aqui, chegou na minha porta aqui, uma tropa de gente, que foi assim (muitos). Para pegar aqui e dá-lhe uma pisa nele (Damião). Dar uma pisa.

José C.: O próprio pessoal da Liga Camponesa. Os próprios camponeses (Ficam explicando). Antônio Amâncio era o presidente do Sindicato.

A.A.: Eu era o presidente do sindicato, aí, chegou um montão de gente, uns 30 homens para pegar ele. Aí, eu mandei um recado: - Se eu sou homem fizesse isso com ele. Aí, eu saí pra fora: - e se vocês querem ver se eu sou homem ou não sou, é agora. Se vocês tiverem de dar nele, batam em mim, bando de vagabundo. Querem ver se eu sou homem ou não sou, sou é agora.

José C.: Era para cada um dar cinco cipoadas nele (em Damião).

Tonny: E porque é que você merecia isso?

Damião: Foi por erro de uma filha de família. Ela me escolheu numa casa de farinha; eu dei-lhe uns empurrão e o pai dela foi dar atirar neu, na casa de farinha e eu corri, aí ele levou a história pra Seu Elias. Aí seu Elias mandou que juntasse trinta homens, para cada homem dar cinco lapadas. Era para juntar aqui. E compadre Antônio Amâncio aqui, acabou com tudo. Pai veio pra cá.

Tonny: Quer dizer que Elias, o presidente das Ligas, mandou dar umas lapadas em Damião? Ai, Ai, ai...

José C.: A pena era essa.

Damião: Pra pagar o empurrão que eu dei na filha de um camponês. Aí, pra me livrar, eu fui me esconder em Taquara. Aí eu recebi o recado de compadre Antônio, que só tinha jeito de eu me defender... eu ainda não tinha a carteira da Liga. Só tinha jeito de eu me defender se eu me associasse como camponês para acompanhar a luta. Aí eu pou... risadas.

Tonny: Você se livrou desta? Risos

Damião: Me livrei, pronto.

A.A.: Aqui no meu terreiro aqui. Minha mulher foi contra ele. Aí eu saltei aqui, no terreiro: - Se for homem batam em mim, etc.

Tonny: O senhor viu que foi exagerado? E Damião era um rapaz novo.

A.A.: Era. Era.

Tonny: E Antônio (...) aí, veio o Golpe Militar e vocês se

esconderam. E tinha aquelas correrias. Como o senhor se saiu dessa?

A. A.: Com o Golpe Militar, eu já estava ruim.

Tonny: Aqui, o Luiz de Barros também, apareceu? O Luiz de Barros, em Sapé, era um homem perigoso, que todo mundo tinha medo.

A.A. Aqui, ele não veio não. Nem em Alhandra.

Damião: Era proprietário, ele?

A.A. Era delegado da polícia.

José C.: Compadre Antônio Amâncio, na época, foi orientado por Sebastião José, que era cantador e que foi para casa dele. E Sebastião José orientou compadre Antônio Amâncio, não foi? Aí, orientou assim que (...)

Tonny: Quem era esse Sebastião?

José C.: Ele era o melhor poeta da Paraíba. Era cantador de viola. Ele fez muita cantoria, aqui e era muito amigo dele. Antônio Amâncio foi lá e ele encaminhou compadre A.A. direitinho como ele devia fazer. Aí quando compadre A.A. veio de lá, já trouxe o papel da liberdade. E não teve mais nenhum sufoco nem pra ele, nem pra os trabalhador.

Tonny: Sebastião ajudou A. A. a não ficar complicado?

José C.: É, não foi assim seu Antônio Amâncio.?

A.A.: Foi.

José C.: É porque na hora que a gente está conversando, foge da mente. Quando vai amadurecendo a conversa a gente aí, é que vai entrando nas coisas.

Tonny: Então, vamos ver se tem ainda alguma coisa importante que vocês lembram, daqueles tempos, que é bom ser contado aqui?

José C.: A gente já conversou tanta coisa.

Tonny: Então agente vai parar aqui.

**ENTREVISTA COM JOSÉ FÉLIX DO NASCIMENTO,
E ESPOSA, MARIA JOSÉ (ZEZA),
ASSENTAMENTO RAINHA DOS ANJOS, SAPÉ,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, NO FINAL DE 2002.**

Tonny: Bem, agora eu estou na casa de seu José Felix Nascimento, na área de Santa Helena, Cuité, que é o Assentamento Rainha dos Anjos. Aí, o José vai contar o que aconteceu com aquele povo de Mari.

José Felix Nascimento: É, foi o Santo Amaro; este Santo Amaro morreu lá, em Mari. O Zé Tamor morreu em Mari e o Dr. Daniel foi e voltou e o Gouveia da São João, esse também morreu lá, em Mari.

Tonny: Como foi que o Daniel escapou?

José Felix Nascimento: O Daniel escapou; era Mirocem que, ... parece que era juiz do menor; Mirocem que tirou Daniel, defendeu ele, tirou ele né, se não morria, também, ali (...).

Tonny: José, e o caso que aconteceu com seu padrinho, como foi?

José Felix Nascimento: Não, esse meu padrinho (Manoel Pinto) foi na Usina, foi que ele teve... discutiu lá com o Dr. Aluísio na Usina. Dr. Aluísio..., discutiram pra lá, e deram uma pisa nele, e segundo dizem morreu dessa pisa.

Tonny: E isso foi nesta mesma época?

José Felix Nascimento: Eu não sei, eu não tô lembrando da época...; é nessa época, é nessa época mesmo.

Tonny: Mas por que é que ele apanhou?

José Felix Nascimento: Eu ouvi dizer que foi por modo que ele atrasou um pagamento, e acho que era o pagamento que reclamou, e o homem da usina achou ruim; eu ouvi isso. Ele chateou-se.

Zeza: Na época que Manoel Pinto era lavrador, e ele tinha um trabalhador com o mesmo nome que ele. Então, pegaram meu tio, prenderam, passou 24 horas preso. E eles ameaçando ele, e ele dizendo que o documento não era dele, que ele não tinha tirado a carteira. A não ser se fosse o trabalhador. Ele não sabia se o trabalhador tinha tirado a carteira.

Tonny: Carteira de quê?

Zeza: Da Liga Camponesa. Então vieram buscar o trabalhador dele, após 24 horas e levaram...

Tonny: Como foi que soltaram seu Tio?

Zeza: Depois que levaram o trabalhador dele. Então, levaram o trabalhador dele com o mesmo nome. E espancaram o trabalhador dele, que por isso ele ficou com um problema de nervoso (o tio), que nunca mais ele ficou bom, porque viu tantas coisas... O espancamento, que viu eles espancando o trabalhador dele, só porque ele tinha tirado a carteira. Então, depois de 24 horas., que ele estava amarrado, soltaram ele; que ele dizendo que não era ele, e se o trabalhador dele tinha tirado a carteira, ele desconhecia, porque ele não tinha conhecimento, mas vieram buscar o trabalhador dele e espancaram muito ele e depois eu não sei o que foi que aconteceu. Disseram que da pisa que ele levou ele não era homem para trabalho nunca mais. Agora, nessa época, eu era pequena e escutava meus avós conversando, mas eu distante da conversa dos meus avós. Então, meu tio ficou com um problema nervoso, e morreu com muito tempo e nunca ficou bom do problema do nervo que ficou, de ver o espancamento do trabalhador dele. Agora o resultado do trabalhador dele, é que eu não sei mais, sei que ele ficou doente da pisa que levou.

Tonny: Você escutou mais coisas dos seus pais e de seus avós?

Zeza: Eu escutei nessa época, mais nessa época a gente não participava das conversas dos mais velhos, né. Mais distante, da cozinha, do quarto da gente, escutava muita preocupação dentro de casa, do meu avô, da minha avó, dos meus tios. Preocupação do que aconteceu com o outro meu tio.

Tonny: E tem outras coisas das Ligas?

Zeza: Não, o que eu escutava aqui, na época, era que acontecia muita injustiça né. O sofrimento dos trabalhadores, o pessoal tudo calado com medo de falar, porque nessa época era muita pressão, tanto o pessoal da usina, como já, também da Liga Camponesa, né. Apesar que eu era muito pequena, mas ainda recordo dessas coisas.

**DEPOIMENTO ESCRITO DE JOSÉ HERMÍNIO DIONÍSIO,
RUA NOVA, SAPÉ, SEGUIDO POR SUA ENTREVISTA,
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, em 2002.**

[Contexto do período que antecede as Ligas]

As origens [se deram] porque os camponeses organizaram-se em grupos. Motivo: a partir do início da década de 1950, os camponeses começaram a sentir as agressões sofridas junto com seus familiares por latifundiários. Viram também como eram explorados em suas culturas, sobremodo, procedimento muito comentado, que dentre esses latifundiários tinha perversos que libertaram seus rebanhos para destruir a agricultura dos que plantavam em suas terras, quando as viam de prosperidade. No sertão nordestino, na cultura do algodão, o proprietário da terra usava o sistema assim: exigia a meia que valia 50% da produção, obrigava a comprar no armazém, fazendo sempre qualquer despesa na bodega do proprietário.

Então, em 1930, em quaisquer propriedades existentes na região da mata, os moradores criavam toda espécie de animais. Na década de 1930, os usineiros vieram com o avanço no preço do açúcar. Avançaram recentemente na cultura da cana, aumentando alarmanamente com o uso da mão de obra, pois para esta atividade precisava-se de grande quantidade de animais para o transporte de carros. Então, os proprietários viram os moradores criando éguas, sendo que a maior produção era de burros. Os proprietários de terra proibiram a criação dessa espécie de animais, alegando que estragavam muito o pasto. Mas, pelo contrário, porque viram que o burro estava se valorizando. Então, a partir daí, os proprietários autorizaram a todos os moradores que criavam animais, que podiam criar um cavalo para irem para a feira, isentos do pagamento das taxas. O morador que criava gado, ia pagar a pastagem. O gado se valorizou, os proprietários de terra mandaram acabar terminantemente com o gado, quando mandaram também acabar com os cavalos. Os proprietários de terra que também viviam da agricultura, sujeitaram os moradores a abandonar o sistema e suas atividades, e a virem para o eito da fazenda, trabalhando três dias ao custo que o proprietário quisesse pagar.

Logo mais, os proprietários modificaram o sistema, pagando dois dias, sendo que um era uma obrigação. Aí, o proprietário isentava

do pagamento de foro. Mas, o proprietário de terra que mantinha suas propriedades em sistema de aforamento, o aforado, para abrigar suas lavouras da invasão dos animais do proprietário da terra, cercava sua roça, ao seu punho. Chegava o inverno, o aforado só plantava sua roça, obedecendo às ordens do proprietário, plantando somente o que ele determinasse.

O proprietário da terra sujeitou o algodão. O modo de pesar era um peso de 20 kg, mas o peso mesmo, mais correto, era o de 25. E muitos deles eram de 28 e 30 kg. Os proprietários só pagariam por apenas 20 kg, e quando, por acaso, os moradores, para sanarem seus prejuízos, vendessem o algodão fora, a recompensa era levar um banho de cipó de boi, [de modo] que muitos não chegavam a ver o fim. Desta "lavagem" para tirar um morador da terra, o proprietário mandava os capangas desacatá-los, e até desrespeitavam as famílias, de um modo geral. A polícia era legítimo escudo dos proprietários. Então, na maioria dos casos, aos proprietários não interessavam escolas nas suas propriedades, porque diziam que aquele procedimento servia apenas para preparar homens para procurar justiça e cobrar direitos inexistentes, junto a eles, proprietários de terra, que em sua propriedade que procurassem qualquer direito por posse ou indenização. Antes que chegassem até à Justiça para reclamar que se abrigavam em casebres ou barracos com teto feito com camadas de capim ou palha de cana, em que, no silêncio da noite, [os proprietários] mandavam atear fogo. Após a incineração não ficariam indícios para a abertura de inquéritos, pois "provavelmente" o incêndio foi casual.

Como também diziam que, se o reclamante se abrigasse em casa coberta de telha, o proprietário mandava grupos de homens, pois tinha ordem de mandar buscar caminhões de homens de inteira confiabilidade... mandava invadir a casa e conduzir para lugar da propriedade bastante apropriado para a execução e que, cumprindo-se as ordens, consumava-se assim: o proprietário mandava furar uma lata de gasolina, dava-lhe um banho e o incinerava, que não era prejuízo. E, se um dia, quisessem incriminá-lo, ele, proprietário, diria que tinha a maior chance de defesa: negava terra aos moradores para trabalharem. Nas usinas de açúcar, em épocas de moagem, os fornecedores que ali vivem em caráter permanente, que ali chegavam, pediam abrigo e queriam plantar cana. Estes, desde que fossem fichados, já ficavam responsáveis por cortar e transportar toda a sua produção. E os peões que ali chegavam, e abrigavam-se em acampamentos, eram obrigados a trabalhar noite, domingos e

feriados. Negar-se ao trabalho e falar que estava doente, era injustificável, tinha que ir mesmo pelo rigor da ordem. Os fornecedores fichados recebiam dinheiro da usina pra tocar todo trabalho.

Este dinheiro com juro. Mas a usina nunca chama os fornecedores para uma prestação de conta. Como também não sabiam quanto pagavam de aforamento das terras que cultivavam e usavam como plantio de cana. Proprietário de terra, nas zonas da mata... as suas propriedades eram setores gerenciados por homens discriminados, bravos, capazes de praticar todas as ações de vandalismo, conforme seja a ordem do proprietário. Como antes foi dito, a polícia servia para escudo do proprietário de terra, que chamava a polícia para assistir a tortura em morador, assim praticada por seus jagunços, obedecendo à sua ordem... Os proprietários de terras, para tirar os moradores da terra sem justa causa, negavam-lhes terra para trabalhar.

Praticavam outras ações mais graves e criminosas. Quando o morador ocupava uma situação bem confortável, que estava bem amparado com a família, chegava o proprietário ou sua ordem e falava para o morador: "Você não vai ficar neste local, vou fazer uma casa boa pra você, uma casa em alvenaria. Pergunta o morador: "Onde?" O proprietário responde: "Para onde pretende o transferido?" Veja só, isso acontecia onde o morador está locado, há 30, 40, 50 anos. E acontecia, já ser um local ali deixado pelos seus progenitores que ali o haviam criado. Sítio com águas potáveis, perenizadas com toda espécie de fruteiras, forragens para animais, colheitas contínuas, cumprindo religiosamente com os deveres exigidos pelo proprietário da terra. Se o morador impugnava aceitar a decisão do proprietário, que interessava transferi-lo para onde não lhe interessava, para deixá-lo encerrado bem, com água, fruteira e forragens pra animais, oferecendo uma casa de alvenaria, que aceitasse a transferência, a estabilidade local, e ao entrar na casa bonita em 24 horas. Já era bastante pra jogá-lo no olho da rua e este pobre homem com família ficaria exposto ao relento. Com o não do morador, por não aceitar o acordo do proprietário, este homem ia ter uma inquietação por conta dos capangas mantendo a ordem do proprietário da terra e com mais agressão pela polícia, que estava comprometida, olhando para o dinheiro do proprietário, até que chegasse a morrer e deixasse a família na orfandade.

Os proprietários de terras queriam um empregado para administrar propriedades. Eles usavam muito isso. Procuravam chefes de polícia ou secretários de segurança pública e solicitavam dessas

autoridades um empregado bom, daqueles que eram capazes de pegar pobres trabalhadores e rasgarem vivos e comerem cru. Então, quaisquer dessas autoridades os atendiam, mandando que eles fossem ao presídio e lá podiam levar o preferido, à sua escolha e na fazenda ele era tido como o monstro do terror, servindo a si, pra fazer retroagir os chefes de famílias em defesas da honra de suas filhas, causando tristes assassinatos, porque iam grupos armados e a ordem era levar as filhas moças que estivessem na casa para tomarem banhos com os senhorios, em banheiros secretos longínquos, em região desertas.

Com o terror da polícia, em propriedades desses proprietários de terra, acontecia de os moradores abandonarem suas casas, fugindo das agressões da polícia, na parte da noite, pois eles eram mais agressivos: mulheres parindo no mato, às escuras, como vacas. E a polícia cumprindo ordem dos proprietários de terras, derrubando casas, impedindo as atividades dos que, arriscando a vida, reagiam, no trabalho de suas atividades. Em propriedades, por ordem dos mandatários estaduais, eram criados postos policiais em fazendas de proprietários, e até executar pobres homens, pois seus crimes eram somente querer trabalhar para manter suas famílias, que não era do conhecimento de ninguém que os camponeses se negassem a pagar os direitos para morar e trabalhar aos proprietários de terras, nem que esses não recebiam. Os proprietários, o que faziam? Quando queriam um capanga para matar qualquer uma pessoa de seu interesse, levavam o carro até as encostas dos muros do presídio e daí só custava o presidiário pular o muro, seguir no carro, praticar a chacina e voltar para o mesmo setor e dificilmente sabia-se quem havia praticado o crime.

Certa vez, um proprietário precisava de vigilante para trabalhar na sua propriedade. Foi ao secretário de segurança pública e levou um presidiário e o deixou trabalhando na fazenda. Ali um pequeno rio cortava a propriedade e os garotos dali pescavam piabas. Então o proprietário falou para o vigilante, quaisquer meninos que fossem encontrados dentro da fazenda com um anzol, tomasse e quebrasse. E se fosse adulto era também para tomar e quebrar, e adverti-lo para não mais voltar ali. E se, em caso de reincidência, lhe atirasse na perna e na próxima vez lhe atirasse para matá-lo, o mais ele proprietário resolveria.

[Contexto no período das Ligas Camponesas]

Os camponeses, no auge das pressões dos proprietários de terras recorriam ao governador do Estado, Dr. Pedro Moreno Gondim, que diria aos camponeses: "Sigam em frente!" (...) Os camponeses voltavam pensando que estavam garantidos. Os proprietários também, em grupos, iam e falavam, então, ao governador: - "Vamos perder nossas propriedades?" Diria o governador para os proprietários: "É ter calma"... O direito consiste aos proprietários defender a propriedade. Em propriedades rurais, as autoridades sempre liberavam policiais, dizendo para garantir os proprietários das invasões dos camponeses.

As autoridades recebiam os proprietários, credenciando toda as denúncias por eles formuladas, mas nenhum camponês era atendido, quando procurava estas autoridades. O secretário de segurança pública prendeu o Sr. Vicente Bernardino, residente na fazenda Miriri (Sapé), pertencente ao Sr. Pedro Ramos, e o seqüestrou. Sua esposa se valeu das autoridades do Agrupamento de Engenharia e Construção, que enviaram ofício ao Secretário para devolvê-lo. No mesmo dia foi libertado, mas o mesmo estava, há cinco dias, sem qualquer alimentação, preso no porão do prédio da Secretaria de Segurança Pública, por ordem do coronel Renato Macário, secretário de segurança pública do Estado de Paraíba, na época.

A polícia mandava proprietário passar o trator sobre casa de moradores famintos injustiçados, sem indícios de qualquer criminalidade. Os grupos de proprietários de terra, de todo modo, perseguiram os camponeses e, na maioria dos casos, era para matá-los. Quando os pistoleiros notavam que era insuficiente a aproximação para matar um camponês, mudavam de estratégia. Vestiam-se de traje de vaqueiro, usando chapéu, peitoral, perneira, gibão e sapatos de couro e circulavam as casas dos camponeses. E assim, diziam, estavam procurando animais sumidos, apartados do rebanho. Assim, o líder dos camponeses residente no sítio Anta do Sono, no município de Sapé, João Pedro Teixeira: a tragédia que culminou com a morte do mártir, que tão perseguido e odiado, que seu nome ficou exposto às telas dos filmes de "Cabra Marcado para Morrer, sobre João Pedro Teixeira, em sua luta pacífica, ordeira e ideológica.

Quando em reunião, dizia para os camponeses: "Meus dias estão contados. Sei que vou morrer. Mas, conheço o valor do homem

pela força do idealismo". E assim vivendo um dia e mais um dia, até que, indo para a capital João Pessoa, comprar livros para suas crianças, que cursavam o primeiro grau... nesse dia, três pistoleiros, vestidos em trajes de vaqueiros, usando perneiras, gibão, peitoral e chapéu de couro, aproximaram-se da casa de JPT, dizendo que estavam ali procurando um boi sumido, mas isso não estava acontecendo - ali era somente plantação. O que aconteceu foi o seguinte: João Pedro Teixeira, regressando da capital João Pessoa, na tarde do mesmo dia, pela BR 230, salta do ônibus na rodoviária. E aí o transporte segue com destino a Campina Grande, e JPT segue conduzindo um pacote de livros, para seus filhos, pela estrada, via Sapé. Na mesma viagem, em uma distância inferior a três quilômetros, antes de chegar à sua residência, os vaqueiros pistoleiros cumpriram a ordem de matá-lo. Abrigados sob matagais, desfecharam-lhe vários tiros de revólver, atingindo-o mortalmente com um tiro sobre o peito, que ali caiu morto o camponês.

João Pedro Teixeira, com seu idealismo, junto com os camponeses organizados, pretendia combater os proprietários de terra, que agiam com o absolutismo selvagem, não obedecendo às leis para a estabilidade no campo. Imagine o proprietário de terra exigir direitos pagáveis de um morador que nasceu e já contando 60, 70 e mais, onde seus genitores ali faleceram e se ocupavam logradouros, sítios frutíferos, com diferentes espécies como cajueiro e pimenta do reino. Eram obrigados a entregar 50% da produção da pimenta e da castanha posta no armazém. E se o latifúndio, mesmo explorando desse modo, cismasse de jogá-lo fora de sua propriedade, não era de admirar que lhes tomasse o local de plantação, cortasse fruteiras, tirasse seus animais, usasse polícia para praticar toda espécie de agressão contra qualquer um dos familiares da vítima, pela mão assassina de um sobrinho da esposa de João Pedro Teixeira, criado com Manoel Justino, o sogro e inimigo do líder.

Os latifundiários juntavam-se para destruírem lares, plantações dos camponeses, como aconteceu no sítio Curuçu [Caruçu] com José Caboclo, camponês de profissão hereditária, nascido e criado na fazenda Curimataú, propriedade de Clovis Marinho, adquirida do espólio de seu pai, dr. José Marinho Falcão, ainda na época do império, bisavô de representante legal do império, que comandou a chacina contra José Caboclo e família, derrubando casa, destruindo pertences. Havia arrendado com os frades do mosteiro de São Bento, com sede na cidade de Olinda/PE, os seguintes patrimônios: a sede do Engenho Maraú, a fazenda Curimataú até Queimadas, isto pra

três vidas. Este ato de vandalismo aconteceu no início do ano de 1963, no mesmo dia em que o grupo de fazendeiros, para satisfazerem ao Sr. Clovis Marinho, cuja maior sensação de bem-estar era matar José Cabloco, o que não aconteceu. Morreu Rubem Régis inesperadamente, sem qualquer testemunha visual, tornando-se este crime julgado apenas na corte do anonimato. Com a morte do pai de Clovis Marinho, ficaram três herdeiros: Clovis Filho, filho legítimo, gozou de 50% dos bens, mais duas filhas adotadas que, como inventariantes, receberam de terra 650 hectares, cada. E por que os inventariantes que estavam no segundo lugar gozaram de tanto direito, enquanto que para cerca de mais ou menos 700 moradores, o direito foi o de receberem ameaças e torturas, destruição em suas lavouras?

O que naquele dia se consumou, o que ele não queria e nem acreditava que lhe acontecesse, finda a chacina, tudo destruído, e eles, tomados de risos e cheios de regozijos, todos ouviram rumores de um tiro para os despertar. E o vilão de bravura avançou tomando a frente de todos. Para chegar primeiro e acertar conta com o desaforado que os desafiou, mas tornou-se tudo contrário. Quando seus companheiros chegaram até a ele, já não estava vivo. O reboliço foi estupendo, todos dispersaram-se sem destino. Dentre eles, algum chegou à sua própria casa. E chama: "tragam roupa, não posso entrar com a que estou usando, estou molhado e um mal cheiro está me incomodando." Tinha sido um forte fluxo de efeito fisiológico que o tinha afetado, tornando-se impune a morte de Rubem Régis, pois as testemunhas oculares nunca apareceram.

Sobre outras vítimas molestadas, perseguidas e torturadas, o camponês Pedro Inácio de Araújo, conhecido pela alcunha de Pedro Fazendeiro, não porque fosse proprietário e criador de gado, sim porque freqüentava a Fazenda Miriri, desde que a mesma pertencia ao médico Dr. Ademar Londres. E ali vendia retalhos de pano. E no período em que a mesma propriedade pertencia ao referido senhor, Pedro Inácio comprou um sítio na região do Rio dos Negros, sendo terra da mesma propriedade... Comprar sítio nestas propriedades era do sistema costumeiro, como em toda a região litorânea, nas fazendas: Árvore Alta, Timbaúba, Andreza. [Observação de Tonny: Comprar sítio era comprar o plantio, não a terra."]

E mais: no município de Alhandra, no município de Santa Rita, existia o mesmo sistema, Pilar, Mamanguape, Rio Tinto, indo até outras extensões. Qualquer cidadão que interessasse, chegando a esse setor, o proprietário não interferia nos negócios. Todo interessado comprava e vendia, considerando o valor dos benefícios.

Perenizado, safra continua para todos os que usavam suas atividades: não somente moradores da terra como outros que vinham e usavam aforado. A propriedade Miriri produzia batata, milho, arroz, mandioca, conhecida regionalmente por macaxeira, farinha de mandioca. Os moradores na maioria criando gado. Com produtos agrícola a fazenda Miriri fornecia feira de Sapé, Guarabira, Itabaiana, Mari, Campina Grande, Mamanguape, Rio Tinto efetivamente, e outras. Ali existia um setor pantanoso com uma área de calculadamente 500 hectares, coberto com mata virgem. Com a existência idônea que já tinha de séculos anteriores, Dr. Ademar Lundgren liberou para o povo explorar as matas e plantar arroz. O povo avançava, dobrava tudo. Ali tornou-se um manancial, durante um curto período, enquanto a propriedade pertenceu ao Dr. Ademar Lundgren. Mas, por infelicidade do povo que ali morava, cerca de 1360 moradores na referida propriedade com 4 mil hectares, ali formou-se uma questão. Entre os próprios donos, marido e mulher: tinham dois filhos – sim, um casal – e surgiram inúmeras confusões entre a família. Com a maioridade do filho, ele entrou na guerra. Existiram grandes conflitos de pai com filho. Entre os cônjuges acionaram na justiça uma ação de desquite, sendo que Dr. Ademar Lundgren era oposito, a sumário, deste litigioso desquite. O filho vende a parte da mãe ao Sr. Pedro Ramos, sem divisão da geodésia. Então Dr. Ademar Lundgren resolve vender também a parte que lhe assistia de direito patrimonial, no mês de junho de 1951, e o Sr. Pedro Ramos tomou conta em janeiro de 1952.

Quando chegou, falou para todos os moradores: "Aqui agora tem dono. Esta propriedade não é mais de Ademar 'Besta'!". Mandou que tirassem os animais das várzeas, e os levassem para os tabuleiros. E falou que tinha comprado a propriedade. E quando tomou conta, todos os moradores criavam gado, e todo morador trabalhava. Mas, com dois anos após, todo morador comprava farinha pra comer e, se precisasse de estrume de gado para encher um orifício para usar, acender o cachimbo ou cigarro, era pra procurar no cercado da fazenda.

Ninguém ali criava mais nada. Iniciou, no ano de 1955, o plantio da cana-de-açúcar nos campos mais produtivos, onde os agricultores tinham safra contínua, onde os moradores haviam explorado ainda com ordem do Dr. Ademar Lundgren.

Pedro Ramos com autoridade falou pra eles: "Aqui gastei muito dinheiro, e agora vou plantar cana." No mesmo terreno, mandou Pedro Fazendeiro arrancar o sítio de laranjeiras, bananeiras e uma

boa produção de macaxeira, tudo em lugar fértil. Pedro Fazendeiro reagiu. E Pedro Ramos mandou plantar cana dentro do sítio, mandou derrubar um boeiro construído de madeira, que dava acesso à saída de Pedro Fazendeiro, para qualquer sentido. Assim durou bastante esta demanda. Pedro Fazendeiro contava com a participação do Dr. Ramiro Fernandes, seu advogado, que conseguiu uma indenização no valor de trinta e cinco mil cruzeiros.

Isso entre os anos 1957 e 1960, sendo que no início do ano 1958, foram fundadas as Ligas Camponesas na cidade de Sapé, à qual foram filiados 227 camponeses, sendo o representante legal João Alfredo, conhecido pôr João Fuba, e por outros também por Nego Fuba, sendo o evento da fundação realizado no Grupo Escolar Gentil Lins, na presença das seguintes autoridades: Jacob Frantz, deputado estadual, delegado de polícia atuante na cidade, Tenente Coronel Antônio Ferreira Vaz e o vigário, pároco da Matriz local.

No que diz respeito à indenização pra Pedro Fazendeiro, direito que lhe assistia, o direito de colher toda a lavoura em estado de aproveitamento. Dentre as lavouras, existia uma mandiocal, o que fez Pedro Ramos, sem necessidade, mandar um fazendeiro de nome Aristeu Casado, usando um trator, abrir uma estrada por dentro do mandiocal, fazendo enorme destruição. Ora, senhor, o proprietário mandou derrubar o boeiro que dava acesso a Pedro Fazendeiro pra qualquer destino e mandou destruir uma parte de suas lavouras. E aí mandou a polícia de Sapé prender Pedro. E chegando à cidade, o coronel Luiz de Barros já o esperava, na sede das Ligas Camponesas, para torturá-lo, chegando a rebentar o maxilar e dois dentes.

E daí Pedro morou algum tempo na cidade de Sapé. Uma noite, quando voltava da casa de um amigo, o alvejaram com um tiro de revólver, atingindo-o na perna que foi gravemente fraturada. As perseguições daí em diante foram contínuas. O Pedro Ramos conseguiu levar um jagunço, dizendo eles o tal ser um policial reformado, o que ali era conhecido como "Capa de Aço". Este entrou na fazenda Miriri, e ali o jagunço tinha o nome de "Capa de Aço", e foi exclusivamente com o propósito para matar camponeses. Como seu subordinado o acompanhava o Juvenal, "Capa de Aço" comissionado, e o Juvenal, ex-guarda noturno na capital. Pedro Ramos o contratou, lhe pagando dez mil cruzeiros mensais, com despesa paga e a feira semanal pra família. Até que no primeiro combate com camponeses, morreram dois: Juvenal, um capanga de Pedro Ramos, e um camponês, o qual se chamava Alfredo Pereira do Nascimento, em 1962.

No ano 1959, Pedro Ramos [atuou] em região da propriedade, onde muita gente conservava plantio de roça efetivo. Ele cercou toda a área com cerca de arame farpado, mas os moradores reagiram e trabalharam.

Dando continuidade e falando [de] Pedro Ramos, proprietário de três grandes fazendas - Miriri, que está situada entre jurisdições de Sapé, Mamanguape, Espírito Santo e Santa Rita; Antas, também em Sapé, e Riachão, no município de Itabaiana. Na fazenda Miriri, enfrentou-se a primeira demanda, com o camponês Pedro Inácio de Araújo, vulgo Pedro Fazendeiro, o segundo com José Hermínio Dionízio, camponês morador aforado e residente na região de Forma D'água, na mesma propriedade, na jurisdição de Mamanguape.

Em uma extensão de aforamento de "n" hectares, mantendo ali plantio de arroz, batata doce, conservava permanentemente mandiocal, uma área com bananal, cana caiana, forragem pra animais, cana, capim, abundância de água perenizada e permanente. Situação que havia comprado ao Sr. Antonio Sebastião Duarte, residente no sítio denominado Carnaúbas, também região da mesma propriedade Miriri, na jurisdição de Sapé. Conforme o sistema, tem direito de vender pra outro, se bem que eu interessasse, no ano em que o proprietário começou a plantar cana de açúcar pra usina, desestabilizando todos os ocupantes da região mais produtiva, e onde foram todos explorados pelo próprio proprietário.

Ele entrava no setor junto com autoridade, ali existiam quantidades de dendezeiros antigos, demonstrando os esforços do povo. E o proprietário falava que havia feito uma alarmante dispensa para desbravar todo aquele setor. Em 1958, o proprietário encosta com o plantio de cana no sítio de José Hermínio Dionízio, onde ele era aforado, em uma área de 7 hectares, sendo dois em terra fértil e quatro hectares [de terra] árida, improdutivo. Na área fértil, José Hermínio mantinha efetivamente cana pra forragem e banana pra consumo pessoal, capim pra forragem e também uma área com bananeiras. O morador falou com o administrador da fazenda Miriri, pra ele conseguir... Se não estivesse em condições de resolver o problema, falasse pra o proprietário que José Hermínio, quando aguardava a decisão do proprietário se reservava a área aforada, o proprietário mandou invadir com planta de cana. Atingindo a parte ocupada com bananeiras, também na parte ocupada por cana caiana, cana e capim pra forragem e batata doce, me proibindo de trabalhar em toda área aforada, me proibindo também de manter os animais em qualquer setor da propriedade e me perseguindo com a polícia, com argumento de que eu queria tomar sua propriedade. Como eu,

vítima e declarante era localizado em uma região da jurisdição de Mamanguape, denunciei do procedimento do proprietário a Dr. Idelfonso Lira, juiz de direito da Comarca de Mamanguape que, por duas vezes, mandou que eu fosse ao promotor de justiça e falasse pra ele que já havia falado com o juiz e que ele mande intimar o homem. Sendo que na primeira vez o promotor marcou o dia para a audiência. Como compareci ao fórum da comarca acompanhado de três peritos, o promotor não compareceu. Então, na semana seguinte, voltei à presença do juiz que me autorizou pra levar ao promotor a segunda decisão: que eu, declarante, falasse para o promotor que o juiz está aguardando sua audiência, com a presença do reclamado, eu declarante, ao transmitir a voz do juiz

As Ligas Camponesas foram uma medida unificada e conjunta para combater a força do absolutismo, que era força que emanava o espírito dos latifundiários, como por exemplo, os do Engenho Galiléia, no estado do Pernambuco. O Engenho era do Estado. E ali moravam muitos colonos. Os latifundiários que também ocupavam uma parte do Engenho, com força da polícia e seus capangas, tentaram jogá-los fora da terra para plantar cana de açúcar. Travou-se uma luta da qual participou um advogado em defesa dos colonos, que se chamava Francisco Julião. Com a marcha do movimento, o Presidente João Goulart tomou uma decisão para derrubar o poderio do absolutismo dos latifundiários. Primeiro suspendeu o poder das armas federais e estaduais. A partir daí, a nenhum soldado seria permitido participar das lutas dos camponeses contra os latifundiários, porque a arma dos latifundiários eram as armas da polícia. Com essa medida cai a força dos latifundiários e até o poder judiciário, porque só funcionava em atendimento aos latifundiários, porque para notificar um morador, eles tinham que alegar os motivos. O morador não estava só! Através de audiências, o que o proprietário declarante, que queria o morador fora da sua propriedade. A lei obrigava indenizar o morador; que em todas as questões os moradores estavam acompanhados de advogados. Assim foi a luta e o movimento mais forte que levantou-se dentro do país, que superou a luta da abolição dos escravos, porque na criação da Lei Áurea não houve a participação do governo americano e no movimento dos camponeses, em um pequeno espaço de tempo, os Estados Unidos chamaram a comparecer à América do Norte todos os comandantes militares do Brasil, onde durante um mês recebendo ordens e instruções e fazerem um movimento revolucionário para depor do governo. De imediato, dissolveram o seu poder entregar o país incurso no poder militar só assim foi o fim das Ligas Camponesas no Brasil.

ENTREVISTA COM JOSÉ HERMÍNIO, CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM 2002.

José Hermínio – Eu pedi um papel ao soldado, ele me deu. Eu fiz um bilhete e mandei para o juiz [da Capitania dos Portos?]....

Eu relatei a minha situação frente à Constituição pernambucana, sem nenhuma explicação: "Informo, Excelência, eu tenho certeza [que estou] a poucos passos de minha morte; minha vida está chegando, porque esta prisão tem se caracterizado"... Quando ele recebeu a minha informação, ele solicitou do juiz de Itambé, o Dr. José Olímpio, a minha soltura. E o Dr. José Olímpio, o juiz, no mesmo dia foi com a esposa dele à cadeia, onde eu estava. Aí o juiz disse: "Oh, delegado, por que essa pessoa está presa? Preso por quê?" Então, por medida de segurança, mandou me soltar. Aí, eu voltei para casa, em Alhandra. (...) Aí o delegado falou: "Vou lhe pedir uma coisa, aceite minha proposta: passe a noite aí, não saia, não, e às cinco horas, eu mando abrir a porta, e você vai embora." Ele sabia que, de outro jeito, eu ia morrer. Depois, fui a João Pessoa; quando cheguei em João Pessoa, tinha três advogados prontos para me soltar.. Então, é o seguinte: com relação ao regime militar contra o movimento camponês, eu acho que o nosso Estado, o nosso país não tinham condições de ter garantia aqui. Não tivemos não. Não havia nada de concreto, aqui. Quando aconteceu esse acidente aqui em Mari, levaram o problema para o Norte, para o governo americano.

O comando da companhia militar, quando eles voltaram, acabaram com o negócio. (...) Isso foi no começo de 64, e com o fim, com a extinção das Ligas, os comandantes do poder promovido por Luís de Barros deram carta branca aos de baixo para massacrar o povo, para acabar com a gente. Antes do golpe, até que eles [Luiz de Barros] não agiam tanto, não, mas, depois do golpe, eles conquistaram os latifundiários para ficar dando informação contra qualquer um indefeso que os latifundiários perseguissem, e metessem o cacete em gente. (...)

Certa vez, eu estava em frente à igreja de Capim, aí parou um carro, encostaram o carro, e saíram dois indivíduos de dentro do carro: um encostou-se no carro, e o outro saiu à minha procura, mas eu nem procurei saber quem era. Era um chefe de pistolagem e um pistoleiro. O cara que vinha à minha procura, era o pistoleiro. Chegou e disse: "Você está preso." Eu falei: "Preso por ordem de quem?" – "De doutor José Meireles". Ele estava armado, com revólver em punho. Aí eu me virei e peguei o pistoleiro, prendi de um jeito que

ele não tivesse condição de manusear o revólver, e ficamos lutando corpo a corpo. E em volta de mim, ali, tinha amigos e familiares. E eles tentaram me ajudar. E nós pegados... nós dois pegados. Isso tudo já depois do Golpe Militar, porque antes não tinha isso.

Aí, quando eles estavam me ajudando para eu vencer a batalha, aí o outro vem de lá, de revólver em punho. Chegou e disse: "Quem não arredar, eu vou cortar de bala." Aí o povo se afastou, e eu fui dominado. Já estava escuro, eu saí de Capim, no carro, preso, entre os dois bandidos, para Sapé. No caminho, eu levei pancada no rosto... Eu vim parar aqui, preso, fui machucado pela polícia, fui pisoteado por um sargento que comandava a patrulha. Fiquei preso à noite, e fiquei até o meio dia... Aí, no outro dia, às 12 horas, o Luis Barros chegou. Chegou e perguntou: "Qual foi a autoridade que trouxe esse preso para aqui?" Eu disse: "Autoridade, não sei: foi José Meireles." Aí, mandou me soltar. Aí, daqui eu segui para João Pessoa. O comandante de lá, na época, era Arruda Pereira da Costa. Aí eu conversei, mostrei a ele a minha situação, que estava todo machucado, mostrei os ferimentos do corpo. Ele disse: "Sua situação está ruim, sua situação está grave." Aí eu fui para casa, sem recursos, fui para casa para tomar banho, tomar chá. (...) Eu escrevi para Castelo Branco [o presidente militar da época]. Eu fiz um relatório, pedindo permissão para fazer uma declaração direta, a bem de minha segurança, para a minha garantia, fora do estado. Ele mandou (não sei se por Telex ou se...), para o delegado de Mamanguape me ouvir. O delegado mandou me chamar, eu fui ouvido. No meu depoimento, eu apresentei duas pessoas capazes de testemunhar os fatos. Ele mandou por mim três citações nominais, para entregar às testemunhas que compareceram. E, no dia da audiência, eu estava viajando. (...) E o que é que aconteceu? Trinta minutos antes da hora, as testemunhas estava, de pé, lá na delegacia. E, durante o dia, nem o delegado, nem o escrivão apareceram por lá. (...) Um cunhado meu foi atrás do escrivão... (...) A audiência foi inútil...

Tonny: Inútil?

José Hermínio: A audiência foi inútil, porque o delegado não compareceu. Eu estava viajando, e tive um pressentimento do caso, e disse: "Eu vou voltar." Voltei, e me contaram a história toda. Eu estava de um jeito que ninguém podia tocar em mim. Mas, mesmo assim, eu escrevi duas cartas-denúncia. Denunciei ao presidente Castelo Branco tudo quanto eu fiz na vida.

Tonny: Denunciou?

José Hermínio: Eu mesmo. E, após a minha..., denunciei os bandidos, inclusive o governador do Estado. Foi o primeiro que envolvi.

Tonny: Quem era?

José Hermínio: Pedro Gondim. Ele era um homem... Denunciei as autoridades responsáveis pela manutenção da ordem.

Tonny: Pedro Gondim e quem mais?

José Hermínio: O comandante do 5º RI, chefe de polícia Renato Machado. Eu denunciei o delegado de polícia de Maman-guape, eu denunciei o escrivão.

Tonny: Seu José, eu não estou entendendo... depois que mataram diversos companheiros depois do golpe, aí Elisabeth fugiu, Ivan Figueiredo fugiu... só o senhor não fugiu?

José Hermínio: Não fugi porque eu fiquei sem andar, sem movimento... Eu não fui mais acompanhar, nem cavar, nem cortar nada.

Tonny: Agora, como é que o senhor escreveu para o presidente Castelo Branco, e não foi preso nem morto? Como é que é?

José Hermínio: Eu não menti. Eu vou buscar a carta que eu escrevi para Castelo Branco, onde eu fiz a denúncia...

Tonny: Como é?

José Hermínio: Eu vou aqui buscar a carta que eu fiz para Castelo Branco. Eu já volto.

Tonny (lendo a carta): Certificado de Registro nº 3.650. Natureza da correspondência: C. Valor: 1,60. Destinatário do material: Presidente H. A. Castelo Branco. Brasília - DF. Assinatura do encarregado do Registro... Ah! Até hoje, o senhor está guardando este papelzinho... Tem mais documento assim?

José Hermínio: Os documentos desapareceram tudo, mas esse aqui ficou, nunca levou fim... Agora, o que eu quero dizer é que, se tem uma pessoa que eu ando sentindo a falta.. Não sei (...) eu falei com Assis Lemos, há poucos dias, por telefone. Ele estava em Brasília. Eu nunca tive medo de nada. Eu nunca enfrentei nada com medo, porque eu lhe digo uma coisa, como disse agora: o negócio é não mentir. Aquele ali era cobra engolir cobra... (...)

Tonny: Mas, essas pessoas de quem o senhor está falando, agora, tinham a ver com as Ligas?

José Hermínio: Não, eles eram latifundiários, mas eu chegava lá, e eles tinham que... eles me atendiam, de qualquer forma, eles não diziam; "Não". (...) O que é que vou dizer? Houve uma confusão com o morador dele, Manoel Pedro. Ele [Edmundo] tinha um terreno

ali, e aconteceu que ele plantou [=mandou plantar] 160 cocos dentro do campo de Manoel Pedro... ele [Manoel Pedro] plantou de graça e cuidou de graça, e ele [Edmundo] se manifestou contra Manoel Pedro. Aí eu disse a Edmundo que ia lá, e conversamos e tal...

Tonny: Edmundo era quem?

José Hermínio: Era dono da propriedade Andreza (parte de Mucatu), um latifundiário perigoso.

Tonny: E o senhor se entendeu com ele?

José Hermínio: Me entendia, porque nunca negou que era culpa dele, não. Nesse caso, a senhora vai ver como foi o negócio. Eu disse: "Edmundo, por que o senhor está em questão com Manoel Pedro? O que é que quer fazer com ele?" Ele olhou pra lá, olhou pra cá, e disse: "Ele está fazendo uma coisa lá, que eu não estou gostando." - "Mas, como? Por que o senhor não está recebendo as diárias dele?" (...) "Eu vim para a gente conversar e se entender. Manoel Pedro plantou e tratou toda a vida, o senhor nunca pagou nada a ele, ele lhe paga a diária, e o senhor ainda... Como é essa coisa?" Ele olhou pra lá, olhou pra cá, e disse: "Hermínio, pega aquele litro de whisky ali, e traz pra cá. Bote aqui." Eu botei o whisky, ele tomou. "Risque aqui esse fósforo". Ele acendeu o cigarro. Então, eu disse: "Sr. Edmundo, vamos prosseguir a conversa." E lá vai a conversa... E depois, eu vi ele com as lágrimas caindo dos olhos, e ele disse: "Hermínio, eu não tenho o que responder, não; não tenho o que responder, não." (...)

Tonny: Manoel Pedro era das Ligas?

José Hermínio: Era das Ligas.

Tonny: E Edmundo?

José Hermínio: Era o fazendeiro que plantou na roça dele.

Tonny: E o senhor foi falar a favor de Manoel Pedro...

José Hermínio: De Manoel Pedro.

Tonny: E como resolveu?

José Hermínio: Ele deixou de mão. Até que aquilo foi vendido pra lá. Eu não sei como é que ficou: foi tempo que eu vim pra cá. Mas só dizer que a questão de Manoel Pedro, o Sr. Edmundo, desde esse dia, aliviou... Outro caso pesado que enfrentei foi com Alfredo... Alfredo [Ferreira] de Subaúma, não me lembro o nome, mas era o dono da fazenda Subaúma. Eu fiz ele pagar 2.750 reais... cruzeiros (...) por 92 paus de roça, que não davam nem meia cuia de farinha, não, e ele pagou ao morador dele, Severino Ferreira. Ele [o dono, Alfredo Ferreira] era acostumado a soltar o gado no roçado do povo,

e tal e tal... E depois, ele fez isso. Ele já vinha enrascado com o morador.

Tonny: Vem cá. O senhor conhecia o Antônio Amâncio?

José Hermínio: Amâncio... eu lembro dele. Ele foi com a gente para Belo Horizonte.

Tonny: Eu sei que ele foi, porque ele me contou.

José Hermínio: Eu vou na casa de Antônio Amâncio, eu vou.

Tonny: Faz quanto tempo que o senhor não vê Antônio Amâncio?

José Hermínio: Sabe desde quando? Do tempo em que a gente foi para o Congresso [em Belo Horizonte]. Mas lembro como hoje. Quando a senhora falou nele, eu lembrei logo.

Tonny: Como é que era Antônio Amâncio na luta?

José Hermínio: Ele era um camarada pacífico, eficiente, era de acordo...

Tonny: Ele era o quê, nas Ligas?

José Hermínio: Nas Ligas, eu não sei se ele tinha algum cargo eletivo. Sei que ele era um dos sócios.

Tonny: Ele era ativo nas ações?

José Hermínio: Era um bom companheiro, um bom companheiro...

Tonny: Conheceu mais gente, lá?

José Hermínio: Eu conhecia Augusto Zumba. Conhecia mais [gente], é que estou esquecido. (...) O dono de Subaúma, que eu falei, era Alfredo Ferreira, um sujeito acostumado a matar gente. Perigoso... Houve esse problema, mas eu resolvi o problema.

Tonny: O senhor morou quantos anos, naquela região?

José Hermínio: Um ano e meses. Não passei nem dois anos. Fui no fim de 60 e voltei em 62, quando eu... Foi dois anos, só. Aí, eu já estava dentro das Ligas, no campo, com aquele povo. No começo, era muito bom. Agora, depois, criaram problema comigo, porque lá o chefe ficou enciumado. Eles viram que a minha situação era realmente muito avançada, tinham medo que eu fosse tomar a frente...

Tonny: Quem tinha medo?

José Hermínio: Nesse tempo, era o presidente do sindicato, da época, presidente da Liga. Ele comia o dinheiro e... (...) ele sabia que quem [resolvia?] era eu mesmo. Depois que eu saí, disseram pra ele: "Zé Hermínio saiu... e cadê agora?" Lá tinha um tal de Bulandi, Antônio Bulandi, de Abiaí, era um caboclo moreno, alto... Aí, depois que eu saí, perguntaram pro chefe: "E agora?" E essa coisa, não é?

Tonny: Mas, as Ligas de lá eram fortes, não eram?

José Hermínio: As Ligas? Bem, eu acho mesmo que para fazer, eu acho que nenhuma foi mais forte, no tempo que eu estava lá, não. Outra mais forte, não. Agora, para brigar, não.

Tonny: Como é? Eu não entendi.

José Hermínio: Pra fazer o que era pra fazer, eu não conheço outra mais forte, não. Noutras, era com bala. Lá, não. Ia sem bala. Lá eu resolvia sem bala. Lá eu fiz... esse Alfredo Ferreira eu fiz pagar 2.750 cruzeiros por 90 paus de roça, com mandioca da grossura de um dedo. Se fosse fazer farinha, não dava uma cuia de farinha, e eu fiz pagar 2.750 cruzeiros...

Tonny: O senhor fez isso como representante da Federação?

José Hermínio: Não é, que eu atuava, eu vivia no campo, fiscalizando, eu vivia com o povo. Então, eu fui lá fiscalizar isso. Me deram carta, lá na Associação. Eu peguei dois associados idôneos, levei lá, e, junto com o dono da lavoura, mandei juntar. Juntamos, cortamos, e depois de cortar, mandei um bilhete para Alfredo Ferreira pagar, e cobrei 30 cruzeiros por um pau daquela roça, não é? Mas, ele não me deu atenção. Com oito dias, o rapaz disse: "Não, ele não deu resposta." "Ah, vou mandar outro." Mandei outro. Com quinze dias, quando o rapaz veio e disse (...) [interrupção]. Ele era acostumado a soltar animais na roça do povo. E Severino Ferreira era um morador encrencado com ele, por causa da Liga. Então, ele afrouxou uma burra, e a burra entrou na lavoura de Severino, e fez um estrago na roça. Severino foi a mim. Aí, eu disse: "Severino, depois da feira, vamos lá." Chamei dois sócios da Associação e junto com Severino, fomos lá contar. (...) Olhado, conferido e contado, eu fiz um bilhete e mandei para Alfredo Ferreira, dono da Fazenda Subaúma. E ele não deu atenção. [Repete aspectos já narrados] Aí, o rapaz [que trabalhava para o proprietário] disse a mim que ele tinha dito que, se pagasse a destruição, ia dar (...) [abriria um precedente] pra todo o mundo ver. Aí, eu separei três pelotões de gente. Ele era um homem perigoso; ele já matou muita gente, ali. Mas, ele não foi. Aí, se aproximava o carnaval de 1961. Aí eu fui a João Pessoa. Fui até a DOPS, falei com o Dr. Enéas: "Doutor, enquanto os senhores dizem que o povo das Ligas são cheios de confusão, eu ignoro. É por que nosso amigo lá, [Alfredo Ferreira] dizem que é meio viciado. Ele facilitou uma burra e ela foi lá [destruir] a lavoura de um cidadão que vive enrascado com ele. E eu estou cobrando carinhosamente para ele pagar essa destruição, e ele mandou dizer que, se pagasse... Eu vou dizer uma coisa ao senhor: 'Se o senhor

não levar em conta, ele vai pagar'." Ele disse: "Não faça besteira." Eu disse: "Se eu quisesse fazer besteira, não vinha aqui. Se eu estou lhe procurando, é porque tenho precisão de me entender com o senhor." Ele preparou um ofício e disse: "Depois do carnaval, você venha aqui." E eu, na quinta-feira, que era meu dia de vir pra João Pessoa, chamei Severino Ferreira. (...) Ele disse: "Novidade! Deixe eu lhe mostrar esse envelope. O dinheiro, você sabe que é 2.760 cruzeiros. Mas, por causa de troco, aqui tem 2.750 cruzeiros.... Agora, assine o recibo."

Eu fiz um empregado da Marinha, de um médico da Marinha, subir numa casa e cobrir a casa do patrão, fazendo o empregado passar três meses dormindo ao relento...

Tonny: Quem?

José Hermínio: Um empregado de um médico da Marinha. [Ele segue contando a história com detalhes] (...) [Bem mais adiante]

Tonny: Mas por que é que perseguiram tanto João Pedro?

José Hermínio: Ah, porque João Pedro é o seguinte. João Pedro foi quem abriu a luz do povo. *João Pedro Teixeira foi quem acendeu a luz dos olhos do povo.*

Tonny: O senhor diz isso de João Pedro Teixeira. Mas, o senhor também não fez isso?

José Hermínio: Se eu fiz? Ah, mas, a coisa começou aqui. E depois deu a evolução em Sapé, aí foi se espalhando, foi se espalhando...

Tonny: Tá, agora, o senhor disse uma coisa tão bonita sobre João Pedro: "Abriu..." como foi?

José Hermínio: Ele abriu a luz dos olhos do povo. Ele foi quem acendeu a luz dos olhos do povo... Quando ele dizia que a luta dos camponeses era a vitória do povo. Não teve coisa mais importante. Isso ele dizia. E é, como ele dizia: "Eu sei, Zé, que vou morrer, mas só acredito no homem por seu destino, pela sua força de vontade e pela sua energia"...²

Bom, dentro do movimento dos camponeses, é lamentável que todo o mundo não tenha tido uma idéia unificada. Não tinha. Aqueles homens que disseram que eram, mas na hora, não eram, não eram, não. Agora, um homem da qualidade de João Pedro Teixeira - e eu não quero me julgar, mas eu era inteiro... era perfeito, era contundente, na maior realidade, sem arma, sem arma, saía assim,

² Breve lapso em branco ou com trecho de difícil audição, mas que ele disse elogios sobre si mesmo.

com 50 homens, 60, saíam... [Segue falando dos seus feitos pessoais e dos contatos seus com as autoridades].

Tonny: Vem cá, quando João Pedro foi morto, o senhor estava em Alhandra...

José Hermínio: Estava em Alhandra, não assisti à morte dele.

Tonny: E o que vocês lá em Alhandra, como vocês ficaram sabendo que João Pedro foi morto, e como foi a reação?

José Hermínio: Foi o seguinte. Eu... eu... deixe eu ver... João Pedro morreu em qual ano?

Tonny: Em 1962, em 2 de abril.

José Hermínio: 2 de abril... é... eu estava no movimento, e, a essa altura, tudo indica que, nesse dia, eu estava no trábaho, e o presidente da Liga não se manifestou. Eu sei que ele estava no campo com o povo, e não manifestou-se, ele não manifestou-se. Elias Pereira. Era o presidente da Liga. Agora, eu era subordinado a ele, subordinado a Elias, mas, ele não manifestou-se. É... ficou sem ação, porque se ele não se movimentou para vir pra cá, não é?

Tonny: Lá, vocês não ficaram sabendo?

José Hermínio: Bom, a notícia apareceu, mas é como eu digo, eu estava de serviço, e o presidente da Associação não se manifestou para direcionar qualquer participação. Aí, eu não posso responder mais nada.

Tonny: Mas, vocês souberam logo ou não?

José Hermínio: Eu não estou lembrado se foi no mesmo dia. Deve ter sido, não é?

Tonny: Mas, teve uma reação no meio do povo, quando souberam?

José Hermínio: Não, lá o povo não fizeram... não fizeram manifesto, não, porque lá era pacato, não havia...

Tonny: Talvez porque o povo lá nem conhecia João Pedro?

José Hermínio: Não, conhecia. Conhecia eu...

Tonny: Então, o que passou no senhor?

José Hermínio: O que passou foi o seguinte. Eu lamentei muito. Eu senti por ter perdido um amigo que jamais será possível encontrar outro, com o entusiasmo que ele demonstrava ter. Isso eu vi.

Tonny: Mas, o Sr. não conseguiu vir para cá...

José Hermínio: Não vim, não. Não vim, não, porque estava sem condições, estava sem condições de vir. Isso eu sei.³

Tonny: E depois, o senhor ainda ficou muito tempo lá?

³ Breve lapso de tempo.

José Hermínio: Eu voltei de lá... Saí de lá nessa hora [do assassinato de João Pedro Teixeira], eu estava manifestando para sair, porque criaram caso comigo, e eu vim. O camponês contra mim, por incentivo de alguém, e eu não podia estar.. Era o presidente Elias e os camponeses torcendo contra mim, porque ele botou na cabeça deles, porque sabia realmente... Se eu não tivesse me afastado, tinha morrido.

Tonny: Quem teria matado o senhor?

José Hermínio: A partir de Luiz de Barros... o Alfredo Ferreira... o cara [o fazendeiro] que eu saí enrascado com ele...

Para me livrar, eu fui. Enquanto eu sinto que tenho me afastado do caso, eu tive proteção desde que me comuniquei com Castelo Branco. Eu escrevi nove folhas (e não terminei ainda) da minha história para me defender e ver se tenho direito a indenização, também.

**ENTREVISTA COM JURACI BATISTA DE JESUS, ASSENT.
MASSANGANA I, CRUZ DO ESPÍRITO SANTO.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 30/11/2001
(FALECIDA)**

Tonny: Neste momento estou em Massangana I, na casa de Dona Juraci Batista de Jesus, já com oitenta anos. E ela se lembra de algumas coisas do tempo das Ligas. Olhe, Dona Juraci, pode contar o que vem na memória.

Dona Juraci: Sim, senhora. Eu conto assim... porque esse terreno era de Dona Maria Augusta, mas chegou essa Liga e o pessoal, os morador dela, foram tudo contra ela. Diziam que iam botar mata abaixo, que iam fazer casa dentro da mata, soltaram o gado dentro das canas dela. A vargem era coberta de cana, ela só plantava cana na vargem e o resto era tudo pros trabalhador trabalhar. Tinha planta de algodão no rendeiro; ela fazia manga, um ano trabalhava num canto, no outro ano; trabalhava dois ano num canto, dois ano no outro, aí quando trabalhava naquele canto ela botava o gado, nos dois ano né, aí já dava outro canto pro povo trabalhar e não pagava nada. Só que vendia o algodão no Engenho; ela mesmo comprava; o algodão não era vendido fora, era ali mesmo. Mas era uma pessoa muito boa, muito boa com os morador, mas os morador com essa Liga e foram de alcanço com ela e soltaram gado dentro da vargem de cana, e comeu a cana dela toda. O povo fazia pouco dela demais, e um cheiro de gado, por todo canto, e num queriam sair. Aí, esse canto era tudo coberto de casebresinha; pequeno num sabe. Mas o povo não saía quando ela queria afastar o gado e o povo não saía não. Bem, aí, vai muitos tempo nesse negócio. Aí, tinha aquelas reunião, aquelas coisa, aí, ela foi disgustando, foi disgustando, aí vendeu... Massangana.

Tonny: Se lembra em que ano?

Dona Juraci: Não me alembro não. Me alembro não. Eu sei que ela vendeu, talvez que Zefinha ainda se alembre. Porque ela já era moça feita, né? Aí, ela vendeu a Abílio Danta... Aí, seu Abílio botou a peia no braço, só fazia o que ele queria, aí pronto foi quando chegou também..., ô Meu Deus como era o nome do homem? O João de Barro, era...

Tonny: Luís de Barro?

Dona Juraci: Luís de Barro, isso. Foi quando chegou este homem, botou a peia no braço, apanhou gente pra valer, teve gente

que morreu de peia. Foi, sim senhora, teve gente de morrer de peia.

Tonny: Se lembra algum nome?

Dona Juraci: Não. Não me alembro. Ouvia dizendo só, sabe. Mas o meu primo mesmo, eu gostava muito dele, meu primo era motorista da ambulância da Liga, e ele apanhou tanto que quase que morria, foi pro hospital.

Tonny: Como era o nome dele?

Dona Juraci: João Felinto. Mas parece que ele já morreu também. Quer dizer, morreu de outras doenças, sabe. Porque ele saiu daqui foi pra o Rio, aí nessa viagem dele lá pra o Rio, lá ele acabou-se, mas não foi da pisa que ele morreu não. Bem, aí saiu todo mundo, Antônio Augusto morava ali, correu também, correu todo mundo, todo mundo, que era...

Tonny: Antônio Augusto?

Dona Juraci: Hum-hum. Seu Augusto correu também, que ele morava ali, perto de seu Antônio de Cobé. Sendo desse lado assim, tem o arame, tem uma casa em cima no alto, que é a casa de Reginaldo Leôncio. Mas ele morava mais pra baixo, Seu Antônio Augusto. E num é, que ele correu? Correu todo mundo. Ou corria ou morria no pau. Porque a polícia num alisava não. Bem, foi muita coisa naquele tempo. E vinheram e disseram que ia botar a casa do povo abaixo, e os povo que não queria barulho, e nem questão, e corria pra dentro dos mato, ia se esconder. Era. Ia se esconder por dentro dos mato, pra não ver botar as casas dos outros abaixo, num sabe. Porque essa Liga, fez uma coisa muito, muito acabada. Porque quando tinha um... negócio...

Tonny: Muito o quê?

Dona Juraci: Era uma coisa muito diferente. Porque ela juntava aquele pessoalão pra invadir uma terra, num sabe. Ajuntava aquele povo, quem quisesse ir, ia; e quem num quisesse, ia a força.

Tonny: Era assim?

Dona Juraci: Era. Porque ele arrastava a força. Pra ir pra'quele canto. Agora fazer o quê? Só invadir a terra dos outro. Foram uma vez, que disse que ia pra, pra banda de Itapoá. Foram invadir a terra de Dr. Henrique.

Tonny: Henrique Vieira?

Dona Juraci: Sim. Foram invadir a terra dele. Mas, lá era muita gente brabo, e Dr. Henrique disse que fez...; escondeu pólvora no Engenho, encheu de pavio tudinho, que era pro povo não ver e quando pisasse, se acabava tudo. Mas eles num foram. Eu não sei o

que deu na cabeça deles, que de Itapoá voltaram; não foram não, sabe, pra lá. Mas quando chegaram em Itapoá, quando eles voltaram, tocaram fogo no quartinho de cana do homem. Sem culpa nenhuma... isso num é uma ruindade? Pro homem perder a cana pro gosto, né. Porque ele não sabia que eles iam fazer uma coisa dessa. Era os morador. Tinha aquele, tinha o empregado, que é aquele empregado, é quem chamava os outro, né, ajuntava aquela turma medonha, e lá botava fogo na cana dele. Mas quando chegou essa polícia, ah meu Deus, fez correr foi todo mundo. Só não, quem não fazia; quem não fazia, não corria; porque não tinha porque, de quem correr, né. Bem, aí chegou Seu Abílio, e Seu Abílio ficou; acabou-se a Liga e Seu Abílio ficou, pronto. E seu Abílio vendeu à usina e a usina tomou conta e nós, ainda hoje, está morando não é? Porque, a usina entregou pra o INCRA [em 97], mas graças a Deus foi uma coisa que faz, deu gosto a todo mundo, não houve questão, não houve zuada, não houve aqui nada e ninguém fazia nada com raiva, não; todo mundo nas suas casa.

Tonny: Agora é um assentamento, né?

Dona Juraci: É. Agora é assentamento. É do INCRA. Todo mundo ficou nas suas casa, não houve conflito nenhum aqui, não. Graças a Deus. E ainda hoje, tamo vivendo. Mas o que eu conto da Liga foi isso, somente. Nesse tempo eu me alembro disso, que eles eram um povo muito, muito cheio de coisa, muito brabo.

Tonny: O seu marido tinha carteirinha?

Dona Juraci: Ele tinha, uma carteira. Aí, meu Deus, ele ficou com tanto medo dessa vez, que ele não tirou nem essa, quando chegou essa... como é? Chegou a do sindicato. E ele quis mais tirar? Ele disse; eu não tiro carteira mais nunca, enquanto for vivo. Pois é... ele não tirou não. Morreu e não tirou mais nunca a carteira. Da Liga ele tirou, sim. Tirou. Agora, só que ele depois ficou arrependido: "Ah, bem que eu não queria tirar, pra não ter que ir; eu vou pra canto nenhum." Ele se escondia, ele e o irmão dele que é pra num ir pra zuada de ninguém. Quando o povo chegava: - Não tá em casa não, foi num passeio. Mentira, que num tinha ido a passeio nenhum. Ele, meu irmão, Severino Lopes, tudo se escondia pra não ir.

Tonny: Quem era mais de dentro?

Dona Juraci: Mais de dentro? Eu só conheço era Antônio Augusto, era Batalha, que era lá de Maraú; pronto, só esses é que eu conheço.

Tonny: Batalha, ainda está vivo?

Dona Juraci: Eu não sei, não senhora. Que ele saiu daqui. Eu não sei.

Tonny: Em Maraú teve muito, né?

Dona Juraci: Teve, mas eu não conheço.

Tonny: Aqui se fazia reuniões das Ligas Camponesas?

Dona Juraci: Não. Aqui mesmo, nunca vi não. Fizeram uma vez. Mas num foi nem, como é... nem reunião. Fizeram uma vez, porque Dona Maria tirou umas madeira na mata e vieram; foram empatar tirar a madeira, num sabe. Os morador, os morador se ajuntaram e foram empatar pra não sair as madeira.

Tonny: A dona da fazenda?

Dona Juraci: A dona. Aí veio, um bocado de polícia, que ela também tinha força. O Coronel Trombone, o homem tinha força demais, viu. (...)

Tonny: Ele era o quê?

Dona Juraci: Eu não sei o que ele era, porque nesse tempo a gente era moça, e a gente não se importava com essas coisas não, num sabe.

Tonny: A senhora ouvia falar em João Pedro Teixeira?

Dona Juraci: Ouvi falar quando ele morreu; foi quando eu ouvi falar.

Tonny: O que a senhora escutava?

Dona Juraci: Escutava que ele era uma boa pessoa, e todo mundo sentiu a morte dele, né, porque era uma pessoa boa. Mataram ele com malvadeza, que ele não fazia nada com ninguém, era só o que a gente escutava. Ainda hoje, a gente escuta, né. Ainda hoje.

Tonny: O povo ainda fala...

Dona Juraci: O povo ainda fala nele de bem. Nunca falaram de mal. Num era Elisabeth a mulher dele, né? (...)

Tonny: E dos outros companheiros de João Pedro, a senhora ouviu alguém... O João Alfredo, o...

Dona Juraci: Não. Eu nem, nunca ouvi falar, nem sei que ele tinha esses companheiro. Isso aí, eu não sei de nada. Só sei mesmo do que eu tô dizendo. (...)

Tonny: Agora, naquele tempo, também a senhora escutava falar de bem dele, de João Pedro?

Dona Juraci: De bem. Que era uma pessoa descente. Tanto ele quanto a mulher dele. Ouvi falar muitas vezes. Mas, só que eu não conhecia ele nem conhecia a mulher dele.

Tonny: Sei. Tá bom. Então foi isso.

**ENTREVISTA COM LOURDINETE, CUNHADA DE
ELIZABETH TEIXEIRA, ANTAS DO SONO, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 09/01/2003**

Tonny: Hoje, é dia 09 de janeiro de 2003. Estou aqui, na casa onde os pais de Elizabeth moravam. Estou com Dona Lourdinete, a esposa de José, o irmão mais novo de Elizabeth. Ô Lourdinete, a senhora casou em que ano mesmo, com José?

Lourdinete: Em 1966.

Tonny: E quando a senhora veio morar aqui, quem mais morava nesta casa?

Lourdinete: Era minha sogra, Altina, e Manoel Justino. Mas eles na deles e eu na minha. Porque é conjugada a casa.

Tonny: A senhora já contou um pouquinho antes de eu ligar o gravador, dizendo como a mãe de Elizabeth conversava; o que foi mesmo que ela conversava sobre o casamento de Elizabeth?

Lourdinete: Ela sempre conversava, dizia que eles fugiram. Então com o tempo, eu sei que ela apareceu por aqui. Ela contava estas coisas mesmo, sobre o casamento deles.

Tonny: E ela sofria disso?

Lourdinete: Não, não, no começo ela dizia que não queria o casamento. Mas depois ela dizia que gostava dele, de João Pedro. E ele era mesmo que um filho para ela. O que ela dizia era isso.

Tonny: E o Manoel?

Lourdinete: Seu Manoel era assim calado, não era de muita conversa. Agora era uma boa pessoa. Era um sogro ótimo para mim, era mesmo que meu pai. Gostava muito dele.

Tonny: Eles falavam sobre João Pedro?

Lourdinete: Seu Manoel, sempre ele, eu nem sei, era meio calado. Comigo mesmo ele não falava esses assuntos. Só Dona Nenê mesmo, ela falava muito, ela gostava de conversar, comentava muito o casamento dela. O casamento de Elizabeth; ela contava desde o começo do casamento dela. Até quando chegou os filhos.

Tonny: Ela contava o quê sobre a pessoa de João Pedro Teixeira?

Lourdinete: Não ela não falava dele não. É como já disse. Que ela dizia que pra ela era mesmo que um filho. Não, nunca falou não. Nem ela nem ele. Não dizia nada não.

Tonny: Aqui não morava também, uns filhos de Elizabeth e João Pedro?

Lourdinete: Sim, ficaram aqui, foram três. Quando ela passou um tempo fora. Vieram aqui três filhos dela. Foi Marta, João Pedro, um que chamavam Peita e Marinês, a mais nova.

(...)

Tonny: A senhora morava em Sobrado, quando era jovem? Quando João Pedro foi morto a senhora...

Lourdinete: Não, não era casada ainda.

Tonny: Pois é, morava em Sobrado. E o que o povo falava, que tinham matado João Pedro Teixeira?

Lourdinete: Num sei. Jovem assim, não presta atenção as coisas. Só ouvia o comentário, que mataram João Pedro, que mataram João Pedro o marido de Elizabeth. Não sei porque, não sei. Já estava namorando. Naquele tempo os pais não deixava as filhas ir pra casa do namorado, passar dias. Deixava, nada. Vim uma vez, quando ele estava doente. Mas vim com as minhas amigas. Foi só essa vez.

Tonny: Sendo a namorada de José, José conversava sobre a situação?

Lourdinete: Ele não tava nem em casa; nesse tempo ele tinha viajado. Ele era caminhoneiro, né? Só vivia no meio do mundo. Acho que ele já soube isso, não sei nem aonde, ele viajando. (...).

OBS.: Chegou o Sr. José que não quis gravar.

**ENTREVISTA COM LUZIA GONÇALVES DA SILVA,
ASSENTAMENTO SANTANA II, CRUZ DO ESPÍRITO SANTO.
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, EM 2002.**

Tonny: Agora, eu estou no Assentamento Santana II, que antes era chamado, Fazenda Santana...

Voz feminina: Antigamente, era Engenho Santana.

Tonny: Estou conversando aqui, com Dona Luzia, que hoje está com 72 anos e sabe contar coisas daqueles tempos, de João Pedro Teixeira e das Ligas Camponesas. O que a senhora conta sobre aqueles tempos?

Dona Luzia: Eu não acompanhava essas coisas, mas eu ouvia quem ia. Diziam que era um negócio meio agitado: o povo brigava, saía encostando cana, metia o facão, pegava as outras pessoas que não queriam acompanhar. Dizem que botavam, à força, chocalho no pescoço. Tinha gente que corria, para não ser achocalhado. E outros gostavam. O meu pai mesmo gostava. Ele não ia mais, porque já estava com uma idade boa, não tinha mais muito... Mas, houve em Oiteiro, em Lagoa Preta; fizeram uma concentração para lá, em Lagoa Preta que fica de São Miguel para cá.

Tonny: Oiteiro era de Henrique Vieira...

Dona Luzia: Era. Oiteiro era de Henrique Vieira... E eram da família dele, esse pessoal. Tinha Dona Gilda... tinha... Pai era quem conhecia essas pessoas... Desde quando eu era solteira, que trabalhava no Engenho, lá...

Tonny: Aí, seu pai contava o quê?

Dona Luzia: Ele contava que...; ele disse que gostava daquele negócio, e ele era muito a favor disso.

Tonny: Ele dizia alguma coisa sobre João Pedro Teixeira?

Dona Luzia: Não, ele não conhecia João Pedro Teixeira. Ele conhecia de longe. João Pedro Teixeira morava aqui perto de Sobrado, mas ele não conhecia bem João Pedro Teixeira. Mas, depois que mataram João Pedro Teixeira, foi que ele ficou muito... não gostou. Ele dizia que, se fosse novo, ele... Agora, tinha um Antônio Pereira, que morava aqui, vizinho aqui, também. Ele era da minha idade. Ele era casado. Ele também ia, e convidava [meu pai]: "Bora, seu Severino." E pai ia. Uma vez, que foram, pai cansou no caminho. Eles o carregaram nas costas. Botaram num cavalo, porque pai tinha uma dor na perna. "Bora, a gente bota o senhor aqui no cavalo, e nós vamos". Pai era como um animador. Só que não estava com saúde.

Não permitia que ele... Mas, se fosse novo... Ele ficou muito triste, depois que houve aquele negócio [a morte de JPT]. Não gostou, não.

Tonny: Aqui tinha muita gente, ligada ao movimento de João Pedro?

Dona Luzia: Aqui, tinha Antônio Pereira... Tinha Paulo Gino, que morava lá em baixo, em Santana. Esse até mataram, também. Esse Paulo Gino, mataram, mas foi depois. Mas, já em consequência dessas coisas. Que esse Paulo Gino era muito... também. E ali, para o lado de Santana, perto do Engenho, tinha uma porção de gente mais animada, ainda. E por aqui, tinha o finado Gilberto, que morava ali, também. Também fazia parte disso. Tinha outros: seu Leonel era outro que gostava muito. Vinha para aqui, conversava com pai. Eles gostavam muito dessas coisas.

Tonny: E eles iam junto com a turma, fazer ações?

Dona Luzia: Era, iam fazer aquelas caminhadas...

Tonny: Lembra-se de alguma coisa para onde eles iam?

Dona Luzia: Eu me lembro que, dessa vez, ele foi para Lagoa Preta. Outra vez, ele foi aqui para o lado de Rio Tinto ou Maman-guape, Capim, para ali, por aquele mundo, por ali. Tinha Miriri. Uma vez, mataram um bando de gente, para os lados de Miriri. Não sei se foi depois dessa morte, ou se foi antes, que eles tinham ido para lá. Diziam: "Bora", e se juntavam e iam.

Tonny: E por aqui mesmo?

Dona Luzia: Por aqui, nunca houve nada, não. Não fizeram nenhuma ação, de matar ninguém, não.

Tonny: Aqui, a situação de vida para os moradores... Eles tinham liberdade de plantar, de coisar? Como era a vida?

Dona Luzia: Antes, não tinham, não. Em 1940, quando a gente chegou aqui, isso aí era um sítio de bananeira, que pai plantou. Mas, depois foi proibido. Mas, foi ainda no tempo do Engenho Santana, que era de Zé Coelho. Aí, veio uma proibição de que não era mais para plantar bananeira, nem pé de coco, nem fazer casa de tijolo... Era um bocado de coisas que eles não queriam que se fizesse. Só sei que pai teve que terminar com o sítio de bananeira, que ele plantou por aqui. Só era para plantar essas coisas que...

Tonny: Lavoura branca...

Dona Luzia: Não era para plantar aquelas coisas, não. Quem estava doido para plantar pé de côco? Diziam que era [implicava direito de] propriedade, não sei o quê... Depois que venderam, que passaram para a Usina, ainda veio proibição, que não era para plantar nem toda lavoura. Nem roça era para plantar. Era pra plantar feijão,

milho, essas coisas assim... Aí o povo aqui não quis esse negócio, não, quando passou a ser da Usina. [Eles diziam:] "A gente está pagando [o foro]; a gente planta aqui o que a gente quiser." Uma vez, um lá da Usina veio proibir. Pai estava plantando bem aqui; aí; ele veio proibir, não era para plantar roça aqui, não, porque ia passar não sei quanto tempo... E daí foi começando...

Tonny: Essas terras passaram para a Usina, quando?

Dona Luzia: Ah, eu não sei. Eu não estou lembrada em que ano foi, não.

Tonny: Porque, quando seu pai tinha bananeira, era no tempo do Engenho...

Dona Luzia: Era de Zé Coelho. Depois que Zé Coelho morreu, ficaram os filhos. Era Plácido, era Meneu. Mas, eles plantavam algodão, fava, feijão, milho... E o algodão nós éramos obrigados a vender no Engenho. Se tirasse uma arroba [para vender fora]... Tinha lugar que era mais caro [=onde se podia vender por um preço melhor], mas não podia... Só se a pessoa "roubasse" de si mesma. E tinha gente que fazia isso: "roubava" dele mesmo, saía de madrugada com carga, para vender não sei onde, porque lá era mais caro. E aqui, eles pagavam no preço que queriam...

Tonny: Ficava o lucro todinho para ele...

Dona Luzia: Ficava o lucro todinho para ele. E a balança é que era... Quando eu vendia dez ou quinze arrobas de algodão, se fosse vender em outro canto, acho que tinha bem vinte...E eles ali, no pé da balança... Mas ninguém dizia nada. Viam e conheciam, mas não falavam... Depois, veio mais uma história de um pasto do gado. Se a gente criasse uma vaca, a gente tinha que pagar [o pasto], no fim do ano, [em relação a] aquela vaca, aquele bezerro; os que tivessem... Eles contavam quantos tinha... Parece que era dez reais por mês. Não era reais, não, eram dez mil réis, que se pagava por cabeça. Só não pagava pelo bezerro que estivesse mamando. Mas, se estivesse apartado, esse ia... Eu só sei que pai trabalhava muito, mas era para guardar para o [pagamento do] foro. Pagava-se o foro e pagava-se mais esse pasto do mesmo sítio em que a pessoa trabalhava. Depois é que houve outra reforma, que não sei como foi, que acabou com esse negócio de pasto. Também, uma história do cambão. Todo mês o foreiro tinha que dar um dia [de trabalho] por semana. Só sei que pai nunca foi lá para pagar cambão, não, mas pagava isso aí... Agora, a gente está numa vida de... [mais aliviada] nem sei... Agora, não tem mais aquela escravidão.(...) "As cercas

caindo no chão", como diz o hino [de autoria de Zé Vicente]. Agora, é tudo liberto, não é?

Tonny: Lembra de mais de alguma coisa? Foram perseguidos aqui?

Dona Luzia: Foi não, foi não. Nunca foi perseguido, não.

Tonny: Eles iam ajudar, lá fora...

Dona Luzia: Era... quando tinha aquelas caminhadas, em que iam todos armados, uns iam de foice, outros de cacete...

Tonny: João Pedro nunca veio aqui, não?

Dona Luzia: Veio não. Não conhecia ele, não.

Tonny: E outros companheiros, outras lideranças?

Dona Luzia: Não, [por aqui] foi sempre calmo.

27

**ENTREVISTA COM MANOEL BENTO,
ASSENTAMENTO PAULO GOMES, MUNICÍPIO CAPIM.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 02/ 02/ 2002.
(FALECIDO)**

Tonny: Estou na casa de Manoel Bento, que mora aqui, em Capim, é (entre Sapé e Mamanguape), no Assentamento Paulo Gomes Nascimento. Paulo Gomes que foi morto, na luta pela terra, por "Maradona".

Manoel: Maradona matou ele e atirou num neto meu e numa nora...

Tonny: Pois é, eu me lembro; vim no enterro. Então, o Manoel Bento já está com uma idade de mais que 90 anos; ele deitado, mas ele diz que ainda está tudo organizadinho, na cabeça, não é Seu Manoel?

Manoel: É; está tudo aqui guardado.

Tonny: Então vamos conversar. O que é, que lhe vem na memória, quando a gente fala de João Pedro Teixeira?

Manoel: Ele era presidente do sindicato de Sapé. Aí sucedeu; saiu um e ele entrou. Quando ele entrou, aí, ele foi perseguido muito. Quando chegou na vez dele, ele veio mostrando muito exemplo; exemplo para os direitos dos pobres, né. Aí começou a ser perseguido pelo doutor Aguinaldo...

Tonny: Aginaldo Veloso Borges?

Manoel: Isso, isso. E ele morava num lugar desfavorável; bem, ele trabalhava, aí no sítio dele, em Antas do Sono. Aí, um dia ia para Sapé... não,... para João Pessoa; aí quando veio, no caminho, foi atirado... Aculá, ficou caído; foi uma emboscada; foi um rebolice muito grande. Abalou os senhores do sindicato todinho; os trabalhadores vierem todinho, todinho... Depois ficaram amedrontados, mas tinha alguns que eram de coragem, e aí, ficaram resistindo. Aí, tinha um ... agora, esqueci o nome dele, meu Deus ... sumiu... Aí tinha um primo meu, que entrou como fiscal. O nome dele era Chico Augusto. Aí, um dia ele estava doente, lá em Marau; quando deu fé apareceu a polícia, atrás dele; e ele estava doente, estava com uma febre medonha. Mandaram ele sentar, e ele sentou-se. Aí, mandaram ele de ir andar com eles, em Antas do Sono. Lá, no rio Gurinhém, que estava meião (com muito água); ele disse: "Eu não posso que eu estou doente." Aí disseram: "Não pode? Você pode estar na Liga. Como você pode, então, ser fiscal da Liga Camponesa? Fiscal é para

dar conta de tudo." Aí, ele também não quis mais teimar; passou tudinho, no espinhaço dele, feito um burro.

Tonny: Como é? Ele (Chico Augusto) tinha que passar os capangas, nas costas, atravessando o rio?

Manoel: Carregou todos eles, na costas, atravessando o rio, de modo de eles não ficassem molhados; e ele se queimando de febre.

Tonny: Meu Deus... Mas, que safadeza...

Manoel : (...) Ele tinha que ir, e ia mesmo, né. E também, ele era um pouco - muito... atirado..., Francisco Augusto. Aí, ele veio se embora, doente; ficou em casa, doente; agora, com aquela febre danada, entrar dentro de um rio, com a água quase até a cintura; e para carregar àqueles soldados todinho, né; para eles não se molharem... Aí depois, que a Liga (...), aí, ele foi se embora para Itapoá (município de S. Miguel de Taipú). Quando chegou lá, era com... Seu Vieira; era o dono da terra.

Tonny: Henrique Vieira?

Manoel : Não, não era Henrique; Henrique era o chefe daquele tempo. Ele morreu. De Tapoá era outro. Aí, o Chico chegou lá, e começou a luta com canavieiros de fora. Ia agitando um, agitando outro, e tudo mais para ninguém deixar o sindicato das Ligas; que o sindicato pertencia aos pobres, né. Aí, o seu Vieira ficou zangado e deu parte dele ao exército que veio, e levaram o Chico. Levaram ele para Recife. Lá, Chico Augusto ficou um bocado de tempo preso... Aí, depois, a família procurou, na polícia, saber se era vivo ou era morto; aí ficaram sabendo que ele estava meio "variado" do juízo.

Tonny: De apanhar, é?

Manoel: Não, não apanhou não. Foi castigando o juízo e puxando orelha, né, para dizer o que nunca fez, e ele ...claro que não gostou, né. Aí veio para casa, mas... com o juízo já bem enfraquecido. Ficou uns quatro meses..., em Recife. Eu mesmo já dizia que ele não voltava mais para Capim...

Tonny: Oh Manoel, isso foi antes de João Pedro morrer, ou foi depois?

Manoel: Isso foi depois. Deve ter sido um tempo antes do golpe militar. Ele falava aos camponês de não deixar as Ligas, o seu Vieira ficou sabendo e revoltou-se. Ele, ainda vive "Avariado" [já morreu] (...)

Tonny: Oh Manoel, do povo de Capim, era sócio das Ligas?

Manoel: Eu tirei minha carteira, mas depois quando eu vi que

a coisa arrouchou, aí não paguei mais. Dei negativo; mas meu nome ficou lá. Que quando Doutor Cassiano Ribeiro Coutinho foi para a sede das Ligas, intimou; pegou lá o livro e reconheceu os nomes dos moradores todinho. Aí, intimou os trabalhadores, que eles eram do sindicato de Mamanguape. Tiraram lá a carteira das Ligas, que aqui (Sapé) era muito visto, e nenhum deles ficou na terra da [fazenda] Una, que era de Cassiano, que ele botou todos eles para fora; eu amparei um bocado deles, aqui. Dei chão de casa a um bocado deles; ainda tem deles, aqui. Uns já morreram, mas está vivo o Zé Culi, que é o pai da rapaziado e Gertúlio está aí;outros já morreram.... outros estão em...Camaratuba.

Tonny: Oh Manoel, o senhor mesmo tem alguma experiência junto a João Pedro Teixeira?

Manoel: Demais! Ele era boa gente; dava bom conselho; de modo de seguir na luta, que assim um dia melhorava. Olhe, nossa - minha saída ... para não frequentar nas Ligas daí, de Sapé, era porque o meu patrão morava ali, no caminho para Sapé, nos Ambrósios; terra de Manoel Ambrósio. Mas ele não, nunca perseguiu não. Me perseguiu, foi quando ele entendeu de vender a fazenda dele, a propriedade; com Condurú (uma pessoa), aí ele veio ver se eu comprava, mas isso me jogava contra o resto do povo. Para não sair tudo, né. Tinha um tal de Santino, tinha Manoel (...), tinha João Casadio, Manoel Casado (...) Na venda, o Ambrósio botou 2 milhão; 2 milhão, aí, quando eu soube...; eu tinha conta na usina; eu tinha cana para botar na usina; aí, eu me arranjei com os Ribeiros [Coutinho], né; aí, ainda, botei 2 milhão e 300. Aí, eu me ajeitando, os troços que tinha; um gadinho que tinha, vendi, e tudo mais, para comprar. Aí, Dona Mocinha pegou, disse: "Olhe, é melhor vender aos outros de fora por menos do que vender a quem mora dentro".

Tonny: Olhe... O Senhor já morava lá, antes, né?

Manoel: Eu morava em Coelho [...] enquanto novo. Aí, ele foi; aí eu digo comigo, pois agora também, não quero mais. Aí, me temei da venda, que tinha vendido lá umas lavouras; uma soca de cana que vendi por 400 contas. Mas, ele não pagou, porque não tinha dinheiro. Aí, acertou o tempo... Digo, nisso aí, eu tenho folga. Folga, porque vendi, mas não recebi. Não tinha nada registrado. Aí, encontrei o homem, disse: 'Tá desfeito'. Ele falou: O que? Porque? Disse: "É, porque andei para toda banda e não achei nada para me comprar." Ele disse: "Será possível?" Falei: "Sim, achei, mas não me agradei. Aqui eu tenho todo meu conforto."

ENTREVISTA COM MANOEL HENRIQUE DANTAS,
PLANALTO, SANTA RITA.
CONCEDIDA A IR. TONNY, 11/04/2006.

Tonny: Hoje é dia 11/04/2006. Estou com Manoel Dantas, na casa dele, porque a fita que a gente gravou sobre as Ligas Camponeses, uns três anos atrás, quase quatro, foi uma das fitas que sumiram. Então, o Manoel está disposto a conversar de novo, e nos contar, para não ser perdida, esta história tão importante. Então, Manoel, conte como foi que entrou nas Ligas, quem conheceu e como é a história. Já estava falando sobre Julião...

Manoel: Estava lá em Sapé, Dr. Chico Julião estava, num comércio, mais ele o Dr. Assis Lemos. Aí, ele falou e disse, que Brasil...; Cuba era que nem Brasil. Que o Governo [de Cuba, antes de Fidel C] mandava chamar um rico, e ele não ia, lá não. Disse que ia se ele quisesse, e se não quisesse, não ia. Aí, ele [Fidel C] falou..., disse que falou com ele [o Gov.] de modo fazer Reforma Agrária. Aí, disse que não fazia por modo dos ricos, que não deixava. Aí, depois ele foi lá de novo. O Fidel Castro foi lá de novo, no Governo. Chamou de novo para fazer a Reforma Agrária. Ele disse que não podia. Aí foi e foi, já tinha ido a primeira vez, que disse que não podia. Agora foi de novo e disse: "É, eu vou fazer". E o cabra veio, disse: "Quando é, que vai fazer?" "Nada, eu vou fazer". [Fidel disse:] "Pois, marca o tempo para nós fazer". Ele [Julião] contando, né, para fazer a Reforma Agrária. Aí, ele foi lá de novo, aí, ele marcou o tempo, de modo fazer a Reforma Agrária. Quando ele marcou o tempo, ele foi lá, e disse que não podia.

Tonny: Aí, o Governo disse que não podia?

Manoel: Que não podia, aí, ele [Fidel] ajuntou. Disse que cada um pai de família, que tinha dois filhos ou três, ou quatro, cada um dava uma roupa; aquela roupa e um fuzil. Aí, quando foi, ele marcou lá, com o pessoal; se reuniu o Exército dele; ia o pessoal com ele, marcou o dia, foi, invadiu e botou o Governo fora, saiu. Quando saiu fora, ele [Fidel] ficou; 'tava governando, aí, mandou chamar um rico. O rico disse que não ia não. Aí, ele disse: "Pois vai chamar ele de novo". E assim chamou duas vezes e ele não foi. Aí, ao exército: "Vai chamar ele". Ele disse: "Eu vou, eu vou, agora só no meu carro". "Não, você vai aqui com a gente"; o exército: "Só vai aqui com a gente".

Tonny: Isso já foi o Exército de Fidel Castro?

Manoel: Foi. Ele contando, Chico Julião contando, em Sapé. "Eu só vou no meu carro". Aí, o Exército: "Não, você vai com a gente". Aí, ele disse que quando chegou lá, o Fidel disse: "Você pensa que está no seu Governo, é? Não, a ordem aqui é minha". E disse: "Passa ele no Paredão para ele ficar de exemplo, pros outros. Aí passaram ele no Paredão; ele contando, né.

Tonny: Paredão, o que é isso?

Manoel: Bala, bala; afuzilar, afuzilar. (...) Agora os rico, quando viu isso, desertou, deixou terra, deixou gado, só levou o dinheiro. Desertaram tudo; os rico mesmo, ele disse: - o rico mesmo. Aí, desertaram para os Estados Unidos. Quando chegaram lá de modo de se amparar, aí, os Estados Unidos cooperaram para eles ficar, no lugar. O rico voltar pra trás pra ficar no que estava. Aí, ele botou..., formou, ainda uma revolução, mas não continuou, não; aí ele ficou. Ficou até hoje.

Tonny: Fidel ficou. E isso Julião contando?

Manoel: Contando. Ele contando lá para todo mundo, lá em Sapé, na reunião em que ele foi e que Assis Lemos estava. E era muita gente.

Tonny: Sim, o senhor contando, já era bem adiantado; quando aconteceu isso. E quando foi que o senhor conheceu as Ligas?

Manoel: (...) João Pedro conheci lá, quando foi tomar conta, lá; que entrou nesta luta. Foi quando ele chegou, em Sapé. Foi quando ele começou essa luta, daí, nós acompanhemos. Aí, todo domingo tinha um comício lá, uma reunião. Todo domingo nós íamos pra Sapé; quando tinha nos domingos. Sempre era nos domingos.

Tonny: E o senhor fazia o que com aqueles assuntos que escutava lá?

Manoel: A gente escutava lá, e conversa lá, todo mundo. Muita gente batia palma (Manoel mostra como batiam palma): "Está certo!" Aí, tinha camarada que dizia: "Vamos morrer na terra... A gente está pronta pra morrer na terra de modo de resolver este caso, aí; um dia resolver isso". Até bem alto dizia isso e todo mundo gritava, né, batia palma, tudo isso.

Tonny: É... Vocês realmente, lutaram muito, não foi?

Manoel: É, a gente ia. A gente fomos pra Lagoa Preta. Não, primeiro..., foi. Ele foi pra Lagoa Preta; fez um comício lá em Lagoa Preta, porque o homem não estava pagando. Só estava pagando uma besteira de um salário. Não pagava nada; pagava o que ele queria. Mas foi gente para Lagoa Preta. Tudo armado de rifle. Até rifle levaram e arma de fogo. Pis..., pis..., naquele tempo tinha pistola.

Era pistola, era espingarda, era foice; tinha quem levava um pedaço de pau. Instalou aquele Congoi (...). Perdi até a palavra. Quando chegou lá, falou lá pra o dono.

Tonny: Quem ele?

Manoel: Dr. Assis Lemos. Perguntou porque não pagava o salário, mais os direitos dos trabalhador. – Nada. Não sei porque, não sei porque. Falou lá com ele e ele, também se afrouxou; não fez zoada não. Aí, ele voltou pra trás com aquele pessoalzão. Aí, quando chegemos na ponte de Manoel Amaro, essa ponte do rio [Paraíba].

Tonny: Mas aonde? É qual rio? Aonde é que fica isso tudo?

Manoel: É aqui, perto da Empresa de Tapoá; é em Tapoá. Tem uma ponte; chamava-se de Manoel Amaro, o nome, né. Manoel Amaro era quem morava, tinha um comércio e morava na cabeça da ponte. Aí, fomos; fomos de pé. (...) Ele mandou esperar em 'Manoel Amaro'; o pessoal esperar ele, quando vinha, o Dr. Assis Lemos. Dr. Assis Lemos peguemos em Tapoá. Aí, quando voltemos pra trás, a polícia estava, e aí o Dr. Lemos conversou lá e de lá seguimos, cada um para suas casa. Ele foi se embora e cada um foi embora, da ponte de Manoel Amaro; da ponte do rio; da Paraíba. Sabe onde fica aquela ponte?

Tonny: Sei; da ponte da pista, onde vai para Campina Grande.

Manoel: É, é ali. E depois o Dr. Assis Lemos foi para João Raimundo (pousada).

Tonny: Que fica perto de lá, também?

Manoel: É..., pertinho. Foi para João Raimundo, porque a Dona estava pra vender a propriedade, fazenda Massangana, né..., a Dr. Ramiro. Dr. Ramiro comprou e quando estava já medindo os terrenos, de modo despejar os povo sem direito a nada; os moradores sem direito a nada. Eles venderam (...) para outros, e os morador tudo esperando como é que era de modo de sair, e sem direito a nada. Outros compravam, aqueles lotes de terra e portanto, o camarada ficava desagasalhado. E teve um rapaz (Antonio Augusto) que escreveu; fez uma folhinha direitinho, aí, ele entregou a Dr. Assis Lemos. E com isso Dr. Assis Lemos marcou um dia: – Vá pra João Raimundo; espera por mim em João Raimundo; [Disse ao] Dr. Ramiro. Dr. Ramiro foi quem tinha comprado a terra. Aí, quando chegou lá, Dr. Assis Lemos disse [aos camponeses]: – Não compre terra! (Lotes). Vocês, quando eles vem conversar com vocês, diga que ninguém quer terra. Terra é pra trabalhar. Ninguém vai comprar terra, porque terra é pra trabalhar. E aí, começou, e Dr. Ramiro..., ele pôde..., nem conversar, porque não deixaram ele conversar direito. Aí, ele pegou

o carro e foi se embora. Foi se embora e ficou nisso. Aí, já estava medindo tudo... O povo disse: - Não; vamos quebrar a máquina e... quebrar tudo, o que estava se usando, o pessoal que estava medindo, né, lá os terrenos. A gente foi lá, se encontrar com ele. Aí, veio logo; o Dr. Ramiro veio logo para Massangana, né, avisar aquele povo que estava medindo. Aí pronto, ficou naquilo, ficou naquilo.

Tonny: Dr. Ramiro; quem era este Dr. Ramiro?

Manoel: Era um Doutor. Acho que era um Político. Acho que ele já era um político. Ele comprou as terra e estava medindo e vendendo os lotes. E o pessoal ficava na mão. O pessoal que era os morador.

Tonny: Quem estava vendendo lotes?

Manoel: Era o Doutor. Ele comprou a propriedade. Mediram todinho; não mediram todo, não acabaram de medir todo, ainda não, pois ainda estavam medindo. Por modo de eles comprarem [revender] por hectares, a propriedade.

Tonny: Mas quem era o dono?

Manoel: A dona era Dona Maria Augusta... E depois que houve a reunião, que foi aí, revogou; Dr. Ramiro desvaneceu...

Tonny: Não comprou mais?

Manoel: Não, desvaneceu. Foi tudo na (...), aí, foi dando, foi dando naquela revolta e...

Tonny: Ah, vocês conseguiram, então?

Manoel: Foi, mas naquela revolta ela vendeu, né. Foi em 64 que ela vendeu. Vendeu a um chamado Abílio. O Abílio que era estoporado e que era muito amigo de Dr. Pedro Gondim. Era até compadre.

Tonny: Pedro Gondim, que era Governador?

Manoel: Era Governador. Ele estava com uma força, que para botar um trabalhador para fora, ele destelhava a casa quando comprou. Não sabe? A Liga terminou, aí, ficaram lá em cima, lá em cima de novo e faziam o que queriam.

Tonny: Aí, foi feio, né?

Manoel: Foi. Aí, pronto; os moradores naquele tempo só foi... Aí, depois que aquela Liga terminou, que acabaram, o pobre sofreu muito..., foi... Aí, mandaram destelhar a casa. O foro, o camarada pagava..., quem pagava cem mil reis, queria que fosse logo duzentos, trezentos, os sabidos. Era assim. Homem, destelharam a casa, lá de amigo meu, lá perto, onde eu morava.

Tonny: É, isso foi no fim daquela luta; o Golpe Militar acabou com tudo... Mas antes, o senhor conheceu João Pedro Teixeira?

Manoel: Conheci!!! Ave Maria; ele me levou até pra o médico, em João Pessoa, que eu estava doente. Doente..., falei com ele. Ele disse: – Vá lá... Demorou um pouquinho, mas me levou pra João Pessoa, pra eu me consultar com o médico. Foi.

Tonny: Sim... E o senhor tinha conversas com ele, com João Pedro?

Manoel: A gente conversava..., conversava, mas..., eu ouvia ele falar, mas eu não botava muita idéia na cabeça, não. Eu não me lembro mais. Não me lembro... Era uma pessoa muito boa. É, era uma pessoa importante. Era, era; dava atenção pra todo mundo. Fazia benefício, fazia favor pro povo. Era, agente falava com ele, qualquer coisa, ele fazia benefício; levava pra João Pessoa. Me lembro que ele foi para Massangana, porque botaram um pra fora. Camarada chamado de Pedro Filipe, um tal de Pedro Filipe. O Zé de Almeida era administrador de Dona Maria Augusta. Ele fazia...; a propriedade estava por conta dele e ele fazia o que queria. O que ele mandar; que o negócio que ele fizesse, estava feito e ela não desmanchava. Aí, botou ele pra fora e João Pedro foi. Foi lá, falou com eles de modo de dá um acordo, mas eles não davam; queriam que ele saísse. Aí, ele [JPT] falava, que se quisessem que ele [o morador] saísse, que dessem uma coisinha a ele, de modo de ele comprar uma casinha, em outro canto. Aí, disse: – Não. Aí, disseram: – Ah, pois, não bota! Ele vai ficar. Ele fechou acordo de modo dele ficar na propriedade, porque eles não quisessem dar nada ao trabalhador. Aí, ele ficou. Ficou na casa, ficou.

Tonny: E quem fez o acordo, o administrador ou foi Dona Maria Augusta?

Manoel: Quem fez foi; foi diante de Dona Maria Augusta e o administrador. De modo de ele ficar. E depois, isso quando mataram João Pedro, ela se trepou nas pontas dos pés, disse: – Vêêem João Pedro, em Massangaaana, vêêem João Pedro, agora vêem, em Massangaaana.

Tonny: Não diga! Maria Augusta fazia isso?

Manoel: Foi. (silêncio...) Eu morava lá; disse. (...)

Manoel: Morreu, já faz muitos anos. Faz um bocado de anos. Eles venderam a terra e também o administrador morreu. Eles venderam a propriedade por cento e dez milhão; naquele tempo dos mil reis. O que era mil reis naquele tempo, né.

Tonny: Era cem milhão ou cem mil reis?

Manoel: Era mil não. Eu acho que era milhão. Sim, era milhão.

E depois foi que..., quando Castelo Branco tomou conta, foi que passou pra mil. (...)

Tonny: Tem mais coisa, assim, o que se fez lá?

Manoel: O Zé de Almeida morreu sem nada, acabou tudo quanto tinha. Zé de Almeida que era o administrado de Dona Augusta. Era um roço maior do mundo; um (...) contra o pobre.

Tonny: Sim, mas o João Pedro foi mais vezes em Massangana?

Manoel: Só foi uma vez.

Tonny: E como foi que o senhor e Severino Lupicínio e mais outros conseguiram animar o povo para entrar nessa luta?

Manoel: Foi, quando ouvia dizer, que compadre Severino era..., neste tempo era um amigo, trabalhou com ele; trabalhava mais ele na pedreira.

Tonny: Em Recife.

Manoel: Era. E era compadre com compadre, disse: - João Pedro está aí, com um negócio de Liga Camponesa, e vamos entrar com ele, vamos acompanhar ele. Eu disse: - Vamos! (...) aí, tiramos a carteirinha. Um tempo desse eu ainda tinha a carteirinha, mas levou fim.

Tonny: Ah, que pena. Mas, então, se lembra mais ou menos, em que ano vocês entraram?

Manoel: Foi logo quando ele entrou como presidente da Liga, né.

Tonny: Vocês estavam na fundação Das Ligas?

Manoel: Eu sei que eu não estava. Eu sei quando ele entrou, em Sapé. Compadre Severino tinha conhecimento com ele, né, e tinha...; disse que ele trabalhou mais ele em Mamanguape, mais ele, na pedreira.

Tonny: Em Recife.

Manoel: Não, em Mamanguape. É, trabalhou acula.

Tonny: Severino me contou que conheceu João Pedro em Recife.

Manoel: Foi. Ele conheceu, foi, trabalhando lá. Aí, depois que trabalharam lá, vieram trabalhar em Mamanguape. Se encontrou com ele em Mamanguape, trabalhando. Ele conhecia o pai de Elisabeth, que era Manoel Justino. Tudo contra ele. Tudo, tudo. Ave Maria, era o maior inimigo, era. Não queria nem o casamento da filha com ele, com João Pedro. E disse, que não queria de maneira nenhuma. Aí, ele foi, carregou ela, ou ela carregou ele; carregou, ele tirou ela. Fizeram o casamento mas ficaram inimigos. Maior inimigo, que não queria nem ver.

Tonny: Aí, ele foi morar lá, em Massangana.

Manoel: Quem, João Pedro? Não, ele morou num lugar chamado Barra..., Antas do Sono.

Tonny: Sim, mas antes, quando ele carregou Elisabeth, em 42, ele foi morar com um tio dele, Luiz Pedro, que era...

Manoel: Foi, foi, Luiz Pedro, que era tio dele. Conheço Luiz Pedro; morou em Massangana. Foi, uns tempozinho, foi. (...) Luiz Pedro era administrador em Massangana (...); naquele tempo Massangana era uma coisa só. Agora tem um bocado de Massangana, né? É (Assentamento) Massangana I, Massangana II, Massangana III Aí, isso depois que venderam e partiram, que era muito grande.

Tonny: É, é muito grande. Agora onde morava Luiz Pedro?

Manoel: Na vargem, junto da ponte, da ponte do trem, que chamava Cobêr de Espírito Santo pra lá.

Tonny: Cobêr..., Entroncamento?

Manoel: Sim. Luiz Pedro morava assim, pra cá e a ponte na frente, uma coisinha pouco.

Tonny: Sim. E Manoel, das Ligas, o que achou mais importante?

Manoel: Eu achei importante que, naquele tempo os homens estavam agitados porque viviam, que nem cativo. A gente ia trabalhar; ganhava 1600, sujeito a trabalhar da segunda feira, até (enquanto) os Engenhos ia botando cana, até na 6ª feira. Quando o camarada não ia na 2ª feira, o administrador vinha atrás: - Porque não foi trabalhar? - É fulano, eu estava doente, com fome. - É, vocês não tem terra não; vocês não tem terra de modo de trabalhar, de modo de viver sem obrigação, não. É, ele falava tudo isso. A gente vivia..., ele falava só em botar a gente pra fora. Qualquer coisinha ele dizia assim: "Quem não for trabalhar, eu quero a casa.

Tonny: Era aquele cambão? Trabalhar de graça?

Manoel: Cambão. Dar o cambão. Mas a gente pagava foro. E depois do foro, quando passou um tempo, aí, eu trabalhando - trabalhando muito mesmo, num roçadinho, lá vai, lá vai. Aí, eu pedi para eles fazer um foro e fizeram. Quando eu ia para pagar o foro foi 150 mil réis. (...).

Tonny: Isso foi antes das Ligas?

Manoel: Antes de haver as Ligas, muito antes. Aí, foram subindo; quando subiram o foro subiu pra 200; passou pra 300; só multiplicando. Passou pra 400; todo ano ia subindo. Quando..., ele ficou em 500 ainda. E 500 foi quando apareceu a Liga, aí, pronto, aí,

foi o tempo que ela vendeu. Ela vendeu, aí..., a gente fiquemos; [depois] Abílio que tomou conta.

Tonny: Sim, mas aí, as Ligas, nesta situação toda, ajudava em que?

Manoel: Não, a gente tinha muita promessa, né, que a coisa ia mudar; tinha que mudar isso. E foi dando, foi dando aí, acabou a Liga e ela vendeu a propriedade.

Tonny: Sim, e durante as Ligas vocês fizeram muitas caminhadas, né? Conta um pouco sobre isso.

Manoel: Fazia. A caminhada que eu fui, foi para João Raimundo, Lagoa Preta. [Povoados dentro da Fazenda].

Tonny: Mas nas áreas da usina, também?

Manoel: Fui não, fui não. Agora, eu vi os enterros, que ouvi. Que este Doutor... da Usina São João, um tal de Gouveia, foi pra lá; os companheiros que foram, contaram. O Gouveia foi pra lá, o povo estava trabalhando e ele foi empatar, que nem na propriedade não foi; na propriedade pra matar o povo. Chegou pra lá e ele quem morreu. Ele morreu e dizem..., acho que a Polícia ainda atirou em dois, lá de Mari; em Mari, aí, foi pra lá e eu fui no outro dia, eu fui para o enterro.

Tonny: Manoel, quem mais animava o povo, em Massangana?

Manoel: Em Massangana, Antônio Augusto; ele sempre foi um dirigente pra mandar. Olha, de comunicar as coisas, lá dentro foi ele, Antônio Augusto. Ele morava perto de Cobêr, do lado de Massangana. Cobêr, da Usina, né, que era o terreno da usina (...), morava em Massangana. Ficaram muito mordido com ele. Os donos né. Estavam botando a mata a baixo, quando Dr. Ramiro queria comprar a propriedade; pegaram de despenhorar a mata. Aí Dr. Assis Lemos disse: "Vocês empatem pra não botar a mata a baixo". Aí, chegou Antônio Augusto que era o chefe (...) do lado da gente, né. Ele comunicava muitas coisas né, e ele estava como chefe, lá. Aí, ele foi, empatou, parou; parou o corte de lenha. Aí, o Dr. Assis Lemos disse: "Querem é, avoar vocês; não deixa ele botar a mata abaixo e nem tirar a lenha, daqui, que já estava cortada. Aí, pronto.

Tonny: E vocês seguraram?

Manoel: É, foi; a gente foi e segurou; segurou um bocado de tempo. Mais depois, foi neste meio que a Liga terminou, que terminaram a Liga. (...) Aí, desistiu; pronto saiu, aí, pegaram a cortar, aí ele pegou o corte da mata, o corte de lenha na mata, aí com pouco tempo venderam, fizeram negócio; foi em agosto; vendeu a usina. A Usina não quis; disse que não tinha dinheiro pra comprar. Porque

disse que, se fosse indenizar o povo, disse que dinheiro da terra não dava pra indenizar as benfeitorias do povo. Aí, devaneceu e daí, chegou este Abílio; este Abílio era um camarada que vendia buçada. Tinha uns caminhões botando terra e pegava, comprava pedra; tinha pedreira e pegava as pedras, botava pedra pra João Pessoa para a prefeitura, lá. E amigo de compadre, compadre de amigo, de Pedro Gondim. Aí, não sei que foi que houve, o que fizeram..., aí ficou comprado, Massangana. Abílio tomou conta como o dele. Mas o povo..., soltaram uma conversa, aí, que não posso nem lhe dizer.

Tonny: Porque?

Manoel: Abílio disse que Massangana foi comprado com dinheiro do Estado. Aí, entregou a Abílio para Abílio tomar conta. Abílio chegou, meteu bala pra trabalhar e pra botar os morador pra fora.

Tonny: E desta vez, vocês também foram?

Manoel: Estava morando lá. E agora ele pegou, botando muita encrenca com o povo, aí, um morador dele; se mataram.

Tonny: O que?

Manoel: Se mataram. Não houve um dia de eleição, em 67, 16 de novembro. Ele botando o peito lá e..., enrascado e lá vai e tinha um bocado de capanga com ele. Aí, ele, por modo de um 'abacaxi'; ...não ele pegou por modo de um..., este Paulo Gino era administrador dele, foi ser administrador. Viu que não dava, aí entregou a administração.

Tonny: Paulo Gino [membro das Ligas, logo antes] era administrador de Abílio?

Manoel: Foi, foi uns dia, mas não dava e ele entregou, né. Aí, ele disse que plantou uma carreira, plantou uma vazante de gerimum, aí, quando ele entregou (a administração) Abílio disse: 'Eu vou botar um gado dentro, viu Paulo.' Paulo disse: 'Oh, Abílio', eu ouvi não! A conversa deles, não, o povo disse, que tava lá. Pois, começou assim, né, a zoada deles. (Paulo): "Seu Abílio, vamos fazer um cordial acordo comigo. Eu vou tirar uma carrada de gerimum; o senhor me dá trinta dias; com trinta dias eu tiro uma carrada de gerimum, aí, pode botar o gado'. Aí, ele disse: 'Está feito Paulo, está feito'. Quando Paulo subiu uma ladeira para chegar em casa, quando olhou pra traz, ele viu, aí viu o gado, estava assim, oh, o gado estava tudo espatifando, tudo. Aí, quando chegou, ele maltratou muito o gado de Abílio, quando viu o gado na lavoura, né (...); aí os capangas de Abílio, viram aquilo, correram, foram contar a Abílio. Aí, o Abílio mandou chamar ele; ele foi...

Tonny: Olha, este Paulo Gino, eu tinha entendido de Socorro que este Gino era um líder das Ligas Camponesas.

Manoel: Era, era líder da Liga Camponesa, em Massangana; andava juntos com a gente pra todo canto. E depois quando acabou as Ligas, foi que ele foi ser administrador de Abílio, quando Abílio comprou. E depois foi que se rascaram e se deu este problema.

Tonny: Ele não era o presidente do Sindicato?

Manoel: Foi. Depois desta briga dele com Abílio, lá no sítio dele, se mudou-se. Ele foi pra o Dr. Equimédio [Arquimedes]; Dr. Equimédio la ajeitou; Abílio, ainda pagou a ele; Paulo queria até botar Abílio na cadeia. Ele não botou por causa de Dr. Equimédio. Aí, Dr. Equimédio botou ele como presidente do Sindicato de (Cruz do) Espírito Santo.

Tonny: Quem é este Dr. Equimédio?

Manoel: Era Juiz de João Pessoa. Aí botou ele pro Sindicato e o Paulo disse que o Abílio pagasse ele, e pagaram, então... E quando foi no dia da eleição, foi no dia da contagem dos votos, aí, se desmantelaram pra lá.

Tonny: Sim. O senhor também conhecia o Pedro Fazendeiro, o Nego Fuba?

Manoel: Conheci. Nego Fuba, era; João Alfredo, chamavam Fuba, Nego Fuba, mas o nome dele era João Alfredo.

Tonny: O que o senhor conta sobre Pedro Fazendeiro e Nego Fuba?

Manoel: É para mim eram umas pessoas boas. Eles davam todo detalhe pra gente, como era, como era de fazer, nê. Como era para conseguir a Lei. É.

(...)

Tonny: Sei. E o senhor andou muito para vários cantos, para..?

Manoel: Não. Eu só fui para João Raimundo e Tapoá, Lagoa Preta. Só.

Tonny: E lutava lá, em Massangana mesmo?

Manoel: Lutava em Massangana, que quando João Pedro começou esta Lei, eu já estava morando em Massangana; quando começou a luta, estava morando em Massangana.

(...)

Tonny: Não foi (junto com Elias) falar com Julião, em Recife?

Manoel: Não. Eu vi Julião, Dr. Chico Julião umas três vezes, em Sapé. Foi as vezes que eu vi ele lá. Eu ia para o comércio, lá. Isso era no domingo.

Tonny: O que o senhor conta sobre os encontros nos domingos?

Manoel: Tinha muita conversa, mas não estou lembrado mais. Eles davam muitas detalhes a gente; diziam as coisas como era, como não era. Quando ele (JPT) começou este negócio da Liga, eu não sabia não. Compadre Severino (Lupicínio) disse: "Compadre, João Pedro, agora vai ser um chefe da Liga. Então, se é pra tirar, nós todos tiram a carteirinha". Ele disse de modo tirar a carteirinha. Aí, seguimos, foi. Agora, não sei se fazia tempo que ele entrou.

Tonny: Foi depois de 54.

Manoel: 54, foi? (...) E os homens tudo contra ele. Se-diz que..., (...) Dr. Renato mandou chamar ele pra acabar com a Liga. Foi pra ele acabar com aquilo, né. O terreno aonde ele morava, era do sogro. Se diz que era de uma irmã dele, né, onde foi morar. Era. Era a mulher de Júlio Guabiraba; foi até delegado, que morava nesta casa. Tinha sido, era ex-delegado. A mulher de Júlio Guabiraba, que era delegado antigo; e ela era irmã da mulher de Manoel Justino.(...). Eu me lembro da casa onde ele morava.

Tonny: Mas o senhor estava contando que o Renato Ribeiro; ele fez o que?

Manoel: Sim. Eu não vi nem ouvi não, mas se diz que Dr. Renato o mandou chamar pra ele acabar com o negócio destas Ligas. Aí, ele disse: "Doutor, eu não acabo não. Não acabo, porque eu confio, eu..." Ele disse um ditado, quer ver? "Eu,... eu prometi aos companheiros da Liga e eu vou até o fim, nesta luta. Vou até o fim". Aí, R.Ribeiro disse: "É, pra acabar com isso, o terreno, lá, eu mando passar o papel e o terreno é seu; o sítio, se desmanecer". E ele: "Não, eu prometi que ia até a morte, nessa luta". Aí ele disse: "Acaba com isso, que eu dou logo esse terreno pra você; passo agora o terreno pra você; a escritura, pra a terra ficar pra você". Aí, ele não esmoreceu, não quis, não aceitou. Ele prometeu aos companheiros, que ia até a morte. (...)

Com a morte de Abílio; foi quando a Usina comprou [Massangana]. Aí, eu vi que ia passar fome; já estava passando, porque eu fui trabalhar e com uma semana ganhava cem mil reis!

Tonny: Mas ele deixava trabalhar se quisesse?

Manoel: Era; se quisesse. Mas, tomou os filhos da gente; como a gente ia trabalhar pra gente, na agricultura tinha que desertar, né.(...)

ENTREVISTA COM MANOEL PEDRO DE ARAÚJO,
JOÃO PESSOA.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM 2002.

Tonny: Manoel, você falou sobre um tio que foi morto, durante as Ligas Camponesas.

Manoel: É meu tio, Pedro Fazendeiro, irmão de meu avô, meu avô completa em agosto 100 anos, ele ainda evita de falar nas Ligas Camponesas, tem lucidez perfeita, mas ele evita... tem sinônimo de repressão, mas ele militou nas Ligas Camponesas e foi preso no quartel do 15 de João Pessoa, e... foi torturado; ouvi relato de pessoas que sabia dessa história da... tortura dele até a morte. Quem conta isso é pessoas da família dele, uma sobrinha, hoje já tem 70 anos e ela conta que ouviu de algumas pessoas; ela procurou saber dessa história conseguiu chegar até isso, aí. É Otavia, que mora em Cruz das Armas. É depois o Pedro Fazendeiro foi torturado e morto pelos militares, preso no quartel do 15 e foi jogado num canavial na beira da estrada, aí próximo a Cruz do Espírito Santo, Santa Rita, o corpo foi carbonizado e jogado na beira da estrada para camuflar e dizer que foi uma coisa qualquer.

Tonny: É, mas parece que tem várias versões, né?

Manoel: É verdade; as pessoas que militavam naquele tempo todas foram assassinadas misteriosamente; desde do assassinato mais calmo que teve desde as Ligas Camponesas; a gente só sabe que foi Zé Silveira, porque Zé Silveira foi assassinado por Manoelzinho, em Itabaiana e teve prisão em..., na hora. Foi flagrado, o assassinato foi em público. O restante das Ligas Camponesas, como Pedro Fazendeiro o Nego Fubá, João Pedro Teixeira tudo foram assassinado que até hoje não foi assumido, ainda, a autoria. O Pedro Fazendeiro foi tido como que foi carbonizado (...) num canto, e não sabiam que tinha sido liberado, nunca chegou em casa.

Tonny: Manoel você conhece mais lideranças das Ligas que foram mortas?

Manoel: Não, não conheço mais nomes. Conheço a história que na fazenda Miriri, houve um massacre, em que pessoas foram mortos (...). Também na região de Sapé, houve várias pessoas assassinadas, mas não conheço. Mauro Silveira é irmão de Zé Silveira. Mauro Silveira perdeu o irmão e hoje tá (...) na política paraibana é secretário do governador Maranhão (...) acho que Mauro Silveira

pode dar uma contribuição num bocado dessa história, dessa Liga Camponesa.

Tonny: Você também falou em Filinto, quem é ele?

Manoel: Felinto é um senhor, um homem trabalhador, mora no sítio, Águas Claras, na região de Mamanguape, na beira do Rio Camoratuva. E eu conheci, fazendo visita pastoral, quando militava na CPT e ele começou um dia a me contar das Ligas Camponesas... as pessoas que foram torturadas, as pessoas que foram mortas. Toda aquela perseguição, aquele massacre, aquela tortura e ele como se livrou daquilo tudo, e falava como tivesse vivendo aquilo (...). Eu me lembro muito bem, porque era uma coisa que ele falava com tanta veemência, com tanto pavor, que ainda tinha daquele tempo de perseguição. Então, acho que é uma pessoa, também poderia se conversar e ajudar nessa história.

Tonny: Você falou também sobre o chocalho.

Manoel: É, essa história do chocalho, eu acho que até pra ajudar, porque algumas lideranças aqui, da Ligas Camponesas ameaçavam de pôr nos pescoço daqueles que se colocavam contra as Ligas Camponesas; o que não aderira as Ligas Camponesas que criticava as Ligas Camponesas eles ameaçava, perseguia os trabalhadores, naquele tempo. Então, uma forma de reação contra o latifundiário ou quem se colocava contra esse Movimento era posto o chocalho como forma de punição; eram dois lados que se confrontavam, os trabalhadores colocaram o chocalho no pescoço de um fazendeiro brabo.

Tonny: Mas, também gente simples que por qualquer motivo não queria acompanhar as Ligas, né?

Manoel: É, algumas queixas que se tem ouvido é essa: que quando tinha gente que não aderira ao Movimento que... segundo o que ouvi; fecharam, por exemplo, a pista, a estrada; quando tinha alguém que se revoltava, eles botava o chocalho; não sabiam avaliar as conseqüências políticas de alguns atos deles; um ato negativo, o fato desse chocalho. (...) A outra pessoa, que pra mim é uma história viva das Ligas Camponesas é a viúva de João Pedro Texeira. Eu conversando com Elizabeth, ela falava a história do marido e a esperança que tinha de dias melhores. Acho que toda luta desses trabalhadores foi por dias melhores; sair da escravidão do latifundiário, já naquele tempo. (...)

**ENTREVISTA COM MARIA DA PENHA LIMA DE SOUZA,
MARIA DA GUIA E O SR. MANOEL, ASSENTAMENTO
VIDA NOVA, CRUZ DO ESPÍRITO SANTO.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 04/11/2001.**

Tonny: Hoje, 04/11/2011, estou no Assentamento Vida Nova com Dona Maria da Penha Lima de Souza. Penha nasceu em 56. Então, Penha, o que você via e ouvia sobre as Ligas Camponesas?

Penha: Em 1963, a gente morava no Sítio Mata, que faz parte da Fazenda Gendiroba, em Mari. Lá existia um pessoal, que tinha a carteira das Ligas Camponesas. E nós, por exemplo, fomos umas das que chegaram a morar na casa de um deles, que teve que fugir à noite, para Mamanguape; e outras mais, por exemplo, o Sr. Antônio Bontempo era muito conhecido lá. E eles fugiram por conta dessa perseguição às Ligas Camponesas, por serem inscritos com as carteiras. Então, eles eram procurados, para serem tomadas as armas. Eles chegavam até a enterrar as armas debaixo da terra. Cavavam um buraco e enterravam para não serem encontradas pelos empregados da fazenda, pelos vigias, e com a ordem de Renato Ribeiro. Por isso o pessoal se amedrontava e fugia à noite. Então, uma dessas casas sendo desocupada, de imediato... acontecendo esse fato, de imediato o administrador, o qual era genro do meu pai adotivo, que me adotou com três anos de idade... Então, nesse tempo, a gente foi chamado para ocupar uma dessas casas. (.). E, nessa época, eles trabalhavam para eles mesmos. Então, por conta dessa perseguição, eles fugiram, e a gente ocupou essa casa, mandado por ordem de empregados da usina. Nesse tempo, mesmo a gente morando lá, em 64, eu estava fazendo uma visita lá, mais a minha mãe adotiva, e na volta, quando a gente vem passando num setor de arroz, a gente viu uma situação de tremor: Carro queimado, muitas coisas lá queimadas. Um dia após a viagem, em que a gente tinha ido fazer uma visita à família da gente, em Pirpirituba. Aí, quando voltamos, tinha acontecido essa situação de guerra, lá, das Ligas Camponesas... os usineiros mandando os policiais... não sei... só sei que tinha acontecido em Mari, num campo. Aí, ao passar, a gente viu carro queimado, muitas coisas lá queimadas. Aí, soubemos que tinha sido justamente a Liga que, com esse combate, tinha queimado o carro, matado pessoas e tudo... E a gente ficou muito assombrado para continuar a viagem, para chegar até o Sítio Mata, porque dava doze quilômetros de distância, e a gente à pé de Mari para Sítio Mata, passando em

Gendiroba, e, antes de Gendiroba, acontecia isso, tinha acontecido esse caso de tristeza, de agitação muito forte, em 64.

Tonny: E a reação do povo? O que vocês encontraram de reação?

Penha: Todo mundo assobrado, não é? Com a situação, com o que podia vir a acontecer, mais pela frente.. Antes desse momento mesmo de agitação, em 1964, esta época... Lembro que em 1964, nesse momento de agitação, a esposa de Sebastião, ela estava para ganhar esse o quinto filho, e foi um dos momentos mais agitados: ela esperando para ter esta filha, e ele foi chamado, mandado, ordenado para ir combater, em favor do administrador da fazenda Santo Antônio, por ordem dos Ribeiros. E a ordem que eles tinham era para, quem entrasse de estranho, rajar fogo, não é?. Em perseguição a (...) trabalhadores que, queriam "achocalhar" o administrador da fazenda Santo Antônio. Então, nesse momento, Sebastião teve que deixar a mulher sofrendo, no momento do parto, e foi [mandado] para essa situação. Então, nessa data aí, mais ou menos dia 18, aconteceu esse momento forte, em que foram fazer barreira na Fazenda Santo Antônio, para rajar fogo. - A ordem que tinham era rajar fogo contra pessoas estranhas, para que perseguindo...pegar João Pedro Teixeira. (...) João Pedro Teixeira não era uma pessoa má, era uma pessoa que procurava fazer o bem às pessoas, mostrando que existia lei, pelo Governo, que cabe o direito de ser respeitado, e que eles não respeitavam a lei que eles, os usineiros mesmos assinavam...

Tonny: Oh Penha, João Pedro Teixeira foi morto em 62. Em 62 você já escutava alguma coisa? Você morava onde? O que você escutou?

Penha: Eu escutava os mais velhos falar que ele era uma pessoa, uma pessoa que conhecia as leis, que eram feitas pelos homens; que era uma pessoa evangélica, era uma pessoa de boa qualidade, uma pessoa de boa natureza. Quando ele foi morto, ele tinha ido a João Pessoa, comprar os livros para os filhos, e quando voltava, mataram ele. É isso o que eu sei contar do tempo em que eu era criança, escutando os adultos, quando morava em [fazenda] Fundo do Vale, e de lá mudando para o Sítio Mata, perto de Gendiroba. Que era todo de Renato Ribeiro Coutinho. Inclusive, meu pai era vaqueiro dele. (...)

Tonny: Chegaram algumas visitas, e agora a conversa vai ser entre Maria da Penha, Manoel é a esposa dele, Alzira, e uma nora, que é Da Guia. O sr. Manoel era de Massangana, depois foi para a áreas da usina Santa Helena.

Penha: (...) Eles tinham o poder na mão. Quem era leso, naquela época, de falar coisa contra os Ribeiros [Coutinho]? Quem vivesse naquela área, mais próxima a eles!?... Porque, é como diz a história, aqueles administradores que faziam um trabalho satisfatório para os Ribeiro, aqueles dali, iam subindo como uma escadinha, como eu disse daquele administrador que passou a ser capitão. Seu Manoel conheceu, quem foi?

Manoel: João Melo... Zé Melo... Não, foi João Gomes.

Penha: João Gomes. Ele era administrador, e passou a capitão. Por quê? Este é quem agradava ao patrão, não é? E era quem tratava de evitar que as pessoas se aproximassem de outras pessoas, que tinham conhecimento. É como Da Guia aqui falou, conversando comigo, antes. Ela lembrou...

Guia: Que meu bisavô contava a meu pai, que ia ter a lei dos moradores, que moravam na terra da usina; terem o seu pedaço de terra para morar... e a gente dizia que era mentira, que não...

Penha: O que é que resulta disso, que a Guia falou? Por que o bisavô dizia isso para o pai de Guia? Ele deixava bem claro que alguém esclarecia a lei, o direito, que um dia ia ser respeitado. Como de fato, hoje nós estamos vendo que alguma coisa já temos de resultado. Quantas famílias nós já temos? Centenas de famílias já, na posse da terra de assentamentos. Pois, é graças ao conhecimento que, de fato, João Pedro Teixeira trouxe, mesmo como fogo de monturo, queimando lá por baixo, o povo [rícos] querendo cobrir.

Tonny: Esse seu bisavô mora onde?

Penha: No Engenho São Paulo, em Cruz do Espírito Santo.

Tonny: Na Usina Santa Helena, quase não penetrava a notícia das Ligas Camponesas. Explique como era...

Penha: O povo temia repassar o assunto para os filhos. Mesmo que os pais conhecessem a história, não repassavam para os filhos, com temor, com medo, frustrados com o que tinha acontecido lá por fora.

Tonny: As turmas das Ligas iam onde havia injustiças. Então, nas usinas, não havia injustiças?

Penha: Existia injustiça, mas o povo era dependente desse dos usineiros.

Tonny: Não iam atrás de João Pedro?

Penha: Não iam, porque se fossem, perdiam a moradia, perdiam o direito de trabalhar, de morar na área...

Alzira: Os usineiros chegavam de noite, cortavam as terras, onde o povo havia plantado.

Guia: Antes dessa época, eles tinham oportunidade de

trabalhar em terra livre, plantavam suas fruteiras... mas, quando eles começaram a desenvolver esse conhecimento, no tempo em que foi proibido de plantar o roçado do povo, aí os usineiros vinham de noite, cortavam as terras do povo, dos empregados. Aí, de dia, o pessoal e o sindicato se juntavam e iam plantar. Aí, os usineiros, teve um tempo, se juntavam para matar o dono da casa, que fosse plantar, e o sindicato também. Aí plantaram tudo de cana, e o morador da casa não ficava plantando nenhum pedaço de...

Penha: Porque deixavam quatro contas de terra ao redor da casa, proibiram o pessoal de criar.. Amarrava o bicho num pé de pau, se quisesse criar, e para tirar ração, nem uma folha de cana podia tirar, de jeito nenhum.

Guia: O senhor Chico Moreno, que plantou um pedaço de lavoura, [o usineiro] mandava cortar. E o sindicato vinha mais o dono da casa, e plantavam. Aí, ameaçaram o dono da casa; queriam matar ele, aí ele desistiu e não plantou mais lavoura. Foi tudo [plantado] de cana...

Tonny: Isso foi quando?

Penha: Isso foi depois de 68 para cá, nos anos 70, por aí. Os políticos de Sapé ou Espírito Santo perdiam [as eleições, e]... cada vez que os políticos que eram do lado da usina perdiam, começavam a fazer perseguição aos moradores. Não plantavam roçado, não criavam... se desobedecessem, desocupavam a casa. Não faziam recuperação de casa. [Os moradores] Só votavam no partido dos usineiros, não podiam votar noutro partido. Isso tudo com raiva, por conta desse acompanhamento das Ligas Camponesas. Fazia parte disso. O senhor, Manoel, se lembra que toda a perseguição começou de 64 para cá? O Sr. falou que era agricultor, vivia do plantio, mas a gente tem conhecimento de que o senhor sempre negociou cortando carne, como marchante.

Manoel: Comecei, eu estava com 18 anos. Naquele tempo, eu cortava [carne] para entrega. Vendia a carne aqui na usina, na feira... E gado eu matava por festa, por ano, para vender a retalho, no corte. Agora, eu entregava no barracão do Sr. Agnaldo, em Cuité, Zé Brás, em Cuité também, (ou Boa Bista?), Heronides, João Ribeiro, em Massangana e Boa Vista... Uma base de uns dez barracões, na usina; Santo Antônio, Massangana...

Penha: E lá, quando o Sr. ia fazer entrega, com aquele povo todo lá, o senhor não ouvia falar nada sobre João Pedro Teixeira?

Manoel: Não, senhora. (...)

**ENTREVISTA COM MARIA DO SOCORRO DE PAIVA,
JOSEFA MARIA DA SILVA, JOSÉ VICENTE DA SILVA E
MARIA JOSÉ LUÍS DA SILVA (MARIA DE DUDA),
ASSENT. MASSANGANA I, CRUZ DO ESPIRITO SANTO.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 30/11/2001.**

Tonny: Bem, estou na casa de Maria de Duda; ela também já morava aqui nos tempos das Ligas, e eu vim pra cá com duas filhas de Dona Juraci, com quem a gente falou antes. Então, aqui está Maria do Socorro e Josefa Maria (Zefinha), duas filhas de Dona Juraci. Como era a vida nestes tempos que as Ligas começaram?

Socorro: Bom, eu me lembro nos tempos de 55, porque eu já estava com 07 anos. lembro-me, que papai tinha muito medo de entrar em Movimento Sindical, naquele tempo tinha Liga Camponesa. Mas como a Liga Camponesa dava muita assistência ao trabalhador rural... Assistência médica, dentária, remédio. Quando adoecia uma pessoa, era como o sindicato hoje, quando adoecia uma pessoa, ia lá na sede da Liga Camponesa e lá tinha o médico pra atender; tinha o dentista pra extrair o dente. Um registro, se precisasse de tirar, eles também, ajudavam a pessoa a tirar aquele registro, porque não tinha a facilidade que nós temos hoje. Então, por essa razão, a gente sentiu a necessidade de... Mamãe adoeceu e papai sentiu a necessidade de se associar na Liga Camponesa, mesmo com medo, mas incentivado por Manoel Dantas, que morava aqui, que eu falei há pouco tempo atrás, e Severino Lupicínio, que eram dos fortes no movimento.

Tonny: Esses dois eram liderança da Liga?

Socorro: Da Liga Camponesa. Moravam aqui. Antônio Augusto que também era um líder, ele era um fiscal, ou era um tesoureiro da Liga Camponesa, que morava também nessa comunidade. Severino Custódio que também era do movimento. Só tem esses dois, Severino Lupicínio e Manoel Dantas, que ainda moram em Santa Rita. E os outros não existem mais. Eles começaram a aconselhar papai pra se associar também na Liga, e papai se associou. Mais ou menos aí, em 58, que papai se associou. Aí, ele fazia parte do movimento, assistia as reunião, em Sapé. Ele se associou em Sapé. E o presidente na época era, João Pedro Teixeira. Já naquela época ele era o presidente, da Liga e a gente recebia essas assistência. Quando tinha necessidade era lá... e também participava... Ele [JPT] conversava com os trabalhadores, como se organizar, pra conseguir terra pra trabalhar,

lutar por salário justo, que era uma das metas que a Liga Camponesa tinha, e ter direito a escola dos filhos dos trabalhadores, que naquela época a escola também não era gratuita, era escola privada; quem podia, era quem estudava, pagando pequeno salário, mas saía do bolso pra pagar. Que não tinha nem Municipal nem Estadual como temos hoje. E começaram a se organizar. Papai participava das reuniões. Não era como Severino Lupicínio, Antônio Augusto, Manoel Dantas, não, esses não faziam falta, lá em Sapé. Aí, quando foi nos anos 60, aí foi que começou a se expandir mais a Liga Camponesa, né, mas também veio o movimento da ditadura, que começaram a perseguir os camponeses, né. Aí, com essas perseguições, papai não fazia, não participava como antes. Era indiretamente, a participação dele. Até que chegou a oportunidade de haver a eleição, e no qual João Pedro se candidatou pra... eu não sei se foi para prefeito do município, não lembro muito bem disso aí; eu sei que ele se candidatou, saiu candidato.

Tonny: Não era Ivan Figueiredo?

Socorro: Isto mesmo. Era, Pedro Gondim era na época, e... eu sei que o partido dele perdeu a candidatura. O partido da oposição, [em 63]. (...) E pra governo Pedro Gondim, né. Era Pedro Gondim e o outro era Janduí Carneiro. Eu sei que o partido de João Pedro Teixeira, foi derrotado nas eleições, né. Perdendo as eleições, aí eles [os 'grandes'] se sentiram poderosos e começaram a oprimir mais e mais, né. O assassinato; premeditaram o assassinato de João Pedro Teixeira. Aí a Liga Camponesa, além de perder as eleições, perdeu também o líder da Liga Camponesa em Sapé. Né? Foi triste, mas todo mundo aí, todo mundo ficou muito assustado, né. (...)

Tonny: Sim. Zefinha, você se lembra o que daquele tempo?

Zefinha: Olhe, a vida aqui, antes daquela confusão toda, era uma vida boa, porque todo mundo vivia tranqüilo. Na época era de Dona Maria Augusta, a proprietária; ela era viúva, mas ela era uma mãe pra 'os seus filhos'. Com certeza, porque aqui todo mundo trabalhava. Na época papai pagava foro. Era um direito que pagava anualmente, cada ano, e quem não pagava foro, dava três dias na fazenda, que chamava-se de cambão. (...)

Tonny: O senhor se lembra o quê daquele cambão?

Seu José: Me lembro que era um dia por semana e não era pago.

Zefinha: E assim vivia o povo. Quem pagava o foro era do foro, quem pagava cambão era do cambão. O trabalho, cada um trabalhava como podia trabalhar. A lavoura branca mesmo, é como

no dia-a-dia, que ainda hoje nós trabalhamos aqui com lavoura branca. E...

Tonny: Vocês não plantavam fruteiras?

Zefinha: Plantava. Plantava tudo que você quisesse plantar. Só a várzea é que ela precisava pra plantação de cana. E a área aqui da mata, que antigamente aqui era uma mata, desde aí, da estrada até Boa Vista, era mata. Então, ali era cercado. Trabalhava em área de cercado; o gado pra lá, na vargem de cana e o resto de todo mundo trabalhar e assim vivia antigamente. É, sendo que depois da Liga Camponesa, os atritos, os camponeses também ficaram um pouco agitados, né isso? Muitas vezes...

Tonny: Como eram esses atritos dos camponeses?

Zefinha: Por exemplo, aqui eu morava, mas se eu quisesse trabalhar ali, eu trabalhava e ela não podia impedir, porque eles tomavam conta mesmo; essa área foi todinha transformada em residência.

Os camponeses pegavam e chegavam aqui: - Eu vou tirar este pedaço de mato pra mim trabalhar. Fazia picada e ali construíam uma casa e tava lá, com a família trabalhando. Outros, colocavam animais dentro da cana, dela, botavam os animais pra pastar, estragava a cana dela todinha, e com aquilo tudo, ela foi...

Tonny: Quem incentivava isso?

Zefinha: Ninguém sabe. O incentivo de quem? Deles mesmos, de cada um. Era somente ter a idéia; vamo fazer isso, e ia fazer mesmo. Porque eles fizeram também, muitas coisas que não foi muito viável. Os camponeses aqui, né? Aí, então havendo, com essas consequências toda, depois de muitas residências, tiravam a terra e ali ia trabalhar, sem mesmo que ela consentisse isso; ela foi ficando um pouco triste e tentou vender, né. Vendeu a fazenda. E ela só vendeu a fazenda, eu tenho certeza, por essa causa.

Tonny: E Maria se lembra o quê daquela época?

Dona Maria: Me lembro, era que o povo vivia tudo assombrado com essa história de Liga Camponesa. E chegava um bocado de gente da banda de Sapé, até policial vinha. E o povo, os morador se mandava, no meio do mundo, na carreira, assombrado; às vezes corriam ainda atrás, atirando, mais... Às vezes, até de noite, ele (Duda) uma vez saiu de noite e fazia poucos tempo d'eu casada né; ele saiu de noite; ele, Seu Manoel Dantas, Moisés, e... um bocado; aí, Antônio França, caiu... Antônio França caiu no terreiro com medo, quando viu, bateu num sei em que foi, que os botão da calça avoaram todinho. Foram dormir na casa de um velho chamado Seu Mariano, ali, em

Maraú, numa mata. Quando foi no outro dia, chegaram como a raposa, quando vai dar uma volta num pinto, tudo assombrado.

Agora pela patroa, Dona Maria Augusta, ela num mandava ninguém, dava pancada em ninguém, (...)ela era uma pessoa muito boa, vivia direitinho com os morador dela. Ela num pagava, mas no final do ano, aquele que, trabalhava direto assim na diária, semanal, pra arrumar a bóia, ela pagava e no fim do ano ela dava cada qual, seu quilinho de carne.

Tonny: E Seu Duda, se lembra da fugida, que o senhor deu com os Dantas?

Dona Maria: Daquela vez, Duda, que tu saiu de noite e dormisse fora, mais Moisés, e Antônio França.

Seu José: Isso aí, eu me lembro, que eu... Não sei se foi uma noite ou se foi duas; mas o resto eu não me lembro mais nada não.

Dona Maria: Luís Tristão, ficou dentro de uma loca de uma pedra, com medo.

Zefinha: Já foi depois da revolta num sabe; essa revolução de 64. Aí foi, que houve essa consequência, que ninguém tinha sossego, porque pra começar, as casas que eu estava falando, que foram construídas, então, a polícia vinha pra que os moradores..., obrigar os moradores daqui, desativar as casas que tinham sido construídas, sem permissão, sem autoridade de ninguém. Aí, então nessa época, foi a época que todo mundo correu; papai mesmo, uma noite de chuva, trovão, relampejando e daí, a gente tava já terminando de jantar, chegou Dona Severina Martins, que era a esposa do Seu Severino Lupicínio; ela, a filha dela, e um menino. Chegou ela debaixo de toda chuva, no escuro, meu Deus do céu, que ninguém acendia nem as luzes, por conta do relâmpago, não é, luz de... Aí todo mundo tinha medo das lâmpadas [que] estavam acesas, a lamparina. Dona Severina bateu na porta e mamãe disse: "Quem é?" Ela disse: "Sou eu, comadre Juraci." - "Comadre Severina?" Ela disse: "A Senhora cale a boca, minha filha, fale baixinho que a polícia tá por aí, pra fazer o povo desativar as casa, que tão aí." (ri) Aí, mamãe abriu a porta e ela entrou. Coitadinha, o menino todo molhado; chega vinha se tremendo da carreira que deram, e Seu Severino já tava no mundo mais Seu Manoel Dantas e Seu Manoel de Nozinho; esse já tavam no mundo também com medo pra não irem desativar as casas, porque todo mundo morava, tudo vizinho né.(...) Então essa noite, foi uma noite meu Deus do céu, um terror dentro de casa. Eu sei que dormiram tudo lá em casa. No dia seguinte, nós fomos tirar amendoim (...) quando nós chegamos, subimos aí na estrada, (...). Quando a

gente passou na casa de uma vizinha, aí na frente, aí ela disse assim: - Vocês tenham cuidado, porque hoje, a polícia vem pra desativar a casa de Dedé. (...) Tiramos lá um pouco do amendoim, não tiramos nem todo, voltamos pra casa. Quando a gente ia voltando, acrescentou mais Zé Luiz e Moacir; eles vinham também conosco. A gente veio por dentro, por outro caminho, já desviamos o caminho, não sabe? Quando nós chegamos na travessa da estrada, menino, era tanto fachilete ali, as lâmpadas de fachilete mesmo, tudo clareando assim pela estrada. "O que é que a gente faz? Porque se a gente descer agora, vai encontrar com eles. O que a gente vai fazer? Vamos atravessar aqui". Travessemos a rodagem e papai mais Zé Luiz cortaram um arame pra gente passar por debaixo do arame; a gente passou por baixo do arame e saímos numa capoeira grossa que tem ali. Olhe, tamarana e urtiga, minha Nossa Senhora! Mas a gente levava tudo na carreira, ninguém olhava pra tamarana nem urtiga; quando chegamos em casa, aí, tá lá todo mundo dentro do partido de macaxeira, deitado e de lá a gente olhando, só via os clarão, clareando os fachilete... "É a polícia que vem..." Aí papai disse: "A gente vai entrar dentro de casa. Vocês ficam aí, que eu vou sozinho." Ficou todo mundo lá dentro do partido de macaxeira e papai veio em casa. Abriu a porta da frente, entrou, abriu a porta de trás, isso era no escuro. Aí, depois que papai abriu a porta de trás, foi avisar a gente: a gente era só correndo, pulando dentro de casa, correndo da macaxeira e pulando dentro de casa, ficamos todo mundo dentro de casa (...) passou três soldado por lá (...) eles não chamaram ninguém. Só passaram no caminho.

Socorro: E essa luta foi na derrubada da Liga Camponesa, quando os ditadores chegaram; tinha o tenente...Luiz de Barros, em Sapé e ele autorizava esse pessoal pra fazer isso tudo. E todo mundo tinha muito medo, porque ninguém queria ser contra ninguém. Aí, começaram também o pessoal que já estava organizado e já entendiam também, os direitos que eles tinham, aí eles também tinham coragem de falar a verdade, De... de dizer o que tava certo e o que estava errado. Foi daí que começou a morrer trabalhadores, né, que houve lá em Mari, a morte daqueles... Foram sete [seis] trabalhadores e quatro [cinco] pessoas do lado dos latifundiários, né. Foram onze mortes. No qual papai foi participar também, desses enterros, né. Ele foi em Mari.

Tonny: Ele contou o quê?

Socorro: Ele contou a multidão que houve, contou também os discursos que foram feito lá; que o povo sempre acreditava que o

sangue que tinha sido derramado, ele não ia ficar enterrado, ele ia nascer de novo. E eu acredito que nasceu mesmo, né. Nós estamos vendo aí vitória, e eu acredito que foi essa luta, essa coragem também, que o pessoal tiveram e que hoje está brotando do povo.

Dona Maria: Tinha o João Balbino de Sapé, um plantador de abacaxi. O povo tava..., num queria que ninguém fosse trabalhar, porque era, parece que tinha uma reunião, não sei o que foi pra lá. Aí, ele... como quem diz assim: "No meu serviço quem manda é eu", né. Aí ele vinha no carro, aí, botou o carro por cima do povo, que parece que matou uma pessoa ou foi duas. Lá em Sapé, nessa época desse reboliço.

Tonny: O seu pai tinha carteirinha?

Dona Maria: Meu pai tinha não. Meu pai era feitor, aqui de Massangana. Nessa época, bem dizer, a pessoa não tinha direito de INPS, não tinha nada não. Nessa época ninguém tinha nada disso não. Era que nem, que nem a história... hoje, qualquer coisinha, as mulheres vão pra maternidade, mas naquela época, as mulheres tinham era dez, doze, vinte, vinte e um... Minha tia mesma teve vinte e um filhos em casa, sem precisar de ir pra canto nenhum. Eu tive nove, só fui à maternidade nos dez (no décimo), porque a mulher do tio (...) aí, ela ficou lutando pra eu ir, aí eu fui, mas se não, eu tinha ganhado os dez, em casa mesmo. Aí, nesse tempo ninguém tinha esse direito de chegar, pagar sindicato, essas coisa de ter direito a INPS, essas coisas não.

Tonny: Seu pai era feitor?

Dona Maria: É, tomava conta assim da fazenda toda, não sabe? Olhava quem tava na diária, olhava quem tava trabalhando por conta; mulher que tivesse apanhando algodão, fava, que ela plantava muita fava, muito feijão, milho, algodão, a Dona Maria Augusta. (...). O Engenho moía e ela também não parava, não, e fora o povo que trabalhava, mas ela tinha assim as plantas dela, mandava fazer. Aí, eu só sei que meu pai trabalhava só medindo conta, assim.

Tonny: E seu pai tinha consequência por causa das Ligas?

Dona Maria: Não. Ele contava, assim, que ele não dava valor, porque do jeito quando eles vinham, que queria que as pessoa batessem noutro, ou até matar, sei lá como foi isso. Quer dizer que propriamente se fosse o pai dele ou um filho dele ou um genro, ele tinha que ser obrigado a fazer aquilo, por conta dos outro, não é?. Porque os outros forçavam, é pra dar e é pra dar mesmo. Aí ele não ia ser a favor de um negócio desse, ele só podia ser contra.

Tonny: Por que ele tinha que obedecer também a Dona Maria, né?

Dona Maria: Bom, a gente vivia tudo tranqüilo, ninguém via essa zoadá, ninguém nunca conheceu isso. Aí, depois apareceu esse vavavu, esse negócio contra uns aos outros, aí foi que nem...(...)

Tonny O que vocês contam mais sobre aquele tempo?

Socorro: Eu... naquela época, eu achei, o que eu achei muito importante, que ainda hoje eu acredito, foi a fé e a confiança que alguns trabalhadores tiveram no Movimento. Que hoje a gente vê, que essa luta, essa organização a cada dia crescendo, as coisas ficando mais esclarecidas; as pessoas também tendo mais conhecimento, porque naquela época, muitas vezes o medo era por falta do entendimento (...) a gente só estava com a cabeça feita pelo lado daqueles que entendia o mundo do jeito que eles queria, né? Depois que a gente começamos a se organizar mais e a se reunir, assistir reunião, treinamentos e a gente começou a ver que o mundo, ele é igual para todos, né. E a gente também, hoje tem a coragem de falar, ainda. Tem muita gente que já tem coragem de falar e dizer não, as coisas não são assim, as coisas devem ser como Jesus Cristo quer, e que a gente faça, não é?

Tonny: Exatamente.

Socorro: (...) Então aquilo ali, Deus estava com os olhos aberto pra o nosso lado. E foi por isso que deu a desapropriação, daqui pra cima; porque a gente não viu a luta agora, mas a gente vimos a luta naquele tempo, né. Aquela luta brotou hoje, o assentamento da gente (...).

Tonny: Vem cá, em Marau, não tem mais ninguém daquele tempo?

Socorro: Aqui se conta as pessoas que tem: eu, Maria de Duda, Josefa, a minha irmã que é Maria José, mamãe, que você já chegou a falar com ela. Tia Severina com o marido, e...

Dona Maria: Acho que Joaquim Pinto, também né.

Socorro: Mas Joaquim Pinto não era daqui, era de Santana. (...), Dona Dina era de Santana, vieram pra'qui depois disso, depois de sessenta e quatro. São pessoas antigas, mas que não eram daqui do Movimento. (...)

Tonny: Mas, nessa redondeza, onde é que as Ligas funcionavam?

Socorro: Massangana era quase o centro da Liga Camponesa, aqui. Era Massangana e Marau. Era os dois... as duas comunidades que mais...

Dona Maria: Massangana nessa época era uma só.. Meu pai era feitor, ele tomava conta de Boa Vista, a "destrema" de Marauá, a "destrema" de Santana, ia até (...) Mumbaba (...) Dona Maria Augusta vendeu a Abílio Dantas (...)

Socorro: Quando ele comprou aqui, aí ele, ele começou, ele não botou ninguém par fora, mas começou cortar todo terreno que as pessoas tinha. Então teve gente que por isso que aqui não tem quase ninguém; teve gente que naquela época não agüentava aquela opressão, de ter dois hectares, três de terra para trabalhar, plantar algodão, feijão, milho, e fazia muita colheita. E quando Abílio Dantas chegou, cortou, deixou quatro conta de terra pra trabalhar. Aí teve pessoas que não se conformou com isso. Na casa mesmo onde eu moro, o tio de Reginaldo saiu daí...

Tonny: Reginaldo seu marido?

Socorro: Sim. Ele na época tinha trinta e dois pé de laranjeira brotando, mas a terra que ficou, só foi o quintalzinho da casa dele. Aí ele, saiu com toda a sua família, né, por conta disso aí. E foram muita gente, era duzentos e cinqüenta famílias, que moravam aqui. É saíram todas, que restou essas que a gente tá contando.

Porque não agüentaram a opressão, começaram ir pra periferia. Até Paulo Gino que morava lá na Lagoa Salgada, que era o presidente do Sindicato de Cruz do Espírito Santo, quando Abílio Dantas chegou, ele também teve que sair, foi morar também, em Cruz do Espírito Santo e deixou o lote dele ali, o sítio onde ele morava, muito pé de mangueira, muita coisa que tinha, deixou abandonado; mas ele era presidente do sindicato. (...)

**ENTREVISTA COM MARIA JOSÉ, FILHA DE
JOÃO PEDRO E ELISABETH TEIXEIRA.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 22/06/2006.**

Tonny: Hoje, estou na casa de Maria José, filha de João Pedro Teixeira e Elisabeth; a terceira ou a quarta?

Maria José: A quarta das mulheres. Entre homens e mulheres, a mais velha é Marluce, depois Abraão, Isaac, Paulo, Marta, Maria das Neves que é Nevinha e depois eu; aí vem Carlos, José Eudes, que já é falecido, João Pedro (conhecido como Pêta), também falecido e Marinêz a menorzinha. Eram onze ao todo.

Tonny: E você, Maria José, o que se lembra daqueles tempos difíceis?

Maria José: Me lembro do meu pai; era pequena, mas me lembro. A tardinha, na calçada; sentado, assim, na calçada... Lembro todos lá em casa, minha mãe. Lembro do dia do assassinato do meu pai. Lembro. Foi assim; de manhãzinha, veio uma senhora dar a notícia, que meu pai estava morto. Aí, todos..., mamãe ajuntou pra ir para o velório. Eu não fui por ter sido pequena. Ela levou os maiores, né, e os menores ficaram em casa. Lembro a vida difícil que a gente vivia.

Tonny: Sei que você era pequena, mas o que se lembra do pai?

Maria José: Do pai? Lembro quando ele chegava e que não via ele todos os dias. Acredito que ele ficava resolvendo as coisas e quando chegava, a gente já estava dormindo. Mas eu me lembro ele., nas tardes, ele ficava na calçada, sentado; ele gostava, botava uma bacia com água pra lavar os pés, na calçada.

Tonny: E o trato do pai com vocês e vocês com seu pai?

Maria José: Era unido, lá em casa, nós éramos todos unidos. Agora, me lembro deste detalhe que ele não vivia muito em casa. Todo mundo unido, muita gente, né, muitos irmãos; todos ajudavam; não existia briga. Da luta, eu não tinha aquela noção, da luta dele. Eu nasci em 56. É, não tinha noção da luta dele; isso aí, não.

Tonny: Se lembra do enterro, e como é que ficou depois?

Maria José: Ficamos em casa, aí, me lembro quando mamãe...; da luta dela. Falava muito em casa, revoltada né, que ia continuar a luta. Mas aí, também, com pouco tempo, ela foi embora e a gente ficou só. Ficamos só, por muito tempo. Até que chegou um tio meu, que morava em Pernambuco, tio Euclides, que foi fazer uma visita.

Chegando lá, ele viu só criança dentro da casa. Aí, ele disse pra gente: "Esta situação não pode continuar. Vou na casa do meu pai, falar com ele para tirar vocês daqui. Era também, muita necessidade. Ele foi, comprou biscoito, carne e deixou com a gente. Quando foi no mesmo dia, à noite, ele chegou pra buscar. Mas antes disso, um dia teve um carro lá, cheio de policiais, né, procurando mamãe. Mas na época, eu pequena, não me lembro..., só sei que se virou tudo, lá dentro de casa...

Tonny: E só as crianças dentro da casa?

Maria José: Só. Diziam até, que iam queimar a gente, mas tinha um que disse: "Só tem crianças; vamos deixar estas crianças vivas." Aí, também, né, é coisa que marca. Fica como um filme na cabeça. Ainda me lembro. E lembro também, meu tio que foi buscar a gente, de noite. Era umas cinco e meia de tarde, num caminhão. Aí, trouxe a gente pra casa do meu avô. Só, que ele pra nós, era estranho, nós não conhecia meu avô, nunca tinha visto.

Tonny: O que?

Maria José: Eu nunca tinha vista a família da minha mãe; não conhecia os avôs, não conhecia os tios, ninguém; por parte da minha mãe, não; e também, do meu pai não. Aí, chegemos lá, na casa do meu avô; tirou a gente do carro, botou todos na calçada. Já tinha combinado com a família, os irmãos da minha mãe, para cada qual ficar com um da gente. Aí, chegou uma tia, foi pegando e disse: "Vou levar essa branquinha, que dá certa com as minhas, né". Aí, outro pegou José Eudes, disse: "Vou levar este, que é doentinho; vou cuidar dele." O mais velho, aí, era Paulo, né. Aí, o tio que foi buscar, disse: "Este, aqui, que vai ficar comigo pra me ajudar, trabalhar, que eu tenho um caminhão; levou. E assim foi dividindo, né; os dois mais novos ficaram com meu avô, porque eram os mais novos; e a mais velha [Marta] ficava para cuidar deles, na casa do meu avô. Na divisão, eu ouvi tudo isso; ouvindo... Aí, eu..., ninguém me quis; sobrei na divisão; foi. Aí, meu avô disse: "Eu não posso ficar com ela, porque já vou ficar com três. Pois, ela dorme hoje aqui, para quando é amanhã, resolver aonde ela vai ficar." E ao amanhecer o dia, meu avô tinha uma pessoa que trabalhava lá, né; uma senhora. Eu acho que preocupada com tanta gente que ia ficar lá, disse: "Eu vou te levar pra uma casa, antes que o pessoal acorda." Estranho, estranho mesmo, que nunca tinha visto meus avôs. Não tinha nenhuma ligação, nenhum contato.

Tonny: Mesmo que morava tão perto, né.

Maria José: Era, mas não conhecia. Com toda sinceridade,

não conhecia ninguém da família da minha mãe. E por parte do meu pai, só tinha avó e também, não conhecia, na época, só depois. Aí, a secretária do meu avô, foi me levar para minha tia, que não tinha nenhuma, ainda, porque tinha mandada um recado que não queria nenhum, porque tinha muitos filhos e estava grávida e era pobre e não queria mais nenhum. Com toda razão, né, muitos filhos, grávida; mandou este recado. E eu ouvindo tudo, né; tenho tudo gravado na minha mente, até hoje. Aí, chegando lá, com a secretária que me levou, que me acordou logo cedo; minha tia já estava acordada, aí, disse: "Trouxe esta pra ficar com você". Contou, que todos já tinham sido dividido e que tinham ficado dois lá, e a mais velha, né. Aí, minha tia disse: "Não, eu mandei um recado pra lá, que não queria; eu não quero, porque já tenho muitos filhos e estou grávida". E nisso levantou-se o esposo dela e disse assim: "Não, vamos ficar com ela. Aonde come um, come dois. Aí, minha tia disse: "Então, vamos". Aí, fiquei lá;, logo fiquei lá.

Tonny: E daí, você estava nesta casa, estranha pra você.

Marina: Era, era estranha; fui ficando lá, né. Agora, eles me tratavam muito bem. Tanto ela como o esposo dela; eles tratavam bem. Nunca bateram em mim. Dizia mesmo, que não ia bater nunca em mim, porque não era filha; pra o pessoal nunca dizer que tratava mal. Pois, me tratava bem.

Tonny: E conseguiu se acostumar?

Maria José: Com muita dificuldade, né, com muita dificuldade. Ia tudo naquela divisão. Não é fácil ser dividido de irmãos, né.

Tonny: Você via os outros? Nevinha...

Maria José: Via; não via todos os dias, mas sempre via. Nevinha e aqueles que ficaram na casa do meu avô. Os dois, porque minha irmã mais velha, logo saiu da lá. Logo saiu, e foi pra casa da minha avó, em Sapé. Quando eu fui conhecer a minha avó, já estava grande, assim quase adulta, que eu procurei ela. Ela, também, não procurava a gente não. Quando tinha uns doze a treze anos, foi eu que procurei e ela me recebeu muito bem. Daí, ficamos sempre tendo contato.

Tonny: E ela falava sobre seu pai?

Maria José: Não, não falava. Quando perguntava, ela só dizia, que ele era seu filho, que tinha morrido e que não gostava de falar no assunto.

Tonny: Não conseguia falar, né. E você estudava?

Maria José: Foi... É, quando fui estudar, foi por interesse meu mesmo. Quando já estava com uns dez anos e todo mundo estudando,

eu pensei, vou estudar também, né. Aí, eu fui na escola, que era perto, lá mesmo e fui me matricular. Sim, eu mesmo. (...) Naquela época., hoje não, mas naquela época fazia; fiz a minha. Sendo que quando foi no outro dia, que ia assistir o primeiro dia de aula, aí, a professora me chama e me disse que não ia estudar na escola. Aí, eu perguntei porque. Ela disse: "Quando cheguei em casa e disse a meu pai, que tinha feito a matrícula da filha de Elisabeth Teixeira e de João Pedro Teixeira, meu pai, disse: "Não, filha dela não estuda, naquela escola não". Porque na época, as professoras eram colocadas assim; biônica, né; filha de um proprietário falava com o prefeito e passava; não era com concurso, né. Aí, o pai dela era um proprietário, que tinha rãiva da minha mãe e do meu pai, né, pelo fato da luta.

Tonny: Lembra quem foi?

Maria José: Lembro. O nome dele era João Barbosa e a professora era Lindalva Barbosa. Ela era ótima. Quando me matriculei falou comigo bem direitinho, assim, não querendo me magoar, né, mas eu entendi tudo. Aí, volto pra casa e quando conto pra minha tia, aí, tio disse: "Não! Você vai estudar, lá. Eu vou falar com ele, aí, você vai estudar, lá!" Ele era o marido da minha tia, né. Aí, foi lá, falou com a professora, sei que fez um acordo e eu fiquei estudando. Graças a Deus fiquei estudando e ela sempre me tratou bem, igual aos outros na escola. Não ficou discriminando, não. Mas só pelo fato de ser filha de Elisabeth e João Pedro Teixeira, não poder estudar na escola, porque a professora era filha de um proprietário que tinha raiva do meu pai e da minha mãe. Imagina, né, mas eu não fiquei nunca abatida com estas coisas, não. Levantava a cabeça e não esmorecia.

Tonny: Que bom. E na escola você encontrava seus irmãos?

Maria José: Não, porque minha irmã, Nevinha, estudava em hora diferente. E os outros que moravam com meu avô eram pequenos e os maiores estavam fora. Paulo tinha ido com meu tio, né. Lá, na região ficou eu e Nevinha, João Pedro Filho e Marinêz ficaram com meus avós e José Eudes, que ficou com Eudes Justino.

Tonny: Inclusivo, ele tinha outro nome, antes, não era?

Maria José: Era. O nome dele, antes era Lênin, mas chegando na casa do meu tio; ...nós não éramos registrados e meu tio não queria este nome, aí, mudou o nome em José Eudes. Foi como no meu caso, também. Quando fui morar com minha tia, o meu nome era Maria José Teixeira. Aí, chegando lá, minha tia e meu tio disseram que não queriam Teixeira, no meu nome. Quando foram me registrar, (eu não tinha noção de ir me registrar sozinha), no cartório, aceitavam,

né. Aí, tirou Teixeira do meu nome. Meu nome ficou Maria José Costa. Nome de solteira, depois do meu casamento foi que aumentou com Maurício. Aí, Teixeira ficou... Eles me criaram, mas sempre relatando, que meus pais eram pessoas que não prestavam. Eles diziam muito: "Seu pai e sua mãe não prestam". E diziam coisas, ainda mais sérias. Ficava calada e logo no início, eu não entendia muito, mas quando fui crescendo, né. Um vizinho, perto, foi me esclarecendo as coisas. Foi quando eu fui tendo noção, porque eles não gostavam. Mas nunca respondava não. Ficava sem saber, como se diz... (...) João Carvalho, que pintava casa, todo ano minha tia chamava ele pra pintar a casa. E neste período que ele ia, ele conversava comigo. (...) E acompanhando ele, foi que fui entendendo o que tinha acontecido. Porque, tão pequena [antes] não tinha noção. Mas meus tios que me criaram, sempre relatavam... Era uma situação muito ruim, né.

Tonny: Muito delicado.

Maria José: Muito delicado. Eu precisava morar lá, né, não tinha pra onde ir. Sempre ficavam lembrando, desde que cheguei lá, porque saía o assunto, né, (...) aí, eu ficava calada...

Tonny: Mas, quando soube como tinha sido? Eu digo: "Quem é filho de João Pedro e Elisabeth Teixeira, tem direito de sentir algum orgulho, né?"

Maria José: É verdade. Olha, quando eu fui crescendo e esse senhor foi me orientando, aí, foi quando eu vi que eles falavam, mas que não tinham razão. Mas eu nunca contestei, porque morava lá; não tinha onde morar. Fiquei até o dia que casei. A gente via que meu avô, era assim, era contra meu pai, porque se sentia um grande proprietário; no entanto não tinha nada daquilo. Entendia tudo; quando saía de lá, já entendia tudo.

Tonny: E depois foi morar aonde?

Maria José: Em Santa Rita. (...) Estava pensando de, ainda, um dia re-encontrar a minha mãe. Quer dizer, diziam que era morta, mas eu estava achando que não, né. Mas não tinha certeza de nada.: "Sua mãe já é morta..."

Tonny: E os irmãos, antes da mãe aparecer, vocês se encontravam?

Maria José: Só os que estavam lá: Nevinha, Zé Eudes, Marta, Marinéz e Pêta. Marta viajou para o Rio e levou a mais nova, que estava na casa do meu avô. Marta veio umas duas vezes, lá do Rio de Janeiro. Veio e queria até me levar pro Rio, também, mas eu já estava namorando com meu marido de hoje. Se tivesse sido antes,

talvez que tivesse ido. (...) Depois de Santa Rita vim morar, em João Pessoa.

Tonny: Sim e aí, chegou a Anistia...

Maria José: Foi quando encontrei mamãe, em novembro de 82. Mas antes de encontrar ela, já tinha conhecido a esposa de Abraão, que mora em Patos. Ela sabia que eu morava em João Pessoa, me procurou e disse: "Sua mãe vai morar comigo, lá em Patos. Quando ela estiver lá, eu venho aqui, com ela. Eu disse: "Está certo".

Tonny: Foi assim que soube que sua mãe estava viva?

Maria José: Não, que ela estava viva, sabia no dia em que o Cineasta, Eduardo Coutinho, chegou na minha casa. Se apresentou e disse: "Eu estou aqui, quero falar com você, dizer que sua mãe está viva". Aí, eu disse: "Está certo". Aí, encontrei a esposa de Abraão primeiro, e Abraão depois, que vieram com minha mãe, aqui em casa. Nossa mãe; encontramos de novo a mãe. Ela veio, passou alguns dias na minha casa. E depois veio o filme né, aí, o Cineasta comprou uma casa pra ela. Mas antes ela morou numa casa alugada, vizinha à minha. Porque minha irmã mais nova veio, pra tentar trabalhar e fazer vestibular, aí, alugou a casa. Depois que compraram a casa, foi morar lá, onde mora, ainda hoje.

Tonny: E encontrando sua mãe, aí foi saber coisas, que quando criança não era possível entender. Aquilo deve ter sido muito importante.

Maria José: É, muito, muito importante. Precisava, é verdade. (...) Com tio José. (...) Eu via que estava tudo errado, mas podia fazer nada. Desde de pequena eu via que era errado. Eu tinha até pena dele, feito um escravo; ele trabalhava, feito escravo (Peita = João Pedro Filho).

Tonny: E o tio José, junto dele, trabalhava assim, também?

Maria José: Não, de jeito nenhum. Não, meu tio nunca trabalhou no pesado. Estava às ordens, né. E Peita (...) começou pequeno logo; dar ração pro gado; ficava o dia todinha picando capim, dentro de uma lama, cortando capim. Aos oito anos de idade ele andava como os braçais, com capim na cabeça pra gado do meu avô. Mas sempre adorou muito meu avô. Porque, né, ter esta atitude? Eu sempre via que estava errado, que avô não botou ele pra estudar. Nunca dava nada a ele, tinha direito a nada. (...)

Tonny: Agora, parece que Eudes tinha mais contato com ele, um pouco, que morava perto, né.

Maria José: Tinha contato, Zé Eudes tinha contato com ele.

Tonny: Mas Zé Eudes tinha estudado?

Maria José: Zé Eudes estudou. Meu tio botou ele pra estudar, sendo que ele quando foi ser adolescente, com 16 anos, ele foi embora para o Sul. Não tinha nada para ele trabalhar, aí; foi embora. Não ficou muito, ali. E retornou, no período, que mamãe tinha voltado. Foi quando teve a confusão desta terra.

Tonny: Hm; e no dia do desastre, ele (JPF) tinha discutido e foi embora.

Maria José: Não, ele não chegou a discutir. Ele ficava com minha mãe assim: "Você não agradeça a meu avô que criou seus filhos". Zé Eudes falava, ele não dava ouvido. (...) Não respondia, se ajudava ou não, não respondia. Virava pra minha mãe e dizia: "Tem gente aí, que quer ser dono de tudo". Depois do fato, me veio assim: - Será que a terra é só de Zé Eudes, que ele não ia ter direito -? Não sei; sei que disse: "Eu vou embora". Aí levanta, (estávamos sentados na sala) e disse que ia embora. Aí, eu disse a mamãe: "Vamos embora, também, porque deixei os meninos e tenho que levá-los pra escola", que eles estudavam à tarde. "Vamos no ônibus de onze horas", que dava pra chegar e levar eles pra escola. Aí, ele sai, vai pra moto e a gente levanta tudo pra acompanhar ele, até a frente da casa e a gente ir pra parada do ônibus. Aí, Zé Eudes disse assim, pra mim: "Não, vai agora não Maria, que ainda, vou mostrar uns colchões que recebi pra o pessoal", né.

Tonny: Porque ele tinha uma Associação.

Maria José: Tinha esta Associação. Aí, disse: "Está certo", aí, esperamos; Peita pegou na moto pra ir embora. Aí, mamãe, botou a mão, assim, em cima da mão dele, ele sentado na moto; mamãe botou a mão em cima da mão dele e disse: "Meu filho, eu quero vocês unidos, na terra trabalhando, esta terra é pra vocês", né. Aí ele desce da moto, saca a arma; quando ele saca a arma, àquele susto, que eu tive e Zé Eudes, também, um susto, né. Aí, Zé Eudes corre; quando viu ele sacar a arma, corre com a mão na cabeça, saiu correndo, e ele (JPF) atira. Foi um negócio, que jamais passou na cabeça, que ele fosse ter aquela atitude.

Tonny: Meu Deus.

Maria José: Mamãe estava assim, com a mão em cima da mão dele, dizendo: "Meus filhos, eu quero vocês unidos. Esta terra é pra vocês. Quero vocês unidos, aqui, na terra". Aí ele saca a arma. Foi um susto, aí, Zé Eudes corre e ele corre atrás. Eu vi quando deu o primeiro tiro, pra pegar na cabeça de Zé Eudes, só que aí, parece que eu não vi mais nada. Fiquei parada, como passada; não corri que minhas pernas não...; ficou assim, um peso que fiquei parada.

Aí, mamãe saiu correndo: "Meu filho, não faça isso". Aí, ouvi outro tiro, só ouvi, que o primeiro eu vi. Aí, ele volta, eu lá perto da moto parada, ele volta com a arma na mão, aí, disse assim pra mim: "Você, nunca falou do meu avô". Aí, monta na moto e vai embora com a arma na mão.

Tonny: E Zé Eudes caído, lá.

Maria José: Foi, e aí, mamãe vem e diz: "Filha, filha, vamos que Zé Eudes está no chão. Aí, foi quando eu fui. (...) e quando corrio até Nino, que estava caído no chão, eu chamo ele, aí, só dá um ronco. Aí, nisso já veio Beatriz do outro sítio, bem pertinho; e já veio Euclides que estava trabalhando numa terra; quando ouviram os tiros, foram se aglomerando as pessoas.

Tonny: Euclides já estava em Sapé?

Maria José: Já estava, morava lá, que estava trabalhando, numa terra perto, morava perto dali, de Zé Eudes; já tinha uma casa mais em baixo, na terra que tinha recebido de herança, também. Ele estava trabalhando, ouviu os tiros e veio correndo. E daí, foi que telefonaram e tio Euclides disse: "Ele está morto". Aí, foram chamar a polícia, e ficamos ali, com ele até chegar a Polícia, que trouxe ele para o IML [Instituto Médico Legal]. Foi uma situação muito triste. E a partir deste dia, eu nunca mais fui lá. Só fui lá, agora, quando tia Bibi estava muito doente e tia Beatriz ligou, dizendo que estava me chamando. Aí, eu senti aquela vontade de ver ela. Que ela tinha me criado, (...) e nunca tinha batido em mim, tratava bem. Só tinha este fato de eles me relatarem sobre meu pai e minha mãe, né, que ela relatava sempre. Mas aí, eu senti vontade de ver ela e eu fui. Visitei ela mas já estava muito mal; e no dia do enterro, fui também. A partir da morte de Nino (Zé Eudes) até, agora, a morte dela, não fui lá nunca mais.

Tonny: Aí, vocês..., é, a Polícia levou o corpo pra o IML, e vocês?

Maria José: Aí, eu vim pra casa; só vim em casa, falei com a menina, porque os meninos eram pequenos, né, e fui pra o IML; com o corpo fomos retornando pra lá, daí só vim depois do enterro. Ainda, disse a meu tio Euclides: "Eu, nunca mais venho aqui". (...) E fui mais não; só agora, com tia Bibi, mas não gosto de ir não, naquela área, não.

Tonny: E os outros irmãos, eu digo, no enterro de Eudes?

Maria José: Estava Nevinha e Isaac, Carlos que mora em Moçoró, Abraão não veio e as do Rio, também não; elas só vieram saber depois. E também, de Pernambuco, o Paulo, não veio.

Tonny: É muito dureza.

Maria José: Foi muito triste, foi triste demais, não é?

Tonny: Mas aconteceu e... Só Eudes morava lá. Daí, de repente este chão ficou com ninguém?

Maria José: Com ninguém, e também, não fui mais lá (...), só 18 anos depois, né. Aí, ficou lá, mas depois mamãe foi lá, vendeu, mas não tomei conhecimento de mais nada a partir daí.

Tonny: Ficou o tio Euclides morando lá, né?

Maria José: Ficou morando lá, que eu sei dos outros, que eu mesmo não fui mais (...)

Tonny: Admiro como vocês, irmãos, conseguiram ir pra frente com tudo que aconteceu, e terem suas famílias bonitas, Hoje.

Maria José: É, Abraão tem três filhos, Isaac uma filha, que mora aqui, mas Isaac, ainda trabalha no interior de Ceará. Carlos, em Mossoró tem quatro, Paulo dois, Nevinha e eu também, dois.

Tonny: Sim. Eu gostaria, ainda fazer uma pergunta sobre a Polícia que foi lá, na casa, quando só as crianças estavam lá.

Maria José: Chegou um carro, que era uma camioneta. Parou na frente, estava cheio de policiais, (...) entraram dentro de casa, e viraram tudo, procurando mamãe. Até em baixo da cama procuraram. Tiraram o colchão da cama. Aí, botaram a gente tudo juntos. Paulo correu, que ele era mais experiente, quando viu o carro parar, correu dentro da roça. Aí, botaram a gente juntos pra queimar. O plano era de queimar, mas tinha um que disse: "Não, só tem criança, vamos deixar vivo", mas iam matar a gente queimando, procurando mamãe. E trouxeram mesmo os depósitos de gasolina pra despejar e queimar. Se estivesse em casa, iam matar mamãe e a gente, todinho queimado.

Tonny: E isso já era depois de sua mãe ter saído de vez?

Maria José: Sim, que quando mamãe fugiu, a gente ficou só, na casa, por muito tempo. Aí, vieram, numa tardezinha (...).

Tonny: Sim. Oh, Maria José, você se lembra, que quando mataram seu pai, depois aconteceu alguma coisa com Paulo, também. O que foi isso?

Maria José: Lembro. Assim que tinham matado meu pai, já tinha passado uns meses, quando um dia Paulo estava na roça; Paulo, dos homens, era o mais velho que estava em casa, Isaac tinha ido embora e Abraão estudava, aqui, em João Pessoa; morava na casa dos estudantes. Paulo, então, o mais velho, estava na roça e um dia, a tardinha deram um tiro na cabeça dele.

Tonny: E porque foi isso?

Maria José: Ah, pois, isso eu não sei. Sobre o que não sei; o

que é que deu, porque foi. Só sei que mamãe trouxe ele, aqui, pra João Pessoa, e com o tempo, a gente veio todinho visitar ele; mamãe trouxe a gente pra visitar ele, aqui, em João Pessoa. Ficou um tempão interno e depois veio pra casa. (...) Mas mamãe nunca comentou, porque foi. Eu me lembro, quando minha irmã morreu; eu era pequena, mas me lembro que ela suicidou-se. (...) Eu estava com Marinéz, no braço, e Marinéz chorando, né. E eu vendo minha irmã com um copo amarelo; me lembro até a cor do copo; um copo de plástico, amarelo e ela mexendo. Aí, eu perguntei: "É leite? Me dê pra dar para ela". Ela disse: "Não, vai embora, se não dou a você, também". Mas, não entendi. Eu com Marinéz no braço. E quando foi depois, que anoiteceu, eu só vi ela vomitando. Vomitando e mamãe perguntando o que tinha sido, desde que mamãe chegou em casa. O que tinha sido, e aí, ela disse a mamãe, que tinha tomado veneno. Aí, mamãe leva ela pra Sapé, só que não tive solução. Mas eu me lembro, ainda, da minha irmã; lembro da fisionomia dela, lembro. E o copo, eu vi o copo; não vi ela tomando, vi ela mexendo(...). Depois, eu vi que ela jogou o copo por cima da casa. Jogou o copo pra esconder o copo, mas depois ela vomitando, aí, ela disse a mamãe. (...)

Tonny: Se lembra, ainda, mais coisas que estão muito forte, no 'filme' na sua cabeça, das coisas que tem acontecido?

Maria José: Me lembro da minha irmã, do tiro em Paulo, do dia que vieram queimar a gente, me lembro. O que ficou, assim, que marcou mesmo, que ficou um negócio, é aquela angústia quando a gente estava todinho na calçada pra dividir.

Tonny: Ah, sim,

Maria José: É, o que mais, assim (chore)...

Tonny: É..., já eram só vocês, os pequenos e ainda, iam separar...

Maria José: Iam... separar. (Chorando) Isso aí, agarrou na gente, né. Uma vez eu disse até a minha filha: "Não sei porque fizeram isso. Podiam ter deixado a gente tudo junto, numa casa", não é, mas nos espalharam. Pra que foram buscar a gente? Deixava tudo, lá, juntos, na mesma casa.

Tonny: Podia crescer juntos, só cuidando que vocês teriam o que comer e dando uma mãozinha, mas...

Maria José: É, porque foi muito angustiante, botar tudo numa fila e dividir.

Tonny: E sem saber onde estava a mãe.

Maria José: Não. E pessoas estranhas. O pessoal toda da minha família era estranho. Era como se fosse nada da gente; a gente não tinha contato, não conhecia, né.

Tonny: É, mas o fato que o tio tirou vocês da casa, onde estava passando fome, eh..., isso deve, também, ter sido um alívio, sei lá, ou não, foi não?

Maria José: Um alívio como?

Tonny: De sair da fome, da... Como vocês passaram uns meses sozinhos. E estes meses?

Maria José: Meu irmão mais velho, em casa, o Paulo, trabalhava numa Pedreira; quebrava pedra e toda final de semana ele ganhava um dinheirinho. Daquele dinheiro comprava carne de charque.

Tonny: E é?

Maria José: Quer dizer, macaxeira tinha plantado por lá, eu me lembro. E minha irmã cozinhava, Marta e, não sei... Sei que a gente sobre viveu, estes meses, com a comida que chegava. Não sei se alguém ajudava, não me lembro, né. Eu sei que da família não, ninguém ajudava. Se ajudava, era alguém dos vizinhos por lá, né, mas da família não.

Tonny: Quer dizer que Paulo, dois anos depois daquele desastre com ele, ele trabalhava numa Pedreira; quer dizer que ele se recuperou? E a mente dele?

Maria José: Recuperou. Agora depois, quando foi crescendo, ele bebia muito; não sei se era que não pensava muito, não sei. Mas recuperou, que trabalhava uma Pedreira e no final da semana comprava a carne de charque. E a gente sobreviveu estes meses. Aí, um dia eu disse a minha tia: "Seria melhor se a gente tivesse ficado lá, sem ter esse divisão. Sabe como é, não gostei. Botar tudinho na calçada e dividir, cada um levando um. Era muita angustiante, né. Muito angustiante.

Tonny: Pois, é. Então, vamos deixar aqui. A gente conversou muito bem. Eu agradeço muito viu, que você...

Maria José: Eu agradeço a senhora (...) Foi bom. Eu nunca tive problema de falar, até quando jovem, lá, eu falava; com um professor do grupo. E foi através de conversar com pessoas, que ajudou de esclarecer, assim que eu fui entender tudo que houve com meu pai. Com pai, com mamãe, entendi tudo.

Tonny: Aí, consegui recuperar, né?

Maria José: É, e entender, né. Que minha mãe entrou na luta, depois do meu pai, em defesa do nome dele, assim, pelo o que aconteceu, ela revoltada, aí, entrou com razão, né. Tenho muito orgulho da minha mãe ter, né, feita essa luta, essa ação. Porque não é fácil, né, de ver seu marido morto, numa pista e ter onze filhos, né.

E saber que ele foi morto injustamente. (...) Eu lembro quando mamãe foi presa, que ficou na (...) de Engeneria, que a gente veio visitar ela. (...) Neste tempo já estava na casa da minha tia, que foi o marido dela, que juntou agente e trouxe para visitar ela. (...)

Tonny: Ah, então, a mãe já sabia que vocês estavam nas casas dos tios. Vem cá, e o que foi feito com as coisas, que estavam dentro da casa?

Maria José: Foi, o meu tio trouxe tudo pra casa do meu avô, e lá dividiram; a própria família pegou as coisas. Tinham raiva dela e dele, mas pegaram as coisas. A própria família pegou; pegou a máquina de costura; na época tinha um móvel que chamavam; chaleiro, pegaram. A mesa ficou na casa do meu avô, foi.

ENTREVISTA COM MARINA DIAS VIRGÍNIO, IRMÃ DE JOÃO ALFREDO DIAS, (NEGO FUBA), RIO DE JANEIRO. CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 08/05/2006.

Tonny: Hoje é dia 08 de maio de 2006. Estou com Marina, a irmã de João Alfredo, que a gente conhece mais como Nego Fuba, do tempo das Ligas Camponesas. Marina veio para Paraíba por causa do Seminário Memória Camponesa, sobre as Ligas Camponesas, no final de abril. E hoje ela está disposta para contar um pouco sobre o irmão dela, o João Alfredo Dias, Nego Fuba. Vamos então, Marina, você pode contar a vontade.

Marina: É, eu me lembro que com mais ou menos..., nos anos cinquenta começava. João Alfredo era tudo para mim. Não é porque morreu, mas foi um irmão maravilhoso. Perdi minha mãe em 51, e ele foi quem tomou conta de mim. Ele foi pai, foi mãe e foi irmão para mim; foi tudo mesmo.

Tonny: E a senhora estava contando que ele trabalhava já cedo.

Marina: Ele trabalhava como sapateiro, aí, vinha sempre com aquele jornalzinho. Eu acredito que naquela época, ele já estava conhecendo mais coisas, porque ele recebia muitos livros. Ele não sabia ler; não sei como ele lia. Ele lia muitos livros de fora; não tinha luz, energia, e ele lia com a luz de querosene. E ficava até as tantas. Ele gostava muito da época de São João; assava milho pra gente; (...). Que ele era muito amável; era uma união entre nós três, durante o tempo que nós vivemos juntos, nós não brigava; ele tinha aquela..., o gesto que falava quando o meu irmão dava pouco, que as coisas estavam caras. Ele chegava pra mim, falava: "Marina fala pra o Ascendino pra aumentar o dinheiro, porque as coisas estão caras. Eu falava, eu chamava ele de Dão; falava: "Dão, porque você não fala com ele"? Aí, ele falava: "Não, você que tem que falar, que nós somos homens e homens..., nós podemos até brigar e eu não quero estas desavenças; eu quero união. Eu não quero que ninguém diga que nós brigamos. E nós vivemos juntos até que ele viajou pra China.

Tonny: Ele viajou pra China quando, com que idade?

Marina: A idade eu não sei (...). Ficou seis meses lá, entre China e Cuba.

Tonny: E antes disso ele já estava na luta?

Marina: Já, já tinha comício em Sapé, ele participava do comício, ele falava muito, ele dizia: "Se me matar e me cortar em dez, vinte ou cinquenta pedaços eu sou um comunista". Ele ficava

muito empolgado abanava as mãos, assim. Ah, com Elizabeth Teixeira em: "CABRA MARCADO PRA MORRER", ele tem uma pequena participação, ele tava todo de branco, de terno branco e com as mãos assim. Quem viu o filme sabe, mas passou só duas vezes no filme.

Tonny: Eu vi o filme, mas já faz muitos anos, to vendo que vou ter que ver de novo.

Marina: Então ele começou a ir aos comícios, foi tempo que João Pedro Teixeira morreu, mas a luta continuou. Aí, ele se candidatou pra vereador em 1963, foi um dos mais votados; dizem que ele foi mais votado que o prefeito, que era Ivan Figueiredo. No meio de tantos vereadores ele teve mais votos do que o prefeito Ivã Figueiredo. Aí, (...) acho que foi em 1962, que acordei com uma vizinha minha chamando, dizendo que viu o exército na rua. Ela foi pros fundos da casa e falou pra mim: 'Marina te prepara, que o Exército está na rua e vem pra tua porta'. Eu me preparei, quando eu abri a porta, fiz que não sabia; o maior nervoso. Aí, recebi eles; eles vieram com uma ordem, se eu não abrisse a porta pra eles entrar, que eles iam invadir a casa. Eu abri, eles entraram, eles viraram a casa toda, não acharam nada, eles chegaram, era 7 horas da manhã e saíram lá de casa mais de meio dia. Nós sem comer, sem direito de comer; meu outro irmão veio trazer uma carne pro almoço e não podia entrar. Eu já era casada; é isso mesmo, meu marido estava em casa, ainda não tinha saído pra trabalhar. Aí, mexeram a casa toda, não deixaram a gente comer nada; só ali, e de olho, com medo dele não botar alguma coisa; pra onde eles iam, eu ia atrás deles; aí depois de virarem a casa toda, falou assim: 'Só se a gente procurar lá no telhado; não é possível', e foram embora. Outra vez voltaram; sei que isso foi três vezes, só não sei dizer se foi num ano só. (...) Aí, pronto, foi o tempo que veio o Golpe Militar. Com estas coisas todas, né. E, não sei, acho que foi em 1963, que o Presidente JK, Jucelino esteve lá em Sapé. Foi na eleição de 63. (...)

Tonny: Como é que foi esta ida de JK?

Marina: O Assis Lemos fez o convite a ele (...) e ele foi. E eu tenho a foto dele. Oh, minha senhora, estava um sol muito quente, era ali, em frente o Hotel Central, o palanque e eu estava aí, fui atrás do palanque, eu tinha uma sombrinha rosa de cabo grande e dei pra abrir pra Juscelino não levar aquele sol quente. Me lembro disso como se fosse hoje. Eu ia todos os comícios, era muito entusiasmada. Eu pegava bandeira e botava pra cima; eu não sabia o que era comunista naquela época; sabia que meu irmão tava se candidatando pra vereador e tinha que dar força a meu irmão. E estava lá, não

queria saber se o pessoal..., todos falavam: "Teu irmão não vai na Igreja, teu irmão é comunista não crê em Deus". Falavam isso, mas eu não queria saber; também ele era meu irmão; mas ele ficava na porta da Igreja; tinha Missa no sábado de noite e ele tava lá, na porta da igreja. Meu irmão era um pouco rígido e sério, quando ele falava, ele olhava pra mim; quando ele não tava gostando de alguma coisa ele olhava pra mim, quando ele botava o olho branco, eu já conhecia, mas ele nunca me chamou a atenção, naquele olhar que ele dava, eu já obedecia a ele. (...) Ele botava o branco do olho todinho, aí, eu sabia que ele não estava gostando (risos) e obedecia.

Tonny: A senhora ia sempre para os comícios, o que se lembra, o que João Alfredo (Nego Fuba) falava nos comícios?

Marina: Ele falava que tava ali pra defender os pobres, a Liga Camponesa. Ele falava muito bem, todo mundo se admirava do que ele falava; muito alto com os braços pra cima, gesticulando com os braços. Uma frase que eu não esqueço que ele falava, que ele sempre falava antes de terminar, ele falava: "Companheiro e Companheira a luta continua, nós não podemos esmorecer". Ele falava isso em cada comício e era muito entusiasmado.

Tonny: Ele dizia a vocês em casa, por que ele gostava tanto disso?

Marina: Não, ele não era de falar o que se passava. Não, conversava nada.

Tonny: E quando ele voltou da viagem de Cuba e China, ele falou o que?

Marina: Não falava nada.

Tonny: Nunca soube o que ele viu, lá?

Marina: Não. Ele falava pras pessoas, mas dentro de casa ele era muito calado. Ele era amigo, ajudava assim; quando recebeu o primeiro dinheiro..., porque ele foi enfermeiro do SAMDU. Ele começou como servente do SAMDU; começaram a ensinar a ele e ele passou a ser enfermeiro. Como servente, quando ele chegou com o primeiro dinheiro disse: "Toma mana, é pra você". Ele dizia que quando me dava o dinheiro, o dinheiro rendia.

Tonny: Se lembra quando foi isso?

Marina: Não, não me lembro quando era, mas quando ele recebia ele me dava. A gente dava conselho pra ele sair daquela luta, quando vinha aquele exército e aquela coisa toda. Quando foi preso, uma vez, e soltaram logo, eu dava conselho, meu pai dava conselho. E ele: "Não, não vou sair, não adianta. (...) Ele dizia a meu pai que ia morrer um homem, um homem comunista. Aí, veio o Golpe

Militar, dia 31, de uma quarta-feira pra quinta, me lembro como hoje, de madrugada. Ele foi... O Dr. Alceu que trabalhava no SAMDU e tinha uma Fazenda, lá pra banda de Mamanguape, pra aquele mundo de lá. Pegou ele, botou num carro e tirou ele de madrugada e levou pra Fazenda. Quando foi no sábado de madrugada, isso é, ele passou a quinta toda e a sexta, lá na Fazenda, e já estavam pensando em tirar ele pra outro lugar. Aí, a polícia chegou lá, encontrou ele e prendeu ele, no sábado de manhã e trouxe pra Sapé. Quando ele estava lá dentro (na prisão), me disseram que ele estava em Sapé. E daqui a pouco, umas 11 horas mais ou menos, eu lá dentro, chorando muito, que eu achava que... Aí, começou um pessoal chegando: 'Olha, parece que mataram teu irmão'. Ninguém sabia de nada, mas pra falar coisas ruins... Aí, escutei uma batucada, passando na rua; tocando, batendo tambor e cantando: "O Nego Fuba; já mataram o Nego Fuba; já cortaram o Nego Fuba. Os pedaços de Nego Fuba, estão dentro de um saco". Foi muito triste. Aí: "Cortaram o Nego Fuba, em não sei quantos pedaços. Vão levar o Nego Fuba pro 15 RI; vão levar ele pra João Pessoa, mas num saco, que já está todo cortado". E eu lá dentro de casa no maior choro, na maior aflição. Só Deus é quem sabe, aquele sábado pra mim. Fiquei muito triste e aí, eu pensava: "Se minha mãe fosse viva, tava aqui passando a mesma dor. Como ela não está, estou passando a dor sozinha. Meu pai morava numa terra da Usina, nesta época, não morava em Sapé. O meu irmão já tinha aquela vendinha, ali, só que não participava de nada, tinha medo. E o outro meu irmão, fazia tempo que tinha chegado em Brasília; ele foi trabalhar em Brasília, mas não deu certo. Aí chegou de Brasília, também sem nada, com dois filhos e a mulher, que ficou na casa da mãe dela, em Santa Rita, e ele ficou comigo. Meu marido fazia sela de cavalo e tinha semana que tinha muito serviço e tinha semana que não tinha nada. Aí, era uma situação muito apertada e quem me tirava do aperto era João Alfredo e ele tava preso. Aí, quando foi no domingo eu fui visitar ele...: "Incomunicável". Não consegui ver ele. No sábado, um dia antes da minha visita do domingo, umas 2 horas da tarde; como tinha muitos presos em Sapé, levaram todos. Dizem que foi um caminhão de presos pra João Pessoa. Aí, no outro dia eu fui pro Quartel. Cheguei lá: "Não, está incomunicável". Agora vai saber da maior que eu fiz; nunca a ninguém falei isso. Apanhei o ônibus do 15RI pra rodoviária pra pegar o ônibus e vir pra Sapé. No ônibus vinham dois soldados do 15 RI. Eu sentei no ônibus atrás e os soldados também sentaram, e eles falaram assim: "Rapaz eu tou cansado, eu fiquei com aqueles presos a noite toda em pé, tomando conta daqueles presos todos.

Estou cansadíssimo, hoje". E eu vinha chorando. Enxuguei minhas lágrimas e perguntei pra eles; falei assim: "Você viu um preso com o nome de João Alfredo?" Ele: "Não, por que a senhora tá perguntando isso?" Falei: Porque eu sou amiga da irmã dele." Era uma prova que não esqueço nunca: "Eu sou amiga da irmã dele e a irmã dele está inconsolável. A irmã dele pensa que ele morreu". Eu não sei como foi que Deus me deu essa coragem, Repeti: "A irmã dele está inconsolável, Fala alguma coisa pra mim. Eu não vou dizer a ninguém o que você falar, eu nem te conheço e nem vou falar nada pra ninguém". E ele disse que não podia falar nada do que viu lá dentro. E eu continuei insistindo: "Mas fala". Aí, um disse pra o outro assim: "Eu vou falar". Eu disse: "Porque disseram pra mim que mataram ele, que quebraram ele. Ele tá muito quebrado". Ele falou assim: "Olhe, sabe quem foi o preso que eu passei a noite com ele em pé? Foi com ele. Eles bateram muito nele, mais muito mesmo; só que ele não esta tão quebrado como falaram. Realmente bateram muito, mas quem bateu foi a polícia de Sapé. Não foi o Exército. Depois que ele entrou lá dentro, ele não apanhou mais. Quando ele terminou de falar eu caí em prantos e eu disse: - "Meu filho, a irmã dele sou eu, só que eu não vou falar nada pra ninguém". Hoje eu tou falando, mas já faz tanto tempo. (...) O soldado, ainda, disse assim: "A senhora dá pra ser uma artista, como é que pode se passar por uma dessa, mas tudo bem, eu tirei a dor de dentro da senhora, um pouco". Eu disse: "Obrigado meu filho, fica com Deus, que Deus lhe abençoe". Quando eu cheguei, falei pra algumas pessoas, pra muito poucas pessoas, porque eu não podia falar nada. Aí, passou, tinha sábado que meu marido perguntava: "Você quer comer uma galinha ou quer visitar o Nego Fuba, o Neguinho"? Meu marido chamava ele de Neguinho, eu disse: "Quero comer feijão puro, mas quero ver meu irmão". Ele disse: "O dinheiro que eu tenho, é pra isso". Ou viajava ou comia. Foi muito duro; eu ia pra João Pessoa, ainda me lembro.. (...) Ele foi preso no começo de abril, passou maio e quando foi o mês de junho, eu ia lá (cada semana) e não via ele nenhuma vez. Aí, tinha um primo que tava servindo o Exército; tava lá e ele veio na minha casa e falou pra mim: "Marina, amanhã você vai preparada, que você vai ver o João, só que você não pode falar nada; faz de conta que você não sabe que vai ver ele". Eu fui, levei coisas pra ele, chegando lá, perguntei se tinha visita pro João Alfredo. Aí, eles olharam um papel, mas ainda naquela dúvida; foram olhar num livro e disseram: "Tem visita pra João Alfredo". Eu conheci um sargento que era primo de uma amiga minha; aquela que me avisou do Exército. Ela era da família dos Lucena. E ela mandou me procurar

ele. Procurei ele e fiz amizade com ele e ele falava as coisas pra mim e mostrava a bandeja com comida, que ele davam pra ele. E no dia da visita encontrei Sargento Lucena e ele entrou na sala e disse: "Marina aguarde que eu vou buscar seu irmão"; aí, ele foi lá e haja meu irmão demorar; haja demorar e eu naquele nervoso. Com um pouco ele chegou na sala e perguntou: "Seu irmão ainda não chegou?" Respondi que não; ele gritou: "Tragam esse homem". Ele tava tomando banho de sol. "A irmã dele faz mais de dois meses que não vê ele, ela tá nervosa, traz este homem". Com um tempo meu irmão chegou. Ah! Foi um abraço apertado. Ele tava gordo e eu perguntei se era gordura ou inchaço. Era inchaço, mas ele dizia que era gordura. Ele falou que tava bem, que não era o que o pessoal tinha falado. Disse que quebraram só uma costela e falou que brevemente, talvez saia, e se ele, até o dia 23 de junho, não tivesse saído, eu levasse um bolo pra ele comer com os amigos, porque ele gostava muito de comemorar meu aniversário e o dele. Mas quando foi na outra semana ele saiu; antes de chegar o dia 23, ele saiu. Ficou mais de 15 dias e foi preso de novo.

Tonny: Sim, mas ele ficou mais de 15 dias em casa. Como foram esses 15 dias?

Marina: Ficava na rua, não dormiu em casa, que ele não dormia; dormia no quarto dele da sapateira ou no SAMDU, isso eu não sei. E ele ficava pela rua, todo mundo mandava ele se recolher cedo, ir para casa e ele não queria; ficava conversando com um e outro e quando foi um dia, parece num sábado à tarde, depois de uns 15 dias, aí, prenderam ele novamente.

Tonny: Sim, nestes dias, a senhora não escutava ele falando? O que ele dizia?

Marina: Não, ele não... Ele conversava muito na rua, mas em casa não conversava. Ele, em casa falava, mas não... E meu outro irmão e meu pai pediam pra ele ir embora; ele dizia que não, que o lugar dele era aquele ali e se ele morresse, que morria um homem e morria sendo um..., como é que se diz? Um comunista. Cortava ele em 4, 10, 20, 30, 40, 50 pedaços e eram 50 pedaços de comunista.

Tonny: Meu Deus.

Marina: É, ele era muito radical. E daí, ele foi preso e..., tenho poucas lembranças das vezes que visitei ele. Eu não falava mais com ele em sala; visitava ele e falava pela grade. Ele lá fora e eu aqui, na grade. Me lembro como fosse hoje. (...) tinha um corredor comprido e eu entrava naquele corredor e ele vinha de lá de dentro e ficava na portá, uma porta larga, e ele ficava de lado de dentro e eu de lado de fora. A última vez que avistei ele, nessa última vez ele

falou: "Chega de sofrer; chega de fazer você sofrer, minha irmã, porque você é quem sofre muito mais do que toda família. Que você é quem vem aqui, e eu quando eu sair daqui não vou dormir mais nem uma noite em Sapé. (...) Eu acho que está perto de eu sair daqui, mas quando vou sair daqui, não vou..." Aí, chorando perguntei: "Você vai fazer isso, meu irmão? Você vai dar este gosto, este prazer a mim e a toda nossa família? Meu pai já está velho. Você vai fazer isso?" Disse: "Vou fazer". Na época ele tinha uns 35 cruzeiros que eu tinha levado, tinha dado a ele. Daí, depois, ele foi solto, mas não apareceu.

Tonny: Quando foi?

Marina: No dia 28 de agosto. Aí, no sábado, meu marido foi até em Sapé, até na rua lá, e chegou com a notícia que ele tinha sido solto; o João foi solto: "Olha Marina, o João foi solto. Hoje está fazendo oito dias". Quer dizer, na terça feira já era 7 de setembro. Aí ele disse: "Ele foi solto no dia 28". E eu: "Como, que não chegou?" Aí, eu fui visitar ele. Eu fiz que não sabia. Fui procurar ele no quartel e aí, eles falaram que tinham soltado ele, no dia 27, e ele foi solto no sábado, às 7 horas da noite, no dia 28, como Assis Lemos falou. E eu fui procurar ele: "Não, ele foi solto". Aí, pegou um livro, leu, aí, todinho, dizendo que ele tinha sido solto, no dia 27. E eu, simplesmente inventei uma mentira. Disse: "Olhe, eu sempre tenho um sonho e meus sonhos são certos. E eu sonhei, que vim hoje visitar meu irmão, mas achava que meu irmão não estava mais aqui, porque eu sonhei que meu irmão já tinha sido solto há 8 dias". o Major Cordeiro de Farias ficou procurando explicação para o que eu disse, porque ele botou no livro que tinha sido solto, no dia 27. E ele não foi solto no dia 27, foi solto no dia 28. Ele disse: "Não, ele foi solto no dia 27. Aí, depois, no outro dia voltei lá e falei: "Meu irmão não apareceu, onde está meu irmão"? E naquela coisa do jornal que saiu com tudo; e eu disse que vim procurar o meu irmão.

Tonny: O que estava no jornal?

Marina: Estava no jornal, que ele foi solto, que eles guardaram... O Assis Lemos falou que ele foi solto e que guardaram ele em outro lugar, e depois teve gente que falou que fizeram de conta que soltaram ele e deixaram ele lá dentro. Quando foi, no dia 6 de setembro, na segunda feira, chegou lá uma caminhonete coberta, daquelas de carregar os soldados, e levaram o Pedro Fazendeiro e meu irmão, era 9 horas da noite e saíram com eles dois. E no outro dia apareceu aquele corpo mutilado, com três dias; apareceu aquele corpo mutilado com uma faixa na testa, cobrindo a testa. Meu irmão tinha um short curto, todo cheio de listrinha, que me lembro até hoje, e todas as cores, verdinho, amarelinho; cada lista uma cor;

todas as cores ele tinha e na foto que saiu no jornal mostrava aquele short, cheio de listradinhos. Foi na foto que saiu no jornal, não sei qual foi o jornal da Paraíba.

Tonny: Que foto?

Marina: A foto que saiu com estes corpos. A foto era preto-branco, depois disseram que saiu uma a cor, isso eu não vi. A filha de Pedro Fazendeiro falou que tinha uma foto colorida, mas eu só vi uma preto e branco. O seu Pedro Fazendeiro era mais alto que meu irmão, e era branco; e Pedro Fazendeiro tinha uma perna mais curta que a outra, na foto ele tava deitado com a perna encolhida e meu irmão estava todo esticado. O escuro que era mais baixo, estava todo esticado e o que era branco, mais alto, estava com a perna encolhida como a de Pedro Fazendeiro. Ele tinha uma perna mais curta, que tinha quebrado a perna. Essa foto estava no jornal, eu peguei a foto e voltei no quartel. O Coronel perguntou por que eu fui procurar meu irmão novamente lá no quartel, eu falei assim: "Coronel, se meu irmão estava preso aqui e não apareceu, eu quero que o senhor me diga: 'Onde é que eu deveria procurar primeira vez, o meu irmão? Porque na semana passada eu vim fazer visita a ele e ele não estava; e hoje vim procurar o meu irmão'. Ele disse: "É, a senhora está certa, não posso falar mais nada. Pode deixar que eu vou providenciar, saber onde ele está". E até hoje.

Tonny: A senhora saiu sem nada?

Marina: Sem nada. Só sabendo daquele jornal. Depois mandaram eu procurar o Coronel Macário. Eu fui, na casa dele; me deram o endereço; quando eu cheguei lá, estavam os dois; o Coronel Cordeiro de Farias era baixinho e branco. Me lembro como hoje, meio carequinho, baixinho, e o outro era meio gordinho. Estava na sala de espera, assim num jardim, numa varanda, e quando cheguei lá, eu não o conhecia, eu estava sem óculos, não enxergava direito. Aí, eu disse: "Boa tarde, eu queria falar com o Coronel Macário". Aí, disse: "Qual é dos dois?" (...) E o Cordeiro disse: "Fala com ela, ela tem pouca leitura, mas é bem mais educada do que a mulher de Pedro Fazendeiro". Aí, eu falei: "Eu sou irmã e ela é mulher, ela tem não sei quantos filhos, eu to sentindo a morte do meu irmão, mas ela, ele deixou um bocado de filhos pequenos". Aí, falei, falei, falei, e ele disse que ia tomar as providências. Eu contei toda história de novo. Ele falou que ia tomar a devida providência. Que devida providência, que até hoje, não sei qual foi a providência que ele tomou, e não voltei mais. Aí, cadê dinheiro? Não tinha quem me ajudasse. Eu virei um monstro, naquela cidade. Eu saía na rua, o povo cochichava: "Lá vai a irmã de Nego Fuba".

Tonny: O pessoal fazia isso?

Marina: O pessoal da UDN, que tinha neste tempo; aquele pessoal que era contra. Falavam: "Olha a Neguinha lá; a Nêga, a irmã de Nêgo Fuba. Me chamavam de Nêga Fuba, e aí, neste meio tempo meu marido morreu. Meu irmão desapareceu, em 64 e meu marido morreu em 1965, dia 7 de julho. Não deixou um INPS pra mim, que trabalhava por conta própria.

Tonny: Que coisa.

Marina: A senhora vê meu sofrimento.

Tonny: É... Tinha filhos?

Marina: Não, não tinha filhos. Não sei se era minha felicidade ou se era... Quem sabe é Deus. Meu marido morreu dia 07 de julho (...) e 22 de julho, no outro ano, em 66, eu viajei porque não agüentava a fome e nem agüentava as piadas, a humilhação. (...) (Marina continua, contando como conseguiu viajar, vendendo tudo que tinha e como foram os anos, lá no Rio).

(...)

Marina: (...) Meu pai, ali, naquele lugarzinho (perto da cruz, da Fazenda Boa Vista) foi onde meu pai, enterrou todos os livros, toda a capa, que meu irmão trouxe, lá da China; o chapéu, tudo o que ele trouxe, que está neste retrato. Todos os livros que tinha de China, de Cuba, de Fidel Castro e daqui, de Pernambuco. Tudo, tudo; ele teve que enterrar tudo; foi antes de meu irmão morrer. Eu acho que foi antes de meu irmão morrer, que ele estava preso. Pra ver se as coisas melhoravam pro lado do meu irmão.

Tonny: Ah, sim. E quando seu irmão foi solto, ele não reclamou?

Marina: Não, ele falou nada, que meu pai estava certo, que ia ser pior pra ele. Ele disse que ia ser pior; que meu pai estava certo.

Tonny: Agora, a senhora falou, que depois de João Pedro ser morto, a Usina apertou mais. O que a senhora sabe contar sobre isso?

Marina: O que eu conto, que meu pai teve que sair de lá. Muita gente que morava lá, tiveram que sair (...) lá de Taboca, perto de Cober, entre a usina e Espírito Santo. (...) Saíram muitos que faziam parte das Ligas, que tiveram que sair, também, e sem direito a nada, porque quem morava na Usina S. Helena não tinham terra; trabalhavam pra os usineiros. (continua a conversa sobre lembranças diversas, no Rio, etc) Muitos dizem que Comunista não é católica, não crê em Deus, mas eu acreditava que meu irmão tinha Fé em Deus, que ele ia pra igreja... (No final, Marina agradece pela entrevista).

**ENTREVISTA COM MIROCEM FR. DO NASCIMENTO, SUA
ESPOSA MARIA JOSÉ E MIROCEM NETO, CENTRO, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, NO FINAL DE 2002.**

Tonny: Agora eu estou aqui na casa de Mirocem Francisco do Nascimento. O Mirocem, ele era o motorista de um Jipe nos anos das Ligas Camponesas em (1964), Ele dirigia este Jipe. Esse Jipe era da Usina Santa Helena. Então, seu Mirocem, o senhor conta o quê sobre aquele acontecimento; que o senhor dirigiu, que levou dez pessoas da usina para Mari. O que foi, o que teve naquele dia?

Mirocem: Era o administrador da fazenda Sto. Antônio, e o adjunto lá, em Mari, de camponeses. Aí, ele foi passar por lá para olhar. Aí, prenderam ele. Foi quando mandaram dizer ao Dr. Daniel lá na usina Santa Helena, que o administrador tava preso, lá com os camponeses da adjunta de Mari.

Tonny: Qual era o administrador. Lembra-se o nome?

Mirocem: Antônio Vital. Aí foi quando Dr. Daniel foi para buscar os vigias da Usina. Tinha oito que eu trouxe. Aí, entrei em Mari. Aí, foi lá para se apaziguar com o povo. Mas lá ninguém queria saber de Dr. Daniel. Ele foi entrou com medo dos camponeses, com os vigias.

Tonny: E o senhor no meio?

Mirocem: E eu, mas dentro do Jipe, em direção à Guarabira...O motor ligado, funcionando. Será que vai dá errado, disse comigo.... Daí vieram da Usina São João. Perguntando pelos camponeses. Ele aí, deu o primeiro tiro.

Tonny: Quem deu o primeiro tiro foi Gouveia?

Mirocem: Foi o Gouveia. Aí os camponeses danaram foices e enxadas em cima de Gouveia, mesmo para esbagaça-lo. Quando o primeiro caiu, meu padrinho era morto... Me tiraram pela perna para fora do Jipe.

Tonny: Quem tirou?

Mirocem: Filho Pólo; quando ia fugir atiraram nele. Atiraram na perna. Aí, não pude sair pela pista. Fui por dentro e quando eu chego em Mari, eu já ia ligeiro, porque assim não mata ninguém. Quando eu vi, foi em cima, e aí atirou e furou os quatro pneus. Eu não senti nada. Fui embora; fui até Sapé. Parei, olhei, nas quatro roda, só as roda. Aí, perguntaram o povo, Dr. Gouveia, mataram tudo.

Aí, o Dr. foi pro São Vicente de Paula. Aí a polícia foi para lá. De Mari, de Sapé, de todo canto.

Tonny: Foram matar os trabalhadores?

Mirocem: Não.

Tonny: Mas também morreu trabalhador, né?

Mirocem: Morreu quatro. Um dos vigias foi para o Posto, morreu. Foi Compadre Severino Rosa, um vigia. O motorista oficial da usina sempre andava com o Dr. Daniel. Nesse tempo ninguém tinha carro, aqui não. (...)

Tonny: Como é que o senhor e o próprio gerente Dr. Daniel, como é que entendia essa coisa das Ligas Camponesas? Conheceram João Pedro Teixeira?

Mirocem: Conheci. Trabalhador ótimo; muito conversador. Tinha também o Pedro Fazendeiro e o João Fuba.

Tonny: Mas o senhor chegou a conversar com o João Pedro Teixeira?

Mirocem: Conversava. Ele falava muito na Reforma.

Tonny: Na Reforma Agrária?

Mirocem: Era. (...)

Tonny: E agora está chegando em casa, a esposa do seu Mirocem, ela é Maria José. E Maria José certamente sabe contar alguma coisa, porque viu o esposo chegar em casa depois daquela viagem dele em que o seu Mirocem perdeu os quatro pneus e chegou com o Jipe só na roda (jantes). O que a senhora disse?

Maria José: Me lembro que chegou em casa, só dizendo que aconteceu isso. Só isso que aconteceu... Ele sabia o que foi que houve. Levei um susto, porque estava esperando até um menino..Aí levei aquele susto, porque eu vi ele com a camisa toda cheia de sangue. Ele chegou e disse o que tinha acontecido isso, aí.

Tonny: A senhora naquele tempo escutava alguma coisa que tinha a organização das Ligas Camponesas?

Maria José: Eu só ouvia falar este negócio de Ligas, mas eu não sabia nem o que era, (...) agente nem saía muito de casa.

Tonny: Agora, quem vai falar, é o Neto, que tem o mesmo nome de Mirocem. Como é que é Mirocem?

Mirocem Francisco do Nascimento (Neto): Pouca coisa eu sei né, eu sempre escutei parte do meu avô; uma parte que ele sempre falava, na verdade. Muita gente falava o seguinte: Que a Liga Camponesa foi isso, foi aquilo e teve heróis na família, né. Como Zeca Preta. Teve um que esconderam numa casa e pulou. Passou três dias dentro do mato escondido, né. Porque ele era um herói,

sobre aquilo, que era a Liga Camponesa. Ele brigava pela parte pobre das famílias e muita gente castigava. Mas o que eu sei, é somente isso. Dá minha parte né, que eu tou com 26 anos de idade e o que escutei e estudei sobre a Liga Camponesa foi isso.

Tonny: Mas no meio dos estudantes o que se falava? E os professores falavam o quê?

Mirocem (Neto): Os professores falaram muito. Era sobre Zeca Preta que tinha. E tinha uma senhora de idade em Café-do-Vento e tem um livro escrito sobre ela. Eu não lembro bem o nome.

Tonny: É Elizabeth Teixeira? É a esposa de João Pedro Teixeira; é quem fundou as Ligas.

Mirocem Neto: É, parece que é isso. Tem tudo direitinho sobre ela. (...)

PALAVRAS DO MONSENHOR ODILON PEDROSA.

(FALECIDO)

(Do seu livro "Caminhos Andados,
Terras, Mares e Céus", Capítulo 23)

As ligas Camponesas – A política da boa vizinhança – Justiça no intento e meios inadequados – Sobreviver o Espírito – volta para o social no governo nova república.

O movimento das ligas camponesas, na Paraíba, aqui surgiu. Sapé tornou-se o quartel general do movimento. A situação em parte da região da várzea, a condição de maior conglomerado industrial do estado, a existência de latifúndios, a monocultura da cana de açúcar faziam com que Sapé apresentasse vantagens para sediar o movimento que visava, nos seus planos, à libertação dos trabalhadores rurais.

O povo unido e gritando na praça pública, assustava a burguesia e os grandes proprietários da terra.

O chefe natural das ligas era João Pedro, em mangas de camisa e chinelas nos pés, o líder mais autêntico, homem da classe, passado por sindicatos da categoria no rio e São Paulo. Sentia na carne o problema quase desesperava os irmãos.

Não estiveram ausentes os doutores, vindos não sei se por ideal ou por fins eleitoreiros.

Transferido para Sapé, como Pároco, aqui cheguei para partilhar os problemas de todos, grandes e pequenos, e por isso mesmo, não fiquei desatento ao momento que vinha despertando.

A situação política do país, os ensaios do governo sindicalista, no Plano Federal, criava espaços para seu desenvolvimento. Ninguém, em sã consciência poderia por em dúvida a existência de sementes de justiça das demandas. Pelejavam por uma causa justa. Intentava-se corrigir uma situação de miséria. Trabalhadores rurais sofriam aperturas. Mal remunerados, moradia precária, sem terra para plantar. Sem instrumentos legais que os alentassem com a esperança de dias mais seguros e tranqüilos.

Em tudo isso, o que faltava para a explosão era alguém que acendesse o estopim.

Fê-lo João Pedro e o fogaréu logo se alastrou.

Mais uma vez João Pedro me procurou e conversamos longamente no alpendre da Casa Paroquial. Fizemos a política da

boa vizinhança. Havia injustiça entre os homens do campo, nisto nós nos convínhamos. Também nos convínhamos na necessidade de corrigir-se tantos desmandos e desacertos. Divergíamos quanto aos meios a empregar-se para alcance dos objetivos.

É que os métodos da Ligas Camponesas, os métodos de ação, não se afinavam com os da doutrina social da Igreja e não era permitido a nós outros, o uso da violência. Devem andar, de pares, a caridade e a justiça.

Tinha notícias de fogo nos canaviais, de donos de terra e até companheiros, de chocalho ao pescoço, pelas estradas, agressão física aqui e ali.

Ainda assim, João Pedro me procurava para explicações. Não partiam dele tais iniciativas. Pessoas de fora é que insuflavam práticas deste teor.

Com Pedro Fazendeiro que me pareceu animado dos melhores propósitos, encontrei-me algumas manhãs, no Hospital Sá Andrade quando se tratava de ferimentos, consequência de emboscada.

Outros gestos confirmam essa postura de compreensão quando a tendência era de conhecer o movimento de maneira irrestrita, como se nele nada houvesse de bom e louvável. Poderia citar fatos. Num 1º de maio, dia do trabalho estavam os camponeses na sua sede, à rua Orcine Fernandes.

Queremos ouvir a palavra de Deus. Frei Damiano estava de Missões na Paróquia. Procurei o santo missionário e pedi-lhe que falasse a eles. Antes, dei-lhe instrução adequada. E frei Damiano foi fiel a mensagem. Na igreja entre outras coisas proclamou:

"Justiça é a causa porque vocês lutam e se sacrificam. Não é permitido o uso da violência. Não matem os irmãos. Cuba não pode servir de modelo. Em Jesus Cristo está a salvação. E lá na terra de Fidel Castro a igreja está confinada em recintos fechados, afastada do povo."

A semente do Evangelho foi lançada no meio daquela gente que jamais esquecerá os ensinamentos da Igreja. A quantos daqueles homens vi, ao passarem em frente à matriz, benzer-se respeitosamente. E todos eles eram militantes da Ligas. Outro fato: O agrônomo Assis Lemos, por sua vez, tinha sido espancado, para os lados de Itabaiana e agora quase todo recuperado da selvageria de que fora vítima, procurou-me para missa de ação de graças.

Pastor de todo um rebanho, tinha obrigação de amar todas as ovelhas, partilhar de suas alegrias e tristezas, lançar no meio delas a

palavra de Deus, a cuja Luz seriam aclarados os caminhos da Verdade, da Justiça e do respeito aos irmãos.

Com pouco tempo veio o desdobramento da ação. Crescia o número de adeptos. Visitavam a cidade personagens representativas do governo; ministros e políticos. Acorriam até Sapé líderes populares de Pernambuco e em especial de Vitória de Santo Antão. Francisco Julião no meio deles, e algumas professoras tocadas pelo social ou pelo gosto da subversão.

Até figuras internacionais vinham à nossa terra para sentir de perto a força do movimento e atirar, na fogueira das paixões, exacerbadas o seu pedaço de lenha.

Seguiram-se confrontos sangrentos entre as alas disputantes. De um lado, os camponeses, trabalhadores rurais, e de outro, os donos de terra. Ante a fúria dos contendores semelhante desfecho era inevitável.

As Ligas Camponesas, como se apresentavam e agiam, cavando fossos entre as classes, despertando ódios e violências não eram solução para nossos problemas.

Foram um ponto de partida. Grito para acordar os governantes, no sentido do ornamento de leis e normas mais humanas e cristã.

A última revolução brasileira esmagou as Ligas Camponesas.

Não viera com diversos intento. Governo de tendências sindicalistas rasgava brechas na parede das estruturas do tempo. Mas o ideal, o espírito o anseio pelas mudanças se dilatavam por espaços mais amplos e agora mesmo influem nos governantes, que se proclamam, aos quatro ventos, voltados com prioridade para o social, sem discriminações nem privilégios.

ENTREVISTA COM NEVES JUSTINO,
ESPOSA DE ANTÔNIO VÍTOR E PRIMA DE ELIZABETH,
CENTRO, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, NO FINAL DE 2002.

Tonny: Agora eu estou na casa de Antônio Vitor e Neves Justino. Ela é prima legítima de Elizabeth Teixeira, que os pais delas eram irmãos.

Neves Justino: Somos irmãs né, porque meu pai tinha um terreno aculá, né.

Tonny: Como era o nome dele?

Neves Justino: Antônio Justino. Então, nesse período da Liga Camponesa que existia aqui, era muito forte. Então meu pai tinha um terrenozinho, aqui em [bairro] Nova Brasília, né, pro lado de [fazenda] Açude do Mato. Então aí, ele tinha a casa de farinha e o terreno dava ao povo pra ir trabalhar. E no fim da colheita, aquele povo, quando fosse fazer a farinha tinha que dar uma quantia. Todo mundo aceitava, concordava, mas esse senhor que matou ele, não aceitou; foi cobrar né, que já tava devendo há muito tempo. Então, ele disse pro meu pai: "O que tenho pra você é isso aqui. Aí, chegou e assassinou meu pai".

Tonny: Quando foi, que aconteceu isso?

Neves Justino: Há eu não lembro, faz um bocado de ano, muito, muito, ano já. Aí, prenderam, procuraram. Eu tinha ido até com o meu pai pra tomar leite, que eu estava um pouco gripada, uma tosse medonha. Ele disse: - Minha filha vamos comigo pra tomar leite; aí, com pouco tempo, chegou a notícia, que tinha assassinado meu pai. Aí, lá pra traz prenderam o casal. Aí, houve juros, e foram soltos. Depois levaram para João Pessoa, e eu sei que terminaram lá, pro lado do Quartel, lá, que ele trabalhava lá.

E Elizabeth é uma sofredora e esforçada, trabalhadora mesmo; sofreu tanto até o marido morrer e depois que morreu aí, é que ela... É uma sofredora aquele pobre.

Tonny: Ela já fazia antes, o que fez depois do marido morrer?

Neves Justino: Não, é porque ela ficou com os filhos, né. Mas depois, ela viu que não dava, não tinha condições de criar os filhos aí, deu a família. Parece que ela foi presa ainda, depois saiu daqui da Paraíba; foi morar fora, aí, eu não sei mais da vida dela.

Tonny: O pai de Elizabeth vendeu estas terras a Antônio Victor; sabe, né?

Neves Justino: Sei, sei, mas como foi isso, eu não sei, viu.

Meu marido é um homem, que ele é quem faz os negócios dele, ele não fala comigo, não comenta não. E até hoje qualquer coisa, ele evita.

Tonny: Que aquelas terras passaram pras mãos de Antônio, a senhora sabe?

Neves Justino: Eu sei, né, mas agora eu não sei a quem ele vendeu.

Tonny: A senhora conhecia João Pedro, né?

Neves Justino: É..., mas viviam pra lá, né. Ela, quando começou a namorar com este rapaz, os pais não queriam e ela fugiu. Passou uma temporada morando não sei pra onde. Depois foi que vieram. Acho que foi uma situação difícil. É, então, ele não era um homem de vir aqui, na minha casa me visitar. Não, eles viveram pra lá; ela, eu reconheço que era minha prima e a gente foi quase criada junto, mas ele, eu não tinha intimidade com ele não.

Tonny: Tudo isso era lá em Sobrado, mas quando teve aqueles movimento, aqui, na cidade...

Neves Justino: Ah..., eu não ia não..., mas era perto, aqui, nesta outra esquina, na avenida do Correio, do Minipreço pra cá um pouquinho; era aculá as Sede deles, o que eles falava lá, daqui a gente ouvia tudinho.

Tonny: No microfone?

Neves Justino: No microfone; eu nunca fui na casa dele, ele também nunca veio na minha.

Tonny: Só sabe de ouvir dizer, que ele era um moreno?

Neves Justino: Eu digo por que o pai dela não queria o casamento, porque ele era um moreno.

Tonny: Era por causa disso?

Neves Justino: Ele era moreno né, e a família da gente era família de gente do olho azul, a família do meu pai. Aí, o pai dela não queria porque ele era moreno, era negro. Então aí, não houve intimidade, possibilidade assim; eu nunca vi ele não, em canto nenhum; eu nunca fui lá também; não sei nem como ele era, só sei que era moreno!

Tonny: Sabe dizer que idade tinha, quando seu pai morreu?

Neves Justino: Uns trinta e três anos, e hoje estou com setenta e cinco.

Tonny: Então faz quarenta e dois anos; foi exatamente no tempo das Ligas.

Neves Justino: Ninguém sabia, se ele era dos Camponês; só que depois que mataram papai... não sei porque..., só pode ter sido da Liga Camponesa, Mas ninguém sabia que ele era forte na Liga Camponesa. Ele trabalhava lá todo ano, e pagava. Todo mundo

pagava a quantia a meu pai, tudo direitinho, e esse ano ele revoltou-se, aí, quando deu fé, chegou foi a notícia.

Tonny: É, isso é dureza, né?

Neves Justino: É, porque..., plantava mandioca, todos plantava mandioca e na farinhada, quantas cuia de farinha tivesse, aí, meu pai tinha direito néra? E ele não pagou, e meu pai foi cobrar lá, no sítio mesmo, dentro dos matos e ele matou meu pai. Mas Deus dá o perdão. (...) João Pedro, a notícia da morte dele, chegou de uma hora pra outra...; morreu cedo.

Tonny: Pelo que escuto, todo mundo fala de João Pedro Teixeira...

Neves Justino: Ele foi assassinado na estrada de Café do Vento...

Ele, vinha com os livros de Abraão. O menino chegou aqui, depois da morte dele. Abraão, a gente tinha um menino. Ele estudava em João Pessoa. E meus livros do meu menino, eu passava pra ele. E meu marido arranhou um emprego pra ele, num o restaurante, em Cabo Branco.

Tonny: E vocês pensavam o quê quando Elisabeth desapareceu? Que nunca mais voltava? Pensava que ela tinha morrido?

Neves Justino: Não, não, a família lá, os irmãos procuravam saber, né... (...) Dos filhos, eu trouxe uma pra minha casa, Beatriz levou uma e Bibi levou outra. E os homens foram com os tios. (...) Foi um dismantelo grande, e por isso que eu... E ela coitada, eu não sei não. (...) Ela é uma batalhadora, sofredora. Porque toda mulher não tem a coragem de enfrentar o que ela já enfrentou na vida dela. E nada eu pude fazer por ela, porque não era uma pessoa ligada a gente. Ela sempre era só pra casa dela com os filhos e o marido. Tanto que com o pai dela, ela não era ligada. Ela nunca disse a mim, mas, (...) não é brincadeira. Eu digo assim: "Como ela viu o marido, eu vi o meu pai...! Ver os filhos, basta isso, pra dizer que é uma sofredora." Ele só cativava mais o povo ao lado dele né, da Liga Camponesa, que acompanhava né. Os parentes, eu acho que ninguém combinava; os próprios irmãos mesmo né, e o pai. Aí, Elisabeth sofreu muito da parte dos pais. Mas ela gostava tanto de João Pedro né, que deixou o pai pra ir embora com ele, porque gostava dele.

Tonny: E a mãe dela, a mãe de Elisabeth, como ela reagia?

Neves Justino: Ela sofreu muito, porque... a mulher, né..., só é..., combina tudo se o marido combinar né, e o pai não combinava. O pai dela, quantas vezes reclamava dela, de Elisabeth, né?

Tonny: Não é? Ó dona Neves, não tem algum retrato antigo dos parentes?

Neves Justino: Nenhum, não tem nenhum. (...)

**ENTREVISTA COM DONA NILZA, ESPOSA DE
ELIAS QUIRINO PEREIRA, CENTRO, ALHANDRA.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 15/02/2006.**

Tonny: Hoje, estou na casa de Elias Pereira, em Alhandra, com a transcrição da entrevista com ele, tempos atrás. No entanto que está repousando, estou com a esposa dele, Dona Nilza, e ela se lembra demais das Ligas; inclusive ela está contando, agora, uma conversa que ela teve, ainda há poucos tempos com Manoel Dantas de Massangana, que mora em Santa Rita, e que estes velhos amigos, ainda, se encontram. Então, vamos escutar Dona Nilza. O que a senhora, conta daqueles tempos das Ligas Camponesas e dos encontros de Manoel Dantas com seu Elias? (Depois descobrimos que não era Manuel, mas Antonio Dantas, de Santa Rita).

D. Nilza: Dantas..., era ele e a esposa, dois batalhadores; Teresa, também. Ela já se foi, há muito tempo. E... ele vinha muito, aqui, ela também; Teresa também. E até mesmo, quando tinha encontro com Francisco Julião, que também já não existe mais, né. Ele, também, serviu muito, veio muito aqui. Então, era aquela luta, né, que tinha pelas Ligas, né; as Ligas Camponesas de Alhandra.

Tonny: O que a senhora se lembra disso, que seu marido era presidente? O que vem na mente, quando a gente fala das Ligas?

D. Nilza: Olha, foi um momento de muito sofrimento. Me lembro que naquela época, eu tinha meus filhos, tudo pequeno, ainda. E teve um momento muito difícil, que nós fomos obrigados a... tirar os meninos do colégio, que ninguém teve condições mais, né...; foi seis anos. Eu tenho uma lembrança, que quando a gente melhorou um pouco, dissemos: "Agora, vai todo mundo estudar". Ai, teve um dos meninos; o encostado dos mais velhos, que disse assim: "Agora? Já faz seis anos". Ai, eu disse: "Ah meu filho, mas nunca é tarde". Fazia seis anos que a situação da gente não dava; que houve as Ligas Camponesas, a gente lutou muito; a gente gastou muito, também. E justamente, aquele momento difícil de sofrimento e tudo, então, tinha que ficar tudo dentro de casa, ninguém podia.

Tonny: Como a senhora acompanhava a luta de seu Elias?

D. Nilza: Eu acompanhava, assim, como esposa e companheira, né. Tinha que acompanhar ele, nas lutas. Justamente, e não só eu, os filhos também; se entrosavam, também. Me lembro, ainda, o meu filho mais velho, Carlos Alberto; ele estava, ele admirava muito. Este menino eu perdi, porque Jesus levou, né. Teve uma

doença muito séria; não tivemos condições para o tratamento; foi, justamente, foi problema renal; ... de rins. Aí, precisava de ele ir para São Paulo, fazer transplante, e a gente não tinha condições.

Tonny: Puxa vida, é..., e naquele tempo, né...

D.Nilza: Naquele tempo...

Tonny: É... Olha, D. Nilza, o seu marido era presidente das Ligas, um certo tempo. Como era, assim..., o que percebia, qual era a tarefa dele? Ele fazia o que, dentro das Ligas?

D. Nilza: Olha, ele, nesta época, justamente, era lutando com os camponeses, sabe; tudo naquela luta; e sem ter uma pessoa que desse apoio. Então, tudo recorria..., então, os proprietários ficavam mais irritados, com raiva; botavam pra fora. Então, justamente, quando eles tinham lavoura, eles pegavam os capangas, botavam para dentro; botavam tratores, tiravam, acabavam com tudo. Então, era justamente o que ele fazia; era o trabalho dele; ele ia ao encontro deles, dos trabalhadores, os camponeses. E, as vezes decidia, fazia acordo; as vezes os proprietários não queriam saber. E, por isso, a gente fomos ficando..., ficamos mal vistos, odiados. E até, justamente, na época do menino, né, de... João Pedro Teixeira, que aconteceu isso, o...o, este acidente triste, né. Justamente, então, o povo ficava, né, criticando. Dizia: "Olhe, hoje foi ele; depois vai este, daqui". Quer dizer que este Presidente das Ligas, daqui de Alhandra, ele vai...; ele vai ver viu. O que aconteceu com o amigo dele, depois acontece com ele. E era assim, sabe; muito... tumulto. Muitas vezes, aqui, com meu menino doente... Muitas vezes, aqui, não nesta casa, noutra casa, né; que quando a gente se levantava, a casa estava cercada pelo exército, da polícia; muitas vezes quando a gente se levantava a casa estava cercada. Me lembro que o menino saía doente, que aquele problema dos rins, ele incha muito; aquela inchação enorme...; e ele ficava preocupado, aperreado com aquilo, quando vinham, né. Aí, levavam o Elias preso.

Tonny: Elias foi preso mais de uma vez?

D.Nilza: Foi! Foi..., justamente no alvo, o que eles chamam de... a guerra, né, que eles... prenderam tudo, né... Que foi justamente que ele passou...

Tonny: Ah, no Golpe Militar?

D. Nilza: Sim, o Golpe Militar. Aí, ele foi preso e ficou mais de trinta dias. Foi muito sério. Tinha muito sofrimento pra gente.

Tonny: Ele conta alguma coisa sobre isso?

D. Nilza: Conta. Ele diz que lá ele soube... Foi nesta época que foram muitos, né. Tinha esse senhor, o Pedro Fazendeiro. Era

uma criatura tão boa. Ele conta que estava preso juntos com Pedro Fazendeiro e... (trecho confuso para lembrar do nome de) Nego Fuba...

Tonny: E Elias estava preso junto com eles, foi?

D. Nilza: Foi. Quase...; sei que eles estavam num salão e ele estava noutro, no mesmo tempo. O Elias, justamente no momento da, da..., como é que se diz...; ele teve que sair de casa; porque se não, neste tempo, o sofrimento era muito grande. Era pego aqui e diziam que ia tudo para a Delegacia; dali, era muito sofrimento, era muito pau. Muito, muito, muito sujeira dos proprietários, né.

Tonny: Os proprietários usavam pau?

D. Nilza: Usaram, justamente, juntos com a polícia, a própria polícia. Eles já vinham fazendo o seguinte. Numa Fazenda, o escalador vem: "Vai ser preso fulano, fulano e fulano". Aqueles que não haviam jeito de fugir, eram pego tudo de uma vez e vinha; vinha, sabe, algemados aí..., justamente, apanhavam muito; apanhavam, apanhavam de fazer dó. Aí, eu disse: "Vai embora."

Tonny: A senhora dizia a ele?

D. Nilza: A ele. "Vai embora, que quando...". Tinha pessoas que não fazia parte, mas dava algum toque, né. Como teve um, que é um senhor, que disse: "Seu Elias, eu escutei pelo rádio que vão atacar, em Alhandra, e vão pegar tudo, e principalmente os presidentes. Aí, ele avisou: "Elias, você sai". E saiu de quarto horas da manhã, caminhando. Aí, pegou um ônibus. E tinha, aqui, um proprietário; ele hoje já se passou, né. É um tal de... Ele tem uma propriedadezinha, aí, que a gente chame de Acais.

Tonny: Acaís; era Fazenda Acais?

D. Nilza: Era, é, Faz. Acaís, logo aqui; a vista daqui. Tem um barracão. E ele tinha muita raiva, muita raiva. E principalmente de Elias. Eles faziam fuxico, faziam do disse me disse do exército; dizia que Elias recebia armas de Cuba.

Tonny: Armas de Cuba?

D. Nilza: Que tinha chegado carradas de armas e que era tudo escondido, lá, em casa.

Tonny: E sem ser verdade?

D. Nilza: Nada, nada se passava. E um dia aconteceu o seguinte. O Exército invadiu, lá em casa e o chefe vinha conversar com Elias, lá pra dentro. E ele ficava assim, e Elias dizia: "Não, nós temos uma farmácia... (...) Chegava uma pessoa para despachar. Aí, me lembro, que como certa vez, aí, chegou, tinha dois soldados de lado assim; agora, ele olhando os remédios nas prateleiras; os

remédios; aí, encarei ele assim; fiquei assim, fazendo que não tava entendendo aquilo. Mas eu vi, quando ele tirou um vidro de remédio; dois litros de remédio, assim, e queria colocar uma arma, por trás destas prateleiras.

Tonny: E é? Oh, esconder uma arma para depois dizer...

D. Nilza: É, olhe aí. Não foi certo que tinha? Oh, olhe aí, oh...

Tonny: Mas já pensou, que safadeza.

D. Nilza: É. Neste tempo, eu dizia, quando eles viram, que eu estava de olho, disse: "Olha, as armas que nós temos são foices. Neste tempo nós tínhamos um sítio de bananeira; essa banana grande, né; aquelas bananas para cozinhar. Disse: "Olhe moço, as armas que nós temos são estas". Pegava e jogava assim. Mas desta vez, eu estava lá fora; quem estava, era Elias.. Aí, eu disse assim; eu disse: "O senhor quer algum vidro de remédio? Quer algum remédio"? Ele disse: "Não, eu tava somente olhando, este vidro de remédio para que servia". E eu disse: "Sim, eu sei que o senhor estava olhando. E isso aí, que o senhor estava colocando? Isso é uma arma!

Tonny: Olha, pegou ele.

D. Nilza: É. Ele disse: "Não, foi por esquecimento. Que botei assim..." Digo: "Oh..." (...) o rótulo do remédio, a indicação...

Tonny: Mas já pensou.

D. Nilza: Viu. Se eu não tivesse dado conta, ele tinha nos prejudicado. E isso aconteceu várias vezes. Às vezes levava, mas Elias era muito vivo; sabia bem se defender. Aí, enquanto isso, o povo aqui do lugar, dizia: "Eta, Elias agora não volta mais. Ele agora vai e não volta mais". Aí, ele voltava. Ainda bem que voltava.

Tonny: Quem dizia isso, aqui, de Alhandra?

D. Nilza: Gente que era contra, né. Os ricos, né. Um grupo. Eu tive uma vez que eu... Na morte... A mãe de Elias morreu. E no dia que ele ia para aí; justamente ele morava em Gurinhém. E que...

Tonny: Morava em Gurinhém?

D. Nilza: É, a família dele era de Gurinhém. Só nós morava aqui; os pais, tudinho, né. O pai dele já era morto. Fazia pouco tempo; dois anos. Aí, a mãe de Elias adoeceu e morreu, também. Aí, quando veio o aviso, que vieram buscar, que ele ia, aí a polícia chegou. Chegou a polícia, o exército; que era pra (gesto de levar), e ele foi. E quando ele terminou de dar o depoimento, que voltou para Gurinhém, já tinha acontecido o sepultamento, né. Tudo isso aconteceu, né. Foi um momento de muito sofrimento dele, né. Sofrimento...

Tonny: Imagine; quer ir para o enterro da mãe, aí, tem que dar um depoimento para a polícia.

remédios; aí, encarei ele assim; fiquei assim, fazendo que não tava entendendo aquilo. Mas eu vi, quando ele tirou um vidro de remédio; dois litros de remédio, assim, e queria colocar uma arma, por trás destas prateleiras.

Tonny: E é? Oh, esconder uma arma para depois dizer...

D. Nilza: É, olhe aí. Não foi certo que tinha? Oh, olhe aí, oh...

Tonny: Mas já pensou, que safadeza.

D. Nilza: É. Neste tempo, eu dizia, quando eles viram, que eu estava de olho, disse: "Olha, as armas que nós temos são foices. Neste tempo nós tínhamos um sítio de bananeira; essa banana grande, né; aquelas bananas para cozinhar. Disse: "Olhe moço, as armas que nós temos são estas". Pegava e jogava assim. Mas desta vez, eu estava lá fora; quem estava, era Elias.. Aí, eu disse assim; eu disse: "O senhor quer algum vidro de remédio? Quer algum remédio"? Ele disse: "Não, eu tava somente olhando, este vidro de remédio para que servia". E eu disse: "Sim, eu sei que o senhor estava olhando. E isso aí, que o senhor estava colocando? Isso é uma arma!

Tonny: Olha, pegou ele.

D. Nilza: É. Ele disse: "Não, foi por esquecimento. Que botei assim..." Digo: "Oh..." (...) o rótulo do remédio, a indicação...

Tonny: Mas já pensou.

D. Nilza: Viu. Se eu não tivesse dado conta, ele tinha nos prejudicado. E isso aconteceu várias vezes. Às vezes levava, mas Elias era muito vivo; sabia bem se defender. Aí, enquanto isso, o povo aqui do lugar, dizia: "Eta, Elias agora não volta mais. Ele agora vai e não volta mais". Aí, ele voltava. Ainda bem que voltava.

Tonny: Quem dizia isso, aqui, de Alhandra?

D. Nilza: Gente que era contra, né. Os ricos, né. Um grupo. Eu tive uma vez que eu... Na morte... A mãe de Elias morreu. E no dia que ele ia para aí; justamente ele morava em Gurinhém. E que...

Tonny: Morava em Gurinhém?

D. Nilza: É, a família dele era de Gurinhém. Só nós morava aqui; os pais, tudinho, né. O pai dele já era morto. Fazia pouco tempo; dois anos. Aí, a mãe de Elias adoeceu e morreu, também. Aí, quando veio o aviso, que vieram buscar, que ele ia, aí a polícia chegou. Chegou a polícia, o exército; que era pra (gesto de levar), e ele foi. E quando ele terminou de dar o depoimento, que voltou para Gurinhém, já tinha acontecido o sepultamento, né. Tudo isso aconteceu, né. Foi um momento de muito sofrimento dele, né. Sofrimento...

Tonny: Imagine; quer ir para o enterro da mãe, aí, tem que dar um depoimento para a polícia.

D. Nilza: Foi. Primeiro, que quando chegou lá, já era quatro horas da tarde; cinco. O enterro tinha sido às dez horas.

Tonny: Oh, D. Nilza, como é que foi que Seu Elias foi conhecendo as Ligas? E como foi que ele foi entrando nas Ligas?

D. Nilza: Sim. Pronto. O próprio, justamente, também,... Pedro. Que deve ter tido conhecimento, também, esse menino, Dantas. Que veio muito aqui. Incentivava ele. Se via a necessidade que se tinha. Aqui, de defender, né. Que muita gente se preocupava.

Tonny: Quem foi o primeiro para falar com Elias sobre as Ligas e que precisavam dele?

D. Nilza: Isso aí eu não me lembro, mas eu acredito mesmo que ... Sim, naquele tempo tinha, também, tinha ... Sim, ainda fala muito no nome deste médico; Dr. Malaquias. Malaquias, e tinha outro, né; que Elias sempre era de, de gostar muito; do lado do povo; deste movimento; quando via o sofrimento do povo, ele gostava muito. Olha, o sofrer dele já veio de muito antes; a gente, neste tempo, eu me lembro que estava morando em Sapé.

Tonny: A senhora é de Sapé, é?

D. Nilza: Não sou de Sapé. Eu sou de Camarazal; chamava-se o antigo Mulungu. É, eu sou de Mulungu e Elias de Gurinhém. E aí, justamente, quando a gente saiu de Gurinhém, já casado, já tinha filhos; viemos morar em Sapé.

Tonny: Aaaaah! E quando foi, vieram morar aqui?

D. Nilza: Aí, depois, nós passamos bem uns quatro anos, ou cinco; eu tive lá, parece que foi, dois filhos; parece que foi. E, neste tempo, começou. Agora que me lembro.

Tonny: Ainda, em Sapé?

D. Nilza: Em Sapé. Começou de Sapé.

Tonny: Vem cá. A senhora tinha dois filhos, quando veio morar, aqui, em Alhândra?

D. Nilza: Não, quando vim morar aqui, eu já tinha, já... Peraí...

Tonny: Foi em qual ano?

D. Nilza: Foi em cinqüenta..., não sei. Sei, que foi nos anos de cinqüenta; não me lembro mais.

Tonny: João Pedro chegou em Sapé, em 54.

D. Nilza: E neste tempo, Elias... Lá tinha um juiz muito mau, lá, em Sapé, e poderoso. Não sei se ele ainda existe, não sei. E tinha uns moradores antigos de uma propriedade, que não tenho muito lembrança. E então, este povo se achava muito injustiçado. E conversando com Elias, e acho que contando, né. E foi daí, que começou. Elias começou a ter amizade com este povo. E começou este povo,

também... E vendo o sofrimento dele, e por aí, começou. E daí, quando o juiz soube que Elias já estava de amizade deste povo; que não dava beco para ele; que mostrando os direitos, ele tinha que seguir, né. Pois sei que este povo...; coitado deste povo... Imagine antigamente, aquela ação como era, né. Era tudo de trabalhar e quando chegasse o fim do ano, o proprietário era quem tomava conta. Botava o gado... É como...; Eu sei que sou filha de camponês e sofria. Pois é, e assim Elias começou...

Tonny: A senhora conheceu João Pedro Teixeira antes que veio morar, aqui, em Alhandra? Já conhecia?

D. Nilza: Não, lá, ninguém conhecia, não. Quer dizer, se Eliás conhecia, mas justamente foi daqui, das Ligas. Que quando começou, foi inaugurada as Ligas, e tudo, e foi se espalhando; sabe como é isso; e justamente foi quando eles vieram, também fazer visitas. João Pedro, Manoel Dantas; Pedro Fazendeiro vinha muito. Tá, eu, eu gostava muito daquela criatura! Tão religiosa. E, justamente, Nego Fuba. Era pequenino, mas era bem... (ri). Em Sapé eles já tinham entrosamento com a gente; Fuba (neste momento, chega Seu Elias, com quem a conversa continua).

**ENTREVISTA COM PEDRO MIGUEL DA SILVA,
NOVA CUBA, CAJÁ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 30/11/2002.**

Observação: Pedro Miguel entrou na conversa com Galego.

Galego: [Após breve interrupção por causa da chegada de Pedro Miguel] Elisabeth Teixeira..., depois quiseram matá-la. Andavam perseguindo ela, como os judeus andavam perseguindo Nosso Senhor, com mentira, com isso e aquilo, para ver se pegavam.

Pedro Miguel da Silva: Porque depois que João Pedro morreu, ela passou quarenta e cinco dias parada. Depois, ela foi pra frente da Liga. E começou a fazer campanha com a turma dela. Mas, eles ficavam perseguindo para pegá-la, e ela mulher e como cabeça, como chefe...

Galego: Sempre era a polícia que perseguia, como ainda hoje persegue...

Pedro Miguel da Silva: Aí Coronel Luiz de Barros foi pra Sapé, foi persegui-la. Foi quando ela baixou a Liga e saiu do país.

Tonny: Você não andava com ela, não?

Pedro Miguel da Silva: Não, eu só andava mais João Pedro. Ela vinha falando muito. Ela era uma pessoa muito instruída. Naqueles tempos, ela falava demais. Ela sabia falar bem. Depois de ele morto, ela aparecia muito por aí, e falava muito. Ainda anda nos sindicatos. Eu conheço ela em qualquer canto que ela me vê. Eu ainda vi a mãe de Fidel Castro, que ela veio aí...

Tonny: Era militante no tempo das Ligas?

Pedro Miguel da Silva: No tempo das Ligas, eu morava ali em Cajá. Eu fazia a feira em Sapé. Então, conhecia todo o pessoal aqui, da parte da Liga.

Tonny: E o que o senhor achava de João Pedro?

Pedro Miguel da Silva: Era uma boa pessoa, que trabalhava. Só era ruim por uma parte... que muita gente não gostava dele, mas esses não viviam do meu lado, não. Eu não me importava, não. E toda a vida, eu disse que cada qual assumo, e faça do que gosta, não é isso? Naquele tempo, a gente ia para a cantoria, eu não vivia misturado com eles, mas eu via o trabalho dele. Quando mataram ele, eu estava em Cajá. Aí eu peguei um carro e vim direto para aí, para a Rodovia, onde mataram ele. Quando cheguei lá, já tinham tirado ele de lá.

Tonny: No mesmo dia?

Pedro Miguel da Silva: No mesmo dia. Ele morreu lá, aí levaram para a casa dele, não é?

Tonny: Trouxeram para a pedra.

Pedro Miguel da Silva: Sim, para a pedra, aí depois, levaram para a casa dele, não é? Naquele tempo, eu era empregado. Eu estava de folga... Então, vamos que mataram João Pedro...

**ENTREVISTA COM SEBASTIÃO SEVERINO MONTEIRO
SÍTIO GALHOFA, PILAR.
CONCEDIDA AO PADRE ARI, 2001.**

Ari: O que o Senhor sabe sobre João Pedro Teixeira?

Sebastião: Sei que era um cidadão bom, pelo menos era um homem do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Um homem que é do sindicato dos trabalhadores rurais é a favor do homem do campo, ele era do campo, a favor do trabalhador do campo. Isso aí eu sei. Eu só nunca vi ele, mas sabia de certeza como ele era um homem trabalhador do campo. Os trabalhador do campo eram os homens queridos dele, do nosso irmão João Pedro. (...)

Ari: Agora, seu Sebastião, sobre João Pedro, o que o senhor ouviu falar na época, o que escutava dele, ou dos homens que mataram ele...

Sebastião: Padre, eu vou ser sincero, porque eu não conhecia muito o ramo do João Pedro. Eu sei que ele era um homem a favor do trabalhador...

Ari: E as Ligas Camponesas?

Sebastião: Aqui ninguém era nem doído para dizer que tinha a carteira de agricultor, porque o homem aqui [Agnaldo Veloso Borges] sangrava na goela. Matava mesmo.

Ari: Quando souberam da morte de João Pedro, qual foi a reação de vocês?

Sebastião: Tinha um policial aí, um tal de Chico Soldado, que foi quem matou João Pedro; quem atirou, dizem, que eu não tava lá. Foi Chico Soldado, mas, mandado pelo chefão daqui. Olhe, padre, eu conheci duas mortes feitas aqui, muito pertinho, numa casa de farinha ali. Eu sei contar isso porque eu vi, escutei os tiros... Um foi passar pelo arame, a bala pegou mesmo, ele ficou engaiado em cima do arame. Um outro correu pro lado da vargem, em cima da ponte, quando foi passar, atiraram... Mataram os dois homens. Passou duas redes aqui, dois enterros de rede, a rede pingando sangue, pelo fundo da rede. Uma coisa que nunca na minha vida eu tinha visto... Isso foi uma coisa que nunca mais ninguém se esqueceu disso, nunca mais, nunca mais. Mas porque Deus é tão justo, lá em cima tem um tribunal que lá só paga quem deve.

Ari: Antes da morte de João Pedro, o senhor ouvia falar sobre ele? Ele andava aqui em Pilar?

Sebastião: Nesses tempos de política ele vinha em Pilar, que

ele era um homem político também. Era um político bom, um homem que todo trabalhador queria ele... Quando tinha um fazendeiro que era contra o trabalhador, então ele enfrentava. Hoje o sindicato tem advogado. (...). Aqui foi o cativo maior do meio do mundo...

Ari: A luta de João Pedro, de Margarida, desse pessoal, valeu a pena eles derramar o sangue?

Sebastião: Não senhor! Meu querido, não vale a pena derramar o sangue de um pai de família, de um trabalhador..

**ENTREVISTA COM SEVERINA E MARIA JOSÉ GOMES,
ANTAS DO SONO, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 02/04/2006.**

Tonny: Hoje, é dia que a gente vai celebrar uma Missa, em comemoração aos 44 anos da morte de João Pedro, aqui em Barra de Antas. Mas no momento estou em Antas de Sono, na casa de Severina e Maria José Gomes. Elas já contaram sobre as Ligas Camponesas, que elas ouviram até os tiros, quando João Pedro foi morto, tão pertinho, não é? Mas a gravação que fiz, perdeu-se uns anos atrás e eu vou fazer outra conversa com elas aqui. Então, na minha frente já está a Dona Severina e a gente já estava conversando que o pai dela era muito amigo de João Pedro Teixeira. Então vamos ouvir ela.

Maria José: Boa tarde.

Tonny: Agora vem Maria José. Pronto. Então D. Severina, o que a senhora conta sobre a amizade do seu pai com João Pedro Teixeira?

Severina: Eles se conheciam e gostava dele, também. (sinto que ela perdeu o jeito pra falar mais).

Tonny: O que vocês duas contam sobre aquele tempo? Seu pai com João Pedro e todos aqueles trabalhadores que lutaram tanto para ver se a vida melhorava?

Severina: É, ele orientava o pessoal e explicava como era o jeito de viver, que o povo era muito sofrido e oprimido debaixo do poder do patrão.

Maria José: Quando era vivo, a coisa era muito boa, mas depois que mataram ele, chegou o medo no povo; os povos ficaram muito medrosos.

Tonny: Depois da morte de João Pedro...

Maria José: Chegou o medo no povo.

Tonny: Como é que era isso?

Maria José: Porque veio muita opressão pro povo e o povo ficou muito medroso.

Tonny: Quem oprimia? Quem era?

Maria José: Os proprietários.

Tonny: Sim... Sim, diga.

Severina: Os proprietários oprimiam, chamando de... (conquista) camponês. Chamava muito nome de camponês, daí, o pessoal ficava muito oculto com medo de levar este nome; dos camponês, que queriam tomar as terras do povo. Diziam que queriam tomar as terras do povo.

Tonny: E o que mais?

Severina: ...O pessoal não falavam na Liga, não falava em João Pedro, não falava nisso, porque tinham medo. Falavam mais nada, só de boca fechada, sem comunicação com ninguém. O que sabiam, enterraram; fazia como nunca se ouviu nada.

Tonny: Enterraram o que?

Severina: Porque fingiam..., fingiam como nunca aconteceu nada. Ficaram sem se comunicar; queriam conversar mais com ninguém, falavam mais nada.

Tonny: Isso depois da morte de João Pedro?

Severina: Sim...

Tonny: Agora, outro dia vocês me contaram que ouviram os tiros..., não foi? Como é que foi? ...Vocês..., sim diga.

Severina: A gente, assim de cinco horas de tarde, estava em casa e escutou uns tiros; uns tiros, então, a gente não sabia o que era. E quando foi umas sete horas da noite, aí, soube que foi que mataram João Pedro Teixeira.

Tonny: Sete horas da noite... A senhora, também, ouviu?

Maria José: Todos ouviram; todos ouviram, porque o tiro foi forte, foi forte.

Tonny: E o que se conversava, sobre este fato?

Severina: Que mataram, que mataram, que mataram, sem saber quem...

Tonny: ...E daí? ...O seu pai, ainda estava vivo, né, neste tempo.

Maria José: Estava vivo, na luta...

Tonny: E vocês eram moças jovens, né?

Severina: É, neste tempo eu estava com 16 anos, por aí.

Tonny: 16 anos e Maria José com já mais de vinte?

Maria José: Já.

Tonny: E o pai de vocês, se trancou também?

Severina: Ficou triste, mas não podia fazer nada.

Tonny: Não participou nas Ligas mais não?

Severina: De nada mais...

Tonny: Agora, vocês, antes, já conheciam Elisabeth, não conheciam?

Severina: Conhecia Elisabeth. Estudei juntos com cinco filhos dela. (...) Eram bons meninos, eram bem educados, amigos de todos; eram meninos calmos. Eram Abraão, Isaac, Paulo, Marta e Odévia, que hoje é Maria das Neves.

Tonny: Odévia, um nome bem diferente e depois mudou, foi?

Severina: Depois foi batizada. Registro, Odévia; batistério, Maria das Neves.

Tonny: Quem mandou batizar?

Severina: Lá, os padrinhos e a família.

Tonny: Isso já depois de Elisabeth ter que se esconder?

Severina: Isso foi uns quatro, cinco anos depois de João Pedro.

Maria José: Não, depois de ela se..., afastou-se, depois que ela se escondeu, foi.

Tonny: Sim, ela tinha que se esconder, se não o perigo era morrer, depois de 64. Aí, os filhos ficaram...

Maria José: Abandonados, sozinhos, lá na casa.

Tonny: E depois, como ficou para estes filhos? O que vocês sabem contar sobre essa situação?

Severina: Os filhos ficaram lá, sem presença de ninguém, e sem comida, nem nada. Ficaram lá isolados. Depois, foi que um rapaz foi lá; visitou e viu a situação e avisou a família e a família foi e distribuiu pra cada um tio.

Tonny: Cada tio ficou com uma criança, né? Aí, foi nisso que alguém ficou com Odévia, batizou e botou outro nome.

Severina: Maria das Neves.

Tonny: E os outros, mudaram, também?

Severina: João, não sei como era, chamavam de Peita, que era apelido de João Pedro (Filho), e batizaram um de José Eudes. (...) (Não estão bem lembradas da troca dos nomes de vários filhos).

Tonny: Agora, depois da morte de João Pedro Teixeira, a luta continuou, ainda, mais dois anos.

Severina: Continuou. Muita luta, muita golpe, muita opressão, muitas coisas acontecidos. Morreu muita gente da frente.

Tonny: Mas por aqui não; de vizinhos de vocês não?

Severina: Aqui não.

Tonny: Pelo que eu soube, foram batizados, os meninos depois de Dona Elisabeth ter viajado, que ninguém sabia onde estava. Aí, os parentes batizaram os meninos.

Maria José: Tomaram conta dos meninos e criou; tomou conta e criou; foram os padrinhos, então, que batizaram. Choraram neste dia; chorou os padrinhos e chorou os meninos; as crianças também choraram, na hora do batizado. Eu acho que bem..., lembrando né, deveria ser. Que as madrinhas foi as irmãs e foi Eudes, que foi o padrinho daquele que morreu; que mataram; que foi o Peita (João Pedro Filho); Nininha (Beatriz) foi madrinha de Nevinha. E Severina (D. Bibi), a madrinha de Maria José. E foram todos esses padrinhos que choraram...

Tonny: E vocês conheceram a Elisabeth bem de perto. Como é que Elisabeth está na lembrança de vocês?

Severina: Está na lembrança, que Elisabeth era uma boa pessoa. Ela era uma pessoa companheira; ela gostava de aconselhar e se dava com todo mundo. Não tinha ofensão com ninguém; não ofendia ninguém não.

Tonny: Nem como João Pedro; João Pedro também, não?

Severina: Também não. Ele era uma pessoa companheiro. Ele gostava muito de conversar e aconselhar o povo. Também orientava. O pessoal era tudo, naquele tempo, vexado. Só ia na conversa do patrão. E ele era quem abria a mente do povo; dos trabalhadores; sempre, pra eles se organizarem, trabalhar, procurar seus direitos; exigir os direitos do patrão. Foi isso que ele fazia. (...) (repetição).

Tonny: Da outra vez vocês também falaram do chocalho. O que vocês estão se lembrando do chocalho?

Severina: Chocalho, que a mulher fincou, né, Elisabeth fincou e a opressão ficou em cima dela. Como era que aquilo ia valer? Então, os trabalhadores se reunia e acompanhava ela, e eles se viam oprimidos, então, também oprimiam os outros; então botavam o chocalho nos outros pra mostrar que também, eles tinham valor, se valorizavam.

Tonny: Mas eles colocavam o chocalho em quem?

Severina: Nos povos do latifundiário. É, eles botavam o chocalho e... eu não entendo pra que, que finalidade era.

Tonny: E o povo como reagia em cima disso?

Severina: Era uma confusão muito grande (...) Entre os camponeses e também com o outro lado...

Maria José: Diziam assim, que iam acorrentar os camponês, que iam todos acorrentados pra Cuba. Pra fazer medo ao povo, pro povo não se organizar.

Tonny: E o povo acreditava esta conversa?

Maria José: O povo não acreditava.

Tonny: Iam, mesmo que os patrões não queriam?

Maria José: Não era nem os patrões, era povo, os moradores deles, os que ficavam do lado dele. Camponês... iam tudo acorrentado pra Cuba. Ficavam nesta lei, nesta Reforma Agrária; fazer a Reforma Agrária mesmo, né. Ia chegar um tempo de ele vir, agarrar tudo e levarem tudo acorrentado pra Cuba. Não era nem os patrão, eram os moradores dos patrão. (intervalo)

Tonny: Como é, aqui eram tanto contra o que?

Severina: As Ligas Camponesas; que cada pessoa era proprietário; não queria.

Tonny: Aah, e aqui, em Antas do Sono, cada um tinha seu pedacinho...

Severina: Seu pedacinho, aí, pronto nenhum aceitava.

Tonny: Aah, isso explica, também, a final...

Severina: E, meu pai não tinha; morava na terra do irmão.

Tonny: Seu pai não tinha terra, então por causa disso ele queria. Dá muito bem pra entender; quem já tinha um pedacinho de terra, não queria saber daquilo; só pensavam mais no bem estar da família deles. Dos outros, que não tinham, eles não lembravam não.

Severina: Achavam que iam tomar o deles, dos pequenos.

Tonny: É, então, eles não entenderam. É muito importante o que a senhora está dizendo, viu. Muito, e aquela atitude era, porque eram proprietários... O pai de Elisabeth era mais forte do que os demais daqui?

Severina: Era, que ele era proprietário de mais posse, mais terra, de mais possibilidade de trabalho, tinha mais morador, era. Era Manoel Justino, Júlio Braz, José Cipriano. O povo de (...) Por estes banda só tinha estes três.

Maria José: E os outros todos só tinha um pedacinho de terra, Quase todo mundo. Muito poucos que não tinha. Pai era um dos poucos que não tinham.

Tonny: Ah, é verdade, aqui tem muitos pequenos proprietários. E quase em Sapé inteira, os camponeses não tinham terra. Trabalhavam na cana de açúcar e no abacaxi, também.

Severina: Pois, não valorizavam, não queriam a Liga Camponesa, porque cada qual tinha seu terreninho. Meu pai não tinha terra, entende, ele dava um grande valor. (intervalo)

Severina: Sobre Reforma Agrária, Ave Maria; fica tudo doente. Eles não aceitam Reforma Agrária. Não valoriza os Assentamentos; o pessoal, pra apoiar quem luta pela terra, eles não apóiam não.

Tonny: Eu entendo que eles tem medo que eles vão ficar sem terra, mas é porque ninguém explicou para eles. Eles também tem direito de ouvir: "Olha gente não é assim! É pra todo mundo ter o que vocês tem. Porque, aqui, ninguém é latifundiário. É tudo com um pedacinho pequeno. Assim devia ter em toda parte. Deus criou a terra para todos".

Severina: Mas eles não combinam.

Tonny: Eles não combinam, porque não entendem.

Severina: De palavras nos ouvidos deles, é como bater com o martelo e ainda não entra no ouvido.

Tonny: (risada) São teimosos, né.

ENTREVISTA COM SEVERINO ANTONIO
TERTULIANO DO NASCIMENTO,
ASSENTAMENTO RAINHA DOS ANJOS, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM 2002.

Tonny: Bem, agora eu estou no Assentamento Rainha dos Anjos. Rainha dos Anjos é na área que era da Usina Santa Helena, que está toda desapropriada, hoje em dia. Eu estou na casa de seu Severino. O que é que o senhor conta daquele tempo das Ligas Camponesas?

Severino Antônio: Das Ligas Camponesas, eu conto que sofreu muita gente. Sofreu muita gente e a gente tava tudo calculando, até teve um dia, eu trabalhava na Usina Santa Rita, e eu vinha pra casa de meu pai aí, que morava aí, perto de Arlindo, aí na estrada mesmo. Aí..., perto da usina. Aí quando eu vinha, disseram: "Ei, você o que é?" Eu digo: "Sou companheiro". Porque eu vi, tava tudo, tudo armado. Eu digo assim.

Tonny: Quem era?

Severino Antônio: Mas eram os companheiro. Eu digo: "Eu vou"... "Cadê, cadê a carteira?" Mas eram os companheiro mesmo, eram os companheiros. Eu digo: "Vou buscar a carteira", mas não... a minha carteira tava em casa. Eu disse: "Tu vai, não vai?" Quando eu cheguei em casa, disse: "Tu vai por aqui e volta pra usina. Volta pra usina e diz que não tem nem carteira." Aí aqui, eu volto, num volto mais; atalhei o caminho por João Baltazar, - é quem sabe -. Voltei, atalhei o caminho, mas quando eu cheguei em baixo, encontrei o batalhão de novo.

Tonny: E daí?

Severino Antônio: Aí, eu disse, mas não tou com a carteira. Aí, ele disse: Mas vai tirar, né? Aí, eu digo: Mas rapaz, a carteira eu tenho. Aí, o senhor diga se tira... Aí, eu tirei a carteira. Eu tirei, porque eles mandaram eu tirar.

Tonny: Com medo?

Severino Antônio: Com medo, porque se não tirar... porque ele disse que a Liga vai ser muito boa pra gente; nós vamo ter sítio, vamo arrancar cana, vamo fazer sítio pra nós trabalhar e fazer a vida da gente.

Tonny: De onde vinha essa turma de camponeses?

Severino Antônio: De Massangana.

Tonny: De Massangana I?

Severino Antônio: De Massangana I e Massangana II. Aí vinha essa turma. Vinha pessoal eu conheço todos os nome do pessoal, num sei quem tava no meio, porque uns morreram, vige, nesse tempo era cabeça de muita gente.

Tonny: O senhor conhece alguém lá de Massangana, que estava no meio?

Severino Antônio: Eu conheci uns pessoal do... meu Deus, cortava até cana mais eu... Porque a gente se esquece, a gente vai ficando... vai passando o tempo e se esquece.

Tonny: É mesmo.

Severino Antônio: Porque eu me esqueço. É tudo rapaz, tem uns homem que é uma felicidade, vamos ter força pra nós trabalhar e ganhar a batalha.

Tonny: Eram animadores?

Severino Antônio: Era animado demais. Aí eu disse: Rapaz, e graças a Deus, pedi a Jesus, eu digo meu Deus a coisa vai dá ruim, eu disse a coisa vai dá ruim, meu Deus do céu, o que é que eu vou fazer? Aí quando eu cheguei, disse a papai e a mamãe, e disse: - Você vai pra casa pra acompanhar a companhia, que nós vamos pra Santana. Vamo pra Usina Santana, arrancar cana, pra fazer compra, pra nós plantar; adonde pra ver se dar, plantar ou uma lavoura ou num plantar; eu digo tá certo. Aí dentro de casa, aí disse assim, aí tudo da família do Seu Danta. Conhece aquele pessoal do Seu Danta?

Tonny: Sim.

Severino Antônio: Aí disse do, do Seu Danta, Seu Pedro, tu conheceu -, aí -, Pedro Danta. Um dia... aí eu disse...rapaz aí, eu cheguei em casa, papai disse: - Vai t'embora pra teu serviço na Santana, Antônio. Aí eu tremi de medo. Vim por dentro, por Zé da Guia, passei uma ladeira muito grande, foi. Quando eu cheguei em Santa Rita, coitado, aí quando eu vi Dr. Fonseca, aí disse: - Antônio, você vai trabalhar de vigia lá no portão, viu. Aí fi... lá na, no ponto da canoa, e você na entrada da, da Usina Santana. Aí me entregou o rifle, aí eu digo: - Não sei nem atirar com isso não, senhor.

Tonny: Quem entregou esse rifle?

Severino Antônio: Foi Dr. Francisco, mas ele já morreu.

Tonny: O pessoal da usina?

Severino Antônio: Da usina de Santa Rita.

Tonny: Queria que o senhor fosse vigilante...

Severino Antônio: Vigilante pra ninguém passar, nem pra cá nem pra lá.

Tonny: Para os camponeses da Liga não passar?

Severino Antônio: Não passar.

Tonny: Sim. Tudo bem. Então, a ordem era pra atirar.

Severino Antônio: A ordem era pra atirar. Nem passava nada. Agora quando foi no amanhecer, do dia, lá vinha meu tio Mané que já tava com a casa feita em Cajá. Já tava com a família dentro, só faltava – lá vinha ele com toda carreira. Aí quando vi ele, aí disse: "Meu Deus! O que é que eu faço com o meu tio Mané?" – "Invadiram minha casa, já botaram abaixo, em Cajá, minha casa botaram abaixo, a família debaixo de um pé de pau".

**ENTREVISTA COM SEVERINO FRANCISCO XAVIER, E SUA
ESPOSA LUZILDA, PRIMA DA MÃE DE JOÃO PEDRO
TEIXEIRA (RANGEL - JOÃO PESSOA).
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, 10/04/2006.**

Tonny: Olhe, estou visitando famílias, no bairro onde eu moro, no Rangel em João Pessoa. Sou Irmã Tonny e no momento eu estou na casa de Seu Severino e Dona Luzilda. E conversando a gente descobriu juntos que todos três conhecemos Sapé e conhecemos os tempos de João Pedro Teixeira e Severino Barbosa... Então, vou perguntar a Seu Severino se ele se lembra de João Pedro Teixeira. O senhor se lembra dele?

Severino: Eu me lembro só a parte do desaparecimento dele; desapareceu nessa festa.

Tonny: Sim, isso é o pai de JPT, o que o senhor está falando, né? Ele desapareceu de uma festa, e daí?

Severino: Daí, eu não sei para onde é que tiraram ele.

Tonny: É, é esta história mesmo. E aí, a mãe foi morar em Sapé.

Severino: Pois é, a mãe foi morar em Sapé.

Tonny: E depois, o João Pedro, filho de Dona Lia e do pai que desapareceu, foi trabalhar na Pedreira. O que o senhor sabe contar sobre isso?

Severino: Da Pedreira lá, assassinaram ele, mais não sei qual foi o rebuliço que houve com ele.

Tonny: Não sabe não, né, mas antes o senhor contou que, também, conhecia Severino Barbosa.

Severino: É, Severino Barbosa era conhecido. Conhecia do trabalho, que ele trabalhava agricultura, na Faz. São Salvador.

Tonny: O senhor conhecia ele em São Salvador. Como é que era ele?

Severino: Ele era um tipo longo. Era mais alto do que eu; grossinho, cabelo bom e barbado, bem barbado.

Tonny: E a conversa dele, como era?

Severino: Ele falava sobre o trabalho de lavoura, como era.

Tonny: Ah, o senhor conhecia ele como agricultor. O senhor também trabalhava, lá, na agricultura?

Severino: Não, lá não. Eu trabalhava em Gendiroba, na Fazenda Gendiroba. É, eu nasci e me criei lá.

Tonny: Sim, em Gendiroba... Lá aconteceu uma coisa bem horrível de uma luta dos trabalhadores não foi? O senhor estava lá?

Severino: Foi em Mari; neste tempo eu morava em Mari.

Tonny: Foi? O que o senhor consegue se lembrar daquele reboleço?

Severino: Olha, os usineiros da família do Dr. Renato, que teve um grupo que trabalhava para ele; teve administrador que administrava; e tinha vigília, muito vigília que trabalhava com ele na usina. E lá teve este negócio, lá em Mari. E de lá foram buscar um cara de peso; um trabalhador dele né. Aí foi o vigílio, foi o administrador, (...) meteram bala pra cima. Foi gente morto, baleada. Eu sei que neste meio, parece que morreu oito; neste meio saíram baleados um bocado...

Tonny: É. Se não me engano, o senhor contou da outra vez que o senhor, também, tinha a carteirinha.

Severino: Tinha. Tinha tirado em Mari mesmo.

Tonny: Em Mari. O senhor sabe dizer, em Mari, porque em Sapé tinha muito sócios, e em Mari, tinha muito também?

Severino: Sim, tinha um bocado e eu tirei minha carteira em Mari, mas vim morar em Sapé, aí tinha que pagar em Sapé (continua explicando essa mudança) ..., porque eu vim morar na Fazenda Boa Vista. Em Boa Vista que já era de Dr. Renato. Aí, eu morando lá, fiquei pagando um bocado de ano, ainda.

Tonny: Sei, mas... o senhor pagava, mas fazia isso abertamente ou escondedinho?

Severino: Era; todo mundo era na escondido; logo quando entregava ficava de novo escondida. Que logo quando teve esse negócio da quebra-quebra, de quebra pau, aí, foi negro que só...

Luzilda: Porque era escondido?

Tonny: Porque os patrões não queriam.

Severino: Os usineiros não queriam esse negócio das Ligas, né. Por isso que começou.

Tonny: Sim, mas vem cá, Severino, o senhor morava em Boa Vista. Ali, tinha muita gente que tinha a carteirinha?

Severino: Quase todos de Boa Vista tinha, mas escondido, não sabe. Era escondido do Administrador, nem Dr. Renato não sabia.

Tonny: Mas, os trabalhadores conversavam juntos sobre essa...

Severino: Sim, conversavam sobre a carteira, no trabalho; no trabalho, um com outro, né. Tudo no escondido. Quando começou mesmo o quebra-quebra que veio, foram lá atrás dos 'cara' de chapéu; foram atrás da Liga; pegar as careiras e fizeram lá uma palhaçada medonha pro lado de lá, da parte da Liga. E daí, acabou-se as Ligas. Caiu, aí ficou o grande e acabou-se as Liga.

Tonny: Sim. O senhor ia sempre para as reuniões, nos domingos?

Severino: Quase sempre, quando ia ter reunião, chamavam, e daí, a gente ia, naquele grupo.

Tonny: E o pessoal de Boa Vista, o senhor mesmo, ia também a alguma ação?

Severino: Não. Só ia mesmo, quando queria ir. Quando o aviso era: Vai ter reunião lá, na Sede. Aí eu ia. As vezes, eu ia com os meninos; juntava aquela turma e ia. A gente ia para fazer aquela visita.

Tonny: Sim, o povo assim..., mesmo que era tudo às escondidas, mas o povo tinha esperança das lutas das Ligas?

Severino: Tinha. Tinha esperança que aquilo um dia ser resolvido e a pessoa ficar livre, trabalhando liberto. A libertação do povo todo... (silêncio prolongado...)

Tonny: Sim... Uma das lutas era pelo Cambão, não era? Vocês também trabalhavam de graça, um dia?

Severino: É... Sim, a gente trabalhava assim dois dias da semana, de graça. E a vigência, agora é terra pra trabalhar, e trabalhando para ele, cortando cana, enchendo o caro de cana. Tudo isso eu fiz, lá dentro da usina.

Tonny: O senhor trabalhava dois dias de graça e trabalhava outros dias pra ganhar.

Severino: É, trabalhava o resto dos dias pra ganhar. (...) Depois ficaram pagando um dia só. Trabalhava aquele dia de graça, que era por fora, né.

Tonny: Sim, mudou de dois dias para um.

Severino: É, sobrou só um, e este um terminou ser abolido, aí...

Tonny: Acabou o Cambão...

Severino: Foi. Aí, ficamos todos libertos. Daí foi, quando fui morar em Sapé. Fui morar em Sapé porque me destinei pra lá. né. E de lá fui pra Rio de Janeiro; fiquei lá até..., quando voltei, vim pra cá, em 60 e aqui eu estou ainda.

Tonny: (Segue toda uma conversa para descobrir o que Seu Severino tem presenciado mesmo, entre oito viagens que fez pra Rio de Janeiro e as mudanças em Fazendas diversas, em Mari e Sapé). Quando teve o Golpe Militar esteve no Rio de Janeiro.

Tonny: E quando teve aquele reboiço em Gendiroba, em Mari o senhor estava aonde?

Severino: Espera aí, estava ainda em Gendiroba, na Fazenda que chamavam de 'Mata'.

Luzilda: Quando teve o reboiço de... Vicente? Não rapaz...

Severino: Foi a vez que de Mari me destinei pra o Rio de

Janeiro, aí... (ainda continua a conversa, mas não sabe contar como foi de fato)

Tonny: E o que o senhor se lembra das reuniões, que o senhor visitava com um grupinho, nos domingos, tratavam de que, nestas reuniões? O que se falava lá?

Severino: Tratavam sobre o trabalho, né. Como é que ia ficar; aderir para que tudo ia ficar liberto para o trabalho: que a idéia era que ia chegar um tempo de as terras dos usineiros tudinho ficar liberto pra, pra se trabalhar. Que ainda ia haver uma reviravolta que as terras de usineiros iam todas ser para outra cultura, pra o trabalho.

Tonny: E o senhor sabe que quase todas as terras da usinã S. Helena, está tudo liberta pra os trabalhadores? Boa Vista também.

Severino: É, Boa Vista, Sapucaia também, uma parte de Sapucaia.

Tonny: Na Usina Santa Helena, agora ter quatro Assentamentos, lá, onde chamavam de S. Helena.

Severino: É, que o que se chama de S. Helena tem as Fazendas de Cuité (desapropiada); tem a Fazenda Açude do Mato desapropriada.

Tonny: Não, Açude do Mato não conseguiu.

Severino: Não conseguiu? E Pacatuba?

Tonny: Também não, mas o resto todinho, lá.

Severino: Todinho...

Luzilda: Como é que diz que minha prima (...) Sim, eu sou prima legítima de Lia. (...) São coisas antigas; que a mãe de Lia é irmã da minha avó. Agora, a palavra é dito por minha mãe, que eu não cheguei a conhecer este povo. A convivência da mocidade, eu não sei.

Tonny: Sim, a Lia é a mãe de João Pedro Teixeira; a senhora sabe, né?

Luzilda: A Lia, é.

Tonny: E assim conheceu também o JPT?

Luzilda: Não. (...) Minha avó, a mãe de minha mãe era também de Pilõesinho. Somente, que não sei mais nada.

Tonny: E o senhor conheceu alguma liderança, lá de Mari?

Severino: Em Mari, eu conheço somente o meu cunhado, que era Antônio João. E o irmão dela também, que é Severino Belo.

Tonny: Severino Belo, sim já escutei falar dele.

Luzilda: Já escutou?

Severino: É o irmão dela, é meu cunhado. Era lá de Mari (...).

Tonny: Sim, e lá de Mari tem outros nomes?

Severino: Tem o Antônio, o irmão dele. Quer dizer que é

cunhado, também. É Antônio José dos. (se clareia que Dona Luzilda não está bem por dentro dos assuntos por ser criada pelos avós). Eles, também, eram todos de Gendiroba e mudaram para Mari, quase tudo num tempo só.

Tonny: E o senhor se lembra de mais outros nomes de lá?

Severino: Tem um primo também por lá, que se chama João Pequeno. Ele mora em Mari. Mora na Rua São Sebastião, agora, o número da casa é que estou esquecido. Ele está vivo. Ele era próprio de Gendiroba, da Mata. É aí, que nasci e me criei, dentro da Mata (...) Tinha também os irmãos de João Pequeno. Tinha Oscar, tinha Oliveira.

Tonny: E lá morreram vários trabalhadores, naquela luta. O senhor sabe quem foi que morreu?

Severino: Não, não posso dizer que não sei dos nomes dos que morreram. Sei que morreu dois ou foi três, no meio daquela carniça. (...)

Tonny: Mas o senhor achou um valor, também, nesta luta?

Severino: Achei que os camponeses fizeram uma grande luta a favor da comunidade dos trabalhadores. Que, quem morreram, morreram na defesa para fundar a classe trabalhadora. Morreram lutando.

Tonny: E naquele tempo tinha, também umas vitórias, porque foi assinado que não podiam pagar cambão, né. Agora, gostaria perguntar como é seu nome completo?

Severino: Meu nome é Severino Francisco Xaviér.

Tonny: Xaviér, Parece que tinha uns Xaviér naquela luta, também.

Severino: Tinha um Xaviér, que morava lá num tal de Olho D'Água, que parece que morreu neste meio, mas já não pertencia a minha família não. É de outro Xaviér.

Tonny: Ah, sim. E o senhor de que idade é?

Severino: Hoje, estou com 72 anos.

Luzilda: 72 anos...

Tonny: E como é o nome completo da Senhora? É Luzilda...

Luzilda: Porque? Eu não dou não minha filha.

Severino: É Luzilda Xaviér; é o nome dela completo, ela tem 84 anos...

Tonny: Por isso que vocês sabem contar muita coisas né, do que já era...

ENTREVISTA COM SEVERINO GUILHERMINO DE SOUZA,
NOVA BRASÍLIA, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM NOVEMBRO DE 2001.

Tonny: Eu sou Irmã Tonny. Estou aqui em Sapé, em Nova Brasília, na casa de Severino Guilhermino. Severino tem 73 anos, e conhece de perto daquela vida das Ligas Camponesas. Então, Severino, como era a vida do povo?

Severino G (...). Eu me recordo bem do tal João Pedro Teixeira. Olhe, eu não conhecia João Pedro Teixeira, de onde ele era, quem era o pai dele, mas um dia ele explicou pra gente: "Eu era e sou ainda um trabalhador como vocês são, sofrido. Eu vivia numa Pedreira, trabalhando pedra, quebrando pedra com aquele arim, puxando aquela pedra na marreta, o dia todinho, para ganhar uma micharia, não dava para nada. Aí, eu me perguntei, não só eu, mas junto com os operários, e a gente se combinou. Formamos por conta de nós mesmos, pela luta nossa, uma Liga Camponesa, em defesa de todos os trabalhadores do campo. Eu moro em Antas do Sono, e passei em Sapé, também, e aí fundei a Liga Camponesa de Sapé." E [dizia que] essa Liga não foi para o mal de ninguém. Foi para o bem e então, que desde que os proprietários queriam jogar o povo na rua, o povo tinha que procurar a sua defesa. "E o sítio? A lavoura dele lá no sítio?" João Pedro perguntava. "Sim, tem um perito. Então, ele vai lá e vai dar entrada, em todos os preços da lavoura que tem. Então, se o proprietário quer botar para fora, tudo bem, ele vai pagar a lavoura." O proprietário, quando soube disse: "Não, agora ninguém vai tratar de lavoura mais, não." Aí, esquentou mais, as coisas esquentou mais. O morador ficou sem saber como se vingar. Então, vinha à Sede; vinha se apresentar a João Pedro Teixeira. João Pedro tinha um advogado. Então, se entendia com o advogado que orientava direitinho. Então, não há homem com paciência que nem João Pedro Teixeira. Eu acho que a terra não tem outro assim, até aqui, para comparar com a paciência de João Pedro Teixeira. Arrebanhava aquele rebanho que ele arrebanhava. Era uma boniteza mesmo, e com aquela firmeza. E tinha fé naquela luta; que ia para a frente. Mas, ele na pregação dele..., fazia reunião de oito em oito dias com a gente, naquela Sede. E com isso foi crescendo cada vez mais. Os trabalhadores foram crescendo, até quando chegou a agitação dos proprietários contra o João Pedro. Hoje, eu me sinto feliz quando

ouço falar... mas a morte de João Pedro foi triste, porque era um homem que queria o bem. Lembramos sempre aquele homem que mataram em Minas Gerais: era o Tiradentes (...). Era outro lutador que trabalhava pela libertação do povo. Então, foi morto pela pesada; outra morte triste. Então, comparando com a morte de João Pedro Teixeira, porque João Pedro, também, tem lutado a favor desse povo, e lutado pelos filhos dele, ajudando para o estudo dos filhos dele. Ele vinha um dia de João Pessoa; foi a João Pessoa para se encontrar com os advogados, para se comunicar com os advogados. Os advogados não queriam que, à tarde, ele viesse pra cá. Ele disse: "Não, eu tenho que ir, porque assim a mulher fica preocupada comigo. Então, o advogado falou pra ele: "Olhe, era melhor ficar por aqui, e amanhã bem cedo, você seguia sua viagem, porque está um pouco tarde." Ele disse: "Não, mas tem carro, ainda, pra Sapé. Quando chego na Rodoviária [Café do Vento], lá salto e sigo a pé." Quando chegou daquela Rodoviária pra cá, naquela curva primeira, aí foi onde assassinaram João Pedro Teixeira. Quem foi que tratou de assassinar, também, não sei; o comandante foi Agnaldo Borges, perfeitamente. Foi ele, Agnaldo Borges. Ele era o "Cabra brabo", na Várzea da Paraíba. Era ele e mais outros, muitos usineiros. Quanto pobres perderam a vida, perseguido, humilhado, juriado...? Aí, lá vem, lá vem a militância. Foi ele, João Pedro, mas morreu. Agora, o sentimento do povo...? Perderam ele, que era pobre, mas muito alegre trabalhador. E muita gente falava contra a gente, porque era associado das Ligas Camponesas. Mas, João Pedro confiava e dizia assim: "Meninos, todos vocês, ainda, vão ser donos da área onde vocês moram. Vão ser donos. Olhem, virá um tempo em que vocês vão tratar essa Associação, que vai virar Instituto. Vocês irão pagar um direito. E ainda, vão aumentar mais os direitos de vocês." Ele animava assim. E naquilo, ia entrando mais gente, ia reforçando. Mas, quando houve a morte de João Pedro Teixeira, veio a revolta. Com Elisabeth... Só que esquentou a luta, porque aí era mais duro, a prática dela e os outros que acompanhavam. Se ouvia: "Nós queremos a cabeça de Fulano de Tal..." (...) das Ligas Camponêsas. Nunca vi tanta brutalidade. Aí, lá vem a perseguição e no fim, lutaram pra fuzilar todos os camponeses, aí foi triste. Carros de polícia, soldados armados de metralhadora, fuzil para matar os trabalhador; nas Fazenda, espancando. Aí, foi triste neste confronto com os proprietário. João Pedro tinha pressentido que ia morrer. Ele dizia: "Eu estou aqui pregando pra vocês, mas eu vou ser morto. E essa

luta vai continuar, mas vai ser abafada. Mas, ainda não é o fim, é somente o começo. Vai ficar como um fogo de monturo por baixo. E quando ele levantar mais tarde, aí não tem água que apague o fogo!". E foi isso que aconteceu; ele morreu. E outros mortos e ninguém soube quem matava (...) Lá vem, os camponeses jogados fora da terra, enchendo as cidades. (...): "Ora, por que vocês estão parados aí? Por que vocês não se mexem? Por que não invadem terra? Vocês não estão invadindo, não, porque a terra não é de ninguém, a terra é de Deus."

Tonny: O que era o mais forte em João Pedro?

Severino G.: Que João Pedro Teixeira não estava só, na Liga. Tinha gente que lutava com ele. Tinha Francisco Julião que vinha e falava sobre a reforma da terra. Tinha Gregório Bezerra, tinha sempre mais membros, dentro da associação camponesa, na Sede. Tinha muito trabalhador, que não lembro o nome; tinha o 'Bigodão', Pedro Fazendeiro, João Alfredo, com apelido de Negro Fuba. Eram homens fortes na luta. Vinham através de João Pedro Teixeira. Por João Pedro eles foram conhecendo a luta, e foram entrando e foram aceitando na luta. Então, João Pedro era um homem socialista. (...).

Tonny: Mas, João Pedro ele defendia mais o quê, e por que ele defendia?

Severino: Ele via a fome do povo. Ele já sabia que o povo era sofrido, como ele era sofrido. Então, ele sabia que se unisse, se organizasse... Ele dizia: "Povo unido não mais será vencido." Outra coisa, ele militava. Dentro de Sapé, ele enchia isso cheio de gente, de gente atrás dele. Era festa, fogos, ciranda, zabomba batendo... Era alegria muito grande... (...) Agora, (...) depois da morte de João Pedro... Aí, lá vai matando gente, também camponeses. (...)

Tonny: Conte mais sobre isso.

Severino G.: Ivan Figueiredo está vivo. Mas, por que está vivo..? Francisco Julião, que foi eleito pelos camponeses a deputado estadual, não fez um bom governo, na cadeira da Assembléia, não. Jota Bezerra, Assis Lemos, Francisco Julião,... (...) Foi na época de Fidel Castro, em Cuba. Tinha Pedro Fazendeiro, um sertanista que saía vendendo fazenda, para arranjar um dinheiro... Vendia fazenda, roupa, pano. E arranjou um sítio, que um companheiro disse: "Eu vendo esse sítio para você." E Pedro Fazendeiro disse: "Mas, eu não tenho, não posso comprar. Mas, mas eu vou comprar." Aí, comprou e botou para plantar coisas: bananeira, frutas, laranjeira, tudo... Aí..., vem o rebolice, a perseguição (...) Mataram gente; assassinaram

Alfredo Nascimento, lá em Miriri, na localidade 'Maria Antônia'. Veio uns cápataz de Agnaldo Veloso. E com aquelas mortes, em Mari, foi com a usina Santa Helena. Aquilo lá, foi briga. Dr. Gouveio da usina S. João e Dr. Dr.. [Daniel] da usina S. Helena. Aí, ele manda primeiro o dotor pra Mari (...) Aí, quando ele chegou, disse: "Meninos, o dotor não quer que plante não." E eles: "Ninguém pode ficar parado não; temos que plantar. Somos pai de família." "Certo, tudo bem então, continua plantando." E veio voltando de Mari pra Sapé e quando chegou no meio do caminho, encontrou Dr. Gouveia: que ia pra lá. Parou o jipe: "E lá, o que encontrou lá?" "Tá tudo trabalhando." E ele: "Ah, trabalhando... Não..., vamos voltar, vamos lá." - "Vou mais não, vou não. Eu não vou desfazer o que fiz, dotor." Aí disse: "Vamos, porque a gente não vai deixar eles trabalhando não." Aí, chegando lá, disse: "E agora?" - "Agora é que vamos lutar. É pra parar todo mundo." Foi aquela guerra, pois foi mesmo uma guerra, em Mari, aquelas mortes... (...) O dotor: "Para todo mundo, se não parar vai morrer todo mundo." Aí disseram: "Tá bem, se é pra morrer." Aí, se prepararam; Dr. Gouveia com a metralhadora (...) Um morreu na hora. Aí começou o tirinete. Ninguém sabe mais de onde vinha bala. Tinha gente morando aí, por perto, que entraram também. Morreu gente..., camponês e empregados da usina S. Helena, também. Foi triste esta situação. Depois disso, acalmou e ficou a luta, sempre andando, caminhando... Mas, a voz da Elisabeth... Eu achava que ela caminhava bem, porque a luta era para ter todos os camponeses; devia ser assim. (...) Não querendo..., usava se o chocalho. Isso depois de João Pedro. Dizia: "Vamos pra fazendo de fulano de tal. E se não queria: "Ah, não vai não?" - "Não ninguém vai não." Daí, então: "Agora vai na marra." E levava na marra mesmo e achocalhado mais.

Aí, vem a morte de Alfredo Nascimento Nunes. E mataram lá, também o "Capa de Aço".

Tonny: Lá em Miriri.

Severino G.: Foi, ele [Capa de Aço] bateu com um revolver, assim, na cabeça de Alfredo Nascimento, morreu na hora... E ele provocando, que estava protegido, né [com a capa de aço]. E os Camponês: "Eu quero ver! Quero ver se o senhor, agora, não vai quebrar." E tinha um bocado de camponês e avoaram em cima. Disseram que foi tão rápido, e foi um alvoroço... Tinha muitos capangas; tinha também da fazendo Una, lá, depois de Sapucaia. Meu Deus do céu..., lá, por trás daquela igreja tem uma Lagoa. Ninguém conta os cadáveres que tem lá, dentro. Era água, naquela

época. Aí, Pedro Ramos jogava os mortos lá dentro... Ele era irmão de Renato Ribeiro por parte do pai; era irmão bastardo, o dono de Miriri. Ele tinha muito irmãos. (...) Mas não tem nenhum bom não... (...) Esse terreno aqui, [da igreja], ali, foi luta de João Pedro Teixeira, junto com os camponeses. Ele dizia: "Eu quero fazer aqui um hospital, em Nova Brasília, para servir aos camponeses." Mas no fim com o alvoroço, aí...

Tonny: Severino, como João Pedro organizava uma ação?

Severino G.: Quando ele estava findando a prática (reunião), aí, chega um morador de Dr. José Marinho, de Maraú; chega e dá queixa de um terreno, que ele morava, há 40 anos. Esse terreno era cercado em volta da casa, tinha quatro hectares. E o Dr. José Marinho, sabendo que o morador tinha o documento da Liga Camponesa, aí ele vai e manda arrancar a cerca. Aí, o gado invadiu e acabou com a lavoura dele todinha. Aí, João Pedro Teixeira disse: - "Meninos, o que é que nós vamos fazer, agora? Todos vocês, quem é que está disposto pra ir para a luta, amanhã?" Aí eles disseram: - "Nós." Aí João Pedro: - "Nós, quem? Quero ver as mão levantadas, de todos." Aí todo o mundo levantou as mãos. Aí, João Pedro: - "Já sei. Amanhã bem cedo, às cinco horas da manhã, vocês estão dispostos a estar aqui?" - "Estamos." João Pedro: - "Então, amanhã, às cinco horas, queremos todo o mundo aqui, na Sede, para a gente ir à Fazenda Maraú." Quando foi na segunda-feira... (...) O finado meu sogro, pai, eu e muita gente, muita gente. Quando chegamos lá, entramos na fazenda, passamos pela casa do morador (...) Aí, seguimos para a fazenda. Aí fomos todinho de pé. João Pedro Teixeira na frente. Quando chegamos de frente à casa, João Pedro Teixeira bateu palma (...) Aí, o doutor botou a cabeça do lado de fora. Aí conheceu nós: "Ah, é a primeira fazenda que vocês vêm invadir, é a de dr. José Marinho?" João Pedro: - "Não, não viemos invadir. Nós viemos fazer uma inteligência [diligência] aqui." - "Qual foi a inteligência [diligência] que vocês vieram fazer aqui? João Pedro: - "Doutor, nós viemos levantar a cerca do morador que o senhor derrubou. Quarenta anos que esse morador mora, pagando os direitos, trabalhando nesse terreno. Há tanto tempo, doutor, esse morador pagando os direitos, e o senhor agora achou de arrancar a cerca. Por que? Nós queremos somente o arame, e as estacas para botar no lugar. Nós vamos fazer a cerca" Aí ele disse: "Nenhuma vez!" Aí, com as palavrões dele e...: "Agora mesmo, eu vou para Pernambuco, vou botar na rádio lá, no jornal." Aí, João Pedro disse assim: - "Pode ir, pode ir para onde

quiser. Mas, o arame nós vamos achar." Aí, ele saiu por trás e foi embora. Quando demos fé, foi o gerente que apareceu na porta, e já foi com revólver, na frente. Mas tinha dois cabra muito bom de 'cinema', um de um lado, outro do outro, aí, João Pedro pega no braço dele e disse: "Nós não viemos aqui para derramar sangue de ninguém, nem nós queremos nosso sangue derramado." Aí, virou o revólver pra baixo. Aí, só foi trancar a janela e escondeu-se, lá dentro. Imediatamente, chegou um carro de polícia. Quando chegou o carro de polícia, o pessoal teve medo. Aí, a polícia viu que estava tudo calmo e disse: "Nós não viemos prender ninguém. Nós viemos aqui garantir vocês trabalhadores, e também o administrador, para não haver nada. Aí, João Pedro disse: - "Não, aqui nós viemos fazer nada. Nós só queremos o direito; é o direito que nós precisamos." Conversaram e foram embora. (...) Quando acabemos de almoçar, de uma hora, chega outro carro de polícia e pedem calma: "Calma, porque nós não viemos fazer nada com vocês. Viemos aqui somente para garantir vocês resolverem como fica entre o doutor e vocês."

Tonny: Levantaram a cerca?

Severino: Não, nada, porque esconderam, né. E quando foi de cinco horas de tarde, aí, João Pedro disse: - "Meninos, é o seguinte: Nós viemos todos juntos; todos vocês vieram de carro, mas o carro não vem apanhar vocês. Vão a pé. Eu vou ficar aqui." Aí eu disse: - "Não, para o Sr. ficar, não. O Sr. não vai ficar aqui sozinho, não." Ele disse: "Não, podem me deixar que aqui, Graças a Deus, não vai acontecer nada, não." E ele ficou até findar de negociar com o fazendeiro. Ele foi até meia noite. (...) Aí, depois veio advogado, veio tudo, e negociaram com ele. O proprietário deu alguma coisa a ele porque não queria ele mais.

Tonny: Severino, tem mais algum caso que você acha importante contar?

Severino G: Bem, tem um caso assim, de dentro de Sapé com o padre. Nesse tempo era Padre Erivaldo. Então, João Pedro Teixeira foi conversar com ele, lá na Matriz. Pe. Erivaldo não era contra o trabalhador, e nem era a favor de fazendeiro, também não. Então, quando ele vem de volta de lá para cá, ele ia descendo daqui para João Pessoa. Quando chega ali, de Sapé pra lá, naquela volta para chegar em (...) aí, ele encontra o povão. Parou o carro, perguntou: "Quem são vocês?" - "Somos trabalhadores camponeses... Aí, chegou pra perto: "Como é que estão, meninos?" - "Nada fácil, mas tá tudo em ordem." - "Como é que está tudo em ordem, responderam e ele disse: "É verdade, tanta luta. Vão em paz!"(...)

E depois teve mais outra luta, que João Pedro foi lá em 'Maribondo'. Eu tinha um tio que morava lá, de nome Lau Vicentino (...)

Tonny: O que conte sobre Nego Fuba e outros companheiro?

Severino G.: Pedro Fazendeiro e Nego Fuba eram dos [companheiros] mais fortes de João Pedro Teixeira. Nego Fuba era jornalista, e Pedro Fazendeiro trabalhava na terra dos outros (...). No caso de Nego Fuba, ele não escondia nada, não. Ele dizia em praça pública, já no tempo da ditadura: "Olhem, vocês me chamam de comunista, e eu sou comunista mesmo. Mesmo se vocês me cortarem em pedaçinhos, sou comunista.

Tonny: E ele explicava o que era isso? O que dizia?

Severino G.: Comunista, ele dizia assim: "Existem dois tipos de comunista: existem comunistas escravizador e comunistas libertador. O comunista libertador é aquele que todo mundo teme. O comunista escravizador é o que trabalha pelo patrão. Quando a gente vai trabalhar para agradar o patrão, não está entendendo, é morto, é só "macaco" nas costas, e nada mais. Se a gente reclama alguma coisa, não tem direito a nada. (...)

Tonny: Oh Severino, e o que ele dizia sobre o comunista libertador?

Severino G.: O comunista libertador é porque aí, todos os bens são em comum, todo o mundo é feliz, todo o mundo trabalha, todo o mundo é liberto, todo o mundo vai para onde quer. (...)

Tonny: E o que aconteceu com ele e Pedro Fazendeiro?

Severino G.: Deram fim a eles. (...) Depois da Revolução, eles foram libertados da prisão, juntos, mas saíram logo com ordem de prisão, e ainda esconderam. (...) tiraram eles e acabaram com a vida deles. Temos notícia de que esses homens foram enterrados vivos. Como é que uma pessoa cava um buraco, e bota duas criaturas ali? Cava não, manda eles cavar.

Tonny: Quem eram os piores? Os que mais se incomodavam com JPT?

Severino G.: Oh Tonny, todos os chefes desta revolução, latifundiários. Agnaldo Borges, Renato Ribeiro e outros]. (...) João Pedro Teixeira morreu inocente, não porque ele não sabia que os homens iam destruir ele. Por uma parte, ele é vitorioso. Eu não tenho João Pedro Teixeira por morto. Tenho João Pedro Teixeira por vivo, dentro da luta, como a gente está vendo, hoje, aqui. (...)

Tonny: Quando o senhor se lembra de João Pedro Teixeira, o que é que vem à sua memória?

Severino G.: Na minha memória, João Pedro Teixeira está vivo, nesta luta pela terra, pela vitória da terra, pela Reforma Agrária, e da brava Reforma Agrária, querendo Reforma Agrária, não guerra, querendo paz.. (...)

Tonny: Qual lembrança mais forte de frases de João Pedro Teixeira?

Severino G.: É de quando ele ficava assim, como que a Reforma Agrária tinha que ser radical. Tinha que ser arrancado o latifúndio pela raiz, jogado pra cima e queimado. Queimar o latifúndio não o latifundiário. Enquanto que tem latifúndio, tem gente que faça mal. Era pra tirar a terra. Nunca falou em destruir ninguém. (...) E ninguém ser dono das terras! Ninguém. É pra trabalhar... (...) Mas aí, veio o Golpe Militar. (...)

**ENTREVISTA COM SEVERINO LUPCÍNIO E MANOEL
DANTAS, PLANALTO, SANTA RITA.
CONCEBIDA A IRMÃ TONNY, EM 2002.**

Tonny: Nós estamos conversando aqui na casa de Severino Lupcínio que eu vim com o Manoel Dantas pra cá. Então, vai continuar a conversa agora com Severino.

Severino Lupcínio: A gente estava falando sobre José Augusto. Ele botou Zé Augusto pra fora e lá vai, não sei se ele indenizou ou não o Zé Augusto. Aí, Zé Augusto saiu, e Dr. Ramiro desistiu de comprar a terra, que houve uma reunião lá em [fazenda] João Raimundo. Dr. Silvero, Maria Leão e foi Antônio Augusto, foi um bocado deles, lá de Massangana mesmo. Aí, nós fomos pra lá pra reunião.. Aí, Dr. Ramiro falando, que tinha comprado a terra, mas era pra entregar pros moradores. Mas ele não ia entregar pra os moradores, ele ia entregar pra quem tivesse dinheiro, mas de pagar logo. Passando calote, ele pegou e mediu o terreno, dos filhos da gente, por todo canto dentro dos sítios, sem a gente ter direito a nada. Aí, a gente se juntou pra ir pra lá, aí seu Agostinho, aproveita e: "Vamos pra lá, em Massangana. Se o engenheiro ainda tiver lá, vamos pegar a máquina dele e vamos quebrar a máquina."

Tonny: Quem dizia isso?

Severino Lupcínio: Quem dizia foi a gente, o pessoal, todo mundo que estava na reunião, que morava lá. Aí juntou, mandou logo uma pessoa correr, mandar o engenheiro tirar a máquina e levar pra fazenda, que quando a gente passou lá, não tinha ninguém, deu em nada, não tinha mais ninguém. Aí, só saiu mesmo um tal de Felipe, que ele botou pra fora. O Galego disse que ele ia botar eu pra fora, mas não botou. Ainda fez uma casa pra mim lá. Eu morava numa casa de palha, aí, ele fez uma casa pra mim de telha. Eu apertei ele demais, lá.

Tonny: Como assim?

Severino Lupcínio: Quando nós ia fazer uma casa eu dizia: - Seu Zé, a minha casa tá caindo, o senhor vai fazer outra ou não? Era José Veneza. Aí, ele chegou e disse: "É, vou ver." Aí: "Vou ver não, quero saber se vai fazer, porque se não for, eu mesmo faço por minha conta. Aí, ele disse: "Não, deixe que eu vou fazer e ele disse: "Chame Cosmo de Campina, que é pra tirar a madeira. Sei que quando eu cheguei, já tinha tirado a madeira, tinha mandado os carreiros botar Aí, quando foi pra queimar a telha, eu disse: "E a telha seu Zé, e agora?" Aí, já tava armada, eu digo: "E a telha?" Ele disse: "Você vai pra mata mais Moisés; vá pra mata tirar lenha pra queimar a telha."

Sei que eu fui mais Moisés, tiramos a lenha, ele queimou a telha. Aí fiquei atentando: "Essa telha tá quente no forno, deixa esfriar. Aí, quando a telha esfriou, ele mandou os carreiros levar. Aí, o cara foi e cobriu (a casa) mas eu.

Tonny: Ficou Pronto.

Manoel Dantas: Conta Severino onde e como o senhor foi conhecer João Pedro Texeira.

Severino Lupcínio: Seu João Pedro Texeira eu conheci lá na pedreira trabalhando na pedreira mais eu, em Pernambuco, lá em São Lourenço da Mata. Foi um bocado de pedreira por aí a fora. (...)

Tonny: Aí vocês se reuniram, também, lá em Pernambuco?

Severino Lupcínio: Não. Agente nesse tempo era garoto; tava com dezoito anos. (...)

Tonny: Mas conheceu o João Pedro e gostou dele.

Severino Lupcínio: Gostei! Ele era boa pessoa, aquilo foi uma maldade que fizeram com ele.

Tonny: Mas, do tempo, em Pernambuco, o que se lembra de João Pedro?

Severino Lupcínio: Eu me lembro somente isso, que agente trabalhava. Ele não contava nada de Ligas, nem nada não. (...) Aí, depois que viemos aqui, pra João Pessoa ele me dava conselho pra eu estudar, dava orientação das terras, dos negócios de terra. (...) Aí, depois que abriu essas Ligas Camponesas.

Tonny: Sim, João Pedro voltou de Recife para Sapé em 1954; e o senhor veio quando pra cá?

Severino Lupcínio: Eu já morava aí em Massagana, perto de Sapé mesmo. E ia pra Pernambuco trabalhar e voltava pra cá. Eu só ia pra Pernambuco, quando tivesse algum trabalho. Eu era solteiro ainda, aí, eu ia pra casa dos meus pais. Mas, depois as coisas lá, arruinavam; quando arruinou eu fui trabalhar em Mamanguape, onde trabalhei um bocado de tempo. De pedreiro, eu só trabalhei de pedreiro, todo meu trabalho era somente de pedreiro. Aí, depois foi que inventei de deixar trabalhar de pedreiro: Digo: "Eu vou arranjar um sítio pra trabalhar." Aí, eu fui, cheguei em Massaranduba, fui a Zé de Anera pra arrumar um sítio, de modo de pagar o foro. Aí, disse: "Pra foro não tem não, tem pra eito. Porque o camarada trabalhar pagando foro, trabalhava pra ele né! E pru eito, tinha que trabalhar três dias no eito e três pra mim, somente.

Tonny: Pagava o Cambão? Era três dias por semana de graça?

Severino Lupcínio: Não, agente recebia uma micharia lá. Aí, depois, fui pro Rio pra trabalhar, já tava uns três anos casado. Sei que quando cheguei, comprei uma garrote e um garrote, em Sapé. (...) Foi nos anos cinqüenta, que fui procurar um sítio. Aí, vendi uma

garrote já desse tamanho pra comprar o sítio, (...) em Massangana. Aí, completando as lavouras que tinha dentro do sítio, e os pés de manga. Sei que comprei por quatrocentos. Aí ele disse: É chefe, você vai comprar mais vai pro oito, né. Aí disse: "Tá certo, eu vou pro oito; aí, fiquei trabalhando no oito, né, até... quando ele vendeu. Disse que vendeu, aí (...) eu disse: "Eu vou embora pro Rio (...).

Tonny: Mas, tinha re-encontrado João Pedro, aqui na Paráiba. Como foi?

Severino Lupcínio: Já, já... Não, eu fui encontrar ele e o negócio das Ligas Camponesas, lá em Sapé. Ele dava conselho, e falava da Liga Camponesa. Porque era pro cabra ganhar terra e lá vai, ele dava conselho, aí fui tirar a carteira da Liga Camponesa. E daí toda reunião que ele fazia em Sapé, a gente tava lá, toda reunião.

Severino Lupcínio: Dizia tanta coisa, não sei mas nem o que ele dizia. Me lembro que ele falava das terras né, o povo pobre tinha direito a terra.

Tonny: O que ele falava sobre a Reforma Agrária?

Severino Lupcínio: Que o pobre tem direito a terra. Da Reforma Agrária, ele falava que ia chegar, né, mas depois de um tempo (...). Plantava de tudo que tinha na roça, batata, inhame, tudo a gente plantava. Lá de casa saía uma carreta de inhame. Somente do terreno lá de casa, na grade deu "duzentos". Vendia a um rapaz, José Sabino, lá de João Pessoa. Morava também, em Massangana, mas quando casou foi morar em João Pessoa.

Tonny: Severino o senhor era um daquela turminha que animava o povo?

Severino Lupcínio: Era sim. A polícia estava acoitando. Um tal de Luiz de Barros, ficava passando na cidade direto, e a gente tinha até medo de trabalhar.

Tonny: Mas antes disso, o senhor animava o povo?

Severino Lupcínio: Eu chamava o povo pra... Porque tinha muita gente que não queria tirar a carteira da Liga. Eu dava conselho de modo de tirar, lá vai. Sei que o cabra ia lá e tirava.

Tonny: O senhor fazia ações junto com o povo. Como era?

Severino Lupcínio: Era. Eu chamando o povo pra ir trabalhar, tirar a carteira, ir pra uma reunião, em Sapé, aí, a gente ia todinho.

Tonny: Se lembra alguma ação, que enfrentou algum problema?

Severino Lupcínio: Quando eu queria ir pra um canto ia mesmo, não tinha esse negócio não. Como esse de Lagoa Preta. Nós fomos pra Lagoa Preta e Dr. Assis Lemos era o cabeça, né. Aí, eu estive com ele, fizemos lá o cabra do engenho de Oiteiro, o Bebé. O

Bebé estava com dois revólveres nos quartos. Aí um cara da turma da gente descobriu, disse: "Dotor, cuidado que ele está armado, ele está com dois revolver.". Eu sei que tirou o revólver pra lá, entregou a mulher. Aí, o Dr. Assis Lemos voltou, falou com ele. Aí, quando foi na hora de Dr. Assis Lemos descer, ele [Bebé] disse que ia falar. Aí, disse: "É pode falar mas, fale sozinho pra ninguém se meter nos seu bolo; pra ninguém se meter no meio." Sei que o Dr. Assis Lemos chegou assim, num carro velho de boi, e meteu a bocona a falar, falou, falou, aí quando ele terminou, vinhamos embora. Foi a bem de negócio de salário, porque ele não queria pagar o povo. Melhorou mais, né.

Manoel: Melhorou nada, ficou do mesmo jeito.

Severino Lupcínio: Mais eles ficaram assombrado, também, Manoel. O Bebé, o dono lá.

Tonny: Vocês foram assim pra vários lugares?

Severino Lupcínio: Foi.

Tonny: E eu me lembro, já faz um bocado de tempo, quando eu morava em Sapé, nos anos oitenta o povo contava que naqueles banda pra lá, eu não sei se era Itapoá ou naquelas redondezas, um latifundiário foi morto. O Régis. Vocês sabem contar isso?

Severino Lupcínio: Quem foi morto lá, foi o velho Bel... (...)

Tonny: O que se lembra da área da usina de Santa Helena?

Severino Lupcínio: Da usina Santa Helena eu não sei contar nada não.

Tonny: Não sabe não? Pois lá o povo se lembra que vocês iam lá. O povo da Santa Helena se lembra que vocês animavam eles pra tirar a carteirinha e tudo mais... E com o Golpe, o senhor ficou aonde?

Severino Lupcínio: Fiquei morando lá em Massangana mesmo.

Tonny: E é? O Luiz de Barros não foi atrás do senhor não?

Severino Lupcínio: Não, ele passava na estrada.

Manoel: Agora eles perseguiram mais o Antônio Augusto.

Severino Lupcínio: Foi Antônio Augusto eles perseguiram um bocado.

Tonny: Porque é que perseguiram Antônio Augusto e os senhores não?

Severino Lupcínio: Porque Antônio Augusto era presidente da Liga, aí... (...). Quando ele saiu de Massangana veio aí pra João Pessoa.

Tonny: Mas ele foi preso?

Manoel: Foi nada.

Severino Lupcínio: Foi ele foi preso em Sapé; foi ele foi preso, mas conseguiu se soltar.

Tonny: Vocês conheciam a diretoria das Ligas todinha.

Severino Lupcínio: Conhecia não; só conhecia João Pedro, a mulher dele Elizabeth, tem aquele João Alfredo, aquele outro, um galego, Pedro Fazendeiro, que agente conhecia.

Tonny: João Pedro, o que animava mais o povo, na fala dele?

Severino Lupcínio: O povo ficava todo animado né, quando ele começava a falar. (...)

Tonny: E de Mari?

Severino Lupcínio: De Mari ainda fui pro enterro de um camponês lá que morreu.

Tonny: Aquele enterro, o que se viu e o que se falava?

Severino Lupcínio: A gente falava que foi uma coisa sem precisão. Já mataram o povo depois que saiu da fazenda, já mataram perto de Mari. Era o Gouveia da Usina São João. Era o manda-chuva, dali. Ainda avisaram ele pra não ir, mas teimou, disse que ia...

Tonny: Morreram camponeses e também da Usina né?

Severino Lupcínio: É, da Usina São João e da Santa Helena.

Tonny: O que vocês acharam o mais importante daquele tempo?

Severino Lupcínio: Era a Liga mesmo. Era tudo animado. Tinha que era contra, mas ... Quem era a favor, Ave Maria.

Manoel: Era. E a ação era pra gente trabalhar. Era nossa animação, naquele tempo. E os poderosos apartando a gente. Que era ordem mesmo. Quando dizia: É pra trabalhar, era pra trabalhar mesmo. E até pra trabalhar... Numa segunda-feira, trabalhando num poço, quando dava fé, chegava o vigia, atrás: "O Zé de Almeida mandou dizer que é pra trabalhar amanhã, e é pra trabalhar mesmo. (...) O que quisesse fazer, o camarada ia pra fora, sem direito a nada, enfim. Era o administrador que fazia. Em Maraú, também, tinha uma turma das Ligas Camponesas que enfrentava o (...)

Severino Lupcínio: Tinha compadre Manoel Alexandrino, que era fiscal da Liga. Tinha José Alexandre. Aquele moreno que trabalhava aqui e morava em Maraú.

Manoel: Foi pra São Paulo arribado, com medo. Mataram. Mas por causa das Ligas? Ninguém sabe. (...) Aí, mandaram chamar por modo de foro, não foi compadre?

Que eles queriam..., que o foro subia todo ano sem medida. Cada ano era outro tanto. Era assim, todo ano, todo ano. O camarada vendia galinha, quando não tinha dinheiro, que as lavouras não dava, vendia galinha; vendia o que tivesse um porco para inteirar com o que tinha pra pagar a ele. Era assim, naquele tempo. Um dia eles, aí, se enrascaram com Manoel Alexandrino, se enrascaram com ele; disse que ia acabar com ele. Aí, ele arrumou bem uns quarenta

homens, que vieram matar ele. Arrodiaram a casa, cercaram e... ele escondeu-se. Mandaram dizer que ele viesse lá; o povo da fazenda mandou, mas não foram não. Aí, com muita zoada, com medo... Quando a Liga acabou, no Golpe, ele mudou-se pra São Paulo, lá mataram ele.

Severino Lupcínio: Tinha José Alexandre, que correu pra João Pessoa...

Manoel: Aquele era Manoel Santana, que era da Liga mesmo decidido, aí, Luiz de Barros, pegou atrás dele, né; pegou a perseguir, perseguir.. Aí, dizem que ele mandou dizer a seu Luiz de Barro, o povo é quem conta né, [risadinha] ele mandou dizer a Luiz de Barro, que do jeito que ele era homem, ele era também. Aí disse, que Luiz de Barros perseguiu ele e disse: "De Manoel Santana eu só quero tirar um braço dele e uma perna. Não quero fazer nada com ele, mas pegar as pernas dele e cortar." Mas Manoel Santana vivia escondido dentro da mata. Uma vez, fui tirar lenha e senti aquele cheiro de cigarro, dentro da mata: "Ó gente, cheiro de cigarro?" E quando dei fé, ele estorou: "Rapaz, eu estou, aqui, escondido, estão me perseguindo mais que tudo." Eu disse: "Sim Manoel, mas porque não viaja pro Rio." - "Rapaz eu não posso nem viajar, por isso eu estou aqui escondido com fome." Sei que trouxe ele pra minha casa lá em Massangana. Dei um almoço, a depois ele foi embora, eu não o vi ele mais. Acho que mataram ele não; saiu fora. E do Antônio Augusto, no tempo de Abílio, tomaram o sítio dele. Botaram ele pra correr e tomaram. Era um sítio de banana, só a senhora vendo. Aí, pegaram... Abílio, quando Pedro Gondim comprou Massagana... Era chefe da Liga, né, mas já tinha acabado, não tinha mais nada com ele não. Não tava mais perseguindo ele não. Mas o Abílio chegou, acho que o olho deste tamanho, pegou perseguir, perseguiu ele e tomou tudo, botou ele pra fora e tomou tudo..., o sítio dele. E ele foi para João Pessoa, mas ouvi dizer que já morreu.

Tonny: João Pedro fazia reuniões com vocês de como agir?

Severino Lupcínio: O povo, quando chegava os patrões, nós enfrentava né. Ele dava conselhos, muito conselho à gente, do modo da gente enfrentar o povo, no trabalho, o que puder fazer. Ele dava conselho que se o povo quiser fazer, fosse lá.

Tonny: Aonde vocês agiam mais?

Severino Lupcínio: A gente tava agindo mais pela banda de Oiteiro, perto de Tapoá, perto de Lagoa Preta, por aí.

**ENTREVISTA COM SEVERINO PAULO LUIZ, CONJUNTO
JULIA PAIVA, CRUZ DO ESPÍRITO SANTO.
CONCEDIDA À IRMÃ TONNY, EM 2002.**

Tonny: Eu estou, agora, em Cruz do Espírito Santo, no conjunto perto da minha casa, na casa de Severino Paulo Luiz, que é um sobrinho de Alfredo Pereira do Nascimento, de Miriri, que foi morto. Então, eu estou na casa dele, e a gente vai conversar um pouco, aqui.

Severino Paulo: (mostrando fotos): É essa aqui... Esta é a Cecília [a viúva de Alfredo]. Tinha um tal de Renato, o mais velho... esse aqui. Agora tem Daísa, Maria, Severina... Um, dois, são oito... A senhora sabe quanto tempo faz? Eu vi esse povo, no tempo em que esse negócio se deu com Alfredo e as Ligas Camponesas. Teve um desses que morreu; no dia em que mataram o pai, o mais novo morreu. Morreu de doença, mesmo...

Tonny: No dia em que mataram Seu Alfredo?

Severino Paulo: No mesmo dia. (...) Morreu de doença no mesmo dia, que mataram o pai. Foi um tal de Capa de Aço. Eu estava trabalhando aí e acolá, quando houve este crime, e o rádio dando a notícia do crime.

Filha: Mas por qual motivo foi que mataram ele?

Severino Paulo: Porque ele era das Ligas Camponesas.

A filha: O senhor quer dizer que ele era contra ou a favor?

Severino Paulo: Será possível que você não entende isso, não?

Tonny: Então, o senhor conta, e ela vai entender. Conte.

Severino Paulo: Ele trabalhava ali, onde mataram João Pedro, em Maraú. E ele morava em Miriri (o finado Alfredo). Ele chegou em casa, e disse: "Cecília, tem café?" Cecília disse: "Tem, Alfredo, tem café, mas não tem açúcar." Alfredo disse: "Então, você bota água no fogo, que eu vou comprar açúcar, e chego já." Mas, às costas dele, chegaram seis homens montados à cavalo. Era o que ele não esperava. E perguntaram: "Dona Cecília, cadê seu Alfredo?" Alfredo foi pra venda. Mas não sei qual, não sei o caminho da venda." Aí se afastaram. Chegaram na frente, e disseram: "O homem é esse aí." Aí saltou um tal de Capa de Aço - assim eu ouvi a conversa - e disse assim: "Seu Alfredo, o senhor quer ser indenizado hoje ou amanhã?" "O Sr. me pague o que é meu, e eu me retiro." Aí, ele [Capa de Aço] foi atirando na cabeça dele [Alfredo]: tá, tá... Aí, lá embaixo, tinha

uma junta de trabalhadores, trabalhando, aí ele se jogou prá lá, o Capa de Aço. Sei que o Capa de Aço não escapou, não.

Tonny: Não escapou, mesmo, não.

Severino Paulo: Foi no caminho. Na venda, foi com o meu tio Alfredo. E o Capa de Aço foi no caminho, onde estavam os trabalhadores, trabalhando, num lugar chamado: "a grota de Maria Antônia", Alí, num lugar que vai para Rio Tinto. Aí, nós soubemos do recado. Aí, eu disse: "Ave, Maria! Nossa Senhora! Foi um barulho mais feio do mundo... Esse povo, eu não vi mais.

Tonny: O Sr. foi para o enterro?

Severino Paulo: Fui não, porque eu não podia ir Ave Maria! se a gente fosse, e eles soubessem que eu era da família, queriam matar até a gente... Mas eu não dizia nada, que era da família, que eu não sou besta...

Tonny: O Sr., nesse tempo, morava onde?

Severino: Alí, na Fazenda Espírito Santo, do outro lado do Rio Paraíba.

Tonny: E trabahava... na cana?

Severino Paulo Luiz: Na cana, da Usina São João. Saí de lá em 74. Aí vim morar na rua. [Voltando a dirigir-se à foto]. Pois é essa aqui.

Tonny: Dona Cecília. Quer dizer que o senhor nunca mais a viu?

Severino Paulo Luiz: Mais nunca. Aí, a semana passada, eu perguntei: "Seu Francisco, me dê notícia da filha do finado Alfredo. Ele disse: "Dona Cecília está morando num lugar chamado de Três Lagoas, em Mamanguape..."

Tonny: E o senhor mesmo, se lembra de alguma coisa daqueles tempos das Ligas? Participou de alguma coisa?

Severino Paulo: Vi não, participei não. O rádio deu logo, quando se deu esse caso de tio Alfredo: "Foi assassinado, na Fazenda Miriri... Disse o dia... Morreram três. Morreu Alfredo Pereira do Nascimento, um tal de Capa de Aço e um tal de Leonel, que eram pistoleiros. De lá para cá, acabou-se, eu não vi mais esse povo.

Tonny: Sr. se lembra da data?

Severino Paulo: Data? Sei que foi em 64, no tempo da Revolução.

Tonny: Tinha muita coisa acontecendo, não é seu Severino?

Severino Paulo: Quem morreu primeiro foi João Pedro Teixeira. (...) O primeiro que mataram, foi o finado João Pedro. Meu tio foi por derradeiro. Num dia de quarta-feira. Parece que tinha cinco...

Tonny: Aqui tem cinco filhas e três filhos na foto.

Severino Paulo: Pois é. [Inclusive] o mais novo, que morreu.

Tonny: Como o senhor ficou sabendo o jeito da morte do tio Alfredo?

Severino Paulo: Porque me disseram. Um conhecido que veio de lá. Foi se embora. Morava lá, sabe?

Tonny: E Leonel que também morreu, ele era de onde?

Severino Paulo: Era capanga, foi ajudar a fazer a bagunça, esse tal de Leonel.

Tonny: E o Sr. se lembra de Alfredo, como ele era?

Severino Paulo: Me lembro. Eu não esqueço dele não. Ele era moreno, moço... era assim da minha cor, cabelo bom... Ah, ele era muito conversador... Ele conversava muita coisa..., mas naquele tempo, ele estava pelo lado de lá, e eu estava pro lado de cá. A gente não se encontrava. Era novo ele, dentro de uns 35 para 50 anos.(...).

**ENTREVISTA COM VICENTE GUILHERMINO,
ASSENTAMENTO PADRE GINO, SAPÉ.
CONCEDIDA A IRMÃ TONNY, EM 1983.**

Tonny: Com mais de um ano morando em Sapé, encontro alguns trabalhadores dispostos a dar um depoimento sobre as Ligas Camponesas, nas quais participaram. Hoje, estou com Vicente Guilhermino, no Bairro São Francisco. Pois, pode falar Vicente.

Vicente: Como eu estava dizendo antes, (...) [JPT] passou a ser dirigente das Ligas Camponesas. Então ele morava naquele lugar, vizinho de Marau, em Antas do Sono. Mas a gente não tinha conhecimento nem com ele, nem com a esposa dele. Depois, com o movimento da Liga, aí foi que a gente teve conhecimento com ele, com a esposa dele, a família dele. Tudo eram boa gente; aí continuou essa transação, a gente com ele. Então, neste tempo, era um Movimento do trabalhador que não sei como hoje os trabalhador estão tão esquecidos. Que naquele tempo, a gente vinha na cidade de oito em oito dias. A Sede era aí, quase na frente da Prefeitura, hoje. De lá se amostra a casa que era das Ligas Camponesas. Então, a gente passava e frequentava na Sede; no dia de sábado, era entupido de gente. Todo sábado era àquele movimento, ali. Aí, com o João Pedro, com a esposa dele, o Seu João Joaquim, o Pedro Fazendeiro, o João Fuba. Ele [JPT] dizia: "Meninos, a gente temos um compromisso para segunda feira. Queremos que vocês com um grupo de gente, cinqüenta, sessenta, cem pessoas; 2ª feira, às seis horas da manhã, estejam aqui. Será uma coisa importante. A gente morava nos sítios e não ia carro apanhar ninguém, lá, não. Quando era 2ª feira, bem cedo, todo trabalhador com sua foice, sua enxada, o seu machado, com o que tivesse, na mão e nas costas, fazia caminho. Vinha de fila, do sítio pra dentro da cidade. Chegava na porta da Sede, ficava acampado. Dalí, enquanto para perto, a gente ia de pés; se fosse para distante era de carro. Se arrumava um caminhão e levava a gente. Então, naquele dia passemos na Sede, aí, João Pedro vinha, quando deu fé, disse: "É, meninos, nessa 2ª feira, nós temos uma campanha a fazer; nós temos um serviço a fazer em Marau. Lá tem um sítio de um homem que é Alberto, que era do sindicato. E o homem [Patrão] foi, e cercou para botar gado.

Tonny: Este caso de Marau foi um dos primeiros ou já tinha muitos outros?

Vicente: Não, este caso de Marau... Primeiro começou, aqui, em São Salvador.

Tonny: Conta, então, como foram, as primeiras ações.

Vicente: Em São Salvador, nos tínhamos um companheiro, que tinha uma vargem, que era plantada de cana. Antes de haver agitação mesmo, aí, o proprietário, o administrador; o tal de João Gomes, administrador de Antonio Meireles, foi, tomou esta vargem do morador. Plantou de cana pra Usina. E lá vai, e depois começou a agitação das Ligas, dos trabalhadores mesmo, né, querendo tomar aquilo que era dele, porque ia pagando o direito daquilo. E então, ele [o camponês] tinha o movimento dele e plantava a caninha caiana dele, um pé de verdura, umas coisas assim, que foi tomado pela fazenda. E queria que voltasse para a mão dele. Então, através da Liga de João Pedro Teixeira, aí foi construído um grupo de homens para na 2ª feira ir arrancar cana da Fazenda. Todo mundo de enxadeco para arrancar a cepa da cana. Na segunda feira tava todos nós lá, e fizemos o serviço. Arranquemos; o homem cortou a cana, da fazenda era no tempo do corte, né. Que foi nessa oportunidade que cortou pra usina. Aproveitemos; botemos fogo na palha e arranquemos a cepa da cana. E fizemos o plantio da cana caiana, para o morador. Ficou tudo bem, não aconteceu nada, fizemos e tal e ele ficou com a vargem até que saiu todo mundo. Aí, bem, de lá começou outro, aqui no Matadouro. Um Sargento velho aposentado. Isso foi numa segunda feira. João Pedro convidou a gente, nós viemos, aí saímos. Eu me lembro como hoje, Pedro Fazendeiro. Saiu Pedro fazendeiro e João Galdino, era um que fazia parte e morava aqui, num sítio na beira da estrada. Logo aqui próximo. Aí quando fomos chegando no Matadouro, aí estava a polícia, toda piquetada, toda armada de metralhadora, espingarda 12. Aí eles agarraram logo Pedro Fazendeiro; prenderam. Aí, quando agarraram Pedro Fazendeiro aí, os trabalhador queriam agir. Aí, Pedro Fazendeiro pediu aos trabalhador que podia voltar que ele já estava preso. Que os trabalhador podiam voltar, porque podia haver alguma coisa pior.

Tonny: Pedro Fazendeiro era morador de...?

Vicente: Não. Pedro Fazendeiro era um dos cabeças da Ligas Camponesas mais João Pedro. Era de Miriri. Aí, quem ainda tentou reagir com a polícia levou coice de fuzil, ainda. Um bocado ainda, saiu com a roupa rasgada de fuzil e tal. Aí, prenderam Pedro Fazendeiro, mas logo, logo soltaram ele. Eu sei que também não fizemos esse serviço, aí. Não conseguimos fazer. Aí, vem [o serviço] de Marau. De Marau, eu sei que lá vai, lá vai..., nós juntamos dois caminhões de gente. Aí. Seu João Pedro mais João Joaquim arrumaram um caminhão. Até que um caminhão foi do próprio

proprietário da Fazenda de Marau. De Dr. Zé Marinho. E seu João Pedro arrumou um caminhão e o motorista perguntou: – Pra onde vai esse caminhão de gente? Ele disse: – Não, nós vamos fazer um trabalho aí, na beira da pista. O senhor leva que a gente paga. Ele disse: – Tá certo, eu vou pra Fazenda; dá certinho. Aí, ele pegou saiu. O outro caminhão que não era de nada de Fazenda, foi na frente. Aí, chegou lá na frente de Café do Vento pra lá, lá pra chegar em baixo, pra descer pro rio, pra ponte. Aí, deixou a pista, tem uma entrada pra Fazenda. O primeiro caminhão entrou, foi embora... Aí o motorista do caminhão do patrão chegou na entrada, parou. Aí eu disse: – Não o caminhão tem que entrar todos dois pra Fazenda. – Não, não sei o porque... – Não, você vai levar eles lá. Aí eu sei que o motorista levou até lá na Fazenda. Não deixou mesmo no pátio da Fazenda, porque a casa do morador ficava como daqui pra esquina, [antes] da Fazenda. Agora, ele [o patrão] tinha botado o cercado do morador abaixo, e tinha feito cercado de gado. E a gente fomos para cercar novamente, levantar o arame, cavar o buraco... Aí chegamos lá, procuremos as estaca, procuremos os arames. Um morador disse: "Eles levaram tudo lá para baixo, no Engenho; que tem um Engenho velho. Aí, nós dissemos: "Pois, nós vamos buscar as estacas são suas, o arame é seu, então nós vamos buscar." Chegamos lá, aí procuremos saber onde estavam este arame e estas estacas. Aí, o gerente se negou, disse que não sabia. Aí, a gente chegou, disse: "Então vamos procurar." E chegamos no Engenho, procuremos, lá vai, lá vai, encontremos as estaca e o arame. Aí, pra lá houve uma discussão, lá, do gerente com Pedro Fazendeiro e João Pedro. Aí, lá,, eles tem assim, o terraço, um primeiro andar. Aí, o gerente subiu pro 1º andar, na casa da Fazenda. O Engenho fica pegado com a Fazenda. Aí, os cabra começaram a gritar, gritar: "Cuidado em cima, que ele vai pra cima e ele pode querer atirar em alguém de lá de cima da varanda. Aí, os camponeses tinham invadido, tinha entrado um bocado dentro da casa, atrás do gerente, lá vai. Aí Seu João Pedro mais Pedro Fazendeiro pedia: "Calma, calma, calma", e aí acalmou-se tudo. Eu sei que a gente trouxe o arame, fizemos o serviço, cavamos buracos, batemos o arame, batemos o arame, deixemos lá cercado. Não houve problema.

Tonny: Não apareceu polícia.

Vicente: Bom. Adepós que nós fizemos o serviço, que ele viu que nós ia fazer o serviço, que ele viu a gente carregar as estacas e o arame todinho, os povo começou a cavar os buracos, (...) peguemos a levantar; isso aí era muita gente; uns ia cavando os buracos, outros

iam batendo os estacas e já ia estirando o arame, e outros já iam batendo os grampos. Pronto, aí, quando se terminou de cavar os buracos, já estava tudo feito. Aí, eu sei que fizemos o serviço; quando terminemos fazer o serviço, aí, chegaram dois Jipão do exercito. Tudinho cheio de soldados. Não foi polícia, foi do exercito mesmo. Veio diretamente de João Pessoa. Eles telefonaram para João Pessoa..., que tinham chegado dois caminhão de camponês na fazenda, tinham botado o Engenho abaixo; o Engenho estava por terra.

Tonny: Quem telefonou?

Vicente: O gerente. Zé Marinho não apareceu, só o gerente. Mas na hora que a gente apareceu, ele desapareceu, acabou-se. Aí bem, a gente estava na casa de farinha, tudo com fome, cansado por volta de meio dia, sem comer. O caminhão que levou a gente não podia vir, num vinha mais; que era o caminhão do Fazendeiro, e o outro deixou a gente lá, e tinha vindo embora. E eu sei que estava a gente lá, na casa de farinha. Tinha um morador fazendo farinha. O povo comeram a farinha mole, todinha do forno; e o pobre do morador que estava lá..., o povo só comendo a farinha, tudo com fome. Outros fugiram; uns fugiram de pés, com medo, na carreira. Outros enfrentou. E eu sei que chegou dois Jipão do exercito, tudo armado. Passaram pela gente; a gente, tudo apiquetado na casa de farinha; uns deitados, outro assentados, outros nos pés de fruta, debaixo do pé de pau, na beira da estrada mesmo. "Tudo direto pro Engenho", os soldados. Eles tinham tido a informação que a gente invadiu o Engenho. Que tínhamos acabado com tudo, tinha deixado tudo por terra. Aí, vieram, percorreram a Fazenda todinha pro redor e o Engenho, e não viram nada quebrado, né. Eles voltaram e quando chegaram, pararam o carro. Aí desceram, pegaram a conversar com a gente; aí perguntaram: "O que vocês andam fazendo por aqui?" Dissemos: "Nada. Nós viemos aqui somente fazer uma defesa prum morador daqui, que é nosso companheiro. Ele tinha o terreno dele para fazer a plantação, para adquirir o pão de cada dia para a família. O fazendeiro foi, botou abaixo, carregou as estaca e o arame, que era dele (do morador) e botou o gado dentro do terreno que ele trabalha. Então, nós viemos cercar o dele; taí cercado. Pronto só foi isso. Aí eles montaram e foram embora. Eles não fizeram nada com a gente, nada. Tomaram nada da gente.

Tonny: E João Pedro?

Vicente: O João Pedro tinha combinado que o caminhão vinha buscar a gente, e lá vai, lá vai; e o povo foram saindo de um a um, e

daqui a pouco tinha ainda umas cinqüenta pessoas só. E cadê caminhão? E deu quatro horas da tarde, deu cinco e nada. João Pedro disse: "Meninos, sabe de uma coisa; vamos andando de pé pra casa? Quando a gente se encontrar com o caminhão, nós monta e num instante chega. Dissemos: "Bora" os mais fraco foram desaparecendo, né, os mais forte resistiram.. João Pedro também era um homem que não deixava um trabalhador no sufoco. "Se morresse trabalhador ali, ele tava do lado do trabalhador. Por isso que eu digo: "Neste tempo, o dirigente da Liga era morto, que nem aconteceu com João Pedro, Pedro Fazendeiro e Nego Fubá, que eram uns homens que estavam de frente à luta dos trabalhadores. Não eram homens (...) para botar o trabalhador e ele só sentado no birô, não. Eles iam na frente do trabalhador. Se morresse, quem morria primeiro era ele, não o trabalhador. Aí, nós viemos embora e tiremos de pés da Fazenda Maraú pra qui. E chegemos, dentro de Sapé às sete horas da noite.

Tonny: E o João Pedro não ficou lá, não?

Vicente: Veio deixar a gente dentro da Sede das Ligas Camponesa. Deixou a gente aonde apanhou a gente, foi aonde ele deixou a gente. E ele de cá destinou a vida dele e foi pra casa ou dormiu lá na Sede, não sei.

Tonny: Quantas ações com João Pedro vocês fizeram?

Vicente: Depois as Ligas continuaram. Eu, o que estou me lembrando agora, eu tenho quatro; com João Pedro, Pedro Fazendeiro e João Joaquim. Nós tivemos uma [ação] em Maraú, uma em Matadouro, outra na Fazenda de João Meireles, aqui, em São Salvador aonde a gente morava mesmo, e outra em Jaguarema, depois da [Fazenda] Una. No terreno de um tio meu, que plantava e o fazendeiro lá, quis tomar o terreno, lá vai; meu tio tinha a roça que arrancou pra fazer farinha; limpou o terreno e plantou; o fazendeiro, senhor de Engenho, foi e arrancou e plantou de cana, e lá vai e a gente fomos. Arranquemos a cana, plantemos a maniva. No outro dia ele arrancou a maniva, plantou a cana e a gente arranquemos a cana e plantemos a maniva [de novo] e eu sei que plantou-se e terminou meu tio ficando com o terreno, até na data que saímos de lá. Fizemos quatro [ações], agora, a que nós fomos prejudicado foi somente o do Matadouro, pela polícia de Sapé. As outras a gente fizemos (...)

Tonny: Vocês também iam para Mari?

Vicente: Não, naquele caso de Mari a gente não fomos. Lá já tinha outros dirigentes. Eu não sei porque a gente também não fomos nestes caso de Miriri. Miriri; era que a turma lá, era fogo mesmo e resolvia sozinho.

Tonny: Quem era lá o enfreiteiro?

Vicente: Era Pedro Fazendeiro, que era morador de lá, e João Alfredo.

Tonny: Eles faziam o quê?

Vicente: Lá era terra para eles [os moradores] trabalhar. Aí começou os homens quererem tomar as terras deles trabalharem, pra plantar de cana, e lá se vai. E eles exigiam a terra e lá vai e tal. Até que aconteceu, eles botaram os... capangas e tal. Mas os moradores eram firmes mesmo, não temia ninguém. E bateu pra lá, e eu sei que aí, foi e houve pra lá essas mortes. Compadre João Alfredo e o Capa de Aço; e outro capanga.

Tonny: Quem foi que morreu primeiro de todos, da Liga Camponesa?

Vicente: Ah! Tonny eu não me lembro. Os primeiros não sei..., mas tudo indica que foi João Pedro.

Tonny: Você se lembra de Aprísio Roque?

Vicente: Aprísio Roque morador da Usina Santa Helena. Agora esse morador, não sei. Eu sei que ele apanhou de palmatória na mão. A mão dele... eu não cheguei ver, mas eu ouvia ...Eu sei que ele apanhou muito...